

MEMORIAS
DE
LITTERATURA
PORTUGUEZA.

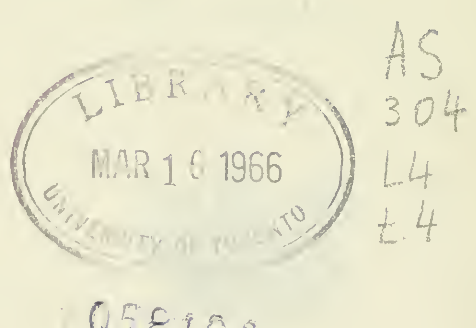
MEMORIAS
DE
LITTERATURA
PORTUGUEZA,
PUBLICADAS
PELA
ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS
DE LISBOA.

Nisi utile est quod facimus, stulta est gloria.

TOMO IV.



LISBOA
NA OFFICINA DA MESMA ACADEMIA.
ANNO M. DCC. XCIII.
Com licença da Real Meza da Commissaõ Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros.



JOAÕ DE BARROS

Exemplar da mais ſolida Eloquencia Portugueza.

DISSERTAÇAÕ ACADEMICA

DE ANTONIO PEREIRA DE FIGUEIREDO.

Eſcrita, e recitada no anno de 1781.

HAvendo de tratar da Eloquencia de Joaõ de Barros, Eſcritor hoje mais conhecido pelo nome, do que por liçaõ que haja das ſuas Obras; he-me neceſſario, Senhores, proteſtar logo no principio, que naõ he minha tençaõ cenſurar, e muito menos reprovar hum eſtylo, que ſendo inteiramente diverſo daquelle, que ha cincoenta annos falláraõ entre nós os que ſe reputavaõ fallar bem; he hoje todavia o que mais reina nos Papeis de muitos dos noſſos Sabios. Hum eſtylo, onde os Oradores ſe naõ diſtinguem dos Poetas, ſegundo huns imitaõ dos outros as meſmas frazes, os meſmos epithetos, as meſmas translações, as meſmas imagens. Hum eſtylo, onde tudo o que he do uſo commum de fallar, ſe evita eſtudadamente, como plebeo, e ſordido. Hum eſtylo finalmente, cuja epoca ſe deve deduzir daquelle tempo, em que preferida a liçaõ dos Eſcritores Eſtrangeiros á dos Patrios, começou a dar-ſe por hum Portuguez raſteiro e inſulſo, todo o que naõ tiveſſe muitos, e mui ſenſiveis reſabios do Dialecto Francez.

Naõ he da minha tençaõ, torno a dizer, nem tambem da minha competencia cenſurar, e muito menos reprovar hum tal eſtylo. Tenho advertido por huma parte, que por huma natural inclinaçaõ, que todos temos

mos á novidade, ſempre nos agrada mais; o que he mais moderno; e que pelo pouco apreço, que d'ordinario fazemos das noſſas couſas, ſempre o que vem de fóra nos parece mais admiravel, do que o que temos de caſa. Por outra parte eu naõ preſumo, nem devo preſumir tanto de mim, que me queira erigir em Meſtre de huma Lingua, que ainda até o preſente ando apprendendo pelos noſſos livros. Eſta alta qualidade ſó poderia competir quando muito a huma Corporaçaõ inteira, ou de Cenſores Regios, ou de outros homens Academicos.

Mas naõ ſe me podendo negar, que todas e cada huma das Linguas cultas da Europa formaõ de ſi huma Eloquencia propria dellas, a que podemos chamar Eloquencia Nacional; e que tanto he mais Nacional eſſa Eloquencia, quanto ella participa menos da eſtranha: Paſſo já a moſtrar, que entre todos os noſſos Eſcritores he Joaõ de Barros aquelle, em que mais reluz a Eloquencia da Lingua Portugueza conſiderada no ſeu fundo; e que aſſim merece Barros ſer o Eſcritor, de cuja liçaõ mais ſe aproveitem, todos os que aſpiraõ a fallar bem a meſma Lingua.

Fallar bem huma Lingua, Senhores, (que iſſo he o que a Rhetorica nos enſina, e o em que conſiſte a Eloquencia Nacional) he dizer o que ſe tem para dizer, explicando-ſe cada hum pelos termos mais análogos, e mais naturaes da meſma Lingua; ou eſtes ſejaõ dos que chamaõ proprios, ou ſejaõ dos que chamaõ translaticios ou metaforicos.

Além diſto requer-ſe huma tal perſpicuidade, e huma tal fluidez de eſtylo; que aquella remova toda a heſitaçaõ na intelligencia do que ſe diz; eſta todo o embaraço da leitura.

Ora começando pelos termos, ou vocabulos proprios da Lingua Portugueza, quem melhor do que Barros os empregou eſcrevendo, e eſcrevendo em tantas materias? Tende por certo, Senhores, que toda aquella

na-

naturalidade, fermosura, e desfastio de dizer, que ainda hoje tanto admiramos e tanto invejamos, os que lemos por hum Lucena, por hum Sousa, por hum Vieira; toda essa a apprendêraõ, e tiráraõ elles de Barros.

Para d'algum modo fazer sensivel aos vossos ouvidos esta propriedade de fallar de Joaõ de Barros; produzirei della alguns exemplos dos mais obvios á minha memoria.

Exemplos das palavras proprias.

Na Década I. Livro I. Cap. 3. fallando do descobrimento da Ilha da Madeira: *O cham da qual lapa estava muy* sovado *dos pés dos lobos marinhos, que aly vinham* retouçar. Quem naõ vê a propriedade daquelle participio *sovado*, e daquelle verbo *retouçar*?

Na Década I. Livro I. Cap. 7. *E sobre cada huma das almadias yaõ tres e quatro homens* escanchados. Podia aqui usar-se d'outro verbo, que fosse mais proprio, do que ir *escanchado* sobre a embarcaçaõ?

Na Década II. Livro IV. Cap. 3. *Passou adiante saltando, e gloriandose de o cam ficar* esganiçandose *com a dor.* Naõ se póde explicar melhor o guinchar do caõ doendo-se.

Na Década II. Livro V. Cap. 1. fallando dos grandes lagartos, que infestaõ os rios ou esteiros de Gôa: *A ilha está qualhada de lagartos d'agoa: cousa tam grande, que engolem hum bezerro já de boõs cornos: porque alguns lhe viram na boca nam acabados dengolir, porque a armaçam dos novilhos lhe escachava as queixadas.* Tudo aqui he propriissimo.

Na Década II. Livro III. Cap. 6. *Deu o Visorey azo á gente a* escorcharem *estas náos, que estavam no porto.* E outra vez na Década III. Livro I. Cap. 9. *Por derradeiro* escorchado *o Galeam lhe poseram fogo.* Repare-se na propriedade do verbo *escorchar*, querendo exprimir despejar, esbulhar, esgotar.

Na

Na Década II. Livro III. Cap. 6. *Quem he aquelle, que faz tanta vantaje? Quem me déra ser elle, porque de duas* guinadas, *que deu sobre duas galés, ambas se despejáram.* Saõ palavras do grande Visorey D. Francisco d'Almeida, de quem por femea descende quasi tudo o que ha de mais illustre na nossa Côrte. Mas note-se a palavra *guinada*, significando salto, ou investida; a qual se Barros no-la naõ conservára, parecer-nos-hia huma palavra plebéa; quando agora vemos, que no seculo de quinhentos era ella taõ fidalga, como quem a proferio.

Na Década II. Livro II. Cap. 9. *Melique Az lhe escreveo huma carta sobre esta morte de seu filho, com grandes* gabos *da sua Cavaleria.* E na Década III. Livro III. Cap. 7. *Quando querem* gabar *algum de bondade nas suas obras, dizem delle* &c. Quem naõ tem hoje por hum termo baixo *gabos*, e *gabar*? Mas de Barros o imitáraõ Sousa, e Vieira.

Na Década I. Livro VIII. Cap. 8. *Por nam* pejar *as náos; nam consentio D. Francisco, que se embarcassem.* E outra vez na Década II. Livro I. Cap. 7. *O Visorey quando vio o filho em baixo hum pouco embaraçado, porque o* pejavam *as armas, começou a bradar dizendo* &c. Note-se o verbo *pejar*, na significaçaõ de occupar, encher, embaraçar.

Na Década II. Livro I. Cap. 6. *Rebateram toda a terra de cima do poço sobre o solbado, como que* arrunhavam *o poço.* Diz *arrunhar*, o que por outros termos se diria encher, ou entulhar até á boca.

Na Década II. Livro III. Cap. 10. *A' mam tenente sem resistencia os negros lhe* machocavam *as cabeças com grandes seixos.* Antes de se ler em Barros, ou noutro Escritor igual a elle, (se acaso o ha) o verbo *machocar*, talvez o julgaria alguem menos digno numa Historia taõ grave. Mas depois de assim se ter explicado hum Barros, quem duvidará imitallo?

Se bem reparardes, Senhores, nos exemplos que vos

vos tenho apontado, achareis ſem dúvida, que o que caracteriza o eſtylo de Barros, he aquella nobre deſafſectaçaõ, com que elle evitando perpetuamente certos termos groſſeiros, e corruptos do baixo vulgo, ſe explica ſempre pelos termos populares. Porque vós bem ſabeis, que em toda a Républica huma couſa he o Povo, outra a infima plebe. Debaixo do nome de Povo ſe entendem todos os Membros da Républica, á excepçaõ daquelles, que a governaõ: como quando dizemos, *o Povo Hebreo*, *o Povo Romano*. Debaixo do nome de plebe eſtreitamente tomado, ſó ſe entende aquella parte da Républica, que deſpida de toda a cultura de Letras, toda ſe occupa nos miſtéres mais abjectos e mais ſordidos della.

Aqui pois eſtá todo o ſegredo deſta parte da Eloquencia: aqui o principal louvor do noſſo Barros. Nas couſas proprias de cada Arte, como na Nautica, e na Milicia, explicar-ſe pelos termos technicos ou facultativos de cada huma: nas couſas do uſo familiar, e quotidiano, explicar-ſe pelos termos, que o Corpo da Naçaõ tem adoptado para iſſo. Todo o eſtylo que tranſgredir eſtes limites, forçoſamente ha de parecer hum eſtylo exotico, alheio e improprio da Lingua, inchado, affectado, affeminado, indigno daquella macha Eloquencia, a que todos devemos anhelar.

Julguem os noſſos Criticos o que quizerem de mim: eu nenhuma dúvida nem receio terei de dizer *paſſante*, em lugar de *mais*: porque os noſſos Claſſicos mais primos me enſinaõ, que aſſim he que ſe falla em Portuguez. Barros na Década I. Livro I. Cap. 3. *Alguns annos rendeo o quinto dos açucares* paſſante *de ſecenta arrobas.* Na Década II. Livro III. Cap. 10. *Dos quaes* paſſante *de ſincoenta vieraõ acabar naquella praia. Lucena* na Vida do S. Xavier, Livro VI. Cap. 1. *Setenta fuſtas com* paſſante *de mil homens.* E no Livro X. Cap. 20. *Tres mil picos de prata, que ſam da noſſa mocda* paſſante *de tres milhões.*

Nenhuma dúvida, nem receio terei de dizer *entolhou-*

ſe-me, ou *antolhou-ſe-me*, querendo ſignificar, que ſe me repreſentou á viſta, ou á imaginaçaõ: porque os meſmos noſſos Claſſicos aſſim me enſinaõ, que ſe falla á Portugueza. Barros na Década II. Livro VIII. Cap. 4. *Gente idólatra, e tam crente em agouros e feitiços, que no mayor fervor de qualquer negocio deſiſtem delle, ſe* ſe lhe *alguma couſa* entolha. E na Década II. Livro X. Cap. 5. *Davam a culpa aos Gentios da terra, dizendo que por ſer gente idólatra*, ſe lhe entolharia *alguma couſa, por onde o fizeſſem.* Lucena no Livro VI. Cap. 15. *Com huma cegueira, e ſogeiçam eſpantoſa, a quanto* ſe lhe entolhava.

Noutra parte eſcreve Barros *antolhar-ſe*, por *a* que he como tambem o traz *Cámões*. E eſta parece ſer a melhor orthografia, ou ao menos a originaria, e primitiva deſte verbo. Porque entaõ diz-ſe *antolhar-ſe*, por contracçaõ de *anteolhar-ſe*, que vem do Latim *ante oculos*, e do Portuguez *ante os olhos*.

Nenhuma dúvida nem receio terei de dizer *entojo*, ou *antojo*, por deſaffecto, ou averſaõ, huma vez que Barros na Década III. Livro V. Cap. 8. eſcreve aſſim: *Elle Fernam de Magalhães ſe tornou a eſte reino com a ſentença do ſeu livramento: pero ſempre lhe elrey teve hum* entojo. Vieira eſcreve *antojo*, por *a*, e delle fórma o verbo *antojar*.

Nenhuma dúvida nem receio terei de dizer, *deſta feita*, quando a cada paſſo o eſtá dizendo Barros. Como na Década I. Livro VII. Cap. 5. E deſta feita *perdeu ſinco parâos*. E no Livro VIII. da meſma Primeira Década Cap. 8. Deſta feita *ficou deſtruido totalmente*. No qual modo de fallar, ainda que *feita* pareça ſubſtantivo, eu o tenho na realidade por adjectivo, regido pelo ſubſtantivo *acçaõ*, que ſe ſobentende.

Como noutra Obra minha de vinte Cadernos, que ha pouco tive a honra de offerecer e dar de preſente para o Arquivo deſta illuſtre Academia, digeri por ordem alfabetica todos os vocabulos, e todas as fraſes, que a mi-

minha tal qual obſervaçaõ achára em Barros dignos de nota; e os exemplos que acabo de tranſcrever, baſtaõ para dar huma naõ eſcura idêa da propriedade, com que elle fallava de todas as couſas: he razaõ, que o meu diſcurſo paſſe já a diſſertar da outra Claſſe das ſuas palavras, que he a das metafóricas: aſſumpto que pela ſua dignidade e importancia merece, que eu falle delle com mais alguma extençaõ, e que vós, Senhores, me ouçaes ainda hum pouco mais attentos. Porque na verdade, ſe na Claſſe das palavras proprias he Barros hum Eſcritor incomparavel; na outra das palavras metafóricas, he elle hum Eſcritor original.

Por conſenſo de todos os Rhetoricos, he a metáfora a alma da oraçaõ. Mas Horacio advertio, que a metáfora de eſpecial valentia e viveza, he quando o Eſcritor a huma palavra do uſo familiar e domeſtico, lhe dá por meio da translaçaõ hum novo tom, ou hum novo ſignificado, que a faz parecer outra.

Dixeris egregie, notum ſi callida verbum
Reddiderit junctura novum. . . . . . .

Neſte genero porém duvido eu, que ſe ache entre nós, e ainda dos eſtranhos algum outro Eſcritor, que ſeja ou mais fecundo, ou mais feliz do que Joaõ de Barros. Saõ nelle as metáforas taõ bellas, como frequentes. Por iſſo os que depois vieraõ, cuidáraõ muito em as fazer ſuas por meio da imitaçaõ.

Exemplos da felicidade, e belleza das metáforas.

Cardume, e *Enxame*. O primeiro diz-ſe propriamente dos peixes, o ſegundo das abelhas. Mas ouçamos como Barros os transfere maravilhoſamente, naõ ſó para os homens, mas ainda para as criaturas inſenſiveis.

Na Década II. Livro I. Cap. 3. *Rompendo pelo* cardume *dos mouros*. Noutra parte diz: Cardume *de fuſtas*.

Na Década I. Livro I. Cap. 1. fallando dos mouros: *De lá se alevantaram e vieram grandes* enxames *delles povoar estas do poente.*

Até aquelle verbo *se alevantáraõ*, tem huma admiravel proporçaõ com aquelles insectos.

Noutra parte diz, enxames *de fréchas.*

Sousa o imitou, quando escreveo, que Antonio de Saldanha, naõ obstante haver casado já muito velho, tivera *hum* enxame *de filhos.*

Cisco, huma cousa a mais vil e desprezivel, que se conhece. Mas della formou Barros huma riquissima e preciosissima metáfora, quando no Prologo da Terceira Década, fallando de certos Livros inuteis pelo seu assumpto, diz assim: *Escripturas que barbarizam o engenho, e enchem o entendimento de* cisco. Note-se de caminho o verbo *barbarizar.*

Enxurro, no sentindo proprio he o das aguas, quando arrastaõ comsigo muita terra, e muita immundicia. Como quando Barros escreve na Década I. Livro X. Cap. 1. *Ouro já depurado dos* enxurros *do inverno.* Mas ouçamos a graça, e valentia, com que Barros metaforicamente o applica aos homens.

Na Década II. Livro V. Cap. 9. *Todo o mundo foy povoado dos mais baixos principios de gente, que podemos chamar o* enxurro *dos homens.* E no Prologo da Terceira Década: Enxurro *de tantos Escriptores.* E outra vez: Enxurrada *dos feitos e dictos que trazem.*

Pernada, ordinariamente de quem se diz, he das arvores: e já o dizer-se das arvores he este hum termo metaforico, tirado das pernadas do homem. Mas Barros fez a metáfora ainda mais brilhante, quando aos que outros chamaõ *Braços* dos rios, chamou elle *Pernadas* na Década II. Livro V. Cap. 1. *Lá dentro estes dous esteiros se communicam ambos, e fazem* pernadas *pela terra.* Se Barros dissesse aqui, *fazem braços*, dar-nos-hia a idéa, de que só eraõ dous. Como advertio, que aquel-

aquellas propagações dos rios ou esteiros de Gôa eraõ muitas, disse *pernadas*, que he hum nome de significaçaõ indefinida.

Torno. Deste instrumento fabril que arredonda o páo, fórma Barros elegantissimas metáforas.

Primeiramente por translaçaõ põe *torno* em lugar de circuito, ou pelo que nós dizemos *contorno*. Na Década I. Livro VIII. Cap. 6. *Sómente neste* torno *da ilha da banda da terra firme corre hum recife.*

Em segundo lugar, a cada passo está Barros dizendo *em torno*, pelo que nós dizemos *ao redor*. No que eu alguma vez o tenho imitado, depois de *Cámões*, *Arraiz*, e *Jacintho Freire*.

Em terceiro lugar, de *torno* tomado nesta significaçaõ metaforica, forja Barros o verbo *tornear* por cercar, ou cingir em roda; e o participio *torneado*, por cercado, ou rodeado.

Na Década I. Livro VIII. Cap. 4. *Terra que ainda que seja Costa da terra firme, o mar a foy* torneando *com hum esteiro, que a faz ficar em ilha.*

Na mesma Década I. Livro VIII. Cap. 6. *Ilha toda* torneada *de outro esteiro dagoa.*

Assim noutros muitos lugares, que omitto por brevidade.

Fundir, diz-se propriamente do render da uva e da azeitona nos lagares, ou do graõ nas eiras. Mas vejamos, como Barros o transfere bella e originalmente para a significaçaõ de aproveitar.

Na Década II. Livro III. Cap. 1. *Posto que sobrisso repetio muytas mais palavras, vendo que naõ lhe* fundiam *pera seus requerimentos, foyse pera Cochim.* Na mesma Década II. Livro V. Cap. 3. *A qual ida nam* fundio *mais, que palavras geraes.* Na Década III. Livro I. Cap. 7. *Todo este seu trabalho lhe* fundio *pouco.*

Furtado, por escondido, he outra translaçaõ igualmente bella, que frequente em Barros. Na Década II. Livro VI. Cap. 1. *Se alguma náo lá ya ter, era* furtada

da

da nossa vista. Na mesma Década II. Livro VIII. Cap. 1. *Cavando na arêa e pedregulho, acham agoa do rio, que corre* furtada *por baixo.*

Apinhoar-se, e apinhoado. Metáfora tirada da uniaõ e aperto com que os pinhões estaõ na pinha, para se significar hum ajuntamento de gente mui chegada huma á outra.

Na Década I. Livro I. Cap. 6. *Sairamse do caminho, e aly* se apinhoaram *todos.*

Na mesma Década I. Livro V. Cap. 2. *Poseramse em hum teto soberbo, todos* apinhoados.

He metáfora, cuja frequencia mostra bem, quanto o nosso Escritor se deleitava nella.

Sendo vulgar entre nós dizer *pinha de gente, e estar em pinha*, ou *por-se em pinha*; todavia *apinhoado, e apinhoar-se*, naõ me lembro tello lido, senaõ em Barros.

Plebe de riachos. No seu excellente Tratado *De Commutata Ratione dicendi* observou Buckner, que as metáforas mais sublimes eraõ aquellas, em que o Author representa as criaturas insensiveis, como se fossem humas pessoas animadas. Como quando Virgilio nas Georgicas diz, que o Araxes se indignou de encontrar a ponte, que retardava a sua furiosa corrente.

. . . . *Pontem indignatus Araxes.*

A este genero de metáfora, que tambem se chama *Prosopopéa*, pertence o seguinte lugar, em que Barros querendo significar, que no Mondego naõ entraõ, senaõ rios de pouca consideraçaõ, diz assim na Década II. Livro V. Cap. 1. *O Mondego, naõ se metendo nelle, senam huma plebe de riachos*, &c.

Do mesmo espirito he a outra metáfora, em que Barros aos rios caudalosos chama *rios populozos.* O que eu acho muito mais valente e engraçado, do que o chamar Virgilio *negro esquadraõ* a hum formigueiro; e Columella *dous Póvos*, a dous enxames de abelhas.

Mas em genero de metáforas, segundo eu entendo,

naõ

naõ ha em Barros coufa mais fublime, do que quando elle na Década II. Livro III. Cap. 5. fallando dos cuidados, em que os noffos paffáraõ a noite antecedente á batalha naval, que efperavaõ ter com a armada de Mir-Hocem, efcreve affim: *A noite quafy toda foy vigiada, huns* concertando *fuas armas, outros a* conciencia. Que julgaes vós Senhores, defta expreffaõ? *Huns concertando fuas armas, outros a conciencia.* Quanto a mim, eu eftava em jurar-vos, que me naõ lembra ter achado em Author algum Eftrangeiro coufa tambem dita em taõ poucas palavras. E Barros a efcreve como fe ella naturalmente lhe cahiffe da penna, fem elle o fentir. Que efte he o feu maior elogio: fallar bem, fallar magnificamente, fallar com elevaçaõ, fem parecer que o eftudou.

Eu vejo, Senhores, pela voffa applicaçaõ, que vós me ouvis com gofto, e ainda como quem fe intereffa, quando difcorro fobre as bellas e fublimes translações de Barros. Vejo, que eftais defejando ouvir ainda mais algumas. Se affim he, como a eftreiteza do tempo naõ dá lugar a exemplificar-vos outras, contentai-vos por bondade voffa, de que eu vos vá apontando a granel, e fem citações do Texto as que de novo me fôrem occorrendo.

Novas metáforas de Barros.

Palavras nam taxadas e avaras. Taes chama Barros elegantemente as de huma Carta em que ElRei D. Affonço o V. (contra o coftume ordinario dos Reis) fe efpraiou nos gabos e louvores do feu Chronifta Mór Gomes Eanes de Azurara.

Palavras derramadas, ifto he, fem atilho.

Jubilar na Guerra.

Camada de Fidalgos.

Dali vem aquella regiam beber ao mar. Quer dizer, que he maritima.

Embebeo huma frecha no arco. De Barros o adoptáraõ

raõ *Souſa* e *Vieira*, e primeiro que ambos *Cámões*.

Começou o mar a ſer lavrado das noſſas náos.

Aſſinado do noſſo ferro.

Chuva de frechas. Hum garfo de gente.

Ruas juncadas de corpos mortos. Vieira o imitou, quando ao caminho que Deos abrio no meio das aguas do mar vermelho, para os Iſraelitas paſſarem a pé enxuto, chamou *rua juncada de limos.* E a eſte genero de metáfora, em que o nome, que propriamente compete a huma couſa, ſe dá a outra de miniſterio ſemelhante, chamaõ os Rhetoricos tambem *catachreſe*, que val o meſmo que *abuſaõ*. Como quando o meſmo Vieira diz noutra parte: *Náo alcatroada de ouro.*

Abocar o eſtreito. Abocar o rio. Abocar a barra. Iſto he, tomar a boca, ou entrar pela boca do eſtreito, do rio, da barra. Nós dizemos hoje *embocar*. Mas *Lucena* e *Vieira*, que ſe prezavaõ muito de fallar como Barros, dizem o primeiro: *Abocar o porto de Chimbó*: o ſegundo: *Abocar a artilheria.*

Vazarſe por fóra da ilha. Iſto he, extrahir-ſe. E aſſim meſmo, *vazarſe a eſpecearia per mãos dos mouros.*

Já a labareda lambia pelos caſtellos da náo.

Iſcado da hereſia. Iſcado da peſte. Iſcado da enfermidade.

Coſpiam o ferro de ſi. Falla dos couros crûs.

Eſcudar a náo, iſto he, amparalla, defendella. De Barros o tomou tambem *Vieira*.

Eſcorar a ſua eſperança niſto, ou naquillo.

Agricultar o commercio, iſto he, cultivallo. E taõ metaforico he hum, como outro.

Tempo de ſervir, iſto he, bom tempo. Fraze dos mareantes, que *Jacintho Freire* tomou de Barros.

Tempo verde, iſto he, que ainda naõ ſerve para a navegaçaõ.

A terra nos reſponderá com maior novidade.

Fender hum mouro pelos peitos.

Enfiar bem as couſas pera o ſeu propoſito.

Ho-

Homem muy uſado nas couſas do mar.

Depois de bem esfarrapados na carne com a ponta da lança.

E outra vez fallando dos tigres da Aſia: *Sam alimarias muy eſquivas, e que esfarrapam muyto com as unhas e dentes a prea.*

Ninguem deixa de ver, que a metáfora he tirada de *farrapo*; nome que para naõ parecer baixo e ſórdido, baſta advertir, que *Vieira* o tomou na boca.

Mas ſahindo já das metáforas de Barros, que direi daquella que eu no principio chamava perſpicuidade, e fluidez do ſeu Eſtylo? A ſua dicçaõ ſempre natural e deſempeçada, he como hum manſo rio, que ſempre corre limpo e diáfano.

Que direi das ſuas excellentes Hyperboles? Como quando Barros diz: *Naõ era taõ pouco o dinheiro, que nam podéra fazer cubiça a hum animo ſem ella.* E noutro lugar: *Aſſi atroou a náo a pancada, que o ſeu corpo deu em baixo, que muyto maior terror fez no animo de todos o tom deſta cahida, que a voz da ſua morte.* Falla de quando cahio morto na náo D. Lourenço de Almeida, filho do grande Viſorey D. Franciſco.

Que direi da viveza das ſuas Hypotypóſes ou Deſcripções? Nós eſtamo-lo folheando em Lisboa; e ſegundo elle nos repreſenta ao vivo, ora o trafico de Ormuz, ora o viçoſo de Malaca, ora os eſtreiros, e ſerras de Gôa; tudo nos parece que aſſim meſmo eſtamos vendo na India.

Que direi das ſuas elegantes Ellipſes, ou Reticencias? Numa parte: *E que a batalha naõ foſſe crua, todavia foi perigoſa. E que*, iſto he, e dado que. Noutra parte: *Os que eram que elle nam entraſſe.* Iſto he, os que eraõ de parecer. Noutra parte: *Como a náo foy chêa da morte de D. Lourenço. Chêa da morte*, iſto he, da noticia da morte. Noutra parte: *As fuſtas de Melique-Az parecendolhe que fugia, ſairam remo em punho com hum alarido, que atroou todo o rio. Remo em punho*, ſob-

sobentende-se , com o remo em punho. Noutra parte: *A náo Leitoa Velha*, *Capitam Lionel Coutinho.* Isto he, sendo seu Capitaõ, ou da qual era Capitaõ.

Eis-aqui, Senhores, o que eu tenho por fallar bem Portuguez. Ao menos naõ se me póde negar, que assim o falláraõ com Barros até á idade de nossos avós, todos os que se esmeráraõ em o fallar bem.

Resta por ultimo occorrer a hum argumento, que se me póde fazer contra a imitaçaõ de Barros; e que já me parece que estou ouvindo a alguns dos circunstantes. Pois que? Vós dais-nos por exemplar da mais solida Eloquencia Portugueza a hum Joaõ de Barros, que porque floreceo ha mais de duzentos annos, está chêo de palavras antiquadas?

Respondo. Tambem *Terencio* estava chêo dos Arcaismos da primeira idade da Lingua Latina: e *Cicero* dahi a mais de cento e cincoenta annos o lia, o estudava, e o allegava nas occasiões de controversia, como hum optimo Author da Latinidade. Igualmente *Ennio* tambem estava chêo dos mesmos Arcaismos: e *Virgilio* passados duzentos annos, naõ só o imitava, mas adoptava delle versos inteiros, como foi este:

Unus homo nobis cunctando restituit rem.

Mais. Quem póde duvidar, que *Vieira*, que falleceo ha mais de oitenta annos, assim como foi entaõ, assim he ainda hoje, hum excellente Mestre da Linguagem do Pulpito, isto he, da Linguagem Oratoria? Entre tanto os seus Sermões abundaõ de palavras, e orthografias, que já hoje estaõ em desuso, ou que ao menos naõ he facil ouvir.

No Sermaõ do Juizo, *Sohia*, em lugar de costumava. No Sermaõ do Endemoninhado Mudo, *Acostar-se*, em lugar *de Encostar-se*; e *Acurtar*, em lugar *de Encurtar*. No Sermaõ cuido que de S. Roque, *Mofina*, em lugar de desgraça. No Sermaõ de Nossa Senhora da Gra-

Graça, *Miramento*, por hum olhar com grande applicaçaõ. Noutras partes ainda *Vieira* diz alguma vez *Louçaõ*, por guapo: *Guisa*, em lugar de sorte, ou maneira: *Gusano*, em lugar de bicho. E imitando ao seu *Lucena*, naõ duvída dizer *Egyptana*, em lugar de Egypcia. Finalmente *Vieira* sempre escreve com Fr. *Luiz de Sousa Infelice*, em lugar de infeliz: *Desgraciado*, em lugar de desgraçado: *Bivora*, em lugar de vibora. Sempre com todos até o seu tempo, *Visorey*, em lugar de Vicerey: *Devaçaõ*, com *a* na segunda: *Alicesse* sem *r* na terceira. Sempre com os mesmos, *Desgraça commum*, *opiniaõ commum*, *patria commum*, e naõ commua. Tudo isto he segundo as primeiras Edições.

Pergunto agora. E fará mal, ou obrará imprudentemente aquelle, que inculcar hoje *Vieira* por exemplar da Oratoria Portugueza, naõ quanto ao manejo das Escrituras, nem ao levantar de certos Pensamentos; mas quanto á propriedade, pureza, e elegancia da Lingua? Naõ por certo, me respondeis vós todos. Bem está. Logo todos devemos concluir, que o acharem-se em Barros muitas palavras antiquadas, naõ he defeito, que o deva privar da honorifica qualidade de primeiro Mestre da Linguagem Portugueza; mas sim hum mero effeito da variedade e inconstancia dos tempos, os quaes tanto poder tem sobre as palavras, quanto sobre os trajos. E corra por conta da vossa allumiada discriçaõ, separar o finissimo ouro da Eloquencia Nacional, que se encontra nas Décadas de Barros, da escoria ou fezes de certos Arcaismos, com que esse ouro está misturado.

Mas neste particular de Arcaismos, he necessario que estejais bem advertidos, que naõ he o mesmo naõ se costumar ouvir hoje huma palavra, que dever ella dar-se por antiquada, ou menos Portugueza, se alguem a diz. Muitas se naõ ouvem hoje em Lisboa, que todavia ainda se ouvem nas Provincias do nosso Reino. Como saõ: *Bom Grado*, *Máo Grado*, *Azo*, *Desazo*, *Azar-se*, *Esmero*, *Esmerar-se*, *Esmerado*, *Galardaõ*, *Galardoar*,

Curar de huma cousa, por ter cuidado della, e assim outras. Ora as nossas Provincias, assim como sobre materias politicas tem voto em Côrtes, tambem sobre materias da Lingua Nacional devem ter voto na Côrte.

Outras ha, que hoje nem na Côrte, nem nas Provincias se ouvem. Mas he isto acaso, por estarem rigorosa, ou reflexamente antiquadas pelos Sabios da Naçaõ? Nada menos. He que por falta de liçaõ se ignoraõ, sendo de si excellentes e propriissimas.

Taes reputo eu as seguintes de Barros: *Apostolar*, por andar em Missaõ; *Appellidar*, por convocar; *Montear*, por andar na montaria; *Prefetar*, *Embetesgar-se*, *Ornamentar*. Dos quaes verbos; *Montear* foi depois imitado por *Lucena*; o *Apostolar*, por *Sousa*; o *Appellidar*, por *Vieira*.

Taes as seguintes de *Sousa*: *Arrostar*, por fazer rosto a alguma cousa; *Desasisado*, por falto de juizo; *Desmesurado*, por desmedido; *Candêa*, pela véla que se mette na maõ ao moribundo. As quaes todas quatro tomou delle *Vieira*: se bem que de *Desasisado* usou primeiro *Arraiz*.

Taes os seguintes verbos, e nomes do mesmo *Vieira*: *Desassistir*, *Descativar*, *Desnacer*, *Dessinhar*, *Desempobrecer*, *Descrer*, *Desquerer*, *Despintar*, *Desqueixar leões*, *Abicar á praya*, *Dernocar os ossos*, *Recuidar*, *Realeza*, *Improvidencia*, *Pretidaõ*, *Rechaços*, *Alindado*, *Pujante*, *Rapante*, *Rompente*: o ultimo dos quaes tomou elle do nosso Virgilio Portuguez, como tambem o adjectivo *Feminil*.

Taes o verbo *Pascer*, por *Pastar*, que he de todos os nossos Classicos. *Grita* por gritaria, que he de todos os nossos Classicos. *Gazalhado*, por agazalho, que he de todos os nossos Classicos. *Chaneza*, que he de *Lucena*, e de *Britto*, e que ninguem duvidará ser mais Portuguez do que *Lhaneza*. *Privar*, por ter privança, que he do mesmo *Britto* e de *Vieira*. *Bruteza*, que o mesmo *Vieira* adoptou de Barros. *Desdita*, que he de *Cámões*. *Levantisco*, de Barros.

Tra-

Trahir por entregar á traiçaõ, que ainda que tomado do Francez, he já de *Vieira* e de *Quental.*

Outras palavras ha finalmente, que fim fe ouvem ainda hoje entre nós, mas com defapprovaçaõ dos noffos Criticos, que as reputaõ baixas e plebéas. Quem ha entrelles, que naõ fuja de dizer, *Andar de amores*? E elle he naõ menos que de Barros, quando fallando de Nuno da Cunha, diz, que elle a huma Ilha que defcubrira, lhe puzera o nome de D. Maria da Cunha Dama do Paço, *com quem andava d'amores.* Quem que naõ fuja de dizer, *Hei mifter tal coufa*? E elle he naõ menos que de *Vieira*, que no Sermaõ do Semeador diz: *Ha mifter luz, ha mifter efpelho, ha mifter olhos.* Quem que naõ fuja de dizer, *Enxergar*? E efte verbo he de todos os optimos, desde Barros até *Vieira* inclufivamente. Quem que naõ fuja de dizer, *Eu te fico*, em lugar de *Eu te feguro*? E elle he naõ menos, que de *Cámões.* Quem que naõ fuja de dizer, *De balde*, e *Seguer*? E elles ambos faõ de *Soufa.*

Sendo pois taõ authorizados, como vedes, todos eftes verbos e nomes; porque havemos nós de fer taõ melindrofos, que nos enfaftie até o ouvillos a outros? Porque havemos de querer fer pobres entre a mefma abundancia? Porque a troco de huma duzia de palavras, que tomamos emprestadas de fóra, havemos de pôr em efquécimento hum cento das domefticas? Porque havemos de adoptar huma Lingua, que naõ fendo a que bebemos com o leite, naõ fe póde chamar materna?

Ifto naõ he pretender eu, que nunca nos feja licito introduzir na noffa Lingua algumas palavras novas tomadas das eftranhas. Eu fei, quanto nefta parte he o direito das Linguas vivas fuperior ao das mortas. Sei a grande liberdade, que nefte particular nos deixou com *Horacio* o mefmo noffo Barros, no Dialogo que compoz em louvor da Lingua Portugueza. Mas o que eu dezejára, he, que bem como *Horacio* aconfelhava aos feus Pisões, que fuppriffem principalmente da Fonte Grega o que lhes fal-

faltasse no Latim; assim nós as palavras que tomassemos emprestadas, fossem antes da Lingua Latina, que he a matriz da nossa, do que de qualquer outra: e que ou as tomassemos da Latina, ou da Franceza, ou da Italiana, ou da Castelhana, naõ se fizesse isto senaõ em caso de necessidade, e sem prejuizo das que já tinhamos. Porque de outra sorte, por hum vocabulo que adquirimos de novo, vimos a largar cem de igual valor: e assim em lugar de nos desempobrecermos, vimos a ficar cada vez mais pobres.

Accresce a tudo o ponderado, que por advertencia de todos os Rhetoricos, sem exceptuar *Quintiliano*, huma cousa he fallar antiquadamente, outra fallar á antiga.

Fallar antiquadamente, he fallar as palavras da primeira infancia da Lingua, que ninguem entenderia hoje; como saõ nas nossas Escrituras primevas *Basordar*, *Attamia*, *Samicas*. Destas naõ deve usar nenhum homem, sob pena de se expôr a que os sizudos lhe digaõ, o que em tempo de Adriano disse o Filosofo Favorino a hum mancebo, que brazonava de parecer grande Antiquario no fallar: Isto he, que se elle affectava fallar de sorte, que ninguem o entendesse, melhor era deixar-se estar callado.

Porém fallar á antiga, he fallar como falláraõ os Mestres: e isto he o que *Plinio* o Moço dava em louvor nos Escritos de hum seu amigo; serem *Sonantes* e *antigas* as suas palavras. *Verba sonantia et antiqua.*

Ora os Mestres da Lingua Portugueza saõ os nossos Escritores do Seculo de quinhentos, e de seis centos. De entre os quaes he Barros aquelle, a quem a nossa Lingua deve a sua principal firmeza, consistencia, e magestade: *Vieira* aquelle, a quem ella deve o seu ultimo polimento e esplendor.

Barros he o nosso *Cataõ Censorio*: *Vieira*, o nosso *Cicero*. O Seculo do Senhor Rei D. Joaõ III. foi para a Lingua Portugueza, o que para a Latina foi a Epoca

da

da segunda Guerra Punica. O Seculo do Senhor Rei D. Joaõ IV. foi para a nossa Lingua, o que para a dos Romanos foi o Imperio de Augusto. Hajamo-nos pois com a nossa Lingua, como os Romanos se houvêraõ com a sua.

Os Romanos que florecêraõ depois da morte de Augusto até o tempo dos derradeiros Antoninos, (que este he o periodo, dentro de todo o qual considero eu ainda muito viva a Lingua Latina) he verdade, que introduzíraõ nella algumas palavras novas, e que antiquáraõ outras. Mas quando se comparava Latim com Latim, tanto hum Romano adquiria para si maior credito nos seus Escritos, quanto nelles reluzia mais a imitaçaõ dos primeiros Mestres. E debaixo deste nome entendiaõ elles naõ só do Seculo de Augusto hum *Cicero*, hum *Virgilio*, hum *Tito Livio*; mas tambem e muito principalmente do tempo da segunda Guerra Punica hum *Cataõ*, hum *Ennio*, hum *Plauto*, hum *Terencio*. Porque com a authoridade de *Terencio*, como já ouvistes, he que *Cicero* tanto depois se defendia dos reparos, que se faziaõ contra a sua Latinidade. E com os versos de *Ennio* exemplificava o mesmo *Cicero* os seus Preceitos Oratorios.

Esta imitaçaõ dos antigos, foi a que recommendou com especialidade em tempo de Claudio os Escritos de *Columella*; em tempo de Domiciano os de *Tacito*; em tempo de Antonino Pio os de *Gellio*; em tempo de Maximino os de *Censorino*; e entre o Imperio de Adriano, e o de Alexandre Severo, os Escritos daquelles grandes Jurisconsultos, de que depois formou Justiniano o Corpo das Pandectas.

Ainda nestes tempos taõ arredados já do Imperio de Augusto, soava melhor ás orelhas dos bons Romanos hum *Dii te averruncent* de *Cicero*, ou hum, *Dii hostium ulciscendorum copiam faxitis* de *Livio*; do que quantas doçuras de huma Eloquencia peregrina podiaõ proferir huns certos alindados, que como *Petronio Arbitro*

os

os nota e defcreve a feu modo, naõ tomavaõ na boca, fenaõ palavras de confeitos de mel, ou palavras temperadas com gergilim e dormideiras. *Melitos verborum globulos, verba fefamo et papavere condita.* E a razaõ daquella preferencia naõ era outra, fenaõ que nos Efcritos de *Cicero*, *Livio*, e outros coévos, fentiaõ elles, mais do que nos pofteriores, o nervo e vigor da Eloquencia Nacional e primitiva.

Em fim, Senhores, elle he neceffario, que haja em cada Naçaõ hum Juiz Arbitro das controverfias, que fe podem excitar fobre a fua Lingua; hum Juiz permanente, hum Juiz que fe poffa confultar a toda a hora. E quem póde fer efte Juiz? Sello-ha algum particular? Mas effa authoridade a naõ arrogaria a fi nem hum *Vieira*, ao tempo que ainda a Naçaõ o naõ tinha efcolhido por Arbitro das fuas palavras. Quanto mais, que nem fempre he facil achar hum homem defta marca. Sello-ha alguma Sociedade de Homens de Letras? Mas effa Sociedade naõ deve fentenciar de feu moto proprio, mas fegundo algumas certas Leis. E quem lhe ha de prefcrever effas Leis?

Direis que as controverfias fobre huma Lingua, as deve decidir o ufo dos eruditos, conforme os preceitos de *Horacio*, e de *Quintiliano.* E eu ainda infto: E quem faõ effes eruditos, cujo voto quereis vós que decida a final todas as ditas controverfias? Seraõ os grandes Theologos, os grandes Filofofos, os grandes Mathematicos, os grandes Juris-Confultos, os grandes Medicos? Mas eftes fó podem ter voto decifivo nos vocabulos proprios da fua Profiffaõ, nos vocabulos technicos, nos vocabulos facultativos. E as controverfias mais frequentes faõ fobre os vocabulos do ufo geral, do ufo domeftico, do ufo quotidiano: os quaes vocabulos faõ tambem os que formaõ o maior e o mais confideravel número dos noffos termos patrios.

Naõ podereis logo evadir a força da minha inftancia, fenaõ confeffando, que os eruditos, a cujo ufo conftitue Quintiliano Arbitro Supremo das palavras familiares de hu-

huma Lingua, saõ só aquelles, que saõ versados na liçaõ dos seus Authores Classicos, e por elles he que decidem o que he fallar bem, ou mal. Isto concedido, prosigo eu agora. Os Authores Classicos da Lingua Portugueza considerados assim em grosso saõ os seguintes: *Joaõ de Barros*, *Damiaõ de Goes*, *Francisco de Andrade*, *Diogo de Couto*, *Affonso de Albuquerque*, *Francisco de Sá de Miranda*, *Luiz de Camões*, *Diogo Bernardes*, *Antonio Ferreira*, *Francisco Rodrigues Lobo*, *Duarte Nunes de Leaõ*, D. Fr. *Amador Arraiz*, D. Fr. *Marcos de Lisbôa*, *Jorge de Montemór*, *Gaspar Barreiros*, *Fernaõ Mendes Pinto*, *Fernaõ Alvares do Oriente*, Fr. *Heitor Pinto*, Fr. *Bernardo de Britto*, Fr. *Luiz de Sousa*, o Padre *Joaõ de Lucena*, D. *Francisco Manoel*, os dous *Brandões* Chronistas Móres, Fr. *Manoel da Esperança*, D. *Rodrigo da Cunha*, *Jacintho Freire de Andrade*, *Duarte Ribeiro de Macedo*, o Padre *Antonio Vieira*, o Veneravel Padre *Bartholomeu do Quental*, o Padre *Manoel Rodrigues Leitaõ*, o Padre *Manoel Bernardes*. E depois destes, os que até á nossa idade se esforçáraõ por imitar os melhores: entre os quaes mettêra eu ao Padre *Francisco de Santa Maria*, Conego Secular de S. Joaõ Evangelista; ao Padre *Francisco de Sousa* Author do *Oriente Conquistado*; ao Padre *Diogo Curado* da Congregaçaõ do Oratorio; ao Padre D. *José Barbosa* Clerigo Regular da Divina Providencia.

Logo estes saõ os Authores, por onde os eruditos da Lingua devem julgar e decidir, o que he fallar bem, ou fallar mal Portuguez. Estes os que devem ser imitados, pelos que o quizerem fallar sempre bem, debaixo das precauções que deixo apontadas.

E aqui, Senhores, acabo a minha Dissertaçaõ. Na qual se vós achaes, que os meus Principios concordaõ com os vossos, ficarei eu com o desvanecimento, de terem accedido ao meu voto os primeiros Sabios do Reino. Quando naõ, sempre della tirarei o grande interesse de me constituir, por esta via, em situaçaõ de aprender de vós outros melhores.

ANALYSE, (*)

E combinações filosoficas sobre a elocução, e estylo de Sá de Miranda, Ferreira, Bernardes, Caminha, e Camões, segundo o espirito do sabio Programma da Academia Real das Sciencias, publicado em 17 de Janeiro de 1790.

POR FRANCISCO DIAS.

Sans la Langue en un mot l'auteur le plus divin
Est toujours, quoiqu'il fasse, un mauvais écrivain.
Boileau.

PROLOGO.

QUando entrei nesta composição, julguei que devia tomar hum ponto fixo, donde viesse deduzindo a sua analyse, e que o *Sá de Miranda* devia indispensavelmente formar a época, donde, segundo a ordem do tempo, havia de dimanar todo o seu progresso, como de hum escritor, que lançou os fundamentos da Poesia Portugueza. Mas antes, que entrasse nesta diligencia, vî que me era de precisa necessidade fazer huma descripção exacta do estado, em que se achava a Lingua, quando o Poeta *Miranda* appareceo, e sondar as qualidades principaes da composição e estylo daquelle Padre da Poesia Portugueza, donde passou para *Ferreira*, para *Bernardes*, para *Caminha*, e ultimamente para *Camões*, o maior Poeta da Nação, e o que mais enriqueceo, e apurou o nosso Idioma; discorrendo por aquelles pontos, que mais me parecêrão dignos de comparação no genero Sublime, como mais nobre, e como aquelle que mais esforço pede

(*) Foi coroada na Sessão Pública de Maio de 1792.

da

da fantaſia humana ; fazendo juizo de cada hum dos Poetas da analyſe, e finalmente indicando as origens donde naſcêraõ as expreſsões, e formulas combinadas ; no que julgo ter ſatisfeito ao Aſſumpto, que he certamente mais difficultoſo do que parece.

Na execuçaõ deſte taõ trabalhoſo argumento me conduzí, ſegundo as luzes, que pude adquirir na liçaõ de *Ariſtoteles*, *Cicero*, *Quintiliano*, *Longino*, e muito mais na de *Loke*, *Condillac*, *du Marſais*, e em eſpecial na do ſobre todos ſabio Commentario, que o grande *Voltaire* fez ás Obras de *Pedro Corneille*, onde ſe vem as regras do goſto na ſua maior elevaçaõ.

Todas eſtas materias ſaõ novas em Portugal, e por conſequencia naõ tive a quem ſeguir : e a pezar dos defeitos, poſſo dizer :

. . . . *que aqui vereis preſente*
Couſas, que juntas ſe achaõ raramente. Camões Luſ.

INTRODUCÇAÕ.

HE o talento da palavra a mais nobre faculdade do ente racional, como inſtrumento, com que naõ ſó expõe as ſuas idéas, mas até pinta os mais occultos ſentimentos do eſpirito com raſgos taõ vivos, e ſublimes, que os faz paſſar aos corações mais izentos de intereſſe. Aquella filoſofia inata ao coraçaõ do homem, que preſide a todas as acções, que mais o elevaõ, foi quem formou os ſinaes repreſentativos das ſuas idéas ſimpleces, e compoſtas ; e quem, á força de infinitas combinações, lhe fez conceber o grande penſamento do tranſumpto mental conſignado nas palavras por huma ſucceſſaõ de idéas naõ interrompidas, cujo nexo conſtitue a pintura eterna naõ ſó do fyſico, mas, o que he mais prodigioſo, do moral humano.

Aquella meſma filoſofia, que dirigindo, e elevando o eſpirito humano deſde as idéas ſimpleces até ás implexas, lhe deo as primeiras noções da expreſſaõ

ſimples e primitiva, como mais adaptada ás neceſſidades do homem; á proporçaõ que lhe foi ampliando a esfera dos ſeus conhecimentos, lhe foi miniſtrando expreſſaõ complexa, iſto he, figurada, com a qual pinta aos olhos, e dá corpo, e vida ás mais ſublimes abſtracções, que póde conceber o entendimento humano.

Deſte immenſo aggregado de idéas ſimpleces, e compoſtas, como conſequencia natural, procedeo a vivacidade da expreſſaõ, e a riqueza das Linguas, que ſe elevárao ao mais diſtincto gráo de perfeiçaõ, ſegundo o número de acontecimentos, e revoluções notaveis; e muito mais ſegundo o trato frequente com as nações eſtranhas, e communicaçaõ ſocial dos póvos entre ſi; por iſſo meſmo que das grandes crizes procede a efferveſcencia das paixões, que pondo em movimento, e actividade a maſſa das idéas, gera novos penſamentos, e nova elocuçaõ.

Daqui ſe infere, que os melhores de todos os idiomas devem forçoſamente ſer os daquelles póvos que mais revoluções experimentáraõ, e que melhor conhecêraõ as leis da ſociedade. Vê-ſe pois pelo que nos enſina a hiſtoria, que as nações mais pulidas e ſabias, tanto na linguagem, como nos coſtumes, fôraõ quaſi ſempre as que ſituadas junto ao mar conhecêraõ mais cedo a neceſſidade da communicaçaõ dos póvos eſtranhos, por meio do commercio; ou aquellas, cujos acontecimentos lhes deraõ lugar diſtincto nos annaes do genero humano.

Por iſſo vemos, que as Linguas geraes do Malabar, Coromandel, e da China, regiões maritimas, aſſim como tambem a Arabe, ſaõ as mais bellas, e antigas de todas as Linguas da Aſia. Os póvos de Grecia, que gozando do mais formoſo eſpectaculo da natureza, experimentáraõ tantas, e taõ notaveis revoluções, inventáraõ o mais ſignificativo, e harmonico de todos os Idiomas, onde ſe achaõ conſignados os mais inſignes monumentos do Genio, e donde procedeo a mageſtade da Lingua dos Romanos, naõ mais famoſos pe-

pelas ſuas conquiſtas, que pelos eſcriptos immortaes, com que illuſtrárao os Seculos. O meſmo ſe deve conſiderar dos Italianos, Francezes, Heſpanhoes, e Inglezes, cujos Idiomas, tendo origem na Lingua Latina, ſe tem elevado ao mais alto ponto de perfeiçaõ poſſivel, e nos quaes exiſtem monumentos para quem todo o louvor he diminuto.

Mas eſte concurſo de circunſtancias parece, que ainda naõ foi a cauſa ſufficiente da perfeiçaõ das Linguas: inda alli ſe diviza hum vacuo, que preciſa ſer occupado. Aqui vem a Poeſia com toda a ſua pompa e mageſtade, deſatando os vôos, pulindo e aperfeiçoando os Idiomas, dando a tudo alma e vida, já elevando-ſe aos maiores aſſumptos nos louvores do Ente Supremo, e no panegyrico dos grandes homens, perſuadindo a imitaçaõ das acções nobres, e dignas dos mais diſtinctos applauſos. Ella lhe abre os ſeus theſouros; ella os enriquece; ella lhes dá força, elegancia, e harmonia, ſem o que ſeríaõ huns cadaveres ſeccos, e inanimados. Sem a Poeſia, nada ſeríaõ talvez os Gregos, e os Romanos, que tanto enchêraõ o mundo com a fama das ſuas victorias, com a grandeza das ſuas acções, e muito mais com a perfeiçaõ, com que cultiváraõ todas as artes de genio, de que tantos, e taõ admiraveis teſtemunhos nos deixáraõ principalmente nos ſeus eſcritos. A Poeſia pois, que tendo entre os antigos hum caracter de harmonia muito diverſo da Poeſia moderna, veio pela ignorancia dos Seculos a tal decadencia, que pouco faltou para ficar inteiramente ignorada.

Das reliquias da Lingua Latina, e Grega ſe formáraõ os Idiomas modernos com diverſa ſyntaxe; e com elles reſuſcitáraõ, ou por melhor dizer, formáraõ os Provençaes huma Poeſia toda nova na diſpoſiçaõ das ceſuras, e combinações harmonicas.

Os Italianos reſtauradores de quaſi todas as Artes, fôraõ os primeiros, que tratáraõ a Poeſia com dignidade, aperfeiçoando os metros, e harmonias, que os meſmos Provençaes, e Sicilianos tinhaõ inventado; e tanto ſe

ap-

applicáraõ a ella, que já no decimo quarto Seculo era famoſo Poeta o celebre Dante, quem fixou todas as accentuações harmonicas do hendecaſyllabo, que ficou ſendo o mais neceſſario metro da Poeſia Italiana, Caſtelhana, e Portugueza.

Entráraõ os Mouros em Heſpanha, e com elles a Poeſia: porém o deſaſſocego da guerra naõ deo lugar aos antigos poſſuidores deſta regiaõ, taõ infeſtada de nações eſtranhas, a cultivar a Poeſia ſériamente, nem a pulir os ſeus Idiomas taõ cedo como os Italianos. Da longa dominaçaõ, que os Romanos tiveraõ em Heſpanha ſe havia nella introduzido o uſo da Lingua Latina, que veio a ſer vulgar: della, e de varios dialectos barbaros, ſe formáraõ os dous mais bellos, e ſonoros Idiomas de Heſpanha, e talvez da Europa, o Caſtelhano, e o Portuguez.

Eſtas duas Linguas ſe foraõ igualmente aperfeiçoando, de ſorte que a hum meſmo tempo chegáraõ ao ſeu auge. Com tudo, ſendo a Naçaõ Portugueza mais moderna, e occupando muito menos eſpaço de terreno, que a Caſtelhana, veio mais cedo a produzir monumentos, que aſſaz diſtinguíraõ, e acreditáraõ o ſeu Idioma. As hiſtorias de *Joaõ de Barros* dadas á luz no meio do Seculo decimo ſexto, e traduzidas em todas as Linguas cultas da Europa, fizeraõ moſtrar ao mundo litterario, que a Lingua Portugueza era a mais filha da Latina. Hum número ſufficiente de Eſcritores, que logo depois vieraõ, acabáraõ de determinar o genio da Lingua, cujo caracter he elegancia, e perſpicuidade.

Sendo pois a Lingua Portugueza desde a ſua origem mui doce, e ſonora, reſultado natural da quantidade proporcionada das ſuas vogaes, e conſoantes, das quaes as primeiras, naõ ſaõ taõ frequentes, e conjunctas, que enfraqueçaõ a harmonia, e a façaõ languida e pouco notada, como ſe vê na Lingua Italiana; nem as ſegundas com nimia frequencia ſe atropellaõ, e produzem ſons rudes, e aſperos, como nas Linguas do Norte. Todas eſtas felices diſpoſições, além do genio, convidavaõ a

Na-

Naçaõ á cultura da Poefia para que fempre teve natural inclinaçaõ. Deixemos a miuda inveftigaçaõ deftas caufas, a qual ferá mais propria de quem tentar efcrever a hiftoria da Lingua. Deixemos tambem as Poefias anteriores ao Seculo de quinhentos, muitas das quaes exiftem em algumas bibliothecas antigas, como as d'ElRei D. Diniz na do Convento da Ordem de Chrifto em Thomar, e outras andaõ empregadas no celebre Cancioneiro de *Refende*, collecçaõ preciofa, donde fe podem extrahir as maiores luzes a refpeito da natureza, e origem da noffa Poefia: e começando a tratar do auge a que efta elevou a Lingua Portugueza; as graças, e número, que lhe communicou; principiaremos a difcorrer de huma época mais vizinha a nós, e efta feja determinada pelo famofo *Sá de Miranda*. Vejamos pois os affumptos, que efte Poeta tratou, a qualidade da fua imitaçaõ em geral, o ufo que fez do hendecafyllabo, até ao feu tempo pouco ou nada conhecido em Portugal, e em toda a Hefpanha; como tratou, como aperfeiçoou o Soneto, do qual fe deve reputar inventor entre nós, novas graças que accrefcentou á noffa Lingua, e como finalmente preparou aos Poetas, que lhe fuccedêraõ, hum novo caminho para fe elevarem até á immortal Lufiada.

Mas antes que entremos nefte exame, vejamos primeiro o eftado em que o *Sá de Miranda* achou o Idioma.

A Naçaõ Portugueza, que até ao fim do reinado de D. Fernando jazia na ignorancia, occupada unicamente da cultura das fuas terras, quanto lhe era precifo para o confumo interior do Reino, e para entreter huma ligeira fombra de commercio exterior, continuamente vexado pela tyrannia Arabica, que infeftando os mares era eterno obftaculo á navegaçaõ; vivendo como defterrada na folidaõ dos campos, fem communicaçaõ, nem policia, fallava huma linguagem informe, e groffeira, chêa de fons rudes, que as linguas barbaras lhe tinhaõ communicado; e a pezar de ter huma origem taõ pura, como a Lingua

La-

Latina , donde procedia, só confervava alguma energia natural nafcida das fignificações primitivas das fuas vozes , que , além de ferem maculadas de infinitas anomalias , e diffonancias , eraõ privadas de translações , que daõ força e elevaçaõ aos Idiomas. Chêa pois de conftrucções erroneas, de dithongos afperos , e defmencias rudes , pobre de termos, fem idéa de nexo , que fubfifte nas particulas , fem fyntaxe , fem harmonia , o feu periodo incerto, e defunido vacillava fem caracter.

A grande revoluçaõ de D. Joaõ I. fazendo a mais viva commoçaõ no genio dos Portuguezes , com ella lhe vieraõ novos eftimulos de gloria , que eleva o efpirito ; novas emprezas , novos penfamentos , nova força , nova energia ás fuas enunciações ; novos objectos do difcurfo , e nova linguagem. Hum latim barbaro até alli organo das Leis , e inftrumentos publicos , ceffou de fer a linguagem do Fôro.

Da conquifta de Ceuta nafceo a idéa , a grande idéa dos defcubrimentos , que moftrando a neceffidade de cultivar as Mathematicas , e a Aftronomia , taes , quaes exiftiaõ naquelles tempos obfcuros , alargou a esfera da mechanica , que fazendo novas inveftigações fobre a acçaõ dos ventos , e refiftencia das aguas , extrahindo a fomma da combinaçaõ dos movimentos refultantes da acçaõ , e reacçaõ deftes dous elementos , alcançou mais perfeito conhecimento das leis dos liquidos , e do equilibrio , e aperfeiçoou finalmente a arte de navegar. Novos aftros , novos mares e coftas , novas ilhas , novos mundos enchem de admiraçaõ todo o Univerfo.

Tantas , e taõ notaveis circunftancias , tantos , e taõ pafmofos acontecimentos , quaes nunca até áquelles tempos vira o mundo , fizeraõ apparecer de repente na face do globo huma Naçaõ nova , e hum novo Idioma : naõ he paradoxo. As acções da Naçaõ Portugueza anteriores áquella idade perdem-fe na immenfidade dos acontecimentos ordinarios , que formaõ o corpo vaftiffimo da hiftoria. Porém defta grande época em diante , ella fe eleva

de

de improviso, ella se mostra em todo o universo huma naçaõ de heroes, cujas acções nenhuma analogia tem com as das mais famosas nações, que lhe precedêraõ.

O novo aspecto de acontecimentos absolutamente novos, e dignos de universal admiraçaõ, vêo acompanhado de huma nova linguagem: prova-se. As Poesias dos Reis D. Diniz, D. Pedro I., e varios fragmentos de escritos daquelles tempos estaõ consignados em huma linguagem taõ confusa e barbara, que quasi naõ se entendem. Dahi a pouco mais de mêo Seculo apparecêraõ as Chronicas dos Reis Portuguezes compostas por Fernaõ Lopes o mais antigo, e venerando historiador Portuguez, escritas em lingua clara, e taõ diversa da que se observa naquelles anteriores escritos, que se póde reputar outro Idioma. Sirva-nos este grande historiador de época para ajuizarmos do estado, em que se achava a Lingua Portugueza, antes que o Sá de Miranda entrasse a florecer.

Naõ obstante a perspicuidade com que Fernaõ Lopes procurou escrever, claramente se conhece pela leitura de seus escritos, e dos que depois delle vieraõ até ao fim do reinado de D. Joaõ segundo, que a syntaxe commum da Lingua Portugueza era assaz confusa, e desfigurada de construcções erroneas (*a*).

(*a*) Para prova disto apontaremos alguns exemplos, nos quaes nos naõ demoraremos muito, para nos naõ desviarmos do assumpto. Vejamos pois como se mostra o primeiro periodo do cap. 30. da primeira parte da Chronica de D. Joaõ I. composta por Fernaõ Lopes. *Certo he que quaesquer historias muyto melhor se entendem, e lembram, se perfeitamente, e bem ordenadas, que o sendo per outra maneira.* A proposiçaõ incluida neste periodo tem duas partes com dependencia reciproca. A primeira, que termina em *bem ornadas*, he toda comparativa condicional, mas falta-lhe o eixo, que deve subsistir num verbo, que devera estar expresso, no segundo membro —— *se perfeitamente e bem ordenadas* ——; e por isso fica inutil a segunda parte —— *que o sendo per outra maneira* ——, e por consequencia escuro todo o periodo, que he o maior defeito da

A diſpoſiçaõ harmonica do periodo totalmente ignorada dava huma inſupportavel ſeccura á proſa Portugueza, que opprimida de clauſulas impuras, e de vozes obſoletas de ſons aſperos, e rudes, nada offerecia á curioſidade

---

oraçaõ. Naõ ficaria claro o ſentido deſte periodo, ſe no ſegundo membro da primeira parte eſtiveſſe hum *ſaõ*, ou hum *eſtaõ* da maneira ſeguinte? *Certo he que quaeſquer hiſtorias muito melhor ſe entendem ſe ſaõ perfeitamente, e bem ordenadas, que o ſendo per outra maneira.* Deſte modo ficava ſoffrivel a reſpeito da perſpicuidade, poſto que imperfeito em couſas menos eſſenciaes, como na inutilidade da conjunçaõ junta ao adverbio *bem*, e a derradeira clauſula —— *que o ſendo per outra maneira*: —— porque além de naõ offerecer ao eſpirito huma conſequencia perſpicua da premiſſa anterior, a collocaçaõ do artigo *o* depois do *que* he aſſaz diſſonante e defeituoſa. Logo adiante no meſmo capitulo diz: *Nuno Alvares outro ſi vem a Liſboa, deshi o Caſtello de Liſboa trabalhaſe o Meſtre com o povo de o tomarem, e alçarem vellas contra os Alcaides do Caſtello.* Em que caſo eſtá o *Caſtello de Liſboa*? ſe eſtá em nominativo, qual he o verbo, que indica a ſua acçaõ? Se he accuſativo do verbo tomar, ou elle, ou o artigo *o* antes deſte verbo, redunda; porque em tal caſo ficaõ ſendo dous accuſativos, hum dos quaes he abſolutamente deſneceſſario, e ainda que ſe tiraſſe o artigo, que faz o ſegundo accuſativo, ficava ſim a oraçaõ grammatical, mas naõ pura, pela diſpoſiçaõ barbara, e obſcura, que conſervava, além da pouca congruencia racional do reciproco *trabalhaſe.* Na clauſula, ou oraçaõ, que ſe ſegue: *poſto que a alguns iſto naõ a praz, que as emburilhaõ confuſamente, e ſerem peores muito de entender.* O verbo *ſerem* he conjugaçaõ erronea: *ſaõ* terceira peſſoa do plural do preſente indicativo, parece que he o que ſó lhe póde convir; além da tranſpoſiçaõ do adverbio *muito* ſer pouco Portugueza, devendo eſtar antes do comparativo *peores* para ficar congruente e claro o ſuperlativo comparativo *muito peores.* No prologo da ſegunda parte ſe vê o ſeguinte periodo: *E porque nos nom ſomos* abaſtante *pera compridamente louvar, e dizer as bondades deſte poderoſo Rei, por a dignidade de ſeus grandes feitos, quizeramos ceſſar de fallar delles*, vendo compria *ſerem eſcritos por hum grande, e eloquente letrado.* O eſtylo deſte periodo naõ eſtá puro por dous motivos: o primeiro pela falta

dos

dos leitores mais que hum insoffrivel tedio, que extinguia o dezejo de ler; o que naõ preciso authorizar, visto que qualquer pagina dos escritos daquella idade nos póde fornecer exemplos para verificar o que affirmamos.

A obscuridade daquelles tempos, a raridade de li-

---

de concordancia numeral no participio *abastante*: o segundo pela erronea conjugaçaõ *cumpria*. Naõ ha dúvida, que o primeiro póde ser desculpado pela figura Synthesis; mas este genero de construcçaõ, naõ só naõ he admittido na prosa Portugueza, mas até mesmo na Poesia seria intoleravel. Os Latinos, onde mais uso havia desta syntaxe, só a permittiaõ aos Poetas; ao menos, eu nunca me lembro de a ter achado na prosa: nem jámais vî louvar Terencio porque na Scena 5.ª do Acto 3.º da Andria disse: *Ubi illic scelus est, qui me perdit*? nem he reputada por huma belleza a seguinte passagem de Horacio no liv. 1. Ode 15. . . . . . *Mala ducis avi domum* —— *Quam multo repetet Græcia milite.* Quem louvou jámais *Pars in frusta secant, verubusque trementia figunt*: de Virgilio no liv. 1. da Eneiada, verso 216, que he o que mais quadra ao nosso caso? Ainda mesmo, quando os Grammaticos encontraõ destas syntaxes, fazem todo o esforço pelas reduzir a oraçaõ correcta por mêo da' Elypse, por isso mesmo, que as julgaõ construcções erroneas, a que obriga a necessidade do metro. No segundo tambem ha notavel erro de Idioma pela falta do *que* que devêra pôr no preterito imperfeito do infinitivo o verbo *cumprir*, ficando do modo, que está no imperfeito do indicativo, erro manifesto.

Logo abaixo vem o seguinte periodo, onde se acha invertida a ordem natural das palavras, de modo, que naõ deixa de ser huma combinaçaõ barbara: *Mas porque britavamos nossa ordenança de todo, que era cousa de reprehender com graõ receo trigosamente, nom embargando a razaõ allegada, alguns poucos, como costumamos fazer poer dos outros Reis, tocaremos em breve deste.* Além da disposiçaõ incongruente, que desfigura este periodo, a escuridade, consequencia disso mesmo, o faz digno de censura: a causa principal consiste nas tres orações intermediarias, ou parenthesis —— *que cousa era de reprender*: —— *nom embargando a razom allegada*: —— *como costumamos fazer poer dos outros Reis*: estas orações subalternas cortaõ o fio da oraçaõ principal, cuja perspicuidade naõ subsiste expressa, porque a interposiçaõ das mesmas faz com que os membros,

vros, que o prelo, entaõ de novo inventado, inda naõ fazia communs, a ignorancia em fim retardavaõ o progresso das luzes, e naõ deixavaõ aperfeiçoar o Idioma; além de que, o bom gosto nestas materias, que deve ser hum resultado de infinitas combinações filosoficas as mais ajustadas á razaõ, fez sempre em todas as Linguas vagarosos progressos. Porém das causas acima indicadas procedeo, naõ só a falta do número prosaico, e metrico do Idioma, mas a pobreza notavel de vozes, (*a*) causa

---

e incisos pertencentes á proposiçaõ primaria fiquem distantes dos seus eixos, que saõ os verbos, e por isso fica o total da oraçaõ de custosa intelligencia. Naõ fallo já na desnecessaria incongruencia do auxiliar *fazer*, que constitue huma desagradavel dissonancia combinado com *poer*, nem da fraqueza, e seccura dos dous ultimos adjectivos *em breve deste*, que fazem a clausula final do periodo impura, e falta de energia. O periodo que se segue, o qual naõ deixa de ser assaz escuro, termina com a clausula seguinte: *poemos assim como elles differaõ razoando desta guiza.* Além de *poemos*, presente indicativo estar em lugar de *poeremos* futuro (ainda que naõ sei se na conjugaçaõ deste verbo existia naquelle tempo alguma anomalia, pois naõ me lembro de ter encontrado *poeremos*, futuro natural, que deveria ter o dito verbo *poer.*) naõ se sabe se está aqui empregado em sentido proprio, ou translato; se significa simples e primitivamente *pôr*, ou figurativamente *contar*, ou *narrar*, e de qualquer modo, que seja, onde está o accusativo deste verbo? Delle, nem antes, nem depois se mostra o menor vestigio, nem por Elypse se póde subentender.

Bastaõ estes exemplos para mostrar quam defeitosa, e impura era a prosa Portugueza, naõ só neste escritor, mas em todos os que depois delle vieraõ como Gomes Eannes de Azurára, Bernardim Ribeiro, e Ruy de Pina, defeito que passou a quasi todos os authores do Seculo de Quinhentos, cujos escritos tem merecido aos nossos Litteratos modernos superstíciosa adoraçaõ.

(*a*) Como consta dos seguintes escolios: e em obsequio da verdade, e do progresso das luzes nestas materias taõ pouco tratadas em Portugal, seja-me permittido ser extenso, pois de outra sorte me naõ he possivel dar alguma idéa do que pretendo.

O juizo que fazemos das vozes, frases, e clausulas, que

vaõ

vaõ aqui apontadas, he (segundo nos parece) o mais ajuſtado á razaõ, por ſer fundado em obſervações feitas com a mais eſcrupuloſa exacçaõ: e ainda que ſe venha a encontrar alguma elegancia, ou termo, cujo ſentido diſcrepe alguma vez do juizo, que della formarmos, nem por iſſo ſe tenha por incongruencia, viſto, que o total da ſua energia, em que ſe eſtriba a força da noſſa affirmativa, pelo maior número de caſos, nada perde com huma, ou outra excepçaõ, qualificada pela menor frequencia, que muitas vezes deſigna huma qualidade, ou attributo de pouco momento, que facilmente eſcapa a intelligencia humana.

Subſtantivos naõ exiſtentes, ou ignorados, ou de mui raro uſo na Lingua Portugueza até ao principio de D. Manoel.

Abſolviçaõ.
Acaſo.
Açafata.
Acçaõ.
Adagio.
Adorno.
Adulaçaõ.
Affeiçaõ.
Afflicçaõ.
Agreiro.
Aleive.
Aleivozia.
Alimaria.
Alivio.
Ala.
Altiveza.
Altura.
Amparo.
Anguſtia.
Anniverſario.
Antecipaçaõ.
Apothema.
Arbitrio.
Architecto.
Ardil.
Armada.

Aſſalto.
Aſtucia.
Attençaõ.
Audacia.
Augmento.
Aurora.
Auxilio.
Axioma.
Bagagem.
Bahia.
Boſque.
Bulla.
Cadeira.
Calabre.
Canceira.
Careſtia.
Carta.
Cem.
Cenſura.
Cerco.
Certeza.
Ciume.
Cirurgiaõ.
Commentador.
Compoſitor.
Conceito.

Concerto.
Conceſſaõ.
Confiſſaõ.
Conjectura.
Conjuraçaõ.
Contentamento.
Contracto.
Convocaçaõ.
Corrupçaõ.
Cortezia.
Crueldade.
Cuidado.
Defenſor.
Defumadoiro.
Demora.
Deſabono.
Deſacerto.
Deſagrado.
Deſcortezia.
Deſculpa.
Desfallecimento.
Deſgoſto.
Deshumanidade.
Deſordem.
Deſpacho.
Deſpojo.

Deſ-

Desprezo.
Despropofito.
Devaffidaõ.
Difcordia.
Difcurfo.
Difputa.
Divertimento.
Dizer. *nome.*
Eclypfe.
Educaçaõ.
Elevaçaõ.
Enfeite.
Enredo.
Erecçaõ.
Efcritor.
Efcuridade.
Efplendor.
Eftendarte.
Eftratagema.
Eftrondo.
Exercito.
Explicaçaõ.
Expofiçaõ.
Expofitor.
Fallencia.
Falfidade.
Falta.
Fanga.
Fortaleza.
Felicidade.
Fortificaçaõ.
Ganho.
Gefto.
Governo.
Glofador.
Horizonte.
Jactancia.
Inhumanidade.
Indigencia.
Inducçaõ.
Ignominia.
Igualdade.
Infermidade.
Illuftraçaõ.
Imagem.
Imprecaçaõ.
Impedimento.
Infignia.
Inftancia.
Intento.
Inveftigaçaõ.
Juramento.
Lapfo.
Lembrança.
Lei.
Levantamento.
Licença.
Linga.
Lifonja.
Loucura.
Ludibrio.
Luminaria.
Luto.
Luftre.
Luvas.
Macho. *nome* f.
Macula.
Madureza.
Maledicencia.
Matelotagem.
Matrimonio.
Maufoleo.
Magifterio.
Medicina.
Medico.
Mefquinhez.
Meritriz.
Mêo.
Milhaõ.
Mocidade.
Moleftia.
Motivo.
Narraçaõ.
Negocio.
Nota.
Obftaculo.
Obftinaçaõ.
Occafiaõ.
Official.
Oppreffaõ.
Ornato.
Ornamento.
Pacto.
Palacio.
Parentefco.
Paffagem.
Perfidia.
Perfume.
Penitencia.
Ponderaçaõ.
Poffuidor.
Prejuizo.
Principio.
Profundidade.
Proveito.
Provimento.
Provincia.
Recreaçaõ.
Recrêo.
Relaçaõ.
Relampago.
Receituario.
Regozijo.
Remiffaõ.
Remorfo.
Renuncia.
Refgate.
Repartiçaõ.
Repúblic*a*.
Refplendor.
Revez.
Sabedoria.
Sacerdote.

Sa-

Sacerdotiza.
Sabio. *ſubſtantivado.*
Sagacidade.
Seculo.
Secretario.
Semana.
Sem-razaõ.
Sentimento.
Sentinella.
Sepulchro.
Sepultura.
Sino.
Sitio.
Soberba.
Soffrimento.
Soltura.
Subtileza.
Succeſſo.
Supplica.
Toalha.
Temor.
Tino.
Tomada. *ſubſtantivado.*
Tumulto.
Tranſacçaõ.
Tranſmigraçaõ.
Tratado. *nom.*
Trem.
Tributo.
Tumulo.
Valentia.
Valor.
Variedade.
Vaſſallo.
Vexame.
Vigilia.
Vituperio.
Ultrajo.
Uſo.
Uſurpador.

Nomes adjectivos de ſignificaçaõ poſitiva, e derivada.

Affavel.
Apoſtolico.
Apto.
Attencioſo.
Audaz.
Capaz.
Colerico.
Commum.
Compaſſivo.
Cortez.
Confuſo.
Cubiçoſo.
Derradeiro.
Deſcortez.
Deſnaturalizado.
Deſaſtrado.
Decimo-oitavo.
Difficil.
Difficultoſo.
Doloroſo.
Efficaz.
Facil.
Fervido.
Fementido.
Firme.
Furioſo.
Generoſo.
Guerreiro.
Hiſtorico.
Humano.
Humilde.
Idoneo.
Idoſo.
Imaginario.
Imaginativo.
Impavido.
Incredulo.
Indomito.
Infinito.
Inimigo.
Intrepido.
Invencivel.
Iracundo.
Magnanimo.
Magnifico.
Neſcio.
Nullo.
Ordinario.
Pachorrento.
Pequenino.
Perjuro.
Poſthumo.
Prompto.
Proprio.
Provido.
Prudente.
Público.
Sabio.
Seculares. *plur.*
Sequaz.
Soberbo.
Superior.
Superno.
Sulfureo.
Valoroſo.
Vario.
Veloz.
Vicioſo.
Vulgar.

Adjectivos participios.

Abaſtecido.
Abſolto.
Accreſcentado.
Affrontado.
Agaſtado.
Alterado.
Alienado.
Amiudado.
Apreſſado.
Ardente.
Arrombado.
Avaliado.
Bemdito.
Capitaneado.
Cenſurado.
Combatido.
Compadecido.
Concertado.
Conſiderado.
Contido.
Continuo.
Conveniente.
Corado.
Cortado.
Deixado.
Demorado.
Deſacautellado.
Deſcuidado.
Deſanimado.
Deſejoſo.
Deſembaraçado.
Deſempedido.
Deſmedido.
Deſordenado.
Deſpendido.
Deſpovoado.
Determinado.
Embaraçado.
Entrincheirado.
Enxovalhado.
Eſcarnecido.
Eſcolhido.
Eſcondido.
Eſtendido.
Falto.
Forçado.
Formado.
Igualado.
Injuriado.
Inſultado.
Internecido.
Irado.
Merecedor.
Meſclado.
Mandado.
Mantido.
Miſturado.
Morador.
Narrado.
Neceſſitado.
Negligente.
Obrigado.
Obſtinado.
Occulto.
Ordenado.
Pago.
Parecido.
Paſſado.
Penoſo.
Ponderado.
Potentado.
Potente.
Povoado.
Preciſado.
Preparado.
Privado.
Prohibido.
Provido.
Publicado.
Quebrado.
Ratificado.
Rebelde.
Regedor.
Regente.
Rendido.
Requerente.
Reſidente.
Reſplendecente.
Roubado.
Sabido.
Semelhante.
Sobredito.
Soccorrido.
Venerado.
Ultrajado.

Verbos.

Abaſtecer.
Abrir.
Abſter.
Acontecer.
Agradar.
Alcançar.

Alie-

Aformofear.
Ajudar.
Alienar.
Alvejar.
Apartar.
Apear.
Apertar.
Aprender.
Apreffar.
Arguir.
Arrear.
Affemelhar.
Affolar.
Atacar.
Batalhar.
Bordejar.
Capitanear.
Caftigar.
Cenfurar.
Ceffar.
Chegar.
Claudicar.
Combater.
Compadecer.
Compôr.
Concertar.
Concluir.
Condemnar.
Conferir.
Confiderar.
Contar , *numerar.*
Convir.
Cortar.
Criminar.
Criticar.
Cuidar.
Damnificar.
Decer.

Deixar.
Demorar.
Deparar.
Derramar.
Defagradar.
Defenvolver.
Desfraldar.
Defmandar.
Defpachar.
Defpir.
Defprezar.
Deftruir.
Difciplinar.
Difcorrer.
Difpender.
Divertir.
Eleger.
Enfeitar.
Enfurecer.
Enjoar.
Efcolher.
Eftender.
Exercitar.
Faltar.
Fazer guerra.
Fazer mençaõ.
Fingir.
Formar em batalha.
Fulminar.
Ganhar.
Governar.
Humilhar.
Igualar.
Imitar.
Impugnar.
Impedir.
Infamar.
Injuriar.

Inftar.
Intentar.
Inveftigar.
Julgar.
Meter.
Mifturar.
Montar a cavallo.
Murmurar.
Narrar.
Notar.
Obfervar com attençaõ.
Obfervar.
Opprimir.
Pactear.
Pertender.
Ponderar.
Praguejar.
Prefionar.
Prover.
Publicar.
Quadrar.
Quebrar.
Recuar.
Referir.
Relatar.
Render-fe.
Reftituir.
Retirar-fe.
Rofnar.
Temperar.
Tocar.
Tomar.
Vexar.
Vilipendiar.
Vituperar.
Vizinhar.

Adverbios.

Abaixo.
Abaftadamente.
Acinte.
Ahi.
Antes.
Apartadamente.
A pezar.
Apenas.
Apreffadamente.
Brandamente.
Brevemente.
Cabalmente.
Claramente.
Commummente.
Completamente.
Convenientemente.
Dahí.
Debaixo.
De maneira.
De modo.
Denfamente.
Depreffa.
De propofito.
Defembaraçadamente.
Defempedidamente.
De forte.
Docemente.
Dolorofamente.
Donde.
Efficazmente.
Em continente.
Em quanto.
Em tanto.
Entaõ.
Efcondidamente.
Eternamente.
Facilmente.
Furtivamente.
Humildemente.
Infinitamente.
Inftantemente.
Juftamente.
Levemente.
Ligeiramente.
Notavelmente.
Notoriamente.
Onde.
Para onde.
Perto.
Porém.
Porque.
Publicamente.
Sabiamente.
Semelhantemente.
Senaõ.
Totalmente.
Vagamente.
Ultimamente.
Unanimemente.
Unidamente.

Propofiçõ:s, e Interjeições.

Ante.
Apoz.
Atraz.
Junto.
Perante.
Ay.

Ainda que algumas deftas vozes acima indicadas já entaõ exiftiffem, eraõ mutiladas, accrefcentadas, ou desfiguradas de tal forte, que fe faziaõ quafi defconhecidas pelo pouco efcrupulo que a ignorancia, e o máo gofto fez fempre de ufar de certas figuras, ou por melhor dizer vicios de elocuçaõ, que a filofofia, e o bom gofto foi depois emendando, mas naõ tanto que deixaffem de ficar algumas reliquias das antigas corruptellas, e barbarifmos . . . . . *hodieque manent veftigia ruris.* como fe vê em todas as Linguas, e fe comprova na noffa pelos feguintes exemplos.

As-

Accrefcentando letra, ou fyllaba no principio por Prothefis.

Abaftante.	Baftante.
Empenofo.	Penofo.
Guai.	Ay.
Oufania.	Ufania.
Oulhar.	Olhar.
Recontar.	Contar.
Reconto.	Conto.
Recontado.	Contado.
Relembrança.	Lembrança.

Accrefcentando fyllaba, ou letra no mêo por Epenthefis.

Coloreado.	Corado.
Compoer.	Compôr.
Concludir.	Concluir.
Defcender.	Defcer.
Difpoer.	Difpôr.
Deteúdo.	Detido.
Igualdar.	Igualar.
Igualdado.	Igualado.
Leterado.	Letrado, ou litterato.
Manteudo.	Mantido.
Poer.	Pôr, *verb.*
Povorar.	Povoar.
Povorado.	Povoado.
Reteudo.	Retido.
Teudo.	Tido.

Diminuindo fyllaba, ou letra no principio por Aferefis.

Arramado.	Derramado.
Arramar.	Derramar.
Efplandecer.	Refplendecer.
Efplandecente.	Refplendecente.
Efpender.	Defpender.
Eftrofo.	Defeftrofo.
Imigo.	Inimigo.
Hi.	Ahi.

Maginaçaõ.	- - - - - - - -	Imaginaçaõ.
Maginar.	- - - - - - - -	Imaginar.
Trameter.	- - - - - - - - -	Entremetter.
Valiado.	- - - - - - - - -	Avaliado.

Diminuindo syllaba, ou letra no mêo por Syncope.

Consirar.	- - - - - - - - -	Considerar.
Consirado.	- - - - - - - - -	Considerado.
Desnaturado.	- - - - - - - -	Desnaturizado.
Doroso.	- - - - - - - - -	Doloroso.
Dorosamente.	- - - - - - - -	Dolorosamente.
Endurado.	- - - - - - - - -	Endurecido.
Escarnido.	- - - - - - - - -	Escarnecido.
Jaraõ.	- - - - - - - - -	Jazêraõ.
Infindo.	- - - - - - - - -	Infinito.
Infindamente.	- - - - - - - -	Infinitamente.
Lidimo.	- - - - - - - - -	Legitimo.
Lidimamente.	- - - - - - - -	Legitimamente.
Miscrado.	- - - - - - - - -	Misturado.
Miscrar.	- - - - - - - - -	Misturar.
Pobrado.	- - - - - - - - -	Povoado.
Segrares.	- - - - - - - - -	Seculares.
Tente.	- - - - - - - - -	Tenente.

Diminuindo syllaba, ou letra no fim por Apócope.

Increo.	- - - - - - - - -	Incredulo.

Além de tudo isto carecia a Lingua Portugueza de superlativos de hum só termo, de que ao depois vêo a ser taõ abundante, que naõ cede nesta parte a nenhuma das mais cultas da Europa. He o superlativo a pintura de idéa infinita, que pela maior parte he comparativa; esta sendo expressada por huma breve combinaçaõ de positivos, e adverbios dá grande força á enunciaçaõ; mas muito mais grave, mais viva, e mais sublime se appresenta na oraçaõ, quando incluida num só termo, rapidamente offerece ao espirito a immensidade de huma idéa infinita, tanto mais elevada, quanto mais resumida se insinua na intelligencia humana. Esta qualidade de enunciaçaõ foi particular á Lingua Grega, de quem a recebeo a Latina, que lhe consagrou va-

varias terminações ; quaſi todas foraõ adopradas dos Idiomas ſabios , excepto porém do Francez , o que naõ foi baſtante para deixar de ter os mais excellentes eſcritos em todo o genero de Litteratura. A Lingua Italiana foi a que primeiro admittio o uſo deſta caſta de ſuperlativos , que ſaõ nella taõ antigos , que já no Dante ſe encontraõ com frequencia , e no Petrarca , que he do tempo do noſſo Rei D. Affonço V. , ſaõ triviaes. He verdade que na traducçaõ da Bulla de diſpenſa para caſar ElRei D. Joaõ I. referida por Fernaõ Lopes a pag. 281 da ſegunda parte da ſua Chronica vem o ſuperlativo *Chriſtianiſſimo* , mas iſto deve-ſe reputar latiniſmo , como ſe colhe de muitos lugares da meſma traducçaõ ; e ſe preciſo foſſe, nós o provariamos de modo , que naõ padeceſſe dúvida. Tambem he certo que na terceira parte da meſma Chronica , que he continuaçaõ feita por Gomes Eannes de Azurára , pag. 98 ſe encontra o ſuperlativo *ſereniſſimo* , e logo abaixo *ſereniſſimo* , e *illuſtriſſimo* em clauſula unida ; mas tenho toda a razaõ para crer , que taes ſuperlativos nunca ſahíraõ da penna de Gomes Eannes ; porque , além de ſe naõ encontrarem em toda aquella obra , que naõ he taõ pequena , que naõ contenha 283 pag. de fol. , achando-ſe em muitos lances ſublimes , como o ſeu anteceſſor Fernaõ Lopes , onde deveria fazer uſo expreſſo dos ſuperlativos , para exprimir com grandeza , e ſublimidade conveniente á materia , nem hum , nem outro ſe ſervio delles. Eſtá-ſe claramente conhecendo que eſtes ſuperlativos foraõ enxeridos por maõ eſtranha , e que tirados dos lugares , onde ſe achaõ , fica a oraçaõ mais pura , e mais conforme á fraze daquelles tempos em ſemelhantes caſos : quando pelo contrario no lugar em que os vemos , conſtituem clauſulas vicioſas , naõ ſó pela má diſpoſiçaõ deſtes , e de outros ſuperlativos anteriores , como , porque em vez de augmentar o ſentido da expreſſaõ antecedente , diminue a idéa nella incluida. Eſta Chronica compoſta por Fernaõ Lopes , e acabada por Gomes Eannes , naõ foi publicada como hum monumento de eloquencia hiſtorica , e pureza de linguagem , mas ſim para excitar a Naçaõ á defeza , em que ſe achava empenhada na longa e ſanguinolenta guerra da Acclamaçaõ ; e por iſſo o editor applicado inteiramente aos factos , pouco cuidado lhe deveo a expreſſaõ ; antes fez nella algumas alterações , para que ficaſſe de mais facil intelligencia , unico objecto a que ſe dirigio. Conſtando pois eſta Chronica de mais de 1200 pag. in fol. , ſó eſtes ſuperlativos ſe encontraõ em huma taõ grande compilaçaõ de factos bellicos , politicos , e mo-

moraes, onde em muitos delles a fublimidade do eftylo, e a velocidade da narraçaõ obrigaria a fervirem-fe deftes fuperlativos refumidos, para com mais vivacidade haverem de exprimir as grandes idéas, que fe incluiaõ na fua narrativa. Tanto eraõ ignorados os fuperlativos de hum fó termo, que ainda mefmo no reinado de D. Manoel, e parte do de D. Joaõ III. rariffimos Efcritores ufáraõ delles com liberalidade. Em Bernardim Ribeiro tanto na profa, como no verfo, nem hum fó fe encontra. Nas Chronicas de D. Duarte, e D. Affonfo V. compoftas por Ruy de Pina, e ultimamente publicadas pela Academia Real das Sciencias, apenas fe achaõ tres vezes; a pag. 199, 452, 509, a faber *ferenifsimo* huma vez, *grandiffimo* duas, e efte ultimo me lembro ter encontrado varias vezes em Garcia de Refende; de modo que até a efta epoca parece, que fó hiaõ tendo algum ufo eftes quatro fuperlativos de hum fó termo *fereniffimo*, *illuftriffimo*, *Chriftianiffimo*, *grandiffimo*, unicamente applicados a teftas coroadas.

Os fuperlativos, de que entaõ mais ufo havia eraõ os compoftos, como: —— muito bem aventurado, —— muito excellente, —— mui letrado, —— muito alto Deos: —— que exprime o mefmo, que —— bem aventuradiffimo, —— excellentiffimo, —— doutiffimo, —— altiffimo Deos: —— do que fe achaõ exemplos a cada paffo em Fernaõ Lopes, e outros. Ufavaõ tambem de fuperlativos comparativos, como fe vê em Gomes Eannes, na Chronica de D. Joaõ I., pag. 137. *A mais fanta de todas as creaturas.* e a pag. 176 —— *Muito peor.*

Para fuprirem a falta dos fuperlativos de huma fó formula, ferviaõ-fe á maneira dos Hebreos da combinaçaõ dos dous termos indeterminados, que coftumaõ elevar o pofitivo a fuperlativo defte modo: —— *mui muito.* —— Como em Fernaõ Lopes fe obferva a pag. 199 da primeira parte da mencionada Chronica: —— Gente de pé *mui muita* fem conto: —— note-fe de caminho a redundancia de idéa no pleonafmo conftituido na fegunda claufula —— *fem conto*: —— eis-aqui verdadeiramente o que he eftylo diffufo.

Careciaõ de parte feminina os fubftantivos, ou por melhor dizer, adjectivos verbaes em *or*; como *ajudador*, *creador*, *morador*, *merecedor*, *regedor*, *tutor*, *vingador*, *fabedor*, &c.; o que fe nota em Fernaõ Lopes na mefma Chronica, part. 2.a, cap. 3., tratando dos privilegios, que ElRei D. Joaõ I. deo á Cidade de Lisboa pelos ferviços que ella lhe tinha feito. . . . . *Por a di-*

dignidade, que nos Deos deo, de que foi ajudador *a dita Cidade.* —— et ibi —— : . . . . . *porque vendo elle como a Cidade de Lisboa fora a verdadeira madre,* e creador, *destes jeitos, non satisfazia a seus dezejos os privilegios, e liberdades que lhe dado tinha, parecendolhe mui singello galardaõ em respeito do que era* merecedor. —— Na primeira part. pag. 390 : —— *E naõ somente deo dos bens delle, mas ainda de Maria Annes Leitoa sua manceba,* morador *em Lisboa, se achassem que fugira com elle.* —— A pag. 279 da part. II. —— . . . . . *pertencentes para governar as gentes delles (reinos)* moradores. —— Naõ só pelos Escritores daquella idade, mas ainda por alguns dos posteriores se prova o mesmo, como se colhe de Ruy de Pina em muitos lugares de que bastará sómente allegar hum exemplo por brevidade —— : . . . . . *E a entregou aa Yfante Dona Briatriz como* titor, *que era do Duque Dom Diogo seu filho.* —— A mesma falta se deve notar no vocabulo *Infante* quando significa filho de Rei; o qual termo he rigorosamente hum adjectivo que naõ tinha *Infanta* parte feminina como ao depois vêo a ter, e se comprova com o mesmo exemplo, que acabamos de referir, e de outros muitos naõ só dos allegados historiadores Fernaõ Lopes, e Gomes Eannes, que por frequentes, naõ transcrevemos; mas da maior parte dos Escritores do Seculo de 500. O mesmo se notava em alguns adjectivos patrios, que careciaõ de parte feminina, como em *Portuguez*, cujos exemplos por frequentes nos dispensaõ de allegar mais do que o que se segue, transcrito da mesma Chronica composta por Fernaõ Lopes a pag. 464 da segunda parte : . . . . . *ElRei chamou sua filha pera acerca de sy . . . . . e aquelle Monsieur Johaõ especial procurador para esto com graõ reverencia tomou a maõ della direita, e em linguagem* Portuguez . . . . . *disse estas seguintes razões* &c.

Carecia tambem de alguns adjectivos numeraes — ordinaes, como *duodecimo*, e *decimoitavo*, que exprimiaõ pelos seus cardinaes *doze*, e *dezoito*; como veremos nos seguintes exemplos extrahidos do prologo da terceira parte da mencionada Chronica continuada por Gomes Eannes de Azurara : —— *E no* doze *capitulo de Thobias se le* . . : . . *E por tanto em o* dezoito *capitulo de Sam Lucas se diz*, &c. —— He bem verdade, que se o numeral estivesse pospoito, nem se mostraria o erro de Lingua, nem se conheceria a falta, naõ havendo anticipada averiguaçaõ, que a verificasse.

Tambem parece, que naõ existia o collectivo numeral *mi-*

evi-

evidente da pouca variedade do eſtylo. (*a*) Contribuia para tudo iſto o máo uſo dos poſſeſſivos, conſtituindo

---

lhaõ; pois, além de me naõ lembrar de o ter jámais viſto em eſcritos daquelle tempo, o ſeguinte exemplo extrahido de Gomes Eannes de Azurara, pag. 281 da meſma Chronica aſſás o comprova: —— *Como poderamos ſaber a deſordenança d'ElRei Xerxes, quando elle com* mil, *e oitenta mil homens de armas, e com mil navios paſſou em Grecia.* —— Daqui ſe vê, que entaõ pelo numeral *mil* ſe exprimia *milhaõ*; como ſe deixa ver no primeiro *mil* da paſſagem tranſcrita: nem eu duvido, que naõ exiſtiſſe eſte collectivo; porque, além do pouco numerario, que entaõ circulava, o commercio, que foi quem deo talvez, e ampliou, auxiliado das Mathematicas puras, toda a extenſaõ diſcreta da computaçaõ numerica, naõ era a centeſima parte do que vêo a ſer depois dos deſcubrimentos, e da reſtauraçaõ das Artes na Europa. Inda meſmo nos Authores do Seculo de 500. naõ ſe acha o termo *milhaõ* applicado a moeda, que em ſeu lugar, quando fallavaõ do numerario, diziaõ *hum conto de ouro.*

Naõ tinha tambem o noſſo Idioma *iſſo*, *iſto*, *aquillo*, partes neutras dos pronomes demonſtrativos *elle*, *eſſe*, *eſte*, *aquelle*, a que ſuppria com *ello*, *eſſo*, *eſto* ou *aqueſto*, *aquello*; e poſto que bem ſupprido, ficáraõ mais ſuaves as terminações, que agora conſervaõ.

(*a*) Iſto ſe prova ſem muita difficuldade. A cada paſſo ſe vem nos eſcritos de Fernaõ Lopes, Gomes Eannes, e ainda meſmo em Ruy de Pina expreſſados unicamente por *ardideza* os vocabulos: —— Valor, valentia, intrepidez, e fortaleza: para exprimir —— attrocidade, crueldade, deshumanidade, inhumanidade: —— ſerviaõ-ſe de *crueza* taõ ſómente: exprimiaõ —— actividade, efficacia, inſtancia, teima, obſtinaçaõ: —— por *aficamento.* —— Adulaçaõ, lizonja: —— pelo termo *louvaminha.* —— Afronta, deſar, injuria, inſulto, ignominia, revez, ultrajo, opprobrio, ludibrio, vituperio: —— eraõ exprimidos pela voz *cajom*, *ou cajaõ.* —— Narraçaõ, relaçaõ: —— eraõ ſimpleſmente ſignificados pelos ſubſtantivos *conto*, *recontamento.* Eſplendor, reſplendor, luſtre: —— pelo vocabulo *reſplandimento.* —— Affrontar, injuriar, inſultar, vilipendiar, vituperar: —— por *doeſtar.* —— Pactear, capitular, render-ſe: —— por *preitejar.* —— Contar, calcular, ſommar: —— por *montar*, *eſmar*, e *apodar* que naõ deixaõ de ſer ſonoros, aos dous ultimos dos quaes

quaſi

quaſi ſempre pleonaſmos groſſeiros, que fazem a oraçaõ pezada: (*a*) a indiſcreta diſpoſiçaõ das conjuncções, cuja

póde com fundamento dar algum etymologiſta derivaçaõ Grega. —— Ardente, audaz, fervido, guerreiro, valoroſo, impavido, intrepido, afouto: —— por *ardido*, *cavaleiroſo*, e *fouto*. —— Penſativo, imaginativo, imaginario: —— por *cuidoſo*. —— Irado, colerico, agaſtado, melancolico: —— por *ſanhudo*. —— Apreſſado, veloz, ligeiro, rapido, arrebatado: —— por *trigoſo*. —— As formulas adverbiaes —— *de maneira*, *de modo*, *de ſorte*, *de arte*: quaſi ſempre eraõ exprimidas por *de guiſa*. E outras muitas, que por brevidade omittimos. Eſta falta de variedade ſe vê tambem na eſtructura do ſeu periodo, cuja diſpoſiçaõ, e andamento ſempre igual, e monotonico o faz pezado e faſtidioſo: o que naõ preciſo provar por ſerem frequentes os exemplos.

(*a*) Eſte vicio naõ ſó foi commum aos Eſcritores deſta idade, mas tambem paſſou a muitos do Seculo de Quinhentos, e ainda agora ſe vê nos melhores eſcritos de Heſpanha, quaes os de Cervantes, a pezar de ſer o mais elegante e harmonico de todos os Eſcritores Caſtelhanos, o que tambem ſe póde affirmar dos noſſos Authores, ainda dos mais modernos. Para maior clareza, e para que eſte vicio de todo ſe venha a emendar, apontaremos alguns exemplos. Na Chronica de D. Joaõ I. por Fernaõ Lopes, part. 1.ª pag. 155 —— ..... *dizendo que queria fallar com elles algumas couſas, que eraõ de ſeu proveito* delles. —— O poſſeſſivo *ſeu* diz relaçaõ ao pronome *elles*, por iſſo a clauſula derradeira *delles* he redundante e ocioſa; porque ſem ella fica a oraçaõ perfeita. Logo mais abaixo ſe vê outro poſſeſſivo vicioſo numa oraçaõ aſſaz exquizita, porque he ao meſmo tempo activa, e paſſiva: —— ..... *iſſo meſmo, que hajamos a meude novas de noſſos imigos, por nos deſviarmos de* ſeu *damno* delles: —— he activa a conſequencia da propoſiçaõ, conſiderando o termo *damno* producto da acçaõ activa da palavra *imigos*, a quem ſe refere a clauſula *delles*: e he paſſiva a reſpeito do pronome relativo *nós*, como objecto ſobre quem recahe a acçaõ do termo *damno*. Inda que eſte genero de conſtrucçaõ poſſa ter lugar algumas vezes, eu ſempre o evitára, porque he muito capaz de produzir anfibologia, e por conſequencia eſcuridade na oraçaõ, vicio de que todo o Eſcritor mais deve fugir. A pag. 207 da primeira parte: —— ..... *foram lhe dar novas da ſua vinda* delles. —— A pag. 254 ——

 fre-

frequencia fazia a oraçaõ languida e fria: (*a*) a combina-

.... *pelo hir eſpoſar com huma* ſua *filha de Gonçalo Gomes*: —— eis-aqui redunda o poſſeſſivo ſua, aſſim como nos ſeguintes exemplos. A pag. 377 —— .... *e* ſua *molher de Ayres Gonçalves eſtava com elle*, &c. —— A pag. 22 da ſegunda parte —— .... *Payo Rodrigues* ſeu *cunhado deſte Affonço Lourenço.* —— A pag. 29 —— .... *e* ſua *mulher de Ayres Gomes andava com as abas cheas de pedras pelo muro, dandoas aos que ſe defendiaõ.* —— Neſte lugar eſtá o poſſeſſivo fazendo as vezes de artigo: conſtrucçaõ na verdade bem eſtranha, e naõ digna de ſe imitar. A paginas 192 —— .... *e leixa dous alqueires a* ſeu *dono da mó.* —— A pag. 464 —— *Que ſe formoſura, e feições do corpo, e* ſua *graça deſſa Dona Beatriz contentaſſem a ſeus Embaixadores.* —— Eis-aqui outra vez o poſſeſſivo fazendo as vezes de artigo, aſſim como logo abaixo no ſeguinte lugar: —— *E acontecendo ſua morte delle primeiro*, &c. —— E a pag. 3 de Gomes Eannes de Azurara: —— .... *e diz que o fundador della foi* ſeu *neto de Noé.* —— He neceſſario grande cuidado no manejo dos poſſeſſivos: muitos Eſcritores de nota tem claudicado no eſtylo por falta de advertencia no uſo, que delles devem fazer.

(*a*) He certo que a frequencia, e a diſpoſiçaõ vicioſa das conjuncções prejudica muito ao eſtylo, fazendo-o frio, ſem vida, e ſem movimento. Naõ ſó Fernaõ Lopes, e Gomes Eannes de Azurara, mas todos os Eſcritores que depois delles vieraõ, ſem exceptuar Barros, Couto, e o meſmo Vieira, nenhuma, ou quaſi nenhuma attençaõ puzeraõ na diſtribuiçaõ das conjuncções: eſte defeito he commum a todos os Eſcritores de Heſpanha, e naõ he huma das menores cauſas, por que a proſa Caſtelhana, e Portugueza ſe naõ tenha moſtrado em tudo igual á proſa Franceza. Para ſe iſto fazer evidente, baſta que tranſcrevamos, e analyſemos hum ſó exemplo, ſem que preciſo ſeja produzir mais provas. No fim do Cap. 92 da mencionada Chronica de Fernaõ Lopes, part. 1.ª —— *Os de Evora* (*elegeraõ*) *Diogo Lopes Lobo, e João Fernandes da Arca, e Lopo Rodrigues Peſſanha, e aſſi outros, e começaraõ de lhe chamar Senhor.* —— Eſtas quatro conjuncções em periodo taõ limitado podiaõ-ſe muito bem reduzir a huma taõ ſómente, ſubſtituindo á penultima a prepoſiçaõ *com*, e ficando a derradeira conjuncçaõ, pela qual começa o membro final do periodo. Eſte vicio inda ſe faz mais ſenſivel em narraçaõ hiſtorica; porque eſta ſempre deve ſer rapida, nunca demorada, para ſe naõ embaraçar a intelligencia

çaõ

çaõ ocioſa de algumas vozes negativas: (*a*) a accepçaõ barbara de prepoſições tomadas como adverbios negativos: (*b*)

---

do que ſe expõe ao juizo do leitor; o que naõ ſó ſe ha de entender na eſcolha, e na diſpoſiçaõ dos factos que devem formar o corpo da hiſtoria; mas tambem na organizaçaõ mechanica da expreſſaõ; porque ſendo as conjuncções huma eſpecie de laços, embaraçaõ, pela nimia frequencia, o fio da narraçaõ, e produzem eſcuridade.

(*a*) Tambem ſe praticava hum notavel defeito de fraſe na conſtrucçaõ de algumas vozes negativas, como ſe vê em Fernaõ Lopes, part. 1.ª pag. 49 da dita Chronica: —— Nenhum nom *reſpondeo*: —— vicioſa redundancia conſtituida no monoſyllabo *naõ*: o meſmo ſe obſerva no ſeguinte exemplo: —— ibi. part. 2.ª, pag. 301 —— ..... *e aprouve a Deos* nenhum nom *morrer.* —— A pag. 341 —— *Jeſu Chriſto ..... no Evangelho diz, que do poſtrimeiro dia* nenhum nom *era ſabedor.* —— E em outros muitos lugares, que por brevidade naõ ſe apontaõ. Eſta uniaõ incongruente de vozes he huma eſpecie de contradicçaõ groſſeira, que desfigura notavelmente o eſtylo; mas a ignorancia daquella idade deſculpa eſte, e outros defeitos proprios da infancia das Linguas.

(*b*) Eſte he hum dos mais inſignes abſurdos, que desfigurava a Syntaxe Portugueza. Quem dirá que huma prepoſiçaõ toda Latina no ſom, e na regencia, a qual tanto naquelle Idioma como no Portuguez ſempre pedio hum ablativo, ainda meſmo quando na noſſa Lingua ſe ajunta a hum verbo em qualquer inflexaõ que ſeja do infinitivo; porque quando dizemos *Joaõ eſtava ſem fazer couſa alguma*: —— o reſto do inciſo, que eſtá depois da propoſiçaõ *ſem* he hum ablativo; porque eſta particula denota privaçaõ ao ſentido reſultante das vozes combinadas que depois della eſtaõ, e da qual por iſſo meſmo tem neceſſaria dependencia, pois que ella lhes dá tom, e valor: quem diria pois, que eſte monoſyllabo, que nunca perde a natureza de prepoſiçaõ no noſſo Idioma, havia de ſignificar huma negaçaõ affirmativa? Em fim a prepoſiçaõ *ſem* ſignificar *naõ* junto a hum gerundio de qualquer verbo activo, a hum pluſquam perfeito conjunctivo dos verbos ſubſtantivos *ſer*, e *eſtar* empregados na oraçaõ como preſentes infinitivos, ſó huma quantidade de exemplos o poderá demonſtrar, e fazer crer, que exiſtiſſe na noſſa Lingua huma corruptella, que naõ tem exemplo nas outras. Fernaõ Lopes na dita Chronica, part. 1.ª, pag. 149 ——

erros de generos: (*a*) verbos mal conjugados: (*b*) par-

..... *leixemos a ElRey daſſeſſego com todas ſuas gentes, até que venha ſua frota*, ſem *tendo por hora mais que contar delle.* —— A pag. 290 —— ..... *dando tal eſpanto no ſeu arrayal, que lhes parecia, que grande hoſte de gentes o perſeguia, de guiſa que fugirom todos*, ſem *curando de levar coiſa alguma.* —— A pag. 309 —— *Nuno Alvarez mandou emtaõ, que naõ combateſſem mais, ca poderiom perecer alguns*, ſem *podendo fazer couſa, que muyto aproveitaſſe.* —— A pag. 15, part. 2.ª —— *A eſto reſponderom todolos ..... que preſentes erom, dizendo, que de todo o que diſſera lhes prazia muyto, e que aſſi o entendiom de fazer* ſem *lhe declarando porém o Conde, que terra haviom de levar.* —— O meſmo ſe vê a pag. 243, 317, 455, 438 e em outros muitos lugares. Iſto quanto ao vicio de valer a prepoſiçaõ *ſem* naõ. Vamos agora aos exemplos do barbariſmo conſtituido nos gerundios, valendo eſtes hum preſente infinito. A pag. 51 da primeira parte da meſma Chronica: —— *E muytos dos que chegavaõ ao Meſtre ..... ſabendo parte de taes haveres ..... pediaõ que lhes fizeſſe delles merce, e elle .....* ſem *ſabendo ſe era muito ſe pouco, outorgava-lhes quanto pediaõ.* —— A pag. 62: —— ..... *e hum dia chamou ſeu filho*, ſem eſtando *hi outrem.* —— A pag. 100: —— *Outros do conſelho vendo como ElRey havia grande deſejo de entrar em Portugal*, ſem curando *dos trautos ..... louvavaõ tudo o que elle razoava, dizendo, que era muito bem de entrar logo em Portugal ſem* curando *de nenhumas avenças.* —— E a pag. 109, 135, 209, 257, 296, 309, Part. II. pag. 155, 286, 302 bis, 314, 344, 350, 353, 370, 388, &c.

(*a*) Os nomes Subſtantivos ſempre tiveraõ a indole, que as ſuas deſinencias lhes indicáraõ, com aquellas excepções, que lhe preſcreveo a neceſſidade proveniente de varias circunſtancias: por exemplo, os Subſtantivos em *a* na Lingua Portugueza foraõ ſempre do genero feminino, excepto, *apothema*, *diadema*, *epigramma*, *idioma*, *idiota*, *poema*, *ſyſtema*, *thema*, e outros, que ſaõ verdadeiramente Gregos. Neſta conformidade de analogia foi conſignado o genero feminino aos nomes em *agem*: como, *ancoragem*, *bagagem*, *carnagem*, *carriagem*, *coragem*, *equipagem*, *eſtalagem*, *fardagem*, *ferragem*, *hoſpedagem*, *imagem*, *linguagem*, *linhagem*, *matelotagem*, *paſſagem*, *perſonagem*, *portagem*, *tanoagem*, *ventagem*, *viagem*. Eſta norma vemos conſtantemente obſervada em todos os eſcritos, ainda

os

os mais antigos do Idioma Portuguez : mas o contrario se vio no termo *linhagem*, o qual contra o systema da Lingua fizeraõ os antigos do genero masculino , como se prova dos seguintes exemplos : Fernaõ Lopes part. I. , pag. 57, da sua tantas vezes allegada Chronica : —— *E nos posto que já fallassemos algumas cousas deste Nunalvarez , seus gloriosos feitos adiante escritos , convem que espertem perguntar alguns du veo* seu linhagem. —— Pag. 314 : —— *E outros honrados discipulos se chegáraõ depois a Nuno Alvares , para lhe ajudar a pregar este Evangelho Portuguez , cuja perseveraçaõ foy a elles , e a* seu linhagem *subir a grande honra , e accrescentamento.* —— Pag. 341 : —— ..... *porque filhos de homens de baixa condiçom , que nom compre dizer , por seu bom serviço , e trabalho neste tempo , foraõ feitos cavaleiros , chamandose logo de* novos linhagens , *e appelidos.* —— O mesmo se vê practicado a pag. 342 , 381 , 406 bis : part. II. pag. 26 , 213 bis , 263 , 273 , 281 , 282 , 305 , 375 , 377 , e em outros muitos lugares. O mesmo aconteceo ao substantivo *arvore*, que faziaõ do genero masculino ; mas neste póde haver desculpa , pois seguíraõ o genero , que trazia do Latim , assim como na Lingua Castelhana. Fernaõ Lopes na mesma Chronica , part. I. pag. 74 : —— *Pareceome que fostes taes com esse medo , que vos pozeraõ ..... como a raposa , que esteve ao pé* do arvor , &c. —— Até a terminaçaõ neste exemplo he Latina. Esta mesma corruptella seguíraõ alguns Escritores do Seculo de Quinhentos , taes como Francisco de Moraes author do *Palmeirim* ; mas com razaõ naõ foraõ seguidos : com tudo eu me admiro , como tambem nisto naõ tem sido imitados por tantos , e taõ supersticiosos adoradores dos Quinhentistas no nosso tempo ; mas inda naõ tardaõ á vista dos hediondos archaismos dos prologos de algumas edições modernas de escritos daquelle Seculo , especialmente do da Collecçaõ das obras do Bispo D. Antonio Pinheiro , e de todos os mais authores publicados pelo mesmo editor , que saõ huns verdadeiros monumentos de máo gosto , e barbaridade Gothica.

(*b*) Tambem nas conjugações dos verbos existiaõ erros consideraveis , como por exemplo : —— O verbo Substantivo *ser* , que faz *sou* na primeira pessoa do presente indicativo , fazia *sam* : defeito notavel de conjugaçaõ , que além de se apartar da norma natural , e legitima da declinaçaõ verbal naõ só no nosso Idioma , mas tambem em todas as Linguas sabias , que tem origem da Latina , causava equivocaçaõ formal com a ter-

terceira pessoa do plural do mesmo tempo, e com a parte masculina, e neutra do adjectivo *sam.* Esta corruptella durou até Bernardim Ribeiro, e ainda della usáraõ alguns Quinhentistas, ficando destinada para o estylo Comico, e della se servio Camões nas Comedias. Isto se prova por muitos exemplos em Fernaõ Lopes, part. I., pag. 138 bis, 170, 202: part. II., pag. 44, 85, 87, 177, 247. Gomes Eannes, pag. 71, 78, 120, 131, 134, 171, 274, &c. O verbo *sentir* fazia *sento* na primeira pessoa do presente indicativo, e posto que tambem se equivocasse no som com o collectivo numeral *cento*, parece que assim devêra ser, seguindo a norma da 2.ª, e 3.ª pessoa do mesmo tempo no singular, e da 3.ª do plural; mas nisto julgo que o gosto sacrificou a razaõ á harmonia, o que he, e foi sempre muito usual em todas as Linguas sabias. Gomes Eannes de Azurara, pag. 171: —— ..... *dizei-lhe que eu tenho provizaõ por agora que me baste para mim, e para minha frota, e que aquella* sento *que sera melhor pera elle.* —— A pag. 231: —— ..... *esto lhe invio dizer pela vontade boa, que lhe* sento *para semelhantes feitos.* —— Desta inflexaõ propria da Lingua Italiana, usáraõ alguns Quinhentistas, sem exceptuar o mesmo Camões que della se servio quasi sempre por necessidade de metro; como no Soneto 17, na Cançaõ 5 Estrofe 4, na Ecloga 15 Estança 18, na Esparsa 1, nas Redondilhas 17 Copla 1, na Volta 39 Copla 2. O mesmo se observa no seu composto *consentir*, que naõ fica conservando no significado correlaçaõ alguma com o seu simples. Fernaõ Lopes, part. II., pag. 465 ..... e assi *eu Monsieur Joaõ Voltesira ..... como procurador do dito Dom Thomaz Conde: e de mandado seu especial recebo a vos Dona Breatriz, em molher do dito meu senhor Dom Thomaz Conde, e em seu nome* consento, *e elle em sua pessoa consente em vos assi como em sua mulher:* —— ibi: —— ..... *e em elle por vos medianeiro por vos* consento *de vontade.* —— E logo depois: —— ..... *por vos em nome do dito Senhor Conde recebida, e assi* consento *aaquellas cousas.* —— O verbo considerar, que na primeira pessoa do presente indicante faz *considero*, fazia entaõ *consiro*, na qual formula se incluia mais de huma corruptella: Gomes Eannes de Azurara, pag. 171 ..... *pareceme que quando* consiro *nos feitos deste homem*, &c. —— Desta inflexaõ *consiro* se fez ao depois *considro*, que ainda existe na linguagem da plebe, e ultimamente *considero*, que he o mais culto, e o de que ao presente usamos. Tambem este mesmo verbo fazia *consire*

na

na primeira, e terceira peſſoa do preſente conjuntivo, de que naõ aponto exemplos por ſervir á brevidade, e por ſerem communs. O meſmo vemos no verbo *fazer* mal conjugado na terceira peſſoa do preſente indicante, principalmente, quando ſe lhe ſegue artigo relativo *a*, ou *o*; como atteſta Fernaõ Lopes na primeira parte da ſua Chronica, pag. 51. —— *O Meſtre diſſe que lhe parecia muito bem*, *e* fezeo *aſſi*. —— A pag. 103 —— Fezeo *aſſi Martim Affonço*, *e* trouveo *ſeguro*. —— A pag. 174. —— *O Commendador como prendeo Alvaro Coitado*, fezeo *ſaber a ElRey*. —— Na ſegunda parte, pag. 152, 209, 225, 241, 259, 302, 221, e em outros muitos lugares. Eſta corruptella inda agora exiſte no dialecto de alguns póvos da Provincia de Traz os Montes, eſpecialmente nos de Bragança, e ſeu termo. O meſmo ſuccedeo ao verbo *trazer* na terceira peſſoa do preſente indicante, como ſe vê no allegado exemplo: —— Fezeo *aſſi Martim Affonço e* trouveo *ſeguro*. —— E deſte naõ aponto mais exemplos por ſerem triviaes, naõ ſó nos eſcritos deſta idade, mas tambem nos do Seculo de Quinhentos, e ſe achar ainda hoje na fraſe commua dos noſſos Saloios. O meſmo devemos reparar no verbo neutro *jazer*, cuja conjugaçaõ era taõ anomala, e aſpera, que parece incrivel: Eſte verbo na primeira peſſoa do preſente indicativo fazia *jaço*: nas terceiras do preterito perfeito *jouve*, *jouveraõ*: no futuro *jaráõ*: no preſente conjunctivo *jaça*, *ças*, *ça*, &c.: no pluſquam perfeito *jouveſſe*; como ſe moſtra nos ſeguintes exemplos: Fernaõ Lopes part. I., pag. 150 —— ..... *E que* jouveraõ *ſobre Portalegre cinco dias*. —— Gomes Eannes pag. 36 —— ..... *e viraõ aos noſſos do Reyno do Algarve*, *que* jaraõ *em ſuas quintas deſſigurados*. —— Fernaõ Lopes, part. I. pag. 195 —— ..... *e chegaraõ á Cidade do Porto*, *onde* jaçaõ *hum pouco folgando*. —— a pag. 48 —— ..... *para que eu* jouveſſe *dormindo e me mataſſem*. —— E a pag. 177 da II. parte bis. Suſpendamos aqui a noſſa inveſtigaçaõ neſte ponto, nem ſerá preciſo eſgotar todas as materias grammaticaes que neſte eſcrito ſe offerecem ao noſſo exame, pois tudo quanto a eſte reſpeito tratamos he acceſſorio ao aſſumpto propoſto. Só nos reſta dizer, que poſto que notemos tantos defeitos nas conjugações dos verbos da noſſa antiga linguagem, devemos com tudo deſculpalos como incongruencias indiſpenſaveis á infancia do Idioma, o que ſe naõ póde dizer das que ainda ſe conſervaõ nelle ſobre eſte artigo, ſem que vejamos fazer a menor tentativa

ti-

ticipios mal conſtruidos, (*a*) mal derivados: (*b*) col-

---

pelas emendar: e ſe naõ digaõ-me a razaõ por que *farto*, *pago*, *livre*, *morto*, *gaſto* devem ſer ſupinos dos verbos *fartar*, *pagar*, *livrar*, *gaſtar*, *matar*; e naõ *fartado*, *pagado*, *livrado*, *matado*, *gaſtado* na voz paſſiva? Se me dizem, que o uſo *Quem penes arbitrium eſt, et jus et norma loquendi*, o authoriza, e approva; eu naõ me poſſo capacitar, que o uſo dos doutos authorizaſſe taõ palpaveis defeitos, como o de privar de voz paſſiva a eſtes verbos, conſtituindo, ſem neceſſidade, huma anomalia indeſculpavel. Que o uſo fundado na razaõ ſeja arbitro ſoberano em materia de Lingua, concedo, e tenho, que eſte he, e deve ſer o ſentido genuino das palavras de Horacio: mas fique por hora aqui eſta queſtaõ, que eſpero diſcutir expreſſamente, quando ſe me offerecer opportunidade.

(*a*) Notaveis defeitos ſe obſervaõ na conſtrucçaõ dos participios; por exemplo: Fernaõ Lopes a pag. 140 da primeira parte da ſua Chronica diz: —— *Ora aſſi foi que eſte frade neſta embaixada era muito amigo e* conhecente *daquelle Judeo Dom David Negro.* —— *Conhecente* ſendo participio do preſente, eſtá como participio do preterito, por conſequencia mal conſtruido; mas oxalá todas as corruptellas foſſem deſta qualidade, porque ao menos ella he ſonora, e naõ produz obſcuridade na oraçaõ. O meſmo ſe deve julgar do participio do preſente *parecente* a pag. 22 da ſegunda parte: —— *Ayres Gomes havia formoſo, e bem* parecente *corpo.* —— que eſtá por *parecido* participio do preterito; e no lugar em que eſtá he erro, porque denota ſentido abſolutamente paſſado, como ſe moſtra com mais evidencia, abreviando o periodo deſte modo: *Ayres Gomes era já velho, e em moço teve corpo bem* parecente. A pag. 122 da primeira parte diz o meſmo Fernaõ Lopes: —— *O Meſtre em quem naõ fallecia, mas antes era em elle* avondoſa *diſcriçaõ* —— e a pag. 338, part. II. —— *ElRey mandou a elle Dom Fernaõ Rodriguez, e pero foſſe peſſoa notavel, e* avondoſo *de muyta razom.* —— Eis-aqui eſtá neſtes dous exemplos *avondoſo* participio do preterito, devendo ſer abundante, participio do preſente. O meſmo ſe vê no uſo que Gomes Eannes fez de *veneroſo*, pag. 144 deſte modo: *Amava muito a* veneroſa *caſtidade. Venoroſo* participio do preterito do verbo *venerar* eſtá por *venerando* participio do futuro, e outros deſta natureza, que, como já diſſe, naõ me deſagradaõ, poſto que mal conſtruidos.

(*b*) Eſta corruptella de participios mal derivados, naõ he muito lo-

locações eſtranhas, que conſtituindo hyperbatos enormes

ſignificante. Segundo a natureza e analogia das conjugações dos noſſos verbos, aquelles cuja deſinencia no preſente infinito acabaõ em *er* devem fazer o participio do preterito em *ido*: digo participio do preterito, porque a noſſa Lingua naõ tem formula conſagrada ao ſupino, aſſim como a Latina; e por iſſo o noſſo participio do preterito naõ ſe ha de formar do ſupino, como no Latim, ſegundo crê o commum dos Grammaticos, poſto que verdadeiramente a raiz da formaçaõ do ſupino Latino ſeja o participio do preterito, porque he propriamente o ſeu accuſativo, e ablativo: a razaõ aſſim o perſuade, pois que o continente he quem dá norma ao conteudo, e naõ eſte áquelle. Saõ logo mal derivados os participios ſeguintes:

Conteudo.	- - - - - - - - -	Contido.
Creudo.	- - - - - - - - -	Crido.
Deteudo.	- - - - - - - - -	Detido.
Deſpezo.	- - - - - - - - -	Deſpendido.
Defezo.	- - - - - - - - -	Defendido.
Eſcolheito.	- - - - - - - - -	Eſcolhido.
Manteudo.	- - - - - - - - -	Mantido.
Miſterioſo.	- - - - - - - - -	Preciſado.
Reteudo.	- - - - - - - - -	Retido.
Sabudo.	- - - - - - - - -	Sabido.
Teudo.	- - - - - - - - -	Obrigado, ou Tido.
Veneroſo.	- - - - - - - - -	Venerando.

Deſtas derivações erroneas naſcem alguns inconvenientes, quaes ſaõ deſinencias pouco ſonoras, como as em *udo*: ſignificações torcidas, e que naõ tem muitas vezes analogia com o que ſe quer exprimir, como ſe vê no participio *miſterioſo*, que parece abſolutamente derivado de myſterio, que ſignifica *ſegredo*: ora que affinidade tem a ſignificaçaõ de *neceſſitado* com a do adjectivo *miſterioſo* convertido erradamente em participio? Eſte adjectivo de que os antigos ſe ſerviraõ como participio de *miſter* verbo defectivo, que raramente deixa de exprimir ſentido futuro, e nunca ſe conſtrue, ſem hum auxiliar, devêra ſer *miſteroſo*, conſervando a figurativa da raiz da ſua formaçaõ; e ſe naõ agradaſſe por pouco ſonoro, fizeſſem *meneſteroſo* á Caſtelhana, e ficava vencida a difficuldade; mas porque naõ agradáraõ talvez eſtas inflexões, ficou o participio *miſterioſo* de todo obſoleto,

faziaõ o periodo eſcuro, e barbaro: (*a*) deſinencias aſpe-

---

e ſupprido por dous participios de verbos regulares *preciſado*, *neceſſitado*. Porém deſtas incongruencias, naõ ſó havia na lingua antiga, mas tambem na moderna, como vemos nos verbos *fazer*, *desfazer*, *contrafazer*, que fazem *feito*, *desfeito*, *contrafeito*, e naõ *fazido*, *desfazido*, *contrafazido*, exceptuando *eſcorreito* participio do verbo *eſcorrer* combinado com o adjectivo *ſaõ*, por ſer mais harmonioſa a formula *ſaõ e eſcorreito*, que *ſaõ e eſcorrido*. Mas taes anomalias ſaõ de todas as Linguas. Tambem aqui vemos *veneroſo*, que ſendo participio do futuro, tem deſinencia de participio do preterito. Aqui me occorre fazer huma breve reflexaõ a reſpeito do que diz Duarte Nunes de Leaõ, que no ſeu Livro da *Origem da Lingua Portugueza* affirma, que o noſſo Idioma naõ tem participios do futuro: no que manifeſtamente ſe enganou; porque naõ ſó tem participios do futuro activos, mas tambem paſſivos, e todos exiſtentes na noſſa Linguagem muito antes delle exiſtir, os quaes ainda agora, excepto o primeiro que ſe ſegue, ſaõ do maior uſo; a ſaber: o antigo *cumpridouro*, *futuro* participio do verbo ſubſtantivo, *vindouro*, os quaes dous ultimos ficáraõ conſervando a terminaçaõ, que tinhaõ no Latim, e *merecedor*. Havia tambem *abominando*, *caſadoura*, *eſtupendo*, *execrando*, *furibundo*, *horrendo*, *infando*, *iracundo*, *miſerando*, *moribundo*, *nefando*, *oriundo*, *pudibundo*, *reverendo*, *ſitibundo*, *tremebundo*, *tremendo*, *venerando*, e outros de que tanto ſe aproveitou Camões, que trouxe quaſi todos do Latim para o Portuguez, dos quaes tanto nos ſervimos agora eſpecialmente na Poeſia; poſto que alguns naõ andem empregados em ſignificaçaõ futura, como *furibundo*, *horrendo*, *iracundo*, *oriundo*, *pudibundo*, *e ſitibundo*.

(*a*) Eſtas inversões foraõ mais uſadas dos antigos Eſcritores, porque como ſe achavaõ na infancia da Lingua, que por falta de bons eſcritos ſe moſtrava ſem caracter, ſe ſerviaõ dellas na ſuppoſiçaõ, que viriaõ a ſer taõ acceitas na Lingua Portugueza, como já entaõ eraõ na Italiana, onde ficáraõ permanecendo. Mas o goſto foi pondo em eſquecimento eſtes hyperbatos, e adaptando ás palavras a ordem natural do diſcurſo, fez que a elegancia, e a clareza fixaſſem o caracter ao noſſo Idioma. Para provar iſto, naõ ha preciſaõ de apontar exemplos, ſabendo-ſe, que Fernaõ Lopes, e Gomes Eannes de Azurara nolos offerecem com frequencia, e que dos Quinhentiſtas os que mais evitáraõ eſta para nós vicioſa diſpoſiçaõ na proſa, e

ras, (*a*) além de outros muitos vicios de elocuçaõ, que offuſcavaõ o reſplendor de algumas bellezas nativas, que

---

imprimíraõ neſta o caracter, que ficou conſervando foraõ: Sá de Miranda, o grande Joaõ de Barros, Diogo de Couto, e Fernaõ Mendes Pinto: ultimamente o Orador Vieira a elevou á maior perfeiçaõ, purgando-a de todos os defeitos, que mais ſenſivelmente a desfiguravaõ.

(*a*) Todas as Linguas na ſua infancia tem aſſaz de deſinencias aſperas: com muita mais razaõ as havia de ter a Lingua Portugueza, pois tendo Portugal ſido ſubjugado por tantas naçóes barbaras, forçoſamente havia de ficar o Idioma chêo de muitos ſons aſperos, e deſinencias Gothicas, que o Goſto foi pouco e pouco abolindo e mitigando, de que inda conſerva naõ poucas reliquias. Sirvaõ-nos de exemplo as ſeguintes dicçóes; que apontára mais, ſe me naõ tivera já demorado em outras inveſtigaçóes, e a natureza do eſcrito m'o permittíra:

Ancoraçom.	- - - - - - - -	Ancoragem.
Caſtellaõ.	- - - - - - - -	Caſtelhano.
Eſturiaõ.	- - - - - - - -	Aſturiano.
Egypciaõ.	- - - - - - - -	Egypciano.
Romaõ.	- - - - - - - -	Romano.
Companhaõ.	- - - - - - - -	Companheiro.
Deſvairaçom.	- - - - - - - -	Variedade.
Diſputaçom.	- - - - - - - -	Diſputa.
Deſafiaçom.	- - - - - - - -	Deſafio.
Difamaçom.	- - - - - - - -	Maledicencia.
Excuſaçom.	- - - - - - - -	Deſculpa, eſcuſa.
Igualaçom.	- - - - - - - -	Igualdade.
Livridom.	- - - - - - - -	Livramento.
Barregan.	- - - - - - - -	Meretriz.
Creudo.	- - - - - - - -	Crido.
Deteudo, Teudo.	- - - - -	Detido, Tido.
Proveudo.	- - - - - - - -	Provido.
Manteudo.	- - - - - - - -	Mantido.
Reteudo.	- - - - - - - -	Retido.
Sabudo.	- - - - - - - -	Sabido.
Sanhudo.	- - - - - - - -	Irado.
Trom.	- - - - - - - -	Bombarda.
Orizaõ.	- - - - - - - -	Horizonte.
Sandeo.	- - - - - - - -	Tonto.

 já

já de longe annunciavaõ aquella feliz difpofiçaõ de graças naturaes, (*a*) com que fe moftrou a Lingua Portugueza

Increo.	- - - - - - - - -	Incredulo.
Adur.	- - - - - - - - -	Apenas.
Adu.	- - - - - - - - -	Donde.
V.	- - - - - - - - -	Onde.

Conheço com tudo, que algumas deftas defínencias, que naõ approvo, concorriaõ para variar as harmonias na compofiçaõ, porque nem todas as dicções devem fer igualmente doces, e harmonicas; e a fello; iffo mefmo era hum inconveniente, pois que de palavras mais e menos fonoras, mais e menos fuaves fe organiza o periodo harmonico, e fe varía mefmo effa harmonia, que fem efta condiçaõ fubfiftiría no difcurfo huma infupportavel naufea. Com tudo, fempre devemos notar, naõ fó o grande número de fons rudes e diffonantes na antiga Linguagem; mas tambem o de fyllabas furdas, que defterravaõ a harmonia do periodo; porque fendo ella hum compofto de diverfas melodias, a combinaçaõ dellas produz a harmonia de cada periodo, que formando hum corpo extenfo pela uniaõ de outros muitos periodos, conftitue a totalidade da harmonia continua, que em toda a compofiçaõ fe deve moftrar, fegundo a fua qualidade. Eftes fons afperos e furdos foi defterrando a Poefia, mas naõ deixaõ de fubfiftir ainda muitos, como os em *aõ* cuja multiplicidade dá bem que fazer a quem conhece, que todo o eftylo deve ter número proprio do feu genero. Mas efte número, efta harmonia continua, em que confifte? Que preceitos nos indicaõ as fuas qualidades, decencias, e variedades? Em que efcritos fe achaõ confignados? Quaes faõ os modellos, que fe nos propõe? Qual he a divifaõ que o bom gofto faz deffes modellos para tirar hum refultado verdadeiro, e nos dar huma idéa da harmonia da profa? Eu nada vejo na Litteratura Portugueza fobre efte affumpto, que requer efcrito particular, onde hum author filifofo derrame todas as luzes que o máo gofto, e a ignorancia tem offufcado; porque o que anda efcrito fobre efta materia num pequeno volume impreffo ha 5 annos, naõ fatisfaz, nem conduz o genio ao verdadeiro conhecimento da mais fubtil e delicada parte da elegancia, que nunca póde fer calculada, nem conhecida, fenaõ por quem for muito inftruido, muito exercitado na compofiçaõ, e guiado pelas luzes da mais fevera e pura Dialetica.

(*a*) Bafta a fimples leitura dos dous, tantas vezes allegados

nas

nas elegantes pennas de hum Barros, de hum immortal Camões.

---

historiadores Fernaõ Lopes, e Gomes Eannes de Azurara para dar huma prova cabal desta verdade. No mêo de tantas corruptellas, de tantas incongruencias, e defeitos se está mostrando a cada passo aquelle espirito, aquella magestade taõ natural á Lingua Portugueza, aquella flexibilidade para todos os argumentos, aquella perspicuidade, aquella harmonia, que tanto, e taõ altamente a fazem recommendavel nos escritos de huma serie de Authores dignos do mais distincto apreço. As seguintes passagens, e elegancias do Sermaõ prégado por Fr. Rodrigo de Cintra em acçaõ de graças pelo alevantamento do sitio, que ElRei de Castella havia posto sobre Lisboa, referido, e analysado por Fernaõ Lopes na Chronica d'ElRei D. Joaõ I., part. 1.a cap. 151 nos dispensa de mais investigações sobre este ponto: —— *Paray mentes, e abri os olhos de vossos corações, esguarday como vierom dias em estes Reynos, e specialmente sobre esta Cidade, em que seus imigos a cercarom, e a pozerom em grande angustia, e por nossos peccados Portugal contra Portugal peleja, ficando tam pouca parte delle, que quasi nú, e desemparado perece todo, assi que toda a maldade em este tempo de grandes trevas em humas, e nas outras teve, e tem corrupta entençom.* —— Qual he o orador da nossa idade que executa pinturas taõ energicas, e fortes? Naõ se apresenta aqui com toda a sua dignidade a Poesia da prosa, que taõ desfigurada vemos agora, que mais move a riso, que a edificaçaõ? Naõ se deviza já nesta passagem aquella magestade de expressaõ, que tanto resplandece nos mais bellos Sermões do Orador Vieira? Qual he a prosa moderna, onde tantas idéas se vêm, tanta correcçaõ, tanto calor e movimento? Portugal nú, e desamparado exhalando a vida será nesta passagem pintura menos expressa, menos viva, do que seria nos traços de hum Graõ Vasco, ou de hum Francisco Vieira? Apresentaria o primeiro hum colorido mais forte? debuxaria o segundo feições mais expressivas? Tudo o que se segue está exposto com muita congruencia, e a pintura do Rei rasgando os vestidos, apparecendo o cilicio sobre a carne, está saltando aos olhos: os affectos estaõ muito bem excitados: he notavel a audacia poetica, com que pinta o Anjo de Deos, ferindo e exterminando o exercito de Senacherib: —— *Contou da Cidade de Hierusalem como fora cercada por Senacherib Rey de Syria, sendo estonce Ezechias Rey della, e como tendoa assi cer-*

DO

DO SÁ DE MIRANDA.

NEste eſtado ſe achava a Lingua Portugueza, quando o famoſo Sá de Miranda entrou a florecer com ſeus eſcritos. Eſte Filoſofo Poeta, rompendo por mil

cada, querendoſe Deos amercear della, ferira o Anjo de Deos huma morte no arraial, *e matara cento, e oitenta e cinco mil delles, e fugira ElRey ſómente com dez homens com gram temor, e eſpanto, que houve.* —— Continúa pois o meſmo orador: —— *Ora, ſegundo eſta Cidade eſtava attribulada, e ardendo a fógos de ſua gram tribulaçam ..... diſſe o muy alto Rei celeſtial, Padre dos grandes, e Deos de toda a conſolaçaõ no conſiſtorio de ſua ſabedoria.* —— Depois de empregar muitas, e mui bellas elegancias, continua: —— ..... *atá que Deos percudio no ſeu primogenito filho ..... entom ſeu duro coraçom com eſpanto da triſte morte ſe partio, e deſcercou eſta Cidade, da qual couſa Deos com noſco fez muy grande miſericordia.* —— E depois de empregar outras muitas bellezas de elocuçaõ, diz: —— *E aſſi ha de accontecer a ElRey de Caſtella, que ſe elle tornar a eſte Reyno com a tençam que leva, Deos lhe matará tantos dos ſeus primogenitos ..... que nunca mais haverá vontade de tornar a eſta terra.* —— Vejaõ a ſimplicidade com que annuncia o ſeguinte penſamento, cuja ſublimidade ſe faz recommendavel por ſi ſó, e moſtra que a expreſſaõ ſegue o conceito: —— *Elle* (*Rey de Caſtella*) *poem ſua eſperança em multidam de muita gente para nos deſtruir, ſem porque, e nós eſperamos em hum ſó Deos, que nos livrará de ſuas mãos.* —— *cheguemonos a Deos ..... cantemos ao Senhor cantar novo.* —— Veja-ſe neſta traducçaõ a candura do original. O epilogo he hum excellente raſgo de eloquencia: eu o tranſcrevo, ſem que me demore em mais analyſe. *Bento ſejas tu, muy Alto Deos, Princepe dos Reys da terra, doce ſolaz dos attribulados, e muytas graças te damos, que nos quizeſte ouvir, e do favo da tua doçura deſtilaſte ſobre nós a tam grande miſericordia, abreviando os dias da noſſa tribulaçom, que naõ foſſem mais prolongados, que ſe mais tempo duráram, fora grande dúvida de o podermos ſoportar. Ati bem digam, e louvem todas as creaturas, e nós louvemos, e benzamos o teu ſancto nome para ſempre.* —— Eſte orador, pelo que vemos, naõ era do

obſta-

obſtaculos, que lhe oppunha hum Idioma pouco ou nada acoſtumado a operações poeticas, ſem modellos, ſem guia

---

vulgo dos prégadores mercenarios, e ſem genio, cuja loquella van nunca poderá fazer o effeito, que Fernaõ Lopes diz que fizera a eloquencia do orador *Cintra*, que de tal modo moveo os ouvintes, que ſe desfaziaõ em lagrimas. Mover he o fim da eloquencia: logo que ſe move, perſuade-ſe; eſte he o ſeu triunfo. Na pintura que faz eſte hiſtoriador das miſerias, que paſſava o povo de Lisboa no grande aſſedio que lhe poz ElRei de Caſtella em peſſoa, moſtra quanto a Lingua Portugueza era já capaz para o pathetico. No famoſo arrazoado, que nas Cortes de Coimbra fez Joaõ das Regras a favor do Meſtre de Aviz, ſe conhece de quanta vehemencia viria a ſer capaz no genero deliberativo: Na multiplicidade de pinturas bellicas, e funebres ſe patentêa a propriedade que viria a ter para traçar os grandes accontecimentos, e cataſtrofes, que tanto ſe avultáraõ nas narrações dos famoſos hiſtoriadores Barros, e Couto: A ſingelleza de muitos troços de dialogos, como o de Alvaro Paes, venerando Magiſtrado da Camera de Lisboa com o Meſtre de Aviz; o de Alvaro Vaſques de Goes com o meſmo, quando ſe quiz hir para Inglaterra; o de Diogo Lopes, e Joaõ Fernandes Pacheco ſeu filho com ElRei D. Joaõ I., quando eſtava para ſe romper a batalha de Aljubarrota; o de Eſtevaõ Rodrigues na tomada de Ponte de Lima, e outros muitos de que eſtá ſemeada eſta veneranda hiſtoria, moſtraõ a grande e natural propenſaõ, que o Idioma já naquelle tempo tinha para o eſtylo medio, e humilde na compoſiçaõ dramatica. A fraſe com que deſcreve a batalha de Aljubarrota, a dos Atoleiros, a de Valverde, e outras indica a propriedade, que havia de ter para o terrivel nos raſgos immortaes de hum Camões, de hum Ferreira, de hum Gabriel Pereira de Caſtro. Naõ fallo já no ſem número de elegancias eſparzidas por toda a obra, das quaes ſe póde inferir e conhecer a futura belleza do Idioma em todo o genero de compoſiçaõ, e os ſaes Atticos de que era capaz; como por exemplo: a pag. 397 da ſegunda parte da dita Chronica: —— *Fallando o Doutor Pero Sanchez ...., começou taõ longe ſeu raſoado, como os que prégam da Vera Cruz*, e vam buſcar á bocca de Adam aquelle páo de que foi feita. —— Adelgaçar deſpezas. —— Part. 1.ª pag. 312 —— ..... *aſſi o Meſtre ..... enviou Nuno Alvarez, e ſeus companheiros* a prégar pelo Reyno o Evangelho Portuguez. —— E a pag. 314 —— *E outros honrados* mais

mais do que o exemplo dos metros Italianos, domando a rudeza da frase, e adaptando-a a infinitas combinações

---

discipulos se chegarom depois a Nuno Alvares para lhe ajudar a prégar este Evangelho Portuguez. —— A pag. 341 —— ..... *fazemos aqui a septima idade, na qual parece* se levantou outro novo mundo, *e nova geraçaõ de gentes.* —— O mesmo se percebe em Gomes Eannes de Azurara, naõ obstante ser a sua narraçaõ muito declamatoria, e ter hum estylo assaz carregado, e menos conciso, que Fernaõ Lopes. Saõ dignas de reparo as seguintes elegancias, que nelle se achaõ, fora outras muitas, que por brevidade omitto. No prologo —— ..... *toda a boa doaçam* ..... *de cima descende do* Padre dos lumes, *que sobre esto* esparge os rayos da sua bondade. A pag. 8. —— ..... *aquelles dous principios, que sam escritos* na primeira taboa pelo dedo de Deos. —— A pag. 19 —— *grosso engenho.* —— pag. 71 —— *dizendo que vírom* outro melhor mundo: —— que he a mesma de Fernaõ Lopes, que nesta nota já fica transcripta. Veja-se que arrôjo de imaginaçaõ naõ he a seguinte passagem a pag. 112. —— *Naõ sei se falle aqui como Gentio, mas por certo eu penso, que os ossos dos finados desejavam ser vestidos em carne onde estavam gastados em suas sepulturas, para serem companheiros de seus filhos, e parentes no ajuntamento daquelle feito, e direitamente podemos dizer, que se os vivos tinham ledice; que as almas daquelles, que por resplendor divinal sabiam a verdade desto, se alegravam muyto mais.* Naõ ha dúvida que este enthusiasmo lá he incompetente; pois que, se na prosa deve ter lugar, só deve ser no genero demonstrativo; mas todo o estylo deve ser animado, e defeito por defeito, seja o que mais agrada: passo tambem a macula de inchaçaõ que se nota nas palavras, —— *que por resplendor divinal sabiam a verdade desto,* —— que deixará de ser defeito se *resplendor* significar, como certamente significa neste lugar, *illustraçaõ*: isso naõ obstante, naõ deixa de ser hum rasgo sublime, posto em seu lugar. Estes Escritores naõ deixáraõ de pôr todos os mêos para enriquecer o Idioma, ajudados do favor dos Principes sabios, que entaõ havia, como o Infante D. Henrique, e o Infante D. Pedro, que pelas suas grandes virtudes, e sabedoria deve ser tido, como já dissemos, pelo maior heróe da Naçaõ Portugueza. Enriquecêraõ pois a Lingua tirando muitas vozes, e frases naõ só da Latina, Grega, e Italiana, mas até mesmo da Franceza, como attestaõ as seguintes passagens. Davaõ em primeiro lugar terminaçaõ plural

har-

harmonicas, estabeleceo novas leis ás cesuras metricas, e determinou a harmonia da Lingua na Poesia Portugueza. Apartando-se pois do uso commum, que entaõ superstíciosamente se fazia do verso octonario, fixou os accentos do hendecasyllabo inda pouco ou quasi desconhecido, e mostrou, que este devia fazer o principal fundamento da nossa harmonia metrica; e com razaõ: porque notando nas palavras do Idioma Portuguez o mesmo compasso, a mesma distribuiçaõ de vogaes e consoantes, a mesma e igual melodia, que na Lingua Italiana, colligio, que a harmonia total da Portugueza devia ser a mesma, e que o hendecasyllabo devia ser o metro principal da nossa Poesia, assim como o era da Toscana havia mais de dous Seculos, e já entrava a sello na Castelhana pelas tentativas, que hiaõ fazendo Boscan, e Garcilasso. Foi Sá de Miranda quem trouxe para a nossa Poesia o verso septenario totalmente desusado dos versificadores Portuguezes,

---

aos participios, que se unem aos auxiliares nos preteritos definitos, e indefinitos do indicativo, o que ao depois vêo a ficar em terminaçaõ singular, rejeitando a formula da expressaõ Franceza, a saber: —— *O mestre lhe confirmou, e fez doaçaõ ..... de todalas Villas, e Lugares, e Castellos, que os Reys haviam* dados *ao Conde Dom Alvaro Pirez seu padre.* —— Fernaõ Lopes, part. 1.ª, pag. 384 —— e a pag. 5 da 2.ª part. —— *Consirando os grandes serviços que ..... a Cidade de Lisboa* ha feitos *a estes Reynos*: —— e ahi mesmo: —— *promettendo, e jurando (ElRey) ..... de lhe guardar (á Cidade de Lisboa) todalas graças, e privilegios, que lhe* dados *havia.* —— A pag. 110 —— *O' Deos porque te aprougue leixar hum Rey taõ só e tam desemparado de tantos, e boons como hey* perdidos? —— A pag. 411 —— ..... *Vistos os boons serviços, que* feitos *aviam.* —— Pag. 167, part. 1.ª —— *grande manhãa.* —— Pag. 183 —— *grande madrugada.* —— Pag. 174 —— *grande noite.* —— A palavra *foro* adverbio significava *muito*; he propriamente o Francez *fort*, como se vê no seguinte exemplo a pag. 261. —— *que esta nova, e grande guerra, naõ se havia de partir por avença e preitezia, mas por* foro *espargimento de sangue.* —— *Sujeitos* por *vassallos* se póde ver a pag. 7 da 2.ª part., e o

e o primeiro que moſtrou, que naõ podia haver combinaçaõ mais harmonica, e legitima na Poeſia lyrica do que a deſte com o hendecaſyllabo: a cauſa he, porque a pauſa, ou accentuaçaõ metrica, onde ſe eſtriba a principal harmonia n'um e noutro verſo, eſtá na ſexta ſyllaba, e como cadencia local, que faz o centro da ſua harmonia, tem a meſma diſtancia, e quaſi ſempre o meſmo andamento n'um que noutro, por iſſo conſervaõ entre ſi a maior, e mais parecida conſonancia: o meſmo ſe vê no quinario, guardadas as ſuas relações harmonicas.

O Soneto introduzido na Poeſia Portugueza pelo famoſo Infante D. Pedro de Alfarroubeira, Poeta inſigne, o Principe mais ſabio do ſeu tempo, e o maior homem da Naçaõ Portugueza, foi pelo Sá de Miranda aperfeiçoado, e eſtabelecido da maneira, que ao preſente o vemos. Elle nos enſinou a eſtructura da Cançaõ, da Oitava rima, do Terceto; e poſto que o ſabio Manoel de Fa-

---

a pag. 328, e 329. No uſo dos adverbios juntos por extenſo, como tambem fazem os Italianos, ſegundo ſe vê a pag. 202 part. 2.ª —— *Outro ſy que todos, e cada hum vaſſallo ..... poſſam* livremente, e ſeguramente *ir de hum Reyno para outro.* —— Gomes Eannes no prologo: —— *Todo poſſante Deos.* —— pag. 79. —— *Remercer* por agradecer, a pag. 79. —— E*nſembra* junto, Fernaõ Lopes, part. 2.ª, pag. 466 na Carta do Arcebiſpo de Braga ao Abbade de Alcobaça. Todas eſtas elegancias, e vozes ſaõ meramente Francezas, e naõ ſe achaõ apontadas por Duarte Nunes de Leaõ, que no ſeu Livro da *Origem da Lingua Portugueza* relata hum grande eſcholio. Naõ ſó a communicaçaõ de muitos Francezes, que a eſte Reino vieraõ com o Conde D. Henrique foi cauſa deſtas imitações, mas tambem a liçaõ dos Livros de Cavallarias, que entaõ eraõ em grande moda, e naſciaõ muitos delles em França; como ſe collige tambem do Cap. 194 da Chronica de ElRei D. Affonſo V. de Ruy de Pinna, onde ſe acha, que hindo o meſmo Rei viſitar a Abbadia de S. Bento na Cidade de Burges em França, o Abbade da dita lhe moſtrou hum mui rico, e antigo livro da hiſtoria de Lançarote do Lago, e de Triſtaõ, perſonagens famoſas nos Livros de Cavallarias.

ria e Sousa affirme, e prove, que muito antes do Poeta Miranda já entre nós existia o hendecasyllabo, e a oitava rima; com tudo estavaõ taõ pouco determinados, que naõ havia norma alguma positiva na construcçaõ accentual do primeiro, nem na disposiçaõ das simulcadencias do segundo, e por isso naõ eraõ usados; nem os ouvidos se podiaõ familiarizar com aquella harmonia, que entaõ conservavaõ por ser estranha, e repugnante á melodia do Idioma, e ao gosto da Naçaõ: isto quanto ao instrumento.

Qualidades da sua imitaçaõ.

A imitaçaõ deste sabio Poeta he pela maior parte hycastica; se nella vemos o grutesco da Poesia, sem disfarce, muitas vezes sem alinho, e quasi sempre com as maculas nativas; tambem observamos a natureza com todas as suas propriedades, sem mais ornamento, que o da sua propria simplicidade. Se os seus rasgos naõ tem aquella vivacidade, aquella audacia, com que se annuncia hum grande Poeta; tem ao menos hum andamento sabio, e modesto, mas hum tanto agitado, que exhalando de quando em quando resplendores, naõ cega, naõ abraza; antes illumina, alegra, vivifica, e se adapta á vista debil do leitor pouco instruido: *Serpit humi tutus nimium.* Naõ por abatimento, e pobreza de ingenho, que assás era elevado e magestoso; mas por se proporcionar á capacidade dos leitores pouco acostumados á liçaõ de escritos sublimes naquelles tempos, e á natureza da Lingua inda pobre de vozes, e translações audaces: por isso este deveria ser o primeiro Poeta, por onde houvessem de principiar seus estudos aquelles que pertendem iniciar-se nos mysterios da Poesia vulgar. As suas côres saõ communmente mais fortes, que suaves; mais conducentes para exprimir verdades, e devem ser consideradas como huma triaga de espirito: por isso vemos que a Poesia de imagem, e de sentimento naõ eraõ tanto da sua paixaõ, como aquella que falla ao juizo, que o purga dos máos

habitos, que o illuſtra, que o educa, que o firma. He digna de ponderaçaõ a nobre, e generoſa liberdade, com que, ſem attender a reſpeitos mundanos, fulminava os abuſos inveterados, e dignos da mais ſevera correcçaõ. Quem naõ paſſaria nos noſſos tempos por acutiſſimo maledico, ſe aſſim, como elle, diſſeſſe:

Mas eu vejo cá na Aldêa
Nos enterros abaſtados,
Muito padre que paſſêa,
Em fim ventre e bolça chêa
Abſoltos de ſeus peccados.

Se ſe haõ de reconciliar
Huns c'os outros tem ſeu trato,
Baſtalhes ſó acenar,
Naõ nos cuſta taõ barato
Ao tempo de confeſſar.

A ſua expreſſaõ reſumida, mas chêa de força, e clareza, offerece quaſi igual número de idéas, que de palavras; e pinta com tanta vivacidade o faceto, e o ridiculo, que as ſuas alluſões facilmente ſe patenteaõ á intelligencia menos aguda: por iſſo julgo, que de todos os Poetas Portuguezes, eſte ſeria o mais capaz de ſer hum La Fontaine. Sendo pois o caracter do ſeu eſtylo conciſaõ, e perſpicuidade, vejamos as bellezas com que augmentou a Lingua Portugueza.

Da ſua elocuçaõ.

A elocuçaõ ou he ſimples, ou compoſta: ou he propria do Idioma, ou imitada. Elocuçaõ ſimples chamo eu aquella, que exprimindo idéas ſimplices naõ offerece mais que o ſentido primario das ſuas vozes. Elocuçaõ compoſta he aquella, que havendo de expôr idéas complexas, que ou ſe deſenvolvem expreſſas, ou ſe occultaõ enfaticas, recebe diverſas modificações, e fórma a expreſſaõ figurada, que imita no ideal, e no material: no ideal, quando vai buſcar diverſo ſentido do que por ſi meſmo repreſenta: no material, quando por falta do Idioma, ou por elegancia adopta vozes, clauſulas, ou fraſes de huma Lingua eſtranha, com quem tenha mais

af-

affinidade. Destas ultimas circumstancias procede commummente a riqueza dos Idiomas, especialmente, quando a agitaçaõ da fantazia se eleva a tal ponto de sublimidade, que as idéas se avultaõ, e as expressões nascem: combinaõ-se aquellas, formaõ hum todo magestoso, a quem as expressões daõ fórma, e vida. Estes effeitos acompanhaõ sempre a imitaçaõ fantastica, fonte do sublime, que pede o maior esforço da fantazia humana; e como tal, vejamos primeiramente como o nosso Sá de Miranda se exprimio: que methodo seguio na sua enunciaçaõ fantastica: como deduzio da expressaõ simples a expressaõ composta: como imitou no ideal, e no material, isto he, no conceito, e na frase: e como finalmente enriqueceo nesta parte a Lingua Portugueza.

Como se exprimio no Sublime.

A essencia do sublime consiste no pensamento: a frase he a sua fórma, ou o seu accidente. A certeza, a evidencia deste principio sempre manifesta á intelligencia do sabio Miranda o obrigou a seguillo constantemente na sua composiçaõ, onde sempre a frase he filha do conceito. Por exemplo: — O rogo de hum Principe he mando. — O sublime desta idéa he visivel: eis-aqui como elle a exprime no primeiro Soneto:

A Principe tamanho, cujo rogo,
E mais aos seus, inda he mais que mandar.

Vê-se nesta passagem, que á simplicidade do pensamento corresponde a da frase chêa de enfase, e despida de vozes estrondosas. A idéa, que constitue a consequencia desta premissa, he grande; e com que nobre simplicidade, naõ está ella annunciada nos seguintes hendecasyllabos!

Que posso eu al fazer senaõ passar
Pela agua, pelo ferro, e pelo fogo?

A pu-

A pureza de elocuçaõ he evidente nesta passagem. He evidente a congruencia grammatical com que todas as frases de que se compõe todo o quarteto se achaõ organizadas e dispostas : e na congerie do quarto verso já se vai vendo emendado o antigo vicio da copulaçaõ das conjunções , cuja frequencia em semelhantes circumstancias faz o estylo insuportavelmente debil e frio.

O favor que os Princepes daõ ás Artes , e Sciencias fallos immortaes; *porque o louvor , e a fama , que das letras recebem , sempre existem , e as estatuas perecem.* Estas tres proposições tambem deduzidas , e taõ filhas da mais pura Dialetica , exprime o nosso Filosofo nos seguintes versos do segundo Soneto :

Dar favor aos engenhos , e a toda a arte
Das boas , faz os Reis aqui immortaes
Por fama , e passando inda avante mais
Huns faz Deozes de todo , outros em parte.
A' guerra leva o mór Scipiaõ comsigo
As Musas brandas de seu natural ,
Que assi sem armas saõ d'altas ajudas :
Ellas nos contaõ do bom tempo antigo :
Cahíraõ as estatuas de metal ;
Que al se póde esperar de cousas mudas ?

A amplificaçaõ do quarteto , consignada no terceiro e quarto verso do mesmo , he simples e bella , tanto no pensamento , como na expressaõ , posto que claudique na harmonia , defeito , que devemos perdoar a hum Sabio , que fundou a nossa Poesia , cuja harmonia , excepto no verso octonario , inda naõ se achava determinada. — As victorias , e os triunfos nada saõ , sem o auxilio das letras : — idéa sublime incluida no derradeiro terceto com simplicidade propria da penuria da Lingua naquelle tempo. Naõ me demoro em examinar as idéas accessorias destes lugares , porque eu mais vou expondo neste artigo a natureza em geral da composiçaõ deste Padre da Poesia Por-

Portugueza, do que compondo hum commentario. Efte genero de expreffaõ fublime, efta elegancia, efta pureza era ignorada em Portugal até ao tempo defte Poeta da razaõ. Vamos obfervar maiores novidades de expreffaõ abfolutamente incognita no noffo Idioma: vejamos como elle adoptou, e fez proprias da Lingua Portugueza tantas, e taõ bellas formulas da Poefia Latina, e Italiana nas feguintes paffagens da Cançaõ a noffa Senhora imitada do Petrarca:

Virgem toda fem magoa, inteira, e pura,
Sem fombra, nem daquella culpa herdada
Por todos nos, te o fim defde o começo;
Claridade do Sol nunca turbada.
Sanctiffima, e perfeita criatura
Ante quem de mim fujo e me aborreço.

Grandes idéas, e optimas elegancias; bello colorido, e muito enfafe; muita concifaõ, e linguagem puriffima conftituem o merecimento defta paffagem. A palavra *magoa* no primeiro verfo fignifica *macula*, fegundo a fua energia na antiga linguagem, como adiante exporemos com mais miudeza. *Claridade do Sol, nunca turbada.* — pintura defenhada com gentileza e liberalidade. — *Ante quem de mim fujo, e me aborreço.* — Imagem ideal de abftracçaõ metafyfica expreffada com laconifmo de grande magifterio.

Virgem, feguro porto, amparo, e abrigo
A's mores tempeftades: ah! que tinha
Aos ventos efta vida encomendada,
Sem olhar ja a que parte hia, ou vinha
Defcuidado de mim, e do perigo,
Surdo aos confelhos, tudo tendo em nada.
Naõ vos feja em defprezo efta coitada
Alma, que ante vos vem
C'os receos, que tem
De imigos grandes mal ameaçada.

As

As elegancias do primeiro verſo, e parte do ſegundo, taõ repetidas depois por todos os noſſos Poetas, foraõ pela primeira vez imitadas da Poeſia Latina, e Grega, e introduzidas na Lingua Portugueza pelo Sá de Miranda com inſigne liberalidade.

Vejamos outras elegancias que eſte notavel Poeta extrahio da Poeſia antiga, com que accreſcentou o noſſo Idioma.

Virgem do mar Eſtrella, e neſte lago,
E neſta noite hum faro, que nos guia
Para o porto, antes claro, e certo norte:
Quem ſem vos atinar, quem poderia
Abrir ſómente os olhos vendo o eſtrago
Que atraz olhando deixa feito a morte.

Toda a Poeſia deſtes verſos he de imagem, chêa de calor, e movimento.

Na Eſtrofe VI. ſe vê a ſeguinte paſſagem bem notavel pela ſua candidiſſima elegancia:

Na voſſa alta bondade ſe venceo
O ſoberbo Tyranno,
Que com inveja, e engano
Nos fez tam perigoſa, e longa guerra.

He couſa digna de admiraçaõ achar-ſe naquelles tempos dicçaõ de taõ puro Atticiſmo. Naõ he facil acharſe proſa anterior ao Sá de Miranda eſcrita com pureza igual á das paſſagens tranſcritas, nem ainda á das mais leves ninharias das compoſições deſte ſabio.

Virgem de Sol veſtida, e dos ſeus raios
Claros envolta toda, e das Eſtrellas
Coroada, e debaixo os pés a Lua.

Bella, e viviſſima pintura chêa da mais brilhante ſu-

ſublimidade, toda grande, toda ſantaſtica. As elegancias ſaõ do Apocalypſe; e grande parte das deſte, e dos mais poemas, que tem a aſſumptos ſagrados, ſaõ tiradas dos Profetas, cuja linguagem dá muita gravidade ao eſtylo, e he o que ſe deve ſeguir neſte genero de argumentos.

Virgem, horto precioſo, alto, e defeſo,
Rico ramo do tronco de Jeſſé,
Que floreceo tam milagroſamente:
Cuſtodia precioſiſſima da Fé,
Que vos tiveſtes ſó de todo o pezo,
Tendo hum e outro Sol ſua luz auſente.

Eis-aqui mais elegancias: eis-aqui apparece pela primeira vez o ſuperlativo de huma ſó fórma taõ proprio do eſtylo ſublime: digo pela primeira vez, e com juſto motivo, como acima deixo provado; porque dos tres ſuperlativos, que em todo o grande volume da Chronica de D. Joaõ I. por Fernaõ Lopes, e Gomes Eannes de Azurara, ſe encontraõ huns ſaõ meros idiotiſmos eſtrangeiros de peças traduzidas, outros ſaõ enxeridos pelo editor mais de 200 annos depois: o meſmo ſe deve ajuizar de outros tres, que ſe achaõ nas duas Chronicas de D. Duarte, e D. Affonſo V. compoſtas por Ruy de Pina; e quando aſſim naõ foſſe, nunca a eſte ſe deve attribuir a gloria de introductor do ſuperlativo, porque além das ditas ſuas Chronicas ficarem ineditas, ellas foraõ naturalmente compoſtas pelos meſmos tempos em que o Sá de Miranda eſcrevia, cujas obras he veroſimil, que pela brevidade, e attractivo da Poeſia ſe fizeſſem, como fizeraõ, mais vulgares, e celebres do que as ditas hiſtorias, de quem por extenſas, e menos intereſſantes ninguem copia. De ſorte que com toda a razaõ podemos affirmar, que o Poeta Miranda foi o primeiro, que enriqueceo o Idioma com o ſuperlativo Latino de huma ſó fórma, no que lhe fez notavel ſerviço, communicando-lhe huma nova perfeiçaõ, augmentada depois com outras mais de diverſa deſinencia pelo grande Camões.

. . . . Virgem,
Certa Porta do Céo, dos valles Lyrio,
Que nunca teve, nem terá igual,
Dada por fó remedio a noffos damnos,
Contra os demonios fejam meridianos,
Sejam de noite efcura.

Bello, e mui digno fublime de hum tal affumpto. Todas eftas elegancias, que tanto refplendecem na linguagem dos Profetas, faõ novas no Idioma daquelle tempo, cuja riqueza vifivelmente fe augmentou com os efcritos defte illuftre Poeta. He notavel a elegancia — *Demonios meridianos* — tirada do Pfalmifta, fobre a qual fez o celebre Mattei huma fapientiffima differtaçaõ na fua immortal Parafrafe dos Pfalmos, onde defenvolve a mais exquifita erudiçaõ, taõ nova, como propria do feu admiravel engenho, e profunda fabedoria.

Finalmente, poema fagrado mais elegante e culto do que efte, naõ fe encontra em toda a Poefia Caftelhana, e Portugueza, naõ digo até ao tempo do Sá de Miranda, mas ainda até ao noffo, exceptuando fempre a inimitavel Parafrafe do Cantico de Daniel compofta pelo divino Camões. Do artificio em geral, e em particular defte poema diremos n'outro lugar mais largamente.

Paffemos a tratar em breve refumo da norma, que feguio na enunciaçaõ fublime.

Methodo, que obfervou na expreffaõ fublime.

O penfamento fempre mereceo a efte Poeta mais attençaõ do que a frafe. Commummente eftende no principio huma propofiçaõ fimples, e della vai deduzindo grandes idéas com artificio, como fe moftra do feguinte exemplo na Elegia á morte do Principe D. Joaõ.

O Prin-

O Principe D. Joaõ de Portugal
He morto. Oiçao a grande natureza
Que nolo dera em moſtras de immortal.
Como pode cahir tanta grandeza ?
Como poderom os peccados tanto ,
Que alcança a perda a toda a redondeza ?

Da propoſiçaõ ſimples , que termina na clauſula do ſegundo verſo — he morto : — extrahio cinco propoſições ſublimes , com ſua eſpecie de gradaçaõ , e deſte modo vai eſtendendo o diſcurſo , extrahindo conceitos com tal diſcriçaõ , que poſſo com certeza aſſegurar , que neſta parte , a mais eſſencial do diſcurſo , he o mais diſtincto dos noſſos Poetas. Dizer muito em pouco foi ſempre da ſua maior paixaõ , como ſe póde ver na ſeguinte paſſagem da primeira Carta , na qual elle meſmo affirma , que punha mais cuidado no conceito , que no eſtylo.

Ora eu que reſpeito havendo
Ao tempo mais , que ao eſtylo ,
Irei fugindo ao que intendo ,
Farei como os caens do Nilo
Que correm , e vam bebendo.

A ſua Poeſia tem grande enfaſe , e faz penſar muito , como ſe manifeſta da copla acima tranſcrita.

A Poeſia de imagem , naõ lhe agradou tanto , como aquella que ſe dirige ao eſpirito ; naõ porque elle naõ foſſe muito bom pintor , mas porque preferia ſempre o util ao agradavel , de maneira , que nos ſeus eſcritos he onde ſe encontraõ menos ninharias poeticas , de que ao preſente nos vemos inundados. A inſtrucçaõ em fim era a que mais attractivos lhe offerecia ; e com razaõ : ella ſempre foi o principal objecto dos Poetas ſabios. Em todas as ſuas Cartas , ou por melhor dizer , em todas as ſuas obras reſpira eſta taõ util , como amavel

propriedade : para mais evidencia difto mefmo, e para prova do feu grande laconifmo, apontarei hum, ou dous lugares da mefma Carta a ElRei D. Joaõ III., copla 23.

Homem de hum fó parecer
De hum fo rofto, huma fo fe,
De antes quebrar, que torcer,
(Elle tudo pode fer)
Mas de Corte homem nam he.

Saõ mais as idéas, que as palavras : ifto fe vê com muita frequencia nefte genero de Poefia, em que o Poeta Miranda fe confagrou eterno oraculo da Naçaõ Portugueza, e de toda a Hefpanha. Copla 56.

Que eu vejo nos povoados
Muitos dos falteadores
Com nome, e roftro de honrados
Andar quentes, e forrados
Das pelles dos lavradores.

Póde haver pintura mais energica, mais chêa de verdade, mais fimplefmente annunciada, mas que neffa mefma fimplicidade apprefente tantas, e taõ amaveis graças de eftylo, tanta harmonia, tanto atticifmo, e tanta pureza ? Que nobre liberdade a com que pinta efte virtuofo Poeta a hum grande Rei tantos defeitos moraes, que continuamente trabalhaõ por illudir as boas intençõés de hum Principe jufto! Em fim efte poema he o maior monumento de liberdade filofofica, que fe encontra na Litteratura Portugueza, e tanto nas idéas, como na frafe tem tal merecimento, que nem nos antigos, nem nos modernos fe acha obra defte genero, que a exceda, a qual deve fer tida por huma daquellas obras fublimes, que enriquecem o Idioma, illuftraõ a Naçaõ, e augmentaõ a fua gloria.

Co-

Como da expressaõ simples deduzio a expressaõ composta.

Acima fica apontado, que o methodo deste Poeta na sua composiçaõ era subir das idéas simplices ás complexas: o mesmo observou na expressaõ. Exemplo. No principio da mesma Elegia á morte do Principe D. Joaõ diz:

O Principe D. Joam de Portugal
He morto. . . . .

Desta expressaõ taõ simples, que he mera prosa, deduz a expressaõ composta pelo corpo do poema, porque se vê logo depois a mesma proposiçaõ expressada em frase composta da maneira seguinte.

Aquelle real corpo bem nascido
Intendimento muito mais que humano
Subitamente desaparecido.

A primeira frase annuncia huma idéa collectiva, como succede em quasi todas as expressões simplices; nella se indica tacitamente a separaçaõ que faz o espirito do corpo na occasiaõ de morrer: na destes tres versos se exprime claramente isso mesmo com hum attributo de mais, denotando tambem idéa collectiva.

Vaãmente os olhos buscam aquella nobre
Aquella só real mostra em verdade,
Que escurissima nuvem nola encobre.

Eis-aqui outra modificaçaõ da mesma proposiçaõ: idéa, e frase composta, incluida no segundo, e terceiro verso.

Aquella mais perfeita creatura
Que nunca entre nós houve; ah grave dor!
Meteste-a em huma negra sepultura.

Ou-

Outra modificaçaõ acompanhada de huma idéa acceſſoria, que exprime amplificaçaõ, mas naſcida do meſmo aſſumpto, para excitar o pathético:

Aquelle entre os naſcidos das mulheres,
Principe ſancto, foiſe ao ſeu lugar
Voſſos nadas deixou. . . . .

Outro genero de modificaçaõ de fraſe, que amplia a idéa do primeiro, e parte do ſegundo verſo, com hum attributo collectivo, indicando no reſto o fim, e o motivo do apartamento do Principe, expoſtos com evidencia poſitiva nas ſeguintes clauſulas:

Por juſtiſſima lei . . . .
. . . . paſſou a melhor vida.

Vejamos pois como elle amplia eſta propoſiçaõ no ſeguinte Soneto feito á morte de ſua mulher, que he certamente hum dos melhores, que ha deſte genero na Lingua Portugueza:

Aquelle eſprito ja tambem pagado
Como elle merecia claro, e puro
Deixou de boa vontade o valle eſcuro,
De tudo o que ca vio como anojado.

Bem lançado quarteto, digno de Camões no poetico, e no harmonioſo. He elegante a metonymia conſtituida na palavra *eſprito* do primeiro verſo, e notavel a pureza do participio *pagado*, que a cultura, ou ignorancia moderna tem deſterrado do noſſo Idioma, empregado deſte modo ſem auxiliar, ſubſtituindo a huma formula legitima e ſonora, outra que nenhuma deſtas qualidades tem. Em parte do primeiro, e ſegundo verſo eſtá incluida huma idéa intermediaria, ou ſubalterna da propoſiçaõ geral, que termina no terceiro verſo, que ſe faz notavel pela di-

dignidade da frafe, cujas translações, fendo huns dos mais notaveis ornamentos da elocuçaõ poetica, formaõ nefte lugar huma pintura chêa de propriedade, e energia, e augmentaõ a maffa da mais brilhante riqueza do Idioma: No quarto verfo fe exprime huma caufal da propofiçaõ geral com menos refplendor, mas com fumma gravidade. No fegundo, e terceiro verfo já fe divifa huma aurora da bella, da prodigiofa elegancia do divino Camões: nelles apparecem com affaz de evidencia a audacia do feu pincel, a força do feu colorido, a fua maneira, e fuavidade.

Como imitou no ideal, e no material, ifto he, no conceito, e na frafe.

A fua imitaçaõ fempre fe chega á natureza na concepçaõ do total da pintura que intenta executar: mas na invençaõ, e difpofiçaõ das partes conceituaes opéra com liberdade propria de hum fabio engenho, já collocando a feu arbitrio, já ampliando, já refumindo o conceito, que imita: ora extenfo na frafe, ora laconico, conforme a natureza, e as circumftancias da compofiçaõ, traça, combina, e fórma hum todo racional, como fe obferva na bella Cançaõ a noffa Senhora, que imitou do Petrarca: e como já tratamos da fua imitaçaõ em geral, vamos agora comparando por partes o artificio della no ideal, e no material, para defte modo entrarmos no inteiro conhecimento do methodo, que feguio na fua imitaçaõ, indo ao mefmo paffo defcubrindo as graças de que enriqueceo o Idioma.

A Cançaõ 108 do Petrarca he das mais excellentes compofições que ha nefte genero: o feu caracter no ideal he fublimidade, e no material elegancia. Eftas mefmas qualidades formaõ o caracter da do noffo Sá de Miranda, que até lhe deo o mefmo número de eftrofes, e verfos, a mefma difpofiçaõ metrica, e fimulcadente, começando, affim como elle, cada huma daquellas eftrofes pela pala-

vra Virgem. Em tudo o mais imitou com liberalidade de Poeta ſabio. Eis-aqui como principia a mencionada Cançaõ do Poeta Italiano:

Vergine bella che di ſol veſtita
Coronata di ſtelle al ſommo Sole
Piaceſte sì che in te ſua luce aſcoſe:
Amor mi ſpinge a dir di te parole.

Mageſtoſa Poeſia na verdade, pinturas dignas do pincel de hum taõ grande Meſtre, do primeiro Poeta, que eſcreveo com correcçaõ, e decencia em Lingua vulgar na Europa. A Poeſia deſtes verſos he toda de imagem: vejamos a imitaçaõ.

Virgem formoſa que achaſtes a graça
Perdida antes por Eva. . . . .

Eſta imitaçaõ he meſquinha á viſta do original no que toca á fraſe, e por iſſo naõ tem tanto merecimento; mas a reſpeito do penſamento he muito boa, porque unindo huma idéa material com outra intellectual, faz huma combinaçaõ picturefca, que naõ deixa de merecer louvor. — *Virgem formoſa* — he a pintura fyſica, ou material: — *que achaſtes a graça* — he a metafyſica ou intellectual, onde ſe acha em certo modo reſumida a de Petrarca. Adiante fallaremos da imitaçaõ de eſtylo, que o Poeta Miranda fez deſta paſſagem expreſſamente, aſſim como tambem das ceſuras cadenciaes do hendecaſyllabo Portuguez acima tranſcrito. E continua:

. . . . onde naõ chega
O fraco intendimento, chega a Fé.

Imitaçaõ remota do ſeguinte conceito do Poeta Italiano na Eſtrofe V.

Ove'l

Ove'l fallo abondò, la grazia abonda.

Segue-ſe logo huma pintura ideal, propria do genio do noſſo Poeta, e naõ imitada, depois da qual eſtaõ os ſeguintes verſos:

Por piedade a vos venho, e por merce,
Vos que nos deſtes claro a tanto eſcuro,
Remedio a tanta mingua,
Me dareis lingua, e coraçaõ ſeguro.

Imitados deſtes de Petrarca:

Ma non ſò incominciar ſenza tu'aita.
Vergine, ſe a mercede
Miſeria extrema de l'humane coſe
Giammai ti volſe, al mio prego t'inchina;
Soccorri la mia guerra. &c.

A eſte ultimo verſo correſponde — *Remedio a tanta mingua.* — O Sá de Miranda vai ſempre ſeguindo a ſua maneira, por ſe conformar á Lingua, e ao Leitor, como já fica dito, e por iſſo eſta imagem he menos poetica, que a Italiana.

Eſtrofe II.

Virgem, toda ſem magoa inteira, e pura.

Bello verſo, e bella harmonia: he melhor, que o ſeguinte de Petrarca, que imitou:

Vergine pura, d'ogni parte intera.

Advirta-ſe, que *magoa* naõ eſtá aqui na ſignificaçaõ translata em que ſe toma agora; mas ſim na ſua primitiva energia *macula*, que veio a perder; de ſorte que do Latino *macula*, que adoptámos para o noſſo Idioma, derivámos *magoa*, *mancha*, *malha*, e tambem *mazella*,

que parece (como he) diminutivo. Paſſados mais dous verſos de bello conceito, eſtá a belliſſima e nova elegancia — *Claridade do Sol* — imitada de *di Sol veſtita*, que Petrarca trasladou do Apocalypſe: mas que digo? a do noſſo Sá he toda original: a do Poeta Italiano exprime acçaõ paſſiva; a do noſſo pinta acçaõ activa, operações differentes, e oppoſtas. Na pintura do Petrarca, o ſugeito he dependente, como quem recebe do Sol o ſeu ornamento: na do Sá de Miranda naõ tem dependencia alguma, antes he manancial de quem o meſmo Sol recebe todo o ſeu reſplendor; pelo que fica a expreſſaõ mais decente, e digna da mageſtade de hum taõ venerando aſſumpto. As abſtracções deſte genero ſaõ verdadeiras fontes do ſublime.

E a quem por vós chamou ſempre a mam deſte.

Eſte he o derradeiro verſo deſta eſtrofe digna do meſmo Petrarca: eis-aqui o lugar donde foi imitado:

Invoco lei, che ben ſempre riſpoſe
Chi la chiamò con fede.

Paſſagem aſſaz inferior á do noſſo Poeta, que a excede tanto na viveza da pintura, como no laconiſmo, com que ſe acha annunciada.

Eſtrofe III.

Virgem, ſeguro porto, amparo, e abrigo
A's mores tempeſtades. . . . .

Que bem poetica pintura! A metafôra he quem dá copia, e elegancia aos Idiomas; vejaõ, como as deſta eſtrofe ſaõ admiraveis, e proprias pelo enfatico, e pela ſemelhança. Obſerve-ſe de caminho a nova linguagem, que da penna deſte filoſofo Poeta hia naſcendo. Taes expreſ-

ſões

ſões fazem-ſe mais dignas de admiraçaõ a quem ſabe pela leitura, e pela obſervaçaõ o que era a Lingua Portugueza antes que o Sá de Miranda floreceſſe. Eſta imagem aſſemelha-ſe a outra de Petrarca tambem maravilhoſa, a qual he a que ſe ſegue:

Ó ſaldo eſcudo de l'afflitte genti
Contra colpi di morte, e di fortuna.

Neſte ramo eſtá o verſo, que ſe ſegue:

Aos ventos eſta vida encomendada.

Que he imitado do ſeguinte lugar de Horacio na Ode 3. do Liv. 1.

Navis, quae tibi creditum
Debes Virgilium. . . . .

Lugar que tambem foi imitado do Ferreira na Ode 6. do Liv. 1. deſte modo:

Que meu Irmaõ . . . .
. . . . Que como encomendado
A tí deves. . . . .

Que outros noſſos Poetas imitáraõ, e todos muito mal, porque tambem o original Latino naõ he recommendavel.

Eſtrofe IV.

Eſta eſtrofe he toda imitada da ſexta do meſmo poema de Petrarca com ſingular liberalidade, frizando todas as idéas ao penſar Portuguez, e proporcionando as fraſes ao genio da Lingua. Vamos por partes:

Virgem do mar Eſtrella, e neſte lago,
E neſta noite hum faro, que nos guia
Para o porto, antes claro, e certo Norte.

Petrarca.

Vergine . . . .
Di questo tempestuoso mar Stella,
D'ogni fedel nocchier fidata guida.

A pintura do nosso Poeta he mais circumstanciada nas idéas, e consideravelmente mais poetica, e menos vulgar na Poesia: por exemplo: — Virgem do mar Estrella — Nesta pintura a palavra *mar* conserva mais propriedade, sem o accidente, que se mostra na passagem Italiana. A metonymia constituida no termo *lago* he grave, he decente, e naõ trivial. Na outra metonymia em *noite*, nas metáforas em *faro*, em *porto*, e em *norte* acho mais vivacidade poetica do que no texto Italiano, que nos offerece mais harmonia, que propriedade, e sem ser nova, naõ se mostra variada a frase, que no derradeiro verso repete o mesmo epitheto duas vezes.

Quem me daria proa com que corte
Por taõ brava tormenta:
Por toda a parte venta,
De toda espanta o tempo fêo, e forte.

Petrarca.

Pon menti in che terribile procella
Io mi ritrovo sol, senza governo.

Esta pintura he resumida, e para incutir terror he necessario supprir-se com a reflexaõ: nobre e excellente qualidade de imitaçaõ! A do nosso Poeta he de outro genero. Ella amplia o pensamento de Petrarca; ella nos mostra, ou por melhor dizer, nos transporta ao lugar da scena, onde, juntamente com a náo, nos vemos agitados no furor da tempestade: ella ajunta circumstancias, que pinta os horrores da mesma com bastante energia. *De toda a parte venta* — circumstancia terrivel expressada em Portuguez puro, e simples. — De toda a parte espanta — eis-aqui o fim da pintura excitar o terrivel que incute *o tem-*

tempo fêo , e forte. Esta imitaçaõ he de bello artificio; naõ dá trabalho ao Leitor, porque retrata todas as circumstancias da tormenta: as elegancias saõ cultissimas, e poeticas, sem constrangimento. A metonymia em *prôa*, a metáfora em *córte*, e em *brava*, além de serem translações mui Portuguezas, saõ de notavel belleza: o mesmo devemos affirmar das elegancias incluidas nos dous versos, que se seguem: o tempo personizado com os dous adjectivos *fêo*, e *forte*, he pintura assaz expressiva.

Mas tudo que será sem vossa ajuda?
    Nevoa da alagoa
Que ao vento voa, e num momento a muda.

Boa interrogaçaõ, e bella resposta, onde se inclue huma elegante comparaçaõ. A ultima clausula desta passagem, naõ está pura, porque lhe falta a particula *se* para ficar o verbo legitimamente na inflexaõ, que tem, para ser reciproco, e ficar a oraçaõ grammatical: aliás, para salvar esta incorrecçaõ, será preciso supprir por ellipse o agente *vento* por si, ou por hum relativo: mas estas construcções naõ saõ proprias da nossa Syntaxe. Huns taes defeitos saõ dignos de indulgencia, quando se achaõ equilibrados de muitas bellezas: *Cum plura nitent in carmine, cur ego paucis offendar maculis.*

Estrofe V.

Quasi toda esta estrofe está organizada de pensamentos allusivos a passagens dos Livros Sagrados assaz conhecidas, que lhe deraõ occasiaõ para introduzir no nosso Idioma novas elegancias.

Porta que Esechiel cerrada via
A' parte que responde ao Oriente.

Pintura boa, mas que se naõ faz recommendavel pela
ele-

elegancia, como a ſeguinte do Poeta Italiano, que elle imitou:

Ó feneſtra del Ciel lucente, e altiera.

Em tudo o mais he boa eſtrofe, chêa, como já diſſe de elegancias tiradas dos Profetas, e — *Orvalho celeſtial* — he belliſſima, e nova no Idioma.

Eſtrofe VI.

O que neſte ramo ſe acha imitado do Poeta Italiano he o ſeguinte lugar:

Vos madre, e filha, vos eſpoſa ſois
Daquelle, que apertado ao peito tem
Voſſos braços. . . . .

Petrarca.

Madre figliuola, eſpoſa,
Vergine glorioſa.

Nem huma, nem outra paſſagem nada tem de recommendavel, nem o conceito lhes dava lugar a ſerem brilhantes na expreſſaõ.

Eſtrofe VII.

Eſta Eſtrofe he imitada de outra do Petrarca, no total, digo, da diſpoſiçaõ das idéas, mas naõ no eſtylo, que ſó no primeiro verſo ſe aſſemelha da maneira ſeguinte:

Virgem, noſſa eſperança, hum alto poço
De vivas aguas, que contino correm,
Em que ſe mataõ para ſempre as ſedes.

Deſte meſmo modo começa Petrarca:

Vergine, in cui hó tuta mia eſperanza.

A pin-

A pintura do nosso Poeta he nobre, e tecida de elegancias tambem tiradas dos Livros Sanctos: comtudo, se o pincel de Camões, desenhasse igual pintura, pôria *fonte* em lugar de poço, *manaõ*, em lugar de *correm*, que naõ tem gravidade, nem harmonia: mas nem o genio, nem os tempos eraõ os mesmos. — *Naõ de Nembrot, mas de David a torre.* — Elegancias das Escripturas, que vieraõ a ser taõ repetidas nos nossos Livros de devoçaõ, que ninguem ha, que as naõ conheça.

Estrofe VIII.

Os tres primeiros versos saõ tecidos de elegancias copiadas do Cap. 12 do Apocalypse: e contém a mesma pintura, com que Petrarca começa o seu poema:

Vergine bella, che di Sol vestita
Coronata di stelle. . . . .

Acho esta mais laconica, e significante, que a do nosso Sá, que deste modo começa:

Virgem do Sol vestida, e dos seus raios
Claros envolta toda, e das Estrellas
Coroada, e debaixo os pés a Lua.

A clausula — *dos seus raios envolta* — he redundancia de idéa. Todo o resto he bom, naõ obstante dous versos, que tem mal accentuados nas cesuras, e o defeito do imperativo *saia* no derradeiro final da Estrofe.

Estrofe IX.

Este ramo he todo bom: quanto nelle imitou o seu sabio author foi immediatamente da Escriptura, sem que lhe diminuaõ o merecimento as durezas do primeiro, e sexto verso.

Es-

Eſtrofe X.

Neſta ha muitas elegancias tambem da Eſcriptura, que com outras iraõ adiante analyſadas: neſta eſtrofe vem a ſeguinte paſſagem:

Contra os demonios ſejaõ meridianos,
Sejaõ de noite eſcura.

Imitada do famoſo lugar do Salmo 90. — *A ſagitta volante in die, a negotio perambulante in tenebris, ab incurſu, et daemonio meridiano.* — Cujo ſentido litteral quer dizer pouco mais ou menos o ſeguinte:

O eſcudo da Summa Omnipotencia
Me ha de ſalvar das ſettas com que atira
O furor da maldade, que conſpira
Contra meus triſtes dias:
Das negras tyrannias,
Das ſecretas traições me ha de amparar
Contra o rancor do eſpirito perverſo,
Que em pleno dia aſſalta o Univerſo.

Veja-ſe, como já diſſe, o que a eſte reſpeito diz o ſabio Mattei. *Meſtre de enganos* — he — *Artificis ſcelus* de Virgilio no Liv. 2. da Eneiada, verſo 125.

Iſto he o que ſe encontra de mais notavel a reſpeito do methodo de imitar, que o Poeta Miranda ſeguio na ſua compoſiçaõ: he verdade, que elle neſta imitaçaõ naõ tinha partido, porque o ſeu genio, naõ era analogo ao de Petrarca, e em ſemelhante empreza tentou tirar a clava da maõ a Hercules. Naõ faço mais analyſis de outras imitações, porque as acho deſneceſſarias; nem eſte Poeta he abundante dellas, ou porque naõ eraõ do ſeu goſto, ou porque ainda naõ achava o Idioma flexivel para iſſo; pois ſendo taõ ſabio nas Linguas mortas, quaſi nada imi-

imitou dos Gregos, e Latinos. Vejamos agora por ultima recopilaçaõ o beneficio, que fez o noſſo Miranda ao Idioma na imitaçaõ daquelle poema Italiano.

Vê-ſe primeiramente neſta Cançaõ fraſe pura e culta, iſto he, ſem incongruencias de nomes e verbos mal declinados, nem maculada de vozes e clauſulas antiquadas e obſoletas, nem de dithongos aſperos, e deſinencias rudes. Augmentou pois o Idioma com as ſeguintes elegancias:

1 Claridade do Sol.
2 Sanctiſſima e perfeita creatura.
3 Ante quem de mim fujo, e me aborreço.
4 Hey medo a quanto fiz.
5 Fizeſtes paz entre Deos, e nós.
6 Virgem ſeguro porto.
7 Amparo.
8 Abrigo nas mores tempeſtades.
9 Aos ventos eſta vida encommendada.
10 Tudo tendo em nada.
11 Virgem, eſtrella do mar,
12 E neſte lago,
13 E neſta noite,
14 Hum faro, que nos guia para o porto.
15 Claro certo Norte.
16 Vendo o eſtrago que ..... deixa feito a morte.
17 Quem me daria prôa, com que córte......
18 Nevoa da alagôa, que ao vento vôa.
19 Virgem, Sacrario Sancto.
20 Porta de Ezequiel.
21 Alto ſilvado.
22 Vello de Gedeon.
23 Orvalho celeſtial
24 Reſtituir-me a mim.
25 O Sol vai-ſe, e traſmonta.
26 Virgem, noſſa eſperança.
27 Hum alto poço de vivas aguas.
28 Torre de Nembrot
29 Torre de David.
30 Donde ſoccorro hes para meu deſtroço.
31 Virgem de Sol veſtida,
32 De ſeus raios claros envolta.
33 Coroada de eſtrellas.
34 Saõ vindas minhas culpas ſobre mim.
35 C'os ventos contraſtado.
36 Virgem, horto precioſo alto, e defezo.
37 Ramo do Tronco de Jeſſé.
38 Cuſtodia precioſiſſima da Fé.
39 Tendo hum, e outro Sol ſua luz auſente.

40 Virgem ..... porta do Céo.
41 Lyrio dos valles.
42 Demonios meridianos.
43 Demonios de noite efcura.
44 Virgem ..... efperança fegura.
45 Meftres de enganos
46 Quanto gemido a toda a parte vôa.
47 Tudo o mais faõ nadas.
48 Altiffima Senhora.
49 Hontem menino, fou velho ao prefente.

Depois de havermos tratado do principio da Lingua Portugueza; do eftado, em que ella fe achava, quando o Sá de Miranda appareceo; das qualidades da fua imitaçaõ em geral, e da fua elocuçaõ; refta-nos examinar como concorreo para o augmento do Idioma, e como contribuio para a fua perfeiçaõ: mas como efte exame para ter mais exacçaõ, e evidencia nos feus refultados ha de indefectivelmente recorrer a muitas, e miudas combinações, he jufto que elle faça o argumento da I. parte.

PARTE I.

PAra cumprirmos com o argumento propofto, faz-fenos indifpenfavel feguir a ordem chronologica; e como o Sá de Miranda he o primeiro Poeta da Naçaõ na ferie do tempo, como aquelle que com o Hiftoriador Barros começou a purificar a noffa Linguagem de muitos defeitos, a dar-lhe huma conftrucçaõ mais exacta, mais fugeita a principios derivados daquella metafyfica pura e luminofa, que prefide á formaçaõ das Linguas cultas e fabias, e a enriquecella ao mefmo paffo de infinitas graças e bellezas, que concorrêraõ muito para lhe eftabelecer a indole da fua Syntaxe, e as cefuras profaicas e metricas, que fazem a natureza effencial da fua harmonia taõ defprezada, ou taõ defconhecida dos Efcritores do noffo tempo: Do Poeta Miranda pois devem partir todas as noffas inveftigações, que fe haõ de hir fuccedendo, fegundo o tempo, em que cada hum dos Poetas propof-

tos

tos ao noſſo exame floreceo: e neſta conformidade; ao Sá de Miranda ſeguir-ſe-ha Ferreira, a quem ſuccederá Bernardes, depois Caminha, e em ultimo lugar Camões, como aquelle, que pelas ſuas obras immortaes poz o ſello á perfeiçaõ do Idioma.

Sendo pois o ſublime o que requer maior vigor da fantaſia, tanto na eſſencia, como na fórma, iſto he, no conceito, e na fraſe; a razaõ pede que principiemos as noſſas combinações por paſſagens deſte genero, que mais relevantes nos parecerem. E como o ſublime das palavras deve ter fundamento na grandeza das idéas, eſtas iráõ conduzindo as noſſas operações para maior clareza: he bem verdade, que neſte genero naõ he que mais ſe exercitou o noſſo Miranda, nem taõ pouco Bernardes, e Caminha, fallo no ſublime da primeira ordem: com tudo iremos combinando o que encontrar-mos neſta materia mais digno de analyſar-ſe.

Parece-me, que ſerá juſto começar pelo ſeguinte Soneto do Poeta Miranda, cujo aſſumpto he a propoſiçaõ, que ſe ſegue: — Os Principes, que protegem as Letras vem a ter fama eterna. — A pintura he bella para aquelles tempos: vejamos como ſe exprime.

Dar favor a engenhos, e a toda a arte
  Das boas faz os Reis aqui immortaes
  Por fama, e paſſando inda avante mais
  Huns faz Deozes de todo, outros em parte.
Á guerra leva o mór Scipiaõ comſigo
  As Muſas brandas de ſeu natural,
  Que aſſi ſem armas ſam de altas ajudas.
Ellas nos contaõ do bom tempo antigo;
  Cahírom as eſtatuas de metal,
  Que al ſe podia eſperar de couſas mudas?

Toda eſta fraſe he pura tanto nas palavras, como na Syntaxe; he forte, he animada, qualidades, que raramente apparecem nas Poeſias anteriores a eſte Poeta, como nolo atteſtaõ as que andaõ empregadas no famoſo, e antigo Cancioneiro compilado por André de Rezende.

Vejamos agora como o Ferreira exprime o mesmo pensamento: mas convem, que primeiramente digamos alguma cousa a respeito do merecimento deste Poeta.

DO FERREIRA.

ANtonio Ferreira, Magistrado público da Relaçaõ de Lisboa, donde foi natural, deve ser contado pelo segundo, que depois do Sá de Miranda, se distinguio na Poesia, e aperfeiçoou a Lingua Portugueza, de quem foi muito apaixonado, e com razaõ. Todo o Escritor deve amar o seu Idioma, e nelle consignar as suas idéas, especialmente, quando elle tem as virtudes, que fazem taõ recommendavel a nossa Lingua. Já lá vai o tempo em que o escrever em Latim era o maior merecimento, no que já mais ninguem poderá conseguir a perfeiçaõ, em que taõ recommendaveis se fizeraõ os Escritores do Seculo de Augusto. Esta verdade taõ conhecida dos melhores Filosofos da nossa idade, já naquelle tempo era da mais evidente certeza no animo do sabio Ferreira, que chêo da liçaõ dos grandes escritos da antiguidade, quasi tudo quanto compoz foi á luz delles. Sem ser taõ original no particular, possuia mais talentos, e a sua imitaçaõ era mais fantastica do que a daquelle Poeta, a quem teve por modello na concisaõ do estylo, e na estructura do hendecasyllabo, metro de que mais usou. Elle foi o primeiro que depois de aperfeiçoar a Elegia, a Carta Horaciana, já tratadas pelo Sá de Miranda, deo á Poesia Portugueza o Epigramma, a Ode, o Epithalamio, e a Tragedia. Este genero de poema o mais util e sublime, taõ prezado dos antigos, como fonte da mais pura moral, e onde se achavaõ consignados os principios da mais sublime educaçaõ, este genero de poema, digo, tanto do gosto dos antigos Gregos e Latinos, totalmente esquecido e desterrado pela barbaridade que invadíra toda a Europa, foi restituido pelo Prelado Trissino, que no prin-

principio do Seculo decimofexto publicou a *Sofonisba*, a primeira Tragedia regular que appareceo na Europa em Lingua vulgar depois da reftauraçaõ das Letras. Teve o noffo Ferreira a gloria de fer o fegundo nefte genero, compondo a fua *Caftro* o mais intereffante de todos os affumptos tragicos, o qual naõ obftante peccar contra a unidade de lugar, eftá muito bem executado fegundo a norma dos Tragicos antigos; e pelas infinitas bellezas de eftylo he tida pelo mais gloriofo monumento, que nefte genero poffue a Lingua Portugueza. A grande liçaõ, que teve, como já diffe, de Horacio, e o defejo de feguir as pizadas do Poeta Miranda, cujo credito lhe tinha conciliado a maior eftimaçaõ, naõ fó em Portugal, mas em toda a Hefpanha, e a feveridade natural do feu engenho, lhe fizeraõ conceber hum gofto particular pela concifaõ no eftylo com tal exceffo, que quafi fempre facrifica a harmonia ao penfamento. Efte Poeta inteiramente fe confagrou á Poefia util, e he o unico dos noffos, que naõ tem ninharias canoras: depois de Camões, elle foi o que mais enriqueceo o Idioma, naõ fó pelo feu penfar fublime, mas tambem pelo que imitou dos Gregos, e Latinos, em cujas Linguas era doutiffimo. Em todas as fuas obras refplendece a razaõ acompanhada de huma profundidade de penfar, que faz o principal diftinctivo do feu caracter. As fuas pinturas faõ graves, mas hum tanto mefquinhas: a fua expreffaõ mais forte que fuave, he muito animada, he chêa daquelle fogo, que eleva, que educa o efpirito, e move o coraçaõ. Elle foi o primeiro dos noffos Poetas, que unio a Poefia de imagem á de fentimento, que conheceo a verdade, e a força do *utile dulci* do Lyrico Latino, e que lançou os fundamentos da Poefia tragica, de que taõ pouco fe tem aproveitado os que depois vieraõ.

Vejamos pois como na Carta 8 exprimio efte Poeta o penfamento do Sá de Miranda acima tranfcrito:

Ver-

. . . . Verſos daõ vida
Ao digno de memoria, e o accreſcentam.
As Muſas cantam: dellas he ſabida,
Naõ de metaes, de cedros, de eſculpturas
A fama aos claros feitos concedida.
Cahem eſtatuas, gaſtamſe pinturas:
Aquelle brando canto he ſó mais forte
Contra o tempo, que ferro, ou pedras duras.
Contra fogo, contra agua, e contra a morte
Fica ſoando ſempre. . . . .

A pintura do Sá de Miranda começa por huma aſſerçaõ poſitiva, da qual, como principio certo, deduz conſequencias, tudo annunciado com clareza e ſimplicidade n'um quarteto: nos dous tercetos expoem as provas, e as utilidades do ſugeito da meſma propoſiçaõ.

Na do Ferreira occulta-ſe a propoſiçaõ principal, cuja ſubintelligencia ſe facilita pela enumeraçaõ dos ſeus effeitos: de ſorte que a primeira he mais natural, e a ſegunda tem mais artificio, e por iſſo naõ a julgo inferior. Iſto quanto ao diſcurſo. Vamos á fraſe: a do Miranda he mais ſublime, porém mais forçada: a do Ferreira he menos reſumida, porém mais pura, e mais harmonioſa: vamos por partes. Sá de Miranda diz: — *Dar favores aos engenhos . . . . . faz os Reis aqui immortaes, por fama, e paſſando ainda a mais, huns faz Deozes de todo, outros em parte.* Ferreira:

. . . . Verſos dam vida
Aos dignos de memoria, e o accreſcentam.

Á do Miranda nada falta; a do Ferreira he diminuta, ou por melhor dizer, menos univerſal que aquella; mas a expreſſaõ he culta, poſto que a ultima clauſula tenha frieza de harmonia pelo concurſo de tres vogaes de igual quantidade ſyllabica: de maneira, que neſta par-

parte a do Miranda he ſuperior á do Ferreira. Continua o meſmo Miranda :

As Muſas brandas de ſeu natural
Que aſſi ſem armas ſam de altas ajudas.

Ferreira :

Aquelle brando canto he ſó mais forte
Contra o tempo, que ferro, ou pedras duras.

A fraſe do primeiro he aſſaz expreſſiva, mas pouco harmonica, e naõ muito elegante : a do ſegundo tem força, elegancia, e harmonia, que naõ deixa de eſtar ſacrificada ao ſentido no ſugeito da propoſiçaõ com os dous aſſoantes *brando canto*, de que o Poeta uſou por conſervar a antitheſe collocada nos adjectivos *brando*, e *forte*, que em ſi he pueril pelo equivoco do accidente *brando*, que ſignificando neſte lugar *doce*, *ſuave* translaticiamente, adapta-lhe a ſignificaçaõ primitiva *fraco*, *debil*, *froxo* para contraſtar com a idéa indicada pelo adjectivo *forte*, onde termina a força do ſofiſma, defeito em que raras vezes cahio eſte Poeta, o qual ſe perde na immenſidade de bellezas, com que illuſtrou os ſeus eſcritos, e enriqueceo a Lingua nacional. Sá de Miranda — *Ellas nos contaõ do bom tempo antigo* — Expreſſaõ ſimples, e ſem translaçaõ poetica, ſegundo o coſtume da noſſa Lingua antiga, que ſe conforma com o que exprime. Ferreira :

As Muſas cantam : dellas he ſabida . . . . . .
A fama aos claros feitos concedida.

Como o ſentido deſtes hendecaſyllabos ſe organiza de idéas abſtractas, que de ſua natureza tem mais elevaçaõ; tambem a fraſe he mais figurada, e por conſequencia mais expreſſiva. Aquelle exprime collectivamente; eſte por partes. Aquelle naõ indica os motivos, porque os ſuppõe ſabidos; eſte os expõe claramente, porque julga

ma-

maxima digna, naõ ſó de ſe ſaber, mas até de andar eternamente ante os olhos do Poeta ſabio: *que o merecimento deve ſer o primeiro objecto da Poeſia laudatoria.* Sá de Miranda: — *Cahírom as eſtatuas de metal.* — Expreſſaõ ſimples, e ſem artificio, mas chêa de energia. Ferreira: — *Cahem eſtatuas; gaſtamſe pinturas.* — Fraſe igualmente ſimples, mas de ſentido mais extenſo, e de mais força: a de Sá de Miranda exprime limitaçaõ no termo *metal*: a de Ferreira na independencia da voz *eſtatuas* deſigna idéa indeterminada; aſſim como na ſegunda parte do verſo, que eſtá conſtruido de duas fraſes muito puras, mui chêas de propriedade nos verbos, inda que hum tanto debil de harmonia no principio do primeiro hemiſtichio: — *Contra fogo, e contra agua, contra a morte*, &c. — he huma ampliaçaõ poſitiva de todo o penſamento executada com muito artificio; aſſim a gradaçaõ eſtiveſſe mais exacta com *agua* em primeiro lugar, inda que ſacrificaſſe alguma couſa da harmonia, como em outras muitas occaſiões. O meſmo Poeta na Carta a ElRei D. Sebaſtiaõ exprime o meſmo do modo ſeguinte:

Sempre a maõ larga, ſempre aberto tem
  O generoſo peito ao premio juſto;
  E triſte, e vagaroſo á pena vem.
Eſte he chamado bom, e grande, e Auguſto,
  Da patria pai, prazer, e amor do mundo,
  Mortal imigo do tyranno injuſto.
Eſte logo de hum alto, e d'hum facundo
  Engenho té ás Eſtrellas bem cantado,
  Voando vai na terra ſem ſegundo.

Eſta pintura, quando falla do premio deſigna generalidade, que abraça toda a caſta de merecimento. Faz-ſe notavel a magnificencia da fraſe com que exprime a liberalidade de hum Rei juſto, facil em premear, remiſſo em caſtigar. Eſte he o modo de penſar, que conſ-

conſtitue hum Eſcritor Magiſtrado eterno. Vejamos como tudo neſta paſſagem he facil, e harmonioſo. Diz o Miranda:

Dar favor aos engenhos, e a toda a arte
Das boas, faz os Reis aqui immortaes
Por fama, e paſſando inda avante mais,
Huns faz Deozes de todo, outros em parte.

A primeira e principal propoſiçaõ, que termina na clauſula — *das boas* — he excedida pela ſeguinte expreſſaõ do energico Ferreira:

Sempre a maõ larga, ſempre aberto tem
O generoſo peito ao premio juſto.

Bella, e excellente perifraſis da liberalidade de hum Rei! O primeiro verſo eſtá compoſto de duas elegancias, que exprimem circumſtancias, que deſenhaõ com muita força o ſublime caracter da verdadeira liberalidade, eſpecialmente na peſſoa de hum Rei juſto, que ſurdo ás palavras, e ás inſinuações da liſonja, ſó premêa o merecimento, que naõ

Dá os premios de Ayace merecidos
Á lingua van de Ulyſſes fraudulenta.

Saõ notavelmente poeticas as translações metonymicas *maõ larga*, e *generoſo peito.* O reſto da paſſagem do Poeta Miranda, que principia, —*faz os Reis* — até ao fim do quarteto, he certamente excedido pela elegancia dos ſeguintes verſos:

Eſte he chamado Bom, e Grande, e Auguſto
Da patria pai, prazer, e amor do mundo.

Tenho eſtas expreſsões por mais ſublimes, do que as do lugar do Sá de Miranda; porque além do ſentido

dos epithetos ir crefcendo, hum fobe o outro, cada hum delles exprime hum predicado taõ fublime, que equipara a fentença incluida nas claufulas — *Huns faz Deozes de todo — Outros em parte* — do Poeta Sá. *Bom* he hum attributo moral — *Grande* — huma qualidade extenfiva applicada do fyfico ao moral, em cuja translaçaõ confifte a fua belleza. O terceiro epitheto *Augufto* denota hum predicamento correlativo ao efpirito, e á religiaõ, como o indica a fua etymologia — coufa fancta, e por iffo digna de refpeitos religiofos. A elegancia — *da Patria pai* — he chéa de enfafe, que indica a maior veneraçaõ. — *Amor do mundo* — faz o cumulo da elegancia de toda a paffagem: efta he certamente huma das mais felices gradações que tenho vifto na Poefia. A claufula derradeira he taõ enfatica, que accrefcenta fobre as antecedentes: hum Rei que tem as qualidades, que o Poeta lhe affigna na prefente paffagem, naõ fó he as delicias do feu povo, mas até chega a conciliar a affeiçaõ do mundo inteiro; porque a hum tal Rei todo o univerfo tributa a mais expreffiva veneraçaõ, como fe vio na peffoa do noffo Rei D. Diniz, e na de Henrique IV. Rei de França a quem inda hoje condecoraõ todas as Nações com o titulo de *amavel*, o mais gloriofo de todos os obfequios. He digno de attençaõ o ufo que fez o Poeta Ferreira da duplicaçaõ das conjunções á maneira dos Latinos, o qual fendo viciofo na profa he mui bello na Poefia. Ferreira foi quem trouxe efta formula para a noffa, como de muitos lugares fe colhe, e efpecialmente do feguinte na Elegia de *Amor fugido*: — Sufpira, e chora, e cança, e geme, e fua. — Efta belleza he taõ ufada da Poefia Franceza, como ignorada da Portugueza nos noffos dias. O fentido conteúdo nos dous tercetos, que fe feguem tem por eixo principal a propofiçaõ, que fe inclue nefte verfo, — *Cahiraõ as eftatuas de metal.* — Como fe diffeffe: » Os louvores, que hum homem grande recebe das Mufas, » ifto he, dos Poetas, faõ mais perduraveis, que as eftatuas, » que fe levantaõ ao merecimento. » Vejamos a mageftade

com

com que Ferreira por huma consequencia natural exprime este mesmo sentido, indicando outros effeitos, de que facilmente se deduz a affirmativa desta proposiçaõ: — Os louvores que a Poesia consagra ao merecimento saõ eternos. — Vamos ao lugar:

Este logo de hum alto, e de hum facundo
Engenho até ás Estrellas bem cantado,
Voando vai na terra, sem segundo.

O primeiro verso exprime as qualidades de hum verdadeiro Poeta: o segundo designa effeitos dos louvores, que a Poesia dá: o terceiro he huma consequencia chêa de nobreza, e magestade: o epitheto *facundo* faz huma feliz combinaçaõ com o adjectivo *alto*, o qual constitue belleza, e cultura de expressaõ: a clausula — *até ás Estrellas bem cantado* — he outra belleza de elocuçaõ conhecidamente sublime, que consiste na combinaçaõ *bem cantado*, onde se estriba a força da expressaõ. O terceiro verso tem dous membros tecidos de elegancias bem cultas, e sublimes — *voando irá na terra* — a belleza está no participio *voando*: a combinaçaõ deste com o futuro auxiliar *irá* he mui sonora, e cadente: o derradeiro membro, — *sem segundo* — he estimavel pelo enfase, e pela harmonia, de modo que a uniaõ destas duas formulas faz huma taõ feliz e notavel cadencia, que excitaria em nós maior admiraçaõ se naõ fosse taõ frequente em Camões, que deo a esta, e outras muitas formulas a policia e flexibilidade necessaria para se adaptarem a infinitas circumstancias.

Já deste exame se póde hir colhendo, que a Lingua Portugueza na composiçaõ do Ferreira já vai tendo mais nexo, que na do Sá de Miranda, onde se apresenta mais solta e desligada: que a frase daquelle sabio Poeta he mais culta, corrente, e elegante; e que além de se mostrar mais flexivel, se hia já revestindo daquelle amavel atticismo que ao depois tanto acreditou a penna do immortal Camões.

 Ve-

Vejamos agora como o Bernardes exprimio o mesmo pensamento: mas primeiro digamos alguma cousa a respeito da sua composição.

DO BERNARDES.

DIogo Bernardes Cavalheiro de Ponte de Lima, he hum dos famosos Poetas da Nação Portugueza. A sua imitação he mais icastica, que fantastica. As graças da natureza, a vida do campo com todo o seu attractivo, os costumes campestres, o amor innocente, os montes, os prados, as florestas, os rios, as fontes, os pastores, os gados, a verdura dos campos, o canto das aves, as flores, os rochedos, e tudo o mais que faz o encanto da vida rustica recebe do seu pincel as côres da natureza. As personagens das suas bambuxatas estaõ bem collocadas; o dialogo bem sustentado; as pinturas tem expressaõ propria do seu genero, tintas brandas e suaves, huma molleza amavel, que algumas vezes degenera em frieza. A sua frase he pura e culta, facil e natural, mas de quando em quando mostra huma negligencia, e hum desalinho chéo de graças que esconde o artificio, semelhante áquelle que os Francezes achaõ no estylo do seu la Fontaine, e no de algumas Scenas do celebre Moliere. Sem ser taõ exacto, nem taõ methodico como o Ferreira, he mais harmonico, e corrente no estylo, posto que menos correcto, e menos castigado. Nas Cartas usa de frase mais laconica e rapida, que naõ obstante ser mais culta que a do Ferreira, em tudo o mais segue a sua norma, e imita o seu estylo, como quem se abonava de ser seu discipulo: mas vendo a celebridade de Camões, cujo merecimento conciliava a estimaçaõ geral, mudou de maneira, e de tal modo o seguio na frase, que algumas vezes se equivóca com a daquelle Poeta. Bernardes he geralmente reputado pelo primeiro Bucolico da Hespanha, e o celebre Lope da Vega expressamente confes-

fa-

ſava, que a leitura dos ſeus poemas lhe enſinára a fazer Eclogas.

Vamos pois examinar a norma que eſte Poeta ſeguio para exprimir o meſmo penſamento, que himos combinando: na Carta I. a primeira clauſula da paſſagem do Sá de Miranda — *Dar favor aos engenhos* — exprime Bernardes deſte modo:

. . . . Naõ ſe afaſta a tua rica
Muſa de dar a maõ á minha pobre.

Eſta fraſe, poſtó que natural, e mais animada, que a do. Sá de Miranda, he ſecca na paſſagem do primeiro para o ſegundo verſo, e no adjectivo final *pobre*, por eſtar ſem ſubſtantivo expreſſo: naõ tem tanta gravidade, porque he alguma couſa vulgar, por ſer extrahida da maſſa commua e trivial da elocuçaõ da plebe. Na dedicatoria da Ecloga II. ſe vê o meſmo penſamento exprimido deſta maneira:

E mais de quem recolhe, amima, e ampara
Com obras, com favor, com eſperança
As Muſas, cujo pai já ſois por prova,
Hum novo Auguſto á Poeſia nova.

Neſte quadro vemos mais riqueza de eſtylo, e de idéas, que ſe vaõ excedendo com moderada gradaçaõ. No primeiro verſo a idéa poſitiva conſignada no verbo *recolher*, he excedida pela do verbo *amimar*, e eſta pela do verbo *amparar* unido ás tres clauſulas do ſegundo verſo, as quaes, ſem que obſervem gradaçaõ rigoroſa, eſtabelecem toda a força poſitiva da propoſiçaõ. — *Cujo pai já ſois por prova* — he a ſegunda gradaçaõ, que ſe eleva ſobre o ſentido de toda a propoſiçaõ antecedente. — *Hum novo Auguſto á Poeſia nova* — he a terceira gradaçaõ de ſentença com que todas as mais ficaõ excedidas. Pureza, perſpicuidade, e harmonia ſaõ os diſ-

tin-

tinctivos destes hendecasyllabos. O mesmo sentido expressado com simplicidade despida de ornato se vê na dedicatoria da Ecloga 12 do mesmo Poeta :

Que sempre dar favor foi vosso intento
A quantos vaõ seguindo Apollo. . . . .

Pureza , e cultura de frase he o merecimento deste lugar. No Soneto 100. tornamos a ver o mesmo pensamento exposto com mais riqueza de estylo :

Se foi sempre dos grandes mui usado
Dar honra , e dar favor a todo o engenho .
Rezaõ tenho , Senhor , se eu algum tenho ,
De ser de vós favorecido , e honrado.

Nos dous primeiros versos vemos expressadas a proposiçaõ do Sá de Miranda por outra condicional , augmentada com hum predicamento exposto na clausula *dar honra*. No terceiro e quarto vem a consequencia da proposiçaõ artificialmente interrompida com outra condicional , especie de parenthesis natural , que dá caracter de moderaçaõ á sentença , e augmenta ao mesmo passo a força da consequencia : he bella a repetiçaõ das duas formulas da primeira proposiçaõ em sentido passivo , contrastando , por variar a frase , com a acçaõ activa daquellas. Os versos saõ puros , e cadentes. Ponhamos outra vez a mesma proposiçaõ do Sá de Miranda toda completa :

Dar favor aos engenhos , e a toda a arte
Das boas faz os Reis aqui immortaes.

A consequencia da proposiçaõ — *faz os Reis aqui immortaes* — he assumpto da seguinte combinaçaõ. Aquelle pensamento se acha exprimido pelo Bernardes na seguinte passagem da mencionada Carta :

No

No mundo aquelles tem fama immortal
De que nos canta hum peregrino engenho.

Eis-aqui outra qualidade de harmonia incognita aos antigos metrificadores : eis-aqui a maneira já de Camões conhecida nas duas dicções finaes do primeiro verso, na inflexaõ *canta*, e na combinaçaõ das duas ultimas vozes do segundo. Todas as palavras de que se achaõ tecidos estes dous hendecasyllabos já eraõ Portuguezas antes de existir Bernardes, mas a disposiçaõ, que neste lugar lhes deo, fez hum estylo naõ conhecido antes deste engenhoso Poeta; e nesta combinaçaõ, assim como em outras muitas, augmentou largamente a nossa Lingua. Sá de Miranda — Cahíraõ as estatuas de metal. — Bernardes alonga este pensamento com summa gentileza, e amavel harmonia, porque expõe a sua proposiçaõ por mêo de huma interrogaçaõ, formula superior á formula positiva do Miranda, a qual faz o estylo mais animado, dando-lhe hum tom dramatico : he bem verdade que hum tal artificio era já natural á eloquencia Portugueza, como se observa nos oradores antiquissimos referidos pelos historiadores Fernaõ Lopes, Gomes Eannes de Azurára, e ainda mesmo na narraçaõ dos mesmos. Vejamos pois o lugar de Bernardes :

Que se fez das medalhas de ouro, e cobre
Das estatuas de pedra e de metal ?
O tempo gasta tudo, tudo cobre.

Asseada linguagem, e bellissima harmonia, que ainda tem mais merecimento pela difficuldade da rima a mais custosa de todas. Aqui já vemos as conjuncções mais bem distribuidas, e o estylo castigado limpo de dissonancias finaes, de dithongos asperos, e de construcções barbaras.

Convem que vejamos agora como este mesmo pensamento foi expressado na frase de Pedro de Andrade Cami-

minha. Mas como este Poeta inda naõ está conhecido, porque ha pouco foi pela primeira vez impresso por diligencias da Academia Real das Sciencias de Lisboa, preciso será demorarmo-nos mais em descrever as qualidades da sua composiçaõ para formar-mos juizo do seu caracter, e determinar o seu merecimento.

DE PEDRO DE ANDRADE CAMINHA.

PEdro de Andrade Caminha foi hum Poeta celebre no Seculo de Quinhentos. A sua imitaçaõ em geral pouco tem de sublime: o seu pensar he froxo; e o mesmo caracter tem a sua expressaõ, que chêa de licenças, e defeitos he confusa, e obscura, lodosa, e baxa. A elegancia continua he desconhecida deste Poeta, que pouco instruido nos grandes modellos da antiguidade, nada delles tirou com que enriquecesse o Idioma, que desfigurou com construcções erroneas, sem attender á harmonia, que sempre sacrificou ao pensamento, sem que por isso ficasse mais bello, por ser commummente mal deduzido, e pouco forte. Neste Poeta claramente se verifica, que o que he mal pensado, he mal expressado. Compoz 4. Eclogas, que naõ tem merecimento tanto no conceito, como no estylo que he todo frio, e debil. Tem 21. Epistulas em versos hendecasyllabos: melhores saõ consideravelmente, que as Eclogas. Quando trata alguns lugares communs usados por Sá Miranda, Ferreira, Bernardes, e Camões Poetas doutissimos, ainda se eleva, ainda se mostra algum tanto mais limpo de corruptellas; mas logo que se entrega a si mesmo claudica a cada passo na pureza da frase, porque usa de muitas construcções afastadas do systema da nossa syntaxe; e na harmonia, porque contrahe muitas vezes tres, e quatro vogaes, e tambem consoantes: Com tudo as Epistulas, naõ só naõ deslustraõ o Idioma, porém honraõ-no por muitos lances de moral bem tratada, e descrita: pelo generoso desinteres-

resse com que escreve aos maiores Principes daquelle tempo. A Epistola ao Senhor D. Antonio tem bons pensamentos, e por isso a frase he tambem mais correcta. O caracter de hum bom Principe está bem desenhado nos seguintes hendecasyllabos.

Ser Principe, e Senhor he merecello,
E ser em tudo sempre taõ perfeito
Que nunca possa o tempo escurecello.

Se Pedro de Andrade trabalhasse por compor sempre com esta pureza, senaõ fosse o primeiro, seria certamente o segundo Poeta da Naçaõ. A Epistola a Alexandre Farnezio Principe de Parma he boa: a de Francisco de Andrade he a mais bem escrita, e onde com bastante pureza e elegancia descreve os mais bellos preceitos de critica; e me admiro, que este Poeta obrasse taõ contrario a elles: tanto vai do dizer ao executar! A Epistola de Dona Maria a Flandes tem bello e elegante principio que nada tem de vulgar. Todas as mais naõ tem cousa notavel, claudicaõ muito no estylo, e saõ mui declamatorias. As duas Epistolas em versos de arte menor, naõ tem merecimento algum. Seguem-se 20. Elegias funebres, e amatorias em terciarima: as primeiras, naõ obstante serem despidas de artificio, e terem os mesmos defeitos que as Epistolas, especialmente na frase, naõ deixaõ de ter merecimento: a segunda a Sá Miranda na morte do Principe D. Joaõ, naõ he má: a terceira a Antonio Ferreira na morte de sua mulher he soffrivel; e a que escreveo na do mesmo Ferreira he a melhor; mas os affectos saõ mal expressados, e o estylo he taõ amortecido, que nenhum effeito opéra. As Elegias amatorias naõ as devo considerar mais do que humas lamentações seccas, sem pensamentos, sem pathetico, nem expressaõ; que em si he taõ falta de movimento, e he de nausea taõ insopportavel, que nenhuma pessoa de gosto poderá ler de hum jacto tres destes poemas, posto que pequenos,

que he a melhor qualidade que lhe encontro. O grande merecimento de Tibullo, Propercio, e Ovidio no genero elegiaco era abſolutamente ignorado do Poeta Caminha para os tomar por modellos. Em fim elle parece que na ſua alma nada tinha dos affectos, que pertendia exprimir, ou que tinha huma natural inhabilidade para fazer ſemelhantes quadros, que nunca podem ſer bem executados ſenaõ pelos grandes meſtres. Dos poemas em verſos octonarios o que tem algum merecimento he o que ſe intitúla: *Labyrintho de Amor*. As oitavas que ſe ſeguem nada valem. Naõ devemos fazer o meſmo juizo das Odes, que ſaõ dignas de apreço, porque ſaõ mais bem penſadas, e eſcritas que tudo o mais. Talvez, que ellas foſſem emendadas por Ferreira, ou Sá de Miranda, a quem elle tinha por meſtres: ou talvez que o terceto, metro de que mais uſou nas outras compoſições, foſſe cauſa da impureza do ſeu eſtylo, por ſer aquelle o mais difficil de todos os metros. A Ode II. aos annos do Poeta Miranda he bella, a pezar da clauſula — *Banhados no Pegaſo* — atrevimento de expreſſaõ pouco feliz, onde *Pegaſo* eſtá pela fonte Çaballina. O meſmo ſe deve dizer da Ode ao Poeta Ferreira. A nona a D. Jorge de Menezes he muito chêa de grandes verdades, e bem expreſſadas. A duodecima he ſublime, e chêa de atticiſmo. Todas as mais ſaõ geralmente bem eſcritas, e honraõ a Poeſia Portugueza. Dos Epithalamios fallarei na combinaçaõ, que houver de fazer deſtes com os do Ferreira. Os Epitafios ſaõ concizos, e bellos. Eſcreveo grande quantidade de Epigrammas, nos quaes ſeguio mais o eſtylo de Auſonio, que o de Catullo, e Marcial, que ſaõ os melhores Epigrammiſtas, dos Latinos fallo; porque Callimacho, nem os que andaõ no corpo da Anthologia grega, naõ podiaõ ſer conhecidos pelo Poeta Caminha. Com tudo tem poucos Epigrammas, que naõ ſejaõ bons, e neſte genero he digno de todo o apreço, e benemerito da noſſa Poeſia, que elle augmentou. Mas para dizermos tudo o que ſentimos, os talentos deſte Poeta naõ ſe

eſ-

estendiaõ a muito mais do que a aguçar hum Epigramma. He verdade, que elle era falto de instrucçaõ, e ignorante das Linguas sabias, por cujo motivo naõ pôde accrescentar o Idioma, nem augmentar a nossa Poesia nos outros generos; porque lhe faltavaõ os conhecimentos necessarios para imitar as bellezas consignadas nos grandes Escritos da antiguidade, assim como fizeraõ os bons Poetas seus contemporaneos: e posto que algumas vezes traduz do Latim, mostra que era taõ pouco familiarizado com elle, que em tudo o que traduz (excepto nos Epigrammas) se mostra o pedantismo da eschola, como se pantentêa da Ode primeira, imitaçaõ pobre e mesquinha da primeira de Horacio. Tambem naõ deixo de estranhar a extravagancia com que este Poeta se quiz fazer singular em renovar certos archaismos, de que todos os bons Escritores do seu tempo, e ainda anteriores a elle, se tinhaõ abstido, como foi terminar em *on* a particula *naõ*; a primeira pessoa do presente indicativo do verbo substantivo *ser* em *aõ*; usar de dithongos rudes, como *poude*, em lugar de *pôde* a pag. 25.; e na concordancia do genero, e número dos participios nos perfeitos compostos, idiotismo Francez admittido na Lingua antiga, como fica exposto na nota número 14., e se mostra no Epigramma 45. deste Poeta.

Ingrato Eneas, que entregaste ao vento
As palavras, e as náos, que tinhas *dadas*.

Formula, que, como já dissemos, naõ agradou ao gosto Portuguez, que absolutamente o desterrou da sua syntaxe. Ainda mais notaveis defeitos desfigurariaõ as obras do Poeta Caminha, se naõ tivessem a felicidade de ter por editor hum taõ grande Sabio.

Vejamos pois como este Poeta exprimio na primeira Epistola parte do mesmo pensamento, que vamos comparando.

Que é do favor, Duarte, que os efpritos
De louvor dinos juftamente achavaõ
A feus bons cantos, e feus bons efcritos?

E no fim.

Gram Principe, que fempre tens diante
Dos olhos o favor das brandas Mufas;
Faze os ingenhos bons ir fempre avante.

No primeiro terceto, que na verdade eftá mui bem lançado, fe vê o fentido do primeiro verfo da paffagem do Sá de Miranda ampliado com felicidade, naõ muito commua ao pincel do Poeta Caminha; digo ampliado, quanto ás circumftancias defignadas em *cantos*, *e bons efcritos*, e naõ quanto ao fentido total da propofiçaõ, porque effe eftá na do Sá de Miranda com univerfalidade manifefta, e por confequencia com ampliaçaõ ou extenfaõ de fentido fuperior a efta do Caminha. Pureza, perfpicuidade, e harmonia faõ as bellas qualidades defte terceto. O fegundo, onde já fe moftra a maneira do Poeta Andrade, ifto he, huma feccura, huma mefquinhez propria do feu genio timido, e pouco liberal, contém a mefma propofiçaõ, porém menos accompanhada de circumftancias, cujo eftylo naõ he taõ corrente, nem taõ harmonico como o do primeiro terceto.

Paffemos a ver como Camões, o grande Camões fe explica a efte refpeito.

DO CAMÕES.

HE tanto o que fe tem dito defte grande homem, que parece ociofo fallar delle: com tudo pofto que o credito de hum taõ admiravel Poeta efteja eftabelecido na jufta idolatria que todos lhe confagraõ; feja-me permittido dizer alguma coufa a feu refpeito. Luiz de Camões na-

natural de Lisboa he, ſem contradicçaõ alguma o maior Poeta, naõ ſó de Portugal, mas de toda a Heſpanha. Os ſeus talentos reſplandecêraõ em mais de hum genero. A imitaçaõ fantaſtica, como mais propria, mais analoga á grandeza das idéas, que fermentavaõ na ſua fantazia, foi o principal objecto do ſeu pincel, que iſſo naõ obſtante, quando decia á imitaçaõ icaſtica, na primoroſa deſtreza com que executava as pinturas deſte genero moſtrava quam habil era para iſſo. As perſonagens dos ſeus quadros todas eſtaõ no lugar, que devem occupar. Os ſeus raſgos ſaõ os mais liberaes, as ſuas tintas as mais brilhantes e maſſias. A verdade da ſua imitaçaõ eſtá no maior auge. A vivacidade, a grandeza, a ſublimidade ſaõ os caracteres principaes da ſua Poeſia, cujo maravilhoſo tanto ſe remonta, que vai buſcar no imperio do ideal aſſumptos nunca ſabidos, nunca imaginados, para cuja expreſſaõ acha novas tintas, novas côres, taõ vivas, taõ fortes, taõ chêas de fogo, que movem, que accendem, que abrazaõ o coraçaõ do leitor de tal modo; que o ſeu eſpirito penetrado do enthuſiaſmo da admiraçaõ fica como encantado, ſentindo ao meſmo tempo ſublimes emoções, novo intereſſe n'uma pintura, que, ſem ter fundamento em alguma exiſtencia fyſica, ou moral, goſa com juſta razaõ dos privilegios de original o mais nobre, o mais ſublime, o mais arrojado, que nunca exiſtio no mundo fantaſtico da mais prodigioſa Poeſia. Tal he o ſoberano maravilhoſo do grande, do nunca aſſaz louvado epiſodio de Adamaſtor na Luſiada, a primeira Epopea, que appareceo na Europa eſcrita em oitava rima. Além deſtas precioſas qualidades, que tanto diſtinguem a vivacidade das ſuas pinturas, os contraſtes, a gradaçaõ das tintas ſaõ tambem diſpoſtos, que ſerviráõ de modello eterno aos bons imitadores deſte divino Poeta, cujo merecimento eclypſou o de todos os Poetas, que lhe precedêraõ, ſem, talvez, deixar eſperança de ſer igualado, quanto mais excedido. A ſua Poeſia toda filha da imaginaçaõ mais elevada, e mais inſtruida, a tudo dá corpo, e vida:
os

os objectos horriveis, os humildes, os menos decorosos saõ desenhados com côres fortissimas, e decencia propria, mas em gráo taõ superior, que arrebata. A frase he a mais pura, a mais culta, e a mais brilhante: clareza, e elegancia contínua he o caracter do seu estylo sempre chêo de movimento, e a quem a magia da harmonia faz extremamente recommendavel. Na sua composiçaõ se ostenta todo o luxo de huma imaginaçaõ soberanamente fertil, e abundante, que assim como a corrente de hum rio engrossado com as aguas do inverno, rompe e transgride algumas vezes os limites, os preceitos da arte, mas com tal liberalidade e bizarria, que desculpa o erro, e persuade a cahir nelle; o que tem sido causa de muitos, que, sem terem forças para imitar as suas bellezas, o seguíraõ nos seus defeitos. Finalmente foraõ tantas as graças, que este grande homem communicou á Lingua, e á Poesia Portugueza, que seguramente se póde affirmar que elle creou huma Poesia, e huma Linguagem nova em Portugal. Teve a maior propriedade para pintar o sublime, cujo resplendor, posto que immenso, he taõ suave, que naõ cega, antes se faz com summo prazer accessivel á vista. No pathetico foi o mais insigne mestre: oh com que vehemencia o pinta, sem causar tedio! com que arte affeiçoa, e interessa! Com que força de expressaõ naõ traça o terrivel! Mas com que amabilidade naõ desenha as graças da natureza? huma aurora, hum dia claro e socegado; hum bosque ameno ventilado da frescura dos Zefyros; huma fonte rompendo do seio das penedias, a verdura dos campos matizada de flores, e regada das aguas; os rios, hora serenos, hora arrebatados; o silencio, a serenidade de huma noite de veraõ; o estrondo das tempestades; a lua, as estrellas, os gados, os pastores, as aves, a caça, a luta, o amor, o ciume, tudo em fim retrata a Poesia deste grande engenho com tal e taõ prodigioso primor, que a sua leitura nos transporta ao mesmo lugar da scena, que representa, nos lança em extasis taõ deliciosos, que a alma só appetece jazer eternamente naquelle

le amabiliſſimo encanto, que longe de a enfraquecer, lhe dá força e vigor, ſciencia e elevaçaõ. Com que heroica reſoluçaõ naõ reprehende, naõ fere, naõ fulmina os vicios, inda meſmo nas peſſoas mais ſublimadas! Com que côres, com que amaveis côres ſe naõ vem a cada paſſo deſenhadas pelo ſeu prodigioſo pincel todas as virtudes que mais devem reſplandecer no coraçaõ do homem! Camões em fim he hum daquelles Eſcritores, que ſaõ pelas ſuas rariſſimas qualidades admiraçaõ do mundo, e eternos magiſtrados das Nações.

Naõ achei nas obras deſte grande Poeta pintura expreſſa deſta prerogativa ſublime da Poeſia em uniaõ poſitiva, como na do Sá Miranda; mas ſim os meſmos conceitos diſperſos, ſegundo convinha ao aſſumpto, e ao lugar, annunciados com tanta variedade de expreſſaõ, que bem daõ a conhecer o prodigioſo manancial, donde procedêraõ. Na Luſiada Canto 8. Eſtança 39. vemos o ſeguinte.

Outros muitos verias que os pintores
Aqui tambem por certo pintariaõ,
Mas falta-lhes pincel, faltaõ-lhes côres
Honra, premio, favor, que as artes criaõ.

Neſte derradeiro verſo eſtá incluida a primeira propoſiçaõ da paſſagem do Sá de Miranda com a meſma, ou ainda maior univerſalidade; porque na daquelle Poeta o epitheto *boa* indica em certo modo limite á extençaõ do ſentido da propoſiçaõ, o que naõ ſe vê na de Camões por eſtar concebida em termos de ſentido abſoluto, eſpecialmente no ſubſtantivo *arte*, ſem accidente, ou modificaçaõ. Na paſſagem do Sá de Miranda acha-ſe a propoſiçaõ, e a ſua conſequencia com diſpoſiçaõ natural: na de Camões com diſpoſiçaõ artificial em razaõ inverſa, porque a propoſiçaõ eſtá no fim, e a conſequencia no principio, como ſe diſſeſſe: *Muitos eſtariaõ nas pinturas*, iſto he, *ſeriaõ famoſos, ſe favoreceſſem as Artes.* Eſta paſſagem eſtá chêa de enfaſe, porque toda a pintura encer-

rada nos tres primeiros verſos ſe póde igualmente applicar ao material, e ao ideal; ao material, tomando o ſentido das palavras á letra, ſegundo a expreſſaõ da Poeſia muda; no ideal, applicando-o ao tranſumpto mental conſignado na pintura fallante. Naõ ſe podem fazer hendecaſyllabos mais puros, e cadentes do que eſtes, cujo ſentido he taõ chêo, taõ expreſſivo, que ſe acha conſagrado em axioma de altiſſima inſtrucçaõ. A metáfora, e a allegoria daõ notavel gravidade a eſte lugar. No terceiro verſo eſtaõ deſignados todos os requiſitos, que fomentaõ as Artes, o principal dos quaes he a honra, ou o apreço; mas eſte, ſem premio e auxilio, nada póde aproveitar. O concurſo deſtas tres retribuições criaõ e augmentaõ as Artes, que eſta he a energia do verbo *criar* neſta paſſagem, e onde naõ houver protecçaõ, naõ eſperem já mais, que as Artes floreçaõ, coſtumes, nem virtudes, que elevaõ o eſpirito, e movem os corações a conceber, e tentar emprezasglorioſas, cuja fama nunca perece. Sublimidade de conceito, o mais puro atticiſmo, e harmonia delicioſa fazem o maior merecimento deſta paſſagem. Quaſi com a meſma generalidade de ſentido vemos a meſma propoſiçaõ relatada nos ſeguintes verſos da Luſiada Canto 9. Eſtança CXLV.

O favor com que mais ſe accende o engenho
Naõ o dá a patria naõ, que eſtá metida
No goſto da cubiça, e na rudeza
De huma auſtera, apagada, e vil triſteza.

No primeiro verſo vemos conſignada a propoſiçaõ da paſſagem do Miranda — *Dar favor aos engenhos, e a toda a arte das boas.* — No ſubſtantivo *engenho* eſtá a força da generalidade da expreſſaõ nelle recopilada por huma eſpecie de metonymia. O meſmo ſe póde dizer do termo *favor*, ſugeito da propoſiçaõ, onde collectivamente ſe incluem as idéas expreſſadas pelos termos *honra*, e *premio* da paſſagem antecedente. Tambem o ſentido deſtes ver-

versos moraliza altamente. Nas terras, onde as Artes naõ florecem, onde a cubiça, e a riqueza valem por todas as virtudes, em lugar de hum nobre orgulho, e alegria sublime nascida da cultura das Artes, que só podem dar elevaçaõ ao espirito, e verdadeiro contentamento, sómente se mostra a seccura da tristeza de huma alma hydropica de cubiça, e abrazada da sede de ouro que a devora. Esta enfermidade moral he muito conhecida, onde mais reina a ignorancia: eis-aqui o motivo por que vemos tantos milhionarios consumidos de tristeza tal, que parece, que no seu rosto nunca brilhou o amavel riso de huma alegria pura e innocente. Cultura, pureza, e harmonia saõ as graças destes bellos hendecasyllabos. O mesmo conceito do Poeta Miranda annunciado com menor generalidade, ou por melhor dizer, com applicaçaõ sómente á Poesia Epica vemos consignado nos seguintes versos da Lusiada, Canto V., Estança 94.

Si, mas aquelle Heroe, que estima, e ama
Com dões, mercês, favores, e honra tanta,
A Lyra Mantuana faz que sôe
Eneas, e a Romana gloria vôe.

Eis-aqui a proposiçaõ com menos extensaõ que a do Miranda, mas com as mesmas circumstancias, que na primeira passagem do nosso Poeta expressadas nos termos *dons*, *merces*, *favores*, e *honra*. Os dous primeiros versos saõ muito puros, e perspicuos; os dous ultimos muito elevados, e poeticos, e todos chêos da mais deleitavel harmonia. O mesmo sentido com a mesma limitaçaõ se vê explicado nos seguintes hendecasyllabos da Lusiada Canto VII. Estança 78.

Vosso favor invoco, que navego
Por alto mar com vento taõ contrario,
Que se naõ me ajudaes, hei grande medo,
Que meu fraco batel se alague cedo.

Ó que bella poesia! Que admiravel encanto de expressaõ, onde o pathetico vai começando a desenvolverse para se vir a dilatar com a energia, com que adiante se manifesta! Pede favor ás Musas, entidades symbolicas em que se personalizaõ as Artes. He chêa de artificio a pintura do engenho desamparado e perseguido, representado debaixo da bella allegoria de hum batel em mar tempestuoso, assim como Horacio configurou a Républica no Liv. I. Ode XIV., taõ conhecida em toda a Litteratura. No termo *favor* estaõ representadas collectivamente todas as consolações espirituaes, que recebe hum verdadeiro Poeta, quando o sentimento interior da sua consciencia lhe persuade ter feito huma obra digna da immortalidade. Estas consolações, estes prazeres interiores saõ a paga, e o verdadeiro premio do grande genio, que ama a gloria, a quem tem por unico alvo das suas ambições, unica e sublime satisfaçaõ das suas fadigas, e norte aonde se dirigem todas as suas operações. O segundo verso mostra a força da allegoria; — pela palavra *mar* exprime a carreira das Artes, especialmente na Poesia Epica, cuja immensidade só póde ser sondada por hum genio verdadeiramente sublime. — *Vento contrario* — expressaõ collectiva que designa os trabalhos, as perseguições, que impedem os vôos do genio. O terceiro he de expressaõ simples, que faz hum excellente contraste com a expressaõ translata dos outros. No quarto está, como disse, o engenho configurado no termo *batel*: sim, que os trabalhos e as perseguições, sempre suscitadas pela inveja contra o Sabio, saõ capazes de fazer transtornar, e confundir, e aniquilar o mais sublime entendimento. A Poesia mais elevada, a expressaõ mais culta, e harmoniosa saõ as graças principaes, que constituem esta passagem huma das mais insignes pinturas, que se encontraõ na Poesia Epica.

Com generalidade a toda a Poesia vemos o mesmo pensamento expressado na Ode VII. desta maneira:

Mas

Mas altos corações dignos de imperio
Que vencem a Fortuna,
Foraõ ſempre columna
Da Sciencia gentil. Octaviano
Scipiaõ, Alexandre, e Graciano,
Que vemos immortaes,
E vós que o noſſo ſeculo douraes.

Neſte exemplo vemos o meſmo penſamento expoſto por modo todo differente. Em lugar de favor, mercês, honra, dons, premio, uſa do termo *columna*, que neſta paſſagem exprime idéa collectiva, e em lugar de *Artes* e *engenho* — Lyra Mantuana — e batel — ſerve-ſe da expreſſaõ *Sciencia gentil*: bellas, e excellentes metaforas. Em primeiro lugar moſtra, que favorecer as Artes, e em eſpecial a Poeſia, he condiçaõ propria de hum Principe illuminado, e por iſſo digno de imperio, o qual pelas ſuas acções vence a fortuna, ou aquella fatalidade, que a ignorancia faz preſidir ás acções dos homens: eſta aſſerçaõ poſitiva he comprovada com exemplos dos maiores Monarcas da antiguidade, que pelo favor, que deraõ á Poeſia ficáraõ immortaes, finalizando a eſtrofe com a mais poetica, e maravilhoſa expreſſaõ, que de nenhum modo procede, como quer o ſabio Faria e Souſa, da ſeguinte paſſagem do Sanazaro na Ecloga IX.

. . . . Conoſcano
Quanto il ſecol perduto in voi rinovaſi.

A qual ſe alguma ſemelhança póde ter com a de Camões: — E vós que o noſſo ſeculo dourais — ſerá por analogia remotiſſima, unicamente produzida pelo ſentido, e nada pela expreſſaõ. Eſta meſma repetio na Ecloga VI. — O que vos deve o mundo, que dourais: — feliciſſimo modo de fallar, que ſó por ſi abona o nobre engenho, que o produz. Tambem he notavel a elegan-

cia — *Sciencia gentil* — pela Poeſia, como a denominavaõ os Provençaes: — *Gaja Scienza* —, ou *Gai ſaber*. Pureza, elegancia, e harmonia ſaõ as graças mais relevantes deſta paſſagem, cuja derradeira expreſſaõ, conſignada no verſo final, teve naſcimento na poeſia antiga a ſaber: Virgilio Enéada, Liv. VI. verſo 792.

Auguſtus Caeſar, Divûm genus, *aurea condet*
Saecula, qui rurſus Latio, regnata per arva
Saturno quondam. . . . .

Que pouco mais ou menos querem dizer o ſeguinte:

Ceſar Auguſto, geraçaõ dos Deozes
Que ha de ſegunda vez no Lacio antigo,
Onde reinou Saturno, e teve abrigo,
Reſtituir os *ſeculos dourados*.

O meſmo na Ecloga IV. verſo 8.

Tu modo naſcenti puero, quo ferrea primùm
Deſinet, ac toto ſurget *gens aurea* mundo,
Caſta fave Lucina. . . . .

Cujo ſentido he o ſeguinte:

Caſta Lucina, acode ao tenro infante,
Com quem ha de acabar a ferrea idade,
E ha de tornar *a de ouro rutilante*,
Que moſtrará com elle em todo o mundo
Gente de alto valor, ſaber profundo.

Horacio Liv. II., Ode X. com diverſa applicaçaõ:

Auream quiſquis *mediocritatem*
Diligit, tutus caret obſoleti
Sordibus tecti, caret invidendâ
Sobrius aulâ.

Que

Que em Portuguez dizem :

Aquelle que ſómente eſtima , e ama
Aurea mediocridade ;
De tecto humilde , e ſordido carece ;
Nem habita com tumida vaidade
Palacio de invejada mageſtade.

Aſſim como tambem na bella , e ſublime Ode II. do Liv. IV. em louvor de Pyndaro :

. . . et vires , animumque , *mores* —
— que *aureos* ducit in aſtra , nigro —
— que invidet Orco.

Que mais ou menos diz o ſeguinte :

Quando levanta aos Aſtros luminoſos
Hum animo gentil de *aureos coſtumes* ,
E para ſempre o ſalva
Dos furores do Tartaro horroroſos.

Ovidio no Liv. I. dos Metamorfoſeos , verſo 89.

Aurea prima *ſata* eſt *aetas* , quae vindice nullo ,
Sponte ſua , ſine lege fidem , rectumque colebat.

Que dizem :

Naſceo então primeiro a *idade de ouro*
D'altas virtudes mil puro theſouro.

E tudo finalmente naſceo da ſeguinte paſſagem de Heſiodo no ſeu Poema das Obras e dos Dias , Liv. I. verſo 109.

Ως

Ὡς ὁμόθεν γεγάασι θεοὶ θνητοὶ τ᾽ ἄνθρωποι,
Χρύσεον μὲν πρώτιςα γενῆν μερόπων ἀνθρώπων
Α᾽θάνατοι ποίησαν, ὀλύμπια δώματ᾽ ἔχοντες.

Que com pouca differença querem dizer o ſeguinte:

Tanto que heróes, e miſeros mortaes
Entráraõ de exiſtir, nova *aurea gente*
De coſtumes, e linguas deſiguaes
Criáraõ logo os Deozes moradores
Do rutilante Olympo omnipotente.

Daqui vem *horas douradas* do Ferreira, como ſe vê neſte verſo do Epithalamio dos Principes de Parma: — Boa eſtrella te leve, *hora dourada* — que ſerve de eſtribilho ao Canto intercalar das Nereidas, e Tritões introduzido naquelle poema: daqui procede tambem *tempo dourado*, que commummente ſe uſa na fraſe familiar.

O meſmo penſamento applicado unicamente á ſua Epopéa veremos nos ſeguintes verſos da Eſtança 82., Canto VII. da Luſiada:

Vede, Ninfas, que engenhos de ſenhores
O voſſo Téjo cria valoroſos,
Que aſſim ſabem prezar com taes favores
A quem os faz cantando glorioſos.

O exemplo eſtá no terceiro verſo, onde ſe vê o verbo *prezar* em lugar de *eſtimar*, o qual he chêo de força, e de energia, eſpecialmente combinado com o ſubſtantivo *favor*. Naõ póde haver eſtylo mais liquido, nem verſos mais cadentes do que os deſta paſſagem. No principio da ſeguinte Eſtança 83. temos a meſma expreſſaõ:

Pois logo em tantos males he forçado,
Que ſó voſſo favor me naõ falleça.

Mo-

Modo de exprimir verdadeiramente chêo de gravidade no verbo fallecer, que por menos commum he mais poetico do que o verbo *faltar*. Tambem as virtudes destes dous hendecasyllabos saõ as mesmas que as da passagem antecedente. No Canto I. Estança 18. apparece a mesma expressaõ com significado relativo á Lusiada :

Dai vós favor ao novo atrevimento
Para que estes meus versos vossos sejam.

Aqui vemos o mesmo pensamento com diversidade notavel no substantivo *atrevimento* , abstracçaõ moral , que , por virtude de huma metáfora chéa de felicidade , exprime neste lugar artefacto mental , a Lusiada. Com razaõ lhe ajuntou o adjectivo *novo* com summa propriedade , pois que , como já fica escrito no juizo que fizemos deste grande Poeta , a Lusiada foi a primeira Epopéa regular , que appareceo na Europa em oitava rima. Os versos saõ puros , elegantes , e cadentes.

No mesmo sentido , e com a mesma relaçaõ se vê tambem na Ode VII. , Estrofe 4ª

Imitando os espritos já passados
Gentís , altos , Reaes ,
Honra benigna dais
A meu tam baixo , quam zeloso engenho.
Por Mecenas a vós celebro , e tenho ;
E sacro o nome vosso
Farei , se alguma cousa em verso posso.

A Estrofe 8.ª he glosa desta , que se póde reputar resumo daquell'outra , que acima fica , e offerece hum bello exemplo de abreviatura , ou recopilaçaõ do pensamento. Outro exemplo se vê nesta mesma Estrofe no verso — Por Mecenas a vós celebro e tenho — modo notavel de exprimir resumido , porque na voz Mecenas se achaõ incluidas todas

as

as formulas de expreſſaõ, que temos apontado. Faz-ſe digna de reparo a fraſe — E ſacro o nome voſſo — a qual denota o maravilhoſo effeito da verdadeira Poeſia, que he fazer eterna a peſſoa que celebra em tal ponto, que fica reputada como huma divindade: eſta he a energia do epitheto *ſacro*, que tem o meſmo valor que o penſamento do Miranda: — *Huns faz Deozes de todo.* — A derradeira clauſula — *ſe alguma couſa em verſo poſſo* — he de Virgilio na Enéada, Liv. IX. no bello epiſodio de Niſo, e Eurialo:

Furtunati ambo, ſi quid mea carmina poſſunt.

Outro modo de exprimir o meſmo penſamento vemos na meſma Ode, Eſtrofe 6.ª com muito ſublime diverſidade:

Na voſſa arvore ornada de honra, e gloria
Achou tronco excellente
A Hera florecente
Para mim atéqui de pouca eſtima:
Nella para trepar ſe encoſta e arrima;
E nella ſubireis
Tam alto, quanto os ramos eſtendeis.

Os primeiros tres verſos ſaõ muito poeticos, e harmonicos. O ſubſtantivo *arvore* eſtá por geraçaõ com bello artificio na combinaçaõ dos dous predicamentos *honra*, e *gloria*, que, quer os conſideremos activos, quer paſſivos, daõ ſummo valor á expreſſaõ. *Arvore*, *tronco*, *hera*, e todo o reſto da Eſtrofe ſaõ translações ſymbolicas, que pintaõ aos noſſos olhos humas taõ ſublimes abſtracções do entendimento como: *geraçaõ*, *patrocinio*, *Poeſia*, *ſublimidade*, e *exiſtencia eterna*. A hera arrimada ao tronco he emblêma da Poeſia, que para florecer quer deſcanço, e amparo. Expreſſaõ que teve naſcimento na Poeſia de Virgilio, e Horacio como ſe faz certo dos ſeguintes exemplos: Ecloga VII. verſo 25.

Paſ-

Paſtores *hedera* creſcentem ornate Poetam.

Ornai Paſtores de *hera floreſcente*
O Poeta onde eſpira Febo ardente.

Mas dos ſeguintes lugares he que foi propriamente extrahida eſta expreſſaõ metonymica de Camões; Virg. Eclog. VIII. verſ. 12.

. . . . Atque hanc ſine tempora circum
Inter victrices *hederam* tibi ſerpere lauros.

Permitte, que entre os louros vencedores,
Que a tua fronte adornaõ, ſe entreteça
A *hera* digna de immortaes louvores.

Horacio Livro I., Ode I.

Me doctarum *hederae* praemia frontium
Dîs miſcent ſuperis . . . .

A *hera* premio do merecimento
Aos Deozes me erguerá do ethereo Aſſento.

Neſtas duas ultimas paſſagens vemos *hera* ſignificando Poeſia; aſſim como na ſeguinte de Bernardes na Carta V., que ſe póde pôr em parallelo com a de Camões pela ſemelhança:

Mas permittindo o Ceo, que ſe moſtraſſe
Em vós á Minha muſa outro Mecenas
Por cujo *tronco a baixa hera* trepaſſe.

Nella vemos tambem *tronco*, *e hera* nas meſmas accepções, que na de Camões, em cujos ultimos dous verſos eſtá o conceito do Sá de Miranda — *faz os Reis*

aqui immortaes. — Elegancia, pureza, e harmonia, saõ as graças da passagem de Bernardes. Todas estas formulas saõ metonymias de bellissima estructura.

Na Ode, VIII., Estrofe 3.ª apparece o mesmo conceito expressado por hum artificio negativo, que naõ deixa de ser bem engenhoso:

E naõ se desprezou
Aquelle fero, e indomito mancebo
Das artes, que ensinou
Para o languido corpo o intonso Febo.

Toda a proposiçaõ negativa desta passagem tem força de asserçaõ positiva, como se dissesse: — *prezou as artes* — fraze que equival ao conceito de Miranda — *dar favor aos engenhos, e a toda a arte.* — Pondere-se de caminho a bella perifrasis da Medicina, e a pintura da enfermidade corporal, consignada no derradeiro verso pela energica enunciaçaõ do accidente *languido*, palavra pouco usada antes de Camões, e muito dos Francezes no mesmo sentido, a qual tenho visto censurar de pouco pura; mas o pouco, ou nenhum estudo do Idioma nos nossos tempos, faz produzir juizos taõ temerarios. Elegancia, cultura, e harmonia, saõ as virtudes deste estylo.

Outra igual perifrasis da Medicina, e da Sciencia da Botanica, ou da Historia natural no reino vegetal, se verá na seguinte passagem da Estrofe 9.ª da mesma Ode:

Hum velho que ensinado
Das Gangeticas Musas na Sciencia
Podaliria subtil, e arte silvestre,
Vence o velho Chiron de Achilles mestre.

Que bella, e que poetica expressaõ! Estes saõ huns dos lanços, onde se mostra a sciencia, e a destreza de hum artifice tal, como o divino Camões. Elegáncia, cultura, e harmonia. Na Estrofe 7.ª da mesma:

. . . Fa-

Favorecei a antiga
Sciencia, que já Achilles eſtimou.

Temos a meſma expreſſaõ, e quaſi o meſmo conceito applicado á Medicina: mas naõ he tambem Medecina a Poeſia? Medicina tanto mais ſublime, e proveitoſa, quanto excede a do eſpirito á do corpo, como altamente o perſuade Cicero no principio da III. Tuſculana? Sim; a Poeſia, por mais bella que ſeja, nenhuma eſtimaçaõ merece, ſe naõ concorre para nos curar das enfermidades moraes, que attacaõ o noſſo eſpirito: por iſſo a Tragedia ſerá em todos os tempos a mais util, e reſpeitavel de todas as compoſições poeticas: eſſe he o motivo porque vemos igualmente Apollo inventor da Poeſia, e da Medicina. Clareza. A meſma expreſſaõ, e naõ o meſmo conceito que vimos combinando, ſe vê noutra paſſagem da Eſtrofe 10. do meſmo poema:

O qual eſtá pedindo
Voſſo favor, e amparo ao gram volume,
Que impreſſo á luz ſahindo,
Dará da Medicina hum vivo lume.

Eſtes quatro verſos eſtaõ tecidos de bellas, e elegantiſſimas formulas de expreſſar verdadeiramente poeticas; o exemplo eſtá nos primeiros dous verſos: o penultimo contém fraſe, que veroſimilmente era deſconhecida da noſſa Poeſia anterior a Camões: talvez, que deſte lugar naſceſſe a meſma formula, de que tanto ſe ſerve a fraſe commua em ſemelhantes caſos. Deſta expreſſaõ procede legitimamente a do derradeiro verſo, que he cheia de força, de elegancia, e ſummamente poetica. Elegancia, cultura, e harmonia. Outro rodeio de expreſſaõ, todo novo no noſſo Idioma, preparado com artificio negativo, ſemelhante a outro lugar acima, ſe appreſenta na Eſtrofe 11.

Assim que naõ podeis
Negar a que vos pede *benigna aura.*

Aura por favor he todo tirado do Latim por este grande homem, que já o tinha usado na excellente prosopopéa de Portugal, no fim do Canto IV. da Lusiada, Estança 95.

Ó fraudulento gosto, que se atiça
C'uma *aura popular*, que honra se chama.

Frase propria da Poesia Épica, e Lyrica pelo que tem de sublime, e audaz, a qual he taõ frequente nos Latinos Poetas, e prosistas, que escuso relatar exemplos. Elegancia, e harmonia.

Na Elegia IV. vem o mesmo conceito expressado com visivel differença:

Tem claro estylo, e engenho curioso
Para poder de vós ser recebido
Com maõ benigna, e animo amoroso;
Pois se só de naõ ser favorecido
Hum alto esprito fica baxo, e escuro,
Este seja com vosco defendido.

No segundo, e terceiro hendecasyllabo do primeiro terceto se vê o pensamento, que vimos comparando. A idéa de protecçaõ, que em Sá de Miranda está consignada n'huma expressaõ concreta, acha-se neste lugar exposta por hum rodeio bello, e mui significativo pelos accessorios annunciados no terceiro verso, os quaes fazem a pintura notavelmente amavel, e gentil. No segundo terceto estaõ mais dous exemplos, hum no primeiro, outro no derradeiro verso, com dependencia reciproca, e summo artificio, exprimindo a primeira proposiçaõ hum grande documento, que *hum sublime engenho*,

sem

sem protecçaõ fica de nenhum valor. He notavel a nobre simplicidade, pureza, e harmonia desta passagem. He cheia de verdade a exacçaõ, com que ajuiza do estylo da Historia da Terra Santa Cruz, composta por Pedro de Magalhães Gandavo, sem se esquecer da clareza, que he a parte mais essencial de hum bom estylo. De sorte que só neste lugar vemos tres exemplos.

Outro modo de expressar o mesmo pensamento, mas por analogia se vê no III. Canto da Lusiada Estança 2.

> Deixa as flores do Pindo, que já vejo
> Banharme Apollo n'agoa soberana.

Invoca a Musa Calliope, como se dissesse: *Deixa as* flores do Pindo *vem-me inspirar*, *vem-me favorecer*, assim como Apollo, que tanto me inspira, e favorece, que já *me banha na agua soberana* da Caballina. Bem entendido, que nesta passagem está o mesmo pensamento objecto da nossa comparaçaõ, exprimido por dous modos, hum no primeiro, outro no segundo verso. Naõ ha palavras que assaz possaõ louvar a belleza destas expressões verdadeiramente filhas do enthusiasmo. Que versos, que admiraveis versos! Que amabilissima poesia! O segundo hendecasyllabo he em si outro exemplo, que encerra o mesmo sentido, isto he, que Apollo tanto o favorece, e tanto lhe liberaliza da fonte Caballina, que o banha nella. As expressões destes hendecasyllabos saõ todas symbolicas, e o estylo he . . . . . hum estylo divino.

Diz mais o Sá de Miranda, que o favor com que os Reis portegem as Artes lhes grangeia fama immortal: — *faz os Reis aqui immortaes.* — Vejamos pois como Camões exprimio o mesmo conceito no bello Soneto 187. feito em louvor do celebre Manoel Barata grande Mestre de escrever, que o foi d'ElRei D. Sebastiaõ:

> E *porque immortal sejas* eis Apollo
> Te offerece de flores a corôa.

He

He a mesma, e identica expressaõ que a do Miranda. Passemos a outra do Soneto 12.

Na memoria das gentes vivireis.

He o mesmo conceito por huma bella, e nobre perifrasis concebida em estylo facil, e harmonico.

No Soneto 78 vem o mesmo conceito expressado por hum modo bem engenhoso, bem proprio da sublime fantasia deste admiravel Poeta, cuja fecundidade de idéa tambem apparece neste genero de expressaõ:

Ninfas por quem Castalia se abre, e cerra;
Vós que fazeis á morte mil enganos.

O primeiro verso he huma excellente perifrasis das Musas. O exemplo está no segundo verso. ;, Enganar a morte, diz o Sabio Faria e Sousa, he fazer-se immortal por suas obras, com que se fica vivo no mundo depois que se morre; porque o uso da morte he apagar as memorias de tudo quanto nelle vive, por mais grande que seja: e estes enganos á morte naõ ha quem os faça como os famosos escritos, pelos quaes estaõ aqui as Musas; e he clarissimo, porque muitos varões houve gloriosos, cuja fama está morta, porque naõ os tomáraõ á sua conta nem grandes historiadores, nem grandes Poetas. Elegancia, e harmonia em gráo supremo he o porque mais se distingue esta passagem.

Expressaõ de igual natureza, postoque com sua differença no sentido, he a que se segue no Soneto 190.

E á sua dor fazendo illustre engano.

Com frase igualmente pura, porém mais simples, vemos o mesmo conceito na Lusiada Canto VIII., Estança 37.

Aquel-

Aquelle faz, que ſama illuſtre fique
Delle em Germania, *com que a morte engane.*

He o meſmo *immortal* do Poeta Miranda, que o Camões exprimio por — fazer á morte enganos, — e — *com que a morte engane* — fazendo naſcer com engenhoſo artificio huma propoſiçaõ de hum adjectivo. Pureza.

O meſmo conceito por modo diverſo na Luſiada, Canto I., Eſtancia 2.

E aquelles que por obras valoroſas
Se vaõ da lei da morte libertando.

Bella Poezia! *Obras valoroſas* tambem pódem ſignificar *eſcritos excellentes*, e por iſſo de valor, porque aproveitaõ: eſta he a energia primitiva do adjectivo *valoroſo*; e quem ſe exime da lei da morte *fica immortal*: engenhoſos modos de fallar! Cultura, elegancia, e harmonia, ſaõ a virtudes deſte eſtylo.

O meſmo conceito expoſto por expreſſaõ da meſma natureza no Canto VIII. Eſtança 27.

Que Gonçalo Ribeiro ſe nomea,
Que póde naõ temer a lei lethea.

Eſta expreſſaõ tem mais audacia na força do verbo *temer*. Elegancia, e harmonia.

Na Eſtança 17, Canto I. vemos o meſmo por diverſo modo:

Albuquerque terrivel, Caſtro forte,
E outros em quem poder naõ teve a morte.

Logo ficáraõ *immortaes*, por iſſo meſmo, que nelles naõ teve poder a morte. Vejaõ de quanta variedade he capaz a grande fantaſia de hum Poeta ſabio, tal como

Ca-

Camões! Para fazer isto mais evidente, eu ainda me atrevêra a referir mais exemplos, se naõ temêra ser notado de excessivo.

Diz mais o Sá de Miranda, que hum dos insignes prodigios da Poesia he fazer os homens divinos, o que he consequencia da immortalidade: veja-se como exprimio isto mesmo o grande Épico na Lusiada Canto IX., Estança 92.

Mas a fama trombeta de obras taes
Lhes deo no mundo nomes taõ estranhos
De Deozes, Semideozes immortaes,
Indigetes, Heroicos, e de Magnos.

Aqui apparece o conceito de Sá de Miranda exprimido por hum modo mui sublime, desconhecido da Poesia do seu tempo. No terceiro verso está o exemplo: Naõ agradando a Camões a frase daquelle poeta — Huns faz Deozes de todo, outros em parte; — especialmente, a que fórma a derradeira clausula — *outros em parte*, — trouxe pela primeira vez do Latim a palavra *Semideos*, que exprime com mais força, e nobreza a idéa, que na clausula do Miranda apenas se mostra, o que melhor se vê da seguinte confrontaçaõ das duas passagens:

Miranda: *Huns faz Deozes de todo, outros em parte.*
Camões: *Deozes, e Semideozes immortaes.*

Onde a de Camões he infinitamente superior á do Poeta Sá. O primeiro verso do lugar do nosso Épico he de nobre alento poetico: o segundo pouco menos: os dous ultimos naõ tem circumstancia notavel mais do que a licença na desinencia em *anhos* da palavra *magnos*, á maneira dos Italianos: liberdade de que raramente usou, e lhe deve ser desculpada pelo sem numero de bellezas, com que enriqueceo a nossa Poesia, e a Lingua Portugueza, na qual ainda estava em uso este final no tempo

po de Camões, como se collige de varios Escritos, especialmente dos de Frei Heitor Pinto, sabio, e elegante escritor, que constantemente usa delle. O *gn* nas vozes derivadas do Latim, val *nh*, o qual uso passou dos Provençaes para os Italianos, onde inda permanece: nós tambem o adoptamos, e o fômos emendando, exprimindo conforme os Latinos. Esta dissonancia (se he) inda conservamos em *tamanho*, e *anho*, que significa *cordeiro*, usado este nas provincias, as quaes vozes saõ as Latinas *tam magnus*, *quam maguns*, *e agnus*. Clareza, e harmonia.

Este mesmo pensamento se acha expressado por hum modo soberanamente bello, e digno do mais sublime alento no Soneto 3.

Com grandes esperanças já cantei
Com que os Deozes no Olympo conquistára.

Com o respeito, que devemos á grande erudiçaõ de Manoel de Faria e Sousa, digo, que naõ estou pela interpretaçaõ, que elle dá ao segundo verso. — Com que os Deozes no Olympo conquistára — he o mesmo que se dissesse, que ganhára, e obtivéra á força do merecimento na poesia (que tal he a energia particular do verbo *conquistar* neste lugar) o ser immortal, o ser divino como saõ os Deozes do Ceo. — Eu cantei já com taõ soberano alento, que podia com razaõ aspirar á immortalidade. — Com que os Deozes no Olympo conquistára. — Por outro modo: — Cantei acções de heroes taõ altamente, que podia esperar que elles ficassem como Deozes, e com o sublime valor dos meus Cantos conquistasse para elles o attributo de divindade, que os mesmos Deozes gozaõ no Olympo.

Esta qualidade de expressaõ veio da poesia antiga, em que este grande Poeta era muito versado. Ovidio, Metamorfoseos Livro I. verso 192.

Sunt mihi *semidei*, sunt rustica numina Nymphae
Faunique, Satyrique, et monticolae Silvani.

Eu tenho *Semideozes* gloriosos,
Nynfas, Silvanos, rusticas deidades
Habitantes dos montes cavernosos.

E esta nasceo da seguinte passagem do poema das Obras, e dos Dias de Hesiodo, Livro I. verso 158.

Ἀνδρῶν ἡρώων θεῖον γένος, οἳ καλέονται Ἡμίθεοι.

Divina geraçaõ de Heroes humanos
Chamados Semideozes soberanos.

Diz mais o Sá de Miranda, que Scipiaõ entre o tumulto da guerra se deleitava com a Poesia, alludindo ao favor que este grande General Romano dava ao Comico Terencio:

Á guerra leva o mor Scipiaõ comsigo
As Musas brandas de seu natural,
Que assi sem armas sam de altas ajudas.

Vejamos como Camões exprime este mesmo conceito na Estança 96 do Canto V. da Lusiada:

O que de Scipiaõ se sabe, e alcança
He nas Comedias grande experiencia.

Tanto n'huma, como n'outra passagem naõ ha delicadeza, mas só simplicidade de expressaõ: a de Camões nada tem de relevante sobre a do Sá de Miranda, mais do que huma facilidade inherente ao seu estylo, postoque apparente neste lugar, onde falta o verbo *ter*, que se deve supprir por hum genero de Elipse, pouco natural á Syntaxe da nossa Lingua.

Já que naõ acho em Camões lugar algum, que corresponda no conceito a este do Sá de Miranda: — Cahíraõ as estatuas de metal: — seja-me permittido transcrever aqui a passagem de hum poema a este mesmo assum-

pto,

pto, executado por hum poeta obſcuro, que cultiva as Artes em ſilencio, e o que he mais, ſem vaidade.

Qual náo de hum Magalhães aventureiro
Pelos immenſos mares conduzida
Para fazer hum giro ao mundo inteiro;
Vôa dos largos ventos compellida,
Quando montando vai hum promontorio,
Aſſim deſapparece a curta vida.
Claras acções, nome inclyto, e notorio,
Arcos, eſtatuas, porticos, trofeos
Tudo conſome o tempo tranſitorio.
Diſſolvidos da vida os frageis veos,
Obeliſcos, pyramides naõ fazem
Voar a fama eterna até aos Ceos.
Da idade os vivos impetos desfazem
Monumentos firmiſſimos de gloria,
Que em ſolto pó, ſem nome, occultos jazem.
Só vós, filhas eternas da Memoria,
Muſas, divinas Muſas glorioſas,
Do tempo alcançais inclyta victoria.
Vós do abyſmo das ſombras tenebroſas,
Das voragens do negro Eſquecimento
Tirais as obras raras, e famoſas.
Por mais, e mais que ſe erga o penſamento,
Para fazer acções eſclarecidas,
E com fama ſubir ao claro aſſento;
Sem vós, Nynfas de Jove procedidas,
Seraõ no eſquecimento ſepultadas
As emprezas mais arduas, e ſubidas.

Deſculpe-ſe em fim a digreſſaõ, que nós promettemos de naõ tornarmos a interromper, ſenaõ outra vez, e com lugar muito breve, o fio das noſſas combinações.

Todo o fundo deſte penſamento, que temos vindo comparando, teve principio na poeſia antiga, ſem cujo eſtudo, naõ póde haver Poeta, nem Litterato completo.

 Mas

Mas como o merecimento do Petrarca he taõ avultado na Republica das Letras, convém que transcrevamos primeiro huma excellente passagem do Soneto 84 escrito ao Pandolfo, tambem celebre Poeta seu contemporaneo, em que exprime o mesmo pensamento com admiravel artificio; e posto que nisto excedamos o methodo, que nos temos proposto, he taõ relevante a belleza, com que annuncia as mesmas idéas, que faz desculpar toda a transgressaõ; e logo nos dirigiremos ao exame das fontes Latinas.

Credete voi, che Cesare, o Marcello,
O Paulo, od African fossin cotali
Per incude giammai ne per martello?
Pandolfo mio, queste opere son frali
Al lungo andar, ma'l nostro studio é quello
Che fá per fama gli huomini immortali.

Bellissima poesia, cujo sentido he o seguinte:

Crês tu jámais, que Cesar, ou Marcello,
Ou Paulo, ou o Africano fossem taés
Por bigorna sonante, ou por martello?
Taes obras cedo, ou tarde saõ mortaes;
Pandolfo, o nosso estudo claro, e bello
He só quem faz os homens immortaes.

Naõ se escandalizem os supersticiosos rigoristas de ver tantos agudos: noutro lugar mostraremos, que a semrazaõ de huma tal superstiçaõ procede, ou de ignorancia, ou de falta de exame filosofico sobre a natureza do numero metrico da nossa Poesia, cuja theoria he absolutamente ignorada. Seria preciso pois trasladar a Ode VIII. do Livro IV. de Horacio, que toda vem ao nosso caso; mas julgo que seraõ bastantes as seguintes passagens, que frizaõ mais ao nosso proposito:

Non

Non incisa notis marmora publicis,
Per quae spiritus, et vita redit bonis
Post mortem ducibus: non celeres fugae,
Rejectaeque retrorsum Annibalis minae,
Non incendia Carthaginis impiae
Ejus qui domita nomen ab Africa
Lucratus rediit, clarius indicant
Laudes, quam Calabrae Pierides: neque
Si chartae sileant, quod bene feceris,
Mercedem tuleris. Quid foret Iliae
Marvortisque puer, si taciturnitas
Obstaret meritis invida Romuli?
Ereptum Stygiis fluctibus Eacum
Virtus, et favor, et lingua potentium
Vatum divitibus consecrat insulis.
Dignum laude virum Musa vetat mori.

Cujo sentido he pouco mais ou menos, o que se appresenta nesta debil imitaçaõ:

As estatuas de marmore esculpidas
De epigrafes sublimes,
Por quem nova alma vem depois da morte
Aos grandes Capitães:
Os troféos, as victorias alcançadas
Contra as forças de Anníbal indomadas,
Nem o incendio, e derradeiro estrago
Da fera, e bellacissima Carthago
Fizeraõ mais egregio, e celebrado
Aquelle que voltou illustre, e ornado
C' o grande nome de Africa vencida,
Que a voz das Musas inclyta, e subida.
Nem de tuas acções claras, e nobres
Digno premio terás, se altos Escriptos
Guardarem profundissimo silencio.
Que seria do filho esclarecido

De

De Marte, e Rhéa Silvia,
Se para erguer-se aos lucidos planetas
A taciturnidade dos Poetas
Fosse contraria ao seu merecimento,
E o naõ deixasse hir ver o ethereo assento?
A lingua, o favor inclyto, a virtude
Dos poderosos vates,
Foi quem salvou das ondas do Cocyto,
E consagrou com gloria, e immortal grito
D'Eaco illustre o nome venturoso
Da Eternidade ao templo glorioso.
Que o peito digno de immortaes louvores.
Naõ deixaõ, naõ as Musas
Ver da morte os terrificos horrores.

Na Ode IX. do mesmo Livro:

Vixere fortes ante Agamemnona
Multi: sed omnes illacrymabilee
Urgentur, ignotique longa
Nocte: carent quia vate sacro.

Muitos varões invictos existíraõ
Antes de Agamenon:
Mas todos tristemente sepultados
Jazem, sem nome illustre em noite eterna,
Porque de hum sacro vate a voz subida
Lhes naõ deu fama eterna, e immortal vida.

E na Epistola I. do Livro II., verso 248.

Nec magis expressi vultus per ahenea signa
Quam per vatis opus mores, animique virorum
Clarorum apparent . . . .

Nem de bronze as estatuas animadas
Exprimem com mais força animo, e vulto,

Do

Do que as obras dos vates ſublimadas.
Nellas, ſem receber do tempo inſulto,
Vivem d'altos varões claros coſtumes,
E o animo gentil naõ fica occulto.

Temos acabado o exame deſta paſſagem, e bem quizeramos continuar na combinaçaõ de outras do genero ſublime, porém como os Poetas anteriores a Camões naõ fôraõ taõ fecundos no ſublime da primeira ordem, ou por falta de genio, ou porque naõ tratáraõ aſſumptos taes como a Epopéa manancial immenſo do ſublime, ver-nos-hemos preciſados a interromper de algum modo o plano, que tinhamos elegido para as noſſas combinações, e entraremos a analyſar paſſagens de diverſo genero de ſublimidade.

Começaremos pois pela Cançaõ já comparada com outra de Petrarca, por ſer a compoſiçaõ mais ſublime, que ſe encontra nas Poeſias do noſſo Miranda: depois hiremos combinando outras do genero ſublime, que mais relevantes fôrem: e logo entraremos na averiguaçaõ do ſublime pathêtico, onde nos poderemos alargar mais.

Eſta Cançaõ, que o Sá de Miranda imitou do Petrarca, como já fica demonſtrado, imitou tambem Bernardes, principiando, e terminando as Eſtrofes da meſma ſorte, que ſe vê nos dous Poetas precedentes: o dito poema, ſendo inferior nos penſamentos ao do Sá de Miranda, he mais culto na fraſe, e mais harmonico no metro: iſto poſto: Diz o Poeta Miranda na primeira Eſtrofe daquella Cançaõ: — Vós que nos deſtes claro a tanto eſcuro. —

Eſte meſmo penſamento exprimio Ferreira no Soneto 36. da II. Parte. Pelo modo ſeguinte:

O caminho mais arduo que nos guia
Da noſſa eſcura noite ao claro dia.

Na

Na expreſſaõ do Miranda eſtaõ os accidentes exprimindo ſubſtancias, e por iſſo naõ he taõ bella, porque he menos poſitiva. Na do Ferreira eſtaõ as ſubſtancias expreſſas, pintando aos olhos, dando ao quadro huma exiſtentia muito mais poſitiva, e cheia de enfaſe pelo ſentido collectivo dos termos *noite*, *e dia*, que neſte lugar tem viſivel applicaçaõ ao moral: por eſtes motivos pois, pela elegancia, e harmonia do eſtylo, eſta pintura he ſuperior á do Poeta Miranda.

No Soneto 40, P. II. vem a meſma expreſſaõ com baſtante elegancia:

Alimpa em noſſas almas ſuas torpezas,
Desfaze as nevoas, com que nos cegamos.

O primeiro verſo he duro, por cauſa da contracçaõ forçada do poſſeſſivo *ſuas*: no ſegundo, onde exiſte o exemplo, vê-ſe *nevoas* em lugar de *noite*, ſem contrapoſiçaõ manifeſta de idéa, a qual exiſte remotamente na acçaõ do imperativo *desfaze*. Tambem he applicaçaõ moral. Elegancia, e pureza. No Soneto 41.

Luz clara, que todo homem alumias

He o meſmo couceito por diverſa expreſſaõ; o penſamento poſitivo conſignado na clauſula *luz clara*, naõ tem contrapoſiçaõ, ſenaõ ſupprida pela idéa. Neſta expreſſaõ ſe vê ſupprimido o artigo, que devêra eſtar antes do ſubſtantivo *homem* por ſervir á harmonia, e por hir com o uſo de occultar os artigos em muitas occaſiões, que ainda entaõ exiſtia. He tambem applicaçaõ moral, e tem alguma elegancia.

No Soneto 42. com bella elegancia ſe vê a meſma pintura ampliada com qualidades acceſſorias pela maneira ſeguinte:

Com teu raio de luz reſplendecente
O mundo eſcuro e triſte alumiaſte.

Eſ-

Esta expressaõ he mais poetica que a do Sá Miranda, e que todas as tres passagens do mesmo Ferreira, que ficaõ transcriptas; nella pois accrescentou ao sugeito *mundo* o accidente *escuro* para diversificar do lugar do Poeta Miranda, e o notou mais com outro signal de consequencia no epitheto *triste*, usando de verbo de significaçaõ recta em lugar da translata, que empregou o Sá de Miranda. Tambem he applicaçaõ moral. Elegancia, pureza, e harmonia. No Soneto 44. p. 2.

Ao mundo espanto, luz á nevoa escura.

Tem semelhança com outra que acima fica: he tambem applicaçaõ moral. Concisaõ, e harmonia.

Outra elegancia semelhante á da penultima passagem se vê na Ecloga ao Natal:

Vem, gram Minino Deos, e homem, sai
Nova, divina luz a alumiar
O cego mundo . . . .

Nesta imagem vemos com a mesma propriedade o termo *luz* substituido ao substantivo *claro*, *e cego*, e ao outro substantivado *escuro* do Sá de Miranda, o que he muito mais bello, e conserva mais dignidade poetica.

Vamos ver como Bernardes se explicou nesta formula de expressaõ. N'hum Soneto á Natividade de Nossa Senhora vemos a que se segue:

O parto, que deu luz á noite escura.

Esta linguagem he mais culta, e natural que a do Poeta Sá, onde os dous adjectivos *claro*, *escuro* estaõ, como já dissemos, em lugar de substantivos, o que sobre naõ ser taõ corrente, naõ deixa de communicar á frase tanto, ou quanto de sabor plebeo no adjectivo *escuro*. Pelo contrario a de Bernardes he pura, harmonica,

e mui poetica. O mesmo Poeta disse igualmente n'outro Soneto das *Rimas Sacras* :

> Divinos raios nesta noite escura.

Nesta frase estaõ *raios* por *luzes* : boa metonymia. Elegancia , e harmonia.

Na Elegia II. das *Rimas Sacras* vemos o mesmo quadro com expressaõ quasi identica com a do Sá de Miranda :

> Ah vida , onde naõ ha gosto seguro :
> Quem menos de ti foge , entende menos :
> Quam pouco claro tens , e quanto escuro !

Este terceto he muito bem lançado. O primeiro verso moraliza com muito enfase. O segundo exprime huma proposiçaõ positiva , que tem restricta , e necessaria dependencia com a que se contém no terceiro verso , a qual he ao mesmo tempo consequencia della , expressada em termos chêos de muita perspicuidade nos accidentes *claro* , e *escuro* substantivados , á maneira da do Poeta Miranda , mas com muito mais artificio. A frase desta passagem he muito pura , e cadente : nella se vê com insigne uniaõ a facilidade da prosa , e a gravidade do verso. Com as mesmas qualidades lemos o seguinte lugar na Elegia III. das mesmas Rimas :

> Ah , que sem ti Senhor , he tudo escuro ,
> Tudo saõ sombras vans , e tudo sonho ,
> E cego o entendimento mais seguro.

Neste exemplo , que está no primeiro verso , vemos a palavra *escuro* artificiosamente collocada , de modo que póde ser substantivo , e adjectivo. Todo o terceto he muito puro , e poetico , especialmente no segundo verso , o qual se tivesse hum *he* unido a *sonho* no derradei-

ro

ro membro do ſegundo verſo, ficára digno de Camões. A meſma idéa ſe vè repetida no Soneto 4. das *Rimas varias* deſte modo:

Em vos tem dia claro, o ar tem puro,
Sem nevoa . . . .

He expreſſaõ concreta, tambem applicada a ſentido moral: neſta eſtá o ſugeito expreſſo na primeira parte da antitheſe, com hum predicado de mais: na do Sá de Miranda occulta-ſe n'huma, e n'outra: *ſem nevoa*, ainda que ſeja fórmula negativa, faz o ſegundo membro da configuraçaõ da fraſe, que em ſi nada tem de recommendavel, mais do que algum enfaſe alluſivo ao moral, como fica dito.

Vejamos como o meſmo Miranda explica por outra fraſe o meſmo conceito na Cançaõ II.ª, Eſtrofe 5.

Divina Claridade
Em noite eſcura alli tam claro dia.

Todas as configurações eſtaõ neſta paſſagem em collocaçaõ natural diſpoſtas de modo que daõ notavel evidencia á pintura. O epitheto *eſcuro* poſpoſto a *noite* dá gravidade á fraſe, aſſim como *claro* antepoſto a *dia*: combinaçaõ feliz tanto de idéa como de elocuçaõ, que faz a pintura muito poetica, a quem realça a notavel harmonia, naõ muito uſada deſte Poeta.

Eis-aqui como Pedro de Andrade Caminha exprimio o meſmo penſamento n'hum Soneto ás Sanctas Virgens, que vem no fim das ſuas Obras:

Ganha luz a alma, que antes era cega.

Eſta expreſſaõ nada tem de feliz, nem meſmo de elegante. O verbo *ganhar* he baixo, e mal applicado ao termo *luz*; o reſto da expreſſaõ nada tem de recommendavel. O meſmo Andrade na Ode II. diz:

Esta he aquella formosa
Luz, que tégora mais vos lumiou.

Nesta passagem falla do Sá de Miranda, a quem este poema he dirigido. O estylo he todo figurado: a frase considerada por partes he boa, e elegante; mas a combinaçaõ das vozes he defeituosa por causa da dissonancia na sagunda cesura de septenario, em que de tres syllabas faz huma, e na supressaõ da primeira do verbo *alumiar* pela figura Aferisis, que além de ser operaçaõ mui desagradavel, equivoca-se com *lumiar*, nome que significa coiceira da porta. Na primeira Elegia vem este pensamento inverso: — Tornou-se em noite escura o claro dia — pintura traçada com summa elegancia, e harmonia pouco commua ao Poeta Caminha, o que me faz crer, que este verso, ou estylo foi, assim como o que atraz fica do Miranda, roubado ao Camões, a quem o Poeta Andrade sobreviveo muito, e de quem nenhuma mençaõ fez, ou por inveja, ou por naõ render tributo aos talentos postos em hum sugeito taõ pobre de fortuna, quaõ rico de merecimento, quando por outra parte vemos, que largamente prodigalizou louvores a outros, que nunca fôraõ conhecidos, nem mereciaõ sello, como Luiz Pereira de Castro author da Elegiada, obra a mais infeliz que se conhece daquelle tempo, a qual, por supersticiosa veneraçaõ ao seculo em que appareceo, foi publicada ha poucos annos.

Resta-nos ver agora como Camões exprimio a mesma idéa, e de caminho se mostrará, que os mais Poetas, que vamos comparando, o imitavaõ, ou o copiavaõ, e que o precedente verso de Andrade, naõ he senaõ daquelle insigne Poeta, como já se póde hir vendo do seguinte exemplo no Soneto 130.

Gentileza de luz, que a noite escura
Tornava em claro dia. . . . .

Eis-

Eis-aqui a meſma pintura com as meſmas ſubſtancias, e com os meſmos accidentes, ſem mais differença do que a inverſaõ daquelles. Adiante ſe nos offerecerá occaſiaõ de moſtrar-mos inda com mais evidencia iſto meſmo: por hora, poſto que naõ ſeja deſte lugar, repare-ſe na ſublime elegancia *gentileza de luz*, fraſe naſcida do mais vivo enthuſiaſmo. A antitheſe da pintura que ſerve de exemplo nada tem de pueril antes he bella, natural, e harmonica: a propoſiçaõ he bem concebida, e a fraſe mais bem ordenada: os dous termos *noite*, e *dia* acompanhados dos ſeus adjectivos daõ muita propriedade á pintura. No Soneto 51.

Converteoſeme em noite o claro dia.

Aqui ſe vê que o eſtylo daquelle verſo do Poeta Andrade, e eſſoutro do Poeta Miranda era de Camões, cuja celebridade os obrigava a imitar o grande Épico. Eſta expreſſaõ he a meſma que a antecedente em razaõ inverſa, com a differença de faltar ao termo *noite* o adjectivo, que deſigna a ſua propriedade, por cauſa da acçaõ reciproca, e maior extenſaõ ſyllabica do verbo, que he mais proprio, e poetico, que a precedente paſſagem. No Soneto 145. faz a meſma pintura com pouco differentes cores:

Juntarſe o claro dia á noite eſcura.

A diverſidade eſtá ſómente no eixo da oraçaõ, fixado no verbo, que tambem he reciproco, para exprimir contrariedade, de que ſe organiza grande parte do Soneto. No principio da Ode I.

Trocando a noite eſcura em claro dia.

Eis-aqui o verſo, que Andrade furtou a Camões: e he tanto aſſim, que em algumas edições (ſe naõ me en-

ga-

gano) até vem o mesmo verbo *tornar* de que elle usou. Nem se póde reputar encontro de expressaõ, que a ambos os Poetas lembrasse, porque o Andrade naõ era capaz destas felicidades de elocuçaõ. O uso de ler em Camões esta, e outras expressões do mesmo genero fez, com que elle lhe roubasse este verso, ou lhe lembrasse, sem saber, que era do grande Épico, o que costuma acontecer: esta fórmula de expressar he taõ propria de Camões, que, além de se naõ encontrar com facilidade nos Poetas anteriores a elle, he frequentissima nas suas obras; e seja-nos permittido apontar as de que temos noticia. No fim do Soneto 186., Soneto digno de taõ admiravel engenho:

Como naõ morre Amor de piedade,
Naõ della que se foi á clara vida,
Mas de sí que ficou em noite escura.

Que bem lançado terceto em pensamento, e frase! O primeiro verso he todo de sentimento; mas como nada faz ao nosso intento, entremos a sondar as graças dos que se seguem. — *Clara vida* — eis-que o sugeito *vida* com o seu accidente *claro*, significando huma abstracçaõ de idéa, onde todas as vozes saõ empregadas em sentido figurado. Aqui está *clara vida* em lugar do simples adjectivo substantivado *claro* no de Sá de Miranda, e *noite escura* em lugar do tambem substantivado *escuro* do mesmo Poeta. *Vida* está metaforicamente, significando aquî luz, ou dia, o que constitue a primeira parte da antithese em contraposiçaõ de *noite escura*. A Poesia he o Imperio da metafora, donde procede a principal, e mais brilhante riqueza dos Idiomas. Na Ode XI. estrofe 7.

O gesto peregrino
Cuja presença torna a noite em dia.

Eis-

Eis-aqui outra pintura propria da mais fublime poefia: aqui vemos a palavra *gefto*, ou prefença mudar de fignificado, e tranfportar-fe para o de *luz*, como fe explica Fefto. *O gefto peregrino*: efta combinaçaõ de fugeito com hum accidente, que lhe faz reprefentar fuperioridade de belleza, he de gentil artificio: o termo *gefto* tem em fi tanta fuavidade de tinta, que pinta, e moftra ao penfamento huma recopilaçaõ de graças, que coftumaõ acompanhar a formofura feminil: o fubftantivo *prefença*, a quem com mais propriedade devemos chamar refumo da expreffaõ antecedente, porque reprefenta idéa collectiva, he de grande fignificado, e contém fenfivel belleza. Elegancia, e harmonia. Na primeira Elegia:

Eis a noite com nuvens fe efcurece;
Do ar fubitamente foge o dia.

He a mefma pintura em razaõ inverfa applicada ao fyfico, exprimindo o terrivel de huma tempeftade defenhada com alento poetico proprio da fantafia daquelle grande genio. A antithefe eftá conftituida em duas propofições, a primeira das quaes he confequencia da fegunda, artificio proprio da Poefia. O adverbio *eis* pinta idéa inftantanea, que fe propaga, e verifica pelo outro adverbio do fegundo verfo, o qual augmenta a energia do verbo *foge*. Na Ecloga I. Eftança 5.

Ao claro dia fegue a noite efcura.

Verfo muito femelhante na difpofiçaõ das palavras a outros, que já ficaõ analyfados, no qual eftaõ as propofições em ordem natural, differentemente da paffagem anterior: a elegancia do qual, pofto que naõ tenha a maior vivacidade no eixo da propofiçaõ que eftá no verbo *fegue*, he com tudo muita culta, e pura, nobre, e conhecidamente harmoniofa. Na Ecloga V. Eftança 12.

Fa-

Farás a noite efcura claro dia.

Frafe igual a outras, que acima ficaõ. Julgo eftar affaz provado, que aquelle verfo do Andrade he do celebre Camões.

As pinturas do Sá de Miranda eftaõ defenhadas com fingelleza propria da moderaçaõ do feu engenho, e da pobreza da Lingua naquelle tempo, as quaes fe vem mais ventajofamente retratadas em Ferreira, hum tanto melhor que efte em Bernardes, com mesquinhez em Andrade, e exprimidas em Camões com abundancia, e vigor do mais fublime engenho, que a Hefpanha vio.

Vejamos agora donde nafceo efte modo de fallar. A paffagem do Sá de Miranda, onde fe funda a noffa analyfe, he translaçaõ do fyfico ao moral: as dos outros Poetas, parte faõ do mefmo genero, e parte naõ: porêmos logo duas fontes cada huma da fua qualidade, donde provavelmente fe deduzíraõ as formulas, que acima transcrevemos, e todas as que defte genero fe encontraõ nos mefmos poetas com mais, ou menos modificações. A primeira origem deve fer a feguinte paffagem de Ovidio no Livro VI. dos Metamorfofeos, por naõ remontarmos aos Gregos, e alargarmos demafiadamente o efcrito:

Proh Superi, quantum mortalia pectora caecae
Noctis habent! . . . .

Oh Céos, que noite efcura triftemente
Envolve os corações da mortal gente!

Noite he nefte lugar applicaçaõ moral, e eftá por *ignorancia*, e com razaõ; porque a noite, ou efcuridade do entendimento he a ignorancia; affim como a fciencia he o dia, ou a claridade do efpirito: daqui vem *Juizo illuftrado*, *illuminado*, *luzes do entendimento*,

to, &c. A ſegunda veio da ſeguinte paſſagem de Virgilio Enéada I., verſos 331.

. . . . Et noctem flammis funalia vincunt.

Ao reſplendor das tochas luminoſas
Fogem da noite as ſombras tenebroſas.

Neſte lugar de Virgilio eſtá *noite* em ſentido proprio.

Na ſegunda Eſtrofe da meſma Cançaõ continúa o noſſo Sá de Miranda:

Virgem toda ſem magoa inteira e pura.

He pintura de expreſſaõ ſimples, como quaſi todas as deſte Poeta, e como coſtumaõ ſer em todas as linguas as daquelles, que primeiro nellas metrificáraõ, dando quaſi ſempre ás palavras ſignificações primitivas, como ſe vê neſte verſo na voz *magoa*, cuja ſignificaçaõ primaria he *macula*, como já fica advertido n'outro lugar: o adjectivo *inteira* tem enfaſe, porque a hum meſmo tempo he applicavel ao fyſico, e ao moral.

Eſta pintura ſe vê traçada pelo vigoroſo pincel de Ferreira no Soneto 35 do modo ſeguinte:

Onde eſtá aquella imagem pura e bella,
Artificio divino entre nós raro.

Eſta pintura eſtá muito ampliada no ſegundo verſo, que deve ſer conſiderado mais como amplificaçaõ do que conſequencia: ou por melhor dizer a conſequencia eſtá em lugar da antecedencia, que he a propoſiçaõ incluida no ſegundo verſo; porque de artefacto divino deve ſer attributo pureza, e belleza. O termo *artificio*, naõ he menos elegante que *artefacto*, neſte lugar, digo, onde, unido

ao epitheto *divino*, constitue huma elegancia da primeira ordem. Elegancia, e pureza. No Soneto 60.

Ó Alma pura. . . . .
Alma lá onde viveo já mais pura.

Estas frases saõ eccos verdadeiros da de cima, e nada tem de extraordinario. Estylo duro. No Soneto 6.° do Livro II. tem o mesmo Ferreira esta imagem traçada com bizarria Poetica de modo seguinte:

Aquella alma innocente, e sabia, e pura.

Elocuçaõ laconica, pura, e clara: esta pintura representa diversidade de accidentes, mas com analogia entre si. A innocencia he filha da pureza: o epitheto *sabio* pinta, assim como os outros, predicado moral fonte daquellas virtudes designadas pelos mesmos epithetos *innocente*, e *puro*. A copulaçaõ das conjunções no fim do verso he hum bello artificio admittido pelo Poeta Ferreira na metrificaçaõ Portugueza taõ seguido pelos homens de gosto, como ignorado da metromania dos ignorantes. O mesmo Poeta Ferreira na Elegia II. tem igual expressaõ:

Ditoso tu, que livre dos enganos
Do mundo, e da fortuna limpo, e puro
Aos Ceos voaste. . . . .

Pintura mais circunstanciada, onde os epithetos *limpo*, e *puro* saõ resultados: estes dous adjectivos saõ todos latinos com differença de huma syllaba de menos no primeiro, que he *limpidus*, que o Camões trouxe para o nosso Idioma, sem nenhuma alteraçaõ, onde ficou consagrado á Poesia.

Na historia da Santa Comba dos Valles se vê a mesma idéa expressada deste modo:

Tu

Tu Virgem Santa, tu Pomba divina.

Bello verſo, bella elegancia, eſpecialmente, a do ſegundo hemiſtichio — *tu Pomba divina* —, poſto que póde ſer cenſurada pelos nimiamente eſcrupuloſos por cauſa do jogo de *Pomba* com *Comba* vocabulo derivado de *Columba* voz latina, que ſignifica *pomba*: deve-ſe perdoar alguma couſa aos homens grandes, taes como Ferreira Poeta ſabio, e reſpeitavel, que tanto enriqueceo, e aperfeiçoou com ſeus Eſcritos a Lingua nacional. O epitheto *ſanta* refere-ſe aos coſtumes, como faziaõ os antigos, e ſe vê na Enéada de Virgilio, Livro XII., verſo 648.

Sancta ad vos anima, atque iſtius inſcia culpae
Deſcendam . . . .

Que pouco mais ou menos querem dizer o ſeguinte:

Pois vejo os Deozes feros, e implacaveis
Sêde-me, Eſtygios manes, favoraveis.
Minha alma a vós ſe envia ſanta, e pura,
Sem macula de culpa infame, e eſcura.

Na Carta XI. a Diogo de Betancur:

Couſa ſanta, mas rara, alma innocente.

Expreſſaõ pura ſemelhante nos accidentes a outras, que acima vaõ tranſcritas. A formula intermediaria — *mas rara* — he huma amplificaçaõ de todo o expreſſado. Pureza, e harmonia.

Vejamos agora como exprimio Bernardes iſto meſmo n'huma Cançaõ tambem a Noſſa Senhora, em tudo ſemelhante á do Poeta Miranda:

Ó Virgem ſingular, *pura*, e ſem *magoa*.

He quaſi como a do Sá. O epitheto *ſingular* ſignificando na origem latina huma unidade, aqui traz ao eſpirito idéa de perfeiçaõ em gráo ſupremo, e por iſſo unica, que he como huma eſpecie de juizo anticipado, que verificaõ as duas palavras *pura*, e *magoa*: eſta tambem eſtá na ſua primitiva ſignificaçaõ, como a de Miranda, e como na Elegia a N. Senhora da Piedade pelo modo ſeguinte:

Agora vos dou choro em vez do canto,
Que grande razaõ he, Virgem *ſem magoa*,
Que com pranto acompanhe o voſſo pranto.

O verbo *dou* ſignifica neſte lugar *conſagro*. Pureza.

O meſmo Bernardes n'hum Soneto á Natividade de N. Senhora:

. . . . aquella Virgem pura
Da qual outro naſceo mais puro, e claro.

Eſta paſſagem appreſenta dous exemplos mui ſemelhantes aos que temos allegado, e por iſſo naõ preciſaõ de exame. Deixo outras elegancias de igual natureza, como *Virgem pura* no fim da meſma Elegia, repetida no principio da Hiſtoria de Santa Urſula, e no principio das lagrimas do Evangeliſta S. Joaõ.

Em hum Epigramma a Santa Clara tem as ſeguintes elegancias bem vivas, e pictureſcas:

Formoſa Virgem Clara, inda mais clara
Que a luz, ante quem foge a noite eſcura.

He verdade que neſta paſſagem ha jogo de palavras entre o ſubſtantivo, e adjectivo *clara*, que he defeito de eſtylo, mas neſte lugar merece deſculpa em abono da belleza de elocuçaõ do ſegundo verſo, que he muito expreſſiva, elegante, e harmonica. O epitheto *formoſa* ex-

exprime predicado enfatico, porque se póde applicar ao corpo, e ao espirito: neste adjectivo se achaõ recopiladas as duas formulas *toda sem magoa*, e *inteira* da expressaõ do Sá de Miranda. O segundo verso he huma bellissima ampliaçaõ do sentido incluso nos adjectivos *clara* do primeiro verso, e *pura* da expressaõ do Poeta Miranda; porque da pureza, ou limpeza applicada aos corpos fysicos procede huma especie de lustro, e resplendor: daqui por metafora, por semelhança inda mais presente no espirito, do que nas palavras, se transfere para o moral, e enriquece as linguas com mil frases, e rodeios taõ bellos, e significativos como esta do Bernardes, em cuja pintura está *luz* por *sol*, metonymia gentil, com a expressaõ de hum dos seus attributos, que he dissipar as trevas. Nesta pintura tudo está em movimento, e acçaõ. Tambem o lustro, e o resplendor he propriedade inherente aos corpos luminosos: agora veremos como Bernardes exprime pela mesma translaçaõ igual pintura com amplificaçaõ, e especie de consequencia no mencionado Epigramma:

Virgem em tudo santa, em tudo rara,
Espelho da divina formosura.

Este derradeiro verso he a consequencia de que fallo: a sua elegancia he a todos os olhos felicissima, e poetica, pura, e harmoniosa. Cicero na Oraçaõ contra Pison, Capitulo 29. nos mostra, donde poderia nascer huma formula poetica taõ brilhante: *Vitam alicujus in versibus tamquam in speculo intueri.* Desta formula já antes delle tinha usado Terencio nos Adelfos, Acto III., Scena III., vers. 61.: *Inspicere tamquam in speculum vitas omnium.* Da semelhança destes lugares latinos se póde colligir o artificio com que hum grande Orador se deve aproveitar da frase dos Poetas.

Vejamos como Pedro de Andrade exprimio esta idéa na Elegia II.

Alli

Alli he tudo claro, tudo puro.

Falla do Céo: a expressaõ nada tem de extraordinario, pelo que naõ precisa exame. No segundo Epithalamio: — Ornada de hũa virtude pura, e rara. — Frase bem commua, que nada offerece á observaçaõ, mas antes ao reparo na dureza syllabica, que se acha em de *hũa*, vicio frequente neste Poeta. He possivel, que elle tivesse os ouvidos taõ obstruidos, que lhe agradasse huma combinaçaõ taõ dura, e que lhe naõ occorresse outra mais harmoniosa, sem nada alterar no sentido, nem nas palavras! Naõ lhe quadraria muito melhor a seguinte disposiçaõ

Ornada de virtude pura, e rara.

supprimido o numeral *huma*, que neste lugar naõ dá mais força á expressaõ, nem o pensamento necessitava delle, assim como acontece algumas vezes, quando se precisa dar evidencia a huma asserçaõ positiva? Mas estas delicadezas só podem ser conhecidas daquelles, que ao engenho ajuntaõ muito saber, e hum exacto conhecimento da pratica, e da theoria em todos os generos subordinados ás Bellas Letras; porém isto seria hum prodigio, que a naõ ser na pessoa do grande Voltere, naõ sei que jámais existisse no mundo Litterario. Esta ignorancia he o vicio dominante nos Poetas, ou versificadores do nosso tempo. Mas quando o Andrade quizesse absolutamente conservar todas as palavras, de que compoz o dito verso, tambem o poderia fazer, ficando com huma belleza de mais além da harmonia, deste modo:

De huma virtude ornada pura, e rara.

Esta collocaçaõ de vozes era mais grave, e por isso mais poetica; nem lhe devia metter medo a disposiçaõ das pa-

palavras, cuja transpoſiçaõ faz hum hyperbato honeſto, conſtantemente admittido na Poeſia de Camões. No Epitafio 72.

Digo bom, digo ſanto, e de alma pura.

Bom verſo: boa fraſe, e aſſaz harmonica. No Epitafio 73.

— Por Duarte, que aqui jaz, e ſua alma ſanta. —

A fraſe he trivial, e o verſo duriſſimo, que nada tem de recommendavel.

Vamos ver como o grande Camões ſe portava neſte jogo: veremos com admiraçaõ a prodigioſa abundancia, com que aquella inexhauſta fantaſia variava o ſeu eſtylo, e como ao meſmo paſſo hia enriquecendo a Lingua de vozes, e fraſes nobres e elegantes. No V. Canto da Luſiada, Eſtança 48.

Com lagrimas de dor, de magoa pura.

Em primeiro lugar advertimos, que neſta enumeraçaõ naõ ſeguiremos ordem mais do que aquella que pede primeiramente o exame das fraſes em quanto fraſes, e depois o do conceito, para ſubirmos de menor para maior. Neſte verſo vemos duas translações; em *magoa pura*, formula, que naõ eſtava em uſo no Idioma antes do Reinado de D. Manoel, e que naõ veio a ficar verdadeiramente eſtabelecido nelle, ſenaõ pelo uſo, que della fez Camões, cuja facundia poetica lhe deo a mais ſolemne authoridade. Na Lingua antiga a energia primitiva da voz *magoa* raramente exprimia ſentimento, e a ſua applicaçaõ era mais ao fyſico do que ao moral: pelo contrario aqui, vemos *magoa* exprimir ſenſaçaõ dolorofa n'alma; o epitheto *pura*, que tambem tinha originariamente a meſma applicaçaõ, eſtá neſta fraſe repreſentando hum exceſſo; como ſe diſſeſſe *magoa extre-*

trema, *ſentimento exceſſivo*: e por iſſo eſta clauſula augmenta ſobre a antecedente *lagrimas de dor*. No meſmo Canto, Eſtança 100.

— Porque o amor fraterno, e puro goſto. —

Eſta fraſe eſtá já no ſentido das que temos analyſado: *puro* eſtá ſignificando *limpo*, *honeſto*, *innocente*, ou tambem *grande*, *immenſo*, exprimindo exceſſo como a precedente, o que tudo ſe deduz do ſentido da clauſula — *porque o amor fraterno.* — Na Eſtança 77. do Canto IX.

— Todas de correr cançam, Nynfa pura. —

Neſte verſo ſerve-ſe da meſma elegancia em ſentido profano.

No meſmo ſentido, mas com elegancia toda filha do ſeu engenho no meſmo Canto, Eſtança 82 diz:

— Volvendo o roſto já ſereno, e ſanto. —

Commummente as pinturas de ſentimento coſtumaõ ter huma harmonia menos notada: eſta pelo contrario he taõ cantante na ſexta, oitava, e decima pauſa, que eſtá enſinando a recitar. Nos dous epithetos, ou accidentes eſtá poſpoſto o antecedente ao conſequente: porque *ſanto* denota predicado honorifico d'alma, cuja conſequencia he ſerenidade, ou gentileza corporal, que he o que eſtá ſignificando neſte lugar. No Canto II., Eſtança 112.

— Com guerra vãa o Olympo claro, e puro. —

Fraſe propria da mageſtade Épica, naſcida da leitura do grande Épico latino nos ſeguintes lugares da Enéada Livro X., verſo 1.

Pan-

Panditur interea domus omnipotentis Olympi.

Abre-ſe em tanto a caſa refulgente
Do ſoberano Olympo omnipotente.

E no L. XII. v. 791.

Junonem interea rex omnipotentis Olympi
Alloquitur. . . . .

A Juno falla o Rei claro, e fulgente
Do glorioſo Olympo omnipotente.

Na Eſtança 134. do Canto III. da Luſiada vem eſte penſamento com tal diverſidade de expreſſaõ, que parece á primeira viſta outra idéa:

Aſſim como a bonina, que cortada
Antes de tempo foi candida, e bella.

Eſta pintura he digna de admiraçaõ pela pureza, pela elegancia da fraſe, e pela delicioſa harmonia do metro. A palavra *bonina*, toda noſſa, he de mimo inexplicavel. *Candida*, e *bella* denotaõ qualidades analogas; porque da candura, da innocencia, e da pureza, procede a belleza fyſica, ou moral, conforme a quizermos applicar: e poſto que neſte lugar eſteja ſegundo o ſentido material, a fraſe he mais o aſſumpto de noſſo exame, do que o ſentido, o qual ſe entra na noſſa combinaçaõ he pela analogia, que com elle tem a expreſſaõ como filha da idéa. *Candido* he epitheto latino, ſem nenhuma alteraçaõ naõ há adjectivo, que exprima com mais energia a alvura corporal, e por metafora, a innocencia eſpiritual. Ve-ſe pois que a força do ſeu ſignificado tem tal enfaſe, que correſponde a todo o ſentido expreſſado por — *ſem magoa inteira, e pura* — do

Sá de Miranda, dos quaes attributos he o adjectivo *candido* huma especie de resumo.

Outra pintura vem quasi de igual natureza pela elocuçaõ, na derradeira Estança do Canto III. tomada em sentido profano, mas que muito bem se póde applicar ao sagrado:

— Huma suave, e angelica excellencia. —

Elegancia toda de Camões, e incognita aos Poetas anteriores a elle: o adjectivo *suave* tem toda a energia que conserva no latim, além de huma certa molleza amavel nas primeiras duas syllabas, que mais pintaõ ao coraçaõ, do que aos sentidos, para o que nunca devem deixar de fazer dierisis: a combinaçaõ deste adjectivo com o epitheto *angelica* he de extrema belleza, que sobe ao galarim no abstracto excellencia.

Agora veremos a mesma idéa em sentido abstracto, sem empregar huma só dicçaõ das que se achaõ ponderadas em todos os lugares, que temos apontado: ella he no Canto VII. da Lusiada, Estança 69.

. . . . hum Profeta, que gerado
Foi sem fazer na carne detrimento.

Eis-aqui a abstracçaõ das formulas — *sem magoa inteira, e pura* — da passagem do Sá de Miranda: aqui está o sugeito representando só por si, sem realce de accidentes: este genero de expressaõ he mui proprio da sublimidade do estylo laconico.

No Soneto 197. se mostra o Camões espirito verdadeiramente sublime na bellissima elegancia, com que exprimio a mesma idéa pela maneira seguinte:

Para se namorar do que creou
Te fez Deos, Sacra Fenix, *Virgem pura.*

In-

Inda mais engenhoſo ſe moſtrou na elegancia ſeguinte da Eſtança 11. do Canto II. da Luſiada, onde lançou a mais bella, e gentil pintura, como a qual naõ ſe acha outra em toda a Poeſia antiga, nem moderna: ſeja-me licito referilla toda.

Alli tinha em retrato affigurada
Do alto, e Santo Eſpirito a pintura;
A candida pombinha debuxada
Sobre a unica Fenix, Virgem pura.

Seria por ventura mais feliz na expreſſaõ picturefca o pincel do Corregio, ou do Albano? Executariaõ elles eſte aſſumpto com mais biſarria, com mais freſcura de tintas, mais ſuaves, mais expreſſivas? Neſte genero de pintura he que Camões ſe moſtra verdadeiramente grande, verdadeiramente inſpirado. *Unica Fenix* he do mais ſubido realce de gentileza poetica; e no que Ouvidio diz da Fenix no Livro XV. dos Metamorfoſeos, e Sanazaro no II. do bello Poema do Parto da Virgem na vivaciſſima comparaçaõ da Senhora com a Fenix, naõ nos offerecem expreſſaõ donde eſta naſceſſe. He verdade, que o Petrarca na meſma Cançaõ a N. Senhora exprime a meſma idéa, mas nada da ſua fraſe pôde imitar o Camões neſta paſſagem, como ſe vê:

Vergine ſola al Mondo, ſenza eſempio.

No meſmo poema tem outro igual penſamento deſte modo expreſſado: — Vergine unica e ſola — Eſta fraſe lá tem mais alguma ſemelhança no adjectivo *unica*, mas eſta naõ he formula, que deixe de lembrar, naõ digo a hum Poeta como Camões, mas a hum pobre metrificador, ſem genio. Outros muitos lugares podera eu apontar a eſte reſpeito de Poetas anteriores a Camões, mas, por omittir citas, tranſcreverei hum lugar de Sanazaro n'hum dos Sonetos das ſuas Rimas, que, quanto-

to a mim, deu motivo á bella expreſſaõ de Camões, que moſtra nas ſus poeſias, que teve muita liçaõ de todas as obras daquelle Poeta:

Dolce mia ſacra, e ſingolar Fenice.

Tambem o Ferreira traz na Ecloga VI. huma expreſſaõ, que tem alguma ſemelhança: mas primeiro ponhamos aqui outra pintura, que na meſma Ecloga vem, a qual pela ſua belleza ſe póde applicar ao meſmo aſſumpto:

O Lyrio de ninguem jámais tocado
Ao caſto Amor conſagro . . . . . .

He belliſſima pintura deſcripta com admiravel pureza, e atticiſmo ſingular. Vamos á outra paſſagem:

. . . . Eis derramo
Da Phenix caſta a cinza, em que o ſeu puro
Corpo ſe queima . . . .

A expreſſaõ he elegante, e puriſſima; mas conſtrangida, e por iſſo naõ tem a freſcura, e a ſuavidade da de Camões, que neſtas operações era hum ſoberano artifice. Todas eſtas expreſsões, e eſpecialmente a de Sá de Miranda naſcêraõ daquella com que Horacio começa a bella Ode XXII. do Livro I.

Integer vitae, ſcelerisque purus

O varaõ de virtude inteira e pura
Naõ preciſa de obſequios da ventura.

De todo eſte exame ſe colhe, que a fraſe do Poeta Miranda he nobre, e laconica: a do Ferreira forte, mas nem ſempre harmonica: a do Bernardes extenſa, mas bella, e harmonioſa, culta, e que ſe avizinha ao eſtylo de Ca-
mõ-

mões: as frases do Andrade sem nervo, sem merecimento por serem imitações servís, e além de vulgares tem o defeito da dissonancia. As elegancias de Camões, saõ dignas da grandeza do seu enthusiasmo: nellas se vê que enriqueceo o Idioma com 5, ou 6 formulas novas, e cheias de graças.

Na mesma estrofe do mencionado poema do Sá de Miranda se acha a seguinte pintura:

— Claridade do Sol nunca turbada. —

Bella perifrases da pureza moral: esta elegancia he huma das mais gentís abstracções, que se encontraõ na Poesia Portugueza: ella he mui sonora, e enefatica: póde-se entender de dous modos; ou como o manancial donde o Sol extrahe a sua claridade, ou como a mesma propriedade daquelle astro considerado como corpo luminoso. Mas eu creio, que o primeiro sentido he o que deve subsistir nesta passagem como mais proprio da grandeza do assumpto; e nesta accepçaõ parece-me escusada a clausula *nunca turbada*: aliàs póde representar sentido material *claridade do Sol*, como proprio attributo daquelle astro, exprimindo intellectualmente sentido concreto, ou significando porçaõ de claridade extrahida do mesmo Sol, que póde ser eclypsado, e ter manchas ou fases, como algumas vezes se lhe tem visto.

Este modo de fallar tem sido muito do gosto da Poesia Portugueza, cujos cultores o tem diversificado por mil modos, que hiremos expondo, sem nos embaraçarmos demasiadamente com o sentido, porque a combinaçaõ, e o exame da frase he o principal objecto deste escrito: faço esta advertencia, porque dos exemplos, que allegarmos, huns seraõ em sentido abstracto, como esta passagem do Miranda, outros concreto.

Antonio Ferreira nos offerece quantidade de exemplos; elle era muito affeiçoado a esse genero de elocu-

çaõ,

çaõ, que he de ſua natureza muito expreſſiva, brilhante, e capaz de mil modificações, como ſe vê, naõ ſó neſte Poeta, mas em todos os mais: com tudo Pedro de Andrade, naõ lhe foi taõ inclinado. No Soneto 22.

. . . . lume ante quem poſto
Do Sol o raio fica eſcuro, e feio.

Aqui temos a meſma idéa ampliada em gráo ſuperlativo: eſta expreſſaõ abraça ſentido abſtracto, e ſentido concreto: em Sá de Miranda he a meſma claridade do Sol; aqui he luz que excede a do meſmo Sol: o termo *raio* he ſingular por plural: o adjectivo *eſcuro* he premiſſa, cuja conſequencia eſtá no adjectivo *feio.* No Soneto 24.

Por vós ſuſpiro, e pelo claro lume
De hum novo Sol.

Eſta elegancia he ſimillima á do noſſo Sá de Miranda. *Lume de hum Sol* correſponde á *Claridade do Sol*: neſta ſe repreſenta o effeito; naquella a cauſa. Soneto 11. P. II.

Vejo que minha eſtrella o ar aclara,
O Céo ſerena, ao Sol dá mais luſtroſos
Raios de luz . . . .

Elegante perifraſis da mencionada idéa do Poeta Sá. A propoſiçaõ do Ferreira deſpida de ſentidos acceſſorios ſoa deſte modo: — *Vejo que minha eſtrella dá ao Sol mais luſtroſos raios.* — Todo o periodo contém trez partes, ou trez orações que humas vaõ ſubindo ſobre as outras, rematando em *eſtrella*, ſugeito principal da propoſiçaõ, exceder em claridade ao meſmo Sol. A pureza, e a conciſaõ ſaõ as graças que mais reſplendecem neſte quadro, cuja expreſſaõ he cheia de calor, e harmonia. Na Ecloga IV.

Li-

Lilia, nynfa branca, nynfa loura,
O dia nos teus olhos amanhece.

Feliciffima elegancia, a qual naõ fei que feja imitada, e por iffo a reputo original. O fugeito da propofiçaõ reprefenta a caufa pelo effeito. O dia procede do Sol; logo o termo *dia* eftá fignificando Sol em fentido concreto pela inherencia da *claridade ao Sol*, como fe diffeffe: *A claridade do Sol brilha em teus olhos.* Com gentil elevaçaõ ufa do verbo amanhecer em lugar de refplendecer; bella, e mil vezes poetica translaçaõ, que dá muito que penfar ao leitor; porque para temperar a força da hyperbole confignada em toda a frafe fe ferve do verbo *amanhecer* como fe diffeffe: — *O Sol refplendece em teu gefto, naõ com a força, com que abraza no zenith, mas com a fuavidade de luz com que vem amanhecendo, de forte que longe de abrazar, dá luz fuave, com que fe poffaõ contemplar as graças da tua formofura.* Eis-aqui como a Poefia deu laconifmo aos Idiomas, e como fem elegancia poetica naõ póde haver eloquencia forte, e expreffiva. Pareceme que poffo affoitamente affirmar, que efta elegancia toda poetica, toda picturefca, he huma das mais brilhantes, que fe achaõ na noffa Poefia, e que além de fer huma daquellas exprefsões, que naõ podem fer traduzidas n'outras Linguas, ella por fi fó acredita de grande o genio feliz, que a produzio. Agora vejamos como efte Sabio Poeta ufou defta mefma expreffaõ em fentido concreto no Soneto 5.

Aquelle claro Sol, que me moftrava
O caminho do Céo . . . .

Affeado modo de exprimir, e elegancia nafcida de atticifmo verdadeiro! Nefta pintura vem defignada a caufa no fubftantivo *Sol*, e o effeito no refto da oraçaõ,

que

que lhe ſegue, cuja fraſe he cheia de huma ſagrada amabilidade, que mais ſe póde ſentir, que analyſar. No Soneto 57. tem igual expreſſaõ:

Quando eu os olhos ergo áquella parte,
Onde o meu novo Sol o dia aclara . . . . . .

Neſta expreſſaõ eſtá *Sol* como abſtracçaõ de idéa, mas fazendo ſentido, ou oraçaõ concreta como ſugeito da propoſiçaõ incluida no ſegundo verſo com pintura moderada.

Na Ecloga III. com mais exceſſo, e com mais reſplendor de conceito, e fraſe vem a ſeguinte paſſagem:

Lesbia minha mais que o Sol fermoſa,
Mais alva, que alva Lua, e mais corada
Que as ardentes eſtrellas,
E luz de todas ellas.

Todo eſte quadro he brilhantiſſimo. O primeiro verſo recopilla por anticipaçaõ todas as idéas diſperſas pelo reſto da pintura: ou tambem as tres propoſições, que ſe lhe ſeguem, ſaõ huma eſpecie de gloſa da propoſiçaõ lançada no primeiro verſo, as quaes ſe vaõ excedendo de modo, que conſtituem huma belliſſima gradaçaõ de côres, e no derradeiro ſeptenario eſtá huma fraſe, que he identica com a do Miranda *claridade do Sol.* Força, e elegancia, pureza, e harmonia ſaõ as virtudes de huma taõ bella pintura. No Soneto 57. tem igual expreſſaõ:

Quando eu os olhos ergo áquella parte,
Onde o meu *novo Sol* o dia aclara.

Eſtas, e outras muitas elegancias deſte genero, de que fez grande uſo o Poeta Ferreira, tiveraõ naſcimento em Cicero no Livro II. da Natureza dos Deozes deſte modo: *Quo quidem anno Publius Africanus, ſol alter, extin-*

extinctus est. No qual anno foi morto Publio Africano, *hum novo Sol*:

Tanto era o Poeta Ferreira affeiçoado a hum tal modo de expressar, que até metonymicamente usava delle, como se vê no seguinte exemplo do Soneto 23, P. II.

Eu c'o esprito inquieto aos Céos suspiro
D'hum *Sol* a outro, e d'huma a outra sombra.

Sol está aquî por *dia*, e *sombra* por *noite*; metonymia: parte pelo todo, ou causa por effeito, ou effeito por causa, á maneira de Horacio na admiravel Ode II. do Livro IV., donde esta elegancia do Ferreira procedeo:

. . . . Et ó Sol.
Pulcher, ó laudande, canam, recepto
Cesare felix.

Que pouco mais ou menos dizem o seguinte:

Oh dia claro e bello, oh mil mil vezes
Digno de ser cantado!
Da desventura os asperos revezes
Naõ temerei jámais, vendo tornado
Á patria o claro Cesar da victoria,
E de triunfo excelso coroado.

Passemos a ver com o Poeta Bernardes se portou no uso, que fez deste modo de expressar taõ grave, e taõ proprio da linguagem da mais sublime poesia. Nas Endedechas a N. Senhora:

Deovos a Trindade
Coiôa de estrellas,
Mas a claridade
Vós lha dais a ellas.

Bellissimos, e felicissimos Senarios, cuja pureza de esty-

lo cheia de graças naturaès ſe annuncia com agradave' facilidade. Nos dous ultimos verſos eſtá a elegancia *Claridade do Sol* do Poeta Miranda.

N'hum Soneto, em que encommenda a Noſſa Senhora huma náo, que hia para a India:

— Formoſa Virgem mais que o Sol formoſa. —

Bello modo de expreſſar, e optimo verſo feito á luz de outro ſemelhante de Ferreira, que já fica expoſto, e ambos á daquelle, com que Petrarca principia a Cançaõ XII., o qual he o ſeguinte:

— Una donna più bella aſſai che 'l Sole. —

O verſo do noſſo Poeta he mais bem applicado, mas o do Poeta Italiano, he hum tanto mais elegante. A idéa do Bernardes he ampliaçaõ da do Miranda; e ſe aquelle ſubſtituiſſe outro epitheto ao com que começa o verſo, inda melhor ficaria; porque dava mais variedade á expreſſaõ, que por iſſo ficaria mais elegante, e teria igual merecimento, que a de Petrarca. O meſmo penſamento com o meſmo genero de ampliaçaõ, mas com diverſa fraſe, ſe vê no ſeguinte verſo do Soneto 23 das *Rimas varias*:

A *luz* que faz *o Sol* eſcurecerſe.

He nobre, e elegantiſſimo modo de dizer. A palavra *luz*, que eſtá em ſentido abſtracto, dá notavel gravidade á expreſſaõ, que toda corre mui liquida, e harmonioſa. Na primeira Elegia a Jeſu Chriſto vem huma clauſula, cujo ſentido he de igual identidade que o da paſſagem do Poeta Miranda:

Oh reſplendor divino, oh formoſura
Dos Anjos, *luz do Sol* . . . . . .

Eſ-

Estas elegancias todas saõ da maior sublimidade, e neste lugar fazem huma excellente gradaçaõ composta de trez orações, cujos sentidos sobem huns sobre os outros. No principio da II. Cançaõ exprime a mesma idéa, sem ampliaçaõ, mas com frase positiva do modo seguinte:

Amor tu bem entendes,
Que dos cabellos digo
Do novo *Sol* da terra.

Esta expressaõ tem a singelleza propria do metro de arte menor, e por isso nada offerece á discussaõ, mais do que a relaçaõ tacita de *Sol da terra a Sol do Ceo.* No Soneto 41. das mesmas Rimas diz:

Serras, onde se encerra hum *Sol* taõ claro.

Sentido concreto. Naõ tenho que dizer a respeito desta expressaõ, porque acima fica feito exame de outras iguaes: naõ me agrada este verso pelo jogo pueril de *serra* nome, com *encerra* verbo. No Soneto 5 vem igual idéa, mas em sentido ampliativo, e assás extenso na frase, que se compoem de bellas elegancias, a saber:

Dos olhos, por quem perco a liberdade
Queixarse com razaõ *o Sol* podia,
Porque nelles se vê mais claro dia,
E naõ lhe cega a noite a claridade.

Os primeiros dous versos contém a proposiçaõ da qual se deduzem duas consequencias, que fazem huma bellissima amplificaçaõ. Esta imagem he diversa das que temos apontado; a sua expressaõ tem hum certo calor dramatico, que lhe dá muita vivacidade: O terceiro verso he de admiravel elegancia, e o quarto contém o fecho da hyperbole, tambem com summa força, e elegan-

cia, pofta no verbo *cega*. Frafe pura, corrente, e harmonica. Agora fe nos offerece occafiaõ de moftrarmos a mefma idéa exprimida por hum modo fummamente elegante, e defconhecido dos Poetas anteriores ao mefmo Bernardes: o lugar he no Soneto 6. das *Rimas varias*:

Da branca neve, e da vermelha rofa
O Ceo de tal maneira derramou
No voffo rofto as cores, que deixou
A rofa de manhãa mais vergonhofa.

Que viveza, e ao mefmo tempo, que frefcura de tinta! Qual ferá o pincel de paizifta, que dê igual expreffaõ de colorido aos feus ares, aos feus horizontes? O primeiro verfo tem viviffimas côres, que reprefentaõ hum matiz muito fuave, e o mais bem aceitado. A palavra *Céo* no fegundo, que he o fugeito agente da propofiçaõ, eftá bem elegido para auxiliar o total da harmonia. O verbo *derramou* tem grande força pela idéa que dá da liberalidade celefte. O quarto verfo he o affumpto do noffo exame. A elegancia da imagem, que nelle fe reprefenta, naõ tem exemplo nem nos antigos, nem nos modernos; e metafora mais feliz naõ fe encontra em toda a Poefia. A metafora he huma femelhança, ou comparaçaõ laconica: a parecença, que o Sol tem com huma rofa, quando vem furgindo no horizonte, por illufaõ optica, fez com que o Poeta Bernardes adaptaffe a fignificaçaõ de *fol* ao fubftantivo *rofa*. Daqui veio, talvez, a formula ufual de juramento na converfaçaõ familiar: — *Por aquella rofa divina que nos alumia* — fallando da luz nocturna, ou do mefmo Sol. Huma tal elegancia he mui propria do affumpto pela delicadeza, e pelo mimo das vozes, fallando de huma virgem, ou donzella, affim como fez o Ariofto no I. Canto do Furiofo, quadro famofo traçado pelo mais fecundo ingenho, que tem vifto Italia moderna, em obfequio do qual fejanos permittido tranfcrevello:

La

La verginella é ſimile ala Roſa
Ch'in bel giardin sù la nativa ſpina,
Mentre ſola, e ſicura ſi ripoſa
Ne gregge, ne paſtor ſi le avvicina:
L'aura ſuave, e l'alba rugiadoſa,
L'acqua, la terra al ſuo favor s'inchina,
Giovane vage, e donne innamorate
Amano haverne e ſeni, e tempie ornate.

Adiante ſe achará traduzido eſte lugar que he huma nobre, e admiravel imitaçaõ de hum tambem famoſo lugar de Catullo no Idyllio nupcial, ou Epithalamio nas nupcias de Manlio, e Julia, que n'outro lugar tranſcreveremos. *Roſa da manhãa* eſta combinaçaõ de vozes, além de ſer mui feliz, pelo que pinta he mui ſuave. O epitheto *vergonhoſa* deſigna huma propriedade, que dá ſummo realce a toda a pintura, cuja harmonia faz os verſos muito doces, e cadentes. Translaticiamente uſáraõ algumas vezes os antigos do termo *roſa*, naõ neſte ſentido, mas em fraſe amatoria, para exprimir afago, e caricias, como ſe vê na *Aſinaria de Plauto*, Acto III., Scena III. verſo 74.

Mea roſa, mi anime, mea voluptas.

As quaes formulas paſſáraõ todas para o noſſo Idioma, onde com outras muitas, que inventou o pathetico moral da Naçaõ, fazem hum dos mais notaveis ornamentos da noſſa linguagem. No Soneto 37. das *Rimas varias*, vem outra imagem mui cheia de pureza, de graças, e elegancia: ella he mais ampliada, e nella reſplendece notavel ſuavidade de tinta, caracter principal das pinturas deſte inſigne artifice: a gradaçaõ das córes neſte quadro póde ſervir de modello; eu a tranſcrevo, e moſtrarei, como puder, eſſa meſma gradaçaõ taõ tida por chimerica dos Poetas do noſſo tempo:

Qual

Qual ſerena manhãa alva, e roſada
Foi nunca taõ formoſa, ou qual Sol tanto
O mundo alumiou, Marilia, quanto
Teus olhos, onde Amor tem ſua morada?

Começa logo a paſſagem por hum relativo, que induz a admiraçaõ, e logo apparece a figura da manhãa debuxada com todos os accidentes neceſſarios para a conſtituirem belleza encantadora: em primeiro lugar vem a ſerenidade como circumſtancia preciſa para realçar a formoſura da manhãa, porque o ſoccego da atmosfera faz tranſmittir aos noſſos olhos os reſplendores da meſma com toda a vivacidade natural de côres, naõ interrompidas, nem quebradas por huma atmosfera agitada, que pelas infinitas, e deſconcertadas refrangibilidades, que occaſionaõ os raios de luz no tranſito, que fazem para a noſſa viſta, diminue o gráo das côres, e geraõ viſualidades deſagradaveis. O epitheto *alva* exprime propriedade neceſſaria para a formoſura da imagem, e nelle ſe conhece a primeira gradaçaõ depois do accidente *ſereno*: o adjectivo *roſada* exprime huma modificaçaõ natural, e conſequente á brancura, com quem faz contraſte gentil, porque naõ ſendo eſta reputada por côr em boa Optica, a vermelha he a mais natural, que lhe ſuccede, por ſer ella huma das principaes côres primittivas, de que ſe compoem o raio ſolar, donde todas procedem: de ſorte que neſta pintura da manhãa traçada com tanta gentileza ſe vem quatro gradações, que vem a ſer o ſubſtantivo *manhãa*; que ſe eleva ſobre o termo noite cuja ſubintelligencia concebe o eſpirito ao meſmo tempo que a lingua pronuncia a palavra *manhãa*: o epitheto *ſerena* lhe affina huma qualidade: *alva* outra: e *roſada* hum accidente, que ſe eleva, e realça á viſta mais, que os outros. E depois de todas eſtas combinações de ſugeitos, e accidentes, ſahem fóra os reſultados nas duas clauſulas do ſegundo, e parte do terceiro

ro verſo — *Foi nunca taõ formoſa*, — *ou qual Sol tanto o mundo alumiou.* Aqui ſe moſtraõ mais duas gradações picturefcas em *Sol*, e no verbo *alumiar* como conſequencia poſitiva daquelle ſubſtantivo: de ſorte, que no total do quadro ſe obſervaõ ſeis gradações, huma occulta, e as cinco expreſſas deſta maneira: *noite*, gradaçaõ occulta: *manham*: *alva*: *roſada*: *Sol*: *alumiou.* Eis-aqui huma idéa, inda que fraca, da graduaçaõ das côres nas pinturas da Poeſia. Eſta artificioſa diſpoſiçaõ ſempre foi taõ entendida, e obſervada dos grandes meſtres, como ignorada, e naõ ſeguida dos verſificadores da noſſa idade, cuja ignorancia chega a tanto, que tem por chimericas eſtas delicadezas taõ conformes á razaõ, e á natureza, as quaes nunca ſe arredáraõ da intelligencia dos grandes Poetas; e quem nellas for verſado, naõ terá certamente eſtas obſervações por meras ſubtilezas de imaginaçaõ exaltada. Engenho, e reflexaõ profunda ſaõ os dous meios, por onde ſe póde chegar ao perfeito conhecimento da theoria, e da practica da mais ſublime, e agradavel de todas as Artes; de outro modo, he abſolutamente impoſſivel.

Pedro de Andrade tambem ſe enamorou deſte modo de dizer, mas com aquella frieza propria da mediania do ſeu genio, que além de naõ ſe inflammar á viſta das producções dos ſublimes engenhos, que taõ bem poetavaõ no ſeu tempo, antes ſe esfriava, e cahia em huma certa morbidez inculta e diſſonante, que ſe patenteia em grande parte do que eſcreveo. Na Elegia XIV., paginas 155.

Deſſes teus olhos, onde ſe entheſoura
Do Amor, e Fermoſura a mor riqueza,
Mais clara, que o fermoſo Sol, mais loura.

Abſtracçaõ de abſtracções: a expreſſaõ do ſegundo verſo, que he a que vem ao noſſo intento, he ſemelhante a outras de Bernardes, e Ferreira já tranſcriptas, porém

rém menos artificiosa. Pureza, e harmonia. Na mesma Elegia, pag. 156.

Alli se mostra mais fermoso o dia,
E Febo, inda que claro, inda que louro
Mais claro com teus olhos alumia.

Frase pura, corrente, e harmoniosa: em tudo o mais he imitaçaõ de outra passagem de Bernardes, que acima fica expendida: nella naõ resplendece aquella bizarria do pincel original que se mostra na passagem do Cantor do Lima. O primeiro verso contém a consequencia das premissas inclusas nos dous, que se lhe seguem. Com tudo esta pintura tem merecimento, porque o primeiro verso he muito bello, e cheio de graças; o segundo está organizado com frase de artificio nos dous epithetos, que representaõ accidentes com gradaçaõ de luz natural, e graciosa. O terceiro he muito elegante pela repetiçaõ do adjectivo *claro*, que fórma combinaçaõ intellectual com o termo *olhos*, e pela melodia do final *alumia*. Na Ode X. pag. 211.

Daquelle fermoso ouro,
Ou solto, ou recolhido
De que o raio do Sol fica vencido.

Esta pintura tambem he semelhante a muitas, que acima ficaõ analysadas: nella se vê a idéa ampliada no participio *vencido*; mas no termo *raio* enfraquece a força da expressaõ. Os dous septenarios naõ tem merecimento, porque o primeiro he muito dissonante na combinaçaõ *fermoso ouro*, e o segundo he despido de energia, e propriedade no participio *recolhido*, que mais parece aquî posto para servir á rima do hendecasyllabo. Na Estança XV. do primeiro Epithalamio diz:

Uma

Uma fermofa luz, que correfponde
Em tudo á do fermofo Sol . . . .

Pintura debil, com tudo elegante na palavra *luz*. De todos eftes quatro lugares do Poeta Andrade fe conhece a debilidade do feu pincel, que nunca varía as côres, e fe repete fempre, naõ achando outra energia de tinta mais do que em *formofura*, e *formofo*.

Paffemos ao mar immenfo da facundia poetica, ao fublime pintor da natureza, ao grande, ao divino Camõees: vejamos como elle foube igualar as côres da mefma natureza, e exceder o colorido de Ticiano. No Soneto 39 fe vê a imagem feguinte:

O fogo, que na branda cera ardia
Vendo o rofto gentil, que n'alma vejo,
Se accendeo de outro fogo no defejo
Por alcançar *a luz que vence o dia.*

Bella expofiçaõ, bella narraçaõ, e bella pintura da luz de huma vella de cera, cahindo por cafualidade na face de huma formofa dama. Eu naõ fei que poffa haver expreffaõ mais delicada, nem mais amavel. Cada verfo de per fi faz huma paufa de fentido, porque cada hum he membro do periodo confignado em todo o quarteto. Efte artificio, primeiramente conhecido, e ufado de Camões, he o que mais concorre para a doçura do eftylo: naõ bafta, que cada verfo em fi efteja cadente, he precifo, que a paffagem de hum para outro feja natural, e fique facil á recitaçaõ, e naõ pendurado, ou pendente por aporia o fugeito no fim do verfo, e o feu accidente no principio do que fe lhe fegue, ou vice verfa, &c. como por exemplo, fe vê na Ode I. de Ferreira:

Fuja daqui o *odiofo*
Profano vulgo . . . .

Na Ode V.

Livre do baixo, *e caro*
Pezo da terra, que o eſprito dana.

Na Ode VI.

Aſſi a *poderoſa*
Deoſa de Chipre, e os dous irmaõs de Helena...
Te levem, e tragam com *pequena*
Tardança aos olhos, que te eſperam attentos.

Iſto naõ he defeito capital, nem eu digo que ſe deixe de fazer aqui ou alli conforme o pedir a neceſſidade; mas a grande frequencia, como em Sá de Miranda, e em Ferreira, faz conhecidamente o eſtylo duro, e pouco fluido. Vamos á expreſſaõ do quarto verſo, que he o objecto da preſente inveſtigaçaõ: nelle vemos, que o termo *luz* combinado com o verbo *vence* denota huma idéa extenſiva, ficando as duas vozes *luz*, e *dia* exprimindo *Sol*. No Soneto 42.

Aquellas tranças de ouro, que ligaſte,
Que os raios do Sol tem em pouco preço.

Outra amplificaçaõ de idéa ainda mais extenſiva, que a precedente. Pureza, elegancia, e harmonia ſaõ os caracteres do eſtylo deſtes verſos, aſſim como de todas as obras deſte inſigne Poeta. No Soneto 99 tem o ſeguinte:

— Dos olhos, com que *o Sol eſcurecia*. —

He ſemelhante, e quaſi a meſma expreſſaõ, que a de Bernardes — A luz que faz o Sol eſcurecerſe — acima analyſada. Poſto que eſte eſteja mais ſurdo nas derradeiras ceſuras, que o de Camões, elle eſtá mais pro-

prio,

prio, porque exprime hum certo ar funebre, e trifte, que faz a pintura mais femelhante ao original; o que naõ fuccede na de Camões, cujas cefuras finaes faõ taõ cantantes, que deixaõ de imitar a verdade do objecto que reprefentaõ, e por efta razaõ julgo a pintura de Camões menos congruente, que a de Bernardes: *aliquando bonus dormitat Homerus*. No Soneto 104.

Effes cabellos louros, e efcolhidos
Que o fer ao aureo Sol eftaõ tirando.

Outro fentido extenfivo em gráo fuperlativo, de tal modo, que a idéa de privaçaõ n'um faz a força da augmentaçaõ n'outro; efpecie de contrafte, ou claro efcuro, que faz realçar a pintura: *fer* exprime exiftencia: o epitheto *aureo* he mui poetico, pouco ou nada ufado antes de Camões. Soneto 131.

Mas nos olhos moftrou quanto podia,
  E fez delles hum Sol, onde fe apura
  A luz mais clara que a do claro dia.

A mefma imagem em fentido ampliativo fempre com variedade de expreffaõ: pureza, e harmonia naõ ceffa de apparecer na frafe defte grande Poeta: efta pintura he femelhante no fentido a outras, que já temos examinado, mas naõ nas palavras, cuja differença eftá na claufula final do fegundo verfo - *onde fe apura*, — que exprime huma amplificaçaõ: o refto do eftylo he mui culto: em que confifte efta cultura em feu lugar diremos. No Soneto 153.

Ellas diante vós fam as eftrellas,
  Que ficaõ com vos ver logo eclypfadas:
  Mas fe ellas tem por Sol effas rofadas
  Luzes de Sol maior, felices ellas!

Nos primeiros dous verſos ſe inclue huma propoſiçaõ poſitiva indicada pelos effeitos, que ſaõ ficarem as eſtrellas eclypſadas, iſto he, eſcurecidas, o que naõ ſuccede ſenaõ por effeito da luz do Sol; porém como eſta propoſiçaõ ficava hum tanto myſterioſa, accreſcentou nos dous verſos ſeguintes a gloſa dos primeiros: *roſadas luzes* he formoſa, e elegantiſſima clauſula: o epifonema do fim vem a propoſito. A meſma imagem exprimindo idéa de exceſſo acompanhado de hum effeito com ſua cauſal expreſſa, ſe vê no belliſſimo Soneto 186.

O cabello que inveja ao Sol fazia,
Por que fazia o ſeu menos dourado.

Da inveja, que o reſplendor do cabello fazia ao Sol, naõ ſe poderia abſolutamente colligir a ſuperioridade da ſua luz ſobre a daquelle aſtro, porque vemos a cada paſſo qualidades muito diminutas excitar inveja em ſugeitos, que poſſuem outras muito mais ſublimes, e relevantes. Por tantos modos attaca o coraçaõ humano a mais pernicioſa de todas as enfermidades moraes, fonte univerſal das maiores oppreſſões! Eis-aqui o motivo porque o Poeta ajuntou huma clauſula neceſſaria no ſegundo verſo, para aclarar o ſentido do primeiro: o eſtylo he facil, e harmonico, e o que delle poderamos dizer já fica dito em outros lugares. Huma pintura com differente conſequencia ſe vê na 2. Eſtrofe da Cançaõ V.

As tranças d'ouro fino
A quem o Sol os raios ſeus baixou.

Vê-ſe retratado neſta imagem o conhecimento de ſuperioridade ſignificado pelo reſpeito: o eſtylo he puro, e harmonioſo. Por ſentido remoto, uſando de rodeio, tanto no ſignificado, como na expreſſaõ, ſe vê a meſma imagem toda deſenhada com muita diverſidade de côres na Eſtrofe 5. da Ode VI.

E

E ſe nam vem os claros olhos bellos
De quem cantam, que ſaõ do Sol theſouro.

Eis-aqui apparece a differença no colorido: os olhos taõ cheios de reſplendor, que ſaõ theſouro, donde o meſmo Sol tira luzes, conforma-ſe no ſentido com a paſſagem do Sá de Miranda: *Claros olhos bellos*: naõ obſtante ſerem claros, podiaõ naõ ſer bellos; a idéa de belleza naõ anda ſempre unida á da claridade, ou reſplendor; por iſſo o Poeta com muito acerto corroborou hum predicado com outro predicado: o ſegundo verſo he artificioſo, e bello no diſcurſo, e na elegancia, que eſtá poſta no verbo *cantaõ*, e no termo *theſouro*. A meſma identica idéa, pintura igual á que acabamos de expôr, ſe vê no Poema ſobre o deſconcerto do Mundo, Eſtança 26.

Entretecendo roſas nos cabellos
De que tomaſſe a luz o Sol em vellos.

O primeiro verſo he optimo: o primeiro hemiſtichio do ſegundo he igualmente bello; mas a clauſula final *em vellos*, naõ me agrada, e eſtou quaſi tentado a dizer, que eſtá aqui para ſervir ao conſoante. Num poema em oitava rima feito a huma dama, Eſtança 3.ª, vemos eſta imagem com diverſo ſentido, e diverſas côres:

Aquella pura luz, que vence o dia.

A idéa he de ſuperioridade, e por iſſo ampliativa: *Luz* eſtá aqui por *Sol*: o epitheto *puro* deſigna huma qualidade, e quer dizer *ſem mancha*: eſte adjectivo unido a *luz* faz huma feliz combinaçaõ, aſſim como a clauſula final, que além de fazer o verſo mui liquido, e harmonico dá á pintura huma alegria, que encanta. No meſmo poema Eſtança 5.

A

A tua claridade torna eſcura
Do Sol a clara luz em hum momento.

Idéa ampliada, e hyperbolica em termos poſitivos: O primeiro verſo he puro, e harmonico: nelle eſtá o ſubſtantivo *claridade* fazendo huma pintura com effeito contrario para lhe dar contraſte, e fazer a força do claro eſcuro: *Do Sol a clara luz*. Clauſula elegante, que tanto me contenta, quanto me deſagrada a que ſe ſegue, que nem he poetica, nem neceſſaria. Igualmente hyperbolica he a imagem, que ſe ſegue na Ecloga IV. Eſtança 8.

Onde eſtá o olhar brando, que cegava
O Sol reſplendecente ao meio dia?

Os accidentes deſta pintura ſaõ differentes: vemos no primeiro verſo o abſtracto *olhar*, que ſendo propriamente hum verbo, eſtá ſervindo de ſubſtantivo no infinito, aſſim como no Latim: no verbo *cegava*, e na derradeira clauſula do ſegundo verſo eſtá toda a força da hyperbole: — *eſtá o olhar* — naõ me agrada eſta combinaçaõ de vogaes, que faz o eſtylo froxo, e deſtroe a harmonia; mas iſto he venialidade eſpecialmente n'hum Poeta, onde raramente ſe encontraõ taes defeitos: além de que, eſte poema moſtra, que foi feito para ſatisfazer a importunaçaõ de petitorio, como coſtuma acontecer; e por iſſo naõ ſahio das mãos do Poeta com a perfeiçaõ, que coſtumava.

De toda eſta analyſe ſe colhe, que o raſgo do pincel do Sá de Miranda he forte, mas naõ muito liberal pela pobreza das tintas. O de Ferreira he mais bem bizarro hum tanto, mais abundante com a ſua propria riqueza, e com a que extrahio da liçaõ dos antigos, à qual communicou ao Idioma. O de Bernardes mais franco, mais audaz, mais original que todos, enriqueceo

a lin-

a lingua de admiraveis elegancias filhas de huma fantaſia abundante de imagens, mas ſó neſte genero de expreſſaõ. O de Camões mais liberal, mais variado, mais copioſo, como quem achára huma lingua já formada, já affeiçoada a eſte genero de enunciaçaõ ſublime. Sempre harmonioſo, ſempre puro, ſempre elegante, ſempre culto, inda que menos original, que o de Bernardes (neſta parte taõ ſómente) o ſeu eſtylo ſerá modello neſta, e em todas as qualidades de expreſſaõ. Naõ fallo do Andrade, a quem nada deve o Idioma neſta parte, em que ſe moſtrou hum pobre, e ſervil imitador de Bernardes, e Ferreira.

Eſte modo de fallar teve naſcimento na Lingua Latiua na expreſſaõ de Cicero acima indicada no Livro ſegundo da Natureza dos Deozes: *Quo quidem anno Publius Africanus, ſol alter extinctus eſt.*

Seguindo pois o noſſo methodo propoſto, paſſemos a analyſar a ſeguinte paſſagem da Eſtrofe 3.ª da Cançaõ do Sá de Miranda:

Virgem, ſeguro porto, amparo, abrigo
Ás mores tempeſtades . . . .

Expreſſaõ muito poetica, com que eſte Padre da noſſa Poeſia enriqueceo a Lingua Portugueza. Quatro metaforas ſe achaõ neſta expreſſaõ nas vozes *porto*, *amparo*, *abrigo*, e no inciſo *mores tempeſtades*. Eſta linguagem he muito grave, viva, laconica, e por iſſo mui propria da Poeſia. Vejamos agora como o douto Ferreirra manejou eſtas elegancias: e o primeiro exemplo ſeja o que nos offerece o Soneto 39.

Vai minha alma cançada a vós buſcando
Como de tempeſtade hum porto manſo.

A imagem do Miranda apreſenta-nos os ſugeitos com

os accidentes occultos, como *porto*, *amparo*, *e abrigo*, ſem mais adjectivo; a do Ferreira, hum ſó que correſponde, ou he quaſi a meſma elegancia do Poeta Miranda *ſeguro porto*, acompanhado com o ſeu predicamento *porto manſo*, o primeiro poem o motivo depois-*a mores tempeſtades*; o ſegundo antes-*como de tempeſtade*. A fraſe he pura, mas o quadro alguma couſa inferior ao do Poeta Miranda, que deve a ſua belleza á fraſe ſanta dos Profetas, e á elegancia de Petrarca, a cuja luz foi compoſto eſte poema. Na pintura do Sá de Miranda os termos *amparo*, *e abrigo* devem ſer conſiderados como ſynonymos de mero ornato; nem me poſſo capacitar, que *abrigo* neſte lugar ſignifique mais, que *amparo*, nem que *amparo* ſinifique menos que *abrigo*: naõ ha duvida, que a idéa de haver ſynonymos naõ ſe funda na melhor filoſofia, como bem o moſtra o ſabio Mr. du Marſais: naõ duvido tambem que *amparo*, *e abrigo* tem differença ſubtil, que ſó póde ſer conhecida, e analyſada por quem for inſtruido em todas as particularidades da expreſſaõ Portugueza, naõ ſó nos eſcritos, mas tambem na converſaçaõ da Corte, e das Provincias, e ajuntar a tudo iſto o conhecimento das ſuas etymologias, e o exercicio de compôr com ſumma correcçaõ; mas como a explicaçaõ deſtas delicadezas requer maior inſtrucçaõ na filoſofia das Linguas, hirei combinando as expreſsões, que fôrem apparecendo analogas á ſignificaçaõ metaforica, e enfatica da palavra *porto*, ſem muito me embaraçar com as mais, por naõ eſtender demaſiadamente eſte Eſcrito. Na Carta II. do Livro II.

Deſtes eſpritos neſta parte rudos
As devem defender, Principe raro,
Os que lhe podem ſer *firmes eſcudos*.

Eſcudo, *amparo*, *e abrigo*, he tudo a meſma expreſſaõ com a differença de que a primeira he menos extenſiva. Eſta elegancia he muito poetica, e correſpondente aſſaz á gra-

gravidade do aſſumpto. *Muſas*, *e eſcudos* ſaõ abſtracções de idéa; porque *Muſa* naõ he huma entidade, que exiſta fóra da fantaſia: o meſmo ſe deve julgar da palavra *eſcudo*, inda que repreſente concreto; por ſer elegancia de abſtracçaõ metaforica applicada neſte lugar a ſentido meramente ſantaſtico; iſto he, que tendo exiſtencia na fantaſia, tem alma e vida em virtude da mais ſublime poeſia, que conſagrou o vocabulo *Muſas* para ſymbolo das Artes. O adjectivo *firme* dá força ao termo *eſcudos*, niſto conſiſte grande parte da vivacidade do colorido na Poeſia. Vejamos agora eſta meſma idéa por differente modo exprimida na Carta III. do Livro II.

Porque naõ ouſarei em tanto eſcuro
Moſtrar a clara luz, que tu deſcobres
Tomandote por guia e *por meu muro*?

Excellente modo de fallar a hum Monarca! Na clauſula final do primeiro verſo ſe vé a meſma elegancia do Sá de Miranda, que analyſamos no principio: o ſegundo verſo he aſſaz poetico pela translaçaõ em *luz* como abſtracçaõ de idéa: o terceiro he bello pela pureza; com tudo a clauſula final, que vem ao noſſo caſo hum tanto a ſinto raſteira, e diſſonante no encontro ſyllabico *meu muro*. Eſta fraſe correſponde às vozes *amparo*, *e abrigo* da paſſagem do Miranda, da qual tambem ſe ſervio o Poeta Ferreira no fim da Carta IX. ao meſmo Poeta Miranda:

Em mim metido, e forte em *meu bom muro*.

Eſta elegancia em nada differe da que acima fica analyſada ſenaõ no adjectivo *bom*, que deſigna hum predicamento collectivo, que faz a expreſſaõ mais doce que a do mencionado lugar. O primeiro membro he bem filoſofico, e ſublime, e tem analogia com a ſeguinte paſſagem de Horacio na Ode XXIX. do Livro III.

. . . . Et meâ
Virtute me involvo . . . .

Eu na minha virtude em fim me envolvo.

Força, e elegancia saõ as propriedades deſte eſtylo. Na Carta X. do Livro II.

Santo Diniz na Fé, nas armas claro
Da patria pai, da ſua lingoa amigo,
Daquellas Muſas ruſticas amparo.

Eſte terceto deveria ſer o epitafio de hum taõ grande Rei, e o mais completo panegyrico das ſuas virtudes, e talentos. A pintura naõ póde eſtar mais bem caracterizada: os ſeus attributos eſtaõ expreſſos nas cinco elegancias de que conſta o periodo incluſo neſte terceto. — *Nas armas claro* — viviſſima expreſſaõ a quem a ſublime penna de Camões deu (ſe a naõ reſuſcitou) verdadeiro, e legitimo valor: — *da ſua lingoa amigo* — eſta he huma qualidade, que em rariſſimos Monarcas ſe tem achado. O exercicio, e a protecçaõ das letras he certamente o mais util, o mais illuſtre, e perduravel monumento, que todo o bom Rei deve erigir á ſua memoria, e á gloria da ſua Naçaõ. Eſtas nobres qualidades fôraõ viſtas com a maior admiraçaõ nos noſſos tempos na peſſoa do immortal Frederico II. Rei da Pruſſia, como atteſtaõ os Eſcritos, e a voz publica dos maiores Sabios deſte ſeculo. Na Carta XII.

Olha o medo, Senhor, olha o perigo,
Em que hum eſprito raro, e bom ſe cria,
Que nem louvor lhe daõ, *nem acha abrigo.*

Elegante pintura daquella fatalidade que acompanhou ſempre os talentos em Portugal, onde parece, que o merecimen-

mento, longe de grangear honras, he desprezado, e muitas vezes perseguido. Fatalidade digna de lamentar-se, contra a qual todos os nossos Sabios tanto em vaõ tem declamado. O estylo he purissimo, e cheio de simplicidade: he suave, posto que no segundo verso algum tanto afroxe a melodia. O primeiro he forte na palavra *medo*, consequencia anteposta á premissa por artificio rhetorico. No terceiro está bem desenhada huma privaçaõ; que exprime ao vivo, que entre nós o merecimento nem dá honra, nem proveito: a frase, que he o objecto da nossa investigaçaõ, he a mesma identica, que a do Sá de Miranda. Na Carta IV.

Puzte nas mãos minha alma, e minha vida,
Sabes que desejei portos quietos.

Tanto a primeira como a segunda proposiçaõ mostrase annunciada com elegantissimas formulas: — *portos quietos* — expressaõ concreta de sentido abstracto; abstracçaõ na idéa, concreto nas palavras: este hum dos mais bellos artificios da metáfora, e o mais brilhante ornamento da elocuçaõ poetica. Outra igual passagem vemos na Carta IX. ao mesmo Miranda:

Chamartcei sempre bemaventurado
Que tanto ha, que em bom porto co' essas santas
Musas te estás em santo ocio apartado.

Os versos saõ doces: a frase he pura, mas hum tanto forçada; com tudo exprime hum respeito, huma saudade, que inspira amor ao retiro no adjectivo *santo* applicado a *Musas*, e a *ocio*, empregado no exercicio das Letras: *bom porto* tem differença no adjectivo, que designa collecçaõ de predicados; *bom* neste lugar he huma consequencia, cujas premissas ficaõ na idéa: o mesmo acontece, quando dizemos, bom Cavalleiro, bom Poeta, bom Filosofo, as causaes ou premissas ficaõ no

Z ii pen-

pensamento, onde de improviso se forma o syllogismo simples.

Diogo Bernardes artifice consummado, se por hum nexo congruente atasse as bellezas locaes, em que foi destrissimo, ao todo da sua composiçaõ, nos offerece naõ poucos exemplos desta elegancia poetica. N'hum Soneto a N. S. nas *Rimas Sacras*:

Virgem das Virgens, flor, fonte da vida,
Deste mundano mar porto seguro.

Excellentes rasgos de pincel liberal, inda que inconstante: aqui apparece a linguagem dos Profetas, que para este genero de composiçaõ dá grande auxilio, como se vê no seguinte lugar do Psalmo XXXV. *Quoniam apud te est fons vitae, et in lumine tuo videbimus lumen*, cujo sentido he o que se segue:

Que em ti, Senhor a fonte está da vida,
E a luz dos nossos olhos
Da tua luz procede alta, e subida.

Elegancia, pureza, e harmonia saõ as virtudes destas expressões: o segundo verso he bello, e muito poetico. N'hum Soneto a Nossa Senhora:

Guiaime nestes mares furiosos
A vós que sois do mar *praia segura.*

Bons hendecasyllabos: nelles se vê *praia* na significaçaõ de *porto* acompanhada com o seu attributo. He cheia de força a expressaõ — *guiai-me . . . a vós.* — Elegancia, e harmonia. No *Lima* Carta VI. vem huma elegancia bem diversa no sentido:

Por

Por isso, Senhor, callo, porque temo
De naõ chegar ao *porto desejado*,
Por mais que alargue a vela, e aperte o remo.

Porto aqui significa fim: mas a expressaõ naõ deixa de trazer á memoria idéa de *descanso*. Todo o terceto está bem talhado: bello no conceito; bello na enunciaçaõ toda concebida debaxo da allegoria de huma embarcaçaõ; artificio usado dos antigos, como se vê em Ezechiel, Cap. XXVII., e em Horacio Ode XIV. do Livro I. donde passou para os modernos, a frase he pura, a poesia de imagem, e assás harmonica. Na Carta a Frei Agostinho da Cruz, seu irmaõ:

Faz conta que na vida andas já morto,
Para que sempre vivas na Divina
Passando de bom porto a melhor porto.

Bom terceto: pureza, e harmonia saõ as graças que nelle mais se distinguem: o derradeiro verso contém boa gradaçaõ de idéa, que faz a belleza de estylo, cujas modificações consistem no positivo *bom*, e no comparativo *melhor*. Na Cançaõ a Nossa Senhora:

Oh Virgem . . . .
Alegria do Ceo, da *terra amparo*.

Tem este Poeta tal destreza nas pinturas alegres, dá-lhes huma expressaõ, huns toques taõ sensiveis, e amaveis, que deleita, que encanta em summo gráo. Pureza, e harmonia. Em hum Soneto ao ao mesmo assumpto:

Porque vejam os mais desamparados,
Que sois *amparo certo*, bem seguro
Em quantos males tem a nossa vida.

A fra-

A frafe defte terceto he clara, mas pouco elegante, e faz jogo pueril em *amparo*, *e defamparados*. Noutro Soneto ao mefmo affumpto:

Rainha deo ao Ceo, á *terra amparo*.

He a mefma elegancia, que acima examinamos. Na Carta XVI.

Os da Fortuna menos conhecidos
Effes achaõ em vós mais *certo amparo*.

Eftes dous verfos contém conceito, que moftra hum refultado da mais pura moral. Frafe pura e corrente he o diftinctivo deftes hendecafyllabos, onde a claufula, que nos ferve de argumento tem exiftencia pofitiva no adjectivo antecedente *certo*.

Paffemos ao Poeta Caminha, e nelle veremos, que as elegancias de que fe fervio nefta maneira de expreffar faõ pouco recommendaveis. Na Epiftola III.

Principe entre os maiores o mais raro,
Que nos daixou, e deixe a maõ divina,
Por remedio commum, por *bem*, *e amparo*.

Elocuçaõ pura, mas pouco elegante; a do ultimo verfo objecto da noffa analyfe he trivial: na primeira claufula do mefmo eftá huma perifrafe das que fe feguem. Na Epiftola IV.

Manoel, e Joaõ *certos amparos*
Sempre a toda a virtude . . . . . .

Efta frafe he a mefma, que a derradeira de Bernardes, com a differença de eftar no plural. Na mefma Epiftola:

Que

. . . . Que todo o bom tem nelle *amparo.*

E no fim da mesma:

. . . . Neste amor te accende,
Que póde em tudo serte *forte muro.*

He *muro* o mesmo que *amparo* com hũa modificaçaõ, que exprime beneficencia constante designada pelo accidente *forte.* Epistola III.

Mas com constancia a tudo em si *se escude.*

He a melhor de todas as elegancias, que deste Poeta havemos de mostrar neste genero. A singularidade della está no verbo *escudar*, que vem de *escudo*, o qual significa o mesmo que *amparar.* Deste verbo rarissimamente, ou nunca se servíraõ Miranda, Ferreira, Bernardes, e Camões nunca, se naõ me engano: com tudo vejo que os modernos usaõ frequentemente delle, naõ porque lhes seja evidente a sua energia, mas por espirito de singularidade, e para que os naõ tenhaõ por estrangeiros no conhecimento da Lingua; como, se em usar de tal, e tal vocabulo, ou formula consistisse a sciencia do Idioma, sendo aliàs huns pobres metrificadores, esses em quem o tenho visto. Tornando pois ao verbo *escudar*; elle he sonoro, he forte na energia, e offerece aos Poetas mais huma desinencia em *ude* de que tem falta a Linguagem da Poesia Portugueza. Lembro-me de ver este verbo com mais frequencia em Francisco de Moraes author da primeira parte do Palmeirim de Inglaterra, assim como tambem *adargar*, que tem o mesmo significado, por vir de *adarga*, que significa *escudo*; o qual verbo expressamente se mostra com a mesma significaçaõ de *amparar*, *abrigar*, &c. na Eufrozina de Jorge Ferreira, Acto I. Scena I. pag. 6. da primeira ediçaõ pela

ma-

maneira ſeguinte: — *Adargaivos ſempre do ſereno*, *fugi de lugares apaulados*: No Soneto 1. *ás Reliquias*. &c.

Já de Deos a eſta ſua gram Cidade
Por *eſcudo*, e *amparo*, e *favor* dadas.

Boa imagem, eſpecie de ſynonymia, porém mal graduada, porque devêra hir ſubindo, e augmentando o ſentido, o que lhe naõ era impoſſivel fazer neſte lugar. As meſmas fraſes repete na Ode ás meſmas Reliquias, do modo ſeginte:

Santas Reliquias, que de Deos mandadas
A eſta Cidade foſtes por *amparo*,
Por *forte eſcudo*, e *defenſaõ ſegura*.

Eſta paſſagem he muito ſuperior á de cima, e tem boa gradaçaõ, coiſa pouco commua a eſte Poeta, pelas razões, que já temos apontado: ella ſe moſtra no termo poſitivo *amparo*, que ſe eleva á clauſula concreta *forte eſcudo*, e ſahe fóra com o reſultado, ou conſequencia expreſſada no derradeiro inciſo — *defenſaõ ſegura* — que he como gloſa das expreſſões anteriores. O primeiro verſo he bom: o ſegundo he frio por cauſa do encontro inharmonico da primeira ceſura com a ſyllaba, que ſe lhe ſegue, e por iſſo ſem eſpirito: o terceiro he poetico, tem muita expreſſaõ, e harmonia.

Depois de vermos tanta diverſidade de imagens, e elegancias para exprimir eſta idéa ſublime com expreſſaõ ſymbolica, parece que tudo ſe acharia eſgotado, e nada reſtaria ao pincel de Camões para traçar eſte genero de pintura com eſtylo proprio da grandeza da ſua fantaſia; pois tanto naõ ſuccedeo deſta maneira, que deſenhou muitas vezes a meſma idéa com côres taõ proprias ſuas, que nellas deu (além de outros muitos) hum teſtemunho perpetuo do quanto a ſua imaginaçaõ era fertil em variar os ſeus deſenhos. Vamos aos factos. No

Can-

Canto IV. da Lusiada, Estança 1. faz o insigne Homero Portuguez huma estupenda comparaçaõ, applicando o fysico ao moral da maneira seguinte:

Depois da procellosa tempestade
Nocturna sombra, sibilante vento,
Traz a manhãa serena claridade
Esperança de porto, e salvamento.

Este he o pensamento da passagem do Sá de Miranda descrito com abundancia, e riqueza propria do maior Poeta de Hespanha, e do maior conhecedor do seu Idioma, que elle tanto illustrou, e enriqueceo. A pobreza da lingua da nossa Poesia anterior a Camões naõ tinha côres para traçar huma pintura com vivacidade de colorido tal como esta, que se nos mostra desenhada com tanta bizarria, facilidade, e harmonia, que em vaõ se procurará outra semelhante em toda a immensidade da Poesia Toscana: em vaõ a buscariamos em todo o *Furioso* do Ariosto, cujo pincel foi o mais destro, que se vio para executar com a maior, e mais suave facilidade pinturas deste genero. Em vaõ nos cançariamos em a buscar na *Jerusalém* do Taço, o mais correcto, e methodico de todos os Poetas de Italia moderna: nem no *Adonis* poema immenso do Marino, onde se ostentaõ quantas subtilezas he capaz de idear hum entusiasmo o mais desenfreado, o mais repugnante ás leis da boa Poesia: em vaõ seriaõ as nossas diligencias no Morgante de Luiz Pulci; no *Richiardetto*; no *Orlando innamorato* do Boyardo; nem no seu continuador Nicoláo de gli Agostini, que ambos saõ bem felices nesta amavel facilidade de poetar: nem no *Amadiz* de Bernardo Taço pai do grande Taço, que tem cem. Cantos, e he tambem assás destro neste genero: naõ fallo já na *Divina Comedia* do Dante, nem na *Italia Liberata* do Prelar do Trissino, que o primeiro por secco e obscuro, e o segundo por debil e frio jámais nos poderiaõ de mo-

do algum offerecer, nem se quer huma leve sombra desta qualidade de pinturas. Tornando pois ao nosso assumpto, digo, que nesta passagem se vê a nossa Lingua augmentada de dous adjectivos summamente significativos, e sonoros, quaes saõ *procelloso*, e o participio *sibilante*, os quaes naõ pódem ser substituidos em força, nem em harmonia por nenhuns accidentes, que ministrasse a linguagem anterior a este grande Engenho, que os trouxe do Latim para o Portuguez com summa destreza. Os dous primeiros versos saõ tanto sonoros, que parece se estaõ ouvindo os brados de huma tempestade no final do primeiro, e hum surdo estrondo, que succede aos bramidos do vento no final do segundo: segue-se depois huma pintura a mais cheia de alegria, e amenidade: ella faz com a precedente hum maravilhoso constraste, e gradaçaõ de côres: nisto he que se conhece o grande homem, o verdadeiro Poeta, onde falta esta preciosa qualidade naõ ha Poesia. Na Tragedia he que se apresentaõ estes contrastes com a maior força de energia moral, e ainda mesmo na Epopéa, onde se mostraõ com o maior fogo de enthusiasmo picturesco os contrastes fysicos, que taõ evidentes se fazem, que se avultaõ aos olhos da imaginaçaõ. Que deliciosa pintura naõ he a do terceiro verso? A combinaçaõ do adjectivo *sereno* com o substantivo *claridade* faz huma harmonia encantadora, porque até o som do dito adjectivo, que naõ he expressamente taõ sonoro, parece que está modificando a força do termo claridade, genero de harmonia particular á poesia do grande Camões, para exprimir a qual he só capaz a Lingua Portugueza. O Sá de Miranda contentou-se com dizer *ás mores tempestades*, clausula pobre, inda que energica. Camões pintou a força do terrivel pelas circumstancias, que poz ante os olhos, pelos quaes se affeiçôa o animo com mais vehemencia; o que naõ acontece na do Poeta Sá, que he mais pintura ao ouvido, que á vista; *segnius irritant animos demissa per aures*: a pintura de Camões he para hum,

hum e outro caſo ao meſmo tempo. Paſſemos a outro lugar; ſeja eſte o que vem na ſua Proteſtaçaõ da Fé, que coſtuma andar logo depois das Comedias. He eſta huma allegoria que tem ſemelhança no ideal com a famoſa de Horacio na Ode XIV. do Livro I. a qual ſymboliza a Igreja Catholica deſte modo:

Aquella ſanta barca, &c.........
Que pois vê *claro o porto* a que navega,
Sempre ondas vencerá do eſcuro inferno.

Eis-aqui *porto* ſignificando fim: eis-aqui no ſegundo verſo a poetica abundancia de Camões exprimindo com bizarria a meſma pintura, que a pobreza da Lingua antiga naõ podia deixar de fazer meſquinha, e ſecca em Sá de Miranda. No Soneto 169. Soneto digno deſte grande Poeta, ſe offerecem ao noſſo exame quadros de expreſſaõ jámais viſta, nem ſonhada pelos Poetas anteriores, e contemporaneos deſte genio verdadeiramente inſpirado:

Campo nas Syrtes deſte mar da vida,
Apos naufragios ſeus taboa ſegura,
Claras bonanças em tormenta eſcura,
Habitaçaõ de paz, de Amor guarida.

Excellente quarteto! A fraſe de que ſe compoem he toda mui poetica, e cheia de enfaſe: rigoroſamente ſommando, nelle ſe incluem oito elegancias, as mais cultas, e ſignificantes: a metafora, e a allegoria fazem o ſeu principal ornamento. Enthuſiaſmo, elegancia, e harmonia ſaõ as principaes virtudes deſta pintura, que em ſi meſmo tem novavel variedade pela força de claro eſcuro, que repreſenta nos ſeus contraſtes. A palavra *campos* eſtá ſignificando neſte lugar *deſcanſo*: hum tal modo de fallar he mui proprio da noſſa linguagem ordinaria, eſpecialmente na fraſe dos Lavradores, que trivialmente coſ-

tumaõ dizer de alguma terra que eſtá de voluto, ſem ſe ſemear: *Eſta terra eſtá de campo*, iſto he, de deſcanſo: logo campo neſta paſſagem he o meſmo que ſe diſſeſſe deſcanſo, porto, abrigo mas Syrtes, iſto he, nos mares tormentoſos cheios de baxios, o que he frequente na linguagem dos Poetas antigos, como Virgilio no Livro IV., e X. da Enéada, e ainda meſmo nas Letras Sagradas no Capitulo XXVII. dos Actos dos Apoſtolos. *Syrtes*, *mar da vida* ſaõ translações belliſſimas, e cheias de energia. O ſegundo verſo contém todo o penſamento do Sá de Miranda annunciado com expreſſões differentes em todas as ſuas partes, e com fecundidade deſconhecida em Portugal. Os ſubſtantivos *porto*, *abrigo*, *e amparo* eſtaõ expreſſados com maravilhoſo artificio poetico na paſſagem de Camões pela elegancia *taboa ſegura*, onde o ſugeito *taboa* eſtá empregado em ſentido extenſivo por virtude de Catachreſi, ſendo ao meſmo tempo tambem metáfora. *Mores tempeſtades*, clauſula pobre, mais energica que elegante na pintura do Sá de Miranda, he expreſſada por eſta de Camões *apos naufragios*. No terceiro verſo vê-ſe o ſentido mais ampliado, ſervindo como de gloſa ao verſo antecedente com duas elegancias muito poeticas, e ſublimes, que moſtraõ hum nobre, e artificioſo contraſte de idéas a que os Rhetoricos chamaõ antitheſi. No primeiro hemiſtichio do ultimo verſo conclue finalmente, e aclara o ſentido total com a belliſſima fraſe *Habitaçaõ de paz*; perſonalizando em certo modo o abſtracto paz. Em fim parece que neſte quarteto quiz o Camões expreſſamente moſtrar a liberalidade, e copia poetica, com que ſe podia exprimir eſte genero de pintura na Poeſia Portugueza. N'hum poema ha vinte annos feito á morte de Chriſto vi eſta pintura deſenhada por hum modo, que naõ me deſagradou: e poſto que naõ poſſamos alargar a esfera das noſſas analyſes além dos cinco Poetas determinados no Sabio Programma, ſeja-nos deſculpado tranſcrever eſta paſſagem, que talvez naõ deſmereça entrar em parallelo com as precedentes:

Se-

Segura taboa em que ſalvar-me eſpero
Do naufragio fatal da dura morte,
E de ſeu cruel impeto ſevero.

Eſte lugar naõ tem a força de claro eſcuro da de Camões, mas naõ deixa de eſtar deſenhado com baſtante pureza, força, e harmonia, além de ter eſtylo pouco ou nada uſado da cultura moderna. No Canto VI. da Luſiada, Eſtança 81. ſervindo-ſe da meſma elegancia *Syrtes*, deſcreve igual pintura com variedade de expreſſaõ em dous quadros:

Tu que a todo o Iſrael *refugio deſte*
Por metade das ondas Eritréas.

Aqui póde eſtar *refugio* em lugar de *porto*, *e abrigo ás mores tempeſtades* de Sá Miranda, conforme a energia latina, como ſe vê na ſeguinte paſſagem de Cicero no Livro II. *dos Officios* Capitulo 18. *Regum, populorum, nationum portus erat, et refugium Senatus*: mas propriamente eſtá ſignificando *evaſaõ*, *ſahida*, *fuga*, *occaſiaõ de fugir*, &c. Naõ ſó a Eloquencia profana, mas tambem a ſagrada fazia uſo frequente deſta formula cheia de expreſſaõ, como ſe vê do Pſalmiſta nos ſeguintes lugares. Pſalmo IX.

Et factus eſt Dominus Refugium pauperi.

Nas ſuas mais crueis tribulações
Ao miſero indigente
Deos foi o ſeu refugio omnipotente.

No Pſalmo XXX.

Quoniam fortitudo mea, et refugium meum es tu.

Tu

Tu es, ó ſanto Deos de ſumma alteza
O meu refugio, e a minha fortaleza.

Pſalmo LXXXIX.

Domine, refugium factus es nobis in generatione, et in generationem.

Em ti, Senhor bénfico, e ſuperno
Santo refugio achamos ſempiterno,

E nos Pſalmos XXXI. XC. bis, XCIII. CIII. CXLIII. Continúa a meſma paſſagem de Camões:

Tu, que livraſte a Paulo, e defendeſte
Das Syrtes arenoſas, e ondas feas.

Allude ao perigo em que ſe achou a náo que tranſportava S. Paulo a Roma, como conſta do Capitulo XXVII. dos Actos dos Apoſtolos. Bellos, e excellentes quadros traſſados com ſumma elegancia, e vivacidade, eſpecialmente o ſegundo no ſegundo verſo, onde os adjectivos *arenoſas*, *e feas* exprimem a força do colorido da pintura. Antigamente dizia-ſe *areoſo*, que ſendo mais conforme á analogia, era menos ſonoro que *arenoſo* palavra conſagrada pelo Camões á mais elegante Poeſia. Força, elegancia, e harmonia.

Na Cançaõ X. o mais bello de todos os poemas deſte genero, que ſe encontra na Poeſia moderna, como com muita razaõ affirma o ſabio Manoel de Faria e Souſa, ſe acha eſte penſamento lançado tambem com egregia liberalidade poetica taõ filha do entuſiaſmo ſublime deſte admiravel Poeta:

Naõ conto tantos males, como aquelle,
Que depois da tormenta perigoſa
Os caſos della conta em porto ledo.

A

A força do claro eſcuro naõ eſtá deſignada com tanta viveza, porque tambem naõ era preciſo neſte lugar; mas a ſimplicidade, a elegancia, e a pureza da dicçaõ naõ podem ſer igualadas; nem ſe acha em toda a Poeſia eſtylo onde mais reſplendeçaõ eſtas amaveis qualidades, que neſte nunca aſſaz louvado poema. No ſegundo verſo eſtá deſenhada com raſgo de meſtre a clauſula do Poeta Sá *mores tempeſtades*, que comparada com — *Que depois da tormenta perigoſa*, — e com a outra do primeiro exemplo — *Depois da procelloſa tempeſtade* — parece a luz de huma candeia á viſta da do Sol; e o meſmo ſe deve dizer de todos os mais lugares que acima ficaõ deſte genero. *Porto ledo*, boa elegancia, cuja força eſtá no epitheto *ledo*. Continúa pois o divino Poeta no meſmo lugar com outra formula, que tem baſtante analogia com a que vamos comparando *mores tempeſtades*:

> Que inda agora a *Fortuna fluctuoſa*.
> A tamanhas miſerias me compelle.

Fortuna fluctuoſa, nova elegancia, e nova poeſia deſconhecida de todos os Poetas Portuguezes, até ao tempo deſte grande homem, a qual accreſcenta novos quilates á pintura que acima fica.

Para ſervir de comparaçaõ á meſma elegancia do Poeta Miranda, e a outras que já temos combinado, ſirva-nos o ſeguinte lugar da Eſtança 20. do poema feito a Dom Conſtantino de Bragança:

> Demoſthenes lançado das tormentas
> Populares. . . . .

Clareza, e harmonia: o adjectivo *populares* naõ era do maior uſo fóra da penna deſte immortal Poeta. Outro exemplo comparativo para *amparo, e abrigo* veremos no Soneto 196.

Vos outros, que bufcaes repoufo certo
Na vida. . . . .

Clareza. Na Cançaõ VI. vem a mefma idéa com feu tanto ou quanto de variedade:

Que em vós achem abrigo
As magoas que aqui digo.

Saõ afleadiffimos feptenarios: o fegundo he poefia de fentimento expreffado com grande fimplicidade. A mefma idéa por modo diverfo he a que fe fegue na Ode VII.

Mas altos corações dignos de imperio,
Que vencem a Fortuna
Foraõ *fempre columna*
Da fciencia gentil. . . . .

Nobre frafe! *Amparo*, *e abrigo* he muito inferior a *columna*, elegancia, que tambem naõ lembrou a todos os precedentes. Semelhante a efta, mas naõ tanto poetica, he a feguinte elegancia, que vem na Elegia á morte d'ElRei Dom Joaõ terceiro nas *Rimas Sacras* do Bernardes:

Onde achará *amparo* a fanta paz,
Pois o pilar em que fe fuftentava
He ja quebrado, já por terra jaz?

He bom terceto; mas o primeiro verfo he frio pelo encontro de duas vogaes de igual quantidade fyllabica na quarta cefura; o fegundo, e o terceiro faõ bellos. Nefte lugar pois vemos *pilar* por *columna*. Elegancia, e energia. No poema fobre o *Defconcerto do mundo* Eftança 9.

Dei-

Deixo aquelles, que tomam *por eſcudo*
De ſeus vicios, e vida vergonhoſa
A nobreza de ſeus anteceſſores. . . . .
E nam cuidam de ſi, que ſaõ peores.

Deſte modo devem compôr todos os que ſe ſentem inſpirados do dom divino da Poeſia, enſinando, e deleitando; de outro modo he proſtituir, e desluſtrar a mais amavel, e ſublime de todas as Artes. Os Poetas fôraõ os primeiros Filoſofos da terra: e ainda agora os que naõ ſaõ agitados de huma eſtolida mania de mertificar, ſem genio, nem ſciencia; ſaõ tidos pelos mais reſpeitaveis de todos os homens, cuja memoria nunca ha de acabar, qual a de hum Arioſto, de hum Taſſo, de hum Camões, de hum Metaſtaſio, de hum Moliere, de hum Racine, e de hum Voltere, por naõ fallar nos da antiguidade. Toda eſta paſſagem eſtá eſcrita com a maior pureza, com a maior perſpicuidade, e harmonia, além da grande maxima, que exprime: no primeiro verſo, cuja dicçaõ vem mais ao noſſo caſo, eſtá *eſcudo* por *abrigo*, e *amparo*, he em ſi artificioſiſſimo modo de pintar, e correſponde a *columna* na paſſagem precedente. Tambem *eſcudo* ſignifica neſte lugar *deſculpa*: em fim deſte, e de outros muitos lugares ſe vê, que hum grande engenho dá vulto, fórma, e elegancia picturefca ás mais notaveis abſtracções metafyſicas. Deſte modo de exprimir em ſentido, e fraſe, que tem aſſaz de analogia com o eſtylo das paſſagens, que acabamos de comparar, uſou o meſmo Poeta na Luſiada Canto VI., Eſtança 95.

Naõ encoſtados ſempre nos antigos
Troncos nobres de ſeus anteceſſores.

O participio *encoſtados* repreſenta a meſma idéa de *eſcudo* na paſſagem precedente, e tambem a de *amparo*,

e *abrigo* nas que mais acima ficaõ, dando-lhe acçaõ, e movimento. O ſubſtantivo tronco he tambem ſemelhante aos meſmos termos, e muito mais a *columna*, e *pilar* dos lugares de Camões, e Bernardes, que acima tranſcrevemos, e comparámos. No poema a Dom Conſtantino de Bragança, Eſtança 18.

Themiſtocles da *patria ſua amparo.*

Elegancia trivial ſemelhante a muitas do Bernardes, e Caminha, que já ficaõ comparadas. Porque razaõ naõ diſſe o Poeta *ſua patria*? Naõ ficava o verſo certo? Naõ era congruente com a pureza da Lingua? Naõ conſervava harmonia? O poſſeſſivo *ſua* poſpoſto ao ſubſtantivo *patria* faz o eſtylo mais elegante, e harmonico: eſte artificio naõ he conhecido dos noſſos ſabios modernos, que fazem gloria de cenſurar Camões; temos aqui os cães ladrando á Lua. O grade Taſſo começa hnm dos ſeus mais bellos Sonetos por eſta elegancia:

Nobil porto del mondo, e di Fortuna.

Que eſtá dando a conhecer o grande eſpirito do maior Épico de Italia moderna.

Reſta-nos agora examinar donde procedeo eſte modo de fallar. A Lingua Latina fertil em expreſſões figuradas, como aquella a quem a Grega a mais ſonora, e copioſa de todas as Linguas, communicou grande parte das ſuas graças, foi quem deu ao noſſo Idioma eſte genero de elegancia taõ bella, e ſignificativa. Cicero no já allegado exemplo no Livro II. dos Officios, Cap. 18. *Regum, populorum, nationum portus erat, et refugium Senatus.* Na Oraçaõ pro C. Sylla diz. . . . . . *in malis Reipublicae portum malorum ſuorum aliquem invenire.* Terencio na Andria Acto III., Scena I.

Nunc hujus periclo fit: ego in portu navigo.

He

He notoria a frase seguinte de Horacio na famosa allegoria da Republica symbolizada na configuraçaõ de huma náo :

. . . . ó quid agis ? fortiter occupa
Portum . . . .

Tudo formulas tiradas da navegaçaõ. Deste exame, assim como do das outras formulas que temos combinado se collige, que Sá de Miranda escreveo, adaptando-se á pobreza do Idioma, que Ferreira e Bernardes augmentou, sendo imitados servilmente pelo Poeta Andrade Caminha que em nada enriqueceo a Lingua ; que recebeo todo o seu esplendor da penna do grande Camões, que a soube elevar á sua perfeiçaõ na força, na abundancia, na cultura, na pureza, e na harmonia.

No principio da 4. Estrofe da dita Cançaõ do Sá de Miranda vem o seguinte quadro :

Virgem do mar Estrella, e neste lago,
E nesta noite hum Faro, que nos guia
Para o porto, antes claro, e certo Norte.

Sem exceptuar a derradeira elegancia — *certo Norte* —, todas as mais saõ repetições com diversas modificações de frase, e por isso digo, que naõ obstante ser esta pintura ou pinturas elegantes, saõ meras redundancias de idéas, e por essa razaõ hum claro exemplo de diffusaõ : a diffusaõ consiste na repetiçaõ, ou redundancia de hum mesmo pensamento, e como ella sempre communica á expressaõ o seu vicio, daqui vem chamar-se estylo diffuso. Com tudo como estas elegancias estaõ formando hum todo, e com visivel harmonia, além de serem novas na nossa Lingua enriquecida pelo Poeta Miranda com estas, e outras muitas formulas poeticas tiradas dos Livros Santos, as quaes a Igreja consagrou aos louvores dos

 ob-

objectos mais ſagrados da noſſa Religiaõ ; procederemos pois em as analyſar, e comparar com outras dos mencionados Poetas, que concebêraõ tal goſto por eſte genero de translações, que pelo frequente uſo que dellas fizeraõ, ficou a Lingua taõ diſpoſta a eſtas pinturas, que facilmente as deſenha com incrivel variedade. Vamos por partes. Seis elegancias ſe contém neſtes tres verſos, onde ſe moſtra huma linguagem aſſaz brilhante em expreſſões figuradas. A primeira — *Eſtrella do mar* — quer dizer em ſentido moral: — *Luz que illumina a cegueira do noſſo entendimento*, ou conſolaçaõ nas tribulações, ou tempeſtades da vida, aſſim como diſſe no Soneto 26.

Aquelle ſprito que do mar irado
Deſta vida mortal poſto em ſeguro.

Semelhantemente, e com a meſma diffuſaõ diſſe noutra Cançaõ a Noſſa Senhora:

Divino Reſplendor,
Divina Claridade,
Em noite eſcura alli tam claro dia.

Os primeiros dous verſos correſpondem á *Eſtrella do mar* da da primeira paſſagem: e o terceiro, que he na realidade hum optimo verſo cheio de poeſia de imagem, e de harmonia val o meſmo, (inda que com mais extenſaõ) que *neſta noite hum Faro*. A ſegunda elegancia — *e neſte lago* — he muito bella, e ſignificativa, extrahida da fraſe do Pſalmiſta, onde tem ſignificaçaõ de *lugar eſcuro*, *abyſmo*, e *inferno*, como adiante ſe moſtrará. A terceira elegancia — *e neſta noite* — he frequente na Poeſia Sagrada: ſignifica neſte lugar calamidade metaforicamente, como ſe vê dos ſeguintes lugares do Pſalterio. Pſalmo CXVIII.

Me-

Memor fui nocte nominis tui, Domine, et custodivi legem tuam.

Na minha mais cruel calamidade
Eu sempre do teu nome me lembrei,
Sempre guardei, Senhor, a tua Lei.

Psalmo CXXXI.

In noctibus extollite manus vestras in sancta, et benedicite Domino.

Erguei as mãos ao Ceo pio, e clemente
Em vossas afflicões, prantos, e dores;
Entoai-lhe mil hymnos, mil louvores.

Este he quanto a mim o verdadeiro sentido do substantivo *noite* na frase do Psalmista, ao menos na primeira passagem; e se alguns Commentadores se arredáraõ delle, he porque naõ quizeraõ entrar no conhecimento da força que a metafora costuma ter em todas as Linguas, e muito mais na dos Profetas, onde resplendece a mais brilhante copia de configurações sublimes, o que se verifica nestes, e n'outros muitos lugares, e se comprova do texto Grego. Tambem esta voz *noite* tinha a mesma, e ainda mais amplas translações na Lingua Latina, já significando *calamidade*, como se mostra do seguinte lugar de Cicero na bella Oraçaõ pro Roscio Amerino, Capitulo 32. *Tanquam si offusa Reipublicae sempiterna nox esset*: já *ignorancia*, que he verdadeira calamidade, e o maior de todos os males, expressaõ sublime extrahida do já citado, e traduzido lugar de Ovidio no Livro VI. dos Metamorfoseos, vers. 472.

Pro Superi quantum mortalia pectora caecae
Noctis habent. . . . .

E

E talvez que este seja o verdadeiro, e legitimo sentido em que o tomou o Sá de Miranda, como já ponderamos nesta mesma passagem de Ovidio n'outro lugar transcripta. A quarta elegancia consiste na palavra *Faro*, voz derivada do Grego, donde veio *farol*, que he huma grande luz, que se costuma pôr na entrada dos portos, ou em algum lugar perigoso, para avisar aos navegantes nas tempestades, e daqui se tirou esta bella metafora. Da quinta elegancia *porto* assaz fica dito. A sexta está na palavra *Norte*, que significando hum vento, que sopra do Septentriaõ exprime neste lugar *guia*, *direcçaõ*. Significa tambem na frase maritima a estrella polar que serve de direcçaõ ou ponto fixo á navegaçaõ &c. Esta metafora foi desconhecida dos antigos, que ignoráraõ o uso da Bussola, donde a Poesia moderna tirou esta excellente, e sublime elegancia, pela direcçaõ da agulha para o Norte. Eu naõ o affirmo, mas parece-me que esta formula nasceo na Poesia Portugueza, pelo muito que a Naçaõ exercitou a navegaçaõ nos tempos dos descubrimentos; porque tendo eu lido quantidade de Poetas antigos, e modernos com bastante reflexaõ, naõ me lembro de a ter já mais encontrado, senaõ nos nossos.

Consultemos a Poesia de Ferreira, vejamos as modificações de estylo, que elle deu a estes pensamentos; e nesta comparaçaõ contentar-nos-hemos de ajuntar as frases, que mais semelhantes fôrem, por naõ nos encontrarmos com o que temos dito a respeito de outras expressões analogas a estas elegancias. Na Ode II.

Estrellas sejaes ambos la no Ceo,
Estrellas das mais lucidas, e claras.

Ve-se aqui a palavra *estrella* empregada sem contraste expresso, como na passagem do Sá de Miranda, mas que facilmente se subintende, pela recordaçaõ, que trazem ao espirito os dous epithetos *lucidos*, e *claros*, o primeiro dos quaes nunca encontrei em escritos anterio-

res

res a Ferreira, que por muitas rasões julgo ser elle o primeiro, que o trouxe da Lingua Latina para a Portugueza, do qual fez depois Camões felicissimo uso. Na Elegia I. na morte do Principe Dom Joaõ:

Deixaste, clara estrella, o triste, e escuro
Ar de que cá vivias. . . . .

Expressaõ muito viva no claro escuro pelo contraste de idéa á maneira da do Miranda: os dous epithetos exprimem accidentes analogos, porque he natural, que da escuridade proceda a tristeza: mas o estylo he forçado. Na dedicatoria do poema de Santa Comba:

Irmãos iguaes áquelles de hum mesmo ovo,
Que inda estrellas sereis no derradeiro
Ceo Impyreo. . . . .

Neste lugar vem o substantivo *estrella* sem contraste, mas com excellente figuraçaõ. Tudo isto he imitado de dous lugares de Horacio: o primeiro da Satyra I. do Livro II. verso 26.

— Castor gaudet equis, *ovo* prognatus eodem —

E Castor de hum *mesmo ovo* procedido
He cavalleiro insigne, e esclarecido.

Naõ teve esta frase muito sequito na Poesia Portugueza, e com rasaõ, porque além de secca, em nada se conforma, nem com a norma do nosso pensar, nem com o genio da nossa Lingua; mas hum Poeta sabio, e destro no manejo do Idioma póde della fazer com alguma modificaçaõ hum bello uso. O segundo verso he imitado tambem do segundo da Ode III. do Livro I. do mesmo Poeta.

Sic

Sic fratres Helenae, lucida ſidera.

Paſſagem, que o meſmo Ferreira traduz na Ode VI. ao meſmo aſſumpto do modo ſeguinte:

. . . . e os dous irmãos de Helena
Claras eſtrellas. . . . .

Tambem neſta eſtá o termo *eſtrella*, ſem contraſte. Em todas eſtas paſſagens do Ferreira eſtá apparecendo Horacio, de quem teve grande liçaõ, com que ornou as ſuas poeſias, e enriqueceo a Lingua, poſto que as ſuas maneiras ſejaõ commummente duras, e ſeccas. A palavras *lago*, que faz a ſegunda elegancia em Sá de Miranda, eſpecie de metonymia, parte pelo todo; ou catachreſi, ampliaçaõ de ſentido, ſe vê expreſſada pelo Ferreira na Ode VI. deſte modo:

Sprito furioſo
Que naõ temeo o *pego alto* revolvido.

Pego correſponde a *lago* em Sá de Miranda, porque o termo *pego* inda que ſeja contracçaõ do Latino *pelagus*, que ſignifica *mar*, naõ tem a meſma extenſaõ de ſignificado na noſſa Lingua, onde commummente exprime o ſitio mais profundo de hum rio, e por extenſaõ ſignifica mar. Com a meſma extençaõ, ou por melhor dizer, na ſua original energia, ſervindo ao meſmo tempo á configuraçaõ metaforica, como na paſſagem do Poeta Miranda, ſe moſtra o meſmo vocabulo no ſeguinte lugar da Elegia II. do meſmo Ferreira:

Quem fora taõ ditoſo que cortára
Comtigo eſte alto mar, fugindo o *pego*,
E comtigo batendo azas voára!

He

He por todas as rasões excellente terceto. A poesia do pensamento he a mais elevada: a da elocução, além de ter o mesmo caracter, he a mais elegante, a mais significativa, e harmoniosa. Na carta a ElRei Dom Sebastião se encontra huma nobre applicação do termo *pego*:

Hydra de mil cabeças enganosa,
Pego, de tantos ventos revolvido,
Não se vence, Senhor, com mão forçosa.

Neste lugar está invisivelmente apparecendo o grande Poeta, e o grande Filosofo: nelle se mostrão duas das mais notaveis expressões symbolicas, de que tanto se deve abonar a nossa Poesia. O segundo verso, onde se acha o exemplo pinta de tal, e tão expressivo modo, que se está vendo o que representa, e não he facil ser excedido por causa da notavel, e vivissima energia do adjectivo *revolvido*. Elegancia, força, pureza, e harmonia. Na mesma Carta:

Como destro piloto no *alto pego*
C'o leme guia a náo, hora a huma parte,
Hora a outra a desvia do *váo cego*.

Neste bello terceto estão dous exemplos; o primeiro *em alto pego* com toda a extensão do significado consignada no adjectivo *alto*, que he huma prova do que dissemos a respeito da significação restricta, que acima affirmamos costumava ter o substantivo *pego* na nossa Lingua: o segundo em *váo cego*, outra configuração do vocabulo *lago*. O estylo destes hendecasyllabos he puro; mas aspero no segundo hemistichio do segundo verso, pelo encontro asperissimo da accentuação principal, collocada no monosyllabo *náo* com a primeira syllaba do termo *hora*, e no dos dous *aa* deste vocabulo, e artigo que se segue, ambos atropelados com as vogaes do adjectivo *huma*, que tudo faz huma dissonancia insoffrivel. Na já dita Ode VI. ap-

presenta o mesmo Ferreira outro exemplo semelhante ao que em ultimo lugar se mostra na precedente passagem:

Entregue aos ventos, posto todo em sorte
Do sempre tempestuoso
Africo, nem os váos cegos. . . . . .

Aqui temos outra configuraçaõ do termo *lago* em *váos cegos*. Estylo poetico, mas forçado, e duro. Saõ estas expressões extremamente bellas, e elegantes, ignoradas dos Poetas anteriores a Ferreira, e por elle de novo transportadas para o nosso Idioma da poesia de Horacio na Ode III. do Livro I.

. . . . qui fragilem *truci*
Commisit pelago ratem. . . . .

De ferro tinha o peito rigoroso
Quem primeiro tentou com fragil quilha,
O pelago horroroso.

E adiante:

. . . . si tamen impiae
Non tangenda rates transiliunt *vada*.

Se passaõ impias náos
Os *inhospitos váos*,
Em vaõ Deos apartou do mar a terra.

Este modo de fallar he filho do mais vivo enthusiasmo, que hora dilata, hora encurta a frase, conservando a extensaõ da idéa, como se observa nesta formula, ou termo *lago* da passagem do Miranda, a qual teve nascimento na Poesia Hebraica, e na Latina, como se mostra dos seguintes exemplos: No Psalmo XXIX. *Domine, duxisti ab inferno animam meam, salvasti me a descendibus* in lacum:
Tu

Tu do inferno a minha alma libertaste,
D'entre os que *ao lago* descem me salvaste.

Desta passagem, que se divide em duas proposições, se mostra a certeza da significação, que acima determinamos á voz *lago* na frase do Sá de Miranda, lugar escuro, noite, abysmo, tormenta, calamidade, inferno; porque bem se vê, que *lacum* está para variar a frase, e não cahir em repetição, o que tambem se manifesta do texto grego, onde está αδȣ em linguagem poetica por ἀίδȣ *orcus*, *mors*; e λακκȣ *lago* para diversificar de αδȣ Na seguinte passagem do Psalmo XXXIX. se vê a mesma voz significando noite, escuridade, horror. *Exaudivit* (*Deus*) *preces meas*, *et eduxit me* de lacu *miseriae*.

Deos meus rogos ouvio;
Do *lago* da miseria me extrahio.

Psalmo LXXXVIII.

Posuerunt me in lacu *inferiori*, *in tenebris*, *et in umbra mortis*.

Lançárão-me, ai de mim! no fundo *lago*,
Nas sombras horrorosas
Onde da morte habita o fero estrago.

Psalmo CXLII.

Ne avertas faciem tuam a me et similis ero descendentibus in lacum.

Não escondas de mim teu santo rosto,
Senão serei, Senhor, como os que descem
Ao tremebundo *lago* da miseria,
Em triste sorte posto.

Virgilio no Livro IV. das Georgicas, verſos 479.

. . . . et deformis
Cocyti, tardaque palus inamabilis unda.

Que pouco mais ou menos diz:

O negro limo, as plantas carregadas
Do Flegethonte, e pallido Cocyto;
As tenebroſas ondas deteſtadas
Do *lago*, onde retumba eterno grito.

No Livro VI. da Enéada, verſos 133., e 134.

Quod ſi tantus amor menti, ſi tanta cupido eſt
Bis Stygios innare *lacus*, bis nigra videre
Tartara, &c. . . . .

Mas ſe tanto deſejo vos incita
    De navegar afoito o *Eſtygio lago*,
    E duas vezes ver o eſpanto, o eſtrago,
    Que no Tartaro horrendo a morte excita, &c.

No meſmo Livro, verſos 322. e 323. ſe vem dous exemplos hum de *váos*, como em Ferreira, e outro de *lago*, como em Miranda.

Anchisâ generate, Deûm certiſſima proles,
Cocyti *ſtagna* vides, Stygiamque *paludem*.

Filho de Anchiſes, tu prole celeſte,
    Já do Cocyto vês *os váos tremendos*,
    Já na *lagôa Eſtygia* os pés puzeſte.

Naõ contente o Sá de Miranda com a expreſſaõ ſimples *lago*, que por nova, talvez, ou pouco uſada na noſſa Poeſia, ſe naõ poderia facilmente entender, accreſcentou

a voz

a voz *noite* para ficar a pintura de todo manifesta á intelligencia do leitor daquella idade, inda naõ costumado a este modo de expressar. Veremos agora, como Ferreira exprimio esta idéa, que em pouco, ou nada differe da antecedente indicada pelo termo *lago*, e *noite*. Neste exame seremos obrigados a repetir algumas elegancias já combinadas, por terem uniaõ com outras de differente qualidade. No Soneto 34.

Muda esta minha *noite* em dia claro.

E no Soneto 36. do Livro II.

O caminho mais arduo, que nos guia
Da nossa escura *noite* ao claro dia.

Nestas duas passagens vemos a mesma imagem expressamente, mas consignada em expressões concretas: na do Sá de Miranda está simplesmente o sugeito sem accidente; nestas os accidentes expressos pintaõ modificações, e servem de contraste ao quadro. Em sentido, e frase abstracta se vê no Soneto 46. outra expressaõ:

Já á minha *noite* amanheceo hum dia.

Estylo todo metaforico, que inclue mais idéas que palavras, e quer dizer: *Já á minha desgraça succedeo a ventura.* Com tudo isso no lugar em que se acha, naõ deixa de indicar alguma affectaçaõ, e dissonancia no encontro das duas vogaes da primeira accentuaçaõ.

Na Ode VI.

. . . . Quem o ceo cuberto
De triste *noite*, e quedo
Sem defensam, c'o corpo só esperando
Está a morte cruel, que tem taõ perto?

Ago-

Agora vemos *noite* por escuridade, e tambem metonymicamente por tempestade, e por calamidade, combinado o sugeito com hum adjectivo, que pinta hum effeito, ou consequencia natural, como a tristeza, que procede da noite. A pintura em si tem mais expressaõ, que pureza, e harmonia. Além de que este poema, como já n'outro lugar disse, he hum ensaio de escola, sem merecimento, a quem a ignorancia tem consagrado supersticiosa adoraçaõ. No Soneto 40. vem huma expressaõ que tem muita analogia com a que vimos analysando, que he a mesma com modificaçaõ de sentido, e frase: o assumpto he a nossa Senhora:

Alimpa em nossas almas suas torpezas,
Desfaze as nevoas, com que nos cegamos.

Nevoas, sem accidente, quasi que faz o mesmo effeito, que a palavra *noite* em Sá de Miranda. Toda a dicçaõ he pura, mas secca, e pouco harmoniosa. Outra modificaçaõ do expressado se vê no Soneto 42.

Com teu raio de luz resplendecente
O mundo escuro, e triste alumiaste.

Aquî está pintura identica com o total do Sá de Miranda, mas muito mais brilhante, e harmoniosa. Neste quadro falla S. Joaõ Evangelista. — *Estrella do mar* — Vê-se esta pintura ampliada no primeiro verso, expondo hum sentido concreto com seus attributos: a idéa positiva *noite* está representada na clausula *mundo escuro e triste*: — *mundo* tem aqui os significados todos de *noite* por virtude dos dous accidentes *escuro*, *e triste*, sem os quaes naõ exprimiria a mesma idéa. De igual natureza he a seguinte na Ecloga ao Natal:

Vem

Vem gram Minino . . . .
Nova e divina luz alumiar
O cego mundo . . . .

Cego val o meſmo que *eſcuro*. As virtudes de eſtylo deſtas duas paſſagens ſaõ pureza, elegancia, e harmonia. Na Elegia V.

E eſta alma deſejoſa de ſoltarſe
Deſte *carcer cruel*, que a tem forçada,
Tentava por ſi meſma deſatarſe.

Optima Poeſia, toda tecida de expreſsões fantaſticas, onde ſe achaõ conſignadas abſtracções ſublimes atadas por hum nexo muito ſubtil, e artificioſo, que faz o ſublime de todo o lugar; onde a expreſſaõ *carcer cruel* he outra modificaçaõ, que tem analogia com *cego mundo*, que adiante vai. Note-ſe a voz recta de *carcer* á maneira dos Latinos, e Italianos, onde he trivial *carcer cieco* na Poeſia de Petrarca, de Bembo, e d'outros muitos, a qual norma he tambem da Lingua Caſtelhana, que diz *la carcel*, porque eſte ſubſtantivo naõ tem incremento ſingular naquelle Idioma, aſſim como o tem no Portuguez, que offerece a commodidade de ſe poder uſar da voz recta nos caſos obliquos, naõ obſtante ter o meſmo incremento, que na Lingua Latina. Sublimidade, elegancia, e harmonia ſaõ as virtudes deſta paſſagem, onde vemos a abſtracçaõ pintada no termo *noite* dos lugares precedentes exprimida pela elegantiſſima clauſula *carcer cruel*, que por ſingular naõ póde aqui repreſentar mais do que huma licença metrica: e para que ſeja indicada como formula poſitiva favoravel ao verſo, e ainda meſmo á proſa, convém, que apontemos alguns exemplos mais, para que fique demonſtrada a ſua pureza, e eſtabelecido o ſeu uſo, que de nenhum modo ſe afaſta da analogia da Lingua. No bello, e pathetico Soneto 60.

Co-

Como em taõ trifte *carcer* me deixafte ?

Verfo cheio de Poefia de fentimento. Força, e harmonia. Com as mefmas qualidades, e com huma translaçaõ de mais fe aprefenta a feguinte paffagem no fim da Elegia II.

Ah! que duro deferto, e *carcer cego*
Fugifte alma ditofa ....

Nefte lugar vemos *duro deferto* exprimir por extenfaõ, ou catachrefi o mefmo que *carcer cego*, que o Poeta fubftituio logo como glofa, para dar mais evidencia ao expreffado. Aqui tambem fe vê o verbo *fugir* empregado activamente, o qual, affim como na Lingua Latina, he neutro, e activo. Quando he neutro, entaõ fignifica propriamente fugir; quando he activo fignifica evitar, como vulgarmente fe vê, e he famofo o exemplo de Virgilio no Livro III. da Enéada verfo 44.

Heu fuge crudeles terras, fuge littus avarum

Affim como nefta paffagem de Ferreira, que da mefma forte diffe na Ode V.

Fuge o vulgo profano

E na Elegia V.

Fogeme a morte.

Mas na Carta 9. o faz neutro, fem cafo expreffo do modo feguinte:

Fuge antes que o máo vulgo te profane.

O exa-

O exame deftas, e doutras formulas faõ de muita utilidade a quem eftuda a Lingua, e facilita o efcrever com correcçaõ, e pureza. Pofto que o refto das elegancias da paffagem do Sá de Miranda já fica em outra parte analyfado em confrontaçaõ de lugares femelhantes, naõ deixarei de fazer algumas combinações neceffarias. *Hum faro que nos guia*; o mefmo Ferreira no Soneto 41.

. . . . Em tanto efcuro
Soube affi defcubrir dos Céos hum *faro*.

Aqui eftá a mefma palavra *faro* de Miranda, que, como já diffemos, tem origem Grega: *tanto efcuro* tem o mefmo enfafe que *noite*, *lago* do mefmo Poeta, e quafi que equival a tempeftade. Força. No Soneto 23. exifte hum exemplo, cuja energia he fimillima á do lugar de Poeta Miranda:

Por vós fufpiro, e pelo claro lume
De hum novo Sol, que lá dá luz ao dia;
E por *norte* tomei do meu bom *porto*.

Todo efte terceto he muito elegante, e poetico: o lugar que nos ferve de parallelo eftá mais bem accommodado, e vem mais a propofito, que o do Miranda. *Norte* he guia: *porto* defcanfo. Elegancia, e harmonia. No Soneto 28 eftá tambem *porto* por defcanço com baftante artificio:

Aqui *porto* quieto as ondas deram.

Bella poefia pela força da expreffaõ metaforica em *porto*, e *ondas* em cujo contrafte confifte a belleza da paffagem. Elegancia, e harmonia.

Paffemos a ver como Bernardes exprimio eftas idéas na allegada Cançaõ a Noffa Senhora, Eftrofe 3.ª

Oh Virgem. . . . .
Do inconftante mar *fiel Eftrella.*

Efta pintura tem mais extenfaõ, que a do Poeta Miranda; nella fe vê hum contrafte de idéa em *inconftante mar*, e *fiel eftrella*: a primeira elegancia quafi que val o mefmo que *lago*, ou *noite* por virtude do accidente *inconftante*: a fegunda exprime hum attributo no adjectivo *fiel*; que fignifica nefte lugar o mefmo que conftante para completar o contrafte da antithefi. Elegancia. N'outro Soneto a Noffa Senhora:

. . . . Virgem . . . .
Do mar eftrella firme, e luminofa.

Pintura fimples fem contrafte com dous attributos expreffos: viveza, e harmonia faõ as graças defta paffagem. Aqui apparece *luminofo* á maneira de Camões, em lugar de *lumiofo*, como d'antes fe ufava, e fe vê em Ferreira, a qual formula tem mais melodia, que a antiga, e he mais chegada á origem latina *luminofus*. Na Cançaõ a N. Senhora fe vê a pintura defignada no termo *lago* em Sá de Miranda pelo modo feguinte:

Naõ me deixeis fumir, doce Maria,
Nefte *profundo pego*:

O primeiro verfo he pintura cheia de energia, e verdade, mas fem elegancia, além de o verbo *fumir* fer baixo. O feptenario contém a imagem, que correfponde á voz lago no termo *pego*, com huma propriedade expreffada no epitheto *profundo*, que completa a pintura, e lhe dá grande força de expreffaõ. N'hum Soneto das *Rimas Sacras* a Noffa Senhora:

. . . . O

. . . . . , ... O Rei do empyreo Ceo
Neſte *vale de lagrimas* deceo.

Fraſe tirada dos Livros Santos, que anda na bocca de todos: *vale de lagrimas* correſponde a *noite*, e *a lago* do Miranda. Clareza. N'outro Soneto das Rimas Sacras:

Tornailhe a dar a graça com que poſſa
O caminho deixar do *eſtygio lago*.

Aqui entra a apparecer *eſtygio lago* elegancia virgiliana; mas eſta de Bernardes foi já empregada á luz de Camões, a quem ſe deve a introducçaõ deſta, e de outras muitas formulas da Poeſia Latina, com que enriqueceo a Lingua materna; nem de Bernardes ſe podia eſperar tanto, por naõ ſer taõ douto, como Camões, a quem favorecia o engenho, e a ſabedoria. O reſto da paſſagem naõ tem couſa que mereça attençaõ por ſer conſtruido de fraſe ordinaria. Na Elegia IV. ſe acha a ſeguinte pintura, onde ſe vê huma elegancia exprimindo idéa correſpondente á que ſe inclue na voz *noite* em Miranda:

Torne da *noite eſcura* ao claro dia
Primeiro que de todo me *anoiteça*,
E ſe torne eſta terra á terra fria.

No primeiro verſo vemos o ſubſtantivo *noite* conſervando o meſmo ſignificado, que na paſſagem do Poeta Sá, eſcuridade, tempeſtade, abyſmo, inferno, calamidade, e comprovada a meſma ſignificaçaõ com o verbo *anoitecer* no verſo immediato, tudo applicado a ſentido moral de abſtrações mentaes com ſeu accidente, que fórma contraſte com o adjectivo *claro* onde conſiſte toda a força do claro-eſcuro da pintura. Todo o terceto eſtá bem lançado: pureza, elegancia, e harmonia ſaõ as graças

ças que distinguem o seu estylo. O terceiro verso allude á passagem da Escritura no Capitulo III. de Genesis taõ conhecido de todo o Catholico. *Memento homo quia pulvis es, et in pulverem reverteris.* Esta mesma imagem por expressaõ differentissima se vê na allegada Cançaõ a Nossa Senhora do modo seguinte:

Aquelle amor divino,
Que já nos libertou do *Reino avaro.*

Aqui vemos *Reino avaro* conservando o mesmo enfase que o termo *noite* na sobredita passagem, ampliando a expressaõ, dando-lhe o significado de *abysmo*, e *inferno*, o que mais se aviva no adjectivo *avaro*, que designa hum caracter á maneira dos antigos, e feito á luz de Camões que o imitou de Lucrecio Caro. O Septenario he elegante, e de frequentissimo uso nos livros devotos em tal excesso, que se naõ faz distincto. Elegancia, e harmonia. Posto que acima naõ tenhamos apontado exemplos de expressaõ semelhante a *Norte*, fallohemos neste lugar mais por abundancia, que por necessidade. Na mesma Cançaõ do Bernardes:

Porta do Paraiso, *estrada*, e *guia.*

Aqui está *guia* exprimindo *Norte* com differença absoluta. No Epigramma a Santa Clara vem a mesma idéa expressada por modo inda mais differente:

Seguindo por ti, Clara, a *clara estrada.*

A idéa designada nos outros lugares por *Norte*, e *guia*, está construida neste verso em *por ti*, e em *clara estrada.* Mas a pintura naõ tem merecimento por pouco elegante, e pelo jogo que faz de *clara* adjectivo com *Clara* substantivo proprio, vicio muito seguido dos Seiscen-

centiſtas, que ſe deve evitar com grande cuidado, por ſer repugnante ao bom goſto.

O Poeta Caminha tambem foi ſeguindo algumas deſtas normas de expreſſar, porém com aquella debilidade de alento poetico, que faz o caracter dos ſeus eſcritos: vejamos o toque do ſeu pincel neſte genero de expreſſaõ. Da primeira formula *do mar Eſtrella* quaſi que naõ fez uſo, pois naõ ſe encontra ſenaõ alguma perifraſis de mui remota analogia com a elegancia do Sá de Miranda; o meſmo ſuccedeo com as ſeguintes, mas apontaremos com tudo algumas para ſe formar idéa do eſtylo deſte Poeta neſta parte; e ſeremos breves que temos muito caminho que andar. No Epigramma 138.

Huma fermoſa eſtrella eſtá na terra
Que ás eſtrellas do Ceo faz grande inveja.

Alegoria poſitiva, que naõ tem relaçaõ com as do Miranda, O ſegundo verſo he da ſegunda Eſtança da primeira Ecloga de Camões. Logo no Epigramma, que ſe ſegue, diz no meſmo ſentido, que em cima, porque he ao meſmo aſſumpto, o ſeguinte:

Mas quando a *Eſtrella*, que mais ver deſejo
Com ſua clara luz nos apparece,
Mais que a Lua a meus olhos he fermoſa.

Aqui ſe moſtra o meſmo termo com ſimples ſignificado, ſem ter mais que huma relaçaõ. Pureza, e perſpicuidade. Na Ecloga IX.

— Filis, em cuja viſta a noite eſcura
Como o fermoſo dia fica clara,
E cuja graça o ar ſerena, e apura.

Toda a pintura he excellente: *viſta* termo abſtracto eſtá em lugar de Eſtrella, e *noite eſcura* em lugar de *mar*, e tam-

e tambem *noite* em Sá de Miranda: em fim he a mesma idéa, que a deste Poeta tomada collectivamente. Perspicuidade, e harmonia saõ as qualidades deste bello quadro. Na Elegia V. exprime a idéa encerrada no termo *lago* na passagem do Miranda deste modo:

A vida cá da terra, que ó profundo
  Nos vai guiando as vans inclinações,
  Que nunca em appetitos acham fundo.

Nesta pintura cheia de elegancia, e harmonia se vê o adjectivo *profundo* substantivado com a significaçaõ de *Lago*, ou correspondendo á idéa incluida neste termo no quadro do Miranda. Na Ode IV. ao Senhor Dom Duarte usa do termo *noite*, quasi na mesma significaçaõ, em que o tomou o primeiro Poeta no lugar, que vamos comparando: e para se conhecer melhor a relaçaõ, que tem, necessario será relatar toda a passagem:

Este ar que de mui claro, e delicado
    Sem ti está grosso, e escuro,
    Seja limpo comtigo, e apartado
Das grossas nevoas, e da *noite triste*,
Que sempre vemos des que nos naõ viste.

O epitheto triste, que acompanha *noite* prova o que dissemos; isso naõ obstante reconhecemos nesta passagem a debilidade da semelhança, que para existir, he preciso esforço de raciocinio. Mais uso fez este Poeta da metafora *faro*, e muito mais da de *Norte*, como se verá dos lugares seguintes. Na Epistola IV.

Vai sempre avante em tudo, e tudo seja
    Mais qu' em todos em ti, que *certo faro*
    Tens, que mostrarte o bem sempre deseja.

Aqui apparece *faro* por farol no mesmo sentido do Sá, e se-

e ſegundo as idéas que deſta voz temos acima dado. A fraſe deſta paſſagem nada tem de pura, nem de elegante. Na meſma identidade de ſignificaçaõ vemos a meſma palavra nos verſos que ſe ſeguem na Ode X.

Cujo Eſprito (que ſempre he unico *faro*,
Que a grandezas o eſprito que bem ſente
Guia direitamente.)

Temos aqui o meſmo termo, e junto delle a gloſa em outra expreſſaõ que diz o meſmo por hum rodeio. A pintura he fria, deſpida deelegancia, e quaſi ſem harmonia, que ſó no ſeptenario ſe moſtra com alguma clareza. Na allegada Epiſtola IV. temos com aſſaz de ſemelhança o termo *Norte* por guia, conforme o eſpirito do que já diſſemos a ſeu reſpeito:

E cá por noſſa gloria nos deixou,
Sobre tantos bens ſeus, taõ claro *Norte*,
Que em todo o mundo ſua luz moſtrou.

A fraſe deſte lugar he clara, e pura, e tem harmonia ſufficiente. Na Elegia III. ſe vê outro igual exemplo:

Os olhos erguerás ao claro *Norte*,
De quem vem claridade a todo o eſcuro.

Aqui eſtá *norte* com o ſeu attributo pintado no adjectivo *claro* aſſim como na paſſagem antecedente, com a differença, que eſte, naõ ſó ſignifica *guia*, mas tambem Sol, ou Eſtrella polar, que dá claridade, como o explica o verſo, que ſe lhe ſegue. *Eſcuro* eſtá aqui ſubſtantivado, como na ſegunda elegancia, que já examinamos do Poeta Miranda. Eſta formula era vulgariſſima em todos eſtes Poetas, menos em Camões, que jámais della ſe ſervio, e teve razaõ; porque he hum tanto baixa, e plebeia. Pureza, e harmonia. Na Elegia. IV.

Olhos

Olhos no Ceo, e no divino *Norte*
Póde guiar toda a alma a naõ perderſe.

O ſentido deſta expreſſaõ he mais elevado, e ſublime, como applicado ao Ente Supremo, ou á Virtude na ſignificaçaõ expreſſa de guia: no ſegundo verſo, cujo eſtylo conſerva a morbida froxidaõ da fraſe dos noſſos livros devotos, onde apparece mais a contricçaõ, que o talento da palavra, nenhum atticiſmo ſe encontra. No primeiro hendecaſyllabo, doçura. Na Ode ás Reliquias Sagradas:

C'o ſanto exemplo de vida, e doutrina
Nos ſeja guia. . . . .

Neſta derradeira clauſula eſtá expreſſada a idéa incluida no termo *Norte* com diverſidade de expreſſaõ, que nada tem de recommendavel. N'hum Soneto ao meſmo aſſumpto:

Pois hora nos honraes, *ſedenos guia*.

Eſta fraſe he a meſma que a de cima.

Eſtas formulas de expreſſar taõ nobres, taõ proprias do eſtylo ſublime, e taõ naturaes á noſſa Poeſia, como extrahidas da navegaçaõ, em que a Naçaõ Portugueza fez tantos, e taõ famoſos progreſſos, eſtas formulas, digo, a pezar da variedade, com que a vemos referidas neſte reſumido exame, parecerâõ annunciadas com ſumma pobreza á viſta das infinitas variações, com que as deſcreveo a grande penna do ſabio, do immortal Camões. Ora como elle foi o aſtro mais brilhante da noſſa Poeſia, e o que mais enriqueceo, e aperfeiçoou a Lingua Portugueza, pede a raſaõ, que nos demoremos mais na combinaçaõ, e analyſe da ſua elocu-

çaõ,

çaõ, para que ao mesmo passo venhamos a dar, do modo possivel, alguma idéa do auge, a que elevou este grande Poeta o nosso Idioma, que he o derradeiro fim a que este Escrito se dirige. Na bella, e affectuosissima Cançaõ XIV. vemos huma pintura, que contém todas as partes de que se compoem a do Sá de Miranda, a qual convém de novo transcrever, para ficar mais facil a confrontaçaõ:

Miranda {
Virgem *do mar Estrella*, e neste *lago*
E nesta noite hum Faro, que nos guia
Para o porto, antes claro, e certo Norte.

Camões {
Ó vista desejada
De graciosa Nynfa, e *viva Estrella*,
Que ha tanto, que por este *mar* navego
Sem ver meu *claro Polo* escuro, e cego.

Nesta confrontaçaõ se vê a notavel differença de estylo, a viveza, a suavidade do pincel sublime de Camões á vista dos traços do Poeta Miranda, a quem naõ ajudava a curta liberalidade do genio, e a pobreza da Lingua. Acima notamos já, que esta pintura do Poeta Miranda parecia mais bella do que na realidade he, porque padece a nota de diffusa. Naõ ha duvida, que cada rasgo, feiçaõ, ou elegancia tomada por si só he bella, mas naõ o todo que compoem, pela razaõ de serem verdadeiramente synonymas humas das outras (fallo nas idéas, que nas palavras naõ ha synonymos) e exprimirem o mesmo pensamento, como *estrella*, *faro*, *que nos guia*, *norte*: vozes, e clausula, que suscitaõ no espirito a mesma idéa; assim como *mar*, *lago*, e ainda mesmo *noite*. Naõ faço este reparo para deprimir o merecimento do venerando Sá de Miranda, e realçar a gloria de Camões, assim como fez o sabio, mas algumas vezes apaixonado Manoel de Faria e Sousa; porém a verdade, e o desejo de mostrar com a maior eviden-

cia quanto o grande Épico Portuguez engrandeceo, e illuſtrou o noſſo Idioma, que a elle mais que a nenhum outro deve todo o ſeu eſplendor, e perfeiçaõ em que o vemos, ſaõ os unicos motivos que me obrigaõ a fazer eſtas reflexões, acompanhados tambem da vontade de expôr, o melhor que poder, as diverſas operações intellectuaes conſignadas na expreſſaõ, ou pintura das idéas, para facilitar o conhecimento do Idioma, da Linguagem dos Deozes, e abrir caminho mais amplo a futuros engenhos, que em honra da Naçaõ quizerem conſagrar as ſuas vigilias ao talento da palavra. Vamos ao noſſo argumento. Na pintura do Miranda vemos, que além dos defeitos de ſentido, pecca na falta de pureza, primeiramente na conjunçaõ da clauſula final do primeiro verſo, que embaraça o eſtylo, porque ſe acha alli ſem neceſſidade, ſeguindo niſſo a viciosa economia, que ſempre obſerváraõ os eſcritores, que lhes precedêraõ, e quaſi todos os que depois vieraõ; o que naõ ſó ſe deve notar nos Portuguezes, mas tambem nos authores Caſtelhanos, como já n'outro lugar deſte Eſcrito advertimos: bem he verdade, que a iteraçaõ das conjunções he muitas vezes bella, mas naõ no caſo em que eſtamos, mas ſó ſim como neſte verſo de Ferreira no bello poema de *Amor fugido*: — Suſpira, e chora, e cança, e geme, e ſua; — para melhor exprimir a fadiga, e deſaſſocego, como ja n'outro lugar diſſemos. Em taes lances, ou em outros ſemelhantes ſempre os Italianos ſeguíraõ a meſma norma, que a cada paſſo obſervaõ os Poetas ſabios da França: pecca em ſegundo lugar na interpoſiçaõ do membro, — *que nos guia para o porto* — porque interrompe a dependencia do ſentido da fraſe antecedente com o da ſubſequente; ou aliàs naõ puzera eſta ultima clauſula em derradeiro lugar, porque embaraça o ſentido, e faz huma eſpecie de hyperbato, que nunca póde, ſem barbarizar, entrar no ſyſtema da noſſa Syntaxe. A de Camões pelo contrario contém huma ſerie de idéas, todas bem deduzidas, e collocadas

com

com artificio natural, e eftas mefmas qualidades fe communicaõ á expreffaõ, que em nada he forçada, moftrando-fe muito corrente, clara, e harmoniofa. Os primeiros dous verfos exprimem hum extafis amorofo, cuja pintura conferva elegante gradaçaõ de côres, confequencia natural das idéas que vaõ como fubindo de — *Nynfa graciofa* — a - *viva eftrella*, — claufulas fummamente pictureſcas, e poeticas. Os dous verfos que fe feguem daõ huma razaõ das claufulas admirativas dos dous primeiros; bella e artificiofa economia de expreffar! O penultimo he de expreffaõ fimples excedida da expreffaõ do derradeiro verfo, que he muito poetica na claufula — *claro Polo*, — e nos dous feguintes epithetos, que exprimem com bella gradaçaõ de tintas accidentes, que daõ muita vivacidade á enunciaçaõ. A força, e a pureza, a elegancia, e a doçura faõ as virtudes, que mais refplendecem nefta excellente pintura. Outro igual defenho fe moftra na Lufiada Canto II. Eftança 47., fallando de Jupiter no Concilio dos Deozes:

C'o vulto alegre, qual do Ceo fubido
Torna fereno, e claro o ar efcuro.

Efta pintura he refumo da do Sá de Miranda. A claufula — *vulto alegre* — faz as vezes de *Eftrella do mar* em Sá de Miranda, e he belliffimo modo de expreffar; o epitheto *alegre* dá toda a vivacidade ao colorido da idéa: o refto da expreffaõ pinta notavelmente diverfos accidentes em gradaçaõ fenfivel, e confequente; porque da ferenidade procede a claridade do ar, como acima fe diffe n'outro lugar. Pureza, elegancia, e harmonia. Na Eftança 85. do IV. Canto fe vê a feguinte expreffaõ cheia de toda a bizarria poetica, e fabia, defconhecida da Linguagem dos Poetas anteriores a Camões:

Ellas promettem, vendo os mares largos,
De fer no Olympo eftrellas como a de Argos.

Falla o Poeta das náos, que fôraõ defcubrir a India, allegorizando á expediçaõ do vellocino de ouro na antiga Grecia. Aqui vemos *mar* no plural com o epitheto *largo*, que exprime nefta pintura idéa de extenfaõ indeterminada, e faz o fublime do quadro. Vemos *eftrella* tambem no plural combinada com o fubftantivo Olympo, que conftitue pintura elegantiffima de huma metamorfofe verdadeiramente poetica: a derradeira claufula defigna o ponto fixo da illufaõ, que he como huma efpecie de modificaçaõ artificiofa do arrojo da expreffaõ antecedente, por meio de reminifcencia de cafo femelhante. Facilidade, e pureza, elegancia, e harmonia faõ as qualidades, que diftinguem efte fublime defenho, além do luminofo laconifmo, com que exprime idéas complexas. Na Eftança 60. do Canto II. pintando huma noite ferena:

As eftrellas do Ceo co' a luz alhea
Tinham o largo mundo allumiado.

Efta pintura tem do natural, mas naõ do extraordinario: a claufula final do primeiro verfo pinta vifualidada apparente, conformando-fe com as idéas commuas da Aftronomia daquelles tempos, porque as eftrellas naõ recebem a luz do Sol, porque faõ outros tantos Soes. Clareza, e harmonia faõ as virtudes defte eftylo. No Canto VI., Eftança 85. fe vê outra pintura cheia de amenidade defenhada com as côres mais brilhantes da poefia de imagem:

Mas já a amorofa eftrella fcintillava
Diante do Sol claro no Horizonte,
Menfageira do dia, e vifitava
A terra, e o largo mar com leda fronte.

Aqui apparece pela primeira vez o verbo *fcintillar* todo latino, o qual dá extrema vivacidade á expreffaõ: a pin-

a pintura intermediaria incluida no ſegundo verſo eſtá expreſſada com a mais aurea ſimplicidade. *Menſageira do dia* eſpecie de epiſodio da propoſiçaõ geral, que declara huma propriedade: eſtá-ſe vendo no quarto verſo a pintura cheia de alegria na clauſula *leda fronte*. He notavel a propriedade, e harmonia picturesca dos verbos *ſcintillava*, e *viſitava*: o primeiro tem tal, e taõ brilhante viveza nas ceſuras - *til-la* -, que pinta ao vivo o reſplendor da eſtrella d'alva pullulando aos olhos, ficando a ſegunda - *til* - commua, e a terceira - *la* - longa com ſom abertiſſimo: o meſmo effeito ſe vê na penultima de *viſitava*. O conhecimento da theoria do mechaniſmo metrico, naõ he menos eſſencial ao Poeta, do que aquelle, que conduz o entendimento á organizaçaõ das idéas na invençaõ, e na diſpoſiçaõ: todas as vezes, que elle ſe naõ achar inteiramente iniciado nos ſeus myſterios, nunca já mais poderá dar colorido conveniente aos ſeus conceitos; e por mais ſublime que invente, e diſcorra, nunca ſerá lido, ſe as graças da elocuçaõ naõ derem ao ſeu eſtylo aquella illuſaõ magica, que taõ ſoberanamente encanta o leitor ſenſivel ás bellezas da fraſe. Dado o genio, he da primeira neceſſidade a ſciencia do Idioma, que hade ſervir de inſtrumento aos ſeus deſenhos; e eſta ſciencia ha de ſer levada a grão ſupremo, para que o Poeta venha a ſer habil em todo o genero de operações metricas, para dar variedade ás ſuas enunciações, para ſer forte, claro, e harmonioſo: iſto foi o que mais diſtinguio, talvez, as poeſias de Homero, que pelo ſeu eſtylo encantador eraõ recitadas por todas as Cidades de Grecia, que dellas faziaõ as ſuas maiores delicias, e ainda agora cauſaõ ſummo deleite a quem as póde ler no ſeu original: o meſmo devemos ſentir de Virgilio nas Georgicas em eſpecial, e na Enéada; o meſmo de Horacio nas Odes, o meſmo de Tibullo, e Ovidio. Quem poderia ſoffrer a leitura do Furioſo de Arioſto, ſe as graças do ſeu eſtylo a naõ fizeſſe taõ recommendavel: em fim, quem quizer ſer lido para ſem-

pre,

pre, faça por ter hum bom eſtylo, aliàs renuncie á gloria de Eſcriptor.

Sans la Langue, en un mot, l'Auteur le plus divin
Eſt toujours, quoiqu' il faſſe, un mavais Écrivain.

diſſe Boileau no Canto I. da Poetica, verſos 161., e quaſi o meſmo, e com muitas mais graças de eſtylo proprias da belleza, e atticiſmo natural da Lingua Portugueza, exprimio hum curioſo, que cultiva as Artes occultamente, e ſem vaidade, n'hum poema, que tem por aſſumpto a expoſiçaõ didactica das principaes Leis do Goſto neſta materia, pelo modo ſeguinte:

Hum bom eſtylo he balſamo ſagrado,
Com que qualquer eſcrito eterno fica
Da corrupçaõ do tempo preſervado.

No principio da VII. Cançaõ vem outra igual pintura, mas toda diverſa da do Sá de Miranda:

Já a roxa manhãa clara
As portas do Oriente vinha abrindo,
Dos montes deſcubrindo
A negra eſcuridaõ de luz avara.

O primeiro ſeptenario correſponde com o epitheto *roxa* ao termo *eſtrella* no Poeta Sá, a manhãa perſonizada, abrindo as portas do Oriente he pintura extremamente bella, extremamente poetica, imitada dos Gregos, e dos Latinos; e como eſtes ſaõ commumente mais conhecidos, apontaremos hum lugar de Virgilio no III. Livro da Enéada verſo 521.

Jamque rubeſcebat ſtellis aurora fugatis.

Já

Já vinha a aurora os raios eſpalhando
As eſtrellas do Céo afugentando.

Note-ſe o artificio com que eſte divino Poeta ſe portou neſta pintura: primeiramente imitou no todo a de Virgilio; e em parte, na expreſſaõ — *roxa manhãa*, — trasladou Ovidio no III. Livro dos Metamorfoſeos verſo 184..... *aut purpureae Aurorae.* A bizarria deſtas imitações naõ opéra com os modellos á viſta, porque entaõ ficariaõ acanhadas, e meſquinhas, como ſe obſerva em muitas de Sá de Miranda, e Ferreira, que, naõ obſtante ſerem verſadiſſimos na liçaõ dos antigos, moſtraõ, que raramente deixáraõ de imitar deſta maneira, e por iſſo contrahíraõ huma ſeccura, que domina em todo o ſeu eſtylo, ſem que por iſſo deixem de ter o merecimento competente. O profundiſſimo eſtudo dos melhores Eſcritos faz, com que o eſpirito ſe venha a familiarizar com todas as ſuas bellezas, e as imitte com liberalidade por via de reminiſcencia: de outro modo he abſolutamente impoſſivel compôr com gloria na mais ſublime de todas as Artes: deſta maneira ſe conduzíraõ Petrarca, Arioſto, Taſſo, Voltere, Racine, e Camões. Eu naõ dou eſtas decisões como Leis; fallo, conſultando o que por mim tem paſſado, cuja verdade ſerá manifeſta a quem fizer attento exame nas imitações, que os referidos authores fizeraõ, eſpecialmente dos antigos. Temos moſtrado que na Poeſia Latina teve naſcimento eſta pintura, mas a particularidade de abrir a Aurora as portas do Oriente he, ſe naõ me engano, da Poeſia Toſcana de que poderiamos referir cem exemplos, ſe a materia o permittiſſe, mas porei aqui hum ſó, para formar idéa do quanto lhe era natural, e para fazer o leitor, ſe lhe parecer, a ſua combinaçaõ. Seja pois o lugar de Torcato Taſſo na Eſtança 71. do Canto I. da *Jeruſalem*:

Il dí ſeguente allor, ch' aperte ſono
Del lucido Oriente al Sol le porte.

— *Dos montes deſcubrindo* — ſempre me pareceo, que ſe em lugar de *deſcubrindo* eſtiveſſe *extinguindo* teria a pintura mais propriedade; porque nos montes ſe fazem mais viſiveis os vapores da noite ao romper do dia. O quarto verſo abraça huma belliſſima pintura: a primeira — *negra eſcuridaõ* — ſentido, e fraſe concreta, que exprime com toda a energia hum accidente propriiſſimo do ſeu ſugeito: a ſegunda — *de luz avara* — denota huma qualidade privativa com aſſaz de elegancia, ficando expreſſo hum predicado negativo. Pureza, elegancia, e harmonia ſaõ o eſſencial das qualidades deſta pintura. Na 3ª. Eſtrofe da meſma Cançaõ vem outro quadro, que tem grande affinidade com o de Sá de Miranda, e ſemelhança notavel na fraſe com a que acabamos de expôr:

Eſta luz he a que arreda
A negra eſcuridaõ do ſentimento.

Eſtes dous verſos contém ao meſmo paſſo poeſia de imagem, e poeſia de ſentimento; de imagem no primeiro verſo, de ſentimento no ſegundo. *Luz* correſponde a *eſtrella* do Poeta Miranda. O ſeptenario hum tanto o achó frio nas primeiras ceſuras por cauſa do concurſo dos dous *aa*: em tudo o mais acho a dicçaõ deſta paſſagem pura, energica, e ſonora; ſemelhante no derradeiro verſo ao ultimo da precedente. Outra de igual ſemelhança encontraremos no Canto II. da Luſiada, Eſtança 64. do modo ſeguinte:

Acorda, e vê ferida a eſcura treva
De huma ſubita luz, e raio ſanto.

Aqui

Aqui temos hum bello, e laconico resumo da pintura do Sá de Miranda; esta sem ter os defeitos daquella, he clara, he breve, he summamente elegante, e harmoniosa. *Estrella do mar* — expressa Camões: — *rayo santo*: — *Faro que nos guia* — *huma subita luz*: e — *neste lago, e nesta noite* — *escura treva*: — tudo com attributos, e accidentes, que daõ vida ás bellas configurações, que neste optimo quadro se contém. Outra pintura identica no sentido com a do Poeta Sá, mas naõ taõ conciza como a que acabamos de comparar, porém mais rasgada, toda cheia de nobreza, e facilidade propria de huma fantasia abundante, e sabia, que aplana, e que desfaz todas as difficuldades, que encontra na sua carreira, se acha na 1.ª Estança do Canto IV. da Lusiada, pintura já transcrita, e combinada noutro lugar deste Escrito, mas que no presente caso vem muito ao nosso proposito:

Depois da procellosa tempestade
Nocturna sombra, e sibilante vento,
Traz a manhãa serena claridade
Esperança de porto, e salvamento.

Vamos outra vez notando por partes as elegancias da pintura do Poeta Miranda, confrontando-as com as formulas desta, que lhe forem semelhantes: vejamos com quanta liberalidade está explicada a clausula — *do mar Estrella* — por — *Traz a manhãa serena claridade*: — *neste lago, e nesta noite* — por — *procellosa tempestade* — *nocturna sombra* — *e sibilante vento*: — Faro — porto — e Norte — por — *esperança de porto, e salvamento.* — Cada vez que leio estes e outros semelhantes versos do grande Camões fico penetrado da mais vehemente admiraçaõ. Gradaçaõ de tintas, contrastes, força, pureza, elegancia, e harmonia estaõ como em seu throno nesta amavel pintura. No Soneto 154. se vê por

modo aſſaz diverſo expreſſada eſta paſſagem, fallando de huma Nynfa:

— O mar os ſeus furores applacava —
Com ver couſa taõ triſte, e taõ fermoſa.

Neſte quadro reſume Camões o que o Miranda dilata, e amplia o que eſte reſume: — *Eſtrella* — acha-ſe aqui ampliada em - *couſa triſte, e taõ fermoſa* — e todo o reſto do lugar do Poeta Miranda ſe acha encerrado em — *O mar os ſeus furores aplacava.* — Pureza, elegancia, e harmonia. Porém a mais reſumida de todas as recopilações, que deſta paſſagem ſe póde encontrar neſte grande Poeta, he a que ſe nos offerece no principio do Soneto 83. tecido artificioſamente de perguntas, e reſpoſtas entre o Poeta, e a morte:

— Que levas cruel morte? Hum *claro dia.* —

Neſta derradeira clauſula ſe reſume, como já diſſe, o ſentido da paſſagem do Sá de Miranda. Eſte juizo poderá ſer culpado de nimiamente ſubtil, mas conſiderando-ſe maduramente a força da dita clauſula pelo contexto de todo o Soneto, ſe conhecerá, que a ſublimidade deſta expreſſaõ he collectiva, e abraça no ſentido quanto exprime o quadro, donde vimos deduzindo as noſſas obſervações: he verdade, que ao meſmo paſſo que reconheço o ſublime deſta formula, naõ approvo o artificio do Soneto, que aſſaz ſe moſtra forçado na fraſe, e deve ſer reputado como hum capricho poetico.

Da palavra *Eſtrella* ſe tem deduzido em todos os tempos muitas maneiras de expreſſar, já ſignificando deſtino, influiçaõ, fatalidade; ja guia, ſoccorro, ventura, conforme quadra ao modo de penſar de quem eſcreve, que, ou ſegue as preocupações de huma cega fatalidade eſtabelecida pela ignorancia, porque elle meſmo ſe naõ ache illuſtrado com as luzes da boa filoſofia, ou ſe

con-

conforma com esta norma já estabelecida pelo uso. Mas em todos os sentidos, se bem ponderarmos, vem a exprimir *guia*: e posto que naõ venha muito ao nosso intento trataremos aqui desta formula, com a possivel brevidade, e mereça este episodio indulgencia, em obsequio de alguma utilidade, que destas reflexões se possa tirar; naõ apontarei passagens dos outros Poetas, por naõ augmentar o volume, que assaz crecido está. No Canto I. da Lusiada, Estança 33., fallando da Naçaõ Portugueza:

— Nos fortes corações, na grande *estrella*. —

Aqui vemos *estrella* exprimindo ventura, felicidade. No Canto III., Estança 96.

Com este o Reino prospero florece......
Em constituições, leis, e costumes,
Na terra já tranquilla *claros lumes*.

Eis-aqui translações de tranlações. *Lumes* — por — *estrellas* — na significaçaõ de guia, auxilio, e illustraçaõ, assim como disse o Sá de Miranda na Carta IV.

Entrando o tempo mais, entrou mais *lume*;
Suspirouse melhor, veio outra gente,
De que Petrarca fez mais rico ordume.

Lume neste lugar representa idéa collectiva, e symboliza hum aggregado de conhecimentos mentaes, que servem de guia, e illustraçaõ ao entendimento nas operações da Poesia. Neste mesmo lugar se vê huma nova, e elegantissima formula de expressar — *suspirouse melhor* — tirada de Tibullo na Elegia V. do Livro IV.

Quod si forte alios jam nunc suspirat amores.

Mas se d'outra paixaõ já sente as dores,
Se acaso já suspira outros amores . . . . .

A qual elegancia he summamente poetica, e significa propriamente amar, ou fallar de amor. Desta, e de outras formulas de expressar cheias de enfase, e magica poetica naõ encontramos o menor vestigio no diluvio de versos de que nos vemos inundados: a causa he bem manifesta: o genio combinado com a sciencia he cousa taõ rara em Portugal, que he tido por hum prodigio. Tambem se vê o substantivo *ordume* termo antigo, que pela sua energia, e doçura devêra ser adoptado dos nossos modernos, que taõ furiosamente tem manchado a cultura da Lingua com frases, e vozes antiquadas despidas de todo o genero de graças, que de nenhum modo se fazem recommendaveis, nem dignas de hum Idioma culto, e polido como o nosso, que nesta circumstancia padece falta conhecida, porque *in rigore* naõ tem equivalente de *ordume* substantivo verbal nascido do verbo *urdir*, a quem naõ póde equiparar *tecido* por ser hum participio substantivado, que só por necessidade deve entrar no Idioma, de cuja analogia se afasta tanto ou quanto esta operaçaõ grammatical, e por isso a Filosofia evitou quanto pode a introducçaõ de semelhantes formulas, que a necessidade, e algumas vezes o dezejo de variar o estylo fez admittir nas Linguas sabias da antiguidade. Naõ póde tambem ser substituido pelo substantivo *ordidura*, porque sobre ser baixo para entrar com decencia em composiçaõ seria; naõ tem a mesma força, nem admitte a mesma configuraçaõ, que ordume. No Canto VIII. Estança 25.

Com manha, esforço, e com benigna *estrella*
Villas, castellos toma á escalla vista.

Aqui

Aqui ſe vê *eſtrella* ſignificando felicidade, influxo, e auxilio: no primeiro verſo apparece huma bella economia de conjunções, cuja diſpoſiçaõ era deſconhecida dos eſcritores, que lhe precedêraõ, e aſſim o executa todas as vezes, que ſe lhe offerece occaſiaõ. No principio do ſegundo verſo eſtaõ dous ſubſtantivos, ſem nexo expreſſo, artificio excellente que pinta a actividade de hum conquiſtador ardente. No meſmo Canto, Eſtança 29.

Olha por ſeu conſelho, e ouſadia,
De Deos guiado ſó, e de *ſanta Eſtrella.*

Tambem neſte lugar ſignifica *eſtrella* felicidade, auxilio, e guia. No Canto IX., Eſtança 31.

Ou na virtude do teu geſto lindo
Lhe mudarás a triſte, *e dura eſtrella.*

Neſta paſſagem eſtá o termo *Eſtrella* ſignificando infelicidade em ſentido contrario ás outras, por virtude dos epithetos, que pintaõ qualidades, que a deſignaõ. Os dous verſos ſaõ de notavel belleza no eſtylo. Pureza, elegancia, e doçura, ſaõ as graças que o diſtinguem. Tambem a palavra *Eſtrella* ſe acha ſignificando fortuna, ſorte, como ſe vê da ſeguinte paſſagem do Soneto 5.

Mas minha *Eſtrella*, que eu já agora entendo,
A morte cega, e o caſo duvidoſo
Me fizeraõ de goſtos haver medo.

Clareza, e doçura he o que reſplendece mais neſte terceto. Significando infelicidade, como na penultima paſſagem ſe vê no Soneto 25.

Ah dura *Eſtrella minha*! Ah gram tormento!

O

O epitheto *dura* he quem dá esta energia á voz *Estrella*. No mesmo sentido se encontra na Cançaõ X., Estrofe 3.ª

Quando vim da materna sepultura
De novo ao mundo, logo me fizeraõ
Estrellas infelices obrigado.

O epitheto *infelices* he quem lhe dá o sentido, que exprime. Perspicuidade, elegancia, e harmonia fazem o merecimento deste lugar. Na Estança 2. da Ecloga V. veremos *Estrella* significando protecçaõ, e guia:

Por partes mil lançando a fantasia,
Busquei na terra *Estrella*, que guiasse
Meu rudo verso . . . .

Elegancia, pureza, e harmonia saõ as virtudes deste estylo. Tambem por extensaõ ou Catachresi *Estrella* significa *olhos*, como no seguinte exemplo do Soneto 58.

Se as penas com que Amor taõ mal me trata
Pemittirem, que eu tanto viva dellas,
Que veja escuro o lume *das Estrellas*
Em cuja vista o meu se accende, e mata.

O termo *lume* significa neste lugar resplendor; he metafora do maior uso na Poesia. Esta passagem tem frase corrente, e elegante; mas naõ me agrada a antithese do derradeiro verso, a qual he bastantemente fria. *Lume* no mesmo sentido, que nesta passagem, se verá no seguinte exemplo da IV. Cançaõ, Estrofe 2.

Assi *celeste lume*
Lá dos Ceos se deriva, e lá caminha.

Tambem o vocabulo *lume* póde significar aqui divindade

de que dece do Ceo, e para lá torna. — A particula — *lá* no ſegundo verſo eſtá em lugar de — *para lá* — por neceſſidade metrica. Tambem *Eſtrella*, por huma exaltaçaõ de idéa, ſignifica ſinal, ou monumento de eterna duraçaõ; e neſte ſentido, he até onde póde chegar a virtude da Catachreſi, ou extenſaõ, como ſe vê no ſeguinte exemplo da Elegia X.

Trocaſte cada chaga em *clara Eſtrella.*

Notavel genero de expreſſaõ fantaſtica! Tambem por preocupaçaõ de idéa ſignifica influxo, ſorte ou fatalidade, de que ſe naõ póde fugir, como ſe moſtra no ſeguinte exemplo no poema ſobre o Deſconcerto do mundo, Eſtança 26.

Por alta influiçaõ de minha *Eſtrella.*

O meſmo ſentido no meſmo poema:

Deſta alta influiçaõ de dous Planetas.

Diſto ha muito na Poeſia: eu bem ſei que o Poeta em pintar ſegundo as opiniões recebidas, quer ſejaõ verdadeiras, quer falſas, naõ offende o ſentir commum: mas hum Poeta ſabio, hum Poeta illuſtrado com as luzes do Seculo decimo oitavo, Seculo verdadeiramente da Filoſofia, deve fugir quanto puder eſtas formulas de penſar eſtragado, que quanto mais bem fôrem expreſſadas, mais eſtas preocupações ſe imprimiráõ no eſpirito; ſalvo ſe for no genero Dramatico, ou inda Epico na bocca de perſonagem; onde em tal caſo, naõ ſe attribue defeito ao Poeta, porque niſſo obſerva a decencia conveniente a quem falla:

Outras mais formulas de expreſſaõ deſte genero poderia eu expôr ſe o pediſſe o Eſcrito, que jà tem vulto demaſiado; mas julgo, que aſſaz fica ponderado o valor

lor de tanta diverſidade de modificações fyſicas, e moraes deſte modo de expreſſar, que teve origem na Poeſia antiga, como acima deixamos demoſtrado. Paſſemos á confrontaçaõ das outras formulas, que fazem parte da pintura do Sá de Miranda, ſeguindo o methodo, que temos obſervado em todas as mais comparações dos Poetas Ferreira, Bernardes, Caminha, e ultimamente Camões, de quem vamos analyſando as differentes modificações com que exprimio as meſmas idéas.

Segue-ſe a idéa incluſa no termo *lago*: já fica expoſto, que eſta expreſſaõ veio da Poeſia Sagrada, e o uſo que della fizeraõ Sá de Miranda, Ferreira, Bernardes, e Caminha; agora veremos como della ſe aproveitou o grande Camões. No Canto I. da Luſiada, Eſtança 51.

De hum Rey potente ſomos, taõ amado,
Taõ querido de todos, e bem quiſto,
Que naõ no largo mar com leda fronte
Mas no *lago* entraremos de Acheronte.

Grande, e verdadeiramente épico modo de fallar. Feliz aquelle Monarca, que der motivo a huma taõ ſublime como elegante hyperbole. Naõ ſe póde eſcrever com mais exacçaõ na proſa. He digna de reflexaõ a bella, e excellente diſtribuiçaõ das duas particulas augmentativas, e a poſitura da conjunçaõ na derradeira clauſula do ſegundo verſo; as diſpoſições daquellas fazem o eſtylo harmonioſo, e a collocaçaõ deſta variado. Nos dous verſos ultimos vê-ſe hum ſentido muito artificioſo reſultante das aſſerções conteúdas nos dous primeiros hendecaſyllabos; porque por meio da negativa do terceiro verſo, vem a cahir com mais vehemencia na affirmativa do ultimo, onde aſſenta a força da hyperbole, e a grandeza da idéa retratada com gentil gradaçaõ de côres, e brilhante contraſte de claro-eſcuro conſignados nas optimas elegancias — *leda fronte* — e *lago de Acheronte* —, além

além da bem acertada eleiçaõ das rimas. *Naõ* no principio do terceiro verſo eſta por — *naõ ſó* — he licença admittida até na proſa, a qual longe de prejudicar á perſpicuidade, ou á pureza, dá ſumma gravidade ao eſtylo. Pureza, elegancia, e harmonia reſplendecem neſte quadro em gráo ſupremo. A meſma fraſe, ſem poſſeſſaõ, mas com hum accidente, que exprime qualidade, ou tambem ſituaçaõ, ſe vê na ſeguinte paſſagem da Eſtança 40., do Canto IV. da Luſiada:

A muitos manda ver o *Eſtygio lago*,
Em cujo corpo a morte, e o ferro entrava.

Naõ ſe vê em todos os Épicos eſtylo mais poetico, nem mais claro, e harmonioſo, que o deſtes dous hendecaſyllabos. A meſma expreſſaõ no Canto VIII. Eſtança 11.

Eſte he o primeiro Affonço, diſſe o Gama,
Que todo o Portugal aos Mouros toma,
Por quem no *Eſtygio lago* jura a Fama
De mais naõ celebrar nenhum de Roma.

Todas as vezes, que hum Poeta ler eſte, ou ſemelhantes lugares, e ſe naõ ſentir intimamente agitado de admiraçaõ em tal ponto, que degenere quaſi em delirio, deſconfie dos ſeus talentos, e naõ ſe tenha por Sacerdote das Muſas. Sim: eſtes ſaõ raſgos, e vôos immortaes, por onde altamente ſe manifeſta hum engenho ſublime, hum engenho altamente inſpirado, que com toda a verdade, e ſem cahir no defeito de vaidoſo póde dizer de ſi: — *Eſt Deus in nobis, agitante calleſcimus illo.* — Poſto que na ſegunda ceſura do primeiro verſo eſteja conſtrangida a harmonia, em tudo o mais ella ſe moſtra com a maior evidencia, acompanhada de elegancia, e perſpicuidade. A meſma formula ſe acha no Soneto, que começa:

— Eſtá o laſcivo, e doce paſſarinho —

O cruel caçador . . . . . .
Com prompta viſta a ſetta endireitando,
Lhe dá no *Eſtygio lago* eterno ninho.

Eſte ultimo verſo he realmente filho da idéa do Camões: — *eterno ninho* — era ignorado antes delle. A pintura eſtá ſaltando aos olhos cheia de elegancia, e harmonia.

Neſtas quatro pinturas vemos o termo *lago* exprimindo *inferno* por huma ſublimaçaõ de penſamento: naõ ſerá fóra de propoſito moſtrar agora a variedade, com que a fantaſia deſte grande homem pintou a meſma idêa. No Canto II, Eſtança 112 da Luſiada.

Tentou Peritho, e Theſeo de ignorantes
O *Reino* de Plutaõ horrendo, e eſcuro.

Eſta pintura tem todos os caracteres neceſſarios para inſpirar horror por virtude dos dous epithetos, e accentuaçaõ longa da ſexta ceſura, de ſorte que elegancia, e harmonia concorrem para fazer a energia de huma pintura ideal; milagre ſó concedido aos grandes genios. O primeiro verſo parecerá duro a quem naõ reflectir, que o nome *Theſeo* eſtá accentuado, naõ como nós uſamos agora, mas ſim á maneira dos Gregos, e Latinos, onde ſempre foi dyſſyllabo com a primeira longa, conforme a natureza da Proſodia Grega, onde o *etha* foi ſempre longo. A meſma pintura ſe vê na ſeguinte paſſagem do Canto III. Eſtança 117.

E ſe tu tantas almas ſó pudeſte
Mandar ao Reino eſcuro de Cocyto.

Eis-aqui eſtá *Cocyto* por *Plutaõ*: metonymia, continente pelo conteudo. Eſta pintura tem menos energia, que a de cima por naõ ter ſenaõ hum accidente. Neſtes dous

ver-

verſos começa huma artificioſa; e vehementiſſima apoſtrofe a Tito; a qual he hum dos maiores raſgos da eloquencia poetica. Elegancia, e harmonia. Igualmente expreſſada ſe vê eſta imagem na ſeguinte pintura do Canto V. Eſtança 36.

Porque ſahindo nós para tomallo,
Nos podeſſem mandar ao *Reino eſcuro*,
Por nos roubarem mais a ſeu ſeguro.

A ſimplicidade da narraçaõ de hum acontecimento, que nada tem de extraordinario ſe communica ao eſtylo deſta paſſagem, cuja fraſe he conforme ao aſſumpto, como coſtumaõ fazer os genios ſabios, e ſó ſe diſtingue na pureza, e na harmonia. O meſmo, porém em ſentido mais remoto, ou por ſemelhança fantaſtica, a que devemos chamar metáfora veremos no Soneto 238.

Sobre os rios do *Reino eſcuro* quando
Triſtes quaes noſſas culpas o ordenáraõ.

Tambem ſe póde chamar allegoria eſta configuraçaõ de expreſſado por ſe referir á clauſula — *rios do Reino eſcuro*, que deſignaõ os rios de Babylonia, ou do inferno, ſegundo a Mythologia, e a fraſe das Eſcrituras. O adjectivo *eſcuro* contém ſentido moral, e exprime a perverſidade dos habitantes de Babylonia, ou de qualquer outra Cidade, onde a grande prevaricaçaõ dos coſtumes, em tudo moſtra a confuſaõ do inferno: bello genero de translaçaõ; mas a paſſagem naõ offerece ſenaõ fraſe mediocre, que ainda mais apparece á viſta da admiravel parafraſe do Cantico de Daniel, obra que do ſeu genero naõ ſe conhece outra na Europa, que a iguale. Outro modo de expreſſar a meſma idéa ſe vê na prodigioſa declamaçaõ do velho, proſopopéa de Portugal, ao partir a primeira expediçaõ para o deſcobrimento da India. No fim do Canto IV., Eſtança 102.

Ó maldito o primeiro, que no mundo
Nas ondas vela poz em ſecco lenho,
Digno de eterna pena do profundo,
Se he juſta, a juſta lei, que ſigo, e tenho.

Poeſia brilhante em tons figurados: no terceiro verſo eſtá retratada a idéa, cuja expreſſaõ vamos analyſando, a qual vemos annunciada com o maior, e mais elegante laconiſmo poetico no adjectivo *profundo*, eſpecie de metonymia, qualidade, ou configuraçaõ pelo configurado, que ſe ſubentende mentalmente. A meſma idéa com diverſidade de metonymia ſe vê expreſſada no Canto V., Eſtança 89.

Ventos ſoltos lhe finjam, e imaginem
Os odres, e Calypſos namoradas,
Harpyas, que o manjar lhe contaminem,
Decer ás ſombras nuas já paſſadas.

Naõ he poſſivel, que ſe encontre Poeſia mais rica do que a deſtes quatro verſos, onde ſe vê recopilado o maravilhoſo principal da Odyſsêa, e da Enéada. No derradeiro verſo, onde eſtá o exemplo, que he objecto da noſſa analyſe, vemos huma das mais bellas expreſsões, que adornaõ a Linguagem da noſſa Poeſia. *Sombras nuas*-he clauſula ſummamente poetica, tanto no ſugeito, como no accidente. *Sombra*-he huma translaçaõ metáforica tomada por ſi ſó, mas combinada com o adjectivo *nuas* faz huma metonymia, conteúdo pelo continente. Coſtuma-ſe dizer na Poezia *ſombra* por *alma* pela ſemelhança de huma ſombra, que ſe finge na idéa: o epitheto *nuas* he bello, e mui ſignificativo; quer dizer, almas deſpidas de corpo; porque ſegundo os noſſos ſentidos, donde nos vem todas as idéas, o corpo he o veſtido da alma, poſto que deſta nenhum conhecimento intrinſeco tenhamos. Toda a paſſagem he cheia de elegancia,

cia, pureza, e harmonia. Outra expreſſaõ da meſma idéa ſe vê na que ſe ſegue, que he na Cançaõ II.

Porque aquelles que eſtaõ na noite eſcura
Naõ ſentiriam tanto o triſte abyſſo,
Se ignoraſſem o bem do Paraiſo.

Toda eſta paſſagem he bella, tanto no conceito, como na fraſe: tem grande força de claro-eſcuro no contraſte de *abyſo*, e *paraiſo*, pronunciado o primeiro como ſe tiveſſe hum ſó *ſ*: de ſorte que *abyſſo* eſtá aqui ſignificando inferno á maneira da fraſe da Igreja; eſta pintura ſobreſahe com o auxilio do epitheto, que exprime hum effeito de ſentimento doloroſo. Perſpicuidade, e harmonia. Eſta idéa expreſſada pela meſma exordem, mas com diverſa denominaçaõ, veremos agora na ſeguinte paſſagem da meſma Cançaõ applicada da meſma ſorte ao moral, fazendo expreſſamente imagem propria da Poeſia de ſentimento:

Que para derribarme
A eſte abyſmo infernal do meu tormento
Nunca ſoberbo foi o penſamento.

Aqui temos *abyſmo infernal*, por inferno; translaçaõ que exprime collectivamente tudo quanto póde contribuir para ſenſaçaõ doloroſa do corpo, ou do eſpirito. Pureza, e harmonia, poſto que na primeira ceſura do ſegundo verſo tenha ſua aſpereza de ſom, mas iſſo he ligeira venialidade. Agora exporemos huma pintura, que inda que directamente naõ figure a meſma idéa na fraſe, naõ deixe de a exprimir no ſentido. Ella he na Ecloga VI., Eſtança 25.

Raios, chuvas, trovões, hum triſte inferno,
Que ao mundo moſtra hum pallido receio.

A fra-

A frafe da pintura he viviffima , e fonora : nella fe exprimem os effeitos de huma tempeftade taõ furiofa , que reprefenta hum trifte inferno : taes effeitos eftaõ recopilados na palavra *receio* , que combinada com o accidente *pallido* faz huma imagem cheia de propriedade , que reprefenta ao vivo a terribilidade de hum dos fenomenos naturaes , que coftumaõ affeiçoar o efpirito com a maior vehemencia.

Até aqui temos vifto a palavra *lago* fignificando metonymicamente inferno por virtude de combinaçaõ, ou difpofiçaõ artificiofa. Temos tambem moftrado a mefma idéa, ou pintura refumida no mefmo vocabulo *lago*, exprimida por diverfas maneiras explicadas pelo melhor modo poffivel ás noffas forças : agora o vamos expôr com differente afpecto , fignificando *mar* , ou tempeftade, conforme os accidentes , que o modificaõ , porque efte mefmo enfafe conferva na paffagem do Sá de Miranda. No Canto V., Eftança 9.ª

Daqui tanto que Boreas nos ventou
Tornamos a cortar o immenfo *lago.*

Pintura fublime no fentido , e no eftylo : a ultima claufula do derradeiro verfo pinta com a maior liberalidade a extenfaõ immenfa do Occeano : a metrificaçaõ , e o eftylo faõ cheios de tanta harmonia , e cultura , que naõ podem fer excedidos. No Canto X. Eftança 8.ª fe vê igual expreffaõ do modo, que fe fegue :

Materia he do Coturno, e naõ do Soco
O que a Nynfa aprendeo no immenfo *lago.*

Aqui temos outra vez *immenfo lago* fignificando *mar* e exprimindo por efta perifrafis com mais nobreza , e força a mefma idéa , do que com o feu termo pofitivo *mar*. O primeiro verfo he todo de Matheus Maria Boyardo Conde de Efcandinavia no feu *Orlando innamorato.*

Ele-

Elegancia, e harmonia em gráo ſupremo. No meſmo Canto, Eſtança 1.ª

Mas já o claro amador de Lariſſéa
Adultera inclinava os animais,
Lá para o grande *lago*, que rodêa
Temiſtitaõ, nos fins occidentais.

He a meſma pintura, porém com alguma modificaçaõ no adjectivo *grande*, que ſim offerece ao eſpirito idéa de extenſaõ, mas naõ de immenſidade como a precedente, por iſſo meſmo que he expreſſaõ, que deſigna, naõ idéa de extenſaõ indeterminada, como a da paſſagem anterior, mas de extenſaõ limitada, qual a do Golfaõ do Mexico, a que ſe refere. A fraſe deſta paſſagem he corrente, e harmonica, mas hum tanto diſſonante, ou ſecca na ſegunda accentuaçaõ do primeiro verſo, e forçada na paſſagem deſte para o ſegundo. Na Eſtança 102.ª

Olha o Cabo Aſaboro que chamado
Agora he Monçandam dos navegantes;
Por aqui entra o *lago* que he fechado
De Arabia, e Perſia, terras abundantes.

He boa, e ſimples deſcripçaõ do Seio Perſico. O termo *lago* eſtá ſem accidente algum, e com razaõ; viſto naõ haver circumſtancia notavel, que o diſtinga. Aqui ſignifica *lago* propriamente *mar*. A fraſe he corrente, e harmonioſa. Na bella Ecloga VI.

Reſponde Agrario: Ó muſico e amoroſo
Peſcador; Eu naõ venho a ver o *lago*
Bravo, e quieto, ou vento brando, e iroſo.

Pintura ſimples propria do actor deſta ſcena: as conjunções no terceiro verſo naõ ataõ, mas exprimem diverſidade de idéas. Fraſe pura. Vejamos agora eſta meſma idéa

mar,

mar, e *tempestade* por diversos termos. No Canto V., Estança 73. da Lusiada.

E tornando a cortar a agua salgada,
Fizemos desta costa algum desvio
Deitando para o *pego* toda a armada.

Agora apparece a mesma idéa consignada no termo *pego*: este vocabulo he o Latino, ou Grego *pelagus*, por suppressaõ syllabica, figura que os Grammaticos denominaõ Syncope. Significa ordinariamente a parte mais funda de hum rio, assim como na Lingua Grega a parte mais funda do mar. Tambem costumamos applicar este termo a outros sentidos por varias translações. Daqui vem pois a tomar-se metonymicamente por *mar* na Lingua Latina e na Portugueza, parte pelo todo. Assim vimos a possuir tres vocabulos positivos, que exprimem a massa commua das aguas do Universo *mar*, *pego*, *e pelago*: este ultimo he o segundo *pego* emendado pela Poesia, á qual ficou consagrado, sem se afastar do Latino *pelagus*. A frase desta passagem he menos, que simples, propria de hum roteiro em verso. Na Ecloga VI.

Naõ menos o cantar dos pescadores
As ondas amansou do fundo *pego*,
E fez ouvir os mudos nadadores.

Poesia simples, e bella: a pintura do mar no segundo verso he assaz distincta pela decencia, e pela moderaçaõ do estylo; e até mesmo a harmonia exprime a profundidade no termo *ondas*, e no adjectivo *fundo*, pintando huma especie de estrondo, que parece se propaga n'uma grande profundidade. Pureza, e harmonia. Na segunda Estança do Canto intercalar da mesma Ecloga:

Vós humidas Deidades deste *pego*,
Tritões ceruleos, Próteo com Palemo:

Des-

Deste pego deste mar: boas combinações, bons epithetos, e bella harmonia. *Prótheo* teve quasi sempre nos tempos de Camões a primeira longa. O adjectivo *ceruleo* he todo Latino, e foi adoptado para o nosso Idioma por este grande homem. Agora veremos a mesma idéa consignada n'outra expressaõ em termos rectos, e proprios na Lusiada Canto II., Estança 105.

Tu só de todos quantos queima Apollo,
Nos recebeste em paz do mar profundo.

Estes dous versos saõ summamente elegantes, e poeticos — *mar profundo* — he a mesma imagem, ou idéa que vimos combinando exprimida com palavras de significações primitivas, e naõ desviadas de outro sentido. Elegancia pureza, e harmonia. No Canto IX., Estança 40.

Ilha que nas entranhas do profundo
Occeano terei aparelhada,
De dons de Flora, e Zefyro adornada.

Boa Poesia! com tudo, sendo a sua frase bella, e purissima, está forçada na passagem do primeiro para o segundo verso; mas isto he venialidade: he notavelmente poetica a clausula desta pintura — *entranhas do profundo Occeano.* — Elegancia, e harmonia. No Canto X., Estança 25.

Fará ir ver o frio, e fundo assento
Secreto leito do humido elemento.

Isto he que he elocuçaõ verdadeiramente poetica: depois de dizer *frio*, *e fundo assento* com dous epithetos, que exprimem duas qualidades, accrescenta — *Secreto leito* — como clausula declaratoria da idéa antecedente, e logo outra formula em ultimo lugar — *humido elemento* — que acaba de dar a conhecer o assumpto da pintura.

Frase nobre, pura, e harmoniosa he a de que se compoem taõ bella Poesia. No Canto X., Estança 147.

A perigos incognitos do mundo,
A naufragios, a peixes do *profundo.*

Esta pintura representa o sugeito pela sua qualidade: he huma construcçaõ á maneira dos Latinos na qual se suppre o substantivo intellectualmente por Ellipse.

Segue-se agora ver o uso que fez este admiravel Poeta da voz *noite* na significaçaõ de tempestade, escuridaõ, ou morte, como na passagem do Poeta Miranda. No Canto IV., Estança 60. da Lusiada:

Porém depois que a escura noite eterna
Affonço aposentou no Ceo sereno.

Aqui vemos — *noite* — exprimindo morte por translaçaõ metaforica, e por virtude do epitheto *eterna* com hum accidente de mais, para avivar a energia picturesca desta imagem no adjectivo *escura.* Elocuçaõ ornada, e elegante. Na Ode IX.

Porque em fim nada basta
Contra o terrivel fim da *noite eterna.*

Esta he pintura mais positiva, mais forte, e mais expressiva; vê-se — *noite eterna* — com huma clausula que augmenta a terribilidade, consequencia da morte, tudo n'um bello, e admiravel verso cheio de força, e harmonia. Com o mesmo significado, e com mais combinaçaõ de accidentes se encontra a mesma palavra na Ecloga I.

A noite sempiterna
Que tu taõ cedo viste,
Cruel, acerba, e triste.

O adjectivo ſempiterno naõ era uſado dos Poetas anteriores a Camões, a quem ſe deve, ou a introducçaõ deſte energico e ſonoro epitheto, ou hum mais frequente, e diſcreto uſo: vê-ſe neſta pintura boa gradaçaõ de accidentes, repreſentados nos tres — *ſempiterno* — *cruel* — e *acerbo*; porque *cruel* he menos poſitivo na ſignificaçaõ do que *acerbo*, que augmenta ſobre o primeiro, ſuccedendo-lhe depois *triſte* como conſequencia, ou effeito dos accidentes repreſentados nos tres ditos adjectivos. Elegancia, força, e harmonia ſaõ as virtudes deſta paſſagem. No fim da belliſſima Elegia III.

Até que a *noite eterna* me conſuma.

Expreſſaõ cheia de energia poſta em todas as dicções, de que ſe compoem o verſo, que em ſi he extremamente poetico e harmonioſo. Na Ecloga I.

Diz mais que ſe encontrar eſte minino
A *noite intempeſtiva*, amanhecendo, &c.

Outro modo de exprimir morte cheio de muita belleza, e gravidade poetica: aqui ſe moſtra diverſo accidente conſignado no adjectivo — *intempeſtiva* —: he notavel a força da translaçaõ do gerundio — *amanhecendo* — referindo-ſe á vida d'ElRei D. Sebaſtiaõ, pela ſemelhança mental do principio da exiſtencia humana, com o naſcimento do dia. Pureza, elegancia, e harmonia. Na Cançaõ XIV., Eſtrofe 4.

Se para tal partida,
Meus olhos, vos abriſtes
Cerrára-vos o *ſono* eternamente.

Modo diverſo: *ſono* eſtá em lugar de *noite*: he metáfora do meſmo genero, pela ſemelhança, que o ſono tem com a morte. O adjectivo — *eterna* — eſtá reduzido neſte

lugar a adverbio, e naõ tem menos força. Cultura, e harmonia. Na Lusiada Canto VI., Estança 65.

Algum dalli tomou *perpetuo sono*.

Aqui está *perpetuo* por *eterno* com differente operaçaõ no accidente: verso harmonico, e elegante. Na Ode I. á Lua.

Ó quanto melhor fôra que dormissem
  Hum sono perennal
Estes meus olhos tristes, e naõ vissem
  A causa de meu mal.

Agora apparece, em lugar de *eterno*, e *sempiterno*, *p rennal* derivado do Latino *perennis*, como na Lingua Castelhana, donde o Camões tirou esta sonora desinencia muito mais propria do estylo sublime, que a Latina *perennis*, que já tinhamos, por ser esta menos extensa, e cantante seguindo a analogia antiga do Idioma que dizia *divinal*, *communal* por divino, commum, &c. *Sono perennal*, *sono sempiterno* clausulas elegantissimas, de que nenhum caso faz a Poesia moderna, que tanto se aproveita de formulas gothicas e barbaras, que a desfiguraõ, e a fazem digna do maior desprezo. Elegancia, facilidade, clareza, e harmonia saõ as graças deste bellissimo quadro. Na Ode II. do Ferreira vem outra semelhante passagem, que naõ deixa de frizar ao nosso caso inda que pareça fóra de lugar:

  Ah nossa Lei taõ dura,
  Depois da noite escura
  Do mortal sono eterno
Já mais torna esta luz, que a vida via!

Lançou primeiramente este Poeta a maior do pensamento na clausula, que fórma o septenario *depois da noite es-*

eſcura, e porque lhe pareceo expreſſaõ debil para deſignar a morte, reforçou-a logo com a que inclue no ſeptenario que ſe lhe ſegue — *Do mortal ſono eterno* — com o que deu á pintura fortaleza, e terribilidade; ficando, iſſo naõ obſtante, diffuſa; porque, depois de mortal fica ocioſo o adjectivo *eterno*, e vice-verſa. Tambem naõ me agrada a derradeira clauſula *vida via*, que tem ſeu ar de jogo; com tudo, a paſſagem tem elegancia, e harmonia.

Eſte modo de exprimir he muito proprio da gravidade da Poeſia, que a tudo dá vulto, e fórma, e tudo anima. Elle teve naſcimento na Poeſia Grega, e na Latina, onde teve grande uſo, como ſe vê dos ſeguintes lugares da Illiada de Homero, Livro XIII., verſo 580 deſcrevendo a morte de Deipyro:

τὸν δὲ κατ᾽ ὀφθαλμῶν ἐρεβεννὴ νὺξ ἐκάλυψεν.

Envolveo de ſeus olhos a luz pura
Da Eſtygia noite a ſombra horrenda, e eſcura.

E no verſo 672 do meſmo Livro:

. . . . ὦκα δὲ θυμὸς
Ὤχετ᾽ ἀπὸ μελέων, στυγερὸς δ᾽ ἄρα μὶν σκότος εἷλεν.

Eis o corpo ſua alma deſampara,
Delle ſe apoſſa horrida noite avara.

Virgilio Enéada, Livro X., verſos 746.

Olli dura quies oculos, et ferreus urget
Somnus, in aeternam clauduntur lumina noctem.

Duro deſcanço, e ferreo ſono opprime
Seus olhos, cuja luz ſerena e pura
Se eſconde em noite eterna, horrida, e eſcura.

Ho-

Horacio, Ode IV. do Livro I.

Jam te premet nox, fabulaeque manes.

A noite já te opprime;
E a ſeu pezar tua alma
Dos fabuloſos manes naõ ſe exime.

Em Ovidio no Livro V. dos Metamorfoſeos, Seneca na Scena II. Acto III. da Medéa, Lucano, e em quaſi tódos os Gregos, e Latinos ainda meſmo na proſa, ſe achaõ as vozes *ſono*, e *noite* em todas as accepções, que acima lhe indicámos, e em toda a poeſia moderna ſe tem feito o maior uſo deſtas formulas taõ poeticas, e taõ cheias de força.

Faro que nos guia para o porto. — Eſta expreſſaõ do Sá de Miranda ſe vê conſignada nas fraſes ſeguintes de Camões. No Soneto 192, que principia: — Agora toma a eſpada, agora a penna —

Tu com pujante braço, ardente engenho
Serás faro a Soldados, e a Poetas.

Poucas vezes uſou Camões do termo *faro*: he no meſmo ſentido que o de Miranda, mas occulta a acçaõ, que he o verbo, o qual facilmente ſe ſubentende. Força, e harmonia, Na Cançaõ VII.

Com dous fortes ſoldados . . . . .
Que ficam ſendo minha luz, e guia.

He a meſma expreſſaõ que a de cima, com a differença de em lugar de *faro* eſtar - *ſoldados*. Fraſe ordinaria, mas harmonioſa. Com ſentido mais amplo, mais cheio de mageſtade, e elegancia ſe exprimio no Soneto 86.

Dos

Dos antigos illustres, que deixaraõ
Hum nome digno de immortal memoria
Ficou por *luz* do tempo a larga Historia.

Grande modo de fallar. Os dous primeiros versos saõ muito nobres, e sonoros: o derradeiro he taõ poetico como sublime, e póde ser proverbio: *luz* tambem quer dizer *guia*, e faz no sentido primittivo notavel gradaçaõ de côres, a qual facilmende se appresenta ao entendimento. Elegancia, sublimidade, e harmonia saõ as principaes virtudes desta pintura. No Canto V. da Lusiada, Estança 85. se vê a pintura do Sá de Miranda resumida nos seguintes versos dignos do grande Épico:

Aqui repouso, aqui doce conforto
Nova quietaçaõ do pensamento
Nos deste . . . .

Repouso, *conforto*, *e quietaçaõ* — bem considerados em si estes vocabulos, exprimem o fim a que se dirige a significaçaõ de *faro*, *guia-porto*, *norte*, e muito mais se recopilla nella a pintura com que Sá de Miranda começa a 3.ª Estrofe, que semelhantemente fica analysada, da qual esta he quasi repetiçaõ, como acima tocamos:

Assaz nos temos demorado na analyse desta pintura, o que fizemos de proposito, por ver que nella se incluiaõ elegancias da primeira ordem na Linguagem da Poesia: moveo-nos mais a isso querermos mostrar finalmente quanto o grande Camões foi largo, e abundante neste genero de expressaõ, e quanto nelle contribuio para enriquecer de tanta diversidade de tons Poeticos á Lingua Portugueza, de que resultou naõ pequena utilidade á mesma prosa, como se vê em todos os bons Authores Portuguezes, e especialmente em Diogo de Couto, e no Orador Vieira.

Na

Na Eſtrofe 8.ª emprega o Sá de Miranda eſta ſeguinte pintura, que para o eſtado de penuria, em que ſe achava o Idioma, he aſſaz elegante, e culta:

Virgem do Sol veſtida, e dos ſeus raios
Claros envolta toda, e das Eſtrellas
Coroada, e debaxo os pés a Lua.

A primeira elegancia tirada da Apocalypſe, naõ obſtante parecer á primeira viſta bella, e brilhante, naõ deixa de ter tanto, ou quanto de inchaçaõ aſiatica: he verdade que eſta inchaçaõ naõ he taõ vicioſa, como pertende a ſeveridade dos Rhetoricos, cuja filoſofia naõ combinou a força da expreſſaõ com a energia de penſar, eſpecialmente dos póvos ſituados n'hum clima ardente, onde a effervefcencia das paixões ſe deſenvolve talvez com mais actividade, do que nos noſſos climas temperados. Além de que, naõ devemos eſtranhar, que hum eſcritor ſublime altamente poſſuido da grandeza do ſeu aſſumpto, ſe exprima por hum modo deſuſado, por hum modo, que quaſi naõ cabe na noſſa comprehenſaõ: eſtas expreſsões audaces, que acompanhaõ os vôos do genio, e que tanto reſplendecem na Iliada, em Pyndaro, nos Choros das Tragedias de Sofocles, e Euripedes, nas Odes de Horacio, em muitos lugares das Georgicas, e em toda a Enéada de Virgilio, por naõ fallar nos modernos; taes expreſsões, digo, naõ pódem ſer calculadas, nem conhecidas ſenaõ pelo meſmo genio, ou por Filoſofos da primeira ordem, taes como hum Ariſtoteles, hum Cicero, hum Loke, hum Voltere, e hum du Marſais. Taes formulas ſaõ humas faiſcas do genio todo poſto em movimento, todo abrazado no mais ſublime enthuſiaſmo, que quaſi ſempre he hum reſultado da combinaçaõ de paixões fortes levadas ao maior gráo de agitaçaõ, pelo que haõ de forçoſamente ter hum caracter novo, e eſtranho, que naõ aballando as almas frias, e ſepultadas n'huma eſpecie de inercia lethar-

thargica naõ pódem por ellas ſer de modo avaliadas. Concorre tambem para a producçaõ deſtas formulas cheias de vehemencia, e fogo, a educaçaõ, e o coſtume de penſar ſublime, com ſe vê na Naçaõ Ingleza; e por iſſo naõ acho razaõ nos que cenſuraõ os atrevimentos de elocuçaõ dos ſeus Eſcritores, principalmente poeticos: nem eu ſupponho, que huma Naçaõ taõ illuminada houveſſe de approvar hum genero de elocuçaõ vicioſa, como dizem os eſtrangeiros, que em ſemelhante materia ſaõ juizes incompetentes; porque, por maiores conhecimentos que tenhaõ daquelle Idioma, nunca pódem entrar na abſoluta intelligencia de todas as ſuas graças, e delicadezas como os ſeus naturaes: logo naõ nos devemos admirar, que huma Naçaõ de tanto goſto em todas as Artes admire com enthuſiaſmo o ſeu Schakepeer, Tragico famoſo, onde ſe achaõ as maiores monſtruoſidades equilibradas com os mais ſublimes raſgos da eloquencia poetica. Iſto naõ he deſculpar os abortos de Poetas ignorantes deſpidos de engenho, quaes vemos a cada paſſo, entre nós eſpecialmente, mas ſim juſtificar a elocuçaõ ſublime de Eſcritores, cujo ſyſtema de penſar excede á ordem commum de raciocinar.

Virgem do Sol veſtida — Eſta elegancia he mera translaçaõ do fyſico para o moral, como ſe diſſeſſe: — *Virgem taõ inundada de virtudes, que te fazes digna da maior admiraçaõ,* — como já tinha dito — *Claridade do Sol* — aſſim como ſe coſtuma dizer: — Reſplendecente em virtude, claro, e illuſtre neſtes, ou naquelloutros predicados. — *Em fim taõ cheia de reſplendor de virtudes, que pareces veſtida do meſmo Sol,* — como clariſſimamente exprime a clauſula, que ſe ſegue: — *E de ſeus claros raios envolta toda,* — que parecendo redundancia, he gloſa da primeira expreſſaõ, — *de eſtrellas coroada*: — he bella, e optima elegancia, que ao depois veio a ter grande uſo na Poeſia Portugueza, donde a Pintura tirou aſſaz de proveito: — *E debaxo os pés a Lua* — tambem he elegancia apocalyptica. Note-ſe, que

 a fal-

a falta da particula *de* junto a *pés*, naõ só he licença, mas falta que entaõ tinha o Idioma desta particula em huma tal combinaçaõ, o que ao depois veio a substituir a congruencia grammatical, dizendo: — *debaixo dos pés*: — usava-se isto no tempo do Sá de Miranda, ainda pelo costume de *sob* proposiçaõ toda Latina, que já entaõ se hia esquecendo, a qual tinha a mesma regencia que no Latim.

Vejamos agora o uso que deste modo de fallar fez Ferreira na Elegia a Santa Maria Magdalena:

De neve, e Sol vestido hum Anjo claro
Está sentado no sepulchro sancto.

Nesta passagem entra o Poeta com suavidade de pensamento, isto he, primeiramente poem huma idéa moderada na palavra - *neve*, - e deste passa a - *Sol* - cuja audacia de expressaõ entra no espirito sem fazer tanta estranheza, conformando-se com a natureza do Escrito, que posto que capaz de toda a sublimidade, naõ deve ser taõ vehemente na expoziçaõ das suas idéas, como a Cançaõ, ou a Ode, que tudo he o mesmo, onde se appresenta ao entendimento esta qualidade de enunciações audaces de improvizo, e sem preparatorio, que faz maior effeito, porque move, e arrebata com mais efficacia, e promptidaõ. O primeiro verso he huma pintura elegantissima taõ simples, e bella, que está offerecendo hum modello á suavidade do pincel de hum Guido Rheni, ou de hum Corregio: nelle se vê huma gentil gradaçaõ de côres subindo de *neve* a *Sol*, cuja harmonia se communica da mesma sorte á expressaõ. Na mesma Elegia vem a mesma pintura com diversidade de enunciaçaõ pelo modo seguinte:

Já daquella luz clara que escondida
Andava, os claros raios seus soltando,
A santa humanidade era vestida.

Eſte quadro eſtá deſenhado com mais riqueza do que o do Miranda, porque a Lingua já neſta occaſiaõ ſe tinha conſideravelmente enriquecido com os Eſcritos deſtes dous Poetas, e com os do grande hiſtoriador Barros. A idéa conſignada na palavra *Sol* na pintura do Sá de Miranda ſe vê annunciada com maior cópia no primeiro verſo deſte terceto, deſignado o concreto *Sol* pelo abſtracto *luz*. Chamamos abſtracto ao termo *luz* neſte lugar, naõ obſtante eſtar acompanhado de hum adjectivo, que nunca póde ſer accidente em ſemelhante combinaçaõ, e ſe o foſſe, deixaria de ſer abſtracto a palavra *luz*; o meſmo ſe deve penſar de — *claros raios* — na oraçaõ abſoluta do ſegundo verſo, por ſer o ſeu adjectivo imagem de huma qualidade intrinſeca á idéa repreſentada nos termos *luz*, e *raio*. O ſubſtantivo *humanidade* naõ exprime neſte lugar abſtracçaõ metafyſica, mas concreto fyſico, e corporeidade, ſentido uſual na Lingua antiga, como ſe obſerva em Fernaõ Lopes, Gomes Eannes de Azurára, Bernardim Ribeiro, no Infante Dom Pedro, nos Eſcritos da Infanta Dona Filippa ſua filha, e no antigo Cancioneiro compillado por Garcia de Reſende. A fraſe deſta paſſagem he bella, e harmonica, inda que alguma couſa embaraçada pela oraçaõ intermediaria — *os claros raios ſeus ſoltando*, — que he huma eſpecie de parentheſis, que rariſſimamente deve ter lugar na Poeſia. Na Ecloga I.

. . . . Eis que ſai
D'agua, e ſoberbo vai . . . .
O gram Tejo dourado . . . .
. . . .
De neve ſeu veſtido era . . . . . .

Neſta derradeira clauſula ſe moſtra hum exemplo de expreſſaõ ſemelhante, em parte, á penultima que atraz fica, o eſtylo da qual, aſſim como o de toda a paſſagem, he duro, he forçado, he arêa ſem cal, e naõ tem muito

merecimento: *neve* aqui póde ſer huma metonymia, accidente pelo ſugeito. Com mais abſtracçaõ de idéa, mas com mais ſublimidade, e elegancia, e ainda meſmo com mais utilidade para o eſpirito, vemos a ſeguinte paſſagem na Elegia VI.

Veſtida da ſua propria fermoſura,
Nam de outras cores vans, e liſongeiras,
Apparece a verdade clara, e pura.

Em obſequio da pureza, e daquelle atticiſmo que devem formar o caracter de toda a obra bem eſcrita, ſeja-nos licito deſculpar a dureza do primeiro hendecaſyllabo contrahida no poſſeſſivo *ſua*, onde naõ faz dieriſis, ſegundo o coſtume daquella idade na qual ainda ſe pronunciava algumas vezes *ſá*, em lugar de *ſua*, á maneira dos Provençaes, no que tambem cahio Camões algumas vezes, condeſcendendo com o uſo, como no ſeguinte verſo da Eſtança 33. da Luſiada I.

Da antiga tam amada ſua Romana.

Onde *ſua* propriamente ſe pronunciava entaõ *ſá* com mais ou menos modificaçaõ do ſon. Eſte terceto do Ferreira he digno de ſe tomar de cór, e ſer proverbio. Na Ecloga I. vem outro lugar, que naõ deixa de ter analogia com os que temos expoſto:

Vejo tornar cada anno o alegre Maio
Veſtido de mil flores de alegria.

Neſta paſſagem fez o Poeta abſtracçaõ de idéa em *flores de alegria* expreſſaõ applicada a Maio, perſonizaçaõ fantaſtica do mais brilhante mez da Primavera, como ſe diſſeſſe: — *Maio veſtido de flores que cauſaõ alegria.* — Elegancia, pureza, e harmonia. No allegado Poema a Santa Magdalena:

Ven-

Vencedor gloriofo, e triunfante
A tunica deixando dada em forte,
Se veftio de outra nova de diamante.

No derradeiro verfo eftá a pintura que vamos combinando, que tem mais analogia com a do Sá de Miranda por fupprimento intellectual, do que pela expreffaõ: na palavra *diamante* fe acha recopilada a idéa *Sol* por metafora, ou femelhança mental: expreffaõ Horaciana na Ode VI. do primeiro Livro:

Quis Martem tunica tectum adamantina
Digne fcripferit? . . . .

Quem póde pintar Marte enfurecido
De diamantina tunica cingido?

Os verfos da pintura do Ferreira faõ puros, e elegantes, e cadentes. Na Ode II. do Livro II.

Ceffe pois a trifteza,
Ceffe já a faudade
Baxa, alça o fprito aos Ceos, para que vejas
Com que nova grandeza
Veftida a fortaleza
Já de immortalidade
De teu irmam eftá, que em vam defejas.

Aqui fe nos moftra a mefma expreffaõ em termos abftractos nas vozes *fortaleza*, e *immortalidade*. Toda a Eftrofe he hum notavel exemplo de abftracções mentaes: o eftylo he elegante, mas duro: confifte efta dureza na paffagem do fegundo Septenario para o hendecafyllabo com o adjectivo *baxo* pofpofto ao fubftantivo *faudade*, combinaçaõ que ainda mefmo na profa he viciofa, além de fer aqui defneceffaria: a fegunda dureza confifte na clau-

claufula que fe fegue no mefmo hendecafyllabo — *alça o fprito* aos Ceos, — no encontro da ultima vogal de *alça* com o artigo *o*, e a primeira fyllaba de *fprito*: a terceira dureza vê-fe na collocaçaõ em que fe acha o verbo *eftá* no ultimo verfo, o qual fica muito diftante do feu agente — *fortaleza* — entre os quaes medeaõ claufulas, que embaraçaõ o fentido, e faz hum hyperbato viciofo. Paffemos agora a examinar a fegunda imagem — *de eftrellas coroada.* — Vejamos como o Poeta Ferreira manejou efta elocuçaõ no Soneto 38.

Em quanto a branca Delia a noite aclara,
E traz nos brancos cornos as lumiofas
Eftrellas, ferenando as tempeftofas
Nuvens, que o groffo humor no Ceo juntara.

A femelhança defta expreffaõ com a do Sá de Miranda naõ confifte em propriedade de vozes, mas fim em rodeio, ou circumlocuçaõ, com que a mefma propofiçaõ fe acha annunciada: em lugar do verbo *coroar* eftá o verbo - *traz* - voz recta do prefente indicativo - *trazer*: - em lugar de - *fronte* - que fe fubentende mentalmente na paffagem de Miranda, eftá nefta pintura - *brancos cornos* por metafora, ou femelhança, - com a confequencia *eftrellas* acompanhada do epitheto *lumiofas*, que faz mais viveza no eftylo, o que naõ era precifo na do Miranda, cuja fimplicidade faz o fublime da expreffaõ. O refto do quadro naõ nos intereffa por hora. O eftylo de toda a paffagem he elegante, mas duro, e affaz inculto. No Soneto 45 do II. livro vêmos outra expreffaõ, que tem affaz de affinidade com a mefma que vimos combinando:

Spritos coroados de victoria,
Com que triunfando eftaes nos Ceos da terra.

Tambem nefta imagem vêmos termo abftracto em *victoria.*

ria. O ſegundo verſo tem dureza de eſtylo, tanto nas ceſuras, como na fraze, o que ſe manifeſta na clauſula — *triunfando eſtaes nos Ceos da terra.* — A meſma abſtracçaõ de idéa do meſmo modo annunciada vemos na Ode V. do II. livro do meſmo Poeta.

As Graças, e os Amores
Coroadas de alegria.

O eſtylo he claro, inda que duro no ſegundo verſo, pela contracçaõ forçada da ſegunda ſyllaba no participio *coroada.* Semelhante expreſſaõ ſe vê na Ecloga II. do modo ſeguinte:

Eſta praia em que já por honra tua,
E de Filis, mil Nynfas coroadas
De flores vos cantáram á lyra ſua.

Nynfas coroadas de flores he o meſmo que Graças, e Amores coroados de alegria no lugar antecedente, com a differença de que neſte he abſtracçaõ metafyſica; effeito pela cauſa: naquelle he concreto fyſico *flores.* Eſtylo forçado e duro no terceiro verſo. No Epithalamio, Eſtança 26.

De myrtho coroada, e d'alvas flores
Venus o Ceo ſerena, o vento abranda.

A expreſſaõ he a meſma que a paſſada, e a pintura he belliſſima: boa eleiçaõ de verbos, boa de epitheto, pureza, e ſuavidade; tudo conſtitue eſta paſſagem ſó por ſi hum epilogo de graças, a que deu motivo á ſeguinte paſſagem de Horacio na Ode IV. do Livro I. donde eſtas procedêraõ:

Nunc decet aut viridi nitidum caput impedire myrto,
Aut flore . , ...

A qual

A qual em ſeu lugar hirá traduzida.

Diogo Bernardes, cujo pincel depois do de Camões he o mais ſuave, tambem ſe *exprimio* neſte ſentido com baſtante delicadeza, e propriedade no principio da mencionada Cançaõ:

Ó Virgem ſobre todas ſoberana,
De reſplendor veſtida, e luz divina,

Bella pintura! Nella ſe vê boa gradaçaõ de côres conſignada nos termos *reſplendor*, e *luz* ſubindo de menor para maior. O epitheto *divina* augmenta a vivacidade do colorido, que a imaginaçaõ com facilidade concebe. Elegancia e harmonia ſaõ as graças deſte eſtylo. Num Soneto a noſſa Senhora:

Fermoſa Virgem, que de Sol veſtida, &c.

Eſta imagem he identica com a de Sá de Miranda. Vejamos como exprime eſta meſma idéa nas Endechas a noſſa Senhora:

O Verbo naſcido
Deuvos por mãi ſua
O Sol por veſtido,
Por chapins a Lua.

Saõ bons ſenarios. — *O Sol por veſtido*: — neſta pintura vemos a energia do penſamento de Sá de Miranda conſtituida no participio -- *veſtida* -- transferida neſta de Bernardes para o ſubſtantivo *veſtido*: ſeguindo a meſma norma, na elegancia do ultimo verſo, tem expreſſaõ menos grave, do que a do Poeta Sá, ou por melhor dizer, baixa no termo *chapins* voz plebéa. O genio do Poeta Bernardes tem alguma analogia com o do Inglez Schakepeer, que a par das maiores bellezas produzia as mais extravagantes monſtruoſidades. Se o lugar o per-

o permittiſſe, eu poderia provar iſto com toda a evidencia. Tambem neſte lugar vemos o verbo *dar* na accepçaõ de conſtituir, ſentido bem pouco commum, mas que naõ deixa de ſer bello. Clareza, e harmonia. Paſſemos á ſegunda elegancia -- *de eſtrellas coroada* -- na meſma Cançaõ, continuando com a primeira pintura acima tranſcripta:

Ó Virgem. . . . .
De lucidas eſtrellas coroada.

Verſo belliſſimo, e pintura ſuperior ás que neſte genero temos combinado. Elle he cheio de força, e de viveza conſtituida no epitheto *lucidas*, que pinta huma propriedade. A fraſe he elegantiſſima, e ſummamente culta, e harmonioſa. N'hum Soneto ao meſmo aſſumpto:

Fermoſa Virgem . . . .
De eſtrellas coroada . . . . . .

He identica com a do Sá, tanto em dicçaõ, como em ſentido. Nas allegadas Endexas:

Deuvos a Trindade
Coroa de Eſtrellas.

A meſma idéa com diverſidade de fraſe, ſeguindo o meſmo eſtylo acima indicado. *Corôa* tomou o lugar do participio *coroada* em Sá de Miranda. A terceira elegancia do quadro do dito Poeta — *debaxo os pés a Lua*, — de que naõ achei exemplo em Ferreira, póde ſer comparada com as ſeguintes do Poeta Bernardes; ſeja a primeira a que já tranſcrevi das Endechas — *E por chapins a Lua*, — da qual aſſaz fica dito no mencionado lugar. Na allegada Cançaõ a Noſſa Senhora:

A Lua porque foſſe mais fermoſa,
Por chapins vola deu o filho voſſo.

He quaſi a meſma fraſe que a precedente, com hum acceſſorio de idéa augmentativa no primeiro verſo, com os meſmos vicios, que na outra indicámos. O eſtylo naõ he o mais puro: os verſos ſaõ claros, e cadentes.

Seguindo o methodo que temos obſervado, ſegue-ſe o Poeta Andrade: mas como eſte he pouco picturesſco na ſua compoſiçaõ, que, como já diſſe, he commummente fria, ſecca, e pouco variada, ſobre ſer raramente ſublime na expreſſaõ, por iſſo naõ ſe encontraõ nas ſuas Poeſias lugares correſpondentes aos que vimos analyſando: com tudo por naõ quebrar o fio das noſſas obſervações, que neceſſariamente ha de vir a ſer interrompido, obſervaremos algumas paſſagens, que tenhaõ tanto ou quanto de ſemelhança, inda que remota. Na Ode VI. diz:

Teu verſo que a Febo he rico theſouro,
E ſerá ſempre ás ſuas
Nove Irmãas, e nova honra ó verde louro,
Que inda eſpera cingir as frontes tuas.

Falla dos verſos do Hiſtoriador Franciſco de Andrade, a quem foi dirigido eſte poema: o juizo que faz o Poeta Caminha das Poeſias deſte eſcritor he taõ injuſto, como o que faz da Elegiada de Luiz Pereira de Caſtro. Quaſi todos os que ſe achaõ em Sá de Miranda, Ferreira, Bernardes, e Caminha tem o meſmo caracter: parece-me que nelles tinha mais parte a liſonja, do que a razaõ. Porque naõ deraõ elles a Camões os grandes louvores, que liberalizáraõ a Poetas ineptos, e ſem merecimento? A cauſa he clara. Eſtes quatro Poetas eraõ peſſoas nobres, e abaſtadas, e ſó ſe dignavaõ louvar outros nobres, e opulentos: Camões, naõ obſtante ſer

no-

nobre de naſcimento, era extremamente ſabio, e extremamente pobre, qualidades, que em todos os tempos grangeáraõ inveja, e deſprezo: parece deſar da opulencia abaixar-ſe a venerar talentos ſepultados na miſeria; mas elles tambem ſe vingaõ em naõ fazer o menor caſo della, como fez Camões, que do Caminha, Miranda, Ferreira, e do Bernardes naõ fez, nem a mais leve commemoraçaõ, a pezar meſmo de eſte ultimo lhe ter feito hum Soneto em ſeu louvor, cuja mediocridade naõ foi merecedora da reſpoſta de Camões. No derradeiro verſo ſe vê huma leve ſemelhança de eſtylo com a ſegunda elegancia do Poeta Sá — *de eſtrellas coroada*: *frontes tuas* — he combinaçaõ que nada tem de elegante na noſſa Poeſia. O eſtylo he todo forçado, ſecco, e ſem harmonia. Na Ode XI.

Creça comtigo a Era, a Palma, o Louro
Para devidamente
Dar corôa eminente
A quem cantar de tam rico Theſouro,
Que a quem tal nome ſoa
Como lhe ha de faltar verde corôa?

Neſta Eſtrofe eſtaõ dous exemplos; o primeiro eſtá no terceiro, e parte do quarto verſo, onde ſe naõ acha virtude, ou vicio: o ſegundo conſignado no derradeiro hendecaſyllabo tem mais artificio, e por conſequencia mais belleza; no penultimo verſo eſtá o verbo *ſoar* activamente: he erro de lingua, porque eſte verbo ſempre foi neutro no noſſo Idioma, aſſim como no Latim, poſtoque algumas vezes o faça Virgilio activo por licença de metro. Se me differem, que o relativo *quem* he dativo a que os Grammaticos chamaõ de proveito, inda iſſo naõ ſalva a incongruencia, porque fica ocioſo o outro dativo relativo *lhe*, que faz huma redundancia, ou pleonaſmo formal. Se eſte defeito foſſe contrapezado de muitas bellezas, e graças de elocuçaõ, poderia merecer

indulgencia, e ainda mesmo serviria de contraste áquellas para as fazer realçar, assim como os signaes pretos daõ mais vivo realce á brancura do rosto da dama gentil. Mas o estylo de Pedro de Andrade he taõ destituido de merecimento, que regeita todo o favor da critica mais indulgente. Toda a passagem he mediocre, mas o estylo he claro, e os versos cadentes. Na dedicatoria da Ecloga de Protheo:

Comtigo era, e loureiro vaõ crescendo
Desejosos de em ti se estarem vendo.

Nestes dous versos está expressado o conceito, que vimos combinando, mas por expressaõ muito remota vem a dizer: — Vaõ crescendo era, e loiro para te coroarem; — que he o que quer dizer a frase — *em ti se estarem vendo.* —. O estylo he puro, e elegante, e harmonico.

Passemos a ver Camões nesta expressaõ: observemos a belleza, e a elegancia com que ornou a sua dicçaõ neste genero de pintura, e a variedade que dava á sua expressaõ. Na Elegia á Paixaõ de Jesu Christo se representa huma imagem, cuja semelhança com a do Sá de Miranda está em razaõ inversa com summo, e admiravel artificio. Fallando pois de Jesu Christo diz:

O teu rosto de cuja fermosura
Se veste o Céo, e o Sol resplendecente.

O sublime desta pintura tem maiores quilates que a do Sá de Miranda, no que se conforma com o assumpto. Lá he a Virgem vestida de Sol: cá he o Sol, e o mesmo Céo vestidos, ornados, ou recebendo todo o resplendor da formosura de Jesu Christo, isto he, do mesmo Deos: idéa verdadeiramente grande, e sublime, de que me naõ lembra exemplo na antiguidade. O estylo he puro, e culto, nobre, e harmonioso, igual em tu-

do

do á mageſtade do conceito; aſſim ſe naõ viſſe elle alguma couſa desfigurado no verſo, que ſe lhe ſegue com a baixeza do participio — *paſmada*, — e com a dureza conſignada no encontro dos dous *aa* no fim do terceiro verſo. Na bella Ode I. á Lua imitada de Bernardo Taſſo:

Detem hum pouco, ó Muſa, o largo pranto,
Que Amor te abre do peito,
E veſtida de rico, e ledo manto &c.

Aqui temos nova applicaçaõ da meſma fraſe toda em ſentido metafyſico: metafyſico o vocabulo *Muſa* symbolo mental das Sciencias, e Artes; metafyſico os termos *pranto*, *amor*, *peito*, *manto*, como applicados a hum ſugeito todo ideal: mas conſideremos ao meſmo paſſo como huma grande imaginaçaõ tudo avulta, tudo anima, quando ſe ſente agitada das mais ſublimes impulsões. As côres deſta pintura ſaõ as mais vivas, e bellas: o eſtylo o mais puro, e harmonico que imaginar ſe póde. Quadro que tem aſſaz de ſemelhança com o do Poeta Sá, mas variado com bizarria propria do mais ſublime pincel, que as Muſas illuſtráraõ em toda a Eſpanha, he o que ſe acha na Ecloga II., onde ſe vé deſenhada a manhãa com tal vivacidade de córes, onde nunca ſe chegou:

Fermoſa manhãa clara, e deleitoſa,
Que como freſca roſa na verdura
Te moſtras bella, e pura . . . .
. . . . c'o teu roſto
De ouro, e roſas compoſto, e claridade.

Naõ ha payſiſta cuja deſtreza de pincel exprima com mais ſuavidade, e viveza de tintas a formoſura de huma bella manhãa da primavera. O exemplo eſtá no derradeiro verſo, e parte de outro: o participio *compoſto* faz

faz o mesmo effeito, que no Sá de Miranda o participio *vestido*: o abstracto *claridade* corresponde a *Sol.* Toda a dicçaõ he pura, culta, e harmonica em gráo supremo. Naõ sou de parecer de Manoel de Faria e Sousa, que naõ approva este genero de metrificaçaõ com tal vizinhança de rima: quando os versos saõ taes como estes de Camões, naõ ha qualidade de metro que lhe desfigure a belleza: antes daqui se poderá tirar hum bello argumento para se estabelecer a rima de dous em dous á maneira dos Francezes, Inglezes, e de todo o Norte, porque este uso facilitaria mais as operações metricas, sem se ver o Poeta em tortura por causa dos consoantes, nem obrigado a fechar o sentido em certos lugares, podendo terminallo em qualquer parte, como bem lhe parecesse, e dar variedade aos periodos, ás cesuras, e ás simulcadencias, fazendo ao mesmo tempo o estylo unido, o que naõ succede no commum dos poemas de Italia, Castella, e Portugal escritos em Oitava rima, e em Tercetos, cuja desuniaõ he taõ visivel, que do seu estylo se póde dizer o mesmo, que a maledicencia do Emperador Caligula proferio do de Virgilio, que era arêa sem cal. E se hum Ariosto, hum Tasso, e hum Camões se assinaláraõ tanto na Oitava rima, he porque fôraõ astros da primeira grandeza na Poesia, e Deos sabe em quanta tortura se veriaõ para evitar estes defeitos; o que muito bem se patenteia das Cartas de Torcato Tasso a muitos varões sabios, que lhe ajudáraõ a corrigir a sua Gerusalém. Esta tentativa foi já feita pelos nossos Seiscentistas, que viriaõ a conseguir o seu intento se ás suas operações presidisse a feliz combinaçaõ da sciencia, e do genio. Ao menos este uso seria incomparavelmente melhor, mais bello, e proveitoso do que o do verso solto, cuja seccura, excepto nos poemas dramaticos, diminue o interesse, e faz pouco attendivel a Poesia a que se daõ muitos sem genio, nem saber, pela facilidade que lhe offerece este genero de metrificaçaõ de que nos vemos inundados. Com tudo naõ obstante os

in-

inconvenientes que na oitava rima ficaõ indicados, ella ſempre ſerá a mais reſpeitavel de todas as metrificações, a mais conveniente a todo o genero de Epopéa, e poemas de grande eſtructura, e a que offerece mais variedade no eſtylo, por iſſo meſmo, que de quatro em quatro, de oito em oito repoiſa o leitor, e deſcança o eſpirito; attendendo á natureza do hendecaſyllabo, e á preciſiſſima neceſſidade do ſeu uſo na Poeſia. No Canto VI. da Luſiada, Eſtança 59. vem huma paſſagem, que na expreſſaõ tem analogia com a que vimos comparando, a ſaber:

Mas aquella a quem fôra em ſorte dado
Magriço que naõ vinha, com triſteza
Se veſte . . . .

Julgo que neſta expreſſaõ eſtá a propoſiçaõ *com* pela propoſiçaõ *de*, que algumas vezes ſe uſa; e eſta conſtrucçaõ parece-me mais poetica, e ainda meſmo mais Portugueza: aliàs tambem a particula *com* póde eſtar neſta oraçaõ com abſoluta congruencia, ficando a inflexaõ *ſe veſte* abſolutamente reciproca; e neſta conſideraçaõ, naõ vem eſta clauſula de modo algum para a noſſa combinaçaõ. Seja como for, a paſſagem nada tem de extraordinario, e naõ nos ſerve aqui ſenaõ para moſtrar mais huma diverſidade de expreſſaõ. A ſeguinte paſſagem na Eſtança 63. do meſmo Canto prova a noſſa conjectura a reſpeito da prepoſiçaõ *com* em lugar da prepoſiçaõ *de*:

A dama como vio, que eſte era aquelle
Que vinha a defender ſeu nome, e fama,
Se alegra, e veſte alli do animal de Helle,
Que a gente bruta mais, que a virtude ama.

Lá em cima diz que a dama ſe veſtio com triſteza, iſto he, ſe veſtio de negro; e aqui diz que logo ſe veſtio de brocado de ouro, *do animal de Helle*, ou de amarello,

que,

que, aſſim como o encarnado, he côr propria do regozijo. Eſta fraſe he hum dos mais notaveis attrevimentos de elocuçaõ, que ſe encontraõ na noſſa Lingua; certamente naõ tem a Poeſia de Pindaro maiores audacias, a pezar da liberdade, que lhe dava huma lingua a mais abundante de expreſsões figuradas. Eſtes rodeios ſublimes ſaõ raſgos, que acompanhaõ o furor da fantaſia altamente agitada pela impulſaõ de hum enthuſiaſmo verdadeiramente grande, verdadeiramente inſpirado, que para ſe exprimir conforme a dignidade da ſua concepçaõ, cria novas formulas, e nova linguagem. Aſſim como o vemos na ſeguinte paſſagem de Virgilio no I. Livro da Enéada verſos 743.

. . . . Ille impiger hauſit
Spumantem pateram, *et pleno ſe proluit auro.*

Que pouco mais ou menos diz o ſeguinte:

Elle a eſpumante taſſa ardente bebe,
E ſe mergulha *no ouro* refulgente.

Ou deſte modo, que talvez moſtre com mais energia a audacia da translaçaõ:

Elle a eſpumante taſſa ardente bebe,
E no ouro cheio em fim ſe lava, e *embebe.*

Deſtas, e outras paſſagens, que ſe achaõ neſta Epopéa, e em outras mais obras dos noſſos melhores Poetas, ſe poderia formar huma norma racional de elocuçaõ Lyrica, que ſendo ao meſmo paſſo nobre, em nada ſe affaſtaſſe do ſyſtema elementar do noſſo Idioma. Mas iſto naõ poderia ſer eſtabelecido ſenaõ pela deciſaõ illuminada de huma Academia, ou de huma peſſoa de grande engenho, e luzes, onde o bom goſto, e a Filoſofia preſidiſſe a ſemelhantes opperações. --- *Se veſte alli do*

ani-

animal de Helle --- he frafe cheia de tal enfafe, que para fe explicar he precifo a prefente parafrafe. „ Vefte-„ fe de roupa bordada de ouro, cuja côr fe parece com „ a da lãa do carneiro, em que fugio Helle ás furias „ de Athamante. „ De hum tal, e taõ fublime laconifmo he capaz a noffa Lingua, cuja cópia, e harmonia fe foffe analyfada pelas mais profundas efpeculações da Filofofia do genio, affim como tem fido os Idiomas fabios, poderia applanar o caminho a muitos engenhos, para chegarem a produzir obras dignas de augmentar o credito da mais bella, talvez, e mais harmoniofa de todas as Linguas vivas. De hum trabalho taõ engenhofo, como util, fe poderíaõ deduzir obfervações fabias, e acertadas, que ao mefmo tempo determinaffem o eftylo do Poema Tragico, Lyrico, e Didactico, que taõ pouco determinados fe achaõ, efpecialmente o Tragico, no qual fe naõ fabe por onde fe ha de entrar, nem fahir: podiaõ-fe affignar as harmonias concernentes a cada genero, e de caminho aliviar o Idioma de algumas anomalias e corruptellas, que fe oppoem á pureza dos feus elementos: os dous primeiros verfos faõ de eftylo fimples, mas extremamente culto, e harmonico, com o qual faz hum excellente contrafte a nobreza da frafe dos dous, que fe lhe feguem, cujo penultimo, fendo, como diffemos, modello de expreffaõ poetica, tem elegancia, e harmonia em gráo fuppremo; e o derradeiro, fobre fer elegantiffimo, culto, e harmoniofo, contém a pintura de hum defeito, que tantos eftragos tem caufado no moral da Naçaõ Portugueza, onde as riquezas tem o merecimento de todas as virtudes, e talentos, que commummente faõ pouco attendidos. Mas onde veremos huma expreffaõ cheia de elegancia, e força, femelhante á do Poeta Miranda na reprefentaçaõ de idéa metafyfica, he no X. Canto, Eftança 118 de Lufiada:

Choráramte Thomé o Gange, e o Indo;
Choroute toda a terra que pizaſte;
Mas mais te choram as almas, que veſtindo
Se hiam de ſanta Fé, que lhe enſinaſte.

Onde he que ſe póde achar huma força de pathetico taõ cheia de intereſſe taõ amavel, e enternecido como neſtes a todos os olhos maravilhoſos verſos? Eſte artificio de expreſſado he lugar commum ſummamente nobre, e engenhoſo, uſado de todos os Poetas antigos e modernos, e em eſpecial de Camões. Os dous primeiros verſos ſaõ de ſimplicidade, pureza, e harmonia digna de Homero. Nos outros dous que ſe ſeguem, ſe inclue a expreſſaõ que vimos comparando --- *as almas que veſtindo ſe hiam da ſanta Fé.* --- Tudo neſta oraçaõ he metafyſico; metafyſico o ſugeito *almas*, metafyſica a conſequencia da acçaõ do meſmo ſugeito, *Santa Fé.* Eſta elegancia he rariſſima, nem eu me lembro de a ter encontrado jámais, ſenaõ em Camões, que talvez que em lugar de *veſtindo* puzeſſe *munindo*, ou deſſe eſta intelligencia áquella inflexaõ. Eſtes dous ultimos verſos, poſtoque bons, naõ tem tanto merecimento como os primeiros. Outra expreſſaõ cheia de força analoga (nas palavras ſómente) á do Miranda ſe vê no Canto IX. da Luſiada, Eſtança 60.

Pois a tapeçaria bella, e fina
Com que ſe cobre o ruſtico terreno . . . .

Saõ dous excellentes verſos, onde o verbo *cobre* correſponde ao particio *veſtida* em Sá de Miranda. Elegancia, cultura, e harmonia. Eſte modo de fallar ſe vê com diverſa expreſſaõ na Luſiada Canto IX. Eſtança 54.

Trez

Trez fermoſos outeiros ſe moſtravam
Erguidos com ſoberba gracioſa,
Que de gramineo *eſmalte ſe adornavam.*

Bellos, e elegantiſſimos verſos! — *Soberba gracioſa* — he elegancia, que ſó podia ſahir da penna do grande Camões: mas que diremos do terceiro verſo? Naõ he o ſeu eſtylo abſolutamente novo, e deſconhecido, naõ ſó dos Eſcritores, que precedêraõ a Camões, mas tambem dos ſeus contemporaneos? Como naõ acháraõ Miranda, e Ferreira, ſendo taõ ſabios nas Linguas mortas, a belliſſima, e admiravel elegancia *gramineo eſmalte*? Como a naõ achou Bernardes? Naõ fallo já no Caminha, que era Poeta de menos inſtrucçaõ. Naõ liaõ elles a Enéada de que moſtravaõ ter tanta liçaõ? Naõ achavaõ elles no Livro V. verſo 286. *gramineum in campum*: no Livro VI., verſos 642. *gramineis paleſtris*: no VII., verſos 106. *gramineo ab agere*: no VIII. verſos 176. *gramineo ſedili*: no XI., verſos 566. *gramineo de ceſpite*: no Livro XII., veſos 118. — *Diis communibus aras gramineas.* — ? Logo como achou ſómente Camões eſta elegancia taõ digna da Poeſia Épica? Era por ventura mais ſabio que aquelles? Sim: era mais ſabio, e muito mais auxiliado do bom goſto, que he ſó filho do engenho nobre, e naõ vulgar. O termo *eſmalte* inda naõ tinha no tempo de Camões o maior uſo: conſagrou-o eſte grande Poeta ao ſublime da Poeſia, e neſte lugar faz huma elegantiſſima fraſe, combinando eſte ſubſtantivo com o adjectivo *gramineo*, que he cheio de força, e numero, o qual troxe Camões do Latim para o Portuguez, e rariſſimamente ſe vê uſado até aos noſſos tempos, porque tambem ſaõ rariſſimos os Poetas ſabios, que adornem o ſeu eſpirito de conhecimentos neceſſarios para eſcreverem para a immortalidade. Devêra-ſe adoptar pelos doutos — *graminella*, e *gramineira*: — vocabulos expreſſivos, e ſonoros, que tem a meſma origem, que o adjectivo *gramineo*,

neo, os quaes ſó andaõ deſterrados na bocca dos camponezes de Loires até Obidos, que veroſimilmente os recebêraõ dos doutos na Lingua Latina. Eſta meſma expreſſaõ, mas com diverſidade ſe vê aa Ecloga II.

Toda a terra eſmaltada deſtas roſas.

Neſta eſtá o adjectivo em lugar de ſubſtantivo. Verſo elegante, e numeroſo. Segue a fraſe — *coroada de Eſtrellas.* — Vejamos como eſte grande engenho exprimio o meſmo na Ode I.

Tu que de fermoſiſſimas eſtrellas
Coroas, e rodeas
Tua candida fronte, e faces bellas.

Onde ſe acha na Poeſia antiga pintura mais bella, e mais expreſſiva? Que mais viveza daria a huma igual pintura o pincel de Ticiano o primeiro de todos os pintores, que com mais liberalidade roubou o colorido á natureza? Ponhamos a de Sá de Miranda — *de Eſtrellas coroada*; — comparemos com a ſimplicidade, ou por melhor diber, com a pobreza deſta, a cópia, a magnificencia de Camões: naquella vemos o ſubſtantivo *eſtrellas* ſem accidente: neſta apparece o meſmo acompanhado de hum ſuperlativo, que deſigna huma qualidade, e lhe dá brilhantiſſimo colorido: na primeira vemos o participio *coroado*, formando o centro da expreſſaõ; neſta ſe appreſenta o meſmo verbo n'huma inflexaõ recta, ou poſitiva ampliada com outra do verbo *rodear*, que aclara, e dá toda a luz á idéa, ou propoſiçaõ incluida na inflexaõ *coroas*; tendo além diſſo expreſſa a conſequencia nos termos *fronte*, e *faces* acompanhados dos dous bellos adjectivos *candida*, e *bellas*; o primeiro pintando hum accidente, e o ſegundo hum attributo, tudo com a maior e mais elegante harmonia de tintas, e de elocuçaõ poetica, couſas que naõ ſe moſtraõ tanto na do Poeta Sá,

por-

porque além de hir ſeguindo ſervilmente a fraſe do Apocalypſe, naõ o ajudava o genio, que deſenvolvendo-ſe n'alma do grande Camões com aquella energia, que ſó ſe manifeſta nas fantaſias extraordinarias, lhe fez crear quaſi huma nova linguagem, nova rima, e novas combinações harmonicas. Elegancia, e pureza, cultura, e harmonia ſaõ as graças deſta, por tantas razões, admiravel pintura. Outra de igual força de colorido, ſe vê na Ode IV., Eſtrofe 16.

E de ouro guarnecidas,
Voſſas louras cabeças leuantando
Sobre as ondas erguidas.

A ſemelhança de fraſe eſtá no primeiro, e parte do ſegundo verſo. Na pintura ſuperior eſtaõ os verbos *coroar*, e *rodear*, fazendo o centro da propoſiçaõ: neſta o verbo *guarnecer* na inflexaõ de participio eſtá exprimindo a meſma idéa, cujo colorido ſe aviva no ſubſtantivo *ouro*, e no adjectivo *loiras* accidente, que faz realçar a voz *cabeças*, regime natural do gerundio *levantando* cuja deſinencia conſtitue a parte mais eſſencial da harmonia do hendecaſſyllabo, onde ſe acha. A fraſe deſta pintura he ſummamente culta, e perſpicua, e os verſos tem a mais encantadora harmonia, eſpecialmente no derradeiro ſeptenario. Com alguma differença ſe moſtra no Canto IX. da Luſiada Eſtança 89.

Os triunfos, a fronte coroada
De palma, e louro . . . .

Eis-aqui eſtá o verbo coroar em inflexaõ do participio: em lugar de *eſtrellas* eſtá *palma* e *louro*: Pureza, e harmonia. Outra pintura com mui notavel differença, mas com viſivel analogia ſe acha no fim do Soneto 187.

E por-

E porque immortal ſejas, eis Apollo
Te offerece de flores coroa,
Que já de longo tempo te guardava.

O exemplo eſtá no ſegundo verſo: o terceto he feliciſſimo fecho digno de hum taõ bello Soneto, que foi feito em louvor do celebre Manoel Barata, a mais inſigne maõ de penna, que ſe conheceo na Europa até ao ſeu tempo. Compoz eſte huma Arte de Eſcrever digna de eſtimaçaõ, pela verdade, e ſimplicidade dos preceitos, e pela elegancia, e proporções da ſua letra, onde ſe moſtra mais a modeſtia, do que a liberalidade, que tanto reſplendece nos raſgos admiraveis dos caracteres Inglezes. Bem ſabía o grande Camões, que a Arte de Eſcrever com gentileza, e bizarria de caracter he huma prenda digna de todo o homem de bom goſto, e que deve ſer eſtimada, e ainda meſmo louvada por hum modo extraordinario, aſſim como elle o fez, que neſta materia moſtrava ſer bem deſtro, como provaõ huns argumentos manuſcritos da primeira ediçaõ da Luſiada, que poſſuo, os quaes tenho para mim ſerem da maõ do meſmo Camões, porque o caracter he o meſmo, que o do Meſtre Barata, cuja Arte he hum compoſto de preceitos, e reflexões ſenſatas todas extrahidas da ſua experiencia, e naõ como as miſeraveis Artes, que ſe tem publicado ha annos a eſta parte de Profeſſores ignorantes, que naõ fazem ſenaõ trasladar, e ainda iſſo muito mal, acompanhando os ditos chamados preceitos com traslados dignos de todo o deſprezo, pelo mal executado, fazendo esforços impotentes, porque naõ ſe acháraõ ajudados do genio, para imitar os exemplares dos grandes Meſtres Inglezes, e os do tambem grande Filippe Neri, noſſo Portuguez ha dous annos fallecido, cujas letras naõ ſaõ capazes de imitar. Seja deſculpada eſta pequena digreſſaõ ao amador de huma arte, na qual poderia dizer, e executar novidades, talvez ignoradas dos que a profeſſaõ entre

tre nós. Esta imagem tem toda a vivacidade; o monosyllabo *eis* designa idéa de acçaõ repentina, que neste lugar faz maravilhoso effeito, apparecendo Apollo de improviso na scena com a corôa de loiro para coroar o merecimento de hum Mestre taõ insigne na penna, e prepara hum motivo racional da proposiçaõ anterior; tudo consignado em estylo facil, culto, e harmonioso.

Resta-nos examinar donde nascêraõ estas formulas. He certo que para conseguir em semelhantes assumptos convém muito a leitura dos Livros Sagrados, cujo estylo offerece muita quantidade de expressões sublimes, que imitadas por hum engenho hábil, dá muita gravidade, e nobreza á composiçaõ. Isto fizeraõ todos os grandes Escritores que tratáraõ argumentos Sagrados, como: — Tansillo, Tasso, Racine, Metastasio, Camões, e outros muitos. Todo este quadro he tirado do principio do Capitulo XII. do Apocalypse: — *Et signum magnum apparuit in coelo: mulier amicta sole, et luna sub pedibus ejus, et in capite ejus corona stellarum.* — *Vestida de Sol* — esta elegancia corresponde á seguinte de Haracio, Livro I, Ode II.

> . . . . tandem venias, precamur,
> *Nube* cadentes *humeros amictus*,
> Augur Apollo.

Que pouco mais, ou menos dizem o seguinte:

> Nós, fatidico Apollo, te rogamos,
> Que *vestido de ethereos resplendores*
> Nos venhas dissipar nossos terrores.

A elegancia — *coroada de estrellas* — além de ser a mesma, que vem na passagem do Apocalypse acima transcripta, tambem tem assaz de analogia com a seguinte de Horacio, Livro I. Ode IV.

Nunc

Nunc decet aut viridi nitidum caput impedire myrto,
Aut flore . . . .

Cujo ſentido he o ſeguinte :

Convém que agora a nitida cabeça
De flôr, e myrto ornada reſplendeça.

Porém mais antigos que todos eſtes ſaõ os ſeguintes lugares do Pſalmiſta, donde naſceo a ſublime expreſſaõ do ſublime Evangeliſta no Apocalypſe. No princio do Pſalmo XCII.

Dominus regnavit, decorem indutus eſt, indutus eſt dominus fortitudinem, et praecinxit ſe.

Veſtido de reſpeito alto, e ſublime,
No Céo reina o Senhor d'alta grandeza,
E veſtido de ſumma fortaleza
Tudo modera em fim, tudo reprime.

Pſalmo CIII.

Confeſſionem, et magnificentiam induiſti, amictus lumine ſicut veſtimento.

De tua gloria, e auguſta mageſtade
Te veſtiſte, Senhor, taõ altamente,
Que o teu veſtido claro, e refulgente
Era lume de immenſa claridade.

Á palavra *confeſſionem* dei a ſignificaçaõ de gloria, ou agrado, ſegundo a expreſſaõ Ε'ξομολόγησις do texto Grego. No meſmo Pſalmo :

Aby-

Abyssus sicut vestimentum amiccus ejus.

De immensidade, de inclyta excellencia
Se veste a Soberana Omnipotencia.

De todas as pinturas desta qualidade, que temos combinado, as mais bellas saõ as de Camões, especialmente a da Ode primeira, que começa: — Tu que de fermosissimas estrellas. — Porém, julgando como devo, nunca achei em todos os Poetas, que tenho lido pintura mais bem traçada, e cheia de côres mais brilhantes neste genero do que a do Torcato Tasso, na invocaçaõ da Gerusalém:

Ó Musa, tu che di caduchi allori
Non circondi la fronte in Helicona:
Ma sù nel Cielo infra i beati Cori
Hai di stelle immortali aurea corona.

Venturoso daquelle, que tem a felicidade de conceber partos taõ admiraveis! Venhaõ todos os trabalhos, todos os flagellos, com que a vida, sem amparo, nem protecçaõ alguma costuma ser agitada, que para quem for deste modo favorecido da natureza, naõ poderá haver calamidade, que o consterne.

Passemos a comparar a seguinte pintura da derradeira Estrofe da dita Cançaõ do Poeta Miranda:

Virgem . . . .
Certa porta do Céos, dos valles lyrio.

Tambem he frase da Escritura, que em seu lugar apontaremos. Contém esta pintura duas elegancias bellas, de bella, e harmoniosa linguagem. — *Porta do Céo* — he

huma expressaõ ſymbolica, que deſigna medeaçaõ da Senhora para com Deos, a quem appreſenta as ſupplicas dos peccadores. — *Dos valles lyrio* — expressaõ tambem ſymbolica, a qual exprime collectivamente diverſidade de attributos. Neſte ſentido naõ ſerá facil achar nos Poetas da noſſa analyſe, elegancias correſpondentes a eſtas; mas como o principal argumento deſte Eſcrito naõ ſe eſtende a mais do que ao eſtylo, parece que o ſom, e a combinaçaõ das vozes deve unicamente ſer o objecto das noſſas obſervações, ſem nos embaraçarmos eſcrupuloſamente com as abſtracções que repreſentaõ; pois huma fraſe naõ deixa de ter ſemelhança, ou analogia com outra, poſto que o ſentido tenha differença no moral, ou no fyſico; no ideal, ou no material.

Vamos a ver como o ſabio Ferreira manejou eſta formula de elocuçaõ. Na bella Ecloga dos *Segadores* vem a ſeguinte paſſagem, cuja ſemelhança com a do Sá de Miranda he ſó nas palavras, inda que por huma refinaçaõ de idéa ſe lhe poderia achar analogia no ſentido:

Eis, que por outra parte apparecia
Celia abrindo ao mundo outro Oriente.

Porta do Céo O ſugeito deſta elegancia eſtá reduzido a acçaõ no gerundio *abrindo* na de Ferreira, cuja hyperbole parecerá exceſſiva a quem naõ eſtiver familiarizado com eſte genero de elocuçaõ. Contém pois eſta pintura huma comparaçaõ entre a formoſura de Celia, e a da manhãa com bello, e harmonioſo laconiſmo poetico, animando ao meſmo tempo por ſublimaçaõ fantaſtica o termo Oriente, em contrapoſiçaõ de outra pintura cheia de amenidade a mais ſimples, e amavel, a qual he a que ſe ſegue:

Puzme a olhar a manhãa como ſahia
Alva, e roſada, e tam reſplendecente.

Na

Na Ecloga primeira ſe moſtra outra pintura, cuja analogia he evidente, poſto que com applicaçaõ menos ſublime:

> . . . . nunca taõ cerrado
> Eſteve Jano, que d'antes ſohia
> Abrirſe a cada paſſo . . . .

A ſemelhança eſtá na acçaõ deſta paſſagem, que ſubſiſte no participio *cerrado*, e no reciproco *abrir-ſe. Jano* eſtá aqui por — *templo de Jano* — que no tempo de paz eſtava fechado. Toda eſta paſſagem he huma abſtracçaõ do material para o ideal. O eſtylo he proſa raſteira. Outra expreſſaõ com analogia expreſſa em acçaõ ſe vê na ſeguinte da Elegia do *Amor perdido*:

> Ergome á preſſa; e de magoa cortado
> Lume accendo, *abro a porta*, entra tremendo
> O moço todo frio, e enregelado.

Belliſſima pintura, onde reſpira a ſimplicidade amavel do orininal. A fraſe que nos ſerve de exemplo eſtá neſte lugar em ſentido proprio. O primeiro verſo he pictureſco na harmonia, que naõ ſe acha aſſaz notada na ſua principal accentuaçaõ, conformando-ſe niſſo com a idéa anterior: ſe eſta operaçaõ foi acaſo, feliz caſualidade, e ſe o naõ foi, muito mais feliz reflexaõ, que abona a ſagacidade do artifice. O ſegundo tambem pinta com aſſaz de viveza na derradeira clauſula — *entra tremendo*, — pelo concurſo feliz da ultima ſyllaba da primeira dicçaõ com a primeira da que ſe lhe ſegue. Propriedade, pureza, e harmonia, ſaõ as virtudes deſta pintura.

Paſſemos á ſegunda elegancia — *dos valles lyrio.* — Ferreira no Epithalamio tem hum exemplo na ſeguinte paſſagem o qual tem analogia com o de Sá de Miranda, naõ no conceito, mas ſim nas palavras:

Como o lyrio fermoſo no cerrado
Horto, c'o brando Sol, c'o orvalho crece;
Nunca o gado o tocou, paſtor, arado,
Sombra, ou geada, ou vento naõ lhe empece;
Das moças he, e dos moços deſejado,
Mas ſe o mam toca, ſecca, o ſe emmurcheſſe:
Tal he a dama antes que he caſada.

A cauſa porque tranſcrevo toda eſta paſſagem adiante o direi. O exemplo eſtá no primeiro verſo com analogia de palavras, o qual exprime com mais delicadeza, e propriedade do que a elegancia — *dos valles lyrio.* — Sendo todos os verſos deſte lugar cadentes, o ſeu eſtylo nada tem de facil: moſtra-ſe conſtrangido na paſſagem do primeiro para o ſegundo verſo: na do ſegundo para o terceiro por falta de hum relativo, que ligue o periodo conteudo nos primeiros dous verſos, do qual tem dependencia o que ſe lhe ſegue. Accreſce a iſto a ſeccura dos tres ultimos verſos, e tudo junto faz ſummamente arida huma pintura taõ bella, e amena, que deſde que appareceo pela primeira vez em Catullo no Poema das Nupcias de Julia, e Manlio, ficou ſendo as delicias de todas as peſſoas de Goſto nas Bellas Letras. O lugar he o que ſe ſegue:

Ut flos in ſeptis ſecretus naſcitur hortis,
Ignotus pecori, nullo contuſus aratro,
Quem mulcent aurae, firmat Sol, educat imber:
Multi illum pueri, multae cupiere puellae.
Idem, cum tenui carptus defloruit ungui,
Nulli illum pueri, nullae cupiere puellae;
Sic virgo dum intacta manet, dum cara ſuis. Sed
Cum caſtum amiſit, polluto corpore, florem,
Nec pueris jucunda manet, nec cara puellis.

A pertençaõ van, que Ferreira teve de incluir em 7. Hen-

Hendecaſyllabos Portuguezes 9. Hexametros Latinos cheios de cópia, e força, foi cauſa da ſeccura que reina em toda a eſtructura do ſeu quadro: naõ ſabia elle, que eſſe privilegio ſó era concedido á grandeza de hum engenho tal como o de Camões, que em 8. Hendecaſyllabos Portuguezes incluio 8. Hexametros Latinos, que raramente ſe pódem traduzir em menos de dezeſeis nas Linguas vulgares, como bem advirtio o ſabio Manoel de Faria e Souſa? Ora ſeja-nos deſculpado tranſcrever os lugares tanto de Virgilio, como de Camões, cuja confrontaçaõ póde dar muita luz aos Poetas vindouros, e facilitar as ſuas operações metricas em ſemelhantes circumſtancias, pelo conhecimento de huma theoria exacta, e luminoſa. Enéada Livro VIII. verſos 675.

In medio claſſes aeratas, Actia bella
Cernere erat: totumque inſtructo Marte videres
Fervere Leucaten, auroque effulgere fluctus.
Hinc Auguſtus agens Italos in proelia Caeſar . . .
Hinc ope barbaricâ, variis Antonius armis,
Victor ab Aurorae populis, et littore Rubro,
AEgyptum, vireſque Orientis, et ultima ſecum
Bactra vehit, ſequiturque (nefas!) AEgyptia conjux.

Naõ ha verſo neſte quadro que naõ ſeja digno de Virgilio, do Poeta da razaõ, do maior de todos os Poetas da antiguidade, depois de Homero. Vejamos agora, como eſta elegante, e ſublime Poeſia foi traduzida com os meſmos caracteres do original pela grande penna do Virgilio Portuguez na Eſtança 53. do Canto II. da Luſiada:

Nunca com Marte inſtructo, e furioſo,
  Se vio ferver Leucate, quando Auguſto
  Nas civís Accias guerras animoſo,
  O Capitaõ venceo Romano injuſto;
  Que dos povos da Aurora, e do famoſo
  Nilo, e do Bactro Scitico, e robuſto,

A vi-

A victoria trazia, e preza rica,
Preſo da Egypcia linda, e naõ pudica.

Ainda querem ver Poeſia mais elevada, mais cheia de fogo, e movimento? Vamos por partes. *Marte inſtructo, e furioſo*, he traducçaõ de *totumque inſtructo Marte* com hum epitheto de mais, *furioſo*, que augmenta a força do colorido, ſobre a novidade do participio *inſtructo*, com que eſte ſublime Poeta enriqueceo o noſſo Idioma, de ſorte que neſta elegancia fica a Latina excedida da Portugueza. — *Se vio ferver Leucate* — he traducçaõ de — *videres fevere Leucaten.* — *Quando Auguſto, Nas civís Accias guerras animoſo*, — he tambem de — *Actia bella* .... *Hinc Auguſtus agens Italos* — conhecidamente ſuperior a eſta do Épico Latino pela harmonia, e pela força do adjectivo *animoſo*. — *O Capitaõ venceo Romano injuſto.* — Tambem eſta exceſſivamente ſe avantaja á que traduz — *Antonius* — que, ſem nomear eſte regime do verbo *venceo*, o faz conhecido pelos accidentes caracteriſticos. — *Que dos povos da Aurora* — he traducçaõ da formula — *ab Aurorae populis*, — aſſim como — *e do famoſo Nilo* — he de — *littore Rubro* — *AEgytum*, onde acho mais ſublime a elegancia Portugueza na metonymia *Nilo* por Egypto, que he certamente mais poetico, ſobre ſer combinado com o predícado *famoſo*: tambem ſe deve reparar na diſcriçaõ com que o Poeta Portuguez deixou de traduzir a claſula — *littore rubro* por ocioſa, eſtando *AEgyptum.* — *do Bactro Scitico, e robuſto* — he a formula Latina — *et ultima ſecum Bactra vehit*: poſto que a traducçaõ naõ exprima a idêa incluida no adjectivo *ultima*, eu acho com tudo a formula portugueza mais forte, e mais poetica nos dous adjectivos *Scitico, e robuſto*; ſe bem que a palavra *ultima* ſuſcita na intelligencia huma idéa de extenſaõ, exprimindo longinquidade, por aſſim dizer, que faz a expreſſaõ bem attendivel. — *A victoria trazia* — tambem acho eſte membro mais

mais ſignificativo, e poetico do que o ſimples *victor* do original Latino. — *Preſo da Egypcia linda*, — tambem excede a clauſula latina que traduz, — *Sequiturque AEgypcia conjux*: o exceſſo eſtá no predicamento expreſſado na voz *linda* que quer dizer formoſa em gráo ſubido, a qual idéa ſe naõ acha no original. — *Naõ pudica* he traducçaõ do admirativo *nefas*, cujo ſentido tambem ſe póde referir á averſaõ, que os Romanos tinhaõ a caſamentos com eſtrangeiras. Tambem o adjectivo *pudico* foi introduzido no Idioma pelo grande Camões. Naõ ha duvida que a traducçaõ naõ expendeo as ſeguintes formulas do original: — *in medio claſſes aeratas*, — *auroque effulgere fluctus*, — *ope barbarica* — *littore rubro*, — as quaes elegancias o noſſo Poeta julgou meros ornatos naõ eſſenciaes ao todo, e por iſſo os naõ introduzio no ſeu quadro, e lhes ſubſtituio outras formulas, que ſaõ neceſſarias á pintura, e naõ ſe achaõ no texto, as quaes ſaõ: — *furioſo* — *civís* — *animoſo* — *Romano injuſto* — *famoſo Nilo* — *Scitico* — *robuſto* — *linda* — *e naõ pudica.* — De ſorte que eſtas nove elegancias portuguezas ſaõ bellas, ſaõ muito poeticas, abſolutamente eſſenciaes ao contexto da pintura, e á vivacidade do ſeu colorido, por cujos motivos julgo, que a paſſagem do Epico Portuguez excede viſivelmente a do Latino, a quem, deſpido de todo o genero de ſuperſtiçaõ, conſagro o maior reſpeito. Vejamos agora, como o grande Taſſo imitou eſte meſmo lugar; calculemos a marcha das ſuas operações; as formulas, que empregou, as que rejeitou, e as que admittio proprias ſuas. O lugar he na *Geruſalém* Canto XVI., Eſtança 4.

D'incontro un mare; e di canuto flutto
Vedi ſpumanti i ſuoi cerulei campi:
Vedi nel mezzo un doppio ordine inſtrutto
Di navi, e d'arme: e uſcir dall' arma i lampi.
D'oro fiammeggia l'onda; e par che tutto

D'in-

D'incendio marzial Leucate avvampi :
Quinci Augusto i Romani, Antonio quindi
Trae l' Oriente, Egizi, Arabi, ed Indi.

Todo aquelle que tiver exacto conhecimento das Bellas Letras fundado na mais curiosa, e miuda investigaçaõ da theoria, e muito mais da practica movida das doces e poderosas impulsões do Genio, naõ deixará de conhecer, que esta imitaçaõ do Tasso he inferior á do Camões: que a deste abrange todas as partes essenciaes, e que mais se avultaõ no original; a daquelle, resplendecendo mais nas partes de mero ornato, omitte algumas das principaes: por exemplo: Naõ exprime a formula indicativa — *actia bella*, — que he huma das principaes, e a que dá a conhecer o assumpto do quadro. Naõ exprime tambem o laconismo sublime da formula — *instructo Marte*, — que debilita, e enfraquece pela frase — *un doppio ordine instrutto.* — O mesmo succedeo á clausula — *fervere Leucaten*, — expressaõ cheia de força, e sublimidade, que tambem se mostra enfraquecida pela longa, posto que elegantissima, perifrasis — *e par che tutto D'incendio marzial Leucate avvampi.* — Tambem omittio a clausula — *Victor ab Aurorae populis*, — que exprime huma circumstancia que realça a força da expressaõ total da pintura. O mesmo se vê em — *Bactra vehit*, — em — *nefas*, — em *AEgypcia conjux*, de quem naõ faz mençaõ alguma, e apennas se lembra desta ultima com muita debilidade de parecença no fundo da estança que se segue. Accrescentou ao quadro as formulas seguintes, que nada augmentaõ na totalidade da pintura, e só devem ser consideradas como ornatos : — *Canuto flutto* — combinaçaõ pouco harmonica, especialmente no fim de verso; — *spumanti .... cerulei campi*; — *doppio ordine instrutto*, — *uscir dall' arma i lampi*, — *incendio marzial.* — Recopillando pois o meu parecer sobre o merecimento das traducções destes dous Epicos taõ famosos na Republica das Letras,

tras,

tras, digo, que Camões traçou com maravilhosa viveza, e liberalidade as circumstancias de maior vulto; e o Tasso retratou com mais miudeza as graças locaes, que naõ formaõ as grandes feições do todo: assim o primeiro esmerou-se no geral, e o segundo no particular. Tornemos ao assumpto primeiro. Talvez que o exemplo do Ariosto, que no I. Canto do Furioso imitou este lugar de Catullo, movesse o Ferreira a executar o mesmo; porém essa tentativa foi como a de hum minino querer derribar hum gigante. O genio de Ferreira era limitado, e só á luz de muita sabedoria póde ter hum andamento elevado. O Ariosto era hum daquelles genios privilegiados, que se affeiçoaõ a todas as maneiras; o qual tudo executava com bizarria, e facilidade propria de huma fantasia, que raramente apparece na face da terra, qual a com que executou a imitaçaõ desta bella pintura de Catullo. E posto que parte della já fica transcripta n'outro lugar, naõ será desacertado inxerilla neste, para melhor, e com mais exacçaõ ajuizarmos da mesquinhez do pincel servilmente exacto de Ferreira, e da liberalidade magistral do Ariosto, cuja grandeza de imaginaçaõ, longe de seguir a timida direcçaõ da Arte, sugeita á velocidade dos seus vôos todos os principios elementares, com que a mesma Arte dirige em tudo o commum dos talentos ordinarios:

La verginella è simile a la rosa,
Ch'in bel giardin su la nativa spina
Mentre sola, e sicura si riposa,
Ne gregge, ne pastor si le avicina:
L'aura suave, e l'alba rugiadosa,
L'acqua, la terra, al suo favor s'inchina;
Giòvane vaghi, e donne innamorate
Amano haverne e seni, e tempie ornate.

Ma non si tosto dal materno stelo
Rimossa viene, e dal suo ceppo verde;

Che quanto havea di gli huomini, e del cielo
Favor, grazia, e belleze, tutto perde:
La vergine che il fior di che più zelo,
Che de begli occhi, e de la vita haver de',
Lascia altrui corre, il pregio ch'avea inanti
Perde nel cor di tutti gli altri amanti.

A liberdade do engenho de Ariosto, fez que elle executasse huma imitaçaõ superior ao imitado, a qual ficasse conservando pela bizarria, e novidade da execuçaõ hum caracter sublime de originalidade, tanto nos pensamentos, como nas expressões; tanto na disposiçaõ dos mesmos pensamentos, como na escolha das vozes, das rimas, e harmonias todas delicadas, e de sons apropriados ao mimo do assumpto. Isto naõ he querer diminuir o conceito, que commumente se faz dos talentos do douto Ferreira: he visivelmente notorio, que elle, posto que aspero e forçado, era hum Poeta muito sabio, que poz grande cuidado em purificar o nosso Idioma de grande numero de corruptellas, de que se achava maculado, e o augmentou de muitas vozes, elegancias, e formulas energicas, e fortes extrahidas dos Poetas Gregos, e Latinos, em cuja liçaõ foi muito versado: mas naõ podia de modo algum competir com Ariosto, e Camões, que devem ser reputados como prodigios. Passemos a examinar outra pintura semelhante, mas com differença de frase na Ecloga I. do mesmo Poeta:

Qual no cerrado *horto he a branca* rosa
Que nunca foi cheirada, nem colhida... &c.

Nesta o sugeito he o substantivo *rosa*, de que usou o Ariosto, na do Sá he a voz -- *Lyrio* -- encostando-se mais ao original de Catullo. Ambos dignos da Poesia, se as formulas de que se compoem o todo das pinturas do douto Ferreira, conservassem hum nexo de igual belleza; que as constituisse dignas do original, assim como

a do

a do Ariofto. A imagem no primeiro verfo he tibia por caufa da pouca vivacidade do colorido, confignado no accidente *branca*, que com muita facilidade podia fer fubftituido por outro epitheto de mais força, e amenidade: de forte que he frio no colorido, e frio na harmonia pelo encontro infeliz de vogaes da mefma quantidade, na quinta e fexta cefura, e na collifaõ defta com as duas vogaes, que fe lhe feguem: Nada deftes defeitos tem o fegundo verfo, cuja frafe tem muita força, e harmonia. Outra paffagem, cuja femelhança fó confifte numa analogia remota fundada unicamente na voz *lyrio*, he a feguinte na Ecloga III.

Crinaura minha, mais que o lyrio branca.

Bello laconifmo de comparaçaõ, boa frafe, boa harmonia, e bom verfo.

O bello quadro de Catullo tambem foi imitado do elegante, e harmoniofo Cervantes na engenhofa novella da *Guitanilla.* Vejamos como efte admiravel efcritor imitou na profa o que taõ liberalmente exprimio o Poeta Latino, imittado com tanta gentileza do prodigiofo Ariofto: „ Flor es la de la virginidad, que à fer poffible, „ aun con la imaginacion no avia de dexar offenderfe. „ Cortada la rofa del rofal, con que brevedad, y faci- „ lidad fe marchita! Efte la toca, aquel la huele, el „ otro la deshoja; y finalmente entre las manos rufticas „ fe deshace. „ Efta imitaçaõ he toda refumida: ella recopilla em ponto breve todos os rafgos, que mais fe avultaõ no original; e quando procede por partes, iguala, fe naõ excede, a pintura Latina no penultimo membro; até que na derradeira claufula apparece ultimamente a palavra *rofa*, emblema da virgindade moribunda, e de todo amortecida. Efta qualidade de profa tem igual merecimento com a Poefia mais elegante; e he tal a pobreza dos noffos efcritores modernos, que naõ fe encontra hum fó que calcule o andamento da profa defte au-

Nn ii thor

thor, nem o do periodo Portuguez, ſegundo a norma, e congruencia filoſofica, que lhe eſtabelecêraõ os Barros, os Sás de Miranda, os Ferreiras, os Coutos, os Camões, e o ſobre todos correcto, elegante, e harmonioſo Vieira; e ſem conſtrangimento imitem as graças, que tanto ſe avultaõ nas proſas deſtes grandes eſcritores. Venha finalmente a parallelo a ſeguinte traducçaõ, que offereço, naõ como modello, certificado da impoſſibilidade de competencia com o Arioſto neſte lugar, poſto que naõ deixe de ter ſuas faltas, e liberdades, a que o obrigou a difficuldade da execuçaõ de huma taõ ſublime pintura, como (por evitar demora) neſta clauſula: — *e de la vita haver de'* —, onde, para ſervir ao conſoante, obriga a pronunciar, como ſe foſſe huma ſó dicçaõ, as duas inflexões verbaes — *haver* e *de'*, — ſupprimindo a eſta algum tanto do ſom aberto, para rimar com *perde*: naõ como modello pois, mas como enſaio de traducçaõ mais chegada ao texto original appreſento as ſeguintes eſtanças, que poderáõ concorrer para lembrarem formulas mais proprias, e liberaes a quem for dotado de engenho idoneo para executar com bizarria ſemelhantes operações:

Bem como flor naſcida em horto ameno,
  Livre de gado infeſto, ou duro arado,
  A quem da viraçaõ bafo ſereno
  Suavemente amima, e o Sol dourado
  Regalla; e nutre a chuva em bom terreno
  De vigoroſo braço cultivado:
  Moços, e moças muito a cubiçáraõ,
  E adornar-ſe com ella deſejáraõ.

Mas ſe cortada foi de unha invejoſa,
  Naõ a cubiçaõ já moços, nem damas:
  Tal he a virgem candida, e formoſa,
  Por quem todos concebem vivas chammas;
  A qual tanto que perde a flor mimoſa,
  Por quem tu, fero Amor, tanto te inflammas;
Com

Com ſua gentileza, e graças bellas
Nem mancebos ſe encantaõ, nem donzellas.

Finalmente o meſmo Poeta deſconhecido de quem temos allegado alguns lugares, reſumio todas eſtas pinturas na ſeguinte paſſagem de huma Elegia á morte de hum menino deſte modo:

Doce pupillo! Ó planta florecente!
Ó bello Lyrio de horto deleitoſo
Cortado antes de tempo triſtemente!

O que falta neſte eſtylo he ſer do Seculo de Quinhentos, para merecer as idolatrias com que ſe tem exagerado nos noſſos tempos o merecimento das miſeraveis Poeſias de Luiz Pereira de Caſtro, de Frei Bernardo de Brito, de Franciſco de Andrade, e de outros novamente dados á luz por peſſoas, que julgaõ que ſó nos Quinhentiſtas indiſtinctamente reſide o bom goſto de eſcrever, e nelles editores a faculdade de o conhecerem, e o direito de o annunciarem.

Paſſemos a conſultar Bernardes, o ameno Bernardes, o qual na ſua tantas vezes allegada Cançaõ a noſſa Senhora offerece o ſeguinte exemplo:

Ó Virgem das mas Santas, a mais Santa...
Porta do Paraiſo ....

N'outro Soneto pag. 49. — *Porta do Céo.* — *Paraiſo* he o meſmo que *Céo* na commua accepçaõ, mas tem tanto ou quanto de mais amenidade do que a voz *Céo.* Outra bella expreſſaõ com elegante differença ſe encontra nas já mencionadas Endechas a ſaber:

Sois fonte ſuave,
Alivio de triſtes,
Sois do Céo a chave,
Vós o Céo abriſtes.

Ex-

Excellente Copla! nella ſe contém dous exemplos nos dous ultimos ſenarios. A ſemelhança deſtes lugares eſtá no ſentido: huma no ſugeito, outra na acçaõ: huma *chave* em lugar de porta, outra na acçaõ do verbo *abrir*, que inſtantaneamente ſubminiſtra ao penſamento a idéa de *porta*. Perſpicuidade, laconiſmo, e harmonia ſaõ as graças deſta innocentiſſima pintura. N'hum Soneto das *Rimas Sacras* temos o ſeguinte exemplo, fallando de Noſſa Senhora:

Abri hum dia *já* alvo, e dourado.

Bella pintura que contém gentil gradaçaõ de tintas nos dous accidentes finaes, cujo derradeiro ſe eleva ſobre o precedente: eſta combinaçaõ era muito do goſto de Bernardes, e tambem de Ferreira; o verſo he excellente a pezar do deſagradavel encontro dos dous *aa* na ceſura principal; mas eſta operaçaõ harmonioſa era muito particular ao goſto da muſica da noſſa Poeſia naquelles tempos, e até a delicadeza de Camões a naõ rejeitou. A ſemelhança deſte lugar eſtá na inflexaõ — *abri*, — que com facilidade excita no penſamento a idéa de *porta*; aſſim como o reſto da fraſe exprime *Céo*, cuja analogia ſe fórma pelo concurſo das palavras *alvo*, e *dourado*. Vejamos agora como Bernardes exprimio a idéa incluida na ſegunda elegancia — *dos Valles Lyrio.* — Nas bellas Endechas acima allegadas diz:

Entre eſpinhos roſa,
Lyrio junto d'agoa,
Toda ſois fermoſa,
Em vós naõ ha magoa.

Bella pintura, onde, em certo modo, ſe acha reſumida a melhor parte dos lugares de Catullo, e Arioſto. O ſentido he o meſmo do da paſſagem do Poeta Sá: eſte modo de fallar contém metaforas ſublimes, que pintaõ de

hum

hum rafgo, poupaõ a defcripçaõ circumftanciada da comparaçaõ cujas vezes fazem: nos dous primeiros fenarios eftá o exemplo: os dous que fe lhes feguem faõ glofa, ou explicaçaõ dos termos pofitivos, e fymbolicos, que naquelles fe encerraõ: v. g. a pureza da Senhora he, como a da rofa, taõ agradavel aos olhos, e ao olfato; he como a do lyrio de horto regado; porque as flores de jardim tem mais pureza, e refplendor: pelo contrario, as de fequeiro naõ tem côr taõ fina, faõ menos odoriferas, e mais maçuladas. O eftylo defta paffagem he encantador, tanto pela pureza, como pela harmonia; e eftas mefmas qualidades reinaõ em todo o poema, que nefte genero tem grande merecimento, e honra o Idioma. No mefmo poema vem outro lugar bem analogo a efte:

Sois jardim cheirofo,
Platano em ribeira;
Em campo fermofo
Fermofa oliveira.

Que excellentes fenarios! Conceito, frafe, e harmonia, tudo concorre para a belleza da Copla: tudo nella faõ idéas abftractas, exprefsões fymbolicas, que daõ muita força, e gentileza ao eftylo. O primeiro verfo exprime o agradavel da virtude, que cheira melhor, que todos os aromas, que fe exhallaõ das flores de que fe compoem hum jardim. O fegundo exprime idéa de protecçaõ: huma arvore filveftre como o platano, freixo, &c. abunda em fombra, eftando junto da ribeira, porque tem manancial perpetuo, onde em abundancia bebe fuccos nutritivos, que ajudados da acçaõ do ar augmentaõ o feu volume com exceffo, e por iffo offerece fombra mais denfa, e deleitavel, concorrendo para iffo o naõ dar fructo, e converter todos os beneficios, que recebe da natureza em fe avultar, e fazer-fe mais corpulenta. Os dous verfos ultimos exprimem huma propo-
fi-

ficaõ, que combina o util como agradavel. A oliveira formosa, porque está em campo tambem formoso, isto he, bem cultivado, que, sem isso, naõ ha formosura rural. Oliveira, em fim que dá fructos, que saõ os bons exemplos, os auxilios espirituaes, e temporaes. Este pequeno poema he taõ cheio de graças, que se vê consagrado pela Naçaõ aos louvores da Virgem. A mesma idéa symbolizada no termo *platano* se acha na mencionada Cançaõ do modo seguinte:

Oh platano fermoso jundo d'agoa.

Na de cima está *ribeira* metonymicamente por *agoa*; porque em rigor quer dizer *margem*, quando naõ he termo collectivo, que exprime *agoa*, e *margem* promiscuamente. Nesta está a expressaõ propria -- *agoa* -- sem configuraçaõ de palavra. O verso he excellente. N'hum Soneto das mesmas Rimas tambem a nossa Senhora, vem a seguinte passagem, que tem analogia com as que temos combinado, e naõ deixa de vir ao nosso caso:

Virgem das Virgens, flor, fonte da vida,
Rodeado jardim de forte muro.

Nestes dous versos onde o exemplo está no termo *jardim*, se incluem collectivamente as idéas expressadas nos lugares acima transcriptas, além da idéa representada na voz *flor*; os versos saõ cadentes e puros. *Fonte da vida* tambem he expressaõ symbolica applicada do fysico para o moral, á maneira do Psalmista no Psalmo XXXV., donde esta bellissima formula foi extrahida:

Quoniam apud te est fons vitae, et in lumine tuo videbimus lumen.

Cujo sentido he o que exprimem os seguintes versos:

A

A tua luz he quem nos illumina
Cá neſta eſcuridade;
Que em tua Mageſtade
Eſtá da vida a fonte alta, e divina.

Neſte lugar convém alterar a ordem, que temos atéqui ſeguido, expondo no fim de cada analyſe a origem donde procedeo a expreſſaõ fundamental; o que faremos agora, para ficarem mais bem ponderadas, e conhecidas eſtas bellezas, que reputo mui relevantes na elocuçaõ poetica.

Eſta elegancia ſymbolica — *lyrio dos Valles*, — e todas as mais que ſe lhe aſſemelhaõ, tiveraõ naſcimento no ſeguinte lugar do Pſalmo I.

Et erit tanquam lignum quod plantatum eſt ſecus decurſus aquarum, quod fructum ſuum dabit in tempore ſuo.

Paſſagem traduzida pelo Orador Vieira do modo ſeguinte n'hum Sermaõ do tomo V. §. 264. — *Será como a arvore nova e tenra, plantada junto ás correntes das aguas, a qual dará fructo a ſeu tempo.* — Seja-nos permittido agora tranſcrever hua a imitaçaõ deſte lugar, feita por hum curioſo em hum Poema á Paixaõ de Chriſto, a qual póde tambem ſervir de traducçaõ do lugar do Pſalmiſta:

Devendo eu ſer qual arvore plantada
Ao longo d'agua amena, e deleitoſa,
De pomos ſalutiferos ornada;
Fui tronco poſto em hora deſditoſa,
De ſombra infeſta, e inhoſpita aos humanos,
De ave infauſta morada tenebroſa.

E neſte goſto, guardadas as proporções, eſtá organizado

todo o poema. Póde-ſe de caminho obſervar quanto o verſo he ſupperior á proſa, que naõ obſtante ſer a do Vieira taõ pura, e harmonioſa, vê-ſe infinitamente excedida neſte lugar por trez hendecaſyllabos de hum Poeta, ſem nome.

Paſſemos a ver como Pedro de Andrade ſe ſervio deſte modo de expreſſar, no qual certamente naõ ha de ſer taõ brilhante como Bernardes. N'hum Soneto ao Lenho da Cruz:

Eſtendarte do Rei da eternidade,
Chave do Ceo, ſinal da Chriſtandade.

Chave do Ceo he de Bernardes, como acima fica expoſto: fraſe pura, e ſonora. Nas Redondilhas ao recebimento das Reliquias vem as ſeguintes expreſsões, que tem alguma parecença com as que temos combinado:

Porque as Reliquias ſaõ flores,
De que a Igreja ſe ornamenta.

Paſſagem de pouco, ou nenhum merecimento. Logo abaixo:

Deſtas flores que naſcerom
Na Igreja, que fructo vem.

Pouco melhor ſaõ eſtes que os de cima. E naõ me canſo em procurar mais paſſagens neſte Poeta, cuja mediocridade naõ convida a grandes eſpeculações.

Vamos ver como Camões ſe houve neſte jogo. Naõ ha duvida, que nelle naõ acharemos expreſsões da meſma identidade em ſentido, e fraſe com as de Sá de Miranda, mas ſim outras, que conſerváraõ huma analogia mais ou menos proxima no conceito, ou na dicçaõ por cujo motivo devaõ entrar no plano das noſſas obſervações. No principio da III. Cançaõ ſe acha huma for-

formula, que tem notavel femelhança com a mencionada elegancia — *Porta do Céo*: —

Já a roxa manhãa clara
As portas do Oriente vinha abrindo.

Pintura cheia de graças de eftylo, e de poefia. A manhãa perfonizada abrindo as portas ao Sol, que iſſo quer dizer *Oriente* nefte lugar, por virtude de huma translaçaõ metonymica, que apprefenta o effeito pela caufa, ou tambem fubentendendo-fe por ellipfe a palavra Sol, e talvez que efte feja o feu verdadeiro fentido. Além do bello contrafte de idéa confignada nos accidentes *roxa*, e *clara*, tem efta pintura huma abftracçaõ toda fantaftica na voz *portas* combinada com o gerundio *abrindo*, cuja melodia, e difpofiçaõ de vogaes concorrem para exprimir a amenidade alegre da manhãa, cuja progreſſaõ temporal, e compaſſada eftá com muita propriedade expreſſada no auxiliar *vinha*. Energia, e elegancia: *Roxa manhãa* he formula ufada com frequencia pelos Poetas antigos, e modernos: na I., e na VI. Enéada fe achará *lumen purpureum*: no VI. dos Metamorfofeos *purpureum aerem*. Naõ ferá fóra de lugar apontarmos aqui huma pintura defta natureza, que vem no Canto I. da Gerufalém do Taſſo, Eftança 71.

Il di feguente all'or, ch'aperte fono
Del lucido Oriente al Sol le porte.

Efta, e a do noſſo Épico faõ quadros emanados de duas fantafias igualmente agitadas pelo impulfo do mais fublime enthufiafmo. A de Camões tem mais movimento; a de Taſſo mais harmonia. A mefma expreſſaõ fe lê na Lufiada, Canto X., Eftança 138. do modo feguinte:

Eis aqui as novas partes do Oriente,
Que vós outros agora ao mundo dais,
Abrindo a porta ao vaſto mar patente,
Que com taõ forte peito navegais.

Quadro ſublime, proprio da mageſtade épica. O exemplo eſtá no terceiro verſo, do qual tudo quanto ſe diſſer em ſeu louvor he diminuto, e bem moſtra ſer producçaõ do maior alento poetico, que em toda a Eſpanha ſe tem viſto até aos noſſos dias. Sublimidade, e harmonia ſaõ as graças de taõ bella poeſia. A meſma expreſſaõ, mas em ſentido ainda mais abſtracto, ſe vê na Ecloga I,

Toda a alegria grande, e ſumptuoſa
A porta vem abrindo ao triſte eſtado.

Tudo ſaõ applicações metafyſicas: neſte exemplo tambem exiſte a meſma ſucceſſaõ temporal na clauſula — *vem abrindo*, — aſſim como nas paſſagens anteriores. O eſtylo he grande, e ſonoro, eſpecialmente o do primeiro verſo, do qual diſſe com razaõ Manoel de Faria e Souſa: » Grande, e ſumptuoſo modo de fallar. » No Canto II., Eſtança 1.ª da Luſiada ſe acha outra igual expreſſaõ em ſentido fantaſtico, iſto he, pintando na fantaſia o que ſó tem apparencia remota de realidade:

Já neſte tempo o lucido Planeta,
Que as horas vai do dia diſtinguindo,
Chegava á deſejada, e lenta-meta,
A luz celeſte ás gentes encubrindo:
E da caſa maritima ſecreta,
Lhe eſtava o Deos Nocturno a porta abrindo.

Eſta he huma das mais notaveis pinturas do pôr do Sol, que ſe acha na Poeſia, cuja fraſe he ſummamente poetica, e harmonioſa. O Deos da noite abrindo a porta ao Sol he idéa

idéa ſublime, e propria de hum cerebro inſpirado: — *Lucido Planeta*; — *lenta meta*; *caſa maritima ſecreta*; — *o Deos Nocturno a porta abrindo*; — eraõ elegancias pouco conhecidas na Poeſia Portugueza, que com ellas vio conſideravelmente accreſcentada a ſua elocuçaõ, por ſe poderem deduzir das meſmas diverſas modificações de fraſes, que com facilidade ſe podem adaptar a outros ſentidos; o que melhor ſe virá a conhecer na pratica. Lembro-me que na Poetica do Padre Franciſco Joſé Freire, ſe naõ me engano, vem cenſurado o ſegundo verſo deſta paſſagem: parece, que naõ eſtava pela conta do Poeta em affirmar, que o Sol diſtingue as horas do dia: como naõ me acho com eſſa obra, nada poſſo ajuizar ſobre a certeza dos principios metafyſicos a reſpeito da progreſſaõ do tempo em que ſe fundava eſte Filologo, cuja critica, meſmo em materias de goſto, era toda precaria, e muitas vezes vacillante. Com tudo parece-me, que as idéas de tempo conſignadas no dito verſo de Camões, naõ diſcrepaõ do eſpirito da ſeguinte paſſagem do eloquente Mr. Thomaz na ſua admiravel Ode ao Tempo, eſcrita no meio deſte ſeculo, em que ſe tem adiantado todo o genero de conhecimentos humanos, pelo que he denominado: Seculo da Filoſofia:

Du chaos tout-à-coup les portes ſ'ébranlerent;
De Soleils allumés les feux étincellerent;
Tu naquis; l'Eternel te preſcrivit ta loi:
Il dit au mouvement: Du temps ſois la meſure.
Il dit a la nature:
Le temps ſerá pour vous, l'eternité pour moi.

Se deſte modo ſe eſcreveſſem as Odes na noſſa terra, nós naõ eſtariamos taõ enfaſtiados deſte genero de compoſiçaõ, que parece ſó feito para elevar, e para inſtruir o eſpirito. No Soneto 178., Soneto digno da penna do grande Camões:

Nin-

Ninfas, por quem Caſtalia ſe abre, e cerra,
Vos que fazeis á morte mil enganos.

Nobre, e mil vezes nobres hendecaſyllabos. A fraſe do primeiro, onde ſe acha o exemplo, he nova na noſſa Lingua, e naõ me foi poſſivel achar nos antigos igual expreſſaõ. *Caſtalia* he ſymbolo da affluencia poetica: aqui temos huma applicaçaõ do fyſico para o moral: a idéa de porta vem inherente ás acçóes exprimidas pelos verbos *abrir*, e *fechar*. Elegancia pureza, e harmonia. No Canto I. da Luſiada Eſtança 59. ſe vê a meſma fraſe expreſſada por hum modo ſummamente bello, e todo novo:

Mas aſſim como a Aurora marchetada
Os fermoſos cabellos eſpalhou,
No Céo ſereno abrindo a roxa entrada
Ao claro Hyperionio, que acordou.

Tambem eſta he huma das mais famoſas pinturas da manhãa que em toda a Poeſia ſe encontra, nella ſe acha em ponto o mais ſubido o ſoberano encanto da mais amavel elocuçaõ poetica. A fraſe do primeiro verſo he a mais harmonica, e elegante, deſconhecida na Poeſia Portugueza anterior a Camões; o ſegundo, além de mui cadente, contém huma imagem naõ vulgar naquelles tempos: o terceiro he prodigioſo a todos os reſpeitos: Que mais póde pintar aos olhos a ſuavidade admiravel do pincel de Albano? Póde-ſe dizer, que Camões neſta belliſſima pintura roubou o colorido á natureza: nem me lembro de ter jámais lido nos antigos, nem nos modernos imagem de tanta perfeiçaõ como eſta, onde as palavras, e a harmonia a fazem hum portento de Poeſia. A feliz combinaçaõ de — *Céo ſereno* — dá á pintura extrema amenidade: a de -- *roxa entrada* -- tem igual merecimento, além de ſer muito grave, e nobre

pe-

pela translaçaõ metonymica, cauſa principal da novidade deſte verſo na Poeſia Portugueza. *Roxa entrada*, val o meſmo, que porta vermelha: o quarto verſo he elegantiſſimo todo cheio de poeſia de imagem, toda nova na linguagem da noſſa Poeſia, e nunca imitado dos Poetas modernos. Vejaõ agora aquelles, que nunca ſahem da rutina dos metrificadores vulgares, de quanta variedade he capaz o pincel habil de hum grande Meſtre: pois ainda aqui naõ pára a ſua diverſificaçaõ; os lugares, que ſe ſeguem o moſtraráõ com evidencia poſitiva. Na Luſiada, Canto I. Eſtança 28.

Promettido lhe eſtá do Fado eterno,
Cuja alta lei naõ póde ſer quebrada.
Que tenham longos tempos o governo
Do mar, que vê do Sol roxa entrada.

Eis-aqui a meſma elegancia -- *roxa entrada* -- como na precedente paſſagem, com a differença de eſtar applicada a huma entidade determinada -- *Sol*. -- Eſte verſo he novo naõ ſó na noſſa Lingua, mas ainda na Poeſia moderna, e naõ ſeria temeridade ſe affirmaſſe, que tambem na antiga ſeria bem difficil achar expreſſaõ, que tiveſſe algum genero de affinidade com eſta; ao menos eu naõ me acordo de a ter encontrado, tendo lido para eſſe fim com eſpecial curioſidade os principaes Corifeos da Poeſia antiga, e moderna. Os tres primeiros verſos tem fraſe pura, e cadente: o quarto he extremamente poetico, e ſonoro. No meſmo Canto, Eſtança 27. veremos huma paſſagem, que tem notavel ſemelhança com a que acabamos de analyſar:

Inclinam ſeu propoſito, e porfia
A ver os berços, onde naſce o dia.

Imagem digna de hum taõ ſublime pincel, na qual a pureza, e a harmonia reſplendecem em gráo ſubido.

No

No Canto X., Eſtança 89. — ſe vê outra elegancia, que inda que de mais remota analogia, atteſta a variedade que eſte grande Poeta empregava na ſua expreſſaõ: — Claro olho do Céo no quarto aſſento. — *Olho do Céo* — he o Sol, que por analogia, ou ſemelhança he porta, ou janella, aſſim como coſtumamos chamar aos olhos, janellas do roſto. Eſta fraſe teve algum ſequito na Poeſia antiga, donde paſſou para a moderna, como ſe vê no IV. Livro dos Metamorfoſeos verſo 228. — *Mundi oculus* — Olho do Mundo; depois delle Plinio entre os Latinos, e Epicteto entre os Gregos uſáraõ deſta formula, eſte fallando da Lua, aquelle das eſtrellas. Eſta expreſſaõ -- *Porta do Céo* -- teve naſcimento na mais remota antiguidade das Letras Sagradas no Livro I. do Geneſis, Capitulo 28., verſiculo 17.

Pavensque: *Quam terribilis eſt, inquit, locus iſte! non eſt hic aliud niſi domus Dei.*

Que traduzido em verſo, pois que todo o Pentateucho he eſcrito ao menos n'hum metro livre, ou n'huma proſa ligada, que tem muito do verſo, diz o ſeguinte:

Penetrado Jacob d'alto reſpeito;
Oh quanto eſte lugar he venerando!
Diſſe elle em ſeu conceito:
Eſta he de Deos a caſa omnipotente,
Eſta a porta do Ceo reſplendecente.

No primeiro Capitulo das Profecias de Ezequiel, verſiculo primeiro:

. . . . *Cum eſſem in medio Captivorum juxta fluvium Chobar aperti ſunt coeli, et vidi viſiones Dei.*

A acçaõ de abrir ſuppoem a idéa de porta, como ſe moſtra da ſeguinte traducçaõ: Eſ-

Estando entre captivos tristemente
Junto ao rio Chobar, os Ceos se abríraõ,
E o throno de Deos vî justo, e clemente.

Tambem usavaõ desta formula para dar força, e vivacidade á expressaõ applicando-à á terra, como no Capitulo XV. de Jeremias, versiculo 7.

Et dispergam eos ventilabro in portis terrae.

Os perversos humanos, que me offendem,
Eu das portas da terra os lançarei
Como palha do vento compellida.

Era tambem esta formula applicada por huma especie de configuraçaõ a muitas entidades metafysicas, como se vê no Capitulo XXXVIII. de Isaias, versiculo 10., fallando do Rei Ezequias:

. . . . . *In dimidio dierum meorum vadam ad portas inferi.*

Na flor de minha vida
Envolto em sombra escura, e somno eterno;
Hirei ás portas horridas do inferno.

Com applicaçaõ á morte, como no Psalmo IX., verso 15.

Qui exaltas me de portis mortis, ut annunciem omnes laudationes tuas in portis filiae Sion.

Tu das portas da morte me levantas
Para que diga, e cante os teus favores,
Dignos mil vezes de inclytos louvores.

O meſmo diſſe Salomaõ, ou quem quer que ſeja o Author do *Livro da Sabedoria* no Capitulo XVI., verſo 13.

Tu es enim, Domine, qui vitae et mortis habes poteſtatem, et deducis ad portas, et reducis.

Tu podes, Senhor, dar, e tirar vida.
Tu ás portas da morte pões, e tiras
Huma alma em mil miſerias envolvida.

Naõ ſó a Poeſia ſagrada, mas tambem a profana fez uſo deſta formula taõ propria do eſtylo ſublime. Nos meſmos tempos em que Moyſés eſcrevia o Pentateuco, a Poeſia de Homero, que a tudo dá vulto, e fórma, conſtruhia a morada do Somno no Livro XIX. da Odyſſéa, verſos 560. com duas portas, huma de marfim, por onde ſahem os falſos ſonhos, outra de oſſo, por onde vem os verdadeiros; pintura adoptada de Virgilio no Livro VI. da Enéada, verſo 890, ſobre a qual, e tambem ſobre a da regiaõ, onde habitavaõ os póvos Cimerios no principio do Livro XI. da Odyſſéa, modellou Ovidio a inimitavel eſtructura do palacio do Somno, no XI. Livro dos Matamorfoſeos, aſſim como a bella expreſſaõ cheia de Poeſia de imagem, e ſentimento, que Horacio faz proferir a Europa na Ode XXVII. do Livro III.

. . . . An vitiis carentem
Ludit imago
Vana, quae portâ fugiens eburnâ
Somnium ducit?

Que naõ traduzo por naõ vir ao noſſo intento a reſpeito da expreſſaõ combinada. O meſmo practicou o Épico Grego na pintura do inferno, o meſmo na do Ceo, que he a que vem ao noſſo caſo, como ſe moſtra no Livro VIII. da Illiada:

Αὐτό

Αὐτόμαται δὲ πύλαι μύκον οὐρανοῦ, ἃς ἔχον Ὧραι
Τῆς ἐπιτέτραπται μέγας οὐρανός οὔλυμπός τε.

Por si se abrem do Céo sereno as portas,
Onde guardaõ as Horas vigilantes
As moradas do Olympo rutilantes.

Deste lugar nasceo a por todos os motivos admiravel pintura do palacio do Sol na entrada do Livro II. dos Metamorfoseos de Ovidio, e o soberbo verso:

Panditur interea domus omnipotentis Olympi.

Que dá principio ao X. Livro da Enéada, e a seguinte passagem nas Georgicas de Virgilio Livro III., verso 261.

. . . . quem super ingens
Porta tonat coeli . . . .

Que quer dizer o seguinte:

Sobre quem do Céo largo a porta ingente
Fulmina com furor hum raio ardente.

Resta-nos agora ver, e comparar a segunda elegancia da passagem de Sá de Miranda — *Dos valles lyrio.* — No Canto IX. da Lusiada Estança 61. vemos huma amenissima imagem, cuja expressaõ, posto que em sentido litteral, he muito diversa do da passagem do Poeta Sá, e tem grande parecença na frase, que he o que faz á materia deste escrito:

Pintando estava alli Zefiro, e Flora
As violas da côr dos amadores,
O lyrio roxo, a fresca rosa bella
Qual reluze nas faces da donzella,

Nem no bello epiſodio da Ilha de Alcina no Furioſo de Arioſto, nem no de Armida na Geruſalém do Taſſo, nem na pintura do Paraiſo de Milton, nem finalmente na admiravel deſcripçaõ do Templo do Amôr no Canto IX. da Henriquiada de Voltere ſe acha pintura, naõ digo que exceda a eſta, mas nem ainda que a igualle. Vamos por partes. Nos primeiros verſos eſtá Zefiro, e Flora por huma perſonalizaçaõ ſymbolica propria da mais ſublime Poeſia, dando vivacidade ás côres das violas, dos lyrios, e das roſas, deſignando por via de ſemelhança, nas primeiras a pallidez, accidente proprio de quem ama, porque os receios, e os ſuſtos perpetuos, que agitaõ os amantes lhes chamaõ ao roſto aquelle accidente, que naõ he procedido ſenaõ da falta de circulaçaõ do ſangue, que reflue com mais força para o coraçaõ, onde ſe emprega o impeto do affecto, e algumas vezes com tal exceſſo, que chega a privar da vida; o que deu motivo a dizer o meſmo Poeta mais de huma vez: -- *Ao coraçaõ acode o ſangue amigo*; -- e nas ſegundas, o rubicundo agradavel, e ameno do lyrio, e da roſa ſemelhante ao que reſplendece nas faces da donzella formoſa; optima comparaçaõ, e delicadiſſimo modo de fallar: hum dos accidentes, que mais realçaõ a formoſura de qualquer dama gentil he a côr vermelha das faces, que ſó coſtumaõ apparecer com todo o luſtre nas de huma donzella, iſto he, huma dama, que inda naõ he caſada, que iſſo quer dizer *donzella* neſte lugar; poſto que ſignifique verdadeiramente mulher moça, quer ſeja ſolteira, quer ſeja caſada, como ſe vê da paſſagem em que Camões chama donzella a Dona Ignez de Caſtro no Canto III. da Luſiada Eſtança 134. -- *Tal eſtá morta a pallida donzella.* -- Sobre a qual voz fez o ſabio Manoel de Faria e Souſa huma eſpecie de diſſertaſaçaõ nos Commentarios da Luſiada muito engenhoſa, e erudita: naſce eſte vocabulo do diminutivo *Domicellus* termo da baixa Latinidade, donde derivárão os Italianos os ſeus -- *damigella*, -- os Francezes -- *de-*

moi-

moiselle, -- e nós os noſſos *donzel*, e -- *donzella* -- que naõ ſaõ menos ſonoros que os Italianos, e Francezes. Eſtylo extremamente poetico, puro, e harmonico, reſplendece neſta pintura digna de hum taõ grande Poeta. Outra mui ſemelhante a eſta, que acabamos de analyſar, e que tem baſtante analogia com a do Sá de Miranda ſe encontra no Soneto 28 do meſmo Poeta, e he a ſeguinte:

Eſtáſe a primavera transladando
Em voſſa viſta deleitoſa, e honeſta,
Nas bellas faces, e na bocca, e teſta
Cecens, roſas, e cravos debuxando.

Regaladiſſima pintura de huma eſtremada belleza. Ha tanto que dizer nella que feriaõ preciſas largas paginas: contentar-nos-hemos com indicar levemente algumas obſervações por naõ augmentar demaſiadamente o volume deſte Eſcrito. No primeiro verſo vemos a primavera perſonalizada retratado-ſe a ſi meſmo nas faces de huma dama, tirando as côres das mais bellas flores, que conſtituem a mais brilhante galla da ſua eſtaçaõ. He nobre, e maravilhoſo artificio. No ſegundo eſtá o ſubſtantivo -- *viſta* -- apartado da ſua ſignificaçaõ abſtracta, e primitiva, exprimindo metonymicamente *roſto*, termo collectivo, conſtituindo deſta maneira hum modo de exprimir cheio de ſublimidade realçada com os dous epithetos, onde eſtaõ conſignados hum attributo, e hum predicado honorifico, e com razaõ, porque, ſem coſtumes, naõ póde haver formoſura digna de reſpeitos. Nos dous que ſe ſeguem ſe achaõ deſignadas circumſtancias locaes, e accidentaes, que daõ hum brilhante, e ameniſſimo complemento á pintura, cujo eſtylo he o mais encantador pela elegancia, pela riqueza, e pela harmonia da fraſe. Neſte lugar fazendo Manoel de Faria obſervaçaõ ſobre o termo *face*, diz; que podendo naſcer da voz Latina *facies*, tem para ſi, que procede com mais

ve-

verosimilhança de algum incremento do Latino *fax*, que significa faxo, ou tocha accesa: naõ me desagrada esta preferencia: mas as etymologias remotas, naõ devem ter lugar, quando existem origens proximas, e perspicuas; porque ainda que *facies* exprima o termo collectivo *cabeça*, naõ deixa de ser raiz da voz *face* por virtude de Synecdoche, ou Metonymia, quando expoem o todo pela parte; a qual formula he patente a quem tem alguma instrucçaõ nestas materias. Outras mais circumstancias expoem aquelle sabio Filologo a este respeito no mesmo artigo, que está trabalhado com engenho, e curiosidade. Na Lusiada, Canto IX., Estança 60. vem huma bellissima pintura (como saõ todas as deste admiravel Episodio) a qual, com singular formosura, mostra a sua analogia com a passagem do Poeta Miranda: mas como as configuraçóes por onde se assemelha saõ hum tanto remotas; faz-se-me preciso transcrever todo o lugar, que he o seguinte:

Pois a tapeçaria bella, e fina,
Com que se cobre o rustico terreno,
Faz ser a de Achemenia menos dina,
Mas o sombrio valle mais ameno:
Ali a cabeça a flor Cysisia inclina
Sobolo tanque lucido, e sereno.

Nenhuma circumstancia omittio o Poeta para fazer esta passagem amena, e brilhante. A formosura da tapeçaria que cobre o rustico terreno, está designada com duas qualidades procedentes huma da outra no adjectivo *belle*, cuja força resulta do adjectivo *fino*, que exprime neste lugar idéa analoga á perfeiçaõ, donde procede o *bello*: tudo isto está pintado com tanta bizarria, que com singular facilidade se conhece, quanto nas graças da representaçaõ campestre excede o natural ao artificial, o que se acha consignado no terceiro verso, sendo o quarto como hum corollario, ou resultado poetico, onde

de se achaõ resumidas as circumstancias dispersas nos versos precedentes. Nos dous hendecasyllabos, que se seguem está a força do nosso exemplo: parece que se está vendo o lyrio, ou jacintho, expressado em *flor Cysisia*, inclinar-se sobre o tanque para se vêr no transparente do seu crystal. O derradeiro he pintura de maravilhosa delicadeza na feliz combinaçaõ dos epithetos, onde com a maior evidencia poetica está deleitando a vista o resplendor crystallino da agua, como resultado natural da serenidade, posto que alli se ache a consequencia anteposta ao antecedente. Elegancia, e harmonia a mais deliciosa, he o que mais avulta o merecimento desta bellissima pintura. No principio da Ode XII. vem outra deste genero, que ainda que naõ seja elegante como a precedente, tem singular simplicidade de conceito e frase, porque tudo nella saõ sentidos concretos:

Já a calma nos deixou
Sem flores as ribeiras graciosas:
Já de todo seccou
Candidos lyrios, rubicundas rosas.

Nesta pintura respira a innocencia da natureza despida de todo o genero de artificio. Todas as expressões saõ positivas, porque saõ de sentido concreto. *Ribeiras graciosas*, he elegancia cheia de graças da natureza. O derradeiro hendecasyllabo tem deliciosissima amenidade; parece que está cegando os olhos a brancura dos lyrios, e o vermelho das rosas accidentes expressados em dous adjectivos, que, se naõ fôraõ inventados pelo Camões, fôraõ certamente empregados por elle com destreza incognita aos Poetas do seu tempo. He notavel tambem esta passagem pela pureza do estylo, e a harmonia dos versos, tanto grandes, como pequenos. Tambem he circumstancia digna de observaçaõ, que sendo quasi todos os Poetas mais felices na metrificaçaõ de huns, que de outros versos; de sorte, que os que organizaõ bem o hende-

de-

decasyllabo, naõ tem igual destreza no septenario, octonario, &c. o Camões pelo contrario foi destrissimo em toda a qualidade de metro, e soube fazer flexiveis as suas operações metricas a todo o genero de harmonia. Outra pintura cheia de belleza tambem em sentidos concretos, e positivos, dá principio ao bello Soneto 13.

N'um jardim adornado de verdura,
Que esmaltavam por cima varias flores.

Quadro singello, que tem analogia mais remota com o que tem sido ojecto da nossa combinaçaõ. O verbo *esmaltar* no segundo verso tem manifesta belleza. A frase he clara, e harmoniosa. E demos por acabadas tantas, e taõ cansadas comparações, em que tanto nos engolfámos, que sem sahir da Cançaõ de Sá de Miranda temos feito hum volume.

Desta analyse claramente se collige, que o Sá de Miranda foi o primeiro, que deu superlativos de huma só fórma á nossa Lingua, quem lhe principiou a estabelecer hum andamento regular na sua Syntaxe, desenvolvendo-a da confusaõ de corruptellas, e barbarismos em que d'antes jazia, e adoptando-a mais ás leis da analogia. Que o Poeta Ferreira com o exemplo do Miranda, mas seguindo diversa vereda, a enriqueceo de muitas bellezas, e formulas dos antigos, lhe deo força, e elevaçaõ, e continuou ao mesmo passo em conformalla com as regras da analogia, emendando a sua Syntaxe. Que Bernardes lhe foi dando cultura, e harmonia. Que Caminha ficou neutral, ou, se fallarmos a verdade, em nada augmentou o Idioma, e antes pendeo para o corromper, e sepultar na sua antiga confusaõ. Que Camões em fim auxiliado do seu grande engenho, e Sciencia lhe estabeleceo de todo a analogia, e o enriqueceo de vozes, de formulas infinitas extrahidas das Linguas sabias, ou nascidas no elaboratorio immenso da sua grande imaginaçaõ, com as quaes trouxe os superlativos de huma só

fór-

fórma em quaſi todas as deſinencias, que conſervaõ na Lingua Latina, e determinou a indole do Idioma Portuguez, fazendo-o capaz de todos os aſſumptos, dando-lhe mageſtade, e harmonia, perſpicuidade, e atticiſmo; fazendo-o finalmente flexivel para todos os eſtylos, e capaz das mais ſublimes audacias para lhe determinar a elegancia, ſem ſe affaſtar da clareza, qualidades, que ficou conſervando como diſtinctivos perpetuos do ſeu caracter.

MEMORIAS

Da Litteratura Sagrada dos Judeos Portuguezes no presente Seculo.

POR ANTONIO RIBEIRO DOS SANTOS.

MEMORIA IV.

PASSAMOS a fallar das obras de Litteratura Sagrada, que tem appresentado os Judeos Portuguezes neste Seculo. Saõ poucas na verdade, as que entraõ nesta Memoria; mas saõ, as que só podemos ver, e conferir, ou as de que podemos ter noticia. A relaçaõ, que aqui damos, assim mesmo apoucada, e diminuta, naõ deixará de servir de alguma cousa aos amadores destes estudos.

CAPITULO I.

Das Ediçőes, e Versões dos Livros Sagrados.

OS Judeos Portuguezes de Londres, de Amsterdaõ, e da Haia insistindo na pratica, e exemplo de seus maiores appresentáraõ neste Seculo algumas boas ediçőes dos Livros Sagrados assim no Texto original, como em suas Trasladaçőes, fazendo com ellas grandiosos serviços á mesma Religiaõ Christãa, e dando novo esplendor, e ornamento aos Estudos da Litteratura Sagrada.

Ediçőes da Biblia Hebraica.

E quanto ás ediçőes da Biblia Hebraica, duas houve neste Seculo de muita valia, e estimaçaõ; o Portuguez

guez David Nunes Torres Rabbino, e Presidente da Synagoga dos Judeos Portuguezes da Haia, foi o que as publicou com grande credito de seu nome. A primeira sahio acompanhada dos *Commentarios de Raschi em quatro tomos em 12° em Amsterdaõ no anno do mundo 5460.* (de C. 1700.) *na officina de Manoel filho de José Athias.*

I. Ediçaõ de David Nunes Torres.

Os Judeos avaliaõ em muito esta ediçaõ por ser o texto impresso na mesma fórma, e maneira, em que costumaõ copiar-se entre elles os Codigos Sagrados MSS. (*a*) A segunda ediçaõ se fez tambem em Amsterdaõ, e no mesmo anno de 5460. (de C. 1700.) em 4 vol. de 12.° Nesta ediçaõ naõ vem os Commentarios de Raschi, mas taõ sómente o Texto Hebraico. (*b*)

II. Ediçaõ de David Nunes Torres.

Pelo que toca aos Livros particulares do Testamento Velho, houve separadamente huma bella ediçaõ do *Pentateuco Hebraico com as cinco Megilloth, e com as Haphtaroth em Amsterdaõ em* 5460. (de C. 1700.) *na officina de Manoel filho de José Athias.* Esta ediçaõ he obra do mesmo Judeo Portuguez David Nunes Torres, que com muito primor se apurou em a fazer correcta, e asseada. (*c*)

Ediçaõ do Pentateuco Hebraico de David Nunes Torres.

Naõ se ficáraõ os Judeos Portuguezes nas edições puramente Hebraicas dos Livros Santos; passáraõ para maior intelligencia, e aproveitamentos dos leitores a pu-

Ediçaõ da Biblia Hebraico-Espanhola de Castro.

(*a*) Vem citada esta ediçaõ por Jacob Le long na sua *Bibliotheca Sacra* p. 71.

(*b*) Tambem cita esta ediçaõ Jacob Le long no mesmo lugar acima referido.

(*c*) Desta ediçaõ se lembra Wolfio na *Biblioth. Hebraica* tom. I. e Le Long na *Bibliotheca Sacra.* Wolfio e Castro fazem mençaõ de huma ediçaõ do Pentateuco Hebraico feita em 486. (de C. 1726.) pelo R. Portuguez Salomaõ de Oliveira. Mas já notamos nas Memorias do Seculo XVII., que este Rabbi havia fallecido, segundo parecia, em 1708., e que sendo assim se lhe naõ podia attribuir esta ediçaõ.

blicar huma ediçaõ, em que com o Texto Hebreo ſe ajuntaſſe de companhia a ſua traducçaõ Eſpanhola. Tal foi a que ſe fez de todo o Teſtamento Velho no meio deſte Seculo na famoſa officina dos Proops. O Sabio, e erudito Roſſi encontrou eſta Biblia nos Judeos de Liorne, mas confeſſa que a naõ pudera conferir, e regiſtar para ſaber, ſe era a meſma Traducçaõ Ferrareſca, ou outra diverſa. (*a*) Pelo que maior lugar nos fica de dar aqui noticia della, ſegundo o que obſervamos em hum magnifico exemplar deſta ediçaõ, que fizemos entrar na Bibliotheca publica da Univerſidade de Coimbra.

Noticias deſta Ediçaõ. A portada principal vem em Hebraico, e em Eſpanhol. O ſeu titulo em Eſpanhol he o ſeguinte:

Biblia en dos colunas Hebraico y Eſpañol.

En la primera coluna el Original Hebrayco con todas Perfecciones en las letras, Puntos, y Taamim, con las Annotaciones de Or Torá poniendo cada coſa en ſu lugar.

En la ſegunda Coluna la traduccion en la Lengua Eſpañola, y buſcamos la palabra mas propria en aquella Lengua para exprimir el ſentido del Texto, para lo qual añadimos a las veces alguna palabra ( ) inter lineas para maior clareza. En caſa, y à coſta de Joſeph, Jacob, y Abrahaõ de Salomon Proops Eſtampadores, y Mercadores de libros Hebraycos y Eſpañoles en Amſterdan. Ano 5522. (de C. 1762.) 1. *vol.* fol.

Deſte modo eſtaõ as outras tres portadas deſta Biblia, variando taõ ſómente na primeira regra, que he o titulo dos livros, que ſe traduzem naquella diviſaõ, ou parte. As portadas pois ſaõ quatro; a primeira contém os livros do Pentateuco; a ſegunda os Profetas pri-

(*a*) Roſſi *De Typograph. Hebraic. Ferr.* p. 99.

mei-

meiros; a terceira os Profetas Pofteriores; e a quarta os Hagiografos. He hum tomo em folha grande, e tem duas numeraçóes huma, que comprehende defde o Genefis até o Livro II. dos Reis, e tem 332. paginas; outra que contém defde os Profetas Pofteriores até o Livro II. das Palavras dos Dias, e tem 350. paginas.

O Portuguez Abrahaõ Mendes de Caftro, foi o que poz em execuçaõ efta obra; e o outro Portuguez Abrahaõ de Moffeh de Chaves *Gabay*, ifto he, *Secretario Regente de K. K. Sepharedim*, ou *Academias* dos Judeos Efpanhoes em Amfterdaõ foi o que, como medianeiro, e commiffario de Abrahaõ Mendes, ajuftou a impreffaõ com os tres irmãos Jofé, Jacob, e Abrahaõ de Salomaõ de Proops infignes impreffores, que formofamente a defempenháraõ com todos os primores da arte; fervindo-fe das mefmas matrizes, que haviaõ fido dos dous grandes Typografos Portuguezes Jofé Manoel, e Abrahaõ Athias.

Efta ediçaõ, como fe vê de feu titulo, contém o Texto Hebreo, e a verfaõ Efpanhola, porque como fe diz na Prefacçaõ, *todo aquelle, que meditaffe na Biblia Hebraica, e duvidaffe do fentido de alguma palavra podeffe faber promptamente a fua fignificaçaõ.* He feita em duas columnas; em huma vem o Texto Original, e vem como fe promette no frontifpicio da obra com todas as perfeiçóes da Efcritura, a que tem chegado o apuramento, e a delicadeza dos Judeos; ao mefmo tempo com as annotaçóes de *Or Torá*, pondo-fe cada coufa em feu devido lugar. Na outra columna vai affentada a Traducçaõ Efpanhola, que lhe correfponde, a qual em tudo he conforme á mente dos Judeos. Affim o Texto Hebreo, como a Verfaõ começa, e acaba igualmente cada hum em fua columna fem difcrepancia de huma fó palavra, e para maior facilidade eftaõ em ambas as columnas os numeros dos capitulos, e verfos.

A ver-

A versaõ he a mesma antiga de Ferrara da correcçaõ de Athias, de que já fallamos nas Memorias do Seculo XVII. e dos dous Portuguezes Moseh Dias, e Isaac Dias, de que adiante faremos mençaõ, mas porém alterada, e reformada pelo Portuguez Abrahaõ Mendes de Castro, que em alguns lugares lhe substituio outras palavras, e maneiras de fallar, que na Lingua Castelhana se acháraõ ou mais usadas que as antigas Ferrarescas, ou mais proprias, e mais energicas para se expressar com maior fidelidade, e exacçaõ o sentido do Texto, no que esta ediçaõ ficou levando vantagem á primitiva de Ferrara, e ainda ás outras, que depois se fizeraõ della no seculo passado. (*a*)

Ediçaõ Hebraico-Espanhola dos Profetas Primeiros de Isaac da Costa.

A esta ediçaõ devemos accrescentar a outra tambem Hebraico-Espanhola, que se fez neste mesmo seculo, dos Profetas Primeiros, isto he, dos livros de Josué, dos Juizes, de Samuel, e dos Reis, em Amsterdaõ no anno da Creaçaõ do Mundo 5482. (de C. 1722.) na officina de Thomás Van Geel.

Noticias desta Ediçaõ.

Esta ediçaõ he obra do R. Portuguez Isaac da Costa illustre Rabbino da Synagoga dos Judeos Portuguezes de Amsterdaõ, que muito floreceo nos fins do seculo passado, e nos principios deste. Querendo elle illustrar os Profetas Primeiros, e fazer a sua licçaõ corrente, e fructuosa a todos, compoz huma obra, a que deu o titulo de *Conjecturas Sagradas*, de que fallaremos mais largemente no capitulo seguinte; e a dividio em quatro partes; das quaes as duas primeiras pertencem para este lugar; na primeira poz elle em huma columna o Texto

(*a*) Além do exemplar, que tem a Bibliotheca da Universidade de Coimbra, vimos outro na Bibliotheca do Convento de S. Francisco desta Corte. Faz mençaõ desta ediçaõ D. José Rodrigues de Castro, o qual vio hum exemplar na Livraria de Casa Fonda.

He-

Hebraico com toda a correcçaõ, e apuramento; na ſegunda collocou em outra columna huma nova verſaõ Eſpanhola, em que muito havia trabalhado; em ſua Parafraſe começa ſempre por pôr em Eſpanhol o verſo, que ſe explica, e quando ha dous, ou mais verſos, que trataõ do meſmo aſſumpto, os poem ſeguidamente.

Neſta traducçaõ naõ ſe cingio á letra, e idiotiſmos da Lingoa Hebraica, como até entaõ ſe havia practicado, mas attendeo unicamente ao ſentido das couſas, naõ curando do material das palavras, ſenaõ quando julgou neceſſaria a traducçaõ litteral para maior declararaçaõ, e intelligencia do Texto; com o que pertendeo evitar, ſegundo diz, o defeito dos Traductores de Ferrara, que tinhaõ ſido taxados de haverem taõ rigoroſamente traduzido á letra o Texto original, que ſobre o eſtylo aſpero, e eſcabroſo, em que eſcrevêraõ, haviaõ eſcurecido de tal modo o ſentido em alguns lugares, que ou naõ ſe podia entender bem a oraçaõ, ou ſeu ſentido ficava diverſo do que devia ſer. (*a*)

Fallemos de huma ediçaõ, que ſe fez neſte ſeculo, da Biblia Judaica puramente Eſpanhola, qual foi a que ſahio da Officina de David Fernandes. O ſeu titulo he o ſeguinte: Ediçaõ da Biblia Eſpanhola de David Fernandes.

Biblia en Lengua Eſpañola traducida de la verdad Hebraica, por muy excellentes Letrados, y aora nuevamente imprimida por David Fernandes, y corregida por D. R. Ishac de Ab. Dias. *Amſterdan año* 5486. (de C. 1726.) *tom. I.*

Profetas Poſtreros, y Eſcritos en Lengua

(*a*) Faz memoria deſta obra Wolfio na *Biblioth. Hebraica* tom. III. p. 555. e 556.

gua Española &c. na mesma Officina, e no mesmo lugar, e anno tom. II.

No fim vem a Taboa das *Parasiot.* Por ventura foi esta Biblia a que vio o erudito Rossi nos Judeos de Liorne, que diz ser feita no principio deste seculo, confessando que a naõ pudera examinar, e conferir para saber, se era alguma nova traducçaõ, ou a mesma Ferrarense. (*a*) Daremos aqui noticia desta Biblia por hum exemplar, que della temos.

Noticias desta Ediçaõ.

He dedicada por David Fernandes aos *muy Illustres Nobres, e Magnificos Senhores Administradores, e Thesoureiro da Santa Jesibi* (Academia) *de Guemilut Hasadim Isaac de Prado Presidente, Moyses de Abrahaõ Pereira, Isaac de Selomoh, Abrabanel Sousa, Isaac de Medina, e Manoel de Mordehay, Nahamias de Crasto Thesoureiro.* Saõ quasi todos Portuguezes.

Depois da Dedicatoria segue-se huma Advertencia ao Leitor, que serve de Prologo, em que se aponta a causa de se haver feito esta nova ediçaõ, qual foi o *naõ haver Biblias bastantes para meditarem na Lei Santa os irmãos vindos de Espanha, e Portugal.*

Depois da Advertencia, ou Prologo está hum Catalogo dos Juizes, que julgáraõ á Israel, e dos Profetas, e Sacerdotes maiores de seus tempos; e hum Summario dos annos desde Adaõ até o anno de 4280. do mundo tirado de *Seder Olam*; começa em Adaõ, e acaba em Rab Abdimi filho de Rab Nehemia, que vem a fazer 87 gerações. Segue-se depois a Traducçaõ.

A ediçaõ he feita sobre a Biblia Ferraresca da correcçaõ de Athias de 1661, e com os mesmos caracteres

(*a*) *De Origine Typogr. Hebr. Ferr.* p. 99.

de

de letras, e fórma mui manual para todos; e escolheo-se a de Athias pela haverem pela melhor, e mais exacta de todas quantas até entaõ se haviaõ publicado; com tudo, como entendêraõ, que a pezar de toda a diligencia de Athias havia nella alguns defeitos, os dous Portuguezes R. Mosseh Dias, e o Doutor R. Isaac de Abrahaõ Dias tomáraõ a seu cargo apurar, e aperfeiçoar esta versaõ. Assim corrigíraõ nella os erros, e faltas de palavras, e ainda de versos inteiros, que havia naquella Biblia, reformáraõ os vocabulos antigos, que já naõ estavaõ em uso, e faziaõ a leitura muito escabrosa, substituindo-lhes outros mais modernos, e correntes; tiráraõ os periodos, e as semicomas, que se apontavaõ para seguir os accentos Musicaes, por assentarem, que isto confundia, e embaraçava a oraçaõ; e emendáraõ a impropriedade das palavras, que naõ eraõ do intento do Texto Hebraico.

E porque a mesma trasladaçaõ em alguns lugares se naõ ajustava bem com a construcçaõ do sentido proprio, e verdadeiro, já por se haver seguido a letra sem attençaõ ao sentido, já por se ter dado muito ao sentido sem maior attençaõ á letra, trabalháraõ com muita diligencia por salvar estes dous extremos; porque no tocante ás palavras as fôraõ seguindo, quanto foi possivel, sem alguma transposiçaõ; e quanto ao sentido, que ás vezes estava como em potencia, e tacitamente se entendia comprehendido debaixo do mesmo Texto, o fôraõ regulando como de fóra com algumas palavras accrescentadas em letra cursiva para maior intelligencia dos leitores, o que serve de explicaçaõ, e como de supplemento, que falta, naõ ao Texto, senaõ á incapacidade de nosso entendimento, como se diz na Prefaçaõ. Apresentaremos aqui para a mostra a traducçaõ dos dous primeiros Capitulos dos Genesis.

Geneſis.

Bereſith.

CAP. I.

Maneira de traduzir o Geneſis.

I. *En principio criò Dios: à los Cielos, y à la tierra.* II. *Y la tierra era vana y vazia; y eſcuridad, ſobre faces de abiſmo: y eſpirito de Dios ſe movia ſobre faces de las aguas.* III. *Y dixo Dios ſea luz: y fue luz.* IV. *Y vido Dios à la luz, que buena: y apartò Dios; entre la luz, y entre la eſcuridad.* V. *Y llamò Dios à la luz, dia; y à la eſcuridad, llamò noche: y fue tarde y fue mañana, dia uno.* VI. *Y dixo Dios; ſea eſpandidura en medio de las aguas: y ſea apartan entre aguas, à aguas.* VII. *Y hizo Dios à la eſpandidura, y apartò entre las aguas que debaxo de la eſpandidura; y entre las aguas, que de arriba de la eſpandidura: y fue aſſi.* VIII. *Y llamò Dios à la eſpandidura, Cielos: y fue tarde y fue mañana, dia ſegundo.* IX. *Y dixo Dios, juntenſe las aguas, debaxo de los Cielos, a lugar uno; y apareſca la ſeca: y fue aſſi.* X. *Y llamo Dios à la ſeca, tierra; y à ajuntamiento de las aguas, llamò mares: y vido Dios, que bueno.* XI. *Y dixo Dios, hermolleſca la tierra hermollo; yerva aſimentan ſimiente; arbol de fruto, hazien fruto, à ſu eſpecie; que ſu ſimiente en el, ſobre la tierra: y fue aſſi.* XII. *Y ſacò la tierra hermollo, yerva aſimentan ſimiente à ſu eſpecie; y arbol hazien fruto, que ſu ſimiente en el à ſu eſpecie: y vido Dios, que bueno.* XIII. *Y fue tarde y fue mañana, dia tercero.* XIV. *Y dixo Dios, ſèan luminarias en eſpandidura de los Cielos; para apartar entre el dia, y entre la noche: y ſean por ſeñales, y por plazos, y por dias y años.* XV. *Y ſean por luminarias en eſpandidura de los cielos, para alumbrar ſobre la tierra: y fue aſſi.* XVI. *Y hizo Dios, a*

dos

dos las luminarias las grandes : à la luminaria la grande , por podestania del dia ; y à la luminaria la pequeña, por podestania de la noche, y à las estrellas. XVII. *Y diò a ellas Dios , en espandidura de los cielos : para alumbrar sobre la tierra.* XVIII. *Y para podestar, en el dia y en la noche ; y para apartar entre la luz, y entre la escuridad : y vido Dios que bueno.* XIX. *Y fue tarde y fue mañana , dia quarto.* XX. *Y dixo Dios sierpan las aguas sierpe de alma viva : y ave , que buele sobre la tierra , sobre faces de espandidura de los cielos.* XXI. *Y criò Dios à los culebros los grandes : y toda alma la viva , la removien , que serpieron las aguas a sus especies ; y a toda ave de ala a su especie, y vido Dios que bueno.* XXII. *Y bendixo a ellos Dios , por dizer ; fruchiguad , y muchiguad , y hinchid à las aguas en los mares ; y la ave se muchigue en la tierra.* XXIII. *Y fue tarde y fue mañana , dia quinto.* XXIV. *Y dixo Dios , saque la tierra alma viva à su especie ; quatropea , e removilla , y animal de la tierra , à su especie : y fue assi.* XXV. *Y hizo Dios al animal de la tierra , à su especie ; y à la quatropea , à su especie ; y à toda removilla de la tierra a su especie : y vido Dios , que bueno.* XXVI. *Y dixo Dios ; hagamos hombre en nuestra imagen, como nuestra semejança : y podeste en pescado de la mar, y en ave de los cielos ; y en la quatropea , y en toda la tierra ; y en toda la removilla la removien sobre la tierra.* XXVII. *Y criò Dios , à el hombre en su imagen ; en imagen del Dios criò à el macho y hembra criò à ellos.* XXVIII. *Y benedixo à ellos Dios , y dixo à ellos Dios , fruchiguad y muchiguad y hinchid à la tierra, y sogetadla : y podestad en pescado de la mar , y en ave de los cielos ; y en todo animal , el removien sobre la tierra.* XXIX. *Y dixo Dios , he di à vos à toda yerva asimentan simiente , que sobre faces de toda la tierra ; y à todo el arbol , que en el fruto de arbol , asimentan simiente : à vòs serà para comer.* XXX. *Y à todo animal*

mal de la tierra, y à toda ave de los cielos, y à todo removien ſobre la tierra, que en el alma viva; à toda verdura de yerva, para comer: y fue aſſi. XXXI. *Y vido Dios, à todo lo que hizo; y he bueno mucho: y fue tarde y fue mañana, dia el ſexto.*

Bereſith.

CAP. II.

I. *Y Atemaronſe los Cielos y la tierra, y todo ſu fonſado.* II. *Y atemò Dios en el dia el ſeteno ſu obra, que hizo: y holgò en dia el ſeteno de toda ſu obra, que hizo.* III. *Y bendixo Dsos à dia el ſeteno; y ſantificò a el: que en el holgò de toda ſu obra; que criò Dios, para hazer.* IV. *Eſtas generaciones de los Cielos y de la tierra, en ſu ſer criados: en dia de hazer. A. Dios, tierra y Cielos.* V. *Y todo arbol del campo, antes que fueſſe en la tierra, y toda yerva del campo, antes que hermolleſcieſſe: que no hizo llover. A. Dios ſobre la tierra; y hombre nò; para labrar á la tierra.* VI. *Y vapor ſubia de la tierra: y abrevava à todas faces de la tierra.* VII. *Y formò. A. Dios à el hombre, polvo de la tierra; y ſoplò en ſus narizes aliento de vidas: y fue el hombre, por alma viva.* VIII. *Y plantò. A. Dios, huerto en Heden de Oriente: y puzo alli al hombre, que formò.* IX. *Y hizo hermolleſcer. A. Dios de la tierra todo arbol codicioſo à viſta, y bueno para comer: y arbol de las vidas entre el huerto; y arbol del ſaber bien y mal.* X. *Y Rio ſaliendo de Heden; para abrevar al huerto: de alli ſe eſpartia y era por quatro cabeças.* XI *Nombre del uno Piſſon: el, el arrodean à toda tierra de Havilà, que alli el oro.* XII. *Y oro de la tierra la eſſa bueno: alli el criſtal, y piedra de Soan.* XIII. *Y nombre d.l rio el ſegundo, Guihon: el, el arrodean; à toda tierra de Ethiopia.* XIV. *Y nombre del rio el tercero, Hidekel; el, el andan à Oriente de Aſſiria:*

y el

y el rio el quarto, el Perat. XV. *Y tomò. A. Dios al hombre: y puſolo en huerto de Heden, para labrarlo, y para guardarlo.* XVI. *Y encomendò. A. Dios; ſobre el hombre, por dezir: de todo arbol del huerto comer comeràs.* XVII. *Y de arbol de ſaber bien y mal no comeràs del; que en dia de tu comer del, morir moriràs.* XVIII. *Y dixo. A Dios; no bueno ſer el hombre, à ſu ſolas: harè à el ayuda, como eſcuentra el.* XIX. *Y formò. A. Dios de la tierra, todo animal del campo, y à toda ave de los Cielos: y truxo al hombre por vèr que llamaria à el: y todo lo que llamava à el, el hombre alma viva, el ſu nombre.* XX. *Y llamò el hombre nombres à toda la quatropea, y à ave de los Cielos; y à todo animal del campo, y al hombre no hallò ayuda, como eſcuentra el.* XXI. *Y hizo caher. A. Dios, adormecimiento ſobre el hombre, y adormeciòſe: y tomò una de ſus coſtillas; y cerrò carne en ſu lugar.* XXII. *Y fraguò. A. Dios à la coſtilla, que tomò del hombre, y por muger: y truxola al hombre.* XXIII. *Y dixo el hombre, eſta la vez, hueſſo de mis hueſſos; y carne de mi carne: à eſta ſerà llamada muger; que de varon fue tomada eſta.* XXIV. *Por tanto dexarà varon, à ſu padre y à ſu madre: y pegarſeà con ſu muger, y ſeràn por carne una.* XXV. *Y eran ambos ellos deſnudos; el hombre y ſu muger: y no ſe avergonçavan.* (*a*)

Iſaac Delgado douto Profeſſor da Lingua Hebraica em Londres, e hum dos Judeos mais ſabios deſte ſeculo; publicou na Lingua Ingleza huma nova traducçaõ do Pentateuco, que ſahio em Londres em 1789. em 4.° (*b*)

Traducçaõ Ingleza do Pentateuco de Iſaac Delgado.

(*a*) Temos hum exemplar deſta obra, que he em 4.°, e vimos outro tambem em 4.° na Livraria do Convento de S. Franciſco deſta Corte. D. Joſé Rodrigues de Caſtro falla de hum exemplar deſta meſma ediçaõ na Livraria dos PP. da Eſcola Pia de Madrid, que diz ſer em fol. ſe naõ ha niſto alguma equivocaçaõ, duas ediçóes ſe fizeraõ entaõ no meſmo anno huma em fol. e outra em 4.°

(*b*) Pelas noticias, que nos vieraõ, devemos tello na conta dos

Eſ-

Esta obra consta de 236. paginas, e he dedicada ao Bispo de Salisbury. Depois da Dedicatoria segue-se hum exordio judicioso, em que o Author dá a saber aos leitores o intento, que teve em fazer aquella traducçaõ, que fôra só para uso da sua familia, reconhecendo que o estylo naõ era assaz polido para a dar á luz; que depois porém se resolvêra a publicalla movido por conselho de alguns amigos, principalmente do Doutor Owen Reitor de Santo Olavio, os quaes julgáraõ, que sua obra seria de grande aproveitamento para todos; pede que se naõ repare na pobreza de seu estylo, e no pouco polimento da sua linguagem; reconhece as grandes difficuldades, que ha em traduzir as Santas Escrituras, e confessa, que semelhante empreza demanda cabedal de muitas sciencias para capasmente se desempenhar, as quaes apenas se pódem encontrar em huma só pessoa. Julga porém ao mesmo tempo ser obrigaçaõ de todo o homem, que entende bem a Lingua Hebraica, principiar huma obra semelhante, e continuar até onde a poderem levar as suas forças, deixando a outros o adiantamento, correcçaõ, e perfeiçaõ da sua empreza.

Pelo que toca a esta traducçaõ trabalhou desveladamente pela fazer muito correcta, e apurada; elle tinha observado, que a versaõ Ingleza, que até entaõ corria, era escura em muitas passagens, que tinha em alguns lugares contradicções apparentes, que n'outros confundia o sentido do Texto, e n'outros se apartava da verdadeira significaçaõ das expressões Hebraicas. Estes defeitos pertendeo elle evitar na sua nova traducçaõ, esmerando-se em a fazer clara, e exacta, e mais accommodada, quanto lhe fosse possivel, á expressaõ Hebraica.

Judeos Portuguezes, como originario por seus pais de Portugal. Acha-se noticia delle, e da sua obra na *Revista Critica, ou Annaes de Litteratura de Londres do mez de Maio de* 1790.

Pa-

Para isto collocou em huma columna a versaõ Ingleza, que elle emenda, e na outra a sua nova traducçaõ, ou correcções, pondo no fim da pagina as notas, e observações, que saõ proprias para illustraçaõ da materia, que vai tratando.

Quanto ao Texto nos lugares, em que elle vio que o seu sentido era ambiguo, e que na Escritura naõ achava passagens, que sufficientemente o authorizassem para por ellas os entender, e declarar, absteve-se de os interpretar a seu arbitrio, traduzindo o Texto ao pé da letra, e deixando-o tal, qual elle estava. Nos outros lugares porém tratou de expressar o sentido, e entendimento do Texto segundo lhe pareceo mais proprio pelas passagens analogas, e parallelas, que achou nas Escrituras; acompanhando a sua traducçaõ com varias observações, e annotações relativas ao sentido litteral do Texto para justificar o seu methodo de traduzir.

Parece ser inimigo declarado do methodo de corrigir o original pela confrontaçaõ dos Mss., e versões. *Eu nunca me aproveitei*, diz elle, *do methodo pernicioso de suppôr hum erro na Escritura comettido pelos copistas, que copiáraõ a Biblia da Collecçaõ de Esdras, e de seu Synodo, pois que elles o entregáraõ tal, qual o tinhaõ achado d'antes, naõ ousando mudar nella huma só letra. Depois disso ella foi preservada pelos Massoretas com a mesma pureza, com que a haviaõ recebido de seus maiores, o que provaõ as minhas observações sobre Josué no C. XXI. v. 36. e he digno de reparo, que por todo o mundo, aonde ha Congregaçaõ de Judeos, se naõ acha huma grande differença em suas Biblias Hebraicas. Eu considero pois como irreverencia pertender corrigir o Original Hebraico pelas differentes lições, que se achaõ nos Mss., que ha em mãos particulares.*

El-

Elle confiderou, que as grandes difficuldades, que havia em traduzir as Santas Efcrituras, vinhaõ principalmente da mefma natureza da Lingua Original, e do methodo particular dos Efcritores Sagrados. Para vencer pois huma parte deftas difficuldades tomou entre outras as feguintes cautelas: I. vendo que o Hebraico naõ tinha mais do que dous tempos, o Preterito, e o Futuro, cuidou em fupprir a diftinçaõ dos tempos *Imperfeito*, *Perfeito*, *e mais que Perfeito*, ou do modo *Indicativo*, *Conjunctivo*, *Potencial*, ou *Optativo*, fervindo-fe com huma prudente, e exacta critica do contexto do difcurfo; II. como huma letra no principio de huma palavra, muitas vezes ferve de prepofiçaõ, outras de huma letra radical, por efta razaõ quando vio, que hum periodo naõ era fufficientemente intelligivel, tomando-fe como prepofiçaõ, elle o fez fervir de letra radical, quando achou que affim ficava mais facil de fe entender; III. como os Judeos tem poucas efcrituras claffícas em Hebraico, e muitas vezes fuccede encontrar-fe huma palavra, que apparece fómente huma unica vez na Efcritura Sagrada, nefte cafo elle a traduzio fimplefmente conforme concordava com o feu Contexto; IV. confiderando, que alguns verbos, ou nomes, além da fua accepçaõ vulgar, ferviaõ tambem para huma fignificaçaõ inteiramente differente, todas as vezes que elle vio, que o periodo, aonde vinhaõ femelhantes palavras, naõ era per fi baftantemente claro, examinou outras paffagens, aonde fe achavaõ aquellas palavras com outra fignificaçaõ diverfa, e por ellas interpretou o fentido do Texto. V. Esforçou-fe por fazer a fua traducçaõ clara nos lugares em que fe achava tranfpofiçaõ de periodos, como quando fe conta a execuçaõ de algum mandado immediatamente depois que fe elle deo, naõ fe achando ao mefmo tempo relatadas algumas das fuas circumftancias, fenaõ depois de fe narrar a fua execuçaõ; o que he de confufaõ, e embaraço para qualquer Traductor, que naõ tem a liberdade de trocar, e inver-

ter

ter a ordem dos periodos, e dos verſos. VI. Teve conta com o eſtylo dos Eſcritores Sagrados, que muitas vezes uſaõ indifferentemente do futuro em lugar do paſſado, ou pelo contrario do paſſado em lugar do futuro, maiormente nos Hymnos, e nas visões Proféticas, o que elle diz ſer huma apparente contradicçaõ, que ſe naõ deve ter por imperfeiçaõ dos Eſcritores Sagrados; pois que ſe nós conheceſſemos a antiga pronunciaçaõ do Hebraico, achariamos que aquellas mudanças produziaõ huma extraordinaria ſuavidade na harmonia dos verſos; VII. teve ſempre em viſta o uſo da particula את, que poſto que de ordinario denote o accuſativo, quando ſegue o verbo, tambem ſerve para ſignificar o nominativo, moſtrando por aquelle modo a identidade da peſſoa. VIII. Attendeo muito á tranſpoſiçaõ das letras de huma palavra radical, que he outra grande difficuldade, que ha para ſe traduzir exactamente &c.

CAPITULO II.

Dos Eſcritores Judeos, que eſcrevêraõ obras de Litteratura Sagrada.

SEgue-ſe darmos neſte Capitulo a noticia dos Eſcritores Judeos, que compozêraõ, ou publicáraõ obras de Litteratura Sagrada neſte ſeculo, os quaes ſaõ os ſeguintes:

A

R. Abrahaõ Mendes de Caſtro. Veja-ſe o Cap. I. no artigo da Biblia de 5522. da Officina dos Proops. R. Abrahaõ Mendes de Caſtro.

D

R. David Neto filho de Pinchas; naſceo em Veneza, mas de pais Portuguezes. Foi primeiro Medico, e Prégador em Liorne, donde paſſou para Londres em R. David Neto.

1701. chamado para alli ser Presidente da Synagoga dos Judeos Portuguezes ; morreo em 1728. seu filho Isaac Neto recitou huma Oraçaõ Funebre nas suas exequias tomando por thema o vers. 19. do Cap. XIV. do Exodo; outra fez D. Isaac de Sequeira Samuda em Portuguez com o thema do vers. 19. do Psalmo CIV., que sahio em Londres em 488. (de C. 1728.) e traz no fim hum Epitafio Portuguez, que transcreve Wolfio ; (*a*) outra fez Jacob de Castro Sarmento sobre o vers. 33. do Cap. XXVI. do Exodo, que se publicou tambem em Londres no mesmo anno junto com a de Jsaac Neto.

Era tido em conta de grande Medico, e Filosofo, e de varaõ mui douto na Astronomia, na Chronologia, e na Historia Ecclesiastica. As suas obras daõ testemunho de sua vasta litteratura. (*b*) Taes saõ as seguintes :

Pascalogia.

Pascalogia, ou verdadeiro discurso da Pascoa, em que se assinaõ as razões de differença sobre o tempo de celebrar a Pascoa entre a Igreja Latina, e a Grega, e da mesma sorte entre estas, e a Synagoga Hebréa desde o Concilio de Nicea até á reformaçaõ Gregoriana ; e desta até o anno de 1699., *e dahi em perpetuo: dividida em V. Dialogos, e consagrada á Alteza Reverendissima de Francisco Maria Cardeal de Medicis por David Neto Rabbino, e Professor de Medicina. Colonia ann.* 1702. 8.°

Esta obra he escrita em Lingua Italiana ; nella

(*a*) *Bibliotheca Hebraica* Tom. IV. p. 809.

(*b*) Delle fazem memoria Joaõ Gagnero nas suas *Advertencias* á ediçaõ do Pseudo Gorionides, que vem na *Bibliotheca Selecta* de Joaõ Le Clerc tomo XXV. P. I. n. . . Wolfio na *Bibliotheca Hebraica* tom. I. p. 324. e seg. tom. III. p. 201. e tom. IV. p. 809. e seg. e Castro na *Bibliotheca Espanhola* p. 608. Este Author he hum dos que devem accrescentar-se na *Bibliotheca Lusitana* de Barbosa.

se

ſe deſcobre o grande fundo de erudiçaõ, que tinha David Neto.

Da Divina Providencia, ou ſeja Natureza univerſal, ou Natureza naturante; Tratado Theologico dividido em dous Dialogos. Londres ann. 464. (de C. 1704.) 4.° *na Officina de Jacob Dover.* Livro de Divina Providencia.

Eſta obra tambem he eſcrita em Italiano; nella pertende moſtrar o ſeu Author, que eſtes termos, ou fraſes ſaõ de huma meſma ſignificaçaõ, e uſo, e traz para iſſo os lugares da Eſcritura Sagrada, do Talmud, e do Sohar, e Medraſchim. O motivo, que teve para eſcrever eſta obra, foi haver-ſe entendido, que pela maneira, porque fallára da Natureza em hum Sermaõ, que havia prégado, impugnára a Providencia Divina; quiz pois ſalvar-ſe neſta obra da imputaçaõ, que lhe haviaõ feito, moſtrando que *Deos, e a Natureza naturante*, como elle lhe chamára, era o meſmo na Sagrada Eſcritura, e nos livros de ſeus Maiores. Traz no fim huma Carta eſcrita a R. Zeni Aſchkenaſi por Moyſés de Medina em nome dos principaes Rabbinos da Synagoga de Londres ſobre a *Divina Providencia*, e a repoſta de R. Zeni a eſta carta em Lingua Hebraica, e com a traducçaõ Eſpanhola. Foi reimpreſſa eſta obra, e mais correctamente em Londres ann. 476. (de C. 1716.)

Sermon y Problematico Dialogo. Londres 463. (de C. 1703.) *em* 4.° Sermaõ.

Los Triunfos de la Pobreza, Panegyrico predicado en la ſoleñidad de la fundacion de la pia y Santa hebra de Bikur Holim. Londres. 469. (de C. 1709.) Triunfos da Pobreza.

He feita ſobre o C. XXII. de Levitico v. 28. no fim vem as leis daquella ſociedade.

Noticias dos tempos.

Noticias dos tempos. Londres. 5478. (de C. 1718.) *em* 12.°

He hum Calendario Judaico em Hebreo, e Efpanhol para fe conhecerem as Luas Novas, feftas, e jejuns desde o anno de 478. até 560. ifto he, defde 1718. até 1800., e tambem os Eclipfes annuaes, Solares, e Lunares.

Fogo da Lei.

Es Dath, ifto he, *Fogo da Lei. Londres* 5475. (de C. 1715.) 8.° *na officina de Thomás Illive.*

Efta obra he efcrita em Hebraico; nella fe impugna a doutrina de R. Nechemia Chaijon. Della fe fez huma Traducçaõ em Efpanhol, que fahio no mefmo anno, e na mefma Cidade com efte titulo: *Fuego Legal, compuefto en ydioma Hebraico, y traducido en Romance.*

Preces.

Preces para o principio do Anno. Londres 1728. 8.°

Vara de juftiça.

Matteh Dan Vecuzari Chelech Seni, ifto he, *Vara de Juflicia y fegunda parte del Cuzari, donde fe prueva con razones naturales, irrefragables demonftraciones, y reales confequencias la verdad de la Ley Mental recebida por nueftros Sabios Authores de la Mifnáh, y Guemará: compuefto en Londres. Año* 5474. (de C. 1714.) *em* 4.° *na officina de Thomás Illive con licença de los Señores del Mahamád.*

Expofiçaõ defta obra.

He dedicada efta obra *aos muy illuftres, e nobres Senhores Parnaffim e Gabay do K. K. de Sahar Haf-*

fa-

ſamaym; e ſaõ elles: *Iſaac Fernandes Nunes Preſidente, Jacob Jeſſurum Alvares, Pinhas Gomes Serra, Jacob Hayin Gabay.* E eſta dedicatoria he datada em Londres do 1.° de Veadar 5472.

A obra he eſcrita em Hebreo, e em Eſpanhol; o ſeu Author a compoz para rebater a Seyta dos Karaitas, que havia ſido introduzida por Hanem em Babylonia pelos annos da Creaçaõ do mundo 4520. a qual convinha com a dos Sadduceos em negar a tradiçaõ; dizendo, que era ſuperflua a doutrina tradicional dos Meſtres Authores da Miſcná, e Gemará, por ſer a palavra de Deos de ſi taõ clara, e intelligivel, que naõ neceſſitava das gloſas, e expoſiçaõ dos homens; eſta ſeyta corria ainda em ſeu tempo na Polonia, na Ruſſia, na Valaquia, em Conſtantinopla, em Jeruſalém, em Damaſco, no Cayro, na Tartaria, e na Ethiopia.

Diz que poz ao livro o nome de *Matteh Dan*, e ſegunda parte do *Cuſari*; que *Matteh Dan*, quer dizer: *Vara de Juſtiça por ſer huma rigoroſa Vara de Juſtiça, que caſtiga os Karaitas com os ſenſiveis golpes da verdade, e da razaõ*; e que além diſto lhe chamou: *Matteh Dan por eſtar ſeu nome David Nieto cifrado nas letras iniciaes de Dan*: que accreſcentára, *ſegunda parte de Cuſari*: porque o Rab. R. Jehudah Levi hum dos mais eminentes ſabios de Eſpanha, e mui douto, e conſummado em todas as Sciencias Divinas, e humanas, havendo tratado amplamente da verdade da Lei eſcrita, ſó de paſſagem fallára da Lei vocal, *deixando-lhe eſte campo aberto ao ſeu emprego*; *por donde entre elle, e o dito Rab. R. Jehudah ficaria provada, e demoſtrada a verdade de toda a Lei Eſcrita, e Mental, e ficariaõ convencidos os que a negavaõ.*

Diſpoz a obra em fórma de perguntas, e reſpoſtas por haver, que eſte modo era muito efficaz para enſi-

nar,

nar, e imprimir no entendimento do Leitor a força das demonſtrações. Dividio o livro em cinco Dialogos; no I. prova pelas Eſcrituras, que no tempo dos Profetas ſeus authores havia Lei Mental; no II. que era impoſſivel, que os ſabios houveſſem inventado a explicaçaõ da Lei, e os Preceitos; no III. que as controverſias dos ſabios nunca fôraõ ſobre os Principios recebidos, mas taõ ſómente ſobre a explicaçaõ de alguns delles; no IV. que elles eraõ verſados em todas as Sciencias, e grande vantagem levavaõ aos Filoſofos, ainda nas queſtões, que eſtes coſtumávaõ mover; V. finalmente que ſe manifeſtava, e comprovava mais a ſua verdade pela diſpoſiçaõ do Calendario Hebraico; e por eſta occaſiaõ reſponde ás fortes objecções, que recreſciaõ contra elle.

Noticias recondi-tas, e poſthu-mas.

Noticias reconditas, y poſthumas del procedimento de las Inquiſiciones de Eſpaña y Portugal con ſus preſos, divididas en dos partes: la primera en idioma Portuguez; la ſegunda en Caſtellano deducidas de Authores Catholicos Apoſtolicos y Romanos eminentes por dignidad, ò por letras: obras curioſas como inſtructivas, compiladas, y anadidas por vn Anonymo. En Villa Franca 1722. 8.°

O lugar da impreſſaõ deſta obra he ſuppoſto; porque foi impreſſa em Londres. Na Primeira Parte vem huma narraçaõ da Inquiſiçaõ de Portugal, que ſe diz ſer eſcrita por hum Secretario da meſma Inquiſiçaõ, que havia hido para Roma em 1672, e a havia appreſentado ao Collegio dos Cardeaes. Nella vem tranſcripto hum Alvará do Senhor Rei D. Joaõ IV. de 26 de Fevereiro de 1649, ſobre a maneira, com que devem proceder os Inquiſidores contra os Hereges, em que mandava ſe naõ adquiriſſem para o Fiſco os bens dos Judeos condemnados pelos crimes de hereſia, apoſtaſia, e Ju-

Judaiſmo. Na ſegunda Parte vem entre outras couſas as Leis de Innocencio XI. de 1681, dadas aos Inquiſidores de Portugal. (*a*)

Concordancias Talmudicas.

Concordancias Talmudicas.

Tinha já promptos para ſe imprimirem quatro grandes volumes deſta obra.

R. David Nunes Torres.

R. David Nunes Torres natural de Lisboa. (*b*) Foi Prégador na Synagoga de Amſterdaõ, e Membro da Academia chamada *Charitativa*, e Preſidente da Synagoda dos Judeos Portuguezes da Haya, morreo já neſte ſeculo em 1728. Elle foi o que cuidou, como já diſſemos nas *Notas do Cap. I.* da ediçaõ da Biblia Hebraica com o Commentario de Raſchi em 4. tomos em 12.° em Amſterdaõ no anno 5460. (de C. 1700.) e da outra ediçaõ da meſma Biblia, que ſe fez no meſmo anno, e na meſma Cidade do Texto Hebreo ſem o dito Commentario; e tambem da ediçaõ do Pentateuco Hebraico em Amſterdaõ, e no meſmo anno com as cinco *Megilloth*, e com as *Haphtharoth* em 12.°

Seus eſcritos.

Fez além diſto de companhia com R. Salomaõ Je-

(*a*) Deſta obra faz mençaõ Wolfio na *Bibliotheca Hebraica* tom. III. p. 204. e 205. da qual naõ falla Caſtro na *Bibliotheca Eſpanhola.* Alguns quizeraõ attribuilla ao P. Antonio Vieira, dizendo, que elle a compozera por occaſiaõ da Cauſa, que houve no ſeculo paſſado dos Chriſtãos Novos com o Santo Officio; o cunho naõ nos parece delle; além do que o papel, que diſto vimos, attribuido ao dito P. he diverſo da obra de David Neto, ainda que tenha o meſmo titulo, e traga na I. Parte muitas couſas, que ſe achaõ tambem neſte Acaſo David Neto as copiou do papel attribuido á Vieira; o Cavalleiro Oliveira atteſta, que em Hollanda ha muitos exemplares deſta obra, mas que os meſmos Judeos a naõ tem em grande conta.

(*b*) Barboſa na *Bibliotheca Luſitana* o poem naſcido em Amſterdaõ, mas de pais Portuguezes. Caſtro na *Bibliothaca Eſpanhola* o faz natural de Lisboa, no que nos confirmamos com as noticias, que tivemos.

hu-

huda Leaõ duas novas edições mais correctas dos dous livros seguintes :

Schulchan Aruch. Amsterdaõ 1698 8.°

Jad Chasaka. Amsterdaõ ann. 462. (de C. 1702.) fol. 4. vol.

Esta ultima obra he de Maimonides. (*a*)

Saõ composições originaes de David Nunes os dous livros seguintes :

Bibliotheca Hebraica com Commentario. Amsterdaõ 1700. *em* 4.° 2. *tomos* (*b*)

Livro de Sermões em Portuguez. P. I. em Amsterdaõ em 5450. (de C. 1690) 4.° *P. II. em Amsterdaõ em* 5451. (de C. 1691.) 4.°

O terceiro Sermaõ da Primeira Parte tem por assumpto mostrar a excellencia da Lei de Moysés. (*c*)

(*a*) Fazem memoria destas obras Barros p. 153. e Wolfio tom. III. p. 201. e 1041. e em outros lugares, e estas noticias faltaõ na *Bibliotheca Espanhola* de Castro.

(*b*) A Barbosa pareceo, que esta obra seria acaso de outro Author do mesmo nome, pela grande distancia, que Wolfio assignava entre ella, e as outras obras. Tambem faltaõ estas noticias na *Bibliotheca* de Castro.

(*c*) Wolfio faz mençaõ destes Sermões na *Bibliotheca Hebraica* tom. III. p. 201. e tom. IV. p. 809. delles falla tambem a *Biblioth. Raisonnée* tom. I. pag. 335. Barbosa data a impressaõ de 5430. (de C. 1649.) no que julgamos haver engano, porque a ediçaõ, que vimos, he de 1690. e de 1691., que acima referimos.

G

Gabriel de Soufa e Brito, natural de Lisboa, aonde nafceo no meio do feculo paffado. Affiftio em Amfterdaõ, e vivia ainda por 1719. Era muito inftruido na Arithmetica, Cofmografia, e Difciplinas Militares, como moftrou em fuas obras. He delle a feguinte, que pertence á Litteratura Sagrada: Gabriel de Soufa e Brito.

Inftrucçaõ, ou Doctrina dos principaes Artigos da Fé Judaica, com huma fummaria confiffaõ delles, de novo imprimido com hum Catalogo de virtudes. Haya 482. (de C. 1728.) 8.° (*a*)

J

R. Jacob de Caftro Sarmento, antes Henrique; nafceo em Bragança em 1691. Eftudou Artes em Evora, e Medicina em Coimbra; paffou depois á Londres em 1721. aonde eftudou de novo Filofofia Experimental, Medicina, Mechanica, Chymica, e Anatomia. Em 1725 foi admittido ao Collegio Real dos Medicos. Em 1730 foi nomeado Socio da Sociedade Real de Inglaterra; e em 1736 foi feito Doutor do Gremio da Univerfidade de Aberden em Efcocia. Era havido por infigne Medico, e grande nome alcançou por fuas obras de Filofofia, e Medicina. Pelo que pertence á Claffe de Litteratura Sagrada, compoz elle os livros feguintes: R. Jacob de Caftro. Seus efcritos.

Exemplar de Penitencia dividido em tres Difcurfos Predicaveis para o dia Santo de

(*a*) Refere efta obra Wolfio na *Bibliotheca Hebraica* tom. III. p. 169. Barbofa naõ faz della mençaõ; acafo pela naõ ver naõ contou o feu Author no numero dos Efcritores Judeos: Caftro tambem o naõ traz na fua *Bibliotheca.*

Kipur dedicado ao Grande, e Omnipotente Deos de Ifrael. Londres 5484. (de C. 1724.)

Extraordinaria Providencia, que el Grande Dios de Ifrael vsò con fu efcogido pueblo en tiempo de fu mayor afflicion por medio de Mior Mordehay, y Efter contra los protervos intentos del tyranno Aman. Compendiofamente deducida de la Sagrada Efcritura en el feguinte Romance. Londres 5484. (de C. 1724.)

He o livro de Efther reduzido a verfo Caftelhano.

Sermaõ funebre ás deploraveis memomorias do mui Reverendo, e Doutiffimo Haham Afalem Morenu A. R. o Doutor David Netto infigne Theologo, eminente Prégador, e Cabeça da Congregaçaõ de Sahar Haffamaym. Londres 5488. (de C. 1728.) 8.° (*a*)

R. Ifaac de Abrahaõ Dias. R. Ifaac de Abrahaõ Dias. Veja-fe o C. I. no artigo da Biblia de Amfterdaõ de 5686. na officina de David Fernandes.

R. Ifaac da Cofta. R. Ifaac da Cofta Rabbino de Amfterdaõ floreceo nos fins do feculo paffado, e principios defte. Já fallamos no Cap. I. da nova verfaõ que elle deo, dos Profetas Maiores no feu Livro das *Conjecturas Sagradas.*

(*a*) Fallaõ delle Wolfio, e Barbofa nas fuas *Bibliotheeas*; falta o artigo defte Author na *Bibliotheca Efpanhola* de Caftro, que fó falla defta oraçaõ no artigo de David Neto. Temos hum exemplar defta oraçaõ, e tem outro o Excellentiffimo e Reverendiffimo D. Fr. Manoel do Cenaculo Bifpo de Béja, e outro o noffo particular amigo, e honrador Luiz Joaquim Corrêa da Silva, Collegial do Real Collegio das Ordens Militares, e Lente da Faculdade de Leis.

Re-

Refervamos para efte lugar fallar mais largamente defta obra, e fazer particular mençaõ da Parafrafe, com que elle acompanhou a fua traducçaõ: o Titulo da obra he o feguinte:

Conjecturas Sabradas fobre los Prophetas primeros collegidas de los mas celebres expofitores, y difpueftas en contexto paraphraftico por el H. R. Ishac de Acofta, las dirige à los muy illuftres, y magnificos S. Señores Parnafim y Gabay del K. K. de Nephafoth Yeuda: en Leyden en Cafa de Thomas Van Geel an. 5482. (de C. 1722.) Conjecturas fagradas.

Efta obra dividio elle em quatro partes como já differnos; na primeira poz em huma columna o Hebreo, na fegunda collocou defronte a Traducçaõ; na terceira apprefentou a Parafrafe, e na quarta, e ultima poz notas fobre as coufas mais importantes, ou que neceffitavaõ de maior declaraçaõ, e illuftraçaõ. (*a*) He dedicada a obra a Jacob Pereira Brandaõ Prefidente, a Ifaac da Silva Cardofo, a Ifaac R. da Silva, e a Daniel Henriques de Soufa Gabay. Seguem-fe as approvaçóes de H. R. R. David Neto, e de Ailion; e vem depois a delineaçaõ de toda a obra, que ferve como de Prologo. Exposiçaõ defta obra.

Nefta Prefaçaõ fe alarga R. Ifaac fobre o merecimento das Parafrafes; diz, que ellas fôraõ fempre muito eftimadas por duas razões; I. porque feguindo methodicamente o Texto original refolvem brevemente as duvidas, e aclaraõ com fuccintas palavras, o que he obfcuro no feu fentido; II. porque fendo efcritas na lingua vulgar aproveitaõ a todos, vifto ferem poucos os que andaõ curfados na Lingua Santa; accrefcenta, que por

(*a*) Defta obra falla Wolfio na *Bibliotheca Hebraica* tom. III. p. 555. e 556. e Caftro.

esta razaõ todas as Parafrases dos Judeos se achavaõ postas em Chaldeo por haver sido a Lingua vulgar entre elles depois de sua transmigraçaõ a Babylonia; que naquelle tempo era a Parafrase de Onkelos, a que servia nas Synagogas, na explicaçaõ do Texto Sagrado para maior intelligencia dos que naõ sabiaõ a Lingua Santa; que isto deixára de se practicar depois, por se haver feito o Chaldeo com as novas transmigações menos intelligivel, que o Hebreo; que florecendo depois os Judeos com os Arabes da nossa Espanha se escrevêraõ tambem algumas Parafrases, e outras obras de grande erudiçaõ em Lingua Arabiga com applauso dos mesmos Arabes mais doutos, e de seus Reis; que algumas fôraõ traduzidas pelo R. Juda Aben Tibbon; e que seguindo esta maxima R. Isaac Aboab dera á luz em o anno de 5441. a sua Glossa Parafrastica sobre os cinco livros de Moysés em Lingua Espanhola, a qual sahíra taõ excellente, que o mesmo era ler aquella Glossa, que a Parafrase Chaldaica, ou Commento de R. Selomó.

Concluido o Prologo começa a sua obra no Cap. I. com este titulo:

Conjecturas Sagradas sobre el libro de Jehosúah.

E principia sempre fazendo huma excellente exposiçaõ, do que se contém em cada Capitulo. O erudito D. José Rodrigues de Castro traz a dos primeiros Capitulos, que aqui transcreveremos, para que o leitor possa formar maior idéa da maneira, porque elle trabalhou nesta obra.

CAP. I.

Maneira de fazer a exposiçaõ de cada Capitulo.

Expone la memoria que hizo Dios con Josue de la muerte de Moisés; el Precepto que le impone de que pa-

passe el Jordan con el Pueblo; la promessa que le hace de favorecerle como à Moises; las demarcaciones que señala a los Israelitas en la tierra de promission; los repetidos avisos que da à Josue acerca de la mas exacta observancia de la divina Ley, para no ser vencido de sus contrarios; la disposicion de Josue para que el Pueblo se proveyesse de lo necessario para passar el Jordan; su precaucion en hacer ratificar à las tres Tribus (esto es à el Reubenita, à el Gadità, y à el medio Tribu de Menaseh), *antes de passar el Jordan, la capitulacion y concierto que con ellas havia hecho Moises; y la revalidacion que estas Tribus hicieron de esta capitulacion, con la palabra que dieron à Josue de serle tan obedientes en todo como à Moises, con tal que fuesse en cosa aprobada de Dios.*

CAP. II. p. 6.

Trata de los dos Exploradores (esto es Pinhas y Caleb) *que embiò secretamente Josue desde los Sitim, ò llanos de Moab, para que diessen vista al Pais y à la Ciudad frontera de Hericò; de la llegada de estos Exploradores à Xericò; posada que en esta Ciudad tomaron en casa de Raxab, muger publica, que los escondiò en un aposento; del recado que la embiò el Rey de Xericò, para que los hiciesse salir de su Casa, porque eran Exploradores; de la respuesta de Raxab, y del ardil de que esta usò para ocultarlos; de las precauciones que se tomaron por orden de el Rey de Xericò para prenderlos: del razonamiento que Raxab tuvo con dichos Exploradores, y mercedes que les pediò, assi para ella como para sus padres, y deudos quando entrassen los Israelitas en aquella tierra; de la offerta que ellos le hicieron no solo de conservales là, sino tambien de instruirlos en la verdadera Religion; del medio de que se valiò Raxab para dar escape à dichos Exploradores; de las prevenciones que estos le hicieron para*

su

ſu reſguardo y el de los de ſu familia, para quando entraſſe el exercito de los Iſraelitas en aquella ciudad; de la vuelta de los Exploradores; y de el informe que dieron à Joſue de quanto les havia paſſado en ſu viage.

CAP. III. p. 11.

De la madrugada de Joſue; de ſu marcha con el Pueblo à las margenes del Jordan, en donde paſſaron la noche; de la diſpoſicion de Joſue en quanto à que los Sacerdotes llevaſſen el Arca del Señor delante del Pueblo; reglas que preſcribiò à eſte en ſu marcha; y del milagro de la ſeparacion y ſuſpenſion de las aguas del Jordan para que le paſſaſen à pie enxuto los Iſraelitas.

CAP. IV. Pag. 15.

De las doce piedras, que para mayor oſtentacion de eſte prodigio mandò llevar Joſue ſobre el ombro à cada uno de los doce Varones, que por Tribus habia elegido para acompañar el Arca en el paſſo del Jordan; de la detencion de eſta Arca, y la de los doce Varones que la acompañaban en medio del Jordan, haſta que acabaron de paſſar los Iſraelitas, y Joſue concluiò la platica que tuvo con eſtos, renovandoles la memoria de la condiciones y clauſulas con que Dios los ponia en poſſeſſion de aquella tierra, y los daños que ſe les ſeguirian ſi no expugnaban ſus moradores: del lugar que tomò el Arca delante del Pueblo, luego que los Iſraelitas paſſaron el Jordan, y como iba acompañada de cerca de quarenta mil hombres; del milagro que ſuccediò con los Sacerdotes que llevaban el Arca, al mandarles Joſue que ſubieſſen del Jordan; y de la union de las aguas de eſte que ſe habian ſeparado para el paſſo de los Iſraelitas; del dia en que eſtos ſubieron del Jordan, y del en que ſe circuncidaron; y de que Joſue hizo levantar en el Guilgal las doce Piedras, que llevaron ſobre

bre ſus onbros los doce Varones, para demoſtracion de haber paſſado el Jordan à piè enxuto los Iſraelitas.

CAP. V. Pag. 20.

De la conſternacion de los Reyes del Emorèo y del Quanabanèo, por el milagro obrado por Dios con los Iſraelitas en el paſſo del Jordan; de la ſegunda circunciſion de los hijos de Iſrael; de que eſtos poſaron en el lugar llamado por Dios Guilgal, que es lo miſmo que Remiſſion; de la celebracion del Peſah; de la aparicion del Angel à Joſue; y de la ſumiſſion con que eſte obedeciò à ſus ordenes.

CAP. VI. Pag. 25.

De lo expugnable que era la ciudad de Hericò por las fortificaciones que tenia: del orden que diò Dios à Joſue para la conquiſta de eſta ciudad: del cumplimiento de eſte orden por Joſue, y de las prevenciones que para ſu exacta obſervancia hizo al Pueblo: de la milagroſa toma de Hericò: de lo que favoreciò Joſue à Raxab, en reconocimiento de lo que eſta havia hecho con los exploradores; y de la maldicion que echò Joſue al que intentaſſe reedificar la ciudad de Hericò.

CAP. VII. Pag. 32.

De la contravencion de los Iſraelitas al precepto de Joſue, en quanto à que no tomaſſen de la Anathema: de los varones que embiò Joſue deſde Hericò à el Hay para explorar la tierra: de la reſpueſta que dieron: de la victoria de los del Hay ſobre los Iſraelitas: del ſentimiento de Joſue por eſte contratiempo: de las quexas que dà à Dios por el: de la indignacion de Dios por el peccado de los Iſraelitas: de lo que Dios mando executar à Joſue para el deſcubrimiento de los delin-

quen-

quentes: de la confeſſion que hizo Haxan del delito que habia cometido: de como fue apreſado y quemado Haxan, y con el ſus hijos y hijas, y quantos bienes tenia.

CAP. VIII. Pag. 40.

De lo que Dios ordenò à Joſue para tomar el Hay: de las diſpoſiciones de Joſue para ſu cumplimiento; de lo acaecido en la toma de el Hay, quema de eſta ciudad, y murete de ſu Rey: de el Ara edificada por Joſue en el Monte de Hebal: de que fueron eſcritos los preceptos de la Ley de Moyſes en las doce Piedras; y de que Joſue leyo à todos la bendicion y maldicion, y todo quanto contenia el libro de la Ley.

CAP. IX. Pag. 46.

De la coligacion de los Reyes de Tierra Santa contra los Iſraelitas: del ardid de que uſaron los Guibhonitas para tener paces con los Iſraelitas; y de la maldicion que les echò Joſue por ſu eſtràtagema, condenandolos à que ſervieſſen entre los Iſraelitas los miniſterios màs humildes.

CAP. X. Pag. 51.

De el ſitio que puſieron à Guibhon los Reys coligados: del auxilio que contra eſtos pidieron à Joſue los Guibhonitas: de la condeſcendencia de Joſue, aprobada por Dios con el viſible milagro de las piedras que llovieron ſobre los perſeguidores de los Guibhonitas, y la parada del Sol y la Luna haſta que ſe logrò la victoria: de la vuelta de Joſue y de los Iſraelitas à el Guilgal: de la huida de los cinco Reyes, que fueron el de Jeruſalen, el de Hebron, el de Yarmuth, el de Laxis, y el de Heglon a la caverna de Maquedà.

Iſaac

Iſaac Delgado Profeſſor da Lingua Hebraica em Londres. Ja fallamos no Cap. I. da ſua Traducçaõ Ingleza do Pentateuco. Aqui ſó pertence dizer, que elle deo maior realce a eſta ſua traducçaõ pelas muitas obſervações, e commentarios com que a illuſtrou, porque havendo-ſe arredado em muitos lugares da Traducçaõ Ingleza, de que até entaõ ſe uſava corrigindo-a em muitas paſſagens, em que o Texto Original ſe naõ achava exactamente traduzido, acompanhou a obra com varias Notas, Obſervações, e Illuſtrações criticas, como já diſſemos, para apoiar as ſuas correcções, e interpretações com exemplos tirados da Eſcritura Sagrada, aonde ſe achavaõ fraſes, ou palavras ſemelhantes ás do texto, que traduzia. Além diſto ajuntou huma eſpecie de Commentario ſobre aquellas paſſagens, que naõ ficavaõ ſufficientemente intelligiveis por huma ſimples traducçaõ Iſaac Delgado.

Iſaac de Sequeira Samuda, Doutor em Medicina, e membro do Collegio dos Medicos, e da Real Sociedade de Londres. He delle: Iſaac de Sequeira.

Sermaõ funebre para as exequias dos 30 dias do R. David Neto ben Pinhas. Londres 488. (de C. 1728) 8.°

He eſcrito em Portuguez, e foi o terceiro dos que ſe recitáraõ nas exequias daquelle famoſo Rabbino; o Thema he tirado do v. 19. do Pſalmo IV. No fim vem hum epitafio para a ſua ſepultura, que depois de exaltar as grandes qualidades daquelle Rabbi arremata deſta maneira:

Poſto que tanto em pouco aqui ſe encerra,
Que o muito, e pouco em morte he pouca terra. (*a*)

(*a*) Fizeraõ memoria delle Wolfio na *Bibliotheca Hebraica* tom. IV.

R. Salomaõ de Oliveira.

R. Salomaõ de Oliveira, filho de David; e natural de Lisboa; já delle fallamos nas Memorias do Seculo XVII. aonde referimos ſuas obras, viveo ainda no ſeculo preſente; e morreo, quanto parece, em 1708. Da ediçaõ do Pentateuco Hebraico feita já neſte ſeculo, que lhe daõ Wolfio, e Caſtro, fizemos mençaõ em huma das notas ao C. I. deſtas Memorias.

---

p. 809. e 885. e Caſtro *Bibliotheca Eſpanhola* no artigo de Rabbi David Neto: e eſte he outro Author, que póde entrar na *Bibliotheca Luſitana.* Temos hum exemplar deſta oraçaõ, e tem outro a precioſa *Bibliotheca* do Illuſtriſſimo Monſenhor Aſſe. n. 1293.

ADVERTENCIA.

Na Memoria II. da Litteratura Sagrada do Seculo XVI. deve emendar-ſe o ſeguinte:

Pag. 357. em a Nota (*a*) em lugar de Diogo de Azambuja: lea-ſe Jeronymo de Azambuja.

Pag. 378. no lugar, em que vem que todos os tres Exemplares Ferrareſcos eraõ de Abrahaõ Uſque ſe advirta; que o da Livraria do Illuſtriſſimo e Excellentiſſimo Marquez de Valença he de Duarte Pinhel. Seja-nos dado accreſcentar aqui a noticia de mais dous exemplares, hum de Abrahaõ Uſque, que ha pouco vimos na copioſa, e eſcolhida Bibliotheca do Real Moſteiro de S. Vicente de Fóra, e outro, que ſoubemos havia na precioſa Bibliotheca do Excellentiſſimo e Reverendiſſimo Biſpo de Béja, poſto que naõ nos podeſſem dizer, a qual dos dous Editores pertencia.

ME-

ENSAIO CRITICO

Sobre qual ſeja o uſo prudente das palavras de que ſe ſervíraõ os noſſos bons Eſcritores do Seculo XV., e XVI.; e deixáraõ eſquecer os que depois a ſeguíraõ até ao preſente.

Por Antonio das Neves Pereira.

PRIMEIRA PARTE

Cauſas da decadencia da Lingoa Portugueza.

POSTO que as vozes, com que exprimimos as idéas, e ſentimentos do noſſo animo, ſaõ arbitrarias, e dependentes da inſtituiçaõ dos homens, eſtaõ com tudo ſujeitas a certas leis derivadas de huns principios geraes, que ſaõ outros tantos fundamentos no ſyſtema das linguas: de fórma que ſegundo a boa, ou má applicaçaõ dos taes principios haverá na Lingoa huma alteraçaõ, que a conduz á ſua perfeiçaõ, ou decadencia.

Cinco ſaõ os principios geraes, e communs a todas as Lingoas, que Quinctiliano (*a*) diſtingue: *Analogia*, ou *Razaõ*, *Etymologia*, *Antiguidade*, *Authoridade*, e *Uſo*. Nós porém ſó temos por eſſenciaes a *Analogia*, a *Etymologia*, e o *Uſo*, ao qual ſe refere a Antiguidade, e Authoridade: porque que outra couſa entendemos por Antiguidade, ſenaõ o Uſo antigo? E que vem a ſer Authoridade, ſenaõ o uſo dos authores, ou o uſo authorizado?

(*a*) Quinct. *Inſtit. Orator.* lib. 1. cap. 6.

CAPITULO I.

Idéa da Analogia, e das ſuas funcções na Grammatica das Lingoas.

A Palavra Analogia quer dizer, *ſemelhança*, *proporçaõ*, *comparaçaõ*; (*a*) porque por meio da comparaçaõ, ou combinaçaõ das dicções entre ſi ſe conhece a proporçaõ, ou reſpeito de ſemelhança, ou deſſemelhança entre humas, e outras da meſma ordem, iſto he, entre nomes, e nomes, verbos, e verbos &c., e conhecida a proporçaõ ſe aſſenta a ſua regularidade, ou irregularidade, analogia, ou anomalia.

Como todos os homens, que povoaõ eſte orbe, poſto que ſeparados pela diſtancia das regiões, ſaõ com tudo membros da ſociedade univerſal; aſſim tambem, ainda que pareçaõ divididos pela differença dos idiomas, ſaõ com tudo unidos, quanto á livre communicaçaõ dos ſeus penſamentos: e por iſſo aſſim como ſe acha muita ſemelhança nos principios fyſicos, e moraes da humanidade, aſſim ſe acha tambem muita nos principios metafyſicos dos meſmos idiomas em que ſe communicaõ.

Ha por tanto huma Analogia *geral*, que he a conformidade dos uſos de todas as Lingoas, e correſpondencia dos elementos da propoſiçaõ: mas ha tambem huma Analogia *particular*, que diſtingue, e caracteriza particularmente cada idioma.

Porque muitas vezes as idéas, que ſe exprimem n'uma lingoa por huma certa fórma de ſinaes, n'outra lingoa ſe exprimem por ſinaes de mui differente caracter. Ponhamos exemplo: na Lingoa Latina os preteritos da voz activa dos verbos ſaõ ſimples, *amavi*, *amaveram*, nas quaes fórmas exprimem já a ſimples época

---

(*a*) ,, Analogia praecipue, quam proxime ex Graeco transferentes in ,, latinum proportionem vocamus. ,, Id. ib.

da

da acçaõ, já complexamente as relações annexas á acçaõ: na Lingoa Portugueza pelo contrario ha preteritos ſimples *amei*, *amára*, e ha demais os compoſtos, *tenho amado*, *tinha amado*, que naõ ſaõ preciſamente ſynonymos dos antecedentes, como erradamente entendêraõ, ou ſuppozeraõ os Meſtres da noſſa Lingoa, que accommodáraõ á analogia Latina ſem obſervarem as ſuas propriedades. Aſſim tambem o futuro da voz activa na Lingoa Latina he ſimples, *amabo*; já na Lingoa Portugueza ſaõ compoſtos *amarei*, e *hei de amar*: e temos outro erro dos noſſos Grammaticos, que tomavaõ o primeiro como futuro ſimples, naõ advertindo, que na realidade he o meſmo que o ſegundo por abreviatura, feita mudança por anaſtrofe, como ſe vê neſte Paradigma:

Abreviatura	*Extenſo*
Amar - hei	Hei - de - amar
Amar - has	Has - de - amar
Amar - ha	Ha - de - amar
Amar - hemos	Havemos - de - amar
Amar - heis	Haveis - de - amar
Amar - haõ	Haõ - de - amar

Daqui veio o vaõ eſcrupulo dos preſumidos Puriſtas, que aggravando do bom uſo, condemnaõ de barbaras muitas fórmas judicioſamente praticadas dos noſſos inſignes Eſcritores, e por deſprezo lhes chamaõ palavras truncadas, ou meias palavras. Que modo de fallar he (dizem) *hemos* por havemos, *heis* por haveis, *his* por ides, *hivos* por hide-vos: *eſtê*, *eſtês* &c. por eſteja, eſtejas? Eſpantaõ-ſe ſem razaõ, pois que reprovaõ aqui o que n'outras expreſsões bem ordinarias a prática approva, e n'algumas, ſobre impraticavel, até ſeria abſurda a correcçaõ, como nos verbos *Dizer*, *Fazer*; *Trazer*: Porque em, *Dir-me-has*, *Far-me-has*, *Trar-me-has*, quem emendará *Dizer-me-has*, *Fazer-me-has*, *Trazer-me-has*, a naõ ſer o equivalente, *haſ-me de dizer*, *de fazer*, *de trazer*? pois que até o futuro ordinario admitte a contracçaõ, que he:

Di-

Direi Farei Trarei	em lugar de	Dizer hei Fazer hei Trazer hei

Pois que? *Tir-te*, *Guar-te* saõ por ventura palavras fanadas nos dialogos vivos, e energicos, que escrevêraõ os nossos Authores? *Tira-te*, e *Guarda-te* emendaõ os sabichões da nossa era, como se a Lingoa Latina fosse lerda quando se dizia: *nosse* por novisse; *judicasse* por judicavisse, *nequire* por non quire; *malle* por magis velle, *sodes* por si audes, e outras fórmas semelhantes. (*a*) Olhem para isto os que ineptamente zelaõ as semelhanças da Lingoa Portugueza com a Latina. Do que se deve concluir, que muitas palavras, que inteiras saõ regulares, naõ provaõ que as suas abreviaturas sejaõ barbarismos disformes, quando o uso os admitte, e ainda muitas abreviaturas, que o uso exclue, o gosto do ouvido as approva nos discursos extraordinarios. (*b*)

Isto supposto, a Analogia considerada como parte da Grammatica, naõ he outra cousa, senaõ a *Observaçaõ da semelhança, que se acha na modificaçaõ das vozes assemelhadas*. Porém a discrepancia da Analogia nas dicções faz a *Anomalia*, que he a *dissemelhança*, ou *desigualdade da modificaçaõ dos termos*. Assim vemos que *firo*, *visto*, *sirvo* &c. de *ferir*, *vestir*, *servir* &c. estaõ em analogia no que respeita a conservarem a figurativa; que em *admitto*, e *reprimo* ainda he maior a analogia: porém *peço* de *pedir* he anomalia.

Por tanto todas as operações da Analogia consistem em referir o que he duvidoso ao que he constantemente certo, e averiguado, a fim que por meio da comparaçaõ se verifique o que he incerto pelo que he certo. Deste modo se comparaõ nomes, e verbos, e quaesquer outras partes da frase entre si, e desta comparaçaõ se de-

(*a*) Cic. Orat. 45. et seq. Quinct. l. 1. cap. 6.

(*b*) Quasi vero nesciamus in hoc genere plena verba recte dici et imminuta usitate. Cic. Orat. 47. Verba saepe contrahuntur, non usus causa, sed aurium. Id. 45.

deduzem as regras, que conſtituem o ſyſtema de huma Lingoa. Porquanto toda a Analogia uniformemente adoptada n'huma Lingoa preſcreve a razaõ, que lhe ſerve de fundamento; de fórma que Analogia e Razaõ nas Lingoas he tudo huma meſma couſa, nem tem mais differença, que a que ſe conſidera entre a cauſa, e o effeito, ou entre o principio, e a conſequencia.

Aſſim pela Analogia inferimos, que naõ ha fundamento para ſuſtentar *Trouxe*, como o naõ ha para *Dixe*, porque aſſim como he Diſſe de *dixi*, aſſim ha de ſer *Trouſſe* de traxi: aliàs mais analogia obſervavaõ os antigos, que diziaõ *Dixe*, e *Trouxe*, carregando o *x*, conforme a pronuncia, que ainda hoje ſubſiſte em algumas Provincias; a meſma Analogia nos dicta que *Truxe*, *Truve*, e *Trouve*, por *Trouſſe* ſaõ verdadeiros barbariſmos.

Pela meſma Analogia conſta, que *ſurprender*, que tomamos dos Francezes he barbaro; pois que *ſoppear*, *ſoffrear*, *ſonnegar*, *ſotterrar*, *ſolletrar*, *ſoccorrer*, *ſommetter*, *ſuppór*, *ſorrir*, *ſorrirſe*, e outros pedem *ſopprender*, *ou ſupprender*, *ſoppreza*, ou *ſuppreza*.

Serve a Analogia para reformar as incoherencias da lingoagem, ainda que apoiadas na lei, ou caprixos do uſo; aſſim pela razaõ, que dizemos *lido*, ſe abraçou *colhido*, *eſcolhido*, *encolhido* &c., rejeitando *colheito*, *eſcolheito*, *encolheito*, e outros, que eraõ da noſſa lingoagem velha, poſto que ficaſſe o ſubſtantivo verbal *Colheita*.

A Analogia nos reſtitue os ſuperlativos proprios, *boniſſimo*, *maliſſimo*, *grandiſſimo*, *humildiſſimo*, e outros, que os latiniſtas injuſtamente preſcrevêraõ, idolatrando as anomalias da Lingoa Latina, em *Optimo*, *Peſſimo*, *Maximo*, *Humillimo*, *Facillimo* &c. E quem ſe enjôa de ler no grande Camões?

Entre ruſticas ſerras e fragoſas,
Compoſtas de *aſperiſſimos* rochedos (*a*),

Ou em Ferreira:

Boniſſimo Luiz, a tua brandura. (*b*)

(*a*) Eleg. VI. (*b*) Cart. Livr. II. 3.

Naõ

Naõ digo isto para excluir os superlativos Latinos, que costumaõ servir principalmente em locuçaõ brilhante; mas naõ deverâõ esquecer os Portuguezes.

Serve finalmente a Analogia para formar regularmente alguns vocabulos annovados. Por exemplo observando a fórma dos substantivos derivados dos adjectivos terminados em *al*, como *Formalidade* de Formal, *Brutalidade* de Brutal &c. podiamos supprir a Geral, *Geralidade* em lugar do alatinado *Generalidade*. E tendo *crueldade* de *cruel*, porque naõ aventurariamos por analogia *fieldade* de *fiel*, em lugar de *fidelidade* tomado do Latim? Porque se assentarmos, que nada se ha de mudar do uso corrente, nem he licito dizer senaõ o que outros tem dito, ou escrito antes de nós; seremos sempre pobres com os nossos mesmos thesouros. A derivaçaõ analogica, por extraordinario, que pareça o termo, facilitaria tanto mais seguramente a sua acceitaçaõ, se consultassemos o ouvido no jogo dos sons, e articulações, como fizeraõ os Latinos, que comparando, e examinando *facilitas*, *diffacilitas*, *difficilitas*, e *difficultas* aprováraõ este, e renunciáraõ os outros. E quanto mais felismente sahiríaõ estes termos derivados dos nossos já conhecidos, por isso mesmo que naõ parecêraõ furtivos, nem enxertos de arvore estranha, como outros, que cada dia se arrastaõ das Lingoas estranhas?

§. II.

Da subordinaçaõ, que ha entre a Analogia, e o Uso.

Posto que no exame das Lingoas se assinalaõ a Analogia, e o Uso como dous principios differentes, com tudo, attenta a sua natureza, ambos tem entre si mui estreita uniaõ, e trabalhaõ como de maõ commua (*a*).

(*a*) ,, Consuetudo et Analogia conjunctiores sunt inter se, quam hi ,, credunt. ,, Varr. de Ling. Latin. lib. 8. cap. 3.

Por-

Porque tanto a Analogia como o uso nas Lingoas caminhaõ ao mesmo fim, e ambos seguem regularmente a Metafysica das Lingoas accommodando varias fórmas de palavras á analyse das idéas, e ás suas differentes modificações. Do que se póde inferir, que em muitos casos saõ pura pedanteria as güerras, que armaõ os Filologos entre si, huns defendendo a Analogia contra o Uso, outros o Uso contra a Analogia, como Varraõ observou entre os Latinos, e depois delle Quinctiliano. (*a*)

Ha com tudo huma certa subordinaçaõ da Analogia ao Uso. Por quanto a Analogia verdadeiramente naõ he outra cousa senaõ huma extensaõ do Uso. Naõ foi a Analogia a que instituio as Lingoas; pelo Uso he que principiáraõ a estabelecer-se, e só depois de estabelecidas, e authorizadas principiou a observar-se a Analogia, que as melhorou, e aperfeiçoou.

Assim o Uso naõ he sempre taõ despotico, e tyranno nas Lingoas, como o fingem os seus devotos; muitas vezes se aconselha com a Analogia, e a attende, e lhe cede em muita parte os seus poderes: aliàs se naõ houvesse tanta conformidade entre a Analogia, e Uso, n'huma mesma Lingoa, teriamos duas diversas Lingoas, huma dos Grammaticos, outra da naçaõ em commum; huma segundo a Analogia, outra segundo o costume; o que seria absurdo.

Mas nem por isso a Analogia he universal, nem infallivel em todos os casos, de maneira, que tudo o que ha nas Lingoas se deva decidir pelas suas leis. Nem ella verdadeiramente prescreve lei alguma; tudo o que contém saõ meras observações, as quaes se considerassemos como leis em todo o rigor, achariamos muitas vezes analogia contra analogia, ou a analogia contraria a si mesma, (*b*) e cahiriamos em milhares de contradic-

(*a*) *Institut. Orat.* lib. 1. cap. 6.

(*b*) ,, Meminerimus non per omnia duci Analogiae posse rationem ,, cum ipsa sibi plurimis in locis repugnet. ,, Quinct. lib. 1. cap. 6.

ções, e inconſequencias, como acontece ao Madureira, e outros Meſtres da Lingoa Portugueza.

De força aſſim ha de ſer, porque a Analogia das Lingoas (como obſerva Quinctiliano) naõ veio do Ceo, quando os homens fôraõ creados, nem elles aprendêraõ a fallar pela Analogia, mas ſó depois da inſtituiçaõ das Lingoas, he que foi inventada a Analogia: (*a*) iſto he, depois que o tempo, e a curioſidade excitou os homens a obſervar as varias inflexões, e deſinencias das palavras.

He verdade, que toda a analogia ſe encaminha a fazer a expreſſaõ regular, que he a primeira, e a mais neceſſaria de todas as qualidades do eſtylo, e ſobre tudo, a que diſtingue o bom e o máo Eſcritor, ſegundo a maxima daquelle grande Critico:

Sans la langue, en un mot, l'Auteur le plus divin
Eſt toujours, quoiqu' il faſſe, un méchant Écrivain. (*b*)

Conſeguintemente á Analogia nos devemos ſempre cingir, quanto he poſſivel; mas naõ com tal ſuperſtiçaõ, como ſe aſſentaſſemos, que naõ ha modo de fallar bem, ſenaõ o que dicta a Analogia: pois que ao contrario muitas vezes acontece, que approva o Uſo o que a Analogia reprova; e eſta ſempre eſtá ſogeita ao Uſo, como dependencia delle.

O caminho que enſina a Analogia, (diz Quinctiliano) aſſim he, que he o mais direito para a rectiloquencia, mas que importa, ſe temos outro, que he o do uſo, contrario ſim ao da Analogia, mas que naõ deixa de ſer mais facil, e mais batido: (*c*) de fórma que os doutos ſaõ muitas vezes obrigados a conſervar

(*a*) ,, Non enim cum primum fingerentur homines, analogia demiſſa ,, Coelo formam loquendi dedit, ſed inventa eſt, poſtquam loquebantur, et notatum in ſermone quid quo modo caderet: itaque non ratione nititur, ſed exemplo: nec lex eſt loquendi, ſed obſervatio, ,, ut ipſam analogiam nulla res alia fecerit, quam conſuetudo. ,, *Inſtit. Orat.* ut ſupra.

(*b*) Deſpreaux, *Art. Poëtiq.* Chant. I. ver. 161-162.

(*c*) ,, Quid enim tam neceſſarium, quam recta locutio? Imo inhaerendum ei judico, quoad licet: diu etiam mutantibus repugnandum:

a Ana-

a Analogia na ſua eſpeculaçaõ, e a ſeguir o Uſo, que reina na pratica. (*a*)

Daqui vem que muitas vezes ha huma grande differença entre locuçaõ grammatical, ou regular, e locuçaõ boa: maxima geralmente abraçada de todos os Grammaticos Filoſofos. (*b*) Por quanto naõ baſta, que a fraſe obſerve quaesquer regras arbitrarias, que os Grammaticos conſtituíraõ na Lingoa, ſe com tudo ſe apartaõ do Uſo, ou elle as rejeita: cauſa porque Auguſto reprehendeo ſeu ſobrinho de uſar de *calidum* em lugar de *caldum*, e Quinctiliano igualmente cenſura a importuna delicadeza de certos puriſtas, que pugnavaõ por *audaciter*, e *emicavit*, e *conire* &c. reclamando o uſo *audacter*, *emicuit*, *coire*.

Quem duvída, que he mais conforme á Analogia o modo de conjugar certos verbos, conſervando as letras iniciaes, e a figurativa da ſua raiz, como *Impedir*, *impido*, *impides*; *impida*: *fugir*, *fujo*, *fuges*, *ſeguir*, *ſigo*, *ſigues*, *ſiguem* &c. *medir*, *mido*, *mides*: *mida* &c? Aleguem-ſe em cima authoridades:

Naõ midas o paſſado c'o preſente. (*c*)
Humana, quando naõ agradecida
Vos moſtrai . . . . . .
Antes que a alma do corpo ſe deſpida. (*d*)

O uſo com tudo inſiſte, e requer impeço, impedes, impeça: *meço*, *medes*, *meça*: *ſigo*, *ſegues*, *ſeguem*: *fu-*

,, ſed abolita atque abrogata retinere inſolentiae cujuſdam eſt, et frivo-
,, lae in parvis jactantiae. Recta eſt haec via: quis negat? Sed adja-
,, cet et mollior, et magis trita ,, Quinct. ut ſup.

(*a*) ,, Cum extorta mihi veritas eſſet, uſum loquendi populo conceſ-
,, ſi, ſcientiam mihi reſervavi. ,, Cic. *Orat.* 48.

(*b*) ,, Quare mihi non invenuſte dici videtur aliud eſſe Grammati-
,, ce, aliud Latine loqui. ,, Quinct. ſupr. ubi Turneb. ,, Loqui latine eſt
,, ſequi doctorum et elegantium conſuetudinem et uſum: Grammatice
,, vero eſt loqui ex praeceptionibus artis, et ex artis analogia. ,, Vid.
Sanc. *Minerva*: Beauſée *Gram. Gener.*

(*c*) Cam. Eleg. III.

(*d*) Idem Eleg. IX.

jo, *foges* No tempo de Duarte Nunes ainda se dizia *Mento*, mentes, e tambem *Minto*, *mintes*: como os Latinos tiveraõ n'outro tempo *Fervo*, *is*, e *Ferveo*, *es*.

Ha cousas em que o uso he differente, como em *commúa opiniaõ*, ou *commum opiniaõ*: huns *simplices movimentos*, ou *simples movimentos*. Com tudo sei, que ha escrupulosos, a quem semelhantes locuções espantaõ, como se fossem monstros, murmuraõ do Uso, e chamaõ-lhe o tyranno das Lingoas: e eu dissera, que naõ ha tyrannos mais terriveis ás Lingoas do que esta especie de Grammaticos superlticiosos, que até ás sombras da Analogia sacrificaõ.

N'alguns substantivos derivados milita a mesma indifferença para seguir, ou a origem Latina, ou a Portugueza. *Raro*, *Rareza* estaõ em Analogia como largueza de largo: rareza naõ exclue raridade, mas largueza naõ permitte largidade. Temos graveza, ou gravidade, mas o Uso que permitte leveza, naõ soffre levidade, nem pobridade.

Isto supposto, que quer dizer Madureira em rareza, e raridade, accrescentando, que este he mais proprio do Latim, senaõ (conforme o seu systema) que por esta razaõ se deve preferir; como se fosse regra geral, que tudo o que he mais proprio do Latim, seja sempre o mais proprio do Portuguez.

Tambem por Analogia erronea notaõ alguns de barbarismo os vocabulos compostos de duas proposições seguidas, como *desinquieto*, *desinquietar*, dizendo, que basta *inquieto*, *inquietar*; como se na latinidade fosse torpeza *incompositus*, *imperterritus*, e este principalmente, onde naõ só ha duas proposições consecutivas, mas accresce a serem incompativeis.

Outros taxaõ de viciosas as palavras *Sotavento*, *Sotapiloto*, *Sotaministro* &c. pelo abuso da palavra *Soto* preposiçaõ correspondente á latina *subtus*. Pelo que poem *Sotopiloto*, *Sotoministro* &c. Nisto conclue galantemente Madureira, que o uso de todos diz *sota* por

ser

ſer nome mais vulgar, ou conhecido pela carta *Sóta.* Optima filoſofia! E naõ he mais natural, e conſtantemente obſervado, que na compoſiçaõ das palavras ſe permitte o Uſo alguma ligeira mudança, aſſim que duas palavras fiquem de tal ſorte colladas entre ſi, que pareça o vocabulo inteiriſſo, e ſe naõ percebaõ facilmente as peças da ſua compoſiçaõ? E naõ he outra a razaõ por que os Latinos polidos diziaõ, *duapondo*, *trepondo* &c. ſem ſe eſcandalizarem de barbariſmo, entendendo, que poſto que as duas palavras ſeparadas foſſem barbaras, na compoſiçaõ ficava o barbariſmo a perder de viſta. (*a*)

Com a meſma razaõ ſe moſtra ſer vaõ o eſcrupulo dos que impugnaõ os termos numeraes *Dezaſeis*, *Dezaſete*, *Dezanove*, querendo antes *Dezeſeis*, *Dezeſete* &c.

Para concluirmos finalmente eſte artigo: as regras da Lingoa tem ſeu fundamento na Analogia; as Anomalias, iſto he, as excepções das regras tem fundamento no Uſo da Lingoa. Qual ſeguiremos pois? qual rejeitaremos? Eſte he o partido prudente, e vem a ſer, que

1.° *Sempre devemos ſeguir a Analogia, e em todos os caſos, em que o Uſo ſe lhe naõ oppoem.*

2.° *Sempre devemos ſeguir a Anomalia, toda a vez que ella he fundada no Uſo, ainda que a Analogia ſe lhe opponha.*

E fallando em geral, poſto que huma lingoa viva, em que o uſo domina, naõ póde totalmente ſer fixada pela Analogia, com tudo as ſuas regras conduzem muito para a ſua perfeiçaõ, e ſobre tudo ellas ſervem de coarctar, e ſopear as mudanças caprixoſas do uſo popular, taõ vario, e inconſtante nos modos de fallar, como as modas de veſtir.

(*a*) „ Quaedam, quae ſingula procul dubio vicioſa ſunt, juncta ſine „ reprehenſione dicuntur. „ Quinct. lib. IX. cap. 5.

§. III.

§. III.

Causa da Analogia erronea na Lingua Portugueza.

Do que atéqui temos observado a respeito da Analogia das Lingoas, claramente se vê, que os Authores, que atégora escrevêraõ regras sobre a Lingoa Portugueza, naõ tinhaõ justa noçaõ do que he verdadeiramente Analogia, nem conheciaõ a sua extensaõ, e limites.

Mas a causa radical da miseravel confusaõ, e erros nas regras da Lingoa, que inculcaõ foi, que crendo ser a Lingoa Portugueza filha da Latina, e mui semelhante a ella, assentáraõ comsigo, que naõ havia nella outra Analogia senaõ a mesma Latina accommodada ás vozes Portuguezas, seja como for; e as noções da Grammatica geral a todas as Lingoas he communmente o que faz o mais grosso da Obra: de maneira que os titulos de *Grammatica Portugueza*, e *Regras da Lingoa Portugueza* nada, ou quasi nada tem do que promettem. O ultimo que escreveo nesta materia, lisongeando-se de alguma novidade, que o distingue dos outros, caprixa de dar humas regras (*a*) que saõ fundadas nas verdadeiras causas da Lingoa Portugueza, e nas doutrinas dos Grammaticos mais celebres, que com as luzes da Filosofia examináraõ a natureza, e propriedades das palavras: e nesta persuasaõ mette-se a corrigir alguns erros dos seus antecessores; e outros ajuntou-os aos seus; porque as suas regras, que chama fundadas nas causas da Lingoa Portugueza,, naõ saõ tal cousa, antes saõ fundadas nas Filosofias dos que tractáraõ das causas da Lingoa Latina, que accommoda como póde á Lingoa Portugueza: e assim vem a cahir a cada passo no mesmo torpeço, em que os outros cahíraõ.

E qual he a Filosofia da Lingoa, ou as suas causas,

(*a*) Lobato na Introd. á Gram. Portug. p. XXIII.

ſas, quando dá aos artigos declinaçaõ por caſos, ſendo elles na realidade taõ indeclinaveis per ſi meſmos como os nomes, a que ſe coſtumaõ ajuntar? e em tal eſtado como podem artigos ſervir para moſtrar os caſos dos nomes, a que ſe ajuntaõ, ſe elles meſmos dependem das prepoſições para moſtrarem os ſeus caſos, ou mais propriamente o emprego que elles tem no ſentido da fraſe com os nomes, a que ſe ajuntaõ? He verdade, que cahindo em ſi o Author declara a poucos paſſos, que por cauſa da variedade de particulas, que differençaõ os caſos do artigo, he que ſe diz que elle ſe declina por caſos; porque rigoroſamente fallando o artigo he indeclinavel dentro do meſmo numero por naõ variar a terminaçaõ: mas he iſto o que ſe chama enſinar os principios da Lingoa com clareza, e preciſaõ?

O meſmo poem univerſalmente ſó dous generos em todos os nomes adjectivos, e naõ conſente que *iſto*, *iſſo*, *aquillo*, como tambem *tudo*, que ſe lhes deve ajuntar, ſejaõ o genero neutro, ou fórma differente dos pronomes *eſte*, *eſſe* &c., que antigamente ſe declinávaõ, *eſte*, *eſta*, *eſto*, de que ficou *iſto*. E tambem Elle, ella, ello, donde ſe deriva Aquelle, aquella, aquello, e hoje aquillo. Eſſe, eſſa, eſſo, (ant.) e hoje iſſo. Toda, toda, todo, (ant.) e hoje tudo.

Com tudo o antigo uſo da Lingoa, he como aqui ſe vê, huma das cauſas, ſobre que hum Grammatico deve firmar as ſuas obſervações a reſpeito de taes anomalias nas dicções, para naõ ſuppôr que ſaõ de diverſa natureza as que formalmente ſaõ as meſmas: ſendo que o genero neutro naõ he taõ particular na Lingoa Portugueza a eſtes pronomes, que ſe naõ ache muitas vezes ainda nos outros adjectivos, ſe bem ſe obſervar, e explicar a conſtrucçaõ de muitas das noſſas fraſes.

Tambem ſe naõ acha a Filoſofia do Author, em ſuppôr, que he o participio da voz paſſiva dos verbos, o que faz os preteritos, e futuros compoſtos da voz activa, quando dizemos *tenho amado* &c., ſendo eſte propria-

priamente hum ſupino, ou voz verbal diſtincta do participio, que ſó ſerve a eſte fim.

Naõ fallo em muitas outras couſas, que ſaõ commuas a elle, e outros Grammaticos, nem taõ pouco da ſua Syntaxe, que he, como elle meſmo affirma na introducçaõ, em quanto á ſubſtancia, a meſma que a Latina, e com ella ſe conformou em tudo em que ella convem com a Portugueza, até em apparencia; porque iſſo he largo aſſumpto, de que fallarei em diverſo tractado.

CAPITULO II.

Do Uſo mal entendido: II. cauſa da decadencia da Lingoa Portugueza.

QUem ler attentamente os Authores, que trataõ das Lingoas, ou os Criticos nas cenſuras, que fazem da lingoagem e eſtylo dos Eſcritores, achará, que naõ ha idéa mais vaga e indeterminada, do que a que ſe attribue ao vocabulo *Uſo*, ſobre tudo na Lingoa Portugueza. De maneira que aſſim como das falſas regras da Analogia, ou da ſua má applicaçaõ ſe ſeguem varios prejuizos, como acima notamos; aſſim ha outros, que procedem da errada idéa, que ſe faz do Uſo.

Os noſſos Filologos, governando-ſe pela imagem poetica com que Horacio o deſcreve, tem feito delle huma eſpecie de divindade, que realizaõ em idéa, e veneraõ com nimia ſuperſtiçaõ, ſem cabalmente conhecerem os ſeus attributos. O Poeta com tudo na fraſe ſevera e ſubſtancial, que he propria do ſeu eſtylo, naõ omittio os caracteres, que lhe ſaõ devidos:

. . . . *Uſus*,
Quem penes arbitrium eſt, et jus et norma loquendi.

e faz admirar, que quaſi todos os Commentadores tomaſſem por ſynonymos aquelles termos, naõ obſtante a ſua formal propriedade.

Quem penes arbitrium eſt.

I. Uſo he Juiz nas Lingoas. Qualquer queſtaõ, que ſe mova ſobre as palavras, ou modos de fallar, eſtaõ debaixo da ſua judisdicçaõ: elle he, quem as decide, e já fica dito, que ſem elle, ou antes delle naõ exiſtíraõ as regras, que preſcreve a Analogia.

Et jus.

II. Elle he deſpotico ſoberano com pleno e abſoluto poder. Ninguem mais do que elle, nem tanto como elle póde diſpôr das palavras, a pezar de qualquer particular caprixo, razões, ou opiniões que ſe allegarem. Em querendo elle, muitos vocabulos, que haviaõ caducado, tornaráõ a florecer:

Multa renaſcentur, quae jam cecidere;

e ſe elle quer os vocabulos mais freſcos, mais mimoſos e authorizados, a pezar de tudo ficaráõ em eſquecimento:

. . . . *Cadentque*
Quae nunc ſunt in honore vocabula, ſi volet uſus.

Et norma loquendi.

III. Elle meſmo he regra da Lingoagem, e regra ſobre todas as regras. Nenhumas tem valor, ſenaõ as que elle authoriza, e as que elle derroga, ficaõ ſem effeito. E quando os Criticos cenſurem huma fraſe de irregular, ella corre, e correrá ſegura com o favor do Uſo.

Taes ſaõ as ſuas decantadas prerogativas: porém notada a confuſaõ, com que ordinariamente o allegaõ, creriamos, que o reputaõ como hum mero ente de razaõ, ou pura quimera fingida no cerebro dos Filologos: porque uſo ſimpleſmente, bom uſo, máo uſo, ou abuſo, uſo legitimo, uſo nacional ordinariamente naõ ſe diſtinguem, e a ſua luz para o conhecimento das Lingoas, fica-nos tanto a perder de viſta, como ſe lá o houveſſem collocado na maior diſtancia de Saturno. Finalmente naõ acharemos nos Meſtres da noſſa Lingoa couſa conforme, e deciſiva ſobre a queſtaõ, que couſa ſeja o Uſo na lingoagem.

Do Madureira já vimos, como feito reformador da Lingoa Portugueza, ſe rebella muitas vezes contra eſte ſoberano, e lhe ata as mãos com algemas das ſuas etymologias: mas quando falla delle, naõ he ſem equivocaçaõ. „ He ſem duvida (diz elle) (*a*), que o Uſo „ muitas vezes prevalece contra algumas regras particu- „ lares, e paſſa a ſer lei na materia em que he Uſo. „ Mas eſte he aquelle Uſo geralmente introduzido, e „ com algum fundamento, ſem contrariedade dos pru- „ dentes; porque o mais he abuſo. „ Pelo que façamos algumas obſervações.

I. Por Uſo, quando falla de huma Lingoa determinada, ſempre ſe entende, e deve entender o *Uſo nacional*; e eſte Uſo nacional naõ he outra couſa, ſenaõ *o perpetuo, e uniforme theor, que conſtantemente ſe tem obſervado no idioma, conforme ao ſeu caracter, e natural conſtituiçaõ*; ou ſeja nas regras da Analogia, que o Uſo naõ derrogou, ou nas mudanças, que elle por ſuas occultas razões tem introduzido. Digo *occultas razões*; porque muitas vezes para alguma mudança tiveraõ os homens, que a inſtituíraõ, preſentes algumas razões, as quaes paſſado tempo, ou naõ lembraõ, ou naõ ſaõ examinadas pelos outros que continuaõ o uſo, do que reſulta que ordinariamente corre o Uſo, e naõ conſtaõ as razões, e por conſeguinte, qualquer temerario ſe julga ter direito a appellar das ſuas leis, e taxallo de abuſo.

Conſeguintemente o Uſo nacional comprehende tudo o que os Grammaticos chamaõ Idiotiſmo, iſto he, propriedade dos termos, ou da fraſe, ſegundo o Uſo da Lingoa; e por iſſo Idiotiſmo, eſtylo da Lingoa, e Uſo nacional tudo vale o meſmo. E quanto a iſto o imperio deſte Uſo firma-ſe neſtas duas leis:

I. *Nenhum idiotiſmo eſtrangeiro ſerá admittido na Lingoa, ſem ſua authoridade, ſob pena de ſer taxado de barbariſmo.*

(*a*) Orthogr. Introduc. n. 10. pag. 4.

II.

II. *Admittidos, reconhecidos, approvados, e authorizados que ſejaõ, pelo Uſo nacional, quaeſquer idiotiſmos, ninguem ouſará diſputar-lhes o ſeu foro, ou condenallos de furtivos; ou ſerá havida por Pedantiſmo toda a tentativa dos adverſarios.*

Na primeira Lei ſaõ comprehendidos muitos latiniſmos, que a cada paſſo ſe encontraõ em algumas traducções Portuguezas, e muitos mais, que alguns Meſtres da Lingua Latina, ou por negligencia, ou por ignorancia deixaõ de advertir aos principianres; ſendo cauſa, que ſe habituem nos vicios da Lingoa vulgar, quando delles ſe deviaõ purificar. Neſta meſma lei caem innumeraveis Gallicifmos, que a pedanteria inſenſata do ſeculo preſente tem introduzido no idioma Portuguez, como obſervaremos em lugar para iſſo deſtinado.

Pelo contrario, por virtude da ſegunda Lei goza a noſſa Lingoa de alguns Hebraiſmos, que tem muitas vezes ſingular energia: como quando dizemos, exaggerando o tempo, *dias, e dias, annos, e annos* &c., ou as couſas: *riquezas, e mais riquezas, prazeres, e mais prazeres*: todo o ſeu cuidado he *eſtudar, e mais eſtudar*: no ambicioſo todo o ſeu cuidado he *ſubir, ſubir, ſubir*: e tambem *loucura das loucuras*, e outros modos de fallar ſemelhantes, que ninguem ouſaria vituperar ſem ſe expôr ao riſo do mundo prudente. Naõ fallo de varios Greciſmos, que ſe achaõ encorporados no noſſo idioma, e fariaõ engroſſar deſneceſſariamente eſte tratado.

O Madureira humas vezes naõ reſpeita eſte Uſo nacional, ſenaõ como legislador ſubalterno, dandonos em primeiro lugar as palavras do ſeu ſyſtema, e depois as do Uſo:

Spaço		Eſpaço
Spaſmo		Eſpaſmo
Spirito		Eſpirito
Statua	por uſo	Eſtatua
Stilo		Eſtilo
Stipendio		Eſtipendio
Stratagema &c.		Eſtratagema

Outras vezes o faz efcravo dos feus caprixos; porque a *Efcuma*, *Efcumar*, accrefcenta, *melhor Efpuma*, *Efpumar*. Mas fobre o verbo Nublar temos mais alguma puerilidade intereffante. *Nublar*, diz, he palavra totalmente Caftelhana, e dirá efta Lingoa, que a noffa naõ teve huma palavra com que explicar *Nubilo* em Portuguez... Acha que *nublar* feja Caftelhano, feja Portuguez, para *nubilo* ficá torto, e que o direito era *nubilar*. O confelho que ajunta he coufa mais relevante: ,, Eu por ,, naõ inventar palavra nova.. digo, que ufemos de pa- ,, lavras fynonymas, e de huma perifrafi, como o Fran- ,, cez, que diz, Nubilo *fe couvrir de nuées*, cubrir-fe ,, de nuvens; ou eftejamos pelo ufo, que introduzio a ,, palavra Caftelhana *Nublar-fe*, e *Nublado*.,, Tal he a critica defte Author em muitos outros vocabulos, que fe pódem ver no feu Gloffario.

II. O Ufo legitimo, e fupremo Legislador das Lingoas naõ he o *ufo do vulgo*, ou *ufo popular*. Porque fe a efte competiffe tal poder legislativo, feriamos obrigados a approvar, e empregar no commercio da vida familiar, e civil mil exprefsões tofcas, e informes, de *eftremunhar*, *eftremunhado*, por *eftrovinhar*, *eftrovinhado*, *eftabalhoado*, por *atabalhoado*, *madorna*, por *modorra*: *aftreverfe*, por *atreverfe*: *ouvifto*, por *ouvido*; *comefto*, por *comido*, e outras já eftropiadas, já ridiculas. (*a*)

Mas o vulgo, affim na lingoagem, como nas acções, naõ he barbaro em tudo, e por iffo todos os termos fãos do feu ufo, tem valor naõ como feus, mas como authorizados pelo Ufo fupremo da gente civil, de quem o povo os participa. Confeguintemente, quando os Meftres de Eloquencia enfinaõ como regra fun-

(*a*) ,, In fermone non fiquid viciofe multis infederit, pro regula fer- ,, monis accipienda erit... Si (*confuetudo*) ex eo, quod plures fa- ,, ciunt, nomen accipiat, periculofiffimum dabit praeceptum, non ora- ,, tioni modo, fed (quod magis eft) vitae. ,, Quinct. lib. 1. cap. 6.

da-

damental da locuçaõ, que se deve fallar como todo o mundo falla, e que he hum erro enormissimo affectar outra lingoagem, outros termos mais afidalgados, differentes dos do racional Uso geralmente recebido; (*a*) por isto naõ constituem o uso do vulgo, universal, e supremo Legislador da Lingoagem, mas presuppoem que tudo o que ha na lingoagem commua saõ, tem a approvaçaõ do Uso legitimo.

Além de que a lingoagem do vulgo he mais, ou menos corrupta á proporçaõ que os costumes saõ mais, ou menos civilizados, segundo a condiçaõ dos paizes, e dos empregos, que nelles exercitaõ os homens, e a cultura do entendimento por meio das artes liberaes. Assim entre os Romanos pelo frequente exercicio da Eloquencia nos negocios do fôro, e do Estado, a que o povo assistia, veio este a contrahir o habito de huma lingoagem pura, limada, e polida, de fórma que até os ignorantes em muita parte fallavaõ limpamente; outros, quando menos, estudavaõ nas escolas a Lingoa materna por principios: causa porque o uso do vulgo tinha muita correlaçaõ com o uso erudito.

III. O Uso, que authoriza as Lingoas, e lhes dá leis naõ he o uso particular dependente do gosto, opiniões, ou prejuizos de hum ou de alguns Escritores, ou Criticos, ligados a certa seita ou systema. A esta classe pertence Duarte Nunes de Leaõ, que dizendo, que os doutos saõ os que fazem o costume nas Lingoas, ensina que ha grande erro nas palavras *Escrivaõ*, *Esperar*, *Espirito* &c., ensina em nome dos doutos hum principio falso contra o genio da Lingoa, como já mostramos; contra outro principio, que pouco antes estabelece; e contra o voto mais geral, e racionavel do commum dos doutos; vem a ser, que naõ sigamos o abuso de accres-

(*a*) ,, In dicendo autem vitium vel maximum sit à vulgari genere orationis, atque à consuetudine communis sensus abhorrere. ,, Cic. *de Orat.* n. 3.

cen-

centar a todas as dicções Latinas, que começaõ em ſ hum *e*, fazendo-as ſempre de mais huma ſyllaba, do que ellas tem de ſua colheita. (*a*)

A eſte numero ſe deve aggregar tambem o Madureira, e os ſeus ſectarios, como infatuados da preocupaçaõ de latinizarem a torto, e a direito a Lingoa Portugueza; e ao ſeu ſyſtema ſe deve referir a noçaõ que elle dá do Uſo, que chama univerſal, iſto he, Uſo geralmente introduzido com algum fundamento, e ſem contrariedade dos prudentes: porque por fundamento do uſo entende a etymologia Latina, da qual abuſa, como já moſtramos; e por prudentes entende naõ os verdadeiros Meſtres da Lingoa Portugueza, mas os Latiniſtas, iſto he, os mais revoltoſos ſciſmaticos na Lingoa Portugueza.

E certamente ninguem fallára bem Portuguez por fallar como quer o Madureira, Duartes Nunes, Bento Pereira, ou outros deſtes prudentes, e os homens de ſaõ juizo dizem em reſpoſta das ſuas controverſias pueris: *Eu fallo como o Uſo requer, Madureira, e os ſeus parciaes fallem lá como quizerem.*

Bem ſabido he, que querendo Auguſto com grande empenho introduzir hum vocabulo ſeu, hum Filoſofo lhe reſpondeo francamente, que elle tinha poder de dar foro de Cidadaõ aos homens, mas que outro tanto naõ podia fazer ás palavras. Naõ ha na Lingoa Portugueza ſyſtema, ou opiniaõ cujo partido prevaleça contra o legitimo Uſo, e o meſmo acontece nas outras Lingoas. Hum diz *Fruita*, he Sebaſtianiſta; outro diz *Fructa*, he Latino; outro diz Fruta, eſte falla com o tempo, ſegue o Uſo geral, falla Portuguez, e prova que tem juizo.

Hum deſtes, que o vulgo chama Latinorios, e que os eſtudantes appellidaõ pedantes, brazona de ſaber articular as palavras como ninguem, eſpivitando com toda a força os ſons, que repreſentaõ os caracteres em *Optimo*, *Obvio*, *Obviar*, *lucto*, *tractando* &c., e moſ-

(*a*) *Orthogr. Regr. Ger.* regra VI. contraria á Regra II. vej.

tran-

trando, que ſabe bem, falla mal; porque ſe o Uſo tem ſuas razões fundamentaes, contrarias a eſta ſciencia, para naõ conſentir outra pronúncia, ſenaõ *O'timo*, *O'vio*, *O'viar*, *luto*, *áto*, poſto que na eſcritura ſe moſtre Optimo Obvio &c., naõ ha que fazer. Falla-ſe aqui da pronúncia, e naõ da Orthografia, porque deixaremos para a Grammatica Filoſofica eſſa queſtaõ taõ debatida, e nunca decidida, ſe ſe ha de eſcrever, como ſe pronuncía.

IV. O Uſo, que ſe reſpeita nas Lingoas, como Legislador, naõ he o eſtylo de fallar, que ordinariamente ſe pratíca nas Côrtes. Se aſſim foſſe, (diz hum Author grave) (*a*) os que ſaõ naſcidos, e educados nas Côrtes, de nada mais neceſſitáraõ, para fallar bem a lingoa do ſeu paiz, do que fallar a linguagem de ſuas aias, e creados.

Para examinar eſta verdade de facto mais exactamente, devemos diſtinguir Côrtes, onde ſe faz eſtudo da Lingoa materna, e Côrtes onde como em toda a parte, ſe ſegue o uſo tal qual, preſumindo com tudo cada qual, que falla melhor, que os das Provincias, porque falla na Corte. Nas primeiras poderáõ alguns liſongear-ſe de conſervar huma linguagem mais pura, ſeguindo o uſo da gente polida rectificado pelas obſervações, que paſſaõ do eſtudo á prática; porém nas ſegundas ordinariamente reina a preſumpçaõ de corrigirem os vicios eſtranhos, deixando-ſe na poſſe dos ſeus; ou mais depreſſa, ellas conſtaõ de huma collecçaõ dos vicios de diverſos paizes, ſegundo a frequencia das peſſoas, que a ellas concorrem de differentes partes. O que regularmente he bom, e incorrupto he o que ſe lê nos Authores, e o que ſe eſcreve conforme os Authores de boa nota: ora eſta Linguagem dos bons eſcritos naõ naſceo toda na Côrte, naſceo onde os Authores eſcrevêraõ, e com as obras paſſou a differentes paizes do Reino: do

(*a*) Vaugelas, *Remarq. ſur la lang. Franc.* Pref. p. 19.

que

que ſe ſegue o que a meſma experiencia me enſinou, e he, que os que na Côrte eſcrevem, e fallaõ bem a Lingoa, eſcrevem, e fallaõ como os polidos das Provincias, e eſtes como os da Côrte: nos barbariſmos ha a meſma correlacaõ, ſuppoſta a differença eſpecifica de taes, ou taes.

Alguns mais preſumidos, que intelligentes, ſei eu, que fazem ſuas inveſtidas contra os termos uſados nas Provincias, devendo advertir, que ſó os termos bons da Lingoa, que nellas o vulgo desfigura, he que fazem a linguagem corrupta, e dialecto disforme, mas naõ os termos bons, e ſãos, que ſaõ do uſo peculiar do paiz, e tem o meſmo privilegio, que os termos technicos para a linguagem ſcientifica. Que em Lisboa ſe chama *Viga*, o que no Minho, ou na Beira ſe denomina *caibro*, ou *barrote*: que n'uma parte ſe diga *Bilha*; o que nas outras ſe chama *Cantaro*, naõ prova, que huns tenhaõ melhor, nem peor lingoa. Os noſſos Portuguezes na India dizem em bom Portuguez *Veniaga*, como nós cá dizemos *Mercadoria*: tudo val o meſmo. Já vimos em que ſentido diſſe Quinctiliano, que naõ julgava o dialecto de Italia, e ainda os das outras Provincias alheios da Lingoa, que ſe fallava em Roma; e ſómente no eſtylo da Oratoria he prohibido o uſo das palavras Provinciaes, porque naõ ſeraõ entendidas de todos; naõ porque ſejaõ toſcas, ou improprias do idioma.

Huma couſa porém, em que a gente da Côrte carrega mais a maõ aos d'entre Doiro, e Minho, e aos Beirões, e quanto a mim, ſem razaõ, he na pronúncia de dous A conſecutivos. Dizem enfaticamente, que eſta vogal he fatal áquella gente, ſeguindo-ſe-lhe outro A, porque naõ os podem pronunciar ambos, hum detraz do outro, ſem lhes meter de permeio *i*: e aſſim havendo de dizer, *a agua*, *a alma*, infallivelmente haõ de dizer *a iagua*, *a ialma*.

Portanto com o devido reſpeito a muitos deſtes varões illuſtrados ſeja-me licito dizer 1.° que eſſe idiotiſ-

tiſmo bom, ou máo, naõ he taõ geral como cuidaõ, ou como os tem informado; deſorte que aſſim como em Lisboa nem todos dizem *auga*, *ſube*, *truxe* &c, tambem naquellas provincias nem todos dizem *a iagua*. Em 2.° lugar, póde ſer que taes apparentes defeitos das Provincias tenhaõ ſeu principio na natureza, por iſſo meſmo que naſcem de peſſoas, que naõ o fazem por eſtudo, nem affectaçaõ, mas por natural diſpoſiçaõ do orgaõ; e naõ abuſando das palavras inteiras, mas modificando eſtes ſons elementares nas ſituações, em que os Grammaticos inventariaõ regra. Taes fenomenos, em lugar de deſprezar-ſe, antes ſe deviaõ obſervar para diſcernir o que póde ſer perfeiçaõ n'uma Lingoa, do que he verdadeiramente groſſeria. Os Gregos naõ conhecêraõ eliſões de vogaes, apoſtrofos, aſpirações, eſpiritos &c. ſenaõ depois que filoſofáraõ ſobre o mechaniſmo dos ſons reſpectivamente ao ouvido, obſervando quaes impreſsões eraõ agradaveis, quaes deſagradaveis: daqui naſceo a variedade de dialectos com que as palavras ſe pódem figurar por ordem á compoſiçaõ.

Delles veio, que a pronunciaçaõ ſimultanea de duas vogaes diſtinctas era inſuportavel: por iſſo humas vezes uſavaõ da eliſaõ, outras de dithongos, outras da miſtura de certas conſoantes, que mediando entre as vogaes, lhes continuaſſem o ſom ſem hiato disforme.

Ora para nós (e aſſim nas outras Lingoas) de todos os hiatos, que acontecem no concurſo das vogaes o mais disforme he o de huma vogal com ſigo meſma, e ſobre tudo da vogal *A* pelo grande obſtaculo, que faz a exploſaõ da aſpera arteria, como: *o ſom, que a alma eleva*: o peccado *mata a alma*. Quando vem nos caſos de prepoſiçaõ, vale-lhe o apoſtrofo *d'alma*, *pel'alma*. Mas no nominativo, e accuſativo naõ ha meio de o adoçar, como aquelle *i* junto á vogal ſeguinte, fazendo hum dithongo *ia*, e ſeparando a vogal, que he artigo. Com que ſe nas Provincias ſe naõ podem pronunciar os dous ſons de *a* ſem a miſtura de *i*, cá naõ os po-

podem certamente pronunciar ſenaõ de hum modo horroroſo, o qual a natureza por huma eſpecie de inſtincto emendou naquella gente, e que por boa Filoſofia ſe devia geralmente abraçar. Muitas couſas, que hoje tem regra nas Lingoas, principiáraõ no uſo, e eſte na acçaõ ſimples da natureza; e ſe naõ eſtiveſſem eſtabelecidas taes regras, talvez chamariamos vicios os uſos, donde ellas ſe formáraõ.

Deixemos finalmente todos eſſes faſos uſos, a quem, como a outros tantos idolos, por ignorancia ſe tem ſuperſticioſamente ſacrificado os precioſos theſouros da noſſa Lingoa: vejamos qual ſeja o verdadeiro, bom e legitimo Uſo, que reina nas Lingoas.

V. O Uſo, cujas leis ſe devem reſpeitar nas Lingoas, naõ he outra couſa, ſenaõ *o commum e uniforme ſequito dos varões doutos.* (*a*) Digo o commum e uniforme ſequito, para excluir, como fica dito, hum uſo particular de alguns Criticos preocupados, que com frivolas replicas pertendem atropellar o recto uſo das vozes: acreſcenta-ſe *ſequito dos doutos*, para o diſtinguirmos do Uſo do vulgo imperito, ou abuſo, que, geralmente fallando, he máo Uſo. Eſte muitas vezes uſurpa o officio e prerogativas do legitimo Uſo, e até ſe vale da preſcripçaõ para prevalecer. Eſte conſta ſempre do maior numero, e tem por ſi a pluralidade de votos; aquelle ſempre conſta de menor numero, e comprehende ſó os doutos e intelligentes, que pezaõ as couſas com juizo, e com eſcolha.

Mas quaes ſaõ os doutos, cujo voto, ou exemplo ſe tira por deciſivo no exercicio da Lingoagem? Naõ ſaõ os Filoſofos, Theologos, Juriſtas &c. ſimpleſmente por eſtes, ou ſemelhantes titulos; pois que aquellas faculdades preſuppoem como baſe o eſtudo das Bellas Letras, e o conhecimento da Lingoa nacional, mas naõ tem hum

(*a*) „ Conſuetudinem ſermonis vocabo conſenſum eruditorum. „ Quinct. lib. 1. cap. 6.

in-

influxo taõ eſſencial ſobre a lingoagem, que naõ poſſaõ ſubſiſtir ſem elles. Antes naõ poucas vezes acontece, que os que neſſas faculdades ſaõ habeis, na lingoagem ſaõ barbaros como o povo, e ſabendo muito, eſcrevem e fallaõ bem mal, como antigamente ſe vio no Latim barbaro das diſſertações eſcolaſticas.

Nem taõ pouco feraõ Juizes abſolutos na Lingoa Portugueza os que poſſuem, ou cultivaõ as Lingoas eſtranhas, ſe da Lingoa materna naõ tem mais conhecimento, que o adquirido pelo uſo vulgar, ou alguma leitura paſſageira de Author Portuguez. Homens tivemos já na noſſa naçaõ, que eſcreviaõ Latim perigrinamente, e naõ podiaõ alinhar capaſmente hum periodo de Portuguez.

Pelo que por doutos entendemos aqui I. os homens inſtruidos na Lingoa materna, verſados nos Authores claſſicos, que nella tem eſcrito, e na Critica da meſma Lingoa, quero dizer, nas ſuas differentes épocas, periodos, mudanças, propriedades &c., concorrendo tambem o conhecimento de outras Lingoas, principalmente daquellas com que a noſſa tem correlaçaõ. II. Entendemos os Eſcritores nacionaes, que ſaõ principalmente os que daõ foro e authoridade ás palavras, e fraſes, (a) as quaes nas ſuas obras ſe conſervaõ, como em depoſito, mais puras do que na lingoagem vocal, conforme o antigo dictado, *verba volant*, *ſcripta manent.* Mas á Critica pertence diſcernir o direito particular, que ſe arrogaõ os Eſcritores, ſegundo as ſuas diverſas ordens; porquanto maior liberdade ſe concede aos Poetas na Lingoagem, menos aos Oradores, ainda menos aos Hiſtoriadores: ſó o tom uniforme da analyſe nos Filoſofos e Dogmatiſtas naõ arriſca nada. Nas outras ordens de Eſcritores a locuçaõ tem mais, ou menos conſiſtencia á

(a) „ Excutiendum omne Scriptorum genus, non propter hiſtorias „ modo, ſed verba, quae frequenter jus ab auctoribus ſumunt. „ Quinct. Lib. 1. cap. 5.

proporçaõ que participa mais, ou menos do enthufiafmo da imaginaçaõ.

Diraõ, que os Efcritores naõ faõ os que fizeraõ a Lingoa; a naçaõ toda he quem a fundou, e elles ufáraõ della tal como a acháraõ: logo a authoridade deffes Efcritores he fubalterna, como dependente do ufo vulgar. Diftingamos: os Efcritores parte ufáraõ da lingoagem conforme a prática vulgar; porque como fica dito o povo naõ he barbaro em tudo, e bem fe lhe póde accommodar a fentença de Horacio:

Quum flueret lutulentus, erat, quod tollere velles (*a*)

mas nefte cafo nem effa parte da lingoagem vulgar, que os authores tomáraõ, tem authoridade do vulgo, mas dos mefmos authores, que a confignáraõ aos affumptos das fuas obras. A outra parte da lingoagem limada, polida, e mais regular, que os authores empregáraõ, feparando-fe do tom do vulgo, effa quem duvída, que toda he delles, delles tem authoridade, e fe cita como exemplo a par das regras da Lingoa? Com tudo.

VI. O Ufo *he variavel*, e naõ pode deixar de o fer; mas efte mefmo predicado em lugar de merecer desprezo, antes lhe concilia veneraçaõ: *Si volet ufus.* E na verdade as Lingoas feguem as opiniões, que variaõ fegundo os tempos, a policia, e o gofto dos homens, e por iffo á mefma variedade eftaõ fogeitas as palavras, conforme a imagem com que Horacio as concebeo:

Ut fylvae pronos mutantur in ann s:
Prima cadunt, ita verborum vetus interit aetas,
Et juvenum ritu florent, modo nata vigentque. (*b*)

He porque o ufo de tempos a tempos, ou revoga, ou reforma as antigas leis, já rectificando-fe pela Analogia, como já vimos, já fundando-fe em outras razões de congruencia. Se affim naõ foffe, os Latinos do feculo de Augufto fallariaõ a lingoagem dos Ofcos, e dos Sa-

(*a*) Horat. 1. *Sermon.* 4. 11.
(*b*) Id. *De Art. Poet.* v. 60. et feq.

binos, e nós teriamos hoje as meſmas vozes, com que fallava n'outro tempo a Mãi de Egas Moniz.

VII. Mas aſſim variavel como he, *naõ he hum Juiz nem taõ cego, nem taõ deſpotico como o fingem* aquelles que o confundem com o uſo imperito. Pelo que he falſo o que dizem alguns authores, que o uſo, ſegundo a ſua liberdade, muitas vezes authoriza os erros da lingoagem, os quaes por authorizados, que ſejaõ, naõ deixaõ de ſer verdadeiros erros. Porque tudo o que n'uma Lingoa ſe tem conſtantemente obſervado, ainda que contrario ſeja a algumas regras da analogia, naõ póde ſer eſſencialmente vicioſo; algumas razões particulares deverâõ concorrer para que o uſo continuado conſervaſſe certos modos de fallar que parecem extraordinarios. Quando a Analogia da Lingoa naõ miniſtra quanto he neceſſario para a pintura fiel do penſamento na fórma das palavras, o Uſo o ſuppre, a neceſſidade, ou utilidade o juſtifica.

VIII. O Uſo *he indifferente n'umas couſas, n'outras mais rigido*, mas no que he indifferente cede do ſeu direito em favor da Analogia, como já vimos. Siſenna foi o primeiro entre os Latinos, que uſou de *Aſſentio*, por *Aſſentior*, contra a commum torrente: teve imitadores; e com razaõ, porque tinhaõ por ſi a authoridade de hum homem de abalizado merecimento, juntamente o fundamento da Analogia. Pelo contrario os que defendiaõ *Aſſentior*, tinhaõ o uſo, iſto he, o maior numero de authoridades. Mas eſte he o caſo, em que, poſto que hum ſó Author naõ funda uſo com a ſua opiniaõ particular, póde com tudo principiallo, e ſer cauſa que ainda o bom uſo ſe converta em melhor uſo. Se aſſim naõ foſſe qual ſeria hoje a noſſa Lingoagem? que perfeiçaõ teriaõ as Lingoas? que riqueza? que augmento? Daqui vem, que

IX. *As leis do Uſo naõ excluem o eſtudo da Lingoa*, nem nos prohibem, que as examinemos; porque quanto mais ſe apuraõ os vocabulos, e fraſes de huma Lingoa,

goa, tanto mais crefce o numero dos bons Juizes, tanto mais fe acredita, e melhora o Ufo. As varias mudanças que faz huma Lingoa viva, ou feja pelas modas vagas, que induz o caprixo do ufo vulgar, ou feja pelas racionaveis correcções, que eftabelecem os homens doutos, faõ outros tantos fenomenos para o obfervador, cuja combinaçaõ o conduz a verificar as caufas da preferencia entre hum, e outro ufo, a fim de reproduzir o que o efquecimento poz em total defufo, ou o que o ufo vago fem caufa rejeitou. Confeguintemente *o Ufo póde admittir varias correcções*, que conduzem á maior perfeiçaõ huma Lingoa. Affim aconteceo fempre: a Lingoa Latina que antigamente era affaz rude, e pobre, em menos de cincoenta annos chegou aos termos de poder difputar todas as bellezas de Eloquencia, e Poefia da Lingoa Grega, no feculo de Augufto. A mefma fortuna teve quafi a noffa Lingoa, ao menos a refpeito da copia de termos, nos primeiros vinte annos do reinado de D. Manoel, fegundo o teftemunho de hum grave Author. (*a*)

Mas eftas correcções, que o Ufo admitte, naõ vem tumultuariamente, nem nafcem de huma efpecie de convençaõ fediciofa de Criticos enthufiaftas, e parciaes da novidade. Por quanto, fendo o penfamento huma coufa puramente intellectual, os finaes convencionaes, que o reprefentaõ, quaes faõ as palavras, naõ podem fer o refultado nem de huma deliberaçaõ nacional, nem da deliberaçaõ deffes Criticos. (*b*) Mas tudo fe enfina com a circunfpecçaõ dos Criticos prudentes defta maneira: hum expoem modeftamente as fuas obfervações, outros as

(*a*) Fr. Manoel do Sepulchr. no Prol da Refeiçaõ Efpir.

(*b*) Mr. Gombauld, Poeta celebre no reinado de Maria de Medicis, hum dos primeiros membros da Academia Franceza, e que contribuio muito para a pureza da fua Lingoa, zelou-a com tal enthufiafmo, que hum dia propoz aos Academicos, que haviaõ de fazer hum juramento de nunca ufarem, fenaõ das palavras, que foffem approvadas na Affembléia pelo maior numero de votos. Dic. Hiftor.

pon-

ponderaõ, e examinaõ; conformaõ-ſe, approvaõ: e acha-ſe o primeiro Author do partido com mais dez, ou vinte ſequazes do ſeu voto: cada hum deſtes fica ſendo outro Chefe ſubalterno de outros muitos proſelytos; e temos o novo Uſo ha pouco gerado, brevemente adulto. Nos Eſcritores procede o meſmo modo. Hum aventura hum termo, ou fraſe nova, naõ ſem alguma demonſtraçaõ do ſeu reſpeito ao Uſo dominante, ou ſem recommendaçaõ da neceſſidade, que induzio á innovaçaõ: *Si forte neceſſe eſt . . fingere non exaudita* . . . eis-que, iſſo que parecia duro na lingoagem, e novidade inaudita, correndo de maõ em maõ facilmente ſe adoça, e em pouco tempo obtem a acceitaçaõ do Uſo univerſal, merecida pela circunſpecçaõ do Author, e credito do ſeu merecimento: *dabitur licentia ſumpta pudenter.* (*a*) Ha outras mais leves tranſgreſſões em que o Uſo he menos melindroſo, e naõ ſe offende da nobre ouſadia de hum Eſcritor grave. *Nadas* em numero plural foi o noſſo Sá (cuido eu) o primeiro, que o diſſe, e feliſmente: (*b*)

Nadas, menos que nadas,
Noſſas ricas riquezas,
Como eſta as chamaria pobres pobrezas

Aliàs, ſe foſſe lei, que ninguem devia dizer ſenaõ o que todos já tem dito, que captiveiro para as Liugoas, e para os Eſcritores!

(*a*) Hor. *de Art. Poet.* v. 48. et ſeq.
(*b*) Franc. de Sá de Mir. Ecl. IV.

C A-

CAPITULO III.

Do Pedantiſmo Etymologico, ou do abuſo da Etymologia na Lingoa Portugueza: III. Cauſa da ſua decadencia.

POſto que a Analogia he a que propriamente dá a razaõ da Lingoa, tambem a Etymologia faz as ſuas vezes, e della, como já vimos, em muitos caſos ſe deduz a Analogia. (*a*) Chamamos porém Pedantiſmo Etymologico a preoccupaçaõ de ſeguir a mera ſombra de qualquer imaginada etymologia ſem raciocinio etymologico. E com effeito na Lingoa Portugueza naõ ha couſa, que mais tenha feito arear as cabeças do que a Etymologia Latina; porque naõ ſó quizeraõ os noſſos Grammatiſtas, que a noſſa Lingoa filha da Latina (digamos aſſim) em carne, e oſſo, mas até parece a quizeraõ conſtranger a ſer filha na pelle, na côr, e em todas as feições, de fórma que quem a viſſe a equivocaſſe bem com a mãi. Pelo que para a ſentença deſta cauſa tanto mais neceſſario parece conhecer qual ſeja o verdadeiro uſo, e os juſtos limites, em que ſe encerra a Etymologia em qualquer Lingoa.

§. I.

Idéia da Etymologia.

He certo que em todas as Lingoas ha Etymologia, porque ha palavras, que tiveraõ particular razaõ, ou cauſa da ſua exiſtencia, ſegundo o motivo, que determinou os homens á inſtituiçaõ, ou eleiçaõ de certas denominações, naſcendo humas das idéias acceſſorias, ou cir-

(*a*) „ Rationem praeſtat praecipue Analogia; non nunquam et Etymologia. „ Quinct. l. 1. cap. 6.

cum-

cumvizinhas, ou intermedias, em que tinhaõ propriedade, outras de huma particular modificaçaõ dos ſons conhecidos nos vocabulos da primeira inſtituiçaõ. Podiamos contar como parte da Etymologia aquella eſpecie de vocabulos, que chamáraõ *Onomatopéa*, e conſiſtem na imitaçaõ dos ſons naturaes, que ſaõ o ſeu *Etymo*, ou exemplar.

A razaõ da Etymologia de todas as Lingoas he; que em nenhuma naçaõ ſe formáraõ as Lingoas por deliberaçaõ publica, nem os homens botáraõ pregaõ, para que todos a hora dada, dia fixo, e lugar decretado ſe achaſſem juntos para ſe fazer publica, e ſolemne inſtituiçaõ dos vocabulos que houveſſem de ſervir nos exercicios, e funcções publicas, e particulares da Lingoa nacional; por iſſo quando ſe diz, que as vozes ſaõ dependentes da convençaõ dos homens, iſto ſe entende de huma convençaõ ſucceſſiva, com que os vocabulos pouco a pouco ſe fôraõ tranſmittindo de huns a outros, e ſegundo o tempo, as occaſiões, as circumſtancias, o goſto, a neceſſidade, e os conhecimentos dos povos, aſſim ſe fôraõ augmentando as Lingoas ſempre pobres no ſeu principio. (*a*)

Daqui vem, que todas as palavras que conſtituem os antigos idiomas, humas ſe chamaõ *primitivas*, porque fôraõ primeiramente inventadas, originaes, e ſem etymo; outras ſe chamaõ *derivadas*, porque fôraõ formadas das primeiras. (*b*)

Por iſſo, quando ſe diz, que os vocabulos ſaõ arbitrarios, iſto entende-ſe mais rigoroſamente nas Lingoas originaes, onde as palavras elementares fôraõ (para aſſim o dizer) creadas de nada. Porque nas Lingoas modernas quaſi naõ ſe formáraõ vocabulos novos, mas os

---

(*a*) V. Condillac *Eſſai*.

(*b*) ,, Cum ſint eorum alia (ut dixit Cicero) nativa, id eſt, quae ,, ſignificata ſunt primo ſenſu; alia reperta, quae ex his facta ſunt. ,, Quinct. *Inſtit. Orator.* l. VIII. cap. 3.

que as inſtituíraõ achando os vocabulos já feitos de outros idiomas, naõ cuidáraõ mais do que em ampliar, coarctar, combinar, em fim modificar diverſamente os ſons determinados, do meſmo modo com que Cicero deo aos Latinos os termos *beatitas*, e *beatitudo*, que elle inventou, e com que o P. Vieira fez *topetar* do nome *tope*, e outro *deſcortinar* de *cortina* &c. Onde ſe vê, que eſtes, e ſemelhantes vocabulos naõ ſaõ totalmente arbitrarios, mas ſó na diſpoſiçaõ, e combinaçaõ dos ſons ſemelhante, ou equivalente á de outros conhecidos.

He pois a Etymologia (ſegundo a força do vocabulo) a inveſtigaçaõ da origem das palavras, ou da cauſa por que ſe deraõ ás couſas taes, ou taes denominações. (*a*) O ſeu objecto he 1.° as palavras adoptadas, nas quaes ſe inveſtiga a propriedade da ſignificaçaõ primitiva, que deo cauſa a huma nova applicaçaõ dellas, inferindo da idéia principal as acceſſorias: 2.° as palavras propriamente *derivadas*, iſto he, aquellas, que ſó pela modificaçaõ dos ſons ſe referem a outros vocabulos da meſma, ou differente natureza, do meſmo, ou diverſo idioma.

§ XXV.

Do uſo, e utilidade da Etymologia em commum.

Eſta parte da erudiçaõ, que podemos chamar a Filoſofia das Lingoas, naõ he em ſi taõ deſprezivel, como muitos crem. O palacio das Muſas he de mui grande belleza, viſta a ſua perſpectiva; os ſeus fundamentos ficaõ eſcondidos, e conſtaõ de materiaes mais groſſeiros, mas ſem eſtes naõ podia ſubſiſtir o edificio.

I. Algumas vezes ſe uſa neceſſariamente da Etymo-

(*a*) ,, Etymologia, quae verborum originem inquirit, a Cicerone di- ,, cta eſt notatio ,, Quinct. l. 1. cap. 6. ,, Verborum etiam explicatio pro ,, batur, id eſt, qua de cauſa quaeque eſſent ita nominata. ,, Cic. *Acad.* l. 1.

lo-

logia, quando ſe deve explicar com interpretaçaõ a materia ſignificada pelos vocabulos: he equivalente a huma definiçaõ, e muitas vezes ſerve de prova, tanto nas diſſertações filoſoficas, como nos diſcurſos da Oratoria. (*a*) Como ſe alguem diceſſe: Porque chamais ao velho caduco, ſenaõ porque eſtá para cahir.

Aſſim ſe explicaõ muitas couſas vulgares, como: Lobeſomem, ou Lubishomem, he homem convertido em lobo, *Lupus ex homine*. Muſaranho he hum bicho feio como rato, e venenoſo como aranha.

Da Etymologia fez o P. Vieira huma elegante figura, quando diz: (*b*)

„ Naõ fallo do temor, que faz timidos, ſenaõ do „ temor, que faz timoratos; naõ do temor, que faz te„ meroſos os homens, ſenaõ do temor, que faz temen„ tes a Deos. „

II. A Etymologia encerra huma vaſta erudiçaõ, (*c*) porque 1.° por ella conhecemos as fontes do noſſo idioma, e podemos comparar os vocabulos de diverſas origens, Latinos, de que a noſſa Lingoa tem maior abundancia, Eſpanhoes, Arabicos, Francezes &c.

2.° Por ella alcançamos noticia hiſtorica de varios paizes, lugares, coſtumes, diſcutida a ſignificaçaõ hiſtorica dos vocabulos, iſto he, a allegoria, ou alluſaõ, que elles envolvem, e ſe faz tanto mais recondita, quanto mais frequente, e ordinario he o ſeu uſo, de fórma que os doutos, conhecida a Etymologia, entendem a razaõ do que dizem pela aſſociaçaõ das idéias, e os idiotas pronunciando os vocabulos ſó por mero habito, e ſem ligarem as idéias acceſſorias, nem ſe entendem bem fallando, nem entendem os outros diſtinctamente. (*d*)

(*a*) „ Haec habet aliquando uſum neceſſarium, quoties interpretatione, „ res, de qua quaeritur, eget . . . Ideoque in definitionibus aſſignatur „ Etymologiae locus. „ Quinct. l. I. c. 6.

(*b*) Vieira *Serm. de S. Roque.*

(*c*) „ Continet autem in ſe multam eruditionem. „ Quinct. l. I. c. 6.

(*d*) Hartley *Explic. Phyſiq. des Senſ.* Tom. II. Propoſ. 82.

Bem vulgar he o termo *patarata* por mentira, falſidade, derivado de *Patara* Cidade da Aſia, ſendo o fundamento de tal denominação, que os Aſianos geralmente, e em particular os de Patara, mui celebre pelos oraculos, e templo de Apollo, eraõ tidos por paroleiros, e exaggeradores. Donde veio tambem a dar-ſe o nome de Patarata a qualquer vaõ fallador.

Da meſmo ſorte uſamos da palavra *mandinga* vulgarmente para ſignificar aſtucia, artificio, tomada a propriedade de *Mandinga* Cidade da Africa, onde, ſe diz, ſaõ os negros feiticeiros, e que uſaõ de certas bolças magicas para os naõ paſſarem á eſpada.

Picaro, he termo de invectiva com que ſe deſigna hum homem vil, e baixo, do Latim *Picardus*, ou mais depreſſa do Francez *Picard*, o que he natural de Picardia, Provincia no Reino de França, cujos naturaes ſaõ de coſtumes groſſeiros, e incivís, taes como os conhecêraõ os noſſos antepaſſados nos primeiros ſeculos da Monarquia.

Alicantina chamamos nós a ſutileza, ou deſtreza em trocar, ou mudar alguma couſa, de Alicante Cidade de Eſpanha no Reino de Valença, onde ſe faz muito trafico de vinhos, e fructos do paiz.

Pela etymologia hiſtorica ſe ſabe a razaõ por que chamamos *Pigmeo* a hum homem de mui pequena eſtatura, viſto que, ſegundo a hiſtoria antiga, Pigmeos, (em Latim *Pigmei*) ſe chamavaõ huns gentios da Ethiopia de corpo mui pequeno; ainda que hoje ſe crê, que taes povos ſaõ fabuloſos, e em lugar de homens, como os ſuppunhaõ os antigos nimiamente credulos, naõ eraõ ſenaõ aquella eſpecie de animaes, que vulgarmente chamamos *Monos*; ſervindo de occaſiaõ ao erro dos primeiros obſervadores algumas avultações, que eſtes animaes tem da figura humana.

Mauſoleo he outro nome, que com propriedade empreſtada ſe dá a qualquer ſepulchro magnifico, como de Reis, Emperadores, Pontifices &c. porque aſſim ſe de-

nominou antigamente o ſumptuoſo ſepulchro de Mauſolo Rei de Caria, que lhe mandou fabricar ſua Eſpoſa Artemiza, e conſerva o termo a meſma prerogativa, que tinha entre os Latinos *Auguſtale*, e *naenia* &c.

Aſſim he que a Etymologia conſerva em varios vocabulos a hiſtoria das antiguidades, que ás vezes ſe vem a perder, perdendo-ſe o uſo delles. Ainda tenho obſervado veſtigios do uſo da palavra *alfenado*, ou *alfanado*, que ſe dizia em ſentido figurado de huma peſſoa toda melindroſa, principalmente a que ſe affecta com ar de deſdem, como os que zelando os ſeus enfeites naõ querem que lhes toquem, nem ſe cheguem a elles. Como eſtás alfanado, ou como vens alfanado, ou andas muito alfanado; ouvia eu dizer neſte ſentido muitas vezes ſendo menino. No texto dos noſſos Authores ſó ſe achaõ exemplos no ſentido proprio por enfeitado. Hum, e outro uſo naſceo de que os Orientaes tanto Mahumetanos, como Chriſtãos, e particularmente as mulheres, e meninos coſtumavaõ na occaſiaõ das ſuas feſtas untar as mãos, e pés com huma maſſa feita dos pós de alfena, planta de flores mui delicioſas, e depois esfregavaõ com azeite as mãos e os pés, que lhes ficavaõ de côr vermelha até quinze, e vinte dias. A iſto chamavaõ *alfenar*, que quer dizer no ſentido proprio, tingir com pós de alfena, ou com agoa de folhas de alfena.

A identidade que a noſſa imaginaçaõ ſabe fingir entre huma idéia principal, e outras acceſſorias, aſſim tem ſido cauſa de enriquecer as Lingoas de varias denominações. *Romagem*, *Romaria*, *Romario* ſaõ derivados de Roma, aonde antigamente ſe faziaõ frequentes perigrinações, depois por ampliaçaõ do vocabulo, chamou-ſe Romaria qualquer outra perigrinaçaõ, que ſe emprende por motivo de piedade.

Melhor entende os termos Eccleſiaſticos *Cura*, *Curato*, o que pela Etymologia conhece a conveniencia da ſignificaçaõ com *Curio*, e *Curionatus*, donde aquelles ſaõ derivados pela ſemelhança da diſciplina do povo Ro-

Romano, que foi antigamente dividido em Curias (que he o meſmo que bairros , e correſponde ao que hoje chamamos freguezias , ou paroquias) ajuntando-ſe em certo lugar determinado para os exercicios da ſua Religiaõ, a que preſidia hum Sacerdote, que chamávaõ pela dignidade *Curio*.

Da Etymologia conſta a razaõ por que chamamos *Séſta* o tempo decurſo, deſde o meio dia até ás tres horas da tarde, entendendo-ſe o ſubſtantivo *hora*, correſpondendo a fórma Latina *hora ſexta*.

Sabe melhor o que diz na palavra *Séſtro* quem adverte, que he huma abreviatura de ſiniſtro, ou do Latim *Siniſter*, entendendo-ſe o ſubſtantivo coſtume, por má inclinaçaõ para algum vicio, como ſeſtro de jogar, furtar, &c.

E em *ſeraõ*, *ſerandar*, trabalho, que ſe faz de noite, derivados de *ſero* o tempo da noite.

Serve tambem III. a Etymologia para verificar os erros do vulgo, a que muitas vezes ſe dá o nome de Uſo; ou juſtificar as cauſas, por que o Uſo prudente ſe deſviou da norma etymologica, como em *alvitre*, *alvidro*, *alvidrio*, *alvidrar*, *almario*, *almazem*. Por iſſo naõ he inutil conhecer a origem ainda dos termos mais ordinarios, principalmente, quando tem diverſa modificaçaõ, como *esquife* deriva-ſe de ſcapha, *caramunha* de querimonia; *pedaço* de pittacium que os Latinos tomáraõ da Lingoa Grega, *pesquiſa* donde ſe fez *pesquiſar*, derivados do Latim-Gothico *per exquiſam*, nempe, ſcire; *larpar*, comer com grande ſofreguidade do verbo Latino antigo lurcari da meſma ſignificaçaõ; *petiſcar* de petiſſare; *averigoar* do Latim barbaro *ad* verum colare: *ſiſo* do Heſpanhol *ſeſo* de ſenſus, como *ſiſudo* de ſenſatus: *agora*, que os noſſos antigos eſcreviaõ *baghora* do Latim hac hora: *fazenda*, terras de fructo, de facienda, iſto he, terra facienda, donde veio o proverbio: *Fazenda he fazendo-a*, e a fraſe Portugueza, *fazer as terras*, hum campo, huma veſſada &c. por ſemear, lavrar &c.

Acreſ-

Acrefcentemos IV., que pela Etymologia fe conhece muitas vezes a propriedade dos termos, que parecendo pelo Ufo commum fynonymos, rigorofamente o naõ faõ; como quando o noffo Bernardes diffe:

Os dous triftes paftores fufpirando,
A lingoa ao pranto dando, olhos ao choro. (*a*)

Onde fe vê que o Poeta difcretamente obfervou a differença dos dous termos *Pranto*, e *Choro*, fegundo a rigorofa propriedade que os diftingue; pois que Pranto vem de *Planctus*, cuja raiz he *Plangere*, que fignifica propriamente bater, ferir; e nefte fentido diziaõ plangere pectus, donde planctus fignifica quaesquer finaes fenfiveis de grande dor, como golpes, ais, gemidos, queixumes, clamores ainda fem lagrimas, e fó fallando genericamente fe toma tambem por choro, como no Latim.

Naõ omittiremos finalmente o que conduz naõ pouco para o credito defta parte da Filologia; vem a fer, que homens de mui profunda fabedoria a illuftráraõ com os feus efcritos, como foi hum Varraõ entre os Latinos, contemporaneo de Cicero: hum S. Ifidoro de Sevilha, Oraculo da Efpanha, no principio do VII. feculo: hum Voffio na Hollanda no feculo XVI., e outros em diverfos paizes.

Efte pequeno retalho de huma materia aliàs vaftiffima, julgo ferá baftante para que naõ fejamos fufpeitos da má fé no juizo, que formamos a refpeito do abufo das Etymologias na Lingoa Portugueza. E fe alguem penfar, que ufamos de demafiada feveridade contra os Etymologiftas da noffa Lingoa, principalmente contra o Madureira, por aqui verá, que nenhum Author, por mais acreditado, que feja, nos chega a preoccupar contra a verdade conhecida; nem eu poffo diffimular, que fempre me caufou laftima, que o livro da fua Orthografia, tendo tantos préjuizos, e enxavidades, principalmen-

(*a*) Bern. Ecl. 1.

te

te no Gloſſario, que ajuntou á 3.ª parte, ande nas mãos dos curioſos, e da mocidade ſem as neceſſarias correcções.

§ III.

Do abuſo da Etymologia.

Porém ſuppoſtas as ſobreditas utilidades da Etymologia, que confuſaõ naõ tem havido? que frivolos debates ſobre huma conſoante, ſobre huma vogal, ſobre huma ſyllaba &c.? Alguns naõ forjáraõ tanto etymologias, como adivinhas, o que ſe póde ver na origem do nome *Portugal*, ſe houver curioſos, que tenhaõ aſſás desfaſtio e occioſidade, para conſultar as exquiſitas impertinencias, que ſobre iſto tem eſcrito os noſſos Authores, ſemelhantes a alguns dos Latinos, que cuidavaõ ter deſcuberto huma mina, interpretando *Picuita*, quia vitam petat, ou deduzindo a propriedade do nome Stella, de luminis ſtilla, como quem diz, he huma gota de luz. Outro houve fortemente empenhado em meter na cabeça a Cicero, que o nome Ager vinha do verbo *Agere*, pela razaõ que no campo ſempre ha que fazer; (*a*) como o noſſo Duarte Nunes, que deriva a palavra *Fazenda* do verbo Arabico *haſen* entheſourar, e lá lhe dá ſuas voltas para que eſte theſouro naõ fique fóra da Fazenda. (*b*)

Pelo contrario Madureira embica na palavra Aldrava, que he manifeſtamente derivada da voz Arabica ſemelhante *Aldraba*, originada do verbo *Daraba* bater com ferro na porta. Mas o Etymologiſta Portuguez buſcando etymologia mais plauſivel diſcute o ponto deſte modo. ,, Aldrava he o ferro com que ſe bate, ou dá na por-
,, ta, e deſte *dar* querem alguns, que ſe chame Aldava;
,, mas como *dava* naõ quer dizer *dá*, mas *dava* do

(*b*) V. Quinct. lib. I. c. 6.
(*c*) *Orig. da L. Portug.* pag. 69.

,, tem-

,, tempo preterito imperfeito, naõ he taõ propria a ety-
,, mologia, que lance fóra o Uſo commum de *Aldra-*
,, *va.* ,, Se iſto naõ he puerilidade das puerilidades, chamem-lhe os mais prudentes como quizerem. O verbo al-dar Portuguez, creio que a ninguem podia lembrar para *aldrava.* O certo he que os noſſos antigos diziaõ *Aldava* talvez por darem ao vocabulo fórma diverſa do Arabico, como deraõ á *aſma* diverſa do Grego *aſthma*, e a outros muitos, bem entendido que ſemelhantes mudanças naõ profanaõ as etymologias. E qual he ou foi jámais a etymologia, que prevaleceſſe contra o Uſo, ou o botaſſe fóra, ſe naõ foi conſentindo-a o meſmo Uſo?

Naõ ſe contenta com *Puberdade*, accreſcenta, que outros dizem Pubertade do Latim Pubertas: agrada-lhe. Logo poderemos dizer em Portuguez libertade, facultade, e tudo o que for como o Latim.

Aſſim he que a preocupaçaõ o faz muitas vezes trocar os vocabulos bem formados, uſuaes, e authorizados por outros, que annova de ſua fantaſia ſem neceſſidade, como quando diz, que *Prurido* he melhor que *Pruido* por cauſa da derivaçaõ de *Pruritus.* E ſe iſto he boa razaõ, temos que *Comeſto* ſerá vocabulo mais gentil que *Comido*: *Rido* de Rir naõ ſerá taõ bom termo como Riſto, viſto que podemos calcular pela mathematica das Etymologias, que *riſus* de ridere he para formar o vocabulo Portuguez *riſto*, como *viſum* de videre he para o vocabulo Viſto. Que abſurdos?

Termentina (diz) e naõ Tormentina: melhor *Therebentina* por ſer reſina de Therebinto. E que te parece, ó Madureira, o Inglez, que diz na ſua Lingoa *Turpentine*? he Tartaro? O Italiano eſſe eſtá conforme, que diz *Termentina*; mas o Eſpanhol tem *Trementina*: he Chacôco? Só o Francez he mais polido, que ſegue paſſo a paſſo a etymologia, e diz como gente *Therebentine*: os mais ſaõ huns barbaros.

Ha vocabulos na Lingoa Portugueza, que naõ tem

etymologia Latina nem fumo della, e Madureira desatina-se a inventar-lha. Dá-lhe tratos entre outros o nome *Algeroz*: hesita, se será Algeroz, Algiroz, ou Aljaroz: bota a livraria abaixo, e acha no P. Bento Pereira Aljaroz: eis hum aqui del-Rei, que naõ usemos de tal palavra, que nenhuma derivaçaõ tem, nem analogia com *Imbrex*. Vejaõ como podia ter correspondencia com Imbrex Aljaroz derivado do Arabico *Alzarub*? Mas se he praga, ou maldiçaõ serem as vozes Portuguezas differentes das Latinas, botemos fóra *Açoite*, que naõ nada com *Flagellum*: naõ fique *Azeite*, que naõ condiz com *Oleum*; nem haja *Couve*, que naõ se parece muito com *Caulis*: degrademos *Ama*, que naõ tem parentesco com *Nutrix*: e quantos outros? (*a*)

Causa porém lastima a inutil diligencia deste indagador, e o muito que se amofina a respeito de *Mascabado*, ou *Mascavado*, *Mascabo*, *Mascabar*, *Menoscabo*, *Menoscabar*. Quer a derivaçaõ, e queixa-se, que nem o Bluteau, nem os outros Authores a apontassem, e em fim conclue enfadado desta sorte: ,, Como nenhum ,, traz a origem destas palavras, nem eu a pude descu- ,, brir, deixo o exame da sua propriedade para aquel- ,, les, que naõ querem se imite na Orthografia das le- ,, tras a origem das palavras, e digaõ se ha de ser Mas- ,, cabado, ou Mascavado. ,,

Talvez a sua demasiada subtileza, ou a imaginaçaõ nimiamente pegada á etymologia Latina será causa, que estando com as mãos em cima della, a naõ vê. Dous vocabulos temos, ambos do mesmo som, mas de differente raiz Latina, donde se deriva Mascabado, e alguns outros termos; porque ha *Cabo* derivado do Latim *Capulus*, com que dizemos cabo da faca, da foice &c., e daqui se toma amplamente por fim, extremidade de qualquer cousa: *Cabo do mundo*, *cabo da vida*, *cabo do anno* &c. ainda he lingoagem conhecida,

(*a*) V. Nunes *Orig. ad L. P.* cap. 7. &c.

e *Ca-*

e *Cabo* corda que ſe amarra a qualquer couſa para a puxar, he bem uſual.

O outro he *Cabo* por cabeça derivado do Latim *Caput*, que he para nós taõ deſuſado neſta ſignificaçaõ, como *Cap* vocabulo antigo dos Francezes por *Tête*; mas uſamos com tudo delle em *Cabo de guerra*, que os Francezes chamaõ *Chef*, iſto he o que tem o primeiro poſto no exercito: tambem ſignifica promontorio, quando ſe diz *Cabo da Boa Eſperança*, Caput Bonae Spei.

Deſte ſegundo ſe deriva *Menoscabo*, e *Menoscabar* na ſignificaçaõ de deſprezo, correſpondendo á fraſe Latina *Minutus capite*, e deſte verbo temos *Maſcabado* por abreviatura, como tambem *Maſcabo*, e chama-ſe *Maſcabado* o aſſucar mais groſſeiro e fuſco.

Agora o que tem exquiſita graça, he a queſtaõ, que move ſobre o termo Czar titulo, que os Moſcovitas daõ a ſeu Princípe. ,, Tomara eu ſaber (diz elle) ,, ſe ſeguindo a noſſa pronunciaçaõ havemos de eſcre- ,, ver Czar, ou Quezar? e entaõ que palavra fica? ou ,, ſignifica. Porque ſe perguntarmos aos Moſcovitas, que ,, ſignifica Czar na ſua Lingoa, reſponderá, que Rei: ,, e ſe lhe perguntarmos, que ſignifica Quezar, diraõ, ,, que nada. ,,

Forte difficuldade! Quem ſe admira, que os pezos, e medidas de Moſcovia, de Alemanha, Inglaterra &c. tenhaõ differente reputaçaõ dos de Portugal? E quem naõ ſabe que os caracteres, que repreſentaõ os ſons, e os meſmos ſons, de que ſe compoem os vocabulos em differentes idiomas tem lá ſeu valor particular conſtituhido pela naçaõ? e entaõ que conſequencia temos?

§ IV.

Principios, donde ſe collige o abuſo da Etymologia na Lingoa Portugueza.

Aquella liberdade, que tiveraõ os noſſos antigos em modificar differentemente os ſons das palavras originaes para formarem as dicções Portuguezas, chamáraõ os modernos *Correcçaõ*. Porque (diz Nunes) natural couſa he aos que ſe entremettem a fallar alguma Lingoa alheia, deſencaminhar-ſe das regras e propriedades della, e commetterem os vicios, que chamaõ barbariſmos, e ſoleciſmos, mormente quando as Lingoas ſaõ mui deſſemelhantes, como aconteceo aos Godos, e Vandalos, e outros taes naſcidos na Gothia, e na Sarmacia, vindo a Eſpanha, onde a Lingoa Latina caſta e pura, que ſe fallava,, corrompêraõ adulterando os vocabulos, e ,, mudando-os em outra fórma e ſignificaçaõ differente, ,, e introduzindo outros de novo de ſuas terras, e de ,, outras gentes, que com ſigo trouxeraõ.,,

Donde ſe vê, que a palavra corrupçaõ naõ contém nada de máo agouro para as Lingoas novamente introduzidas; na Lingoa original foi corrupçaõ o que nas Lingoas novas he propriamente *derivaçaõ*, ou *annovaçaõ*, e dos meſmos barbariſmos e ſoleciſmos da Lingoa anterior ſe formaõ as propriedades, que conſtituhem a Lingoa ſucceſſora. Mas por erro dos noſſos etymologiſtas ſe deo a eſte vocabulo corrupçaõ hum ſentido equivoco, e muitas vezes falſo, entendendo por corrupçaõ da Lingoa Portugueza, e dos ſeus termos, o que ſó foi corrupçaõ da Lingoa Latina, ou das outras donde ella os deriva. Deſte modo obſervaremos, que no ſyſtema do Madureira ſó ſaõ *palavras derivadas* aquellas em que ſó ſe mudou a terminaçaõ das Latinas correſpondentes; as outras porém em que ſe acha maior alteraçaõ na compoſiçaõ das ſyllabas, chama-lhes corru-

ptas

ptas do Latim. Daqui lhe veio a idéia de restituir á antiga fórma Latina as palavras que estavaõ Portuguezas, de fórma que imaginando fazer os maiores serviços á Lingoa Portugueza a vinha a destruir, causandolhe huma enorme confusaõ. A prova disto he:

1.° Nenhuma das Lingoas modernas, ainda das que mais se lisongeiaõ de parentesco, ou filiaçaõ com a Latina, recebeo della todos os vocabulos de que consta o seu thesouro. E para fallarmos só da nossa, he bem sabido, que o Latim puro, e Latim Barbaro, o Gothico puro, e o misto de Latim, depois o idioma Galliziano, o Hebreo dos Judeos, que viveraõ na Espanha, o Arabico, que se lhe introduzio, a communicaçaõ do Francez, e do Italiano, as conquistas das Indias Orientaes, e dos Brazís, o commercio de Inglaterra &c. tudo tem concorrido para a variedade de vocabulos, de que se compoem a Lingoa Portugueza. He logo mais que puerilidade querer reduzir os vocabulos Portuguezes de diversas origens á etymologia Latina, ou fingirlhes tal etymologia, que elles naõ tem, nem podem ter.

2.° Qualquer que seja o vocabulo, toda a vez que tem a publica nota e caracter nacional, e está privilegiado do Uso, tem tido o que basta para ser bem avaliado. „ Na minha estimaçaõ (dizia Quinctiliano) (*a*) „ naõ saõ estrangeiras as Lingoas, que se fallaõ em Ita- „ lia, nem aqui as distingo da que se falla em Roma. „ Nós usamos até das palavras puramente Gregas nas „ occasiões em que faltaõ as nossas. „ Dispute agora hum Critico de sangue frio, se diremos *Pruma*, ou *Pluma*? a primeira (diz Madureira) he mais Portugueza, a segunda he Castelhana: podia dizer tambem Franceza. E que importa seja Castelhana, ou Franceza, se o Uso Portuguez a consagra, sendo os sons, a sua escolha e modificaçaõ hum bem commum a todas as nações, que se communicaõ?

(*a*) Lib. I. c. 5.

3.° A

3.º A primeira Etymologia das palavras Portuguezas naõ faz lei imprescriptivel, para que ellas nunca se apartem, nem hum apice, da sua origem. *Tonores* diziaõ os antigos Latinos seguindo mais de perto a Etymologia Grega τονοι: fôraõ tôlos os Latinos posteriores, quando mudáraõ em *Tenores*? Quem dirá que he melhor *Fame* do que *Fom*, porque em Latim he *Fames*? ou porque dizemos *faminto*, e naõ *fominto*, nem *fomento*? Quem dirá, que he mais Portuguez *estolido* do que *tôlo*, *attonito* do que *tonto* visto a derivaçaõ he *stolidus*, *attonitus* &c.?

Que cousa mais insignificante que pronunciar-se com os beiços fechados, ou abertos huma syllaba n'uma dicçaõ que passou de huma Lingoa para outra, como *sibilare* em Latim, e *assoviar* em Portuguez? Naõ escapará com tudo a Madureira esta questaõ de *lana caprina*. ,, *Assoviar* (diz) he abuso; porque no Latim se ,, diz *sibilare*: e nós devemos dizer *assobiar*, *assobio*; ,, porque naõ ha fundamento para trocar *b* em *v*. ,, Optimo arbitrio! mas em *arvore* de *arbos*, ou *arbor* haveria fundamento para naõ ser *arbore*? Diremos *silvo*, ou *silbo*? ,, Ahi (diz) he corrupçaõ, ou abreviatura de *sibilo*: melhor dissera, de *sibilus*, porque sibilo nunca se disse em Portuguez: e muito melhor, se advertisse, que foi acertadissima e mui natural a permutaçaõ de *b* em *v* para que o vocabulo imite a disposiçaõ dos labios e o som, quando se fórma o silvo. Mas a Filosofia das Lingoas naõ he facil de se ajustar com as etymologias deste homem. Deste antecedente se segue outro corollario:

4.º Derivar hum vocabulo, ou seja das Lingoas estranhas, ou dos mesmos vocabulos Portuguezes naõ he sempre pintar os mesmos sons todos, nem a mesma ordem dos sons originaes. Que razaõ ha para que *Favilla* seja melhor, que *Faula*, como quer Madureira? naõ se póde assignar outra, senaõ que tendo-se formado da Lingoa Latina a Portugueza, elle de Portugueza a quer

tor-

tornar Latina: e assim o entende. Que ganhou a nossa Lingoa deixando *Estámago* por Estómago? nada: mas o uso preferio esta, e Madureira diz: „ O Uso universal „ de homens doutissimos tem sido de Estámago, e bem „ sabiaõ elles, que no Latim se diz *Stomachus*. „ &c. Logo este Uso universal he o que se deve respeitar, e naõ precisamente a etymologia mais rigorosa.

Alimaria he derivado de animal, como *Alma* de anima com pequena differença; mas a superticiosa adhesaõ deste Autor á etymologia material lhe faz dizer, que „ se Joaõ de Barros nas Decadas, e Camões nos „ Cantos usáraõ da palavra *alimaria*, foi mais por ser „ esta a pronunciaçaõ do vulgo, que a propriedade da „ palavra. „ Naõ eraõ estes Authores taõ leves, que seguissem a corruptella do vulgo, antes tiveraõ mais juizo em seguir o Uso contentando-se com a derivaçaõ, que elle approvára. Seguiaõ a corruptella do vulgo os bons Latinos do tempo de Cicero, que diziaõ *Meridies* por Medidies, e *pomeridiem* por post meridiem &c.? Horacio permettia aos Poetas Latinos, que as palavras, que derivassem do Grego, teriaõ boa acceitaçaõ, naõ sendo inteirissas, mas talhadas hum pouco ao molde da Analogia nacional:

Et nova fictaque nuper habebunt verba fidem si
Graeco fonte cadant parce detorta. . . . . .

Ao contrario estes Mestres da nossa Lingoa, que guerra naõ fazem aos vocabulos Portuguezes pela mudança de huma letra? „ *Visco* (diz Madureira) mais proprio, que *Visgo* do Latim *Viscum*. „ Seja: mas se os Latinos tivessem Visgum, ou Visgus, e nós Visco, qual seria melhor? *Inimico* será em Portuguez mais proprio do que *enemigo*, por ser em Latim *inimicus*?

§ V.

§ V.

Cauſa por que a Lingoa Portugueza muitas vezes ſe aparta da Etymologia Latina.

Ha em todas as Lingoas huma couſa, em que o povo he filoſofo, e os filoſofos ſaõ povo, porque huns e outros niſſo ſaõ igualmente diſcretos, vem a ſer no inſtincto natural do ouvido, que os faz attentos e ſenſiveis á Eufonia, iſto he, á mais agradavel impreſſaõ dos ſons. (*a*) Por iſſo diſſemos acima, que o Uſo naõ he hum Legislador cego, mas que ſe governa por ſuas razões na eſcolha, e preferencia dos ſons. *Frol* diſſeraõ os noſſos antepaſſados, formando o vocabulo de origem Latina, mas com deſſemelhança, para que ſe conheceſſe Portuguez. Eſte ſe mudou depois em *Flor*: e porque? ſeria para o aproximar á origem Latina? Naõ havia niſſo intereſſe: pelo goſto do ouvido? iſſo ſim. E porque naõ obſerva o Uſo coherentemente a meſma lei da Eufonia em outros mais vocabulos? ,, He (diz Condillac) (*b*) neceſſario, que huma Lingoa tenha ſons doces, menos doces, e ainda duros, e finalmente ſons de todas as eſpecies. ,, E neſte ſentido he que ſe coſtuma dizer, que *nas Lingoas nada he conſtante*; e por iſſo o que vale n'um exemplo particular, naõ funda lei para que valha em todos os ſemelhantes, ſegundo o que obſervamos na Analogia, porque, como obſerva o Orador Romano, os vocabulos ſeguem a lei do goſto, e naõ a lei da natureza. (*c*)

Os antigos naõ ſabiaõ Latim, quando formáraõ *Simpreza*? Eraõ mais Latinos os que depois tomáraõ *ſimpli-*

(*a*) ,, Illud autem nequis admiretur, quonam modo haec vulgus imperitum in audiendo notet.. in hoc magna quaedam eſt vis incredibiliſque naturae ,, Cic. *de Orat.* n. 51.

(*b*) *Eſſai ſur les Connoiſ. hum.* pag. 246.

(*c*) ,, Quod non fit naturá, ſed quodam inſtituto. ,, Cic. *Orat.* 48.

plicidade? O primeiro durou até depois de Camões; e nelle he frequentemente, como

Oh feminina ſimpreza,
Donde eſtaõ culpas a pares! (*a*)

Por que cauſa ſe lhe ſubſtituio ſimplicidade? hum, e outro naõ fogem da Etymologia, mas attendeo-ſe á maior claridade dos ſons. De outra ſorte o captiveiro da etymologia nos obrigaria a guardar a meſma quantidade das vogaes, que em muitos vocabulos ſe achaõ mudadas, como em *Idolo*, cuja penultima he breve, ſendo longa em Idolum, *Oceano*, que a tem longa, ſendo breve em Oceanus &c.

A noſſa Lingoa he por ſeu proprio caracter harmonioſa, e por iſſo naturalmente inimiga da complicaçaõ das articulações, principalmente daquellas, que o orgaõ, ſegundo a diſpoſiçaõ nacional, naõ póde executar ſem trabalho, e violencia na pronunciaçaõ. Por iſſo de *Aſthma* ſe formou *aſma*, de *Flegma* tomamos *fleuma*; por iſſo *algariſmo* nos he mais corrente do que algarithmo, *ariſmetica* do que arithmetica. &c.

Daqui vem o cuidado, que os antigos tinhaõ de conciliar maior doçura ás dicções por meio dos dithongos, convertendo em vogal a conſoante immediata á vogal precedente, dizendo: *Auçaõ* por acçaõ, *Contrauto* por contracto, *Cautivo* por captivo, e outros, dos quaes o uſo poſterior fez eſcolha, excluindo a demaſia, que affeminava o idioma.

Hoje ſobre affectaçaõ nos parece ruſticidade o ſyſtema de Nunes, (hum dos mais obſtinados etymologiſtas) em *octo*, *precepto*, *concepto*, *ſuſpecto*, *doctos*, *acceptar*, *reſpecto*, *reſpectar*, *lector*, *noite*, *ſecta*, *perfecto*, e muitos outros; nem *batiſmo*, *baptizar*, e *Baptiſta* ſe ſoffre hoje por bautiſmo, bautizar, Bautiſta.

Sobre as conſoantes no principio das dicções, Madureira contenta-ſe com dizer equivocamente, que ainda

(*a*) Cam. *Cart. a huma Dama.*

que na noſſa Lingoa todas as palavras, que no Latim principiaõ por *ſ*, e conſoante, pódem principiar por *e*, com tudo ha humas taõ alatinadas, que ſeria impropriedade naõ ſe eſcreverem com a meſma Orthografia. Niſto moſtra alguma mediania a reſpeito de Nunes, que pugna pela Etymologia Latina cegamente em *ſtado*, *ſtar*, *ſtado*, *ſtatua*, *ſpirito*, *ſperar*, *ſcriptura*, *ſcrivaõ*, *ſtrella*, e tudo o mais, e chama grande erro na Lingoa Portugueza o que he a ſua propriedade, e natural conſtituiçaõ. E he para admirar como concorda eſte Author com ſigo meſmo, e com as ſuas maximas quando diz, que naõ conſiſte a policia da Lingua Portugueza em as palavras ſerem mui conjunctas, e parecidas com as Latinas, mas que antes quanto nos deſviamos da Latina tanto fica tendo mais graça, e ſendo mais noſſa. *Orthogr. Portug.* p. 276. E eſtes ſaõ os Meſtres da Lingoa, que a naõ conhecem ſenaõ pelas feições da Latina, ou para melhor dizer, que naõ conhecem o proprio caracter de huma, nem de outra.

Porque em toda a dicçaõ Portugueza no principio neceſſariamenre ſempre ao *ſ* precede hum *e*, excepto quando elle liga a vogal ſeguinte: a prova diſto he que a noſſa pronuncia no Latim em vocabulos que principiaõ por *ſp*, *ſt*, *ſc*, &c. he contrafeita, e violenta, e ainda no meio das dicções; porque em *neſcio* os que affectaõ pronuncia articulada fazem com *ſc* huma chiada, e os que pronunciaõ naturalmente naõ appreſentaõ ao ouvido ſenaõ *necio*: por iſſo naõ temos *neſcedade*, mas neçedade, nem *ſmeralda*, mas eſmeralda &c. Se aſſim naõ he, appello para os que tem ouvido ſaõ, pronunciaçaõ pura, conhecimento do caracter das Lingoas, e juizo livre de preocupações.

Geralmente ſe tem obſervado, que todas as conſoantes, que deſenleiaõ mais diſtinctamente os ſons, iſto he, as vogaes, e aquellas, que o orgaõ da falla executa com mais deſembaraço, e velocidade ſaõ as mais favoraveis á pronunciaçaõ da Lingoa Portugueza. Taes

ſaõ

saõ as articulações ſimples da Lingoa com o paladar, da Lingoa com os dentes, do labio inferior com os dentes, e dos dous labios hum com o outro. Por iſſo naõ ſe acha dureza no nexo das articulações em *abdicar*, *obter*, *apto*, *aptidaõ* &c. cujo ſom he aſſás liquido, e expedito.

Mas iſto tem ſuas limitações, ſegundo o caracter, e diſpoſiçaõ das vogaes, que ſe miſturaõ; porque em *optimo* ſomos forçados a pronunciar otimo, ſem *p*, porque o accento agudo na primeira ſyllaba, e o ſom forte da vogal *o* embebe o ſom das vogaes ſeguintes froixas, e ficaõ tres articulações ſimultaneas com pronunciaçaõ rude, e disforme, como ſe foſſe *óptm*: pelo contrario ſe foſſe com a penultima longa *optímo* ſeria taõ facil como em adoptívo, aptídaõ, adoptado &c.

Com que, da analyſe exacta dos elementos fyſicos das dicções portuguezas, dos ſeus fenomenos na compoſiçaõ das meſmas dicções, e da obſervaçaõ do caracter do idioma, he que os Meſtres da Lingoa deveraõ deduzir as ſuas regras para fixar o ſeu Uſo, e naõ da cega, e material inſpecçaõ da etymologia da Lingoa Latina, cuja pronuncia nos he deſconhecida. Antes dos meſmos exemplos da Lingoa Latina devêramos aprender as variações modificações que faziaõ os ſeus Authores nas dicções, para prudentemente os imitarmos em todos os caſos ſemelhantes: que delicadeza os obrigou a preferir *aufero* a *abſero*, ſem terror panico de barbariſmo, *aufugio* a *abſugio*, *attinet* a *adtinet*; *aſſero* á *adfero*, *pomeridianas* á *poſtmeridianas*, e *meridies* á *medidies* &c.?

Quanto mais que a Lingoa Portugueza ainda tem muito mais vantagem em melodia ſobre a Latina; porque mui ſemelhante á Lingoa Grega, abunda de terminações em vogaes nos nomes, e verbos. E ſobre tudo nenhuma palavra ſe póde terminar em conſoante muda, como no Latim *lac*, *caput*, *apud*, *amat*, *amant* &c.; nem nos ſyllabarios da noſſa Lingoa ha aquellas com-

binações de ab, eb, ib &c. ac, ec, ic &c. que deviaõ haver nos dos Latinos, como ha nos dos Inglezes, e outras nações do Norte.

SEGUNDA PARTE

De outras cauſas da decadencia da Lingoa Portugueza.

TEMOS viſto, como os meſmos principios fundamentaes, que ſervem de governo ás Lingoas, pelo abuſo, e má intelligencia, ſe tem convertido em prejuizo da Lingoa Portugueza. Outros ha, que naõ lhe ſaõ menos nocivos, taes como o mal entendido *Plebeiſmo* das dicções, o *Latiniſmo*, a *Francezia*, de que hiremos tratando por ſua ordem.

CAPITULO I.

Do mal entendido Plebeiſmo das dicções, IV. cauſa da decadencia da Lingoa Portugueza.

§ I.

Qual he a verdadeira, ou falſa vileza dos termos.

NAõ ſe perdem os vocabulos pela muita frequencia do ſeu uſo, antes eſta he a que mais os fixa, e eſtabelece. Naõ ſaõ elles (como alguns dizem) como a moeda, que pelo muito manejo ſe deſgaſta, e faz çafada; ſimil falſo, e mal applicado a eſte propoſito. A interrupçaõ do uſo dos vocabulos eſſa he a mais verdadeira cauſa, que os faz degenerar, perder o ſeu luſtre, e eſtimaçaõ, até finalmente ficarem em eſquecimento. De outra ſorte, ſe ſó o muito uſo podeſſe aviltar

as

as palavras, já hoje naõ teriamos nem a palavra, *ſol*, *planta*, *luz*, *flor* &c. taõ quotidianas, e ordinarias. Todas teriaõ cahido em baixeza, tendo durado tantos ſeculos deſde que ha Portuguezes, e Monarquia, tendo primeiro naſcido em outras Lingoas, onde fizeraõ muitos ſerviços.

Mas ſe huma parte dos termos ſe julgaõ baixos e deſpreziveis, ſó por ſerem anciãos, e deſuſados, outros ha cujo uſo ſe perde naõ por alguma real vileza, que nelles haja, mas ſim por huma idéia fantaſtica de baixeza, que os homens lhes imputaõ.

Vê o povo, que os doutos nos livros, que eſcrevem, e agente polida na ſua converſaçaõ miſturaõ certos termos mais exquiſitos do que os que lhes ſaõ mais familiares; ou ſeja por eſcolha por ſerem os mais adequados ao ſeu penſamento, e á materia de que trataõ, ou fortuitamente porque eſſes primeiro lhes occorrem ſem ſerem talvez melhores, que os outros correntes. Mas como os idiotas ſempre ſuppoem, que a gente inſtruida tem razaõ para fallar melhor, que elles, levados ou da curioſidade de fallar bem, ou da vaidade de quererem diſputar aos ſabios o primor de fallar, como aos ricos diſputaõ ás vezes o de veſtir, e galear, uſurpaõ-lhes as palavras de que elles uſaõ, correm eſſas palavras com preferencia, e os meſmos idiotas tornando-ſe Criticos da Lingoa mais importunos, facilmente deſdenhaõ das que deixáraõ, e brevemente ſe perde o ſeu uſo.

Nem iſto he huma ſuppoſiçaõ quimerica, mas verdade deduzida da experiencia. Viaõ-ſe antigamente até os barbeiros, e eſcudeiros fallar Latim em Portuguez, porque ouviaõ Clerigos, e Letrados, que uſavaõ de palavras alatinadas, com que ſe haviaõ familiarizado pelo commercio dos livros, as quaes as vezes naõ eraõ melhores, nem de maior valor que as familiares, de que uſa o commum: hoje vemos outros taes fallar Francez em Portuguez, porque as peſſoas com quem trataõ, pela liçaõ de livros Francezes, ou de traducções afrancezadas

tem

tem contrahido o habito de empregar nos discursos que fazem as palavras daquelle idioma, que lhes ficáraõ ligadas ás idéias; e as palavras proprias do nosso idioma, de que usáraõ louvavelmente os nossos avós, essas expressões energicas authorizadas nos bons escritos de Sousa, Andrade, Vieira, e outros deste merecimento, vaõ perdendo fortuna, sem outra causa mais do que a novidade das substituidas, o gosto extravagante dos que as introduzem, e a leveza dos que as seguem. De maneira que se alguma vez apparecem, ja os mancebos lhes chamaõ gothicas, rançosas, e as desprezaõ por baixas, e rasteiras.

He observaçaõ verdadeira em todas as Lingoas, e povos cultivados, que naõ ha cousa, que tanto deslustre hum discurso polido como a frase baixa, e rasteira; de sorte que geralmente fallando, mais sopportavel será hum pensamento baixo fallado em termos nobres, do que hum pensamento nobre representado com palavras baixas, e triviaes.

Ora de dous modos podemos considerar as palavras plebéas, humas por serem desfiguradas, e corruptas, quaes saõ muitas que a gente da plebe perverte como: *cosarte* por que sarte, quando dizem *tem cosarte dinheiro* &c. Outras pela significaçaõ com que se attribuem a objectos de idéias disformes, ridiculas &c. Destas as primeiras saõ sempre, e seguramente palavras plebéas: as segundas tem sua duvida.

Por quanto he certo, que em todas as Lingoas naõ ha palavras, que por si mesmas sejaõ vís, ou baixas: I. Porque em quanto aos elementos fysicos de que se compoem saõ meros sons, e quaesquer palavras considera em quanto sons, naõ podem ter baixeza: II. Em quanto ao fim para que fôraõ instituidos saõ huns sons significativos taõ dependentes do arbitrio humano, como os Jeroglificos, ou como os caracteres algebricos. Naõ tem logo em si mesmo vileza alguma, que lhes seja inherente.

Lo-

Logo ſe alguma vileza podem contrahir, he adventicia, e procede naõ das idéias, que ellas exprimem, mas das que os homens pertendem excitar por meio dellas, referindo-as a objectos, que por ſuppoſiçaõ ſaõ vís. O meſmo ſe póde dizer das palavras, que chamamos *obſcenas*, em ſentido differente do que os Eſtoicos inferiaõ com as ſuas cavillações; (*a*) pois que da parte das palavras, ellas naõ tem nenhuma obſcenidade natural intrinſeca; da parte dos homens, que dellas uſaõ, attendendo ás couſas ſignificadas, no eſtado da natura perfeita, e innocente, nada havia na conſtituiçaõ, e organizaçaõ do corpo humano, nem nas ſuas funcções, que foſſe obſceno, ou deshoneſto: e ſó a funeſta mudança de natureza leſa pela corrupçaõ foi a que induzio a obſcenidade attribuida, que podemos chamar obſcenidade, como dizem, *per accidens*.

Ora eſtas idéias de baixeza, que envolvem muitos vobabulos, pela relaçaõ dos objectos ſignificados variaõ nas Lingoas, ſegundo a diverſidade das nações, dos coſtumes, inſtitutos, e caprixo dos homens; e por iſſo em todas as Lingoas ha palavras vís de puro caprixo, e as que n'umas ſe tem por vís, n'outras ſeraõ iſentas da nota de baixeza, ou vileza.

Muitas couſas havia entre os Orientaes, que ſe naõ tinhaõ por vís, e o ſaõ para nós, e communicou-ſe ás palavras a vileza attribuida aos objectos, como podem obſervar os que tem alguma liçaõ de Homero. Mas vejo os Criticos, que atrevidamente culpaõ a locuçaõ baixa da Poeſia de Homero, ſe ſe atreveriaõ taõ

(*a*) „ Neque vero audiendi ſunt Cynici, aut ſiqui fuerunt Stoici pe- „ ne Cynici, qui reprehendunt et irrident, quod ea, quae turpia re „ non ſint, nominibus ac verbis flagitioſa ducamus; illa autem, quae „ turpia ſint, nominibus appellemus ſuis. Latrocinari, fraudare, adul- „ terari, re turpe eſt: ſed dicitur non obſcaene: liberis dare ope- „ ram, re honeſtum eſt, nomine obſcaenum: pluraque in eam ſen- „ tentiam ab iiſdem contra verecundiam diſputantur. „ Cic. *de Offic.* Lib. I. cap. 35. Id. lib. 9. *Familiar. epiſt.* 22.

ai-

airofamente a criminar femelhante baixeza nos livros das divinas Efcrituras.

Sirva de exemplo a palavra *Afinus*, afno, que para os Latinos, como para muitas das nações modernas he palavra viliffima, principalmente para os Francezes, que faõ de todos os póvos da Europa os mais melindrofos nefte ponto, como elles mefmos confeffaõ: (*a*) e ainda entre nós *afno* eftá no mefmo gráo de vileza, que a palavra, *burro*, *befta*, e outras taes; fendo que o vocabulo, que exprime aquelle animal, nem no Grego, nem no Hebreo he infamado, antes neftas duas Lingoas entra nos difcurfos mais mageftofos.

A' palavra *Porcus*, naõ lhe valeo para efcapar á averfaõ dos Romanos, o fignificar effe animal bem conhecido, que a fuperftiçaõ gentilica confagrava em certos facrificios, e foi precifo a Virgilio formar o vocabulo novo *Porca*, que os Latinos nunca ouvíraõ, para naõ deslu(trar o feu Poema com o nome vulgar *Porcus*, que fe julgava vil, e indecorofo; como obfervåraõ Servio, e Quinctiliano naquelle verfo do Poeta:

Caefa jungebant faedera porca.

Os rufticos entre nós, bem fe fabe, que receofos de peccar contra a urbanidade, extendem na fua prática efta idéia fantaftica de baixeza a muitos termos, que na opiniaõ da mefma gente polida, com quem fallaõ, naõ tem baixeza nenhuma. Naõ fe nomeia fem licença de V. M., ou V. S., ou de V. Ex. os feus bois, o feu cavallo, a fua egoa &c. e até ás vezes effe mefmo falvo conducto acompanha com os mefmos termos, que fervem de capote, como *cevado*, *bácoro*, *cochino*: chega o efcrupulo n'alguns até ás palavras, *manjadoira*, *córte*, *cevada*. &c.

O que mais he, tal termo do mefmo fignificado he vil n'uma Lingoa, e outro naõ o he. Os Francezes tinhaõ *Ouailles* derivado do Latim *Ovis*, como nós *Ove-*

(*a*) *Reflex. Critiq. fur quelq. paffages de Longin.* Oeuvr. de Boileau.

lha;

lha, mas veio por tempo a cahir em tal baixeza, que o naõ consentem em estylo culto, nem ainda no Pastoril o soffrem, renunciáraõ-no aos discursos da Religiaõ, e só aos que estaõ sogeitos aos Pastores da Igreja chamaõ *Ouailles*: em qualquer outro Uso serve o termo mimoso *Brebis*.

§ II.

Differença dos termos familiares, e plebeos a respeito do seu Uso.

Porém qualquer que seja esta vileza de convençaõ, que os vocabulos tem contrahido nas Lingoas, sempre se deve entender como *vileza respectiva*, e naõ absoluta. Pelo que pode-se dizer em geral, que hum termo he baixo e rasteiro, toda a vez que naõ corresponde á gravidade das cousas, ou a graduaçaõ, e authoridade das pessoas. (*a*)

Devemos logo distinguir as *palavras familiares* das *palavras toscas e grosseiras*, de que usa a gente da plebe: estas nunca teraõ lugar nos discursos de gente de bem, aquellas muitas vezes saõ de grande energia, e até entraõ no familiar nobre; e muitas vezes a propriedade com que significaõ faz o seu uso indispensavel. (*b*) Humas e outras confundem ordinariamente os semidoutos e os Criticos da segunda ordem, que affectando-se homens polidos, e como separados da massa commua

---

(*a*) ,, Sunt autem humilia infra dignitatem rerum aut ordinis. ,, Quinct. l. 8.

(*b*) ,, Non augenda semper oratio, sed submittenda nonnunquam ,, est. Vim rebus aliquando et ipsa verborum humilitas adfert. ,, Quinct. lib. 8.

,, Omnibus enim fere verbis praeter pauca, quae sunt parum ve- ,, recunda in oratione locus est.. Nam humilibus interim et vulga- ,, ribus est opus, et quae cultiorâ in parte videntur sordida, ubi res ,, poscit, proprie dicuntur. ,, Id. lib. 10. cap. 1.

do povo, tem para ſi, que nunca ſe falla limpamente, ſenaõ quando ſe falla como os Prégadores nos pulpitos, ou Cortezãos em palacio; e por iſſo com delicadeza pedanteſca rejeitaõ quaesquer palavras chans e ſingelas, e os vocabulos mais proprios, em que muitas vezes conſiſte a graça, ou ſal da converſaçaõ, ou vocal, ou epiſtolar. Por exemplo *deſcôco* por atrevimento, ou deſcaramento, que ſe naõ empregue n'uma hiſtoria, ou compoſiçaõ grave, ſerá louvavel prudencia do Eſcritor: mas que razaõ prudente ſe póde dahi colher, para que abſolutamente ſe deſpreze? A eſta podiamos aggregar hum bom numero, que traz Madureira no Gloſſario, que ajuntou á ſua Orthografia, a que coſtuma juntar a clauſula *palavra do vulgo*, que na ſua mente vale o meſmo, que dizer, que taes naõ ſaõ palavras de gente, como na palavra *aperrear*.

Mas que importa que ſejaõ palavras do vulgo aquellas, por que igualmente o vulgo, e a gente bem naſcida ſe póde explicar bem? Entaõ a energia, ou força ſignificativa de taes vocabulos lhes faz deſapparecer aquella ſuppoſta baixeza, como obſerva o grande Critico Longino, excuſando por eſte principio algumas expreſsões de Herodoto. (*a*) O meſmo enſinou o grande Rhetorico Fortunaciano, diſtinguindo humas palavras plebéas, que podemos chamar *pêcas*, e outras que ſaõ *cheias* e ſubſtanciaes, (*b*) ás quaes por eſta cauſa damos o nome de familiares.

Neſta conſideraçaõ Cicero naõ duvidou de uſar n'um de ſeus bellos diſcurſos do vocabulo *Sarraco*, que lhe

(*a*) „ Haec vicina ſunt plebeio ſermoni, ſed quia rem bene ſigni- „ ficant, plebeia non ſunt. Nempe plebeius ſermo interdum omni „ clarius rem indicat, quia illico ex ipſa communi vita agnoſcitur. „ Longin. *de Sublim.* cap. 31.

(*b*) „ Vulgaria ergo, quae ſunt? quibus utitur vulgus, id eſt, in- „ docti ſine ratione atque lectione. Nam ſunt quaedam verba, quae „ quamvis obſoleta ſint, tamen vitanda non ſunt, ſi nimirum pro- „ pria ſunt, et illis melius expeditur oratio &c. „ Fortunatian. p. 70.

ca-

cahio a propoſito, ſendo com tudo hum dos vocabulos havidos por plebeos; e noutro diſcurſo uſou da palavra *Coniſcans*, que correſponde ao noſſo verbo *eſcornar*.

§ III.

Palavras, que ſe fizeraõ burleſcas *pela malicia do vulgo, e pedanteria dos ſemidoutos.*

Deſta confuſaõ pois das palavras familiares com as plebeas naſce aquella ridicularia, dos que por fugirem de expreſsões baixas recorrem a outras extravagantes, que forjaõ na ſua fantaſia, como outros tantos ſupplementos; ſemelhantes áquelle inepto Orador, de que falla Quinctiliano, (*a*) que antes quiz uſar das palavras myſterioſas *Ibericas herbas*, que ninguem lhe entendia, do que exprimir o que todos entendiaõ *Spartum*, que elle tinha por termo da plebe. E naõ he menos digna de riſo a critica pueril de huns eſmerados, que, como quem naõ tem mais a que ſe torne, andaõ eſquadrinhando nas obras dos inſignes Eſcritores huma, ou outra expreſſaõ, que ſimpleſmente porque lhes naõ toa, ou lhes he menos familiar, a notaõ de baixa e groſſeira.

Ainda os meſmos, que ſe nos daõ por Meſtres da Lingoa Portugueza tem concorrido baſtante para o ſeu damno, na perda de tantos vocabulos, que noutro tempo naõ deslizaraõ em aſſumptos mui luſtroſos, e hoje por diſgraça paſſaõ por burleſcos. Permitta-ſe-me eſta licença: o pouco que ſe tem eſcrito ſobre a noſſa Lingoa, e a neceſſidade dos que ſe queriaõ authorizar por eruditos á cuſta da ignorancia commua, fez indiſpenſavel o abraçar ſem exame qualquer opiniaõ, que talvez nada mais tinha de plauſivel, que o ſer nova, ſe naõ era extravagante. Tal julga das expreſsões, e as pratíca bem ou mal debaixo da fé, do que diſſe Duarte Nu-

(*a*) Lib. 8. cap.

nes, Bento Pereira, Bluteau, ou Madureira; porque fóra deſtes, ou pouco mais authores ninguem mais fallou da materia, nem melhor; ninguem os impugnou. Daqui vem que muitos vocabulos ſe julgaõ bons ou máos, nobres ou plebeos, graves ou burleſcos, ſegundo as deciſões deſtes authores.

Ponho exemplo: *Eſmerar* era n'outro tempo huma palavra Portugueza bem limpa e sã; mas porque Nunes a poz na claſſe das palavras plebéas, (*a*) que ha de fazer hum Eſcritor, que neceſſita della, e naõ quer incorrer as cenſuras deſtes apurados? Fará o que fez o douto P. Antonio Pereira, que n'um ſeu opuſculo moderno prudentemente ajuntou a eſte termo o correctivo do uſo, dizendo: „ Foraõ as materias, em que o Sa-„ grado Concilio mais ſe dilatou, e ainda (*ſe aſſim me* „ *he licito dizer*) mais ſe eſmerou. „

Tambem naõ ſei que achou Nunes na palavra *Aſſente* adjectivo, que a carrega na meſma liſta: ſó ſe foſſe por cuidar que era abreviatura de *Aſſentado*, porque alguns ſe enojaõ deſtas palavras, que chamaõ fanadas. Porém hallucinou-ſe, porque he vocabulo inteiro derivado do participio Latino *Sedente*, e bem uſado dos noſſos authores.

Alguns pegaõ-ſe noutro genero de preoccupaçaõ, que he ligarem ás palavras o odio da ſeita: em conſequencia do que repudiaõ algumas palavras, que temos Arabicas de origem: taes como *Aſafama*, iſto he preſſa de muita gente junta fazendo bulha. Naõ he facil deſcobrir-ſe, que he o que achaõ de feio e nojento em ſemelhantes expreſsões, huma vez que eſtaõ feitas Portuguezas, e authorizadas nos livros claſſicos, ſobre o ſerem energicas e ſonoras.

Já he proverbio aſſaz antigo, que a ignorancia he muito atrevida, porém em nada ſe eſtende tanto eſte atrevimento como na Critica das palavras: porque de

(*a*) *Orig. da L. Port.* cap. 18.

ordi-

ordinario os idiotas ignorando o justo valor de muitos termos, que naõ conhecem senaõ por habito do ouvido, lá os accommodaõ a taes idéias arbitrarias, para que elles nunca fôraõ destinados, entendendo nelles o que naõ entende, nem pensa, quem os profere. Por exemplo: *Caduco* significa cousa que esta para cahir, e com propriedade se applica aos que estaõ em velhice decrepita. O vulgo diz em sentido injurioso velho caduco por tonto, que he idéia circumvizinha, mas naõ da propria attribuiçaõ do termo: daqui resultou a miseravel critica de hum, mofando de certo Prégador, que disse de S. Simeaõ Bispo: *Já taõ velho, taõ caduco* &c.

Hoje até os almocreves sabem dizer por antiga tradiçaõ, que *nanja* naõ se escreve, e como quer que fosse, perdeo-se esta expressaõ adverbial, que naõ tinha peste, e era composta de *naõ*, e *já*, como *tambem* he composta de *taõ*, e *bem*, ou como *mancheia* composta de *maõ*, e *cheia*; *tamanho* de *taõ*, e *manho*, isto he, magno.

Mas se a ignorancia era atrevida, naõ he menos industriosa a malicia plebéa em aniquilar certas palavras com allusões ridiculas, pelas quaes as tornáraõ burlescas, e as degradáraõ do commercio civil. Tal houve, que estranhou a hum Prégador a palavra *Vianda*, seguindo o tom do vulgo, que costuma interpretar *vianda*, comida dos porcos.

Casta, (dizem os rapazes por investida) he dos cães.

Raça o mesmo.

Manha (dizem) he das bestas.

Dizemos, que a raposa he *manhosa*, por astuta; de huma pessoa, que he manhosa, isto he, maliciosa, ardilosa; de outro dizemos, que tem más manhas, isto he, máos costumes, principalmente de furtar; e por analogia, diz-se de huma besta, que tem manha: de fórma que pelo abuso burlesco, que se fez do vocabulo perdeo o antigo uso serio em que os nossos authores o tomáraõ

raõ por habilidade, deſtreza, induſtria, que he a idéia primaria, que ſe lhe deo.

E com effeito ſe attendermos ás idéias ſecundarias, que a malignidade plebéa coſtuma dar a ſemelhantes vocabulos, poucos ficaráõ livres de cenſura. Que expreſſaõ mais ſimples do que *coitado*, *coitadinho*, iſto he, deſgraçado, miſeravel, que mette compaixaõ: voz derivada do nome antigo *coita*, paixaõ? mas todos ſabem a feia alluſaõ, que ſe cuſtuma fazer deſte termo.

§ IV.

Do modo de uſar das expreſsões ſuſpeitas de baixeza.

As palavras familiares ſaõ como os veſtidos domeſticos, que ſendo limpos e aſſeados, ſaõ aſſás decentes, nem he preciſo, que ſejaõ ſempre de gala para apparecerem em publico, quando naõ ha funcções de apparato. Ha occaſiões (dizia huma boa cabeça) (*a*) em que Pariz ſe deve chamar Pariz, outras ha, em que diremos bem a Metropole, ou a Capital do Reino. A que fim nos havemos de namorar tanto de certas palavras, que ſejaõ para nós formalidades de Tabelliaõ, que nunca ſe hajaõ de mudar? Huns tem ſempre de ſua maõ *expedito*, *obliquo*, e outras, que cheiraõ a Latim, e lhes parecem mais afidalgadas; de maneira que nunca lhe ouviremos *eſcoteiro*, *eſconſo* &c. *Completo*, *delicado*, e outras ſemelhantes ſaõ as mimoſas dos que ſaõ affeiçoados ás Francezias; nunca lhes ouviremos, perfeito, inteiro, melindroſo &c. Para outros naõ ha ſenaõ *conferir*, *comparar*, ou *combinar*; nunca apparece *cotejar*. *Vezo*, e *vezeiro* naõ eraõ palavras podres nem pêcas; mas fogem dellas os que juraõ em Madureira, que diz que ſaõ palavras baixas, e de pouco uſo. *Affazer*, *affeito*, e *affazer-ſe* ſaõ pedra de eſcandalo para alguma gen-

(*a*) Mr. Paſcal, *Penſées*.

te;

te; mofaõ de quem diz, *eſtou affeito a correr*, huns querem, *eſtou feito* a correr, outros, eſtou *coſtumado.* He fado das palavras.

A verdade he, que n'uma Lingoa deve haver palavras de diverſas ordens, comicas, burleſcas, graves, ſerias, floridas, magiſtoſas, em fim conformes á materia, ao lugar, á occaſiaõ, á ſituaçaõ do animo do que falla, ſegundo a maxima de Horacio:

. . . . *triſtia moeſtum*
Vultum verba decent, iratum plena minarum:
Ludentem laſciva, ſeverum ſeria dictu. (*a*)

Huma Lingoa de palavras todas ſezudas, e toda ſeria, mais propria ſeria para os Monges da Cartuxa, do que para o exercio quotidiano da vida particular, e commercio da vida civil. Por iſſo naõ ha eſtylo mais figurado, do que he o da familiaridade franca, liza, e ſincera; e tanto mais feliſmente acontece iſto, quanto as Lingoas miniſtraõ maior ſoccorro de vozes correntes, mas que ao meſmo tempo fazem nas idéias humas como metamorfozes naõ eſperadas, e por iſſo tanto mais agradaveis. Porém neſte particular humas Lingoas ſaõ mais ſeccas que outras, e nem todas correſpondem igualmente á viveza da imaginaçaõ da pintura das idéias. Muitos authores dizem, que a Lingoa Portugueza tem eſta vantagem pela fertilidade e variedade de termos: tem-ſe achado ſer verdade o que affirmaõ, poſto que os que della eſcrevêraõ, fallaraõ mais como Panegyriſtas, que como Filoſofos; contentáraõ-ſe com humas idéias geraes das ſuas excellencias ſem as profundar. Porém á viſta da cruel conſpiraçaõ, que contra ella ſe arma no preſente ſeculo parecia mais juſto dizer-ſe, que nós meſmos ſomos envejoſos da ſua abundancia, e que quaſi por vingança a queremos empobrecer. (*a*)

(*a*) De *Art. Poet.* v. 150 et ſeq.

(*b*) „ Iniqui judices adverſus nos ſumus, ideoque paupertate ſermonis laboramus. „ Quinct. l. 8. cap. 3.

O eſ-

O eſtylo ſimples, no qual entra o familiar por ſeus gráos, neceſſita de termos de reſerva para exprimir as couſas de hum modo ora engraçado, ora picante. (*a*) Ora tirem-nos muitas deſſas expreſsões, que injuſtamente chamaõ plebéas, que nos ficará ſenaõ huma fraſe ſecca como de meninos bizonhos?

He certo, que huma grande parte dos noſſos adagios, e os ditos engraçados tem huma tal dependencia daquelles vocabulos familiares, que os exprimem, e por outra parte eſſes vocabulos parecem talhados para elles tanto ao juſto, que quando os trocamos por outros de maior cultura, perde-ſe a graça, e fica em gravidade ſecca o que era jocoſa agudeza aſſaz decente. E quem duvída, que ſe levado deſte irracionavel pundonôr deſprezarmos as palavras chans correntes da noſſa Lingoa pelo mal entendido plebeíſmo dellas, poderemos dizer da Lingoa Portugueza, o que Cicero diſſe noutro tempo da ſua Latina: *Nullum veteris leporis veſtigium apparet*: Que ſe naõ vê já nem raſtro da antiga galantaria da Lingoa Portugueza; (*b*) ou daremos a meſma queixa, que o illuſtre Fenelon dava aos ſeus de ter perdido a Lingoa Franceza mais vocabulos, do que lhe haviaõ introduzido, e que a titulo de a quererem apurar, a tinhaõ empobrecido, que he a meſma idéia do Author dos Caracteres. (*c*)

Quem naõ vê nas cartas de Vieira aquelle atticiſmo taõ gabado dos antigos, conciſaõ, gravidade, agudeza junta com a graça de expreſsões familiares propriiſſimas? Seja exemplo a que eſcreveo de Roma ao Marquez de Gouvêa ſobre as promoções de Biſpados, quando diz: ,, Ouço, que vaõ neſta *barcada* os Biſpados de Evora, ,, Lamego, Vizeo, e Funchal &c.,, E n'outra eſcreve: ,, Eſperava-ſe, que tambem ſahiſſe neſta *maré* o Senhor

(*a*) ,, Aſpergentur etiam ſales.. *Cic.* 2. *Orat.* n. 26.
(*b*) *Epiſt. ad Familiar.* Lib. IX. ep. 15.
(*c*) *Epître à l'Academ. Franc.* Bruyere Car. tom. 2. chap. 14.

,, Biſ-

„ Bispo de Lans &c. „ Mas veja-se, como este insigne Escritor conhecia as riquezas da Lingoa, e as manejava com variedade; porque n'outra ao mesmo Marquez diz: „ Em fim vaõ neste *despacho* sete Bispados, a sa- „ ber, &c. „ E n'outra: „ Daqui naõ ha que avisar, „ mais que hirem nesta *occasiaõ* tres Bispados, &c. „ Mil exemplos destes poderamos allegar.

Mas ainda na analyse austera que se exprime na lingoagem dogmatica, quem duvida, que saõ mui necessarios os termos familiares? e que sem elles muitas vezes seria imperfeita a demonstraçaõ de verdade? Por quan- „ to, como observa hum Filosofo (*a*) „ se huma Lingoa „ tem poucas palavras, isso he sinal, que a naçaõ dos „ que a fallaõ, tem poucas idéias; e se a significaçaõ das „ palavras he mal determinada, he sinal, que as idéias „ dos que a fallaõ, saõ confusas . . . „ Pois que conforme aquelle famoso problema, que propoz Mr. Maupertuis em nome da Academia de Berlin, se colhe, que a Lingoa tem hum grande influxo sobre as opiniões dos homens, e reciprocamente, que as opiniões influem sobre as Lingoas.

Naõ somos porém taõ tentados de qualquer abundancia esteril, que pertendamos por este fim dar entrada ao uso indiscreto de quaesquer vocabulos, sem attender a sua força, e propriedade.

Esgueirar-se por retirar-se n'uma historia grave seria expressaõ bem indigna.

Enfronhado he bem acceito. Enfarinhado, (dizem os velhos importunos) que modo de fallar! Que lhe achaõ? naõ sabemos: mas he boa palavra no uso familiar, e os Francezes dizem sem nojo, *Il s'est allé enfariner de cette opinion.*

Camarada tem seus empregos proprios: 1.° nos que militaõ no mesmo exercito: 2.° entre os servos sogeitos a hum mesmo amo: 3.° entre jornaleiros, que trabalhaõ

(*a*) Condillac *Cours d'Etud.* tom 6. p. 264.

para hum mesmo dono, ou officiaes da mesma officina: 4.° entre os que vaõ de companhia na mesma jornada. Mas se alguem chamasse camaradas os Professores de hum Collegio, ou os que exercitaõ a judicatura n'um mesmo tribunal, em lugar de *Collegas*; era burlesco.

Agarrar he expressaõ bem forte pela metafora das feras, e aves de rapina, mas por isso fora de objecto de vituperio nem sempre será decente, naõ obstante que alguns authores usaõ deste termo com maior liberdade.

Cibato he termo vil pela imagem, ou idéia accessoria dos animaes, mas será mui boa metafora em materia odiosa.

Do mesmo modo *cevar*, *cevar-se*, boa metafora para invectiva dos vicios, e viciosos; mas ninguem dirá, *cevar no banquete os seus amigos com exquisitas iguarias*: e seria horrendo despropósito ouvir-se, *os fieis cevados com o manjar celeste da Divina Eucharistia*, como já disse hum, vertendo taõ miseravelmente o termo Latino *Saginati*.

Borrar por apagar, riscar he termo tomado do Espanhol, mas em Portuguez he de huma cacofonia insupportavel; a penas se usa do nome verbal *borraõ*, que he necessario.

Mas que razaõ haverá para que rejeitemos *mingoa*, *mingoar*, *mingoado*, deixando sómente á *Lua* o seu *mingoante*, e ás velhas crendeiras as suas *horas mingoadas*?

Que mal nos faz *atabafar*, que significa encobrir com engano, para que Nunes o puzesse na lista dos termos plebeos? Que me dem na nossa Lingoa outra palavra por esta taõ energica, e redonda.

Quem diz *meigo*, ou *carinhoso*, porque desprezará *fagueiro*, tendo em uso a palavra *affagos*, *e affagar*?

Enfunado, *entonado*, por soberbo: e *moscar*, ou *çafar-se* por fugir, desapparecer, ha muito para que sirvaõ.

Finalmente ha outros muitos, que podiamos aproveitar em muitas occasiões, despindo-lhes a vil libré do plebeísmo, como *atabalhoar*, *atabalhoado*, que o vulgo corrompeo em *atabullar*, *atabullado*, pelo qual dizem outras vezes *estabalhoado*, *estabalhoada*, *estabalhoadamente*.

Prolongas póde ter bom uso no sentido figurado tirado da propria significaçaõ, que he prorogações de tempo que a Justiça concede aos pleiteantes. O vulgo o perverte, quando diz: *Para naõ estar com mais perlengas*, ou *naõ estou para ouvir essas perlengas* &c.

CAPITULO II.

Do Latinismo Portuguez, ou indiscreta introducçaõ dos vocabulos Latinos: 5.ª Causa da decadencia da Lingoa Portugueza.

POr *Latinismo* costumaõ os Grammaticos entender o idiotismo dos Latinos na construcçaõ da frase Portugueza, assim como na frase Latina chamaõ *Lusitanismo* a construcçaõ da frase Latina ao modo da Lingoa Portugueza. Nós aqui tomaremos a palavra *Latinismo* em sentido mais amplo, para significar a preocupaçaõ dos Mestres da Lingoa Portugueza na introducçaõ indiscreta dos vocabulos Latinos. E como já noutro lugar fallamos do abuso da etymologia em latinizar as palavras Portuguezas, agora fallaremos de outro préjuizo, que ha em aportuguezar indistinctamente quaesquer vocabulos Latinos.

§ I.

Se se podem tomar vocabulos da Lingoa Latina.

Questaõ he muito antiga dos nossos Filologos, de que Lingoa tomaráõ os Portuguezes os vocabulos, de que tiverem necessidade? Duarte Nunes de Leaõ expres-

famente a tratou na fua *Origem da Lingoa Portugueza.* (*a*) ,, Cada dia (diz elle) os tomamos da Lingoa ,, Latina, ou Grega por terem para iffo feus terminos fa- ,, bidos, e notos a todos. ,, He verdade o que diz efte Author entendido reftrictamente dos termos, que chamamos *technicos*, ou termos *facultativos*; mas ainda fallando propriamente, effes termos Gregos já nos vieraõ latinizados, porque dos Latinos os recebemos; delles ufamos todos os dias, mas faõ fempre os mefmos, que de huma vez fe tomáraõ para fempre; nem elles nos faõ particulares, porque todas as Lingoas os adoptáraõ no fyftema das artes e Sciencias de que trataõ. Fóra deftes temos na Lingoagem commum alguns termos Gregos, que nos vieraõ de antiquiffima inftituiçaõ, como *Cara* do Grego καρα caput, facies: *Moca* (zombaria) de μωκος derifor: *Boáto* de βοαω clamo: *Encomio* de εγκωμιον, laus praeconium: *Efquerdo* de σκεος, finifter, e alguns outros. Dos Latinos maior cópia temos, mas os que faltaõ, naõ os podemos accrefcentar todos os dias, como o Author fuppoem, fó fe quizeffemos fazer huma nova Lingoa mifta de Porguez, e Latim.

Com tudo Nunes, concluindo o capitulo, nos anima a desfrutar ainda os thefouros da Lingoa Latina a titulo de filiaçaõ dizendo defta fórma: ,, Sendo pois a ,, Lingoa Portugueza na origem Latina, e reformada ,, muitas vezes e ampliada de vocabulos Latinos, de ,, que careciamos, por a corrupçaõ, que os Godos nel- ,, la fizeraõ, fem nenhum pejo, e com mais honra nof- ,, fa nos devemos aproveitar della, como filhos, que dos ,, bens paternos fe ajudaõ mais fem affronta fua, do que ,, naõ fariaõ os eftranhos. ,,

Madureira naõ deixa de attribuir a perfeiçaõ da Lingoa Portugueza á multidaõ de palavras Latinas, que os noffos hiaõ recolhendo. ,, Todos os noffos Authores (diz) ,, confeffaõ, e devem confeffar todos aquelles, que pro-

(*a*) Cap. 16.

„ feſſáraõ a Latininade, que a noſſa Lingoa he filha da „ Lingoa Latina. E ſe perguntarmos em que? Reſpon- „ dem, que na ſemelhança dos nomes, na imitaçaõ dos „ verbos, na propriedade dos vocabulos. E eu accreſ- „ cento, que o naõ he menos no ſom da perfeita pro- „ nunciaçaõ; tanto que já houve curioſos, que compo- „ zeraõ poemas inteiros, que com pouca mudança da „ pronunciaçaõ já ſe lêm em Portuguez, e já ſe lêm em „ Latim. Dizem tambem que a noſſa Linga vai ſubindo „ ao auge da perfeiçaõ: e ſe examinarmos, donde lhe „ naſcem eſtes augmentos, diraõ, que he porque eſta „ filha cada dia ſe vai enriquecendo com a herança das „ palavras, que cada vez mais participa daquella mãi. O „ certo he, que as Prozas, e Poeſias Portuguezas, que „ a fama canta, e todos applaudem por ſingulares na lo- „ cuçaõ ſaõ aquellas, que eſtaõ mais cheias de palavras „ Latinas &c. „ (*a*)

O Illuſtre Arcebiſpo de Cambrai tambem ſe dignou de fazer eſte obſequio á Lingoa Latina, dizendo, que as palavras Latinas pareciaõ ſer as mais proprias, que os Francezes deviaõ eſcolher para enriquecerem a Lingoa Franceza. (*b*)

E com effeito, fallando geralmente cada huma das Lingoas modernas tem direito a tomar da Latina os vocabulos, que lhes convém. Ha pouco tempo, que os Francezes naõ tinhaõ *Incorrompu*, que he do celebre Mr. Paſcal, como tambem *Indémonſtrable*, a que o Uſo ſe apegou contra o Abbade Desfontaines, que o reprovava, e alguns outros: nem nós tinhamos *Indemne*, *Indemnidade*, *Indemnizar*, que os Juriſconſultos nos mettêraõ em caſa.

Porém naõ obſtante iſto, eu com o devido reſpeito á authoridade de varões taõ illuſtrados atrevo-me a dizer, que no tempo preſente naõ ha Lingoa, de que me-

(*a*) *Orthogr. Explic. Introduc.* n. 14.
(*b*) *Lettre à L'Academ. Franc.*

nos

nos nos possamos aproveitar, em quanto a enriquecer a nossa de novos vocabulos, do que da Latina.

I. Naõ he grande vantagem n'uma Lingoa o ter multiplicados termos para explicar huma idéia, quando nelles naõ concorra a variedade dos sons junta com a maior energia, concisaõ, dilataçaõ, simplicidade, ou composiçaõ, que encerraõ as idéias, que elles significaõ: conseguintemente bem póde ser, que huma Lingoa seja ao mesmo tempo mui copiosa, e mui pobre de palavras pois que a multidaõ de palavras naõ exclue a inutilidade, ou superfluidade: por certo naõ valerá muito a multidaõ n'um exercito, em que houvesse tantos agoadeiros quantos soldados. Ora naõ se provará facilmente, que todos os vocabulos Latinos, que tem passado á Lingoa Portugueza fossem necessarios, nem póde ser bem entendido o que disse Duarte Nunes, que a nossa Lingoa fôra reformada muitas vezes, e ampliada de vocabulos Latinos, de que careciamos por a corrupçaõ, que os Godos fizeraõ na Latina. Por quanto essa mesma corrupçaõ foi a que nos deo a Lingoa, e vocabulos Portuguezes, e sem ella a Lingoa Portugueza naõ seria outra Lingoa differente, mas a mesma Latina: logo a corrupçaõ naõ foi causa verdadeira de precisarmos dos vocabulos Latinos: antes a indiscreta introducçaõ dos vocabulos Latinos póde ser causa, como já tem sido, de se perderem os bons vocabulos Portuguezes, que tinhamos.

Do que se colhe tambem o manifesto erro de Madureira, em quanto suppoem, que o auge da perfeiçaõ da nossa Lingoa dependa de huma quantidade material de palavras Latinas, sem tocar na judiciosa escolha, que dellas se devêra fazer, e que nem elle, nem os seus antepassados fizeraõ: o que nasceo principalmente de dous principios: 1.° de entenderem, que quaesquer vocabulos Latinos misturados no contexto da frase Portugueza fazia huma lingoagem gentil, e galharda: 2.° o máo gosto dos Poetas, e com menos desculpa, o dos Prosadores, que introduzíraõ com grande profusaõ, e sem discerni-

men-

mento os vocabulos Latinos, que o Madureira nos gaba com o mesmo máo gosto, dizendo: *O certo he que as Prosas, e Poesias Portuguezas, que todos applaudem por singulares na locuçaõ, saõ aquellas que estaõ mais cheias de palavras Latinas.* Hoje pelas regras da boa Critica até os rapazes sabem, que essas saõ as Prosas, e Poesias da mais ridicula affectaçaõ por isso mesmo, que saõ singulares na locuçaõ, e tanto mais pedantescas, quanto mais cheas de palavras Latinas. E se nem ao mesmo grande Camões podemos perdoar a multidaõ de vocabulos Latinos, que introduzio na sua Lusiada, como a poderemos perdoar aos Escritores de Prosa.

Póde-se perdoar a Madureira como huma innocencia o que accrescenta, que a Lingoa Portugueza naõ era semelhante á Latina no som da perfeita pronunciaçaõ. Ninguem hoje sabe, nem se póde saber, qual fosse o som, o valor, as differentes entoações das vogaes, a compatibilidade dos accentos com a sua brevidade, e longura nas dicções; n'uma palavra nada se sabe da perfeita pronunciaçaõ da Lingoa Latina. Naõ podemos logo crer nada do que vagamente nos dizem estes homens de semelhança da Lingoa Portugueza com a Latina no som da perfeita pronunciaçaõ, senaõ com a mesma fé com que se crem os contos da Persia. Mas seja o que for:

II. Os vocabulos Latinos, em quantos sons significativos, ou sinaes das idéias, e dependentes da fixaçaõ do Uso, naõ sei que tenhaõ mais valor fysico para as exprimir, do que os de qualquer outra Lingoa. A sua instituiçaõ foi arbitraria, como o foi a dos vocabulos das outras Lingoas; arbitraria he tambem a sua adopçaõ na Lingoa Portugueza, tanto como a dos vocabulos Arabicos, Francezes, Italianos &c. que temos em grande numero. Logo naõ tem as vozes Latinas mais (em quanto á força significativa) que a excellencia fantastica de serem Latinas. Naõ crem isto porém os nossos Latinistas, que em enthusiasmo alheio de toda a boa Filosofia nos

in-

inculcaõ a sua idolatria para com aquella Lingoa, e sollicitaõ a sua trasladaçaõ para a Lingoa Portugueza, ou total conversaõ da Portugueza para a Latina.

Nos termos technicos ninguem os accusará de superstiçaõ, porque saõ claros, saõ necessarios, saõ communs a todas as Lingoas, saõ finalmente consagrados pelo uso para as materias de especulaçaõ, sejaõ Theologicas, Filosoficas, Medicas, ou quaesquer outras. Perdoa-se tambem aos Poetas ornar os altares do seu Parnasso com algumas flores do Lacio: se o fazem com juizo, e boa escolha: mas fóra disto quaesquer palavras Latinas, que naõ tenhaõ o direito de prescripçaõ na frase Portugueza, seraõ estranhas como as da China, ou Japaõ.

Com tudo o Madureira ás vezes declara-se, para que se naõ diga que mette agulhas por alfinetes: *Auriga* (diz) he palavra Latina. Responde-lhe huma voz: Eu sou Portuguez pela graça de Deos: naõ entendo aurigas, digo só *cocheiro*. *Nuperrimo*, *Edulcorar*, por adoçar, *Espelunca*, por cova, *rubro*, por vermelho, *Pluriscripto*, isto he, muitas vezes escrito, saõ estupendas latinadas, que a ninguem lembrariaõ, fóra da escola do Madureira.

Dubio	por	Duvidoso
Obeso		Gordo
Rubo		Çarça
Pugillo		Punhada
Talitro		Piparote
Alveario		Colmeia
Tentorio		Barraca

Esurino por cousa que exercita a fome.

Pseudo-Profeta	Profeta falso

E outros, que traz no seu grossario, saõ da mesma conta.

Evanescer Evanescerse Evanescido	saõ vocabulos Portuguezes só por devoçaõ do Author, porque ninguem, que eu saiba, os disse, nem escreveo

até-

atégora; mas naõ lhe toa, *Esvaecer*, *Esvaecerse*, *Esvaecido*, nem *Esvair*, *Esvairse*, *Esvaido*, sendo palavras que estavaõ de posse na Lingoa Portugueza, e de mais tem bastante derivaçaõ de *Evanescere*, mas qualquer pequena discrepancia de huma letra faz escrupulo a Madureira. A respeito dos seus *alatinados* já fallamos no Pedantismo Etymologico; e pelo que pertence aos Latinos *aportuguezados*, isto basta.

II. O que tem grangeado muitos superstíciosos na adopçaõ dos vocabulos Latinos, ou alatinados he a idéia mysteriosa, que se fazem do predicamento de filiaçaõ Latina, que se dá á Lingoa Portugueza. Agradou o que o enthusiasmo do nosso Camões finge elegantemente de Venus, que era affeiçoada á Lingoa Portugueza,

. . . . *na qual quando imagina*,
Com pouca corrupçaõ crê que he Latina. (*a*)

Imagem poetica, que se naõ deve entender ao pé da letra, nem funda lei decisiva em materia de Filologia Portugueza. Muitos écos depois de Camões tem repetido huns após dos outros, que a Lingoa Portugueza he filha da Lingoa Latina, e por naõ nomear todos hum por hum, o P. Vieira, de quem até os erros, e preoccupações fôraõ respeitados como oraculos, lhe chama filha primogenita da Lingoa Latina. (*b*) Naõ sei se esta duplicada prerogativa de primogenita obrigaria os Italianos zelosos a exhibir a genealogia da sua Lingoa, pela qual talvez ficariamos vencidos, e callados, e envergonhados dos soltos mais que prudentes encarecimentos dos nossos Filologos. O Madureira argumenta pela *semelhança dos nomes*, *imitaçaõ dos verbos*, *e propriedade dos vocabulos*, e nem elle, nem os seus Corifeos notáraõ, que nos nomes, e verbos, isto he, nas declinações, e conjugações, e até em muitos idiotismos, e construcções, (que alguns Grammaticos ridiculamente tentáraõ explicar pelas

(*a*) Cam. *Lusiad.* Cant. I.
(*b*) Na approvaçaõ da III. P. da Histor. de S. Domingos.

ellipses Latinas do Sanches) mais semelhanças tem a Lingoa Portugueza com a Grega, que com a Latina. Naõ fallo de outra prova pueril, que tiráraõ muitos de varios poemas, que diz Madureira depois de outros, que *com pouca mudança da pronunciaçaõ, já se lem em Portuguez, já se lem em Latim*: os quaes versos pela maior parte tem mais de macarronico, que de legitimo Latim, como obra feita de aposta.

Que a Lingoa Portugueza seja filha da Latina, ninguem o nega, mas a verdade he que esta prerogativa naõ he taõ unica, e propria da Portugueza, que naõ convenha a outras Lingoas com a differença de mais, ou de menos, e no que toca a preferir os vocabulos da Lingoa Latina aos das outras Lingoas, he mais hum titulo fantastico do que huma razaõ solida, pois que as outras Lingoas, qual mais, qual menos todas se prezaõ de filhas da Latina. E se este titulo de honra, como Nunes suppoem, nos acredita pelos vocabulos, que tomarmos da Lingoa Latina; naõ he consequencia que fiquemos nem mal acreditados, nem menos acreditados em tomar vocabulos das outras Lingoas, que como irmãas, naõ nos podem ser estranhas. Antes, se examinarmos o caso livres da commua preoccupaçaõ, veremos, que *mais vantajoso nos será commerciar nas dicções com as nossas irmãas ricas, e florentes, do que com a mãi velha, muda, e pobre.* Porque

IV. Se a Lingoa Latina fosse Lingoa viva, seria isso boa razaõ para preferirmos os seus vocabulos aos das outras Lingoas, porque nella teriamos nós outros tantos como os Romanos tinhaõ, e tomavaõ da Grega, que foi o remedio da sua pobreza, a pezar da grande obstinaçaõ, que tinhaõ em naõ acceitar vocabulos estranhos.

Mas hoje a Lingoa Latina em nenhuma parte do mundo se falla, como Lingoa nacional. He verdade que ella he ainda taõ familiar em Polonia e Hungria, que até entre os officiaes e gente plebéa poucos ha que a naõ entendaõ. Tambem em Alemanha, Suecia; e Holan-

landa he aſſás commua, menos em França, Eſpanha, e Italia; mas em qualquer parte a Lingoa do paiz he a que prevalece; e *quem diſſer hoje que a Lingoa Latina he Lingoa univerſal, diz hum termo, que naõ ſignifica nada, ou que ſignifica huma ficçaõ imaginaria.*

Depois dos ſeculos tenebroſos da ignorancia, quando ſe reſuſcitou o eſtudo deſta Lingoa, tres uſos ſómente ſe deſtinárao a eſta Lingoa: o I. foi para os Officios Divinos, o qual ainda ſe obſerva em todos os paizes, onde ſe obſerva a Religiaõ Catholica: o II. foi para os exercicios litterarios nas eſcolas, e Univerſidades, onde por uſo antigo ſe trataõ as Artes e Sciencias neſta Lingoa; e nella ſe ſuſtentaõ as diſputas litterarias. Mas eſte meſmo uſo eſtá no preſente ſeculo mais coarctado, depois que os Criticos tem moſtrado, que a Lingoa Latina, como Lingoa morta he mais propria para eſcrever, que para fallar, e que era groſſeira pedantaria fazer diſputas publicas de Fyſica, Medicina, Jurisprudencia &c. em Lingoa de ſegredo, dando com as portas na cara em certo modo, aos que naõ entendem a Lingoa Latina, ou conſtrangellos largo tempo ao tormento de ver hum homem inſtruido mover os labios, ſem entender o que elle eſtá a dizer. Já eſtá baſtantemente refutado o abſurdo de alguns antigos Doutores, que criaõ, que os dogmas e myſterios das Sciencias ſe envileciaõ tratados em Lingoa vulgar. (*a*) Deſcartes, Mallebranche, Fontenelle, Rohault tiveraõ a gloria de ſer (na Lingoagem dos Latiniſtas fanaticos) os primeiros profanadores do Santuario das Sciencias, que teve a ſua naçaõ. Sem Latins, e ſem methodo eſcolaſtico as *Recreações Filoſoficas* do P. Almeida tem ſido, por teſtemunho dos meſmos eſtrangeiros, a primeira obra original no

(*a*) V. *Recreaç. Filoſof.* tom. 1. no Prologo. Homens houve taõ namorados da Lingoa Latina, que eſcrevêraõ os mais deſpregados deſpropoſitos: tal foi Melchior Inchoter, que diſſe, que os bem aventurados haviaõ de fallar no Céo em Latim, e que Chriſto algumas vezes fallára eſta Lingoa. Vej. Vernei *De Re Log.* lib. IV. cap. 3. na nota.

ſeu genero, que ſahio de Portugal. O III. Uſo da Lingoa Latina nas nações modernas, foi o das Embaixadas, e negociações de Eſtado, que tratão os Miniſtros das Potencias nas Côrtes eſtrangeiras, de ordem de ſeu Soberano: mas eſte uſo eſtá quaſi abolido deſde a Paz de Riswich e Nimega, onde a Lingoa Franceza com mais juſtas razões uſurpou eſta prerogativa áquella Lingoa morta.

Suppoſto pois ſer Lingoa morta, ainda que de grande utilidade para o Eſtudo das Bellas Letras, *não cremos* com tudo, *que com ella ſe poſſa enriquecer a noſſa Lingoa de muitos vocabulos.* Porque

V. A Lingoa Latina, tal como a conhecemos nos antigos Authores, he muito pobre em comparação da Lingoa Portugueza, e das outras vulgares. Os Authores da bella Latinidade não nos deixárão Diccionarios deſta Lingoa, nem he poſſivel, que eſta Lingoa toda inteira, e todos os ſeus termos ſe achem nos eſcritos antigos de Hiſtoria, Oratoria, e Poetica. Se Catão, e Columella não eſcreveſſem ſobre a Agricultura, Celſo ſobre a Medicina, Vitruvio ſobre a Arquitectura, Plinio ſobre a Hiſtoria Natural em vão buſcariamos nos outros Authores daquelle tempo, ou nos Diccionarios, que hoje tiveſſemos vocabulos para exprimir muitas couſas pertencentes áquellas materias.

Mas nem eſſes meſmos Authores, nem os outros em tudo o que eſcrevêrão introduzírão tudo o que ſe fallava, e podia fallar naquella Lingoa. De mais diſſo nem todas as obras, que elles eſcrevêrão ſe ſalvárão do geral eſtrago da barbaridade, nem as que ſe reſtaurárão eſtão de todo sãs, e inteiras como elles as derão: todos ſabem, que muitas dellas em parte eſtão truncadas, e pervertidas pela ignorancia, e hallucinação dos copiſtas, como os Logicos explicão na Arte Critica. Deſtas obras pois he, que ſe formárão os Diccionarios, que temos da Lingoa Latina, que por mui groſſos e abundantes, que ſejão, não podem comprehendella to-

da,

da, como os Romanos a possuiaõ, e muitos vocabulos, que nelles se achaõ insertos, fundados na conjectura dos Criticos, e lições variantes de diversos textos, nos fazem duvidar ainda se saõ Latim barbaro, ou Latim puro; como *oblatum*, *i*, substantivo; *é contra*; *impraesentiarum*; *conicit* por *Coicit* verbo antigo em Virg. AEneid. lib. 9. v. 411., segundo Servio; e outros muitos.

Mas ainda dado que esta Lingoa nos ficasse taõ pura, e inteira como os Romanos a fallavaõ. Os novos usos e costumes, que se introduzíraõ no espaço de tantos seculos, os dogmas, os ritos, e ceremonias religiosas, e civís, mui differentes do tempo do Paganismo, os novos descubrimentos, os systemas, as artes tanto mecanicas como liberaes, as sciencias, principalmente a bellica, a nautica, a politica, o commercio tem dado tanta dilataçaõ ás Lingoas da Europa, que Livio, ou Tacito, ou Cicero, ou Plinio, ou outro qualquer dos mais eloquentes Escritores daquelle tempo, se agora resuscitassem, achariaõ cá hum mundo novo provído de infinidade de cousas, de que nunca tiveraõ conhecimento, e habitado de homens, que pensavaõ sobre as mesmas cousas conhecidas de mui differente maneira, do que elles antigamente pensavaõ: conseguintemente acharíaõ a sua Lingoa pobrissima para explicar tudo o que deviaõ clara e expeditamente, e seriaõ precisados a crear milhares de vozes, e expressões para declarar novas e mui differentes idéias; salvo se nessa Colonia Latina do inferno se tivessem tornado taõ buçaes, que gostassem da frase burlesca das postillas escolasticas, e reproduzissem as ineptas maravilhas, que antigamente se fallavaõ a titulo de *haecceitatibus*, *quiditatibus*, *formalitatibus*, *quodlibetis*, *cathegoriis* &c., ou se namorassem do Latim mestiço dos modernos puristas.

Se me dizem, que de toda a materia se póde fallar, e escrever bem em Latim, supprindo algumas palavras annovadas, que faltaõ na Lingoagem antiga, digo que naõ he assim; pois que as palavras, como se sabe,

suf-

ſuſtentaõ-ſe pelo Uſo, e o Uſo naõ tem legitima authoridade ſobre Lingoas mortas, porque morreo com ellas, e o Uſo que reina nas Lingoas vivas he o pai dos barbariſmos, que ſe tem introduzido nas Lingoas mortas.

Para evitar eſtes inconvenientes, tomáraõ alguns modernos o divertimento de eſcrever elegantes projectos ſobre a fundaçaõ de huma nova Colonia Latina, onde eſta Lingoa ſe fallaſſe outra vez, e ſe uſaſſe como Lingoa nacional, porém atégora naõ exiſte tal Colonia ſenaõ, como a Republica de Plataõ, na fantaſia de ſeus Authores.

O tomar vocabulos Latinos para a Lingoa Portugueza, ſó de dous modos póde ſer: I. aportuguezando-os, iſto he, tanſplantando-os inteiros aſſim como ſe offerecem na Lingoa Latina, como *Crapula* em lugar de bebediçe; *Toga* por beca, *Tiara* por mitra; *Sevicia* por crueldade; *Facinoroſo* por malvado &c. os quaes com effeito mais gravidade tem na Hiſtoria, Oratoria, e Poeſia, e tudo o que he Eloquencia de apparato: ajuntaremos, que alguns termos Latinos tem graça, no eſtilo burleſco, ou comico, e converſaçaõ jocoſa, como quando ſe diz *Pecunia* por dinheiro, do meſmo modo que muitos poem o vocabulo Francez *l'Argent*, *Peruca* por cabelleira: II. latinizando os termos Portuguezes, que já tinhamos deſviados do Latim, mas transformados com ſuas modificaçóes, que diſfarſavaõ a origem, como *Precepto* por preceito, *acceptar* por acceitar, *Nocte* por noite, e outros, que Nunes e Madureira extravagantemente transformáraõ em Latinos, para fazerem, como penſavaõ, huma lingoagem mais grave. Aſſim diriamos *notula* por nodoa, *pulviſculos* por polvilhos, *querimonia* por caramunha, e facilmente tornariamos Latina quaſi toda a Lingoa Portugueza, nem perderiamos *terminos* por termos, que Nunes tomou, naõ ſei ſe do Latim, ou ſe do Heſpanhol, nem *poſteros* por vindouros, que enjoa de morte.

Ora naõ ſó a Lingoa Portugueza, mas qualquer das noſ-

noſſas vizinhas, e honradas tambem com o privilegio de filhas da Latina, no eſpaço de tantos ſeculos decurſos tem já tomado daquelle antigo fundo, o que havia de melhor, e mais conveniente, tanto de huma, como de outra eſpecie de palavras. Bem freſcas, e mimoſas eraõ no tempo de Nunes as palavras *Eſplendido*, *Arrogante*, *Commodo*, *Accommodado*, *Deliberar*, *Conſulta*, *Primordio*, *Infeſto*, *Infeſtar*, *Alludir*. Todos eſtes termos (diz elle) naõ havia ainda trinta annos que ſe uſavaõ. Logo o que nos reſta por tomar naquella Lingoa já naõ póde ſer o melhor, e o que nos falta já lá naõ ha. O que por direito de filha podia herdar da Latina a Lingoa Portugueza, já o herdou. Dalli já naõ ha mais que eſperar, ſenaõ o refugo. Por tanto o maior recurſo, ou ſeja para remediar a neceſſidade, ou para conſultar a elegancia, e a riqueza, eſtá mais nas Lingoas vivas, irmãas, e vizinhas, do que na antiga mãi, cujo fundo eſtá quaſi exhauſto, e de nenhuma parte ſe póde já augmentar.

Inſtaõ porém os advogados da Lingoa Latina, metendo ſeus embargos com argumento de comparaçaõ: que aſſim como Horacio diſſe para os Latinos,

. . . . *habebunt verba fidem, ſi*
Graeco fonte cadant:

que ſeria bem recebidos os novos vocabulos derivados dos Gregos, ou os Gregos latinizados convenientemente; outro tanto podemos nós dizer na Lingoa Portugueza, que as ſuas palavras annovadas, ſendo derivadas das Latinas, ou ſendo Latinas aportuguezadas naõ pódem deixar de ter boa acceitaçaõ: pois que em quanto ás origens, eſtaõ no meſmo parallelo a Lingoa Latina, e a Portugueza. A Lingoa Latina antiga era a meſma Lingoa Grega antiga com alguma corrupçaõ: (*a*) a

(*a*) ,, Maxima ex parte (ſermo) Romanus (ex Graeco) converſus eſt. ,, Quinct. lib. I. cap. 5. ,, Adventitia pleraque habemus Graeca. ,, Var. IX. da Ling. Lat.,, Olim Lingua Graeca fuit eadem cum Lin-

Lingoa Portugueza, he coufa conftante, que foi huma corrupçaõ da Latina. Logo a Lingoa Latina he para a Portugueza como a Grega foi para a Latina : logo a mefma fortuna devem correr as palavras Latinas no Portuguez, que corriaõ as Gregas no Latim : *habebunt verba fidem.*

A força defte difcurfo naõ deroga os inconvenientes, que acima propozemos: além de que temos contra a femelhança das origens, que a Lingoa Grega era Lingoa viva, e fempre o foi, durante o Imperio Romano, fallava-fe entre os Romanos, que tiveraõ por Meftres della, e de todas as artes os mefmos Gregos. Era em fim a Lingoa Grega para os Romanos taõ familiar, e domeftica, como eftá hoje entre nós a Franceza : o que faz huma differença taõ confideravel a refpeito da infinuaçaõ do ufo dos vocabulos, e da fua clareza, que quanto a ifto, nenhuma comparaçaõ póde haver entre Latim, e Portuguez, que faça confequencia.

§. II.

Vantagem da Lingoa Portugueza em maior abundancia de vocabulos do que tem a Lingoa Latina.

Tendo moftrado, como a Lingoa Latina he pobre a refpeito das Lingoas vulgares em commum, devemos tambem moftrar como ella he pobre a refpeito da Lingoa Portugueza. Pelo que obfervaremos, que a maior excellencia de huma Lingoa eftá em miniftrar expreſsões proprias para as idéias, para as varias modificações das mefmas idéias, e feus gráos caracteriflicos; ifto he, em mi-

,, latina parum pro prolatione mutata.,, Feftus. ,,Verum et eamdem pene ,, cum veteri Graeca veterem latinam linguam fuiffe. ,, Scalig. ad Feftum. ,, Eft veterum latinorum lingua tota Graecae depravatio. ,, Hugo Grotius contra Socin. ,, Lingua latina tota pene fluxit ex Graeca, ,, fi exceperis ea, quae vel ex primigenia lingua retinuit, vel a vicinis Celtis accepit. ,, Voff. *de vitiis fermonis* in Praefation.

ministrar termos simples, que correspondaõ ás idéias simples; termos complexos equivalentes as idéias complexas; termos, que exprimaõ a percepçaõ do entendimento, e sentimento da vontade para idéias, que saõ mistas de percepçaõ, e de sentimento; termos, que exprimaõ sentimento, e imagem para as idéias, que saõ mistas de sentimento, e imagem &c. Ora huma confirmaçaõ da insufficiencia da Lingoa Latina para contribuir maior riqueza, e abundancia á nossa, he a multidaõ de idéias, modificações, e gráos das mesmas idéias, que na Lingoa Portugueza se exprimem por termos propriissimos, e na Lingoa Latina naõ tem denominações convenientes. Mas naõ seguiremos esta analyse metafysica, que seria assumpto para hum livro; contentar-nos-hemos de reduzir esta abundancia a certos pontos geraes, e mais mecanicos.

Por tanto consiste a abundanbia da Lingoa Portugueza, I. em formar de hum só vocabulo outros muitos com propriedade para exprimir differentes idéias. Sirvaõ de exemplo dos que aponta Duarte Nunes: *Ferragem*, *Ferrador*, *Ferrugem*, *Ferrugento*, e outros tirados da palavra *Ferro*: e de *Terra*, *Terreiro*, *Terreno*, *Terreste*, *Terreo*, *Terreal* &c.; de *Mar*, *Marear*, *Mareante*, *Marinheiro*, *Marinha*, *Marinhar*, *Maré*, *Marezia*, e outros que se pódem ver no dito Author. Item:

Pedreiro	Pedrado	Pedrada
Pedreira	Empedrar	Pedroso
Pedraria	Desempedrar	Pedregoso
Pedral	Apedrejar	Pedranceira

Pedrouço, Pedregulho

Quatorze vocabulos todos derivados da palavra *Pedra*, que he a sua raiz.

Consiste a abundancia II. nas palavras nascidas de huma mesma raiz, tendo sua determinada significaçaõ, e particular uso, de maneira, que parecendo synonymas, na realidade o naõ saõ: como *Mando*, *Manda*, *Mandado*, *Mandato*, *Mandamento*.

Porque *Mando* he o poder, ou imperio de quem manda; donde *estar ao mando* de alguem he, estar á obediencia, isto he, sogeito

Manda do Testamento, isto he o que o Testador dispoem, que se cumpra.

Mandado } do Rei, da Justiça, de qualquer superior,
Mandato } val o mesmo que Ordem.

Mandamento da Lei de Deos.

Onde se vê, que quem dissesse, trocando os termos, os mandados da Lei de Deos, os mandamentos do Rei, obedecer ao mandato do Pai &c. errava a propriedade dos vocabulos, e fallava mal.

A mesma observaçaõ se póde fazer em

Olhado
Olhadura } substantivos verbaes de differente proprie-
Olheiro } dade
Olheiras

A mesma nos termos verbaes: *Feitio*, *Feitura*, *Feiçaõ*, *Feito* substant. *Feitor*, *Feitoria*, *Feitorizar*, *Feitiço* adject. *Feitiço* substant., e nos derivados: e assim em outros muitos.

Ajuntemos III. os termos, que significaõ gradaçaõ das idéias, como *odio*, *osga*, *raiva*, *sanha*, *rancor*, *malevolencia*, ou *malquerença*.

Odio termo generico, que póde admittir quaesquer qualificações, como, entranhavel, envenenado, inveterado &c.

Osga, odio envenenado, termo figurado de *Osga* nome proprio de hum bicho peçonhento.

Raiva effeito de odio, que chega a summo gráo, metaf. tirada da doença dos cáes danados, que tem o mesmo nome.

Sanha do Latim *Sanies*, imagem tirada da peçonha, que lança a serpente raivosa, termo relativo aos effeitos do odio no coraçaõ, e aos signaes sensiveis do exterior no fallar, na vista &c.

Rancor, odio inveterado, e solapado, metaf. do La-

Latim *rancor*, ranço, isto he máo vapor, que lançaõ as cousas fechadas longo tempo; porque no sentido de odio nunca os Latinos usáraõ de palavra *rancor*: só S. Jeronymo usou delle. Ao nosso corresponde o termo velho do Francez *Rancune*, que os Francezes botaraõ fóra, abraçando a expressaõ perifrastica *haine cachée*.

Malevolencia, ou *malquerença* he a má vontade, que se tem para com alguma pessoa, he o princio, ou raiz de odio.

Pertence á abundancia IV. varios termos compostos, como *rabicurto*, *manalvo*, (cavallo) *cabiscaido*, *cabisbaixo*, *menoscabo*, *menoscabado*, e muitos mais, que naõ he necessario estender aqui.

Acrescentemos V. grande multidaõ de diminutivos, que faltaõ em muitas outras Lingoas: huns tem fórma particular, como: *Mésinha* de medicina, *Luzerna* de luz &c. outros, que admittem todas as fórmas communas, como: *Saquinho*, *Saquete*, *Saquitel*. E nos adjectivos, como: *Pequeno*, *pequenino*, *pequenito*, *pequenote*; *pobrinho*, ou *pobrezinho*, *pobrito*, *pobrete*. E para significar huma simples tendencia do objecto, como: *Adoudado*, *esverdeado*, *esbranquiçado*, *amarellado* &c.

Contemos tambem VI. grande abundancia, e variedade de termos *augmentativos*, como: *Vergonhaço*, *vinagraõ*. E nos adjectivos, *Ricasso*, *ricaçaõ*; *valentasso*, *valentaõ* &c.

§ III.

De varios termos Portuguezes proprios, e determinados, a que na Lingoa Latina naõ correspondem senaõ termos vagos, ou supplementos.

Naõ disputaremos a Cicero a verdade da sua proposiçaõ, quando affirma, que a Lingoa Latina naõ só naõ he pobre, mas ainda mais copiosa que a Lingoa Grega.

ga. (*a*) Perdoe-ſe ao oraculo da Eloquencia Romana, a quem a Republica, a Lingoa, e a Eloquencia deveo tanto, ſe a paixaõ neſta parte o dominou, e talvez nós meſmos neceſſitaremos de perdaõ maior na eſtimaçaõ daquelles, que julgarem, que ſomos mais preoccupados pela Lingoa Portugueza, do que fundados em ſolida razaõ, quando ſuppômos a noſſa Lingoa mais abundante que a Latina. Vejamos, ſe com alguns exemplos ſe póde juſtificar eſta propoſiçaõ, viſto que naõ ha aquí lugar de fazer huma inteira comparaçaõ de ambas as Lingoas.

Nos Diccionarios ſe vê, e na liçaõ dos Authores ſe obſerva, que por falta de termos particulares os Latinos extendiaõ, e ampliavaõ o uſo dos poucos termos, que tinhaõ para exprimir diſtinctamente certas idéias; e naõ ha couſa mais frequente na Lingoa Latina, que a homonymia, iſto he, termos, que abrangem muitas ſignificaçóes. Daquí naſceo tambem o uſo frequente da Metafora, e Catachreſe, que reunem n'uma ſó palavra differentes noçóes pela analogia das idéias. E naõ ha dúvida, que a multidaõ de expreſsóes figuradas n'uma Lingoa naõ he tanto circunſtancia do clima, como prova de penuria de vocabulos. Por iſſo com razaõ ſe tem julgado, que a Lingoa Latina era menos propria para a analyſe das idéias, do que para a lingoagem da imaginaçaõ, a qual ſe contenta com a miſtura, ou combinaçaõ das idéias principaes com as acceſſorias, que lhe offerece a analogia. A Lingoa Portugueza tem a primeira ventagem, ſem excluir a ſegunda.

Por exemplo, nós diſtinguimos *molle*, *brando*, *macio*, e em Latim tudo ſe diz pelo meſmo termo *mollis*.

Aſſim os termos genericos ſupprem muitas vezes a falta de termos particulares. Para nós *Lura*, ſignifica a cova onde ſe recolhem os coelhos, ratos &c. *Toca*, he

(*a*) ,, Ita ſentio et ſaepe diſſerui, Latinam Linguam non modo non ,, inopem, ut vulgo putarent, ſed locupletiorem etiam eſſe, quam ,, Graecam. ,, Cic. *De Fin.* lib. I. n. 3.

a co-

a cova nas arvores onde as aves ſe recolhem, e fazem ſeus ninhos: e huma, e outra couſa explicavaõ os Latinos indiſtinctamente pelo nome *cavum*, *i*, ou *cavus*, *i*.

Com o termo *barroca* eſpecificamos nós a cova, que faz a corrente de agoa, o que os Latinos naõ faziaõ com a palavra *fovea*, que he vaga. *Pó*, e *poeira* ſaõ objectos differentes, que os Latinos exprimiaõ confuſamente pela palavra *pulvis*.

Marcha, e *marchar* para nós ſaõ expreſsões proprias do exercicio militar, e por falta de termos militares correſpondentes valiaõ-ſe os Latinos de *Iter* para hum, e de *Incedere* para outro, ſendo communs para outros uſos.

O que nós chamamos *Luminarias*, explicavaõ os Latinos como podiaõ, ora por *Lumina*, como Cicero: *Collucent plateae luminibus*: ou por circumlocuçaõ: *Splendida funalium ſpectacula.*

Aſſuada, he propriamente gente junta para fazer mal. O Latim naõ dá para iſto, ſenaõ a voz *Tumultus*, que he vaga.

O meſmo he nos termos de marinha *Enxarcia*, *Enxarciar*: o primeiro ſó tem os termos communs, *Arma*, *Armamenta*: ou a circumlocuçaõ *funium apparatus*: o ſegundo naõ tem abſolutamente termo correſpondente; os modernos remediáraõ iſſo com o rodeio, *navem funibus*, *vel rudentibus inſtruere.*

Se vamos a fallar ſeparadamente dos termos peculiares da Lingoa Portugueza, que ſe explicaõ em Latim por definições, e perifraſes, gaſtariamos muito papel.

Choviſcar, que he chover miudo, naõ podiaõ os Latinos exprimir, ſenaõ como Plinio ſe vio obrigado a fazer: *Si roraverit quantulumcumque imbrem.*

Nacar, huma eſpecie de côr encarnada deſmaiada, naõ tem nome na Lingoa Latina: os modernos fôraõ os que lhe empreſtáraõ hum roupaõ de palavras: *Aureus rubro mixtus color.*

Nata, pinguior lactis ſpuma.

Lu-

Luzerna, Lux modica, ou parva lux.
Maçaroca, filum fuſo circumvolutum.
Carnoſidade, caro excreſcens.
Carniça, carnis copia.
Penhaſco, alta rupes.
Farandula } res nihili, ou nullius pretii.
Farandulagem }
Palhagem, ſtramenti acervus.
Carranca, torvus vultus.
Palhiço, paleae contritae fragmenta.
Mareaçaõ }
Mareagem } opus nauticum: officia vel munera nautica.
Marinharia }
Marear a náo, funes nauticos, et vela navigationi aptare.
Mareta, mare leviter tumidum, ou levis maris tumor, ou levis maris fluctuatio.
Marezia, chamamos o máo cheiro, que de ſi lançaõ as agoas do mar: no Latim naõ ha ſenaõ ſupplementos, *teter*, ou *gravis odor maris*.
Outro fenomeno, quando as ondas ſe inquietaõ agitadas pelo vento, he o que chamamos *Marulho*: Cicero por perifraſe diſſe: Maris jactatio: outros por equivalente: Fluctuum motus et agitatio.
Barba, e *bigodes*, ſaõ para nós objectos diſtinctos: os Latinos naõ tem ſenaõ o termo generico *Barba*, tudo o mais ſaõ expreſsões perifraſticas.

Que diremos de *Eſnocar*, que he propriamente, quebrar hum Ramo da arvore pelo nó: para os Latinos, ramum ab arbore evellere?

Eſmechar } que palavras taõ proprias para exprimir
Eſmechado } a idéia, e a relaçaõ local! Notem os que entendem, que languido ſerá no contexto vivo aquelle fraſeado dos Latinos: *Inſligere grave vulnus capiti alicujus*
O meſmo ſe póde dizer de *eſmerar-ſe* em alguma couſa, *accurate*, *diligenter*, *ſtudioſeque facere*.
Seria infinito trabalho ſe aqui tranſcreveſſemos todas as ex-

expreſsões peculiares, que a Lingoa Latina naõ ſuppre, ou ſuppre imperfeitamente, fóra outras, em que ella he inteiramente muda.

Diraõ, que muitos dos noſſos tem eſcrito muitos, e elegantiſſimos opuſculos em Oratoria, Hiſtoria, Poeſia &c., como Teive, André de Reſende, e outros, e ninguem atégora carpio as pobrezas do Latim. Reſponde-ſe 1.° que a penuria de vozes Latinas proprias para exprimir todo o conceito naõ ſe faz igualmente ſenſivel em qualquer genero de eſcritura: 2.° que aos modernos eſcritores Latinos acontece o meſmo que aos Poetas, porque aſſim como eſtes muitas vezes ſacrificaõ á rima o conceito, e as expreſsões mais energicas, aſſim aquelles eſcritores muitas vezes accommodaõ os ſeus penſamentos aos termos, e fraſes Latinas, que lhes occorrem, e naõ as fraſes, e termos aos penſamentos; do que reſulta, que a expreſſaõ fica hum pouco mais abaixo, ou mais acima do penſamento formal; o leitor, poſto que agudo, naõ ſente a violencia, porque julga o que o Author penſou pelo que eſcreveo, e naõ adivinha, que he o que elle realmente queria dizer: 3.° que ſe confeſſaſſemos os noſſos Eſcritores Portuguezes, que razaõ tiveraõ para preferir a Lingoa Latina á Portugueza nas obras que compozêraõ? Elles diriaõ, huns que eſtavaõ entaõ preoccupados, como toda a Europa erudita, pela encantadora belleza da Lingoa Latina, ſem attenderem, nem conhecerem as delicadezas, a força, e abundancia da Lingoa materna: outros diriaõ, que bem conheciaõ as vantagens da noſſa Lingoa, mas que ſe accommodáraõ ao tempo, e ſeguíraõ a commum torrente.

Tiraremos pois do que temos tratado as ſeguintes conſequencias: 1.ª que muito pobre ſeria hoje a noſſa Lingoa ſe ella naõ conſtaſſe, ſenaõ de vocabulos Latinos: 2.ª que naõ temos que tentar enriquecella com o reſto de vocabulos Latinos a deſconto de perder os nativos.

§ IV.

§ IV.

De alguns vocabulos, que falsamente se crem nativos; e outros, que se explicaõ bem pelos vocabulos das outras Lingoas.

Para qualificar a abundancia da Lingoa Portugueza naõ precisamos de fazer injuria á verdade, occultando a origem donde a tivemos; nem de imaginar em algumas palavras taes propriedades secretas, que ellas em realidade naõ tem, por nos accommodarmos ás erradas opiniões dos nossos Filologos, com prejuizo dos que se querem instruir.

Diz pois Duarte Nunes, que ou fosse dos Godos, ou de outras nações, ou inventados per si, os Portuguezes tem vocabulos, a que naõ podemos dar origem, e que saõ seus peculiares, de que ha grande numero, &c. (*a*) Naõ referiremos por extenso todos os que elle ajunta nesta lista, mas observaremos, que em muitos delles he assás conhecida a origem. Taes saõ:

Absentar, de *absente* do v. Latino *Absum*, pelo qual dizemos hoje *ausentar*, como *ausente*, *ausencia*.

Açoutar, v. formado do nome *açoute*: cujo nome se deriva de *Çot* voz Hebraica, que significa flagello, ou azorrague.

Affilar, por aguçar he claramente tomado do Francez *Affiler*.

Affidalgar naõ tem que cause novidade, pois que se deriva de *Fidalgo*, que he o mesmo, que Filho d'algo.

Affreimar derivado da palavra *freima*, tirada da Grega φλεγμα, flegma.

Affrontar } assim vieraõ do Francez . . . . *Affront*
Affronta } . . . . *Affronter*

(*a*) *Orig. da L. Portug.* cap. 16.

de-

derivadas da voz Latina *Frons*, *tis*, porque ſaõ palavras, ou acções injurioſas contra alguem feitas na ſua preſença.

Airoſo, de *aere*, quaſi aeroſus.

Alvitre, do vocabulo Latino *arbitrium*.

Atacar, he ſem duvida do Francez, como veremos no capitulo ſeguinte.

Averigoar, da fraſe Latino-barbara *ad verum collare*.

Azedo, quem duvída vem de *acidus*, como

Concerto, de *concentus*?

Conquiſta . . . . *Conqueſte*
} do Francez antigo {
Conquiſtar . . . . *Conqueſter*,
talvez derivados do Latim *quaeſita*, ſc. *bello*.

Deixo outros muitos da meſma liſta ao exame dos curioſos; vamos a outros vocabulos e maneiras de fallar, de que trata no cap. 21. onde diz, que ſe naõ podem bem explicar por outras Latinas, nem de outra Lingoa.

Tendo nós em Portuguez cinco termos, que exprimem huma meſma idéia geral, vem a ſer: *Achaque*, *queixa*, *doença*, *moleſtia*, *enfermidade*, deſtes eſpecializa o termo achaque, e achacoſo; ſendo bem ſabido, que a noçaõ deſtes vocabulos ſe exprime em Latim pelo termo generico *valetudo*, e mais propriamente pela palavra *morbus*, que ſignifica qualquer indiſpoſiçaõ da natureza, que naõ he doença grave, que he o meſmo que declaramos pelo vocabulo Portuguez. (*a*)

Em quanto á palavra *Adherencia* naõ ha couſa mais falſa, do que o que affirma Nunes, que a idéia deſſa palavra ſe naõ poſſa explicar bem nem em Latim, nem nas outras Lingoas. Mas eſte homem levado de hum enthuſiaſmo intempeſtivo contra as injuſtiças, que ſe praticavaõ no ſeu tempo, deſacredita injuſtamente a ſua

(*a*) ,, Morbus proprie eſt habitus contra naturam, qui uſum ejus ,, faciat deteriorem. ,, Robert. Steph. verbo *Morbus*.

naçaõ, dissimulando o tyranno, quando diz: „ Como „ entre outras nacões naõ ha cousa, que signifique esta „ diabolica palavra tanto como entre nós, naõ tem pa„ lavra, que a explique. „ O sceptro dos Filippes na verdade, que foi sceptro de ferro para os Portuguezes, e nunca reinou tanto a injustiça como entaõ: mas que? foi isso cousa nova no mundo, e bastante para dar huma idéia, e hum vocabulo, que nenhuma naçaõ tem? Duvida-se que he o que Nunes pertendia: se fazer valer a palavra *adherencia*, ou mais depressa pretextar com ella o seu queixume.

Com effeito naõ ha tal singularidade no vocabulo: he derivado do Latim adhaerere, como outros vocabulos na Lingoa Portugueza o saõ de outros. Exprime varias relações na idéia total: 1.ª do sogeito, que goza a adherencia, isto he, o que he valído, e bem visto de huma pessoa poderosa; e os Latinos sabiaõ muito bem dizer: *Gratia valere apud aliquem*: 2.ª do sogeito affeiçoado, isto he, do poderoso, que faz estima e aceitaçaõ dos obsequios do valído: 3.ª do sogeito, ou sogeitos, que participaõ dos effeitos da valia, ou empenhos do valído, e da benevolencia do Magnata: 4.ª dos mesmos effeitos, isto he, mercês, beneficios, ou livramento de castigos justos, ou injustos: a amizade pura, ou o vil interesse dos que valem. Daqui vem

Ser } de adherencia para com alguem.
Servir }

Ter adherencia, isto he, pessoa que se empenhe.

Buscar adherencia } para impetrar mercê &c.
Meter adherencia }

Recorrer á adherencia.

Conseguir } por adherencia.
Alcançar }

Em todos os póvos e sociedades ha tudo isto, e conseguintemente vocabulos convenientes.

Arriscar he derivado do nome *risco*, no Hespanhol *riesgo*, no Italiano *rischio*, no Francez *risque*, e *risquer*,

quer, *hazard*, *hazarder*, em Latim *diſcrimen*, e muitas outras expreſsões convenientes aos uſos do termo Portuguez, que Nunes diz, que ſe naõ póde explicar bem.

Naõ ha menor erro na palavra *Alvoroço*, quando diz, que eſte affecto da alma ſe explica mal em outras Lingoas propriamente: e outro author (*a*) tambem traz, que eſta palavra ſó ſe acha na Lingoa Portugueza: o que ſeria verdade fallando da palavra, em quanto aos ſons, mas fallando extenſivamente da palavra e noçaõ, que exprime, he falſo. Em Latim explica-ſe bellamente por *Expectatio*, derivado de *ex* e *ſpecta*, que exprime a narureza do affecto, miſto de deſejo, de cuidado, e inquietaçaõ de animo, porque quem eſpera alguma couſa de grande empenho, ſempre eſtá a olhar, quando chega; o meſmo acontece, quando eſperamos alguma peſſoa, cuja vinda nos contentará muito. (*b*) Iſto ſuppoſto o termo Portuguez ſempre tem por objecto couſa, que eſtá por vir, mas ſegundo a natureza da couſa, que ſe eſpera, refere-ſe, ou ao temor, ſe he nociva, ou funeſta, ou ao deſejo, ſe he agradavel, ou proveitoſa: huma alvoroça com o temor, e receio; outra com o deſejo, que paſſa a huma eſpecie de impaciencia. E a eſta differença attendeo diſcretamente o Diccionario da Academia Real, expondo a noçaõ deſte vocabulo por *Sobreſalto, alteraçaõ, ou commoçaõ vehemente do animo, cauſado por diverſas paixões, e principalmente pela eſperança, alegria, novidade* &c.

Neſte ſentido diziaõ os Latinos: *Tanta fuit expectatio viſendi Alcibiadis*: e nós: Taõ grande foi o alvoroço *por verem Alcibiades.* (*c*)

(*a*) Severim *Diſc.* 2. 74.

(*b*) „ Significat praeſtolari; quia dum venturum aliquem praeſto-„ lamur, frequenter aſpicere ſolemus, an veniat. „ Theſ. L. L. Robert. Steph. v. *Expecto.*

(*c*) Nep. *in Alcibiade.*

A mesma idéia se representa ás vezes por hyperbole: *Estou morto por ver* &c. e pela palavra *Impaciencia*: os Francezes tambem usaõ de *Impatience*: Cic. *Plenus sum expectatione de Pompejo, quidnam velit.* Estou com grande alvoroço, ou espero com impaciencia, ou estou morto por saber, que he o que Pompeo me quer. Em Francez: *Je suis dans l'impatience pour sçavoir ce que Pompée me veut.*

Outro erro na palavra *Saudade*, que Nunes tambem copiou de Severim; porém accrescenta, que este affecto he proprio dos Portuguezes, que naturalmente (diz elle) saõ maviosos, e affeiçoados: erro de Filosofia: conclue, que naõ ha Lingoa, em que da mesma maneira se possa explicar, nem ainda por muitas palavras: erro de Filologia.

He de advertir, que as palavras, de que ha menos falta em todas as Lingoas, saõ as que exprimem os affectos, tanto os simples, como os compóstos, ou complicados; antes estes saõ os que deraõ os primeiros vocabulos ás Lingoas. Posto isto, a palavra *saudade* naõ veio do outro mundo, nem he portento; he derivada da Latina *Solitate*, porque os Latinos usavaõ alguma vez de *solitas* em lugar de *solitudo*, assim como em Portuguez usamos de *solidaõ*, e *soledade*, hum derivado de *solitudo*, outro de *solitate*, e saudade derivado do mesmo tem a significaçaõ do nome *desiderium* pelo qual exprimiaõ os Latinos a mesma idéia complexa, que temos em saudade. Pelo que a huma, e outra voz quadra a definiçaõ do bom Filosofo Cicero: (*a*) *Desiderium est libido videndi ejus, qui non aderit*: a qual definiçaõ se Nunes entendera bem, escusára de lhe substituir a sua inepta, e vaga, *lembrança de alguma cousa com desejo della.* Onde se vio desejo de huma cousa sem lembrança?

Mas prescindindo disto, dizemos: *Estou com dese-*

(*a*) Cic. *Tuscul. Quaest* Lib. IV.

jo de cerejas: e ſeria tolice dizer: *Eſtou com ſaudade de cerejas.* Se me gabaõ o talento de hum prégador, que nunca ouvi, digo: *Tenho deſejos de ouvir eſſe grande homem*: e naõ ſeria a propoſito dizer: *Tenho ſaudades de ouvir* &c. Pelo contrario diriamos, que hum homem tem ſaudades da patria, e naõ diriamos, que tem deſejos. Pelo que *ſaudade*, ou *deſiderium*, em quanto exprimem huma idéia complexa, declaraõ 1.° a lembrança de hum objecto, cuja preſença nos contentava: 2.° a reflexaõ de já o naõ termos preſente: 3.° a magoa que ſente o animo pela ſoledade do objecto auſente: 4.° o retrato, que nos eſtá pintando a imaginaçaõ da ſua antiga preſença, e qualidades: 5.° os deſejos, com que o animo ſe ſente impellido para o ver.

Pelo que a palavra *ſaudade*, tira mais a ſua força da III. parte da analyſe ſobredita, preſuppondo ſoledade, e magoa: o termo Latino *deſiderium* tira mais da V., iſto he, dos deſejos, tendo por fundamento auſencia: logo hum, e outro ſe ajuſtaõ com a definiçaõ, *Libido videndi* &c., pois que *libido* naõ quer dizer ſimpleſmente qualquer deſejo, mas o deſejo que na Theologia ſe chama de concupiſcencia (ſem ſer de objecto indecente), iſto he os deſejos mais vivos, que tem força dos ſentidos.

Os Italianos tem a meſma força do termo Latino no ſeu Deſiderio, ou Diſiderio. Os Francezes dizem: *Tout le monde le regrettoit*: como nós: *Toda a gente tinha ſaudades por elle.* E Cicero: *Erat in deſiderio omnium.* Se alguma peſſoa morreo, ou ſe auſentou para outro paiz, dizem: Il *nous a laiſſé le regret de l'avoit perdu.* Cicero diſſe: *Deſiderium ſui nobis reliquit.* E nós: *Deixou-nos ſaudades*: ou, *Ficamos com ſaudades por elle.*

Aos ditos vocabulos ajunta Nunes as palavras *Mano*, *Mana*, quando ſe uſaõ como expreſsões de carinho para com peſſoas a quem queremos bem. Eſta eſpecie de expreſsões variaõ em diverſas Lingoas, e ainda n'uma meſ-

meſma ſe mudaõ de tempos a tempos, mas affirmar, que as naõ ha em outras Lingoas, he muito affoitar-ſe. Com effeito diz Nunes, que naõ ha outra expreſſaõ na Lingoa Eſpanhol, nem nas outras vulgares, que lhe correſponda.

He de ſaber, que eſta voz *Mano* veio talvez do verbo grego μάω, *vehementer cupio*, donde os Latinos tiráraõ o ſeu *amo*; ou talvez de μάνος, *genus ornamenti collaris*: do primeiro modo *mano* vale o meſmo, que meu rico, meu querido, ou meu amor; do ſegundo vale o meſmo, que minha joia, meu diamante. Vejaõ os que entendem as Lingoas, ſe ha fundamento para o noſſo Author vender eſta palavra taõ cara. O que diz da interjeiçaõ Latina *Amabo*, naõ vale nada, porque he termo de uſo reſtricto, e ſe empregava, quando ſe pedia, ou pertendia alguma couſa de alguem, e vale o meſmo, *pelo teu amor*, ou *por mercê*: v.g. em Terencio: *Vide, amabo, num ſit domi.* Faze-me o favor de ver, ſe elle eſtá em caſa: ou ao noſſo modo: Por amor de Deos vai ver, ſe elle eſtà em caſa. Neſtes termos, como podia o noſſo Filologo eſperar que Amabo ſignificaſſe o meſmo, que *mano*, ſe elle nem lá vai ter, nem para lá caminha? Naõ nos demoremos mais em examinar outros vocabulos, que ajunta o noſſo Author depois de outros: iſto baſta para ſe entender, que a Lingoa Portugueza tem tido mais Panegyriſtas do que Criticos, e que os que a pertendem ſaber com fundamento, naõ devem crer ſem exame o que ſe acha ordinariamente nos eſcritos dos noſſos antigos, mais curioſos, que exactos, e igualmente faceis em ſe copiarem huns aos outros.

CAPITULO III.

Da Francezia, ou indiscreta introducçaõ de termos, e frases Francezas na Lingoa Portugueza: VI. causa da sua decadencia.

NAõ he nosso intento pôr em questaõ, se he justo adoptar na Lingoa Portugueza as dicções da Lingoa Franceza, e empregallas opportunamente nos discursos; mas veremos, que he summamente importante manifestar o abuso, que nos nossos tempos se tem feito dos vocabulos, e frases daquella Lingoa, em quanto este abuso he causa de se corromper a pureza da nossa, e de se virem a perder muitos vocabulos proprios e elegantes, de que sempre usaraõ os nossos melhores escritores.

§ I.

Do fôro de antiguidade de muitas palavras Francezas, que se encorporáraõ na Lingoa Portugueza, ou servíraõ de raiz á muitos vocabulos Portuguezes.

Direito commum he nas Lingoas da Europa o soccorrem-se e ajudarem-se mutuamente, ou fazerem-se mutua represalha nas dicções, que cada huma possue, quando dellas ha necessidade: e esta he a mesma idéia que concebeo o nosso douto Ferreira, dizendo:

Geralmente foi dada boa licença
A's Lingoas; humas ás outras se roubáraõ:
Só o bom sprito faz a differença. (*a*)

Por isso dissemos já, que mais prompto e facil recurso temos nas Lingoas modernas para a provisaõ de vocabulos, pela communicaçaõ que com ellas temos, do

(*a*) Ferr. *Poem. Lusit.* Lib. II. Cart. X.

que

que na Lingoa Latina, que he morta ha muito tempo.

E na verdade, fallando em geral, no que respeita a vocabulos, o Uso he quem os faz communs. „ As „ palavras (diz Fenelon) saõ meros sons, que arbitraria- „ mente fazemos signaes dos nossos pensamentos. Estes „ sons naõ tem de si mesmos valor algum, e tanto per- „ tencem áquelle povo, que os toma, como ao outro, „ que os dá. Que importa, que huma palavra tenha nas- „ cido na nossa terra, ou nos venha de paiz estrangeiro? „ Isto seria emulaçaõ pueril em materia, onde naõ vai „ mais que hum certo modo de mover os labios, e pulsar „ o ar. „ Nada ha (diz Mr. Duclos) na natureza, nem na „ razaõ, que determine hum objecto a ser designado mais „ por hum som, que por outro. „ (*a*) Do que tiramos a mesma conclusaõ do Lyrico Latino, que nenhum fundamento racionavel ha, para que privemos as Lingoas das riquezas, que lhes podem vir deste commercio:

. . . . . . *Ego cur acquirere pauca*
Si possum invideor, quum Lingua Catonis et Enni
Sermonem patrium ditaverit, et nova rerum
Nomina protulerit. (*b*)

E por isso hum dos mais judiciosos Criticos da Lingoa Latina, se queixava, que tendo-se formado muitas palavras novas tiradas da Lingoa Grega, houvesse certos desdenhosos, que com tyranna critica se levantavaõ contra a innocente novidade, privando a Lingoa Latina deste bem, com que se podia remir a sua penuria domestica. (*c*)

No que respeita pois á Lingoa Portugueza, tanto menos se póde vituperar, que naturalizemos varios vocabulos da Lingoa Franceza, visto que della temos mui-

(*a*) *Remarq. sur la Gram. Gener.* Liv. V.

(*b*) *De Art. Poet.* v. 55. et seq.

(*c*) „ Multa ex Graeco formata nova . . . quorum dura quaedam ad- „ modum videntur . . quae, cur tantopere aspernemur, nihil video, „ nisi quod iniqui judices in nos sumus, ideoque paupertate sermo- „ nis laboramus. „ Quinct. l. VIII. cap. 3.

tos e antiquissimos, que nos vieraõ com a Monarquia, e outros, que já estavaõ de assento antes della: parte dos quaes estaõ antiquados, parte ainda se conservaõ de posse nos monumentos dos nossos insignes Escritores, e na mesma Lingoagem commum.

Á primeira classe pertence:

Emprir . . . . de . . . . *Emplir.*
Possança . . . . . . de . . . . . . *Puissance.* donde veio *Possante* correspondendo a *Puissant*, que ainda conservamos em uso, quando dizemos, homem possante, náo possante &c.
Hoste derivado de *Ost*, termo antigo, que os Francezes deixáraõ por *armée*, exercito.
Cá, ou como usa Duarte Nunes, *Qua* correspondendo a *Car*, porque, vocabulo, a que os Francezes tem feito, segundo o Author dos Caracteres, (*a*) terrivel perseguiçaõ, e já o teriaõ proscripto, se tivessem achado, que lhe podessem substituir.
Bigotte, *Bigotteira*, *Bigotismo*, beato falso, ou hypocrita, beatice, e beatismo, saõ as mesmas em Francez com a differença só na syliaba final.
Saõ da mesma classe: *Sargeira*, *Toste*, *Apres*, *Aprisoar*, *Abilhar*, *Abilhamento*, e algumas mais.
E naõ só palavras, mas até alguns idiotismos da frase Franceza se conservaõ na nossa Lingoagem velha, de que restaõ vestigios nos Escritores de bom seculo. Por exemplo: he do estylo Francez ajuntar a particula relativa *Y* nas proposições tanto affirmativas, como negativas; como *Il y a long temps*, *Il n'y a rien*: o que os nossos antigos imitavaõ com a particula Portugueza *abí*, que ajuntavaõ por elegancia ao verbo *haver*, ainda que redundasse no sentido da frase, como: ,, O tu-,, multo, e o estrondo que os martellos faziaõ, era ta-,, manho, que *se abi ha* cousa na terra, que se possa

(*a*) Mr. de la Bruyere *Caracter.* tom. 2. chap. 14. *De quelq. Usag.*

„ parecer c'o inferno, naõ deve ſer outra, ſenaõ eſta. (*a*)

E neſte: „ Naõ *ha abi* couſa, em que vós ſintaes „ algum contentamento, que vo-lo eu negue. „ (*b*)

Em Camões temos:

> Quem vio tamanho enleo,
> Que houveſſe *abi* eſperança ſem receo? (*c*)

Na outra claſſe contaremos baſtantes, que apparecem ainda ſem ranço nos Authores da noſſa Lingoa, como *Matelote*, *Matelotagem*, de que uſa Lucena.

Piſta, (vulgo *piogada*) que anda nas obras do Conde de Ericeira.

Guiſa, que ficou nos noſſos Authores com bom credito, excluidos os compoſtos *Aguiſar*, *Aguiſado*, que caducáraõ.

Entreprender, *Entrepreſa* } vocabulos muito uſados do Conde da Ericeira, e do P. Vieira.

Piſio, (homem vil) veio do Francez *Piffre*.

Fornir, *Fornido* } ſe achaõ no P. Lucena.

Fornecer, *Fornecido* } ſaõ amodernados como outros, de que logo fallaremos.

Brida (redea).

Guarecer, *Guarecido* } derivados de *Guerir*.

Rechaſſar, *Rechaſſado* } bellas expreſsões, e bem expeditas, que Nunes (naõ ſei com que conſciencia) poz na liſta dos vocabulos plebeos, que os polidos naõ devem uſar. (*d*)

Refuſar, póde-ſe duvidar, ſe nos veio immediatamente dos Francezes, ou ſe no lo deraõ os Eſpanhoes.

Faremos agora terceira claſſe dos que andaõ na Lingoagem commua, e nos ſaõ taõ familiares, que qua-

(*a*) Fern. Mend. Pinto *Perigrinaç.* cap. 96.
(*b*) Barr. *Clarim.* 1. 10.
(*c*) *Canç.* VII. 4.
(*d*) *Orig. da L. Portug.* cap. 18.

ſi

ſi ninguem adverte na ſua origem Franceza, taes ſaõ:

Manjar ſubſtantivo de *Manger* verbo (comer) donde temos os derivados *Manjadoura*, *Manjaruſada*.

Azar, diz Diogo de Urrea citado por Covarrubias, que he derivado da voz Perſiana *Zar*, ajuntando-lhe o artigo *a*; póde ſer que aſſim nos vieſſe da bocca dos Mouros: porém *bazard* dos Francezes tem quaſi as meſmas ſignificações, e uſos que damos ao vocabulo *azar*.

Fracaſſo	he como	*Fracas.*
Tamborete		*Tabouret.*
Pois	como	*Puis.*
Depois	como	*Depuis.*
Poisque	como	*Puisque.*
Falta		*Faute.*
Floreſta		*Forêt.*
Borraſca		*Bourasque.*
Anciaõ, aã		*Ancien, ne.*
Burla	como	*Burle.*
Bulra	como	
Burleſco	como	*Burlesque.*
Bigorna		*Bigorne.*
Bico		*Bec.*
Banco		*Banc.*

Teſta he como o antigo *Teſte*, pelo qual dizem hoje *Tête*, ſignificando cabeça.

Bolina (quando ſe diz, andar a bolina) *Boulina*, *Bouliner*.

Compra, *comprar* diziaõ os noſſos antigos, o que Nunes reprova nas ſuas Regras da Orthografia, he abreviatura do Latim *Computare*, donde os Francezes fizeraõ *Compte Compter*.

Loquete, e mais vulgarmente *aloquete*, vocabulo, que Madureira diz ſer do dialecto do Minho, e d'outras Provincias, e ſignifica hum pequenino ferrolho com que ſe fechaõ ceſtos de vime, e arcas pequenas, em Francez *Loquet*. Faz falta eſte vocabulo em Liſ-

boa, onde uſaõ do termo generico, e vago *cadeado*.

Preboſte, Juiz inferior de *Preboſt*, que os Francezes fizeraõ do Latino *Praepoſitus*. Correſponde entre nós a Intendente, Mordomo, mas naõ tem a meſma extenſaõ que tem o vocabulo Francez.

Piloto . . . . . Franc. . . . . . *Pilote.*
Piſtolete . . . . *Piſtolet.*
Arcabuz, ... *Arquebuſe.*
Arcabuzar, ou *arcabuzear* . . . . *Arquebuſer.*
Arcabuzada . . . . *Arquebuſade.*
Arcabuzeiro, adj. e ſubſt. . . . . *Arquebuſier.*
Arcabuzaço, he derivaçaõ Portug. por analog.
Arcabuzaria . . . . *Arquebuſerie.*
Arcabuzado, *a* . . . . *Arquaibuſe,eé.*
Mosquete . . . . *Mousquet.*
Mosqueteiro . . . como . . . *Mousquetaire.*
Mosquetaria *Mousqueterie.*
Mosquetada . . . . *Mousquetade.*
Pique ou *Pica* arma . . . . *Pique.*

Aſſim ſaõ outros muitos termos de guerra como:

Batalha . . . . *Bataille.*
Batalhaõ . . . . *Bataillon.*
Batalhar . . . . *Batailler.*
Barraca . . . . *Baraque.*
Barbacã . . . . *Barbacane.*
Conquiſta . . . . *Conqueſte.*
Conquiſtar . , ... *Conqueſter.*

Palalavras Francezas do uſo antigo.

Tambor . . . . *Tambour.*
Tamboril . . . . *Tabourin.*
Tamborileiro . . . . *Tambourineur.*

Alta, voz com que ſe mandaõ parar os Eſquadrões, em Francez *Halte*, que he o meſmo ſinal, que os Italianos exprimem pelo Imperativo, *Ferma*, iſto he, *pára*. Diz-ſe em Portuguez, *fazer alta* o exercito, ou o regimento, por ceſſar a marcha &c.

Deſmantelar . . . . *Deſmanteler.*

O mo-

O modo dos veſtidos tambem nos trouxe baſtantes termos, como:

Jaqueta . . . . *Jaquette.*
Collete . . . . *Collet.*
Peruca . . . . *Perruque.*

Aſſim vieraõ outros nomes aſſaz vulgares, como: *Laranja*, de *l'orange*, termo que os Francezes formáraõ de *Aurantium*, ſc. *malum*, como quem diz, *pomo dourado*, ſegundo indica a ſyllaba inicial.

L'or, o ouro

Ataca }
Ataque } todos nos vieraõ de dicções Francezas. E naõ he razaõ, que diſſimulemos aqui o erro do
Atacar } noſſo Duarte Nunes, que conta o verbo *Atacar* no numero dos vocabulos, que os Portuguezes tem ſeus nativos, e que naõ tomáraõ de outro algum idioma. Outros inadvertidamente tomaõ eſte verbo por hum ſó, e lhe accommodaõ (o que em nenhuma Lingoa ha) duas ſignificações diverſiſſimas, que nenhuma analogia tem entre ſi; ſendo que ſaõ dous verbos differentes do meſmo ſom, mas differente ſignificaçaõ pela diverſa origem, de que ſe tiráraõ. Pelo que

Ataca, correia, ou couſa ſemelhante, com que ſe prende huma couſa com outra, he do vocabulo Francez . . . . *Attache.*

Ataque, o accommetimento, ou acçaõ de accommetter do Francez *Attaque.*

Atacar, apertar com ataca, iſto he, correia &c. do Francez *Attacher.*

Atacar, accommetter, aſſaltar, do Francez *Attaquer.*

He de advertir, que eſtes termos *Ataque*, e *atacar* naõ ſe uſáraõ atégora na Lingoa Portugueza, ſenaõ em materia de guerra, como, *atacar o inimigo*, *atacar a cidade*, *atacar as peças de artilharia*, *atacar fogo á mina*: e naõ tinhaõ as ſignificacões figuradas, que ſe uſaõ na Lingoa Franceza, e que os Portuguezes modernos, ſem conſultarem o uſo, lhes tem accommodado, como, *ataques da doença*, feyre &c., que dizemos em

Por-

Portuguez uſual, e claſſico, *acceſſos*. Nem ſe dizia, *atacar* alguem com palavras, perguntas, dicterios &c. *atacar* a innocencia com ſatyras injurioſas &c. Tudo iſto ſaõ fraſes intruſas, de que adiante fallaremos.

Galante } *Galantaria* } vieraõ do Francez *Galant*, que ſegundo Danet, ſe deriva do antigo vocabulo *Gale*, que ſignifica *alegria*, e *regalo*, ou do verbo Latino deſuſado *Gallare*, iſto he, *bacchari* alegrar-ſe a modo dos Sacerdotes de *Cybeles*. (*a*) Da meſma origem nos veio, *Regalo*, *Regalar*, *Galhofa*, *Galhofar*, *Galhofeiro*, *Galhofaria*, *Galhardo*, *Galhardia*, *Galhardice*.

Vianda, comida em Francez *Viande*, he algum tanto moderno, mais antigos ſaõ:

Engendrar	*Engendrer.*
Entreter	*Entretenir.*
Entretenimento	*Entretenimcnt.*
Trafico	*Trafic.*
Traficar	*Trafiquer.*
Traficante	*Trafiquant.*
Traficancia como *Trafico*	*Trafic.*

Banquete } *Banquetear* } duraõ na noſſa Lingoa de *Banquet*, *Banquetter*, que os Francezes deſprezáraõ no uſo commum; porque *Banquet* chamaõ ſó a Ceia de Jeſus Chriſto, e de *Banqueter* ſó uſaõ por ironia.

Deſpachar, ou ſe diga das couſas, como: Deſpachar o negocio; ou das peſſoas, como: Deſpachate, iſto he, anda ligeiro; ou em ſentido figurado, como: Deſpacháraõ-no, por matáraõ-no: em Francez he *Depêcher*, ou ſegundo o uſo antigo *Depeſcher*, ou *Deſpêcher*.

Bagatella, do Francez *Bagatelle*, he vulgariſſimo entre meninos, e velhos plebeos, e polidos, ruſticos, e cidadãos.

Poremos a ultima claſſe dos vocabulos do meſmo ſom

(*a*) Vej. Danet *Diccion. Franc. et Lat.* verb. *Galant.*

que

que os Francezes, donde saõ derivados, mas que na Lingoa Portugueza tomáraõ differente significaçaõ. Porque assim como da Lingoa Latina temos vocabulos, que applicamos a differente significaçaõ no Portuguez, assim temos alguns da Lingoa Franceza, que deixáraõ a significaçaõ original. Taes saõ entre outros:

Bizarro, que quer dizer, brioso, e bem asseado de *Bizarre*, extravagante.

Bizarria, brio, primor &c. de *Bizarrerie* caprixo, extravagancia &c.

Parola, entre nós palavras vãas, donde vem dizer-se homem paroleiro, ou homem de muita parola, que corresponde ao termo vulgar *Patarata*: de *Parole*, que significa palavra.

Arenga
Arengar } saõ bem antigos na nossa Lingoa, hum por farfalhada de palavras, outro por bouzear, mas naõ se costumaõ pôr para significar discurso em publico auditorio, como no Francez *Arengue*, *Arenguer*: posto que alguns com a franca licença da moda os querem restituir á significaçaõ da origem Franceza.

Coragem, menos usado na significaçaõ de valor, que tem no Francez *Courage*; mui ordinariamente significa a condiçaõ fogosa, e braveza de genio.

Despeito, pezar, do Francez *Dépit*, que significa tambem a indignaçaõ.

Mas já estes saõ exemplos demasiados para esta obra, e naõ seriaõ bastantes, se a nossa empreza fosse mostrar a correspondencia da nossa Lingoa com a Franceza em materia de vocabulos.

§ II.

§ II.

Causa da antiga introducçaõ dos vocabulos Francezes na Lingoa Portugueza.

Naõ he de admirar, que nos vieſſe tanta copia de termos da Lingoa Franceza: porque no tempo antigo era eſta Lingoa mais coherente com a noſſa, do que hoje. Os Francezes diziaõ, como os Eſpanhoes, *Sique* por, aſſim que, de modo que, de ſorte que &c. *Souloir* era em Francez, como para nós *Soer*, ou *Soher*, do Latim *Solere*; e os Francezes deixáraõ aquelle termo quaſi ao meſmo tempo, que nós deixámos o noſſo, em lugar do qual tomáraõ, *S'accoutumer*, e *etre accoutumé*, coſtumar, ou ſer coſtumado. Diziaõ *Proueſſes*, como nós *Proêzas*, em lugar de *grandes actiõs*, de que hoje uſaõ; *Monſtier*, como nós *Moſteiro*: *Moult* do Latim *Multum*, como nós *Muito*, ou como os noſſos antigos *Moito*: *Certes*, como nós ha pouco diziamos *Certo*, por *certamente*, ou na verdade.

Bel	*Bello.*	*Capel*	*Chapeo.*
Scel	*Sello.*	*Coutel*	*Cutello.*
Rancune	*Rancôr.*		

e outros aſſim bem moſtraõ quanta ſemelhança havia entr'ambas as Lingoas, em quanto ao mecaniſmo dos ſons, de que ſe compunhaõ os vocabulos; de maneira que muitas palavras Portuguezas pela ſemelhança que tem com as Francezas, ſendo humas e outras derivadas das Latinas, podem fazer duvida, ſe primeiro fôraõ tomadas da Lingoa Latina, ou ſe primeiro ſe fizeraõ Francezas, e depois as aportuguezamos.

Naõ ha duvida, que a muita communicaçaõ, que houve entre ambas eſtas nações, ainda antes de ſe inſtituir a Monarquia Portugueza, devia ſer cauſa de ſe augmentar a noſſa Lingoa de muitos vocabulos, que nella temos. Por quanto pela Hiſtoria conſta, qne era tan-

ta

ta a frequencia de Francezes, que vinhaõ a Portugal pelo trato e navegaçaõ, que naõ faltaõ Authores, que affirmem, que dahi he que veio a chamar-se a este Reino *Portugal*, como se dissessem *Porto dos Gallos*. (*a*) Nunes convém, que já antes da Monarquia, passáraõ muitos vocabulos da Lingoa Franceza pelo commercio, que tinhaõ os Espanhoes com os Francezes, só titubeia em se persuadir, que isso procedesse, como em outras nações acontece, da vizinhança dos póvos; como se fosse necessario para a communicaçaõ das Lingoas, e do commercio, que morassemos vizinhos porta com porta.

Mas como naõ ha cousa mais natural, e ordinaria em todas as nações, que o tomarem as expressões e lingoagem daquelles, de quem recebem as leis e os mandados; assim devia succeder em Portugal no principio, e progressos da Monarquia. Por quanto: 1.º veio de França o Conde D. Henrique de Borbaõ com sua familia, e tropas, (*b*) e viveo em Portugal até á sua morte, governando todas as terras, que ganhára pelas suas conquistas: as quaes como ficáraõ separadas da Monarquia de Espanha, fôraõ perdendo o antigo dialecto Espanhol, que andava misturado na Lingoa Portugueza, e de mais disto adoptáraõ os novos vocabulos dos Conquistadores; de fórma que desta nova colonia meio Franceza, meio Portugueza ficou constituida huma nova Republica, e lingoagem em parte nova, reformada, e enriquecida de muitas vozes Francezas, familiares, bellicas, politicas, facultativas &c., que se naturalizáraõ, e encorporáraõ no idioma Portuguez.

(*a*) ,, Portucaliam dictam putant . . quod aequius existimo, quia ,, ceteris urbibus maritimis Mauro adhuc occupatis, Durius gallicis ,, navibus maxime frequentabatur: unde tota Lusitania dicta est Por- ,, tus Gallus, cum qua nostra genti tanta fuit necessitudo, ut jure ,, possis Lusitaniam Galliae coloniam appellare. ,, Vasconcel. *de Regib. Portug.*

(*b*) No anno de 1089: morreo em 1112.

Principiou em fim a Monarquia Portugueza no Senhor D. Affonso Henriques primeiro Rei de Portugal; (*a*) e como veio de França casar com este Monarca a Rainha D. Mafalda, trazendo em sua Côrte grande numero de Damas, e Cavalleiros Francezes, foi esta outra notavel occasiaõ de se propagar muito mais o uso dos vocabulos recebidos, e de se accrescentarem outros mais.

Outro successo houve assaz notavel do reinado deste Monarca, que sem dúvida havia de concorrer muito para o uso, e introducçaõ de vocabulos Francezes em varias Provincias da Monarquia; foi quando aportou ás nossas praias aquella famosa armada conduzida por Guilherme *de longa espada*, a qual nos ajudou a tomar Lisboa aos Mouros: porque convidados de generosidade do Monarca ficáraõ estabelecidos em Portugal muitos Senhores Francezes, povoando varias Villas, e Lugares deste Reino, dos quaes ainda conservaõ titulo, e linhagem alguns Fidalgos Portuguezes.

Passado longo tempo entrou em Portugal D. Affonso III. com sua mulher a Condessa de Bolonha D. Matildes, (*a*) trazendo grande comitiva Franceza, assim de Senhores da sua Côrte, como de tropas para sua defeza, e em Portugal ficou Reinando trinta, e dous annos em lugar de seu irmão D. Sancho II. Destas allianças em differentes épocas resultáraõ varias mudanças na Lingoa Portugueza, principalmente em innovações de vocabulos, como se póde observar comparando os nossos antigos Escritores de differentes seculos.

Mas as maiores revoluções da Lingoa, assim como as do Estado, succedêraõ no felicissimo Reinado d'ElRei D. Manoel, por que entaõ, como diz hum Author grave, fez a Lingoa Portugueza maior mudança nos primeiros vinte annos, que em cento, e cincoenta annos

---

(*a*) No anno de 1146.

(*b*) Nasceo em Coimbra em 1210: veio para Portugal em 1247: morreo em 1279.

da-

dahi para cá, por ser a Côrte deste Monarca frequentadissima de todas as nações; (*a*) e Mr. de Real attesta, que entre os Reinados felices, e brilhantes, que se achaõ na Historia de Portugal, nenhum depois do de Affonso tem sido mais celebre, que o Reinado de D. Manoel: (*b*) as Lingoas (segundo as idéias de Condillac) (*c*) se aperfeiçoaõ á proporçaõ, que cresce a policia nos costumes dos povos; e isto se vio naquelle Reinado.

Porém ha motivo para duvidar, que alguns dos vocabulos da nossa Lingoa, que os nossos Filologos attribuem á origem Franceza, na realidade a tivessem, ou que tal fosse a sua origem immediata. E se hei de dizer o meu pensamento, acho huma taõ grande affinidade em muitos vocabulos das Lingoas modernas, que mais depressa me persuado, que elles tivessem origem commua, do que origem subalterna. O certo he, que témos alguns, em que se naõ póde resolver ao certo qual fosse a sua origem primeira.

I. Porque a concorrencia dos sons syllabicos semelhantes, que se acha em vocabulos Portuguezes, Espanhoes, Francezes, Italianos, e Inglezes, a naõ ser fortuita, fazem mui debil conjectura para crermos, que tal vocabulo nos viesse mais de huma que de outra naçaõ.

II. Como os barbaros Orientaes na universal invasaõ do Imperio Romano se espalháraõ quasi ao mesmo tempo por varias Provincias, era factivel, que nellas disseminassem varias vozes, que modificadas diversamente, conforme o genio predominante da naçaõ, e da Lingoa primiva do paiz, seriaõ mui semelhantes, e apparentadas com as que se hiaõ introduzindo n'outros paizes.

Por exemplo: observa-se, que hum Portuguez diz

(*a*) Fr. Man. do Sepulchro: *Prolog. da Refeiç. Espirit.* §. 2. n. 3. 4. 5.

(*b*) *Scienc. du Gouvern.* Tom. 2. Sect. 3. chap. 28.

(*c*) *Essai sur l'orig. des Connois. hum.*

Limaõ, o Efpanhol *Limon*, o Francez *Limon*, *Lemon* o Inglez, *Limone* o Italiano. *Jardim* poem Nunes, (fiando-fe n'outros Authores) entre os vocabulos, que nos ficáraõ dos Godos. Póde fer: mas eu vejo, que o Efpanhol diz com pouca differença como nós *Jardin*, o Francez *Jardin*, o Italiano *Giardino*, o Inglez *Garden*. Se he noffo efte vocabulo, que nos deixáraõ os Godos, acafo leváraõ-no as outras nações Européas de Portugal? (*a*)

Em vaõ me dirá efte Author, que a palavra *Maneira* nos veio de *Maniére* Franceza, (*b*) pois vemos, que com pouquiffima differença diz o Efpanhol *Manera*, o Inglez *Manner*, e affim acontece em baftantes outras. Quem me diz agora qual das ditas nações teve primeiro aquelle vocabulo, e qual depois? Se foi correndo fucceffivamente de humas a outras, ou, como fructa ferodia, veio mais tarde n'algum paiz, ou em todos nafceo ao mefmo tempo?

Confirma-fe efte penfamento pela femelhança, que fe acha nos vocabulos, que tem eftas mefmas nações derivados do Latim: porque affim como do idioma Oriental tomáraõ feus vocabulos com modificações proporcionadas, que o ufo authorizou em cada Lingoa; affim da Lingoa Latina deriváraõ muitos com modificações conformes á difpofiçaõ do Orgaõ nacional, mas que no fundo faõ os mefmos. Por exemplo: *falfo* diz uniformemente o Portuguez, o Efpanhol, e o Italiano, o Francez abreviando os elementos diz *faux*, o Inglez com leve mudança diz *falfe*.

Do termo Latino *Pirum* tirou o Portuguez *Pera*, o Efpanhol, e Italiano ufa dos mefmos fons, o Francez diz *Poire*, o Inglez diz *Pear* que he o mefmo nome

---

(*a*) *Orig. da L. P.* cap. 15. it. cap. 11.

(*b*) O mefmo A. incoherente com figo mefmo no cap. 11. poem efte vocabulo na lifta dos que tomámos dos Francezes, e no cap. 16. o poem na lifta dos que temos nativos; fignal he que copiou diverfos authores fem examinar a materia: coftume dos eruditos do feu tempo.

Por-

Portuguez com tranfpofiçaõ de letras finaes. *Lanterna* diz do mefmo modo o Portuguez, o Efpanhol, o Italiano, como eftá no Latim, o Francez diz com pouca differença *Lanterne* , o Inglez *Lanthorn. Eftâmago* tinhamos nós ainda naõ ha muitos annos: mudou-fe em *Eftomago*, e he o mefmo termo em Efpanhol; o Francez tem *Eftomac*, o Italiano *Stomaco*, o Inglez *Stomach.*

A mefma duvida podemos formar de outras palavras, que Nunes affirma ferem tomadas do Italiano, como *Arenga*, que tanto podia vir do Italiano *Arenga*, como do Francez *Arengue.* E que me dizem de *Efpeto* do Italiano *Spedo*? e porque naõ viria do Inglez *Spit*? *Efpora* do Italiano *Sprone*; porque naõ do Inglez *Spur*?

Naõ ha neceffidade de mais exemplos, nem he conveniente copiar aqui os Diccionarios das Lingoas modernas. Como nas noffas Alfandegas naõ ha livro, onde fe carregue a entrada dos vocabulos eftrangeiros, nem a fua época, e naturalidade, tudo fica incerto: nem femelhantes efpeculações faõ de grande valor, para o ufo de taes vocabulos. O cafo eftá, que fejaõ commodos e fonoros, e corraõ com o fello, ou nota nacional, *fignatum praefente notâ*: pouco importa donde vieffem.

§ III.

Do abufo das palavras, e idiotifmos Francezes, que fe tem introduzido na Lingoa Portugueza.

O mefmo exceffo viciofo, que muitos homens de máo gofto tem tido em Latinizar a Lingoa Portugueza, o mefmo he agora em muitos afrancezando-a. Os primeiros, parece, que lhes pezava, que houveffe palavra Latina, que fe naõ aportuguezaffe: o mefmo acontece a eftes com os vocabulos, e frafes da Lingoa Franceza. He indizivel o que fe tem accumulado de Francezias, naõ fó em traducções Portuguezas, mas até em obras de va-

varios generos; defórma que mais neceſſita a mocidade Portugueza hoje de Diccionario Francez para entender os livros da Lingoa materna, do que do Diccionario da meſma Lingoa.

He de crer, que attendendo a abundancia de expreſsões optimas, que tem a noſſa Lingoa para todo o genero de compoſições, e ainda meſmo reflectindo no grande numero de vocabulos Francezes, que obtiveraõ preſcripçaõ de antiguidade, e gozaõ, como temos viſto, da authoridade dos noſſos Eſcritores; já naõ ha neceſſidade, que poſſa juſtificar os homens de recorrerem a huma Lingoa eſtranha, e aproveitar o reſto de vocabulos, e fraſes, que lhe ſaõ proprias, deſprezando os termos nacionaes. Por quanto, como as palavras melhores, e mais neceſſarias eſtaõ tomadas daquelle idioma, as que reſtaõ nem ſaõ melhores que as Portuguezas, nem ſaõ mais neceſſarias por ſerem Francezas. Naõ pertendemos com tudo perſuadir, que abſolutamente naõ ſeja licito adoptar mais algumas com prudencia.

Pelo que antes de nos apropriarmos quaeſquer vocabulos eſtrangeiros, ſeria boa maxima averiguar, quaes ſaõ os que commodamente podemos adoptar, quaes os que devemos excluir. Porque ha huns, que parece naõ tem huma propriedade taõ particular, e vinculo taõ eſtreito na Lingoa, donde ſaõ tirados, que ſe naõ poſſaõ facilmente accommodar a outros idiomas; outros ha menos flexiveis, e taõ identificados com o caracter nacional de huma Lingoa, que parecem incommunicaveis ás outras: os quaes digamos aſſim, naõ pódem paſſar a raia, ſem incorrerem a pena de contrabando, fazendo-ſe ſenſiveis pela ſua natural dureza.

„ As Lingoas, (diz Condillac) (*a*) que ſe formaõ „ das reliquias de outras muitas até encontraõ grandes „ obſtaculos aos ſeus progreſſos. Porque tendo adoptado „ alguma couſa de cada huma, ficaõ ſendo hum montaõ

(*a*) *Eſſai ſur l'Orig. des Connoiſſ. humaines.* chap. 15.

„ enor-

,, enorme de frases, que naõ saõ feitas humas para as ,, outras. ,, Assim succedeo na instituiçaõ das Lingoas modernas; por isso da nossa fôraõ excluidos, depois de muito tempo, e experiencia varios termos mouriscos, ou Arabicos, alguns Latinos, e de outras origens já pela incompatibilidade dos sons com o nosso orgaõ, já por falta da analogia, que caracteriza a Lingoa Portugueza: os que parecêraõ mais necessarios, se reformáraõ por nova mudança, e combinaçaõ dos sons mais conformes ao genio da Lingoa. E quem duvída, que os mesmos inconvenientes sobreditos se encontraraõ nessa alluviaõ de vocabulos, e modos de fallar Francezes, que rapidamente passaraõ ao estylo Portuguez?

Daqui nasce outra lei assás importante em trasportar as palavras de huma Lingoa para outra, e he a que nos deixou Horacio: (*a*)

. . . . . . *Licuit, semperque licebit*
Signatum praesente notâ producere nomen.

E conforma-se com os termos de Quinctiliano: *Utendum plane sermone, ut nummo, cui publica forma est.* Pelas quaes metaforas, *nota*, e *fórma*, se declara, que todo o vocabulo estrangeiro, que naturalizarmos na Lingoa Portugueza deve de pôr as notas caracteristicas da sua origem de maneira, que fique perfeitamente semelhante ás palavras nacionaes, com que se ha de ajuntar, e em nada pareça forasteiro: circumstancia indispensavel para se observar a pureza da lingoagem. (*b*)

Isto supposto, naõ temos, que disputar sobre o verbo *Abandonar*, que os nossos bons authores tinhaõ n'outro tempo abonado nos seus escritos. Este termo, que quasi estava perdido, resuscitou felismente em Portugal na traducçaõ dos Sermões do P. Massillon, e foi

(*a*) *De Art. Poet.* v. 38. 39.

(*b*) ,, Non alienum est admonere, ut sint quam minime peregrina ,, et externa., Quare si fieri potest, et verba omnia, et vox hujus ,, alumnum urbis oleant, ut oratio Romana plana videatur, non civitate donata. ,, *Fab. Instit. Orat.* lib. VIII. cap. 1.

taõ

taõ querido nos pulpitos, que qualquer diſcurſo por informe e indigeſto, que foſſe, por virtude deſta palavra mimoſa, e algumas mais de ſurtimento, já era eſtimado como Sermaõ á Franceza.

Ninguem reprova Aſſembléa, de que uſáraõ bem os noſſos eſcritores, principalmente Vieira; he bom na Hiſtoria e aſſumptos politicos, mas o mal he que já inſenſivelmente vaõ deſapparecendo os vocabulos *Junta*, *Ajuntamento*, *Congreſſo*, *Concurſo*, *Auditorio*, que naõ eraõ taõ mal talhados para que ſe deſprezem.

Naõ nos fazem mal *guarecer*, *guarecido*, por convalecer &c. nem *aturdir*, *aturdido*, que eſtaõ de poſſe, com tanto, que ſe naõ perdeſſe *atroar*, *atroado*, vozes imitativas derivadas da raiz *trom*; nem *eſtrovinhar*, *eſtrovinhado*, que ſervem muito no ſentido figurado; nem *atabalboar*, *atabalhoado*, que tem ſeu preſtimo.

Os termos *Bandir*, e *Bandido*, que nós tinhamos do Italiano, naõ impedem adoptar *bannir* e *banido* dos Francezes.

De noſſa caſa tinhamos *Afinar*, e *Refinar* derivados de *Fino*; naõ havia neceſſidade de *Rafinar*; mas póde tolerar-ſe, *ſi volet uſus*, viſto que naõ diſcrepa da analogia, a ſubtracçaõ de huma vogal em *rafinar*, por *reafinar*,

Carnagem por mortandade, quem o vitupera? Poſto que tinhamos *Carneceria*, e *Carnificina*, que faziaõ eſcuſada a Franceza. Bem ſei, que alguns curioſos, ſeguindo o Bluteau, crem, que eſta palavra já tem uſo muito antigo na noſſa Lingoa, allegando aquelle lugar de Barros na ſua hiſtoria, onde diz: ,, E na ida e vinda ,, té tornar á Ilha das Garças fazer *carnagem*, tomáraõ ,, cincoenta almas.,, (*a*) Mas alli, fazer *carnagem*, naõ ſignifica fazer matança, como erradamente entendeo Bluteau, mas fazer proviſaõ de *carnes*, que he couſa bem differente do ſignificado do vocabulo Francez *Carnage*,

(*a*) Bar. *Decad.* 1. livr. 1. cap. 11.

ou

ou do Portuguez *Carnagem*, que he muito moderno.

Naõ ha difficuldade, que se admittaõ principalmente os termos, que daõ concisaõ á frase, e nos poupaõ descripções, e rodeios, que fazem o estylo pezado, e languido, como *Libertino* por dissoluto, ou, o que he de vida estragada, e solta; e *libertinagem*, vida desenfreada &c.

Romance por Novella, he assás novo; creio, que lhe deo principio o Author do *Verdadeiro Methodo de estudar*, onde diz: *Os Romances, a que os Portuguezes chamaõ Novellas, saõ verdadeiras Epopéias* &c. (*a*) Aqui pertence *Detalhe*, e outros muitos, que deixo ao juizo dos prudentes.

A analogia he a regra constante, para que olhaõ sempre os doutos, que querem seriamente aperfeiçoar a Lingoa, e naõ carregalla a torto, e a direito, como fazem os pedantes debaixo do pretexto de a quererem enriquecer. Ora eu naõ sei que analogia tenha na Lingoa Portugueza *surprender*, e *surpresa*, attendendo á preposiçaõ *sur*, de que se compoem, que nunca já mais se encontrou em dicções Portuguezas. Temos *sub*, e *sob*, de que regularmente se formaria *subprender*, ou *sobprender*, ou por eufonia, *sopprender*, como, *sopprejar*, *sotterrar*, *soppear*, e outros: aliàs diraõ *surcarga*, *surcarregar*, e outros: E teremos mais huma collecçaõ de vocabulos, a que os antigos chamavaõ *voces hybridae*, que he o mesmo que *palavras mestiças*; contrarias á regra de Horacio, e Quinctiliano, que acima apontamos.

Alguns adjectivos verbaes em *ante* saõ necessarios, principalmente onde faltaõ os nossos adjectivos em *ivo*, como *eloquencia insinuante*, por *insinuativa* &c. Nisso devêra-se attender ao uso da raiz: mas *Frappante* com maldiçaõ das Musas Portuguezas, que de *frappantes* ridicularias naõ tem feito ouvir? *Côr frappante*, *espectaculo frappante*, e outras semelhantes expressões entora-

(*a*) Cart. 7. da Poesia.

das com efte Francez rumpante arrepellaõ as orelhas; fe naõ faõ mui compridas.

Remarcavel tambem he palavra affás eftrondofa no conceito de muitos Gallos Portuguezes, que tem Lingoa mais curiofa que Portugueza, como huns, que Quinctiliano conhecia entre os Romanos: (*a*) já naõ prefta *notaveis* fucceffos; *remarcaveis* tem hum naõ fei que de mais relevante, e digno do gofto de Fr. Gerundio.

Saõ da mefma conta *preffante*, por urgente, como *preffante* neceffidade, *preffante* fome, e quanto quizerem. *Bizarro*, e *bizarria* por extravagante, extravagancia, fazem extravagante Portuguezada.

Já houve quem diffe fem vergonha do mundo, *mar impraticavel*, por innavegavel, e Repatriar do Francez *Repatrier*, reconciliar huma peffoa com outra.

N'uma carta de certo Letrado, que paffava por polido, e eloquente, li eu, naõ ha muito tempo, hum galante contexto, que conftava de huma conftancia *inebranlable*: e, fempre ferei *fenfivel* ás fuas bondades: e, os meus defejos *fecondados* das fuas folidas maximas: e, aqui tenho perdido as efperanças de *fazer fortuna*, e outras pataratas defte calibre; que fe eu naõ entendeffe Francez, e naõ eftiveffe prevenido deftas badaladas á Franceza, certamente defconfiaria, que efte amigo me eftava a empulhar.

Os que sômos Portuguezes pela graça de Deos tinhamos *erguer*, e *erigir*, com fuas legitimas fignificaçóes bem conhecidas: o fegundo bem ufado no fentido activo, menos no paffivo. Agora *erigir-fe* reciproco, com fignificaçaõ de arrogar hum homem a fi huma authoridade, que naõ tem, he todo Francez, mas cá fe nos veio encampar, como he no Francez, *S'eriger en Juge, en Critique* &c.

(*a*) ,, Multos, quibus loquendi ratio non defit, invenias, quos cu- ,, riofe potius loqui dixeris, quam latine. ,, Quinctil. *Inftit. Orat.* lib. VIII. cap. 1.

Naõ

Naõ tardou que vieſſe *enteſiado*, iſto he, *homem enteſtado*, por preoccupado, derivado de *entêté*, e *enteſtamento*, por teima, obſtinaçaõ.

Naõ achareis a Marechal nas ultimas deſpedidas (*a*) eſmorecida de dor, ou cheia de afflicçaõ, mas ſempre *deſolada*, cuja ſignificaçaõ nunca teve atégora eſte vocabulo na noſſa Lingoa.

Garante, e *Garantir*, correm muito pela praça do negocio, e naõ eſquece facilmente nas anecdotas da Gazeta.

Algum dia coſtumavaõ os noſſos avós chamar Inglezia a extravagancia dos que fallaõ lingoagem inintelligivel: hoje as multiplicadas francezias pódem ſupprir por aquella lingoagem dos cegos, que chamaõ giria: como he o *eſcrever de formalidade*, por eſcrever huma carta de ceremonia, ou de comprimento, *formalizar-ſe*, por picar-ſe, offender-ſe, eſcandalizar-ſe.

Tratar alguem, ou *alguma couſa de bagatella*, já anda até pelas tabernas, tendo principiado nos eſcudeiros lépidos. Era bom Portuguez, *faz de mim tolo*, *innocente* &c.; agora eſtou vendo, que tambem diremos, *trata-me de tolo*, e couſas ſemelhantes.

E que diremos de *ter hum aſcendente*, *tomar o aſçendente* &c.? de vagar, que iſſo naõ he fallar Lingoa do Japaõ, mas he couſa, que o valha.

Mas que admíra? a ſervil imitaçaõ do Francez tem feito topar em portuguezadas mais duras que calháos. Quem ouvio já mais, *dizer-ſe-hia*, ſenaõ na lingoagem dos meninos? (*b*) E os impeſſoaes poſtos em fileira n'uma fraſe, como: ,, *Deixa-ſe* de ſer homem de boas ,, intençóes, todas as vezes, que *ſe eſconde* em expreſ- ,, sóes equivocas: *naõ ſe he obrigado* a dizer toda a verda- ,, de, mas ſempre *ſe eſtá obrigado* a fallar verdade. ,, (*c*)

(*a*) Na traduc. impreſſa em 1779. na Officina Luiziana: pag. 198-200 218.

(*b*) *Deſped. do Marech. Cart. ſobre a educaçaõ* p. XXI.

(*c*) Pag. 202.

E que rumo leva a conſtrucçaõ deſta fraſe ?,, A ,, companhia dos inſenſatos he o meſmo contagio: coſ- ,, tumados a obſervar-lhes com indulgencia os vicios, a- ,, caba-ſe imitando-os. ,, Que bella Syntaxe! *Coſtumados... acaba-ſe.* (*a*) E ,, Naõ ſe póde eſtar com exceſſo acautelado contra o falſo brilhante. ,, (*b*)

Os vocabulos, que pertencem mais á imaginaçaõ do que ao entendimento, naõ ſe podem transferir de huma Lingoa para outra ſem riſco; por iſſo neceſſitaõ de cautela. Cada naçaõ tem ſua maneira particular de combinar as idéias, e as imagens particulares, com que ſe explicaõ. ſaõ como certas arvores, que tranſplantadas para terreno eſtranho degeneraõ, e daõ fructo de máo ſabor. Daqui vem, que as metaforas peculiares de huma Lingoa muitas vezes ſaõ duras n'outra, e daõ cauſa ou á eſcuridade da fraſe, ou a allusões ridiculas.

Por exemplo os Francezes uſaõ da palavra *element* em ſentido figurado, e quando nós dizemos por outra metafora, que nos he familiar, *fulano eſtá no ſeu Parayſo* iſto he, eſtá como quer, ou goza dos ſeus prazeres á medida do ſeu dezejo, o Francez diz muito bem: *Il eſt dans ſon element.* Mas ſe hum Portuguez diſſeſſe, parodiando aquellas palavras, *fulano eſtá no ſeu elemento*, abuſava da Lingoa, e parecia zombar de quem o ouviſſe.

Aſſim he que *eſpirito alambicado*, *diſcurſo alambicado* &c. ſaõ na noſſa Lingoa palavras ſem ſignificado, ou de máo ſentido, ſendo boas, e ſans no territorio, onde naſcêraõ.

Que reſponderia hum deſtes aventureiros, ſe lhe perguntaſſemos, que vem a ſer *peça de Eloquencia*, *de Poeſia* &c.? Naõ podia dizer: iſto he Portuguez; fallo a minha Lingoa; pois em Portuguez naõ ſe conhecem peças de eloquencia, mas *obras*, *compoſições*, *diſcurſos.*

(*a*) *Deſp. da Marech.* p. 112.
(*b*) P. 132.

Os

Os Francezes dizem, *Obligez-moi de voir s'il eſt chez lui.* Que frioleira, ſe alguem verteſſe, *Obrigai-me, hindo ver, ſe elle eſtá em caſa*! em lugar de, façame mercê de ver ſe elle eſtá em caſa.

De que ſerve hum *Chefe d'obra*, que anda tanto em moda? Por ventura *primor*, *obra prima*, *perfeiçaõ* já tem ranço? naõ; he que fazemos gala de ſer eſtrangeiros na Lingoa, e por huma gala de França deſprezamos o noſſo velludo.

N'uma viſta de olhos, differaõ ſempre os que naõ fallavaõ Portuguez baſtardo. Mas *n'um golpe de viſta*, oh que expreſſaõ! ſempre tem outra graça. Concedo: tanta tem como dizer, *anda na caſca d'agoa*, em lugar de na *tona d'agoa*, ou como, *deo hum golpe de chuva*, em lugar de *pancada de chuva* &c.

O peor he que *viſtas*, no plural no ſentido em que os Francezes dizem *vues*, por intensões, intentos, nunca foi uſado na Lingoa Portugueza. Com tudo hoje em dia hum Sermaõ naõ parecerá bem adubado á Franceza, ſe naõ levar a formula mimoſa: *Eſte ſerá o aſſumpto, que vou a pôr nas voſſas viſtas.* E a Marechal na traducçaõ tambem diz a ſeus filhos, *que a fortuna he a búſſola, que dirige os paſſos, e as viſtas.* (*a*) Onde além de *viſtas*, hum mancebo, que naõ tiveſſe á maõ hum Diccionario Francez para entender eſtes livros Portuguezes, facilmente cahiria em tentaçaõ de crer, que búſſola era alli huma bicha de ſete cabeças. Acreſce que *pôr nas voſſas viſtas*, por expôr ás voſſas *viſtas*, he dobrada Francezada. Voſſas *attenções* ainda faria ſua novidade, porque o uſo na noſſa Lingoa he dizer em ſingular os nomes das idéas abſtractas, entendidos diſtributivamente, quando ſe falla com muitos, *voſſa attençaõ*, *intelligencia*, *reflexaõ* &c.; excepto quando ſe falla de actos ſucceſſivos, como quando dizemos: *Farei algumas breves reflexões.*

(*a*) *Deſped. da Marech.* p. 188.

O ſeu

O ſeu *bem amado*, por amado tambem cuſtuma ſer outro almiſcar dos Sermões afrancezados.

Em regime naõ fallemos; ſuppoem-ſe que o Conſul de França paſſa diſpenſa franca a todo o Portuguez, que quer trocar a Syntaxe Portugueza: „ Sem eſquecer „ o meu marido (diz a Marechal traduzida) (*a*) eſque- „ ci inſenſivelmente todas as minhas reſoluções. „ A noſſa lingoagem limpa, quando eramos Portuguezes, tinha: *eſqueceo-lhe o recado*, ou *eſqueceo-ſe do recado*. E tinha ſua differença, *eſqueceo-me a patria, e os amigos, e eſqueci-me da patria, e dos amigos*: o primeiro denota hum eſquecimento involuntario; o ſegundo moſtra ás vezes ſer eſquecimento deliberado, e ſuppoem materia de eſquecimento, de que a couſa eſquecida he o termo: v. g. o eſtudante diz: *eſquemeo-me a liçaõ*, quando a naõ póde repetir: e em diverſo ſentido, *eſqueci-me da liçaõ*, porque ſe entende, de eſtudar a liçaõ. Nunca ſe diſſe, *eſqueci a liçaõ*, *eſqueci a patria* &c.

Picar-ſe tinha ſua ſignificaçaõ certa, e ſabida, hoje eſtá augmentado á Franceza. A cada paſſo eſte, ou aquelle *pica-ſe de prudente*, *de eſperto.* &c. Acho no prologo de huma Collecçaõ de poemas eſte bom lance: „ O merecimento, que ſe encontra nas obras de ** me „ picou a curioſidade de ajuntar as ſuas obras &c.

No verbo *Contar* andaõ humas fórmas de comprimentos mais mavioſos, quando dizem: *Se houver occaſiaõ de o ſervir conte com a minha vontade.* E que lindo galliciſmo: *Aſſim contais por nada os beneficios, que vos tenho feito*!

Até o verbo *Fazer* eſtá mui afrancezado: ora ſe diz por *repreſentar*: „ De que me ſerviria *fazer* o per- „ ſonagem de huma mãi deſſolada! „ (*b*) ora por *ſer*, *ſervir*: „ A verdade *faz* a baſe da honra. „ (*c*) Viva quem

(*a*) P. 16.
(*b*) *Deſped. da Marech.* p. 200.
(*c*) 201.

introduzio o *fazer as ſuas delicias* : e tomára ſaber, ſe tambem diremos em bom Portuguez : *Deos faz o premio dos Santos*, ou *a bemaventurança*, como ſe diz em Francez : *Dieu fait la récompenſe*, *le bonheur des Saints*; ou ſe diremos como ſempre diſſe a noſſa gente : *Deos he o ſeu premio*, *a ſua bemaventurança*; e como diziaõ : *O eſtudo era as ſuas delicias*, dizendo os Francezes : *L'étude faiſoit ſes delices.*

Até o genero dos nomes tem tido ſuas revoluções. Os que naõ eraõ hereges na Lingoa ſempre tinhaõ feito femenino o nome *perſonagem*, por varias razões, 1.ª por ſeguir o genero da voz original *perſona* : 2.ª pela regra da terminaçaõ em *agem*, como *bagagem*, *friagem*, *ferragem* &c. 3.ª porque ſignifica propriamente a collecçaõ de qualidades do corpo, ou do animo, ou externas, que diſtinguem qualquer ſojeito, ſeja homem, ſeja mulher. Donde he erro nos Diccionarios dar a *perſonagem* ſignificaçaõ do homem; porque quando os Latinos diziaõ, *homo*, ou *vir*, o que dizemos *perſonagem*, era por ironia, ou por enfaſe. E no theatro ſe diz, *repreſentar a primeira perſonagem*, *repreſentar a perſonagem de Polyfemo* &c. iſto he, a figura.

Huma das utilidades, que ſe buſcaõ nos termos eſtrangeiros, que adoptamos he evitar-ſe a *homonymia*, e procurar que cada couſa, cada idéia, e ſeus gráos, modificações, relações tenhaõ ſeus termos diſtinctos, quanto he poſſivel, a fim que no diſcurſo ſe ache mais clareza, e preciſaõ, e ſe evitem as equivocações. Mas o contrario acontece, quando em differentes Lingoas ſe achaõ palavras do meſmo ſom e diverſa ſignificaçaõ, ou quando das palavras de differente ſom tomamos as ſignificações differentes, que as noſſas naõ tinhaõ.

Por exemplo de *Contenance* vocabulo Francez verteo certo Author modernamente o termo *Continente*, dizendo na hiſtoria, que eſcreveo, *Eſtava com muita modeſtia, e grave continente* &c., que no Francez he: *Il étoit avec beaucoup de modeſtie, et de grave conte-*

te

tenance. Onde este *Contenance* quer dizer *ar do semblante*; em Latim *species*, *vultus*; e *grave contenance* quer dizer, *o ar de gravidade*, isto he, aspecto grave.

Mas em Portuguez ha *Continente* substantivo, que só significa *terra firme*: e ha *Continente* adjectivo, que significa o *que tem a virtude da continencia*. Pergunta-se agora a qual destes se ha de referir o termo novo dessa frase: *Estava com grave continente*. A construcçaõ da frase lá mostra que *continente* se toma por sustantivo, mas o vocubulo *continente* conhecido tem significaçaõ que alli naõ convém. Que faremos? He preciso consultar o Author para naõ ficarmos pasmados em Babilonia, ignorando, que cousa seja o grave *continente* de huma pessoa, que nunca se ouvio, nem se léo, nem se entende.

Pois que? naõ seria melhor se o Author vertesse *Continencia* de *Contenance*, tomada a significaçaõ do Francez? Taõ pouco: porque tinhamos outro equivoco; visto que *Continencia* na nossa Lingoa só significa esta virtude assim denominada, que modera os appetites da luxuria, e nada mais: conseguintemente o outro *Continencia* derivado do Francez naõ podia passar sem interprete, ou sem confusaõ.

Naõ pára só a corruptella no abuso dos vocabulos, e frases Francezas; tambem se commettem vulgarissimamente no estylo da frase. Hoje sem duvida teriamos a nossa Lingoa mais rica que viciada, se os que infelismente se communicaõ com a Franceza, tivesse estudado bem o caracter de huma e outra. Cada Lingoa tem seus modos de fallar, em que a ordem, a diminuiçaõ, ou multiplicaçaõ das vozes he adstricta ao uso, e conforme ao genio nacional, e passaõ em cada Lingoa como fórmas de constituiçaõ, cuja alteraçaõ ainda n'um indivisivel, he verdadeira transgressaõ.

Pouco monta dizer-se, *Porisso he que* &c. ou, *he porisso, que* &c. mas o primeiro he do estylo Portuguez, o segundo he estrangeiro, *c'est pourquoi*. Por pou-

pouco foi julgado Tito Livio, entre os Latinos por Patavinista.

A nossa Lingoa tem seus privilegios, cujo desprezo he aggravo que se faz ao uso. Hum Francez naõ se dispensa de fazer repetiçaõ de certos termos *subsidiarios*: que nós costumamos omittir na continuaçaõ da frase, elle dirá: „ O mais sabio e o mais constante dos Filosofos: „ a nós basta, *o mais sabio*, *e constante dos Filosofos*. Nós dizemos: *Tinha huma graça*, *e efficacia inexplicavel*: elles diraõ: Tinha *huma* graça, e *huma* efficacia &c. Elles evitaõ os adverbios seguidos, cuja terminaçaõ *ment* he desagradavel chocalhada, como *sagement*, *pieusement*; nós fugimos de semelhante monotonia truncando o adverbio mais proximo; v. g. Escreveo *douta*, *e piamente*. „ Naõ tereis mais que hum semblan- „ te, e que huma palavra „ se lê nas *Despedidas da Marechal*: (*a*) e era do nosso estylo, *mais que hum semblante*, *e huma palavra*, omittindo o *que* do inciso seguinte, que faz pleonasmo desagradavel, como tudo o que he contra o uso da Lingoa.

Cada Lingoa tem seus caprichos sobre certos termos, a que dá varia determinaçaõ fixada pelo uso. Para nós he indifferente dizer, *homem galante*, ou *galante homem*: naõ he assim no Francez, onde a diversa disposicaõ do adjectivo altera o sentido, pois que por *homme galant* entende se hum vadio, por *galant homme*, hum homem polido. (*b*)

A mesma differença dos idiotismos milita na construcçaõ das palavras, donde nasceo tambem a dureza, e impropriedade de estylo: (fallo do estylo da Lingoa, mas o mesmo vicio influe no estylo do discurso.) *He quasi sempre por elles*, (domesticos) *que a mocidade se corrompe*. (*c*) Aqui todas as palavras saõ Portugue-

---

(*a*) Pag. 201.
(*b*) *Traité du Vrai Mérite*: tom. 1. p. 96.
(*c*) *Traduc. das Cart. de Gangan.* tom. 1. cart. 74.

zas, mas a conſtrucçaõ he Franceza: nós diriamos: *Por elles he que ſe corrompe quaſi ſempre a mocidade.*

Ha outras conſtrucções em que naõ ſó ha impropriedade, mas ſentido contrario na Lingoa, em que ſe traduz as meſmas palavras com a meſma conſtrucçaõ da Lingoa original: como quando da cauſa ſe infere conſequencia negativa, que os Francezes coſtumaõ exprimir por propoſições poſitivas. Por exemplo: *Amava com muita ternura a meu marido, para conſentir na perda do ſeu nome; e eſtava muito fortemente ligada comvoſco, para vos cauſar ſemelhante anguſtia* (*a*) O ſentido he: ,, A muita ternura, com que amava a meu marido, naõ me conſentia perder o ſeu nome &c. mas aquella fórma de conſtrucçaõ no Portuguez, faz entender deſpropoſitos, como he: *Amava para perder*: *eſtava ligada comvoſco para vos cauſar* &c. Naõ quero dizer, que naõ ſe uſa abſolutamente em Portuguez eſta conſtrucçaõ; porque tambem ſe diz: *Es ainda moço, para entrar neſte cargo*, e outras ſemelhantes; mas os equivocos, e amfibologias naõ ſaõ os meſmos em todos os encontros.

Tal advertencia deve haver nas particulas de connexaõ, ou fórmas de ligar as fraſes, como em Francez o *que* que ſe ſegue depois de propoſiçaõ negativa. Por iſſo: *Todos os homens, que della* (verdade) *ſe afaſtaõ, naõ pódem mais que excitar a compaixaõ*; (*b*) he fallar eſtrangeiro: *Ils ne peuvent, que exciter* &c.; em eſtylo Portuguez he: *Naõ pódem deixar de excitar a compaixaõ*: aſſim ſe verte o Latim: *Non poſſunt quin miſerationem moveant.*

He propriedade da Lingoa Franceza quaſi ſempre ligar as palavras na ordem Grammatical, ou que ſegue a ordem das idéias; mas eſta propriedade he taõ pouco vantajoſa neſta Lingoa, que até os meſmos nacionaes a

(*a*) *Deſped.* p. 16.
(*b*) *Deſped.* p. 201.

con-

consideraõ como huma propria miseria. *A fallar a verdade*, (diz hum delles), *na nossa Lingoa o seguir a ordem natural, naõ he tanto virtude, como necessidade.* (*a*) Disto se tem mil vezes queixado naõ só os que tem feito traducções de Authores Latinos, ou Gregos, mas até os Criticos, que fizeraõ suas observações sobre a Lingoa. Fenelon expressamente diz: (*b*) ,, A severidade da ,, nossa Lingoa contra quasi todas as inversões da frase, ,, augmenta mais infinitamente a difficuldade de fazer ver- ,, sos Francezes. ,, Bem podia dizer tambem, e prosa elegante, harmoniosa, e cadenciada, qual requeria o seu *Telemaco.* O mesmo illustre Author accrescenta mais adiante: ,, Tem-se empobrecido, deseccado, e coarcta- ,, do a nossa Lingoa: a qual já mais ousa proceder, ,, senaõ conforme o methodo mais escrupuloso, e uni- ,, forme da Grammatica. Sempre estamos vendo vir no ,, principio hum nominativo substantivo, que traz o seu ,, adjectivo, como pela maõ. A par delle naõ falha lo- ,, go o seu verbo, seguindo-o hum adverbio, que nada ,, consente entre ambos, e o regime chama já para já ,, hum accusativo, que naõ póde nunca mudar de pos- ,, to. E isto he o que exclue toda a suspensaõ do espi- ,, rito, toda a expectaçaõ, toda a suppreza, e muitas ve- ,, zes toda a cadencia magestosa. ,, A tanto chega este escrupulo, que nem n'um poema perdoa a critica *Chrétien Monarque*, em lugar de *Monarque Chrétien. Il est vrai, que la Langue Françoise, timide, pauvre, peu harmonieuse, esclave de je ne sais quelles futiles bienséances nous refuse des secours, que les étrangers trouvent dans leur Langue.* Mr. Millot *Harang. Choisies.* Discours. Prelim. t. 1.

Pelo contrario na Lingoa Portugueza saõ bem recebidas as transposições das palavras, de que resultaõ varias utilidades nos discursos de Eloquencia, e Poesia, quaes saõ: 1.° a harmonia do discurso; 2.° maior con-

(*a*) *Ecole de Litterat.* tom. 1. art. 1.
(*b*) *Epit. à l'Acad Projet de Poétiq.* §. 5.

cisaõ da frase; 3.° a força, e vivacidade do estylo; 4.° a mais perfeita pintura de huma acçaõ; (*a*) o que faz bem fundada a opiniaõ da semelhança, que tem a nossa Lingoa com a Latina, que os nossos Filologos tem tocado taõ superficialmente, como quem a cria mais por fé, que por exame reflexo.

Isto supposto, veremos humas vezes estes idolatras do estylo Francez alinharem mui servilmente as frases pela ordem grammatical, mui uniforme, e enfadonha, e ás vezes languida. Diraõ á Franceza: ,, O Santo Pa- ,, pa Pio V. governava entaõ a Igreja; Carlos IX. reina- ,, va em França, e a Saboia tinha por Duque Manoel ,, Felisberto ,, &c. Onde se vê desprezada a variedade da composiçaõ, que o estylo da nossa Lingoa favorece admiravelmente com a transposiçaõ das palavras, dizendose: ,, Governava entaõ a Igreja o S. Papa Pio V. ,, &c.

Por isso os Francezes desfiguraõ ao menos nesta parte os nossos Authores, quando os traduzem na sua Lingoa, naõ podendo representar a gravidade da composiçaõ das palavras. O nosso Jacintho Freire escreve: ,, Naõ ,, sepultáraõ comsigo aquelles valerosos Portuguezes to- ,, da a gloria das armas. ,, O Francez verte: *Ces vaillants Portugais n'ont pas enseveli avec eux toute la gloire des armes.* He bem sensivel a differença de hum a outro texto. (*b*)

Na lingoagem da Historia, Oratoria, e mui principalmente da nossa Poesia, naõ ha cousa mais frequente do que a transposiçaõ das palavras, e tanto mais quanto a sentença tem mais de fogo, viveza, e imaginaçaõ, onde a suspensaõ do sentido, produzida pela transposiçaõ anima sensivelmente o contexto, e lhe communica movimento: bem se sabe quanto he magestoso o exordio do nosso Camões principiando:

(*a*) Mr. Condillac *Essai sur l'origine des Connoiss. hum* chap. 12.

(*b*) Vej. o que notamos sobre este particular na Mecanica de palavras em ordem á harmonia do discurso eloquente, tanto em Prosa, como em Verso, *p.* 70. *n.* 72. &c.

As armas, e os varões assinalados (a):
cujo sentido depois de muitos incidentes conclue
Cantando espalharei por toda a parte.

Regularmente na nossa Lingoa considera-se o verbo como huma palavra de maior volume, e a que communica huma certa força impulsiva a todas as mais palavras da mesma frase, e por isso communmente costuma preceder as de mais, como:

Touxe-nos a f rtuna esta empresa, &c.

Naõ sepultáraõ comsigo aquelles valerosos Portuguezes &c.

Rasgou-se pela morte o véo do segredo.

Supprirá huma dilatada lembrança das suas heroicas acções a falta, que nos faz vida taõ curta.

Naõ he necessario mostrar exemplo de outras varias fórmas de transposições. Estas bastaõ para que se veja, quanto se oppoem á elegancia da nossa Lingoa o methodo de dispôr as palavras, que se usa na Lingoa Franceza, que os nossos hoje imitaõ macaqueando.

Mas pelo contrario veremos outras vezes, que com notavel incoherencia se abraçaõ certas transposições extraordinarias, e quasi poeticas, de que alguma vez usaõ os Francezes, que em nós saõ taõ improprias, como nelles affectadas. Tal he a que eu li ha pouco no prologo de hum livro, em que o bemfeitor que publíca a collecçaõ das obras de hum nosso Poeta declara a sua diligencia com esta gracinha: „ Truncadas, e dispersas „ eu mendiguei com indizivel trabalho taõ bellas compo- „ sições „ &c. Onde a collocaçaõ extravagante parece de oraçaõ de algibeira, feita para dar quináo a hum estudante Grammatico: nunca assim falláraõ os nossos Authores.

Cresceria immenso esta obra, se houvessemos de referir huma infinidade de abusos, que haõ introduzido estes Portuguezes estrangeiros: e naõ he preciso mais pa-

(a) *Lusiados* Cant. I. Est. 1.

ra que ſe veja quaõ nocivas tem ſido eſtas mudanças á pureza da noſſa Lingoa, á ſua elegancia, e energia. Nem he taõ pouco conſideravel, para que ſe naõ atalhe o damno de ſe vir a perder em pouco tempo hum grande numero de excellentes vocabulos Portuguezes, tendo-ſe-lhes ſubſtituido ſem neceſſidade, e (o que mais he) ſem eſcolha huma alluviaõ de expreſsões eſtranhas, que nem naſcêraõ para nós, nem ſe ajuſtaõ com as noſſas. Nunca melhor quadrou do que a eſte tempo aquella queixa, que já antigamente fez o noſſo Bernardes, (*a*) contra a leveza de alguns:

Trate quem mais quizer feitos alheos
Diga mal, diga bem, falle á vontade;
Uſe palavras novas, novos meos;
Naõ cure da rezaõ, nem da verdade,
Em tudo contentando a vulgar gente,
Enchendo peitos vãos de vaidade.

§ IV.

Origem do abuſo de palavras, e idiotiſmos Francezes, que ſe tem introduzido na Lingoa Portugueza.

Ainda naõ vai taõ longe a origem da epidemia, para que nos ſeja deſconhecida, nem he taõ complicada, que facilmente ſe naõ poſſa deſenvolver. Ha tempos, que principiou em Portugal a cultivar-ſe com grande fervor a Lingoa Franceza: huns a eſtudáraõ por curioſidade, outros por intereſſe: mas a maior parte dos que ſe deraõ ao eſtudo deſta Lingoa, era gente que nunca eſtudou a Lingoa Portugueza, nem a lêraõ nos noſſos Authores claſſicos; contentavaõ-ſe ſó com o uſo tal qual, e como eſſe lhes parecia baſtante para interpretarem os livros Francezes, naõ tendo á maõ os termos proprios, e elegantes da noſſa Lingoa, naõ havia cou-

(*a*) Carta IV. a D. Joaõ de Caſtello Branco.

ſa

ſa mais facil, que aportuguezar qualquer termo, qualquer fraſe, que ſe offereceſſe no contexto de huma obra, ou porque julgaſſem que aſſim os tinhaõ em Portuguez, ou porque lhes parecia a Lingoa pobre, e os taes vocabulos neceſſarios. Foſſe como foſſe, a nova lingoagem parecia maravilha.

Noutros naõ era tanto falta de conhecimento da Lingoa, nem dos Authores nacionaes, como huma eſpecie de enthuſiaſmo, que lhes fazia conſiderar no eſtylo Francez naõ ſei que de mais relevante. Naõ me póde eſquecer certa perſonagem, que na converſaçaõ com ſeus amigos a todo o propoſito inculcava as palavras Francezas com ſeus eſtribilhos: por exemplo: *A miſcellanea, a que os Francezes chamaõ bigarrure.* Ou, *iſſo he huma exceſſiva bizarraria, como dizem os Francezes.* Se lhe dava para meter a propoſito o *groteſco*, ou o *pittoreſco*, e outros ſemelhantes ſempre hia adiante o paſſaporte, *como dizem os Francezes*; de ſorte que o meſmo homem fallava Francez, e Portuguez a hum tempo, e a Portuguezes, e pondo na meſma fraſe a palavra Franceza, e a Portugueza, dobrava os termos ſem que, nem para que.

Eſtes enſaios paſſáraõ a maior progreſſo: os Impreſſores queriaõ occupar o prélo, e os Livreiros ganhar ſua vida. Commettêraõ-ſe traducções de varias obras, e tratados, (que parece teriaõ extracçaõ,) aos aventureiros, que ſe preſumiaõ capazes de ſemelhante empreza, ou elles meſmos as offereciaõ, ſem eſperar, que os rogaſſem; e nas circumſtancias preſuppoſtas, ſendo taes traducções feitas muito á preſſa, humas inſpiradas pela fome, outras pela preſumpçaõ, ſahiaõ taes como ſe podia eſperar. Apparecia no publico mais hum livro novo, em lingoagem da moda. Das logens dos Livreiros, e botiquins ſahiaõ os votos das obras traduzidas, e recommendações aos deſejoſos da fruta nova. Se era huma Collecçaõ de Sermões, paſſava ás mãos de Prégadores principiantes; ſe era huma Hiſtoria, ou Novella, ou

Obra

Obra de Theatro servia de recreaçaõ ao Cavalheiro, e ao Escudeiro curioso. Os Dogmatistas, que liaõ o Francez, naõ deixavaõ de chegar-se ás versões dos Tratados pelo convite de alguma nota aqui, ou alli, on simplesmente pelas inculcas, que deo o Impressor no aviso ao publico. Ninguem lá se embaraçava com Gallicismos, nem se enojava dos termos, e frases improprias, que hiaõ envolvidas no contexto. Applaudia-se a lingoagem por ser nova, sem se advertir, que era barbara, ou extravagante. E feita a leitura nas palestras, naõ havia cousa mais ordinaria, que o dizer-se em tom decisivo: *Isto he bello*: estoutro *está bem fallado*: tomando cada qual por bello, e bem fallado o mesmo, que naõ entendia. Mas quem dicesse o contrario era idiota razo, ou pedante, ou naõ tinha bom gosto. Callasse a bocca quem entendia o que vale nas Lingoas a Analogia, os privilegios do Uso, a força da authoridade. Naõ se disputasse sobre pureza de lingoagem, e propriedade de expressões, e regularidade de idioma. Ninguem diria: nunca assim falláraõ os nossos avós: nunca assim escreveo Andrade, Sousa, Vieira, Camões &c.: estava certa a treplica: esses tem frase rançosa: escrevêraõ para o seculo dos Affonsinhos: isto agora he Portuguez moderno. O que mais admira he, que muitos homens doutos, e versados nos nossos Authores, que naõ deixáraõ de conhecer esta desordem, se deixáraõ (naõ sei como) levar da torrente, e abraçáraõ as francezias, querendo mais comprazer com o gosto dos insensatos, do que seguir á prudente austeridade de pequeno numero dos censores judiciosos: e o peor he, que o seu exemplo, talvez a seu pezar, tem servido de authorizar, e propagar a corruptella, principalmente nos pulpitos, onde (por disgraça nossa, e a maior dos mesmos Prégadores) a doutrina de Christo já por moda costuma ter mais de frase Franceza, que de frase Evangelica. Dalli pois he que o povo aprende com a doutrina os vocabulos, ou (o que he mais commum) aprende os vocabulos sem doutrina, e tan-

to mais perverſamente ſe inſinuaõ nelle, quanto mais loucamente os aplaude ſem os entender.

Tal tem ſido a origem e progreſſos do máo goſto, por cuja influencia ſe tem corrompido a Lingoa Portugueza. Aſſim he que ella tem degenerado da antiga conſiſtencia e vigor, por modo mui ſemelhante, com que antigamente ſe principiava a corromper a Lingoa Latina. (*a*) Do que manifeſtamente ſe colhe a urgente neceſſidade, em que eſtamos de expurgar a noſſa lingoa, e fazer a mais forte oppoſiçaõ á moda prejudicial. Aplaudaõ-ſe ſó a ſi meſmos os Neologos do ſeu taõ miſeravel como inutil trabalho. Que ſerviço lhe deve a Lingoa e a Patria? porque quando os ſeus termos eſtrangeiros foſſem melhores que os noſſos, naõ ſeriaõ ao menos entendidos, como convem n'huma Lingoa, que ſe falla; e neſte caſo, que mercê nos faria, quem nos fallaſſe n'huma Lingoa, que nós naõ entendeſſemos, a titulo della ſer melhor, que a noſſa? Mais depreſſa diriamos, que mais ſe eſcarnecia da noſſa ſimplicidade, do que ſe compadecia da noſſa neceſſidade. A Lingoa Franceza já nos deo termos baſtantes, que eſtaõ no noſſo theſouro, e tem a preſcripçaõ de mui longa e veneranda antiguidade. Conſervemos eſſes que já ſaõ noſſos, e ſejamos parcos e judicioſos no ſuperfluo. E para que naõ pareça eſta opiniaõ por moderna mais filha do enthuſiaſmo, que do ſaõ zelo, ella he na ſubſtancia a meſma, que n'outro tempo eſcreveo hum Author noſſo (*b*): „ Naõ nego, „ (diz elle) nem deixarei de uſar termos, que noſſos „ antigos de ſeſſenta annos a eſta parte uſáraõ . . , por „ que o uſo, ou a neceſſidade os fará bem recebidos;

(*a*) „ Confluxerunt in hanc urbem multi inquinate loquentes . . Quo „ magis expurgandus eſt ſermo, et adhibenda tanquam obruſſa ratio, „ quae mutari non poteſt, nec utendum prava conſuetudinis regula. „ Cic. *de Clar.* Orat. n. 74. „

(*b*) Fr. Man. do Sep. Prolog. *da Refeiçaõ Eſpir.* §. 2. n. 3. 4. 5.

,, mas havendo-os na propriedade portugueza elegante-
,, mente expressivos do que se quer dizer, vicio seria
,, mendigálos, e espece de traiçaõ á patria lingoa, que-
,, rer desterrar seus idiotismos. ,,

O grande volume desta Memoria, pela vastidaõ de materias que contem, faz que se reserve parte della para outro Tomo.

INDICE

Das MEMORIAS, que contém o quarto Tomo.

DISSERTAÇAÕ ACADEMICA de ANTONIO PEREIRA DE FIGUEIREDO, *Escrita, e recitada no anno de* 1781. - - - - - - - - - - - - - - pag. 1.

ANALYSE, *E combinações filosoficas sobre a elocuçaõ, e estylo de Sá de Miranda, Ferreira, Bernardes, Caminha, e Camões, segundo o espirito do sabio Programma da Academia Real das Sciencias, publicado em* 17 *de Janeiro de* 1790, por FRANCISCO DIAS. 26.

MEMORIAS, *Da Litteratura Sagrada dos Judeos Portuguezes no presente Seculo*, por ANTONIO RIBEIRO DOS SANTOS. - - - - - - - - - - - - - 306.

ENSAIO CRITICO, *sobre qual seja o uso prudente das palavras de que se serviraõ os nossos bons Escritores do Seculo XV., e XVI.; e deixáraõ esquecer os que depois se seguíraõ até ao presente*, por ANTONIO DAS NEVES PEREIRA. - - - - - - 339.

CATALOGO

Das Obras já impressas, e mandadas compôr pela Academia Real das Sciencias de Lisboa; com os preços, por que cada huma dellas se vende brochada.

I. Breves Instrucções aos Correspondentes da Academia, sobre as remessas dos productos naturaes para formar hum Museo Nacional, *folheto* 8.° - -	120
II. Memorias sobre o modo de aperfeiçoar a Manufactura do Azeite em Portugal, remettidas á Academia por Joaõ Antono Dalla-Bella, Socio da mesma, 1. vol. 4.° -	480
III. Memoria sobre a Cultura das Oliveiras em Portugal, remettida á Academia, pelo mesmo Author, 1. vol. 4.° - - - - - - - - - - - - - - - - - - -	480
IV. Memorias de Agricultura premiadas pela Academia, 2. vol. 8.° - - - - - - - - - - - - - - - - - -	960
V. Paschalis Josephi Mellii Freirii, Hist. Juris Civilis Lusitani Liber singularis, 1. vol. 4°. - - - - - - -	640
VI. Ejusdem Institutiones Juris Civilis Lusitani, 4. vol. 4.° -	1920
VII. Osmîa, Tragedia coroada pela Academia, *folh.* 4.°	240
VIII. Vida do Infante D. Duarte, por André de Rezende, *folh.* 8.° - - - - - - - - - - - - - - - - -	160
IX. Vestigios da Lingua Arabica em Portugal, ou Lexicon Etymologico das palavras, e nomes Portuguezes, que tem origem Arabica, composto por ordem da Academia, por Fr. Joaõ de Sousa, 1. vol. 4.° - - - -	480
X. Dominici Vandellii, Viridarium Grysley Lusitanicum Linnæanis nominibus illustratum, 1. vol. 8.°- - -	200
XI. Ephemerides Nauticas, ou Diario Astronomico para o anno de 1789, calculado para o meridiano de Lisboa, e publicado por ordem da Academia, 1. vol. 4.°	360
O mesmo para o anno de 1790, 1. vol. 4.° - - - - - -	360
O mesmo para o anno de 1791, 1. vol. 4.° - - - - -	360
O mesmo para o anno de 1792, 1. vol. 4.° - - - - -	360
O mesmo para o anno de 1793, 1. vol. 4.° - - - - -	360
O mesmo para o anno de 1794, 1. vol. 4.° - - - - -	360

O

O mesmo para o anno de 1795, 1. vol. 4.° - - - - 360
XII. Memorias Economicas da Academia Real das Sciencias de Lisboa, para o adiantamento da Agricultura, das Artes, e da Industria em Portugal, e suas Conquistas 3. vol. 4.° - - - - - - - - - - - - - - - 2400
XIII. Collecção de Livros ineditos de Historia Portugueza, dos Reinados dos Senhores Reys D. Joaõ I., D. Duarte, D. Affonso V., e D. Joaõ II., 3. vol. fol. 5400
XIV. Avisos interessantes sobre as mortes apparentes, mandados recopilar por ordem da Academia, *folh.* 8.° *gr.*
XV. Tratado de Educaçaõ Fysica para uso da Naçaõ Portugueza, publicado por ordem da Academia Real das Sciencias, por Francisco de Mello Franco, Correspondente da mesma, 1. vol. 4.° - - - - - - - - 360
XVI. Documentos Arabicos da Historia Portugueza, copiados dos originaes da Torre do Tombo com permissió de S. Magestade, e vertidos em Portuguez por ordem da Academia, pelo seu Correspondente Fr. Joaõ de Sousa, 1. vol. 4.° - - - - - - - - - - - - - 480
XVII. Observaçóes sobre as principaes causas da decadencia dos Portuguezes na Asia, escritas por Diogo de Couto em fórma de Dialogo, com o titulo de *Soldado Pratico*; publicadas de ordem da Academia Real das Sciencias de Lisboa, por Antonio Caetano do Amaral, Socio Effectivo da mesma, 1. tom. *in* 8.° *mai.* 480
XVIII. Flora Cochinchinensis: sistens Plantas in Regno Cochinchina nascentes. Quibus accedunt aliæ observatæ in Sinensi Imperio, Africâ Orientali, Indiæque locis variis. Labore ac studio Joannis de Loureiro Regiæ Scientiarum Academiæ Ulyssiponensis Socii: Jussu Acad. R. Scient. in lucem edita. 2. vol. *in* 4.° *mai.* - - - 2400
XIX. Synopsis Chronologica de Subsidios, ainda os mais raros, para a Historia, e Estudo critico da Legislaçaõ Portugueza; mandada publicar pela Academia Real das Sciencias, e ordenada por José Anastasio de Figueiredo, Correspondente do Número da mesma Academia, 2. vol. 4.° - - - - - - - - - - - - - - - - 1800
XX. Tratado de Educaçaõ Fysica para uso da Naçaõ Portugueza, publicado por ordem da Academia Real das Sciencias, por Francisco José de Almeida, Correspondente da mesma, 1. vol. 4.° - - - - - - - - 360
XXI. Obras Poeticas de Pedro de Andrade Caminha, publicadas de ordem da Academia, 1. vol. 8.° - - - 600

XXII.

XXII. Advertencias ſobre os abuſos, e legitimo uſo das Aguas Mineraes das Caldas da Rainha, publicadas de ordem da Academia Real das Sciencias, por Franciſco Tavares, Socio Livre da meſma Acad. *folh.* 4.° - - 120

XXIII. Memorias de Litteratura Portugueza, 4. vol. 4.° - 3200

XXIV. Fontes Proximas do Codigo Filippino, por Joaquim Joſé Ferreira Gordo, Correſpondente da Academia, 1. vol. 4.° - - - - - - - - - - - - - - - 400

XXV. Diccionario da lingua Portugueza 1.° vol. *fol. mai.* 4800

Eſtaõ debaixo do prélo as ſeguintes:

Actas, e Memorias da Academia Real das Sciencias. 1. vol.
Taboadas Perpétuas Aſtronomicas para uſo da Navegaçaõ Portugueza.
Memorias de Litteratura Portugueza. 5.° vol.
Memorias para ſervir á Hiſtoria das Naçóes Ultramarinas.
Memorias Economicas 4.° vol.
Inſtitutiones Juris Criminalis Luſitani.

Vendem-ſe em Lisboa *na logea de* Bertrand; *e em* Coimbra, *tambem pelos meſmos preços. Em* Leyde *na logea de* J. et S. Luchtmans, *e em* París *na de* Barrois, le jeune.

